

Universidade de Lisboa
Faculdade de Letras



Reconstituição do ms. *L* da
Crónica Geral de Espanha de 1344
(2ª Parte)

Sílvia Miranda

Relatório Final de Estágio de Mestrado
Mestrado em Crítica Textual

Tese orientada pelo Prof. Doutor Ivo Castro

Lisboa
2013

Resumo

A edição crítica da *Crónica Geral de Espanha de 1344*, realizada por Luís Filipe Lindley Cintra, forneceu o campo de trabalho desta investigação, que teve como principal objectivo a reconstituição do texto primitivo de um dos manuscritos que serviram de base à edição: o manuscrito L, da Academia das Ciências de Lisboa. A intenção é criar versões digitais integrais, pesquisáveis em linha, de textos importantes da literatura antiga portuguesa.

Ao mesmo tempo, o códice da Academia das Ciências de Lisboa foi objecto de renovado estudo codicológico, que complementa o trabalho editorial.

Abstract

The basis for this research is provided by Luís Filipe Lindley Cintra's critical edition of *Crónica Geral de Espanha de 1344*, with the major aim of rebuilding the primitive text of one of the chronicle's manuscripts, L, from Lisbon Academia das Ciências, this providing an integral digital version, online searchable, of this relevant text of portuguese medieval literature.

The edition side of this research is complemented by a refreshed codicological analysis of ms. L.

Palavras-chave

Crónicas medievais; Revisão textual; Edição; Codicologia.

Keywords

Medieval chronicles; Textual revision; Edition; Codicology.

Índice

Capítulo I Introdução	7
Capítulo II Descrição codicológica do manuscrito <i>L</i>	21
Bibliografia	31
 Texto do Manuscrito L	 33

Capítulo I

INTRODUÇÃO

1. OBJECTIVOS PROPOSTOS

A curiosidade quanto à linguagem utilizada pelos nossos antepassados é um aspecto que ainda hoje é recorrente, muitas sendo as tentativas para conhecer melhor o que era falado, e como era falado, em tempos remotos. A Linguística é a ciência que estuda essa área, tomando preferencialmente como objecto de estudo os registos que foram escritos há centenas de anos, fazendo a comparação entre textos elaborados em épocas mais recuadas e textos posteriores, demonstrando que o tempo é um factor importante na evolução da língua escrita. Apesar da quantidade de textos antigos que nos chegaram, através de cópias, pois os seus originais terão sido perdidos no longo caminho até aos dias de hoje, nem todos são acessíveis através de edições em que o texto está transcrito fielmente, fazendo com que seja difícil o seu estudo.

A Crítica Textual, com as edições críticas, é uma das ciências que fornece material de estudo aos linguistas. Nessas edições, os seus editores escolhem o manuscrito que acreditam ser o que mais se aproxima do original, corrigindo-o, no entanto, com lições de outros manuscritos que julgam ser mais correctas. Um texto frequentemente utilizado para análises linguísticas de várias naturezas é a *Crónica Geral de Espanha de 1344*, através da edição crítica de Luís Filipe Lindley Cintra¹, que toma como base o chamado manuscrito *L*, ou seja, o que se encontra na Academia das Ciências de Lisboa com a cota «*Crónica Geral de Espanha*, Academia das Ciências, ms. 1 Azul», manuscrito considerado por Cintra como o que, geralmente, conserva melhor o texto original da crónica (Cintra, 1952, I: DXL).

É de ter em conta, no entanto, um aspecto essencial que está na origem do presente trabalho: a edição de Lindley Cintra, sendo uma edição crítica, não aceita automaticamente todas as lições propostas no manuscrito *L*, sobretudo quando elas se revelam erróneas em si mesmas, ou em comparação com outros manuscritos da crónica. Quando isso acontece, o método crítico recomenda que o erro seja objecto de emenda, o que Cintra sempre faz. Como é evidente, em cada vez que uma emenda é introduzida na edição é operado, de certo modo, um eclipse do texto de *L*, pois a sua lição desaparece das linhas do texto crítico e fica acessível, apenas, nas linhas pouco evidenciadas do aparato crítico, situado numa das séries do rodapé da página.

¹ CINTRA, Luís F. Lindley, *Crónica Geral de Espanha de 1344*, Edição crítica do texto português. Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1951, volume I. Ed. Fac-similada, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.

O presente trabalho, na sequência de trabalho de características idênticas realizado por Marta Pedrosa², pretende, portanto, disponibilizar o uso de uma reprodução fiável do manuscrito *L* através da reconstituição do seu texto primitivo, devolvendo-lhe todas as lições até aqui relegadas para aparato na edição crítica. Deste modo, linguistas e outras classes de estudiosos poderão conhecer, na sua completa integridade textual, um importante manuscrito medieval português.

O meu trabalho é complementar do de Marta Pedrosa: juntos, eles permitem a restituição total do texto primitivo do manuscrito *L*. A primeira parte do trabalho foi realizado pela Marta, que teve a tarefa de, a partir da introdução de Lindley Cintra, desenvolver uma metodologia para a restituição e a apresentação do texto, ao qual, em fase seguinte, devolveu as lições retiradas pelo editor. A Marta aplicou o método ao volume II da edição de Cintra, enquanto o meu trabalho consistiu em seguir as instruções da Marta e restituir o texto dos volumes III e IV. Com o resultado de ambos os trabalhos, torna-se agora possível disponibilizar on-line uma versão completa do manuscrito, em condições de ser pesquisada.

2. OS MANUSCRITOS DA *CRÓNICA GERAL*

A Crónica foi elaborada pelo Conde de Barcelos, Pedro Afonso, em 1344. Em cerca de 1400 foi refundida, sendo ao mesmo tempo traduzida para castelhano, tanto a sua refundição como a redacção original. Apesar da refundição, o texto transmitido nestas duas redacções apresenta um contexto semelhante (Krus, 1993: 189).

Da primeira redacção não foi conservado nenhum manuscrito português; sendo assim, apenas dispomos de um manuscrito completo desta redacção, em castelhano, que foi identificado por Menéndez Pidal com a sigla *M* desde 1896. Uma análise atenta a este manuscrito revelou que é tradução de um texto português. O arquétipo português foi designado com a sigla *Y por Lindley Cintra, a quem se deve a descoberta da prioridade da redacção portuguesa.

Da segunda redacção temos sete manuscritos completos: quatro são portugueses e três são castelhanos. O conjunto de manuscritos portugueses é constituído por dois manuscritos mais antigos, datados do século XV e ambos designados por Cintra com as iniciais das cidades onde se encontram actualmente, ou seja, o manuscrito da Academia das Ciências de Lisboa é o manuscrito *L* (*manuscrito número 1 da Série Azul*) e o manuscrito que se encontra na Biblioteca Nacional de Paris é designado como manuscrito *P* (*Portugais 9, Regius 10253, Mazarin 484, Chronique Générale de l’Espagne et du Portugal*). Os outros dois manuscritos portugueses são

² PEDROSA, Marta, *Reconstituição do ms. L da Crónica Geral de Espanha de 1344 (1ª parte)*, Relatório final de estágio de Mestrado, Universidade de Lisboa, 2012.

mais recentes, datam do século XVII e são designados por Lindley Cintra pelas iniciais e pelas minúsculas imediatamente seguintes do local onde se encontram, tendo assim como resultado: o manuscrito *Li* que está presente na Biblioteca Nacional de Lisboa e o manuscrito *Ev* que está presente na Biblioteca Pública de Évora. Quanto aos códices castelhanos, Lindley Cintra conserva as siglas atribuídas por Menéndez Pidal: manuscrito *U*, da antiga Biblioteca de D. Francisco Zabálburu, pertencente ao Marquês de Heredia Spínola em Madrid, o manuscrito *Q* pertencente à Biblioteca Nacional de Madrid e o manuscrito *V* da Biblioteca do Palácio Real de Madrid.

Para além destes manuscritos completos temos um manuscrito fragmentário, a par de vários manuscritos castelhanos, também fragmentários, dos quais só um representa a primeira redacção. O manuscrito português fragmentário, designado por Lindley Cintra com a sigla *C*, conserva-se num códice da Livraria do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, que hoje pertence à Biblioteca Pública Municipal do Porto. Dos manuscritos castelhanos Lindley Cintra optou por referir apenas o manuscrito da primeira redacção, o da *Crónica do Mouro Rasis*, que pertenceu a Ambrosio de Morales e que actualmente se encontra na Biblioteca Nacional de Madrid; este manuscrito é designado por Lindley Cintra pela sigla *E*, por ser proveniente do Mosteiro do Escorial.

Com o objectivo de reconstruir o texto original e atentando em todos os manuscritos disponíveis e as suas relações de parentesco, os dois manuscritos mais antigos, *L* e *P*, são os mais qualificados para usar como texto base. Analisando as datas, o manuscrito *P* é posterior a 1459 e o manuscrito *L*, como refere Lindley Cintra, pelo estudo da sua letra, pertence ao primeiro quartel do século XV. Lindley Cintra optou, no entanto, pelo manuscrito *L*, não só por este ser o manuscrito mais antigo, mas também por ser o texto que melhor conserva e se aproxima do original, apesar das suas lacunas. Contudo, mesmo tendo escolhido o manuscrito *L* como base, utiliza o manuscrito *P* ou os outros manuscritos, comparando-os na totalidade com o manuscrito mais antigo. Esta tarefa de comparação entre manuscritos permitiu a correcção e identificação das lacunas existentes no manuscrito *L* e o seu posterior preenchimento, assim como a correcção de lições que o editor substituiu por achar que estariam menos correctas.

3. A EDIÇÃO DE CINTRA

A edição crítica da *Crónica Geral de Espanha de 1344* foi elaborada por Lindley Cintra para a sua tese de doutoramento, posteriormente editada pela Academia Portuguesa de História e, mais tarde, pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, que editou novamente todos os volumes sem qualquer modificação. Enquanto produto bibliográfico, a edição é composta, além do volume de introdução, que foi editado inicialmente em 1951, por mais três volumes que contêm

o texto transcrito. Cada volume foi editado em datas diferentes: o volume II em 1954, o volume III em 1961 e o volume IV muito mais tarde, em Outubro de 1990. A reimpressão pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda foi efectuada entre 1983 e 1990. O quarto volume foi terminado no ano anterior à morte de Lindley Cintra (Agosto de 1991), um ano em que o editor já se encontrava doente; é neste volume que se encontra um certo número de erros de numeração de linhas no aparato crítico.

Sobre o método adoptado por Lindley Cintra no estabelecimento do seu texto crítico não há muito a acrescentar, dado que se guia pelos procedimentos mais ortodoxos da ciência.

Quanto à transcrição, procurou manter-se o mais fiel possível ao texto, mas não deixou de fazer algumas alterações modernizadoras, que assim facilitam a leitura e compreensão do texto. Os principais tipos de intervenção ocorrida no texto foram assim descritos na introdução da edição (Cintra, 1952, I: DXLV - DXLVI):

1. *Desdobrei as abreviaturas. Não pus em itálico as letras desdobradas, visto que as abreviaturas que aparecem, tanto no códice L como na maior parte da extensão de P são, como tive ocasião de dizer, dos tipos mais correntes em manuscritos da época. Só as que emprega o copista 3 do segundo códice são de tipos menos vulgares. Nos casos em que alguma abreviatura podia oferecer dúvidas quanto à sua resolução, reproduzia em nota.*
2. *Mantive a grafia das nasais tal como se encontra nos códices. Há grande vacilação da parte dos escribas, nos casos de vogal simples nasalada, quanto ao emprego do til ou de vogal seguida de consoante nasal e, neste último caso, quanto ao emprego de m ou n: não se pode determinar uma preferência por uma ou por outra forma. Atendendo a este facto e a que o til representa em qualquer posição a nasalação da vogal, mesmo quando, em determinadas situações, além dessa nasalação, representa uma consoante nasal seguinte, decidi mantê-lo onde o encontrava. Nos casos de vogal dupla, em que os manuscritos apresentam normalmente o til sobre duas vogais e, excepcionalmente, sobre a primeira ou sobre a segunda, emprego o til entre as duas vogais.*
3. *Substituí u por v e i por j, quando em função de consoantes, e v por u e j por i, quando em função de vogais, tendo em vista a simplificação da leitura e atendendo a que nenhum prejuízo de aí advém para o valor linguístico do texto.*
4. *Usei maiúsculas para os nomes próprios.*
5. *Seguindo uma norma que a Academia Portuguesa da História decidiu aplicar a todas as suas publicações de textos, reduzi a simples as abundantes consoantes duplas iniciais do manuscrito.*
6. *Separei as palavras que vêm unidas no códice; mantive no entanto as enclíticas ligadas à palavra tónica, a cujo acento se subordinam, como é uso constante dos copistas, evitando deste modo o emprego de hífen. Mantive unido à palavra seguinte o d da preposição de nos casos de elisão consagrados pela ortografia actual: deste, daquele, daqui, etc. Separei-o com um apóstrofo nos outros casos: d'Espanha. Separei também por um apóstrofo todas as outras palavras em que, pelo contato na frase com uma palavra seguinte iniciada por vogal, se deu a elisão da vogal final (por exemplo: entr'ambas).*
7. *Pontuei e abri parágrafos, procurando interpretar com fidelidade o texto e tomando a responsabilidade dessa interpretação. Usei da vírgula, do ponto, dos dois pontos, do ponto e*

vírgula, dos pontos de interrogação e exclamação e do traço. Nos manuscritos só se usa, como disse, o ponto e o ponto e vírgula invertido. Empreguei abundantemente pontuação, pensando deste modo facilitar a compreensão do texto e torná-lo mais acessível e vivo a leitores modernos.

Este simples enunciado claramente evidencia a distância que se estabelece entre o texto primitivo do manuscrito *L* e o texto dado a ler pela edição crítica. É preciso reconhecer que essa distância não fica encurtada em consequência do meu trabalho, na medida em que conservo basicamente a transcrição de Cintra. Não estou a apresentar uma edição diplomática do manuscrito, pois o meu projecto é muito menos ambicioso, mas possível de executar, como se verifica, ao passo que aquela edição diplomática levantaria muitos problemas de execução e de publicação. Mas a transcrição de Cintra é profundamente conservadora e afecta a reprodução do manuscrito apenas em partes da sua superfície gráfica. Ao segui-la, mantenho intacta a estrutura linguística do texto, nos níveis da frase, do léxico e da grafémica, que se supõe serem os que mais importam às pesquisas linguísticas a empreender.

4. A PRESENTE EDIÇÃO

A edição de Cintra foi realizada quando ainda não existia o desenvolvimento tecnológico que conhecemos hoje. Os primeiros três volumes ainda foram compostos numa tipografia de tipo móvel, o que aliás apresentou vantagens hoje desaparecidas, tais como a colocação de til intermédio entre duas letras. O quarto volume já foi produzido em ambiente tipográfico mais moderno, mas ainda convencional. Refiro-me aos volumes da edição da chancela Academia Portuguesa de História. Simultânea com a saída do quarto, deu-se uma outra edição completa, devida à Imprensa Nacional, constituída por um facsimile dos três primeiros volumes e uma tiragem autónoma do quarto, em papel e encadernação diferentes.

Seria quase impossível constituir uma base de dados para tratamento linguístico a partir do texto tal como fornecido por estas edições. Por isso, surgiu a ideia de transferir para meio digital o texto, com vista à sua disponibilização no site do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

Para que todo este processo fosse possível foi preciso recorrer às novas tecnologias, usando computadores, material computacional e programas informáticos. O programa encontrado para esta tarefa é um programa de processamento de ficheiros PDF com aplicação de reconhecimento de caracteres chamado Abby FineReader 8.0.0.2806. É através deste programa de processamento que as imagens são convertidas em texto que pode ser facilmente manipulado num outro programa: Microsoft Office Word 2007.

Numa primeira fase, o tratamento do volume III, foi realizado através de imagens, que naquela data, estavam ainda disponíveis na Biblioteca Digital da Biblioteca Nacional de Lisboa com a cota: cg- 7993-v, disponível no endereço digital <http://purl/336>. As imagens utilizadas encontravam-se em ficheiros PDF com digitalização do exemplar da Crónica, em modo (JPEG) 72 dpi, tendo sido gerado pela aplicação LuraDocument PDF v.2.15. Depois das imagens terem sido copiadas para um ficheiro do computador, foi procedida a tarefa de colocar as imagens no programa de processamento de ficheiros PDF para gerar ficheiros Microsoft Word. Após esta tarefa o texto encontrava-se facilmente manipulável para o trabalho. As imagens acedidas de 22 de Março de 2012 a 29 de Março de 2012, foram posteriormente retiradas do domínio público da Biblioteca Digital da Biblioteca Nacional de Lisboa, e não se encontram disponíveis para consulta nos dias de hoje.

A segunda fase, tratamento do volume IV, foi mais fácil porque o ficheiro que recebi já estava em ficheiro Word. O texto chegou através da Imprensa Nacional da Casa da Moeda em ficheiro PDF com a digitalização do exemplar, em imagem (JPEG) 72 dpi gerado pela aplicação Acrobat Distiller 9.0.0 (Macintosh).

Após todo o processo de conversão, foi necessário ter em conta alguns aspectos importantes: numa primeira fase tivemos de organizar a mancha textual, pois esta surge imperfeita, estando desalinhada e irregular; numa segunda fase, observou-se que o reconhecimento óptico dos caracteres foi desacertada e apresenta contradições com o texto impresso, essas leituras modificam o texto, fazendo com que seja diferente do texto impresso. Somos nós que temos de localizar e eliminar estes defeitos, com uma leitura atenta e perspicaz.

Como o meu trabalho, respeitando à segunda parte da edição da Crónica (III e IV volumes), faz sequência à secção preparada por Marta Pedrosa, segui obviamente a sua metodologia, que ela esquematiza nestas seguintes tarefas (Pedrosa, 2012: 15-18):

- a) *Uma das primeiras tarefas foi separar o texto crítico, que iria ser objecto de preparação e revisão, das respectivas notas de aparato de variantes, que ocupam no rodapé a primeira ordem, sendo a segunda usada por Cintra para registar particularidades dos testemunhos, normalmente gráficas.*
- b) *Depois de isolado o texto, o passo seguinte foi uniformizar e centrar a mancha textual, conferindo-lhe estrutura e um aspecto visual organizado e ordenado. Converteram-se todas as fontes tipográficas para Times New Roman, quando estas não se encontravam de acordo com a norma definida, normalizando o tipo e o corpo dos caracteres e eliminando ao mesmo tempo pequenos defeitos. Os parágrafos foram devidamente realinhados, de acordo com o que constava na Edição Crítica, e os fragmentos que se encontravam separados foram unidos.*
- c) *Na etapa seguinte foram confrontados os textos, isto é, o produto criado a partir do texto digitalizado, já totalmente organizado e estruturado, e a Edição Crítica. Ambos os textos foram colocados lado a lado, de forma a ser realizado um confronto exaustivo. É importante referir neste ponto, a extrema relevância da visualização do texto no ecrã e assegurar que o programa*

informático com que se trabalha não corrige automaticamente o texto, o que poderia ter efeitos inimagináveis.

Seguindo o princípio de uma função sistemática, exigente, cuidada e atenta foi elaborada uma revisão minuciosa da totalidade do texto digitalizado, de forma a captar e eliminar todos os erros introduzidos pela digitalização. O texto sofreu uma leitura rigorosa e uma observação meticulosa e pormenorizada, para limpar todas as incorrecções.

Como já anteriormente referido, a conversão do texto para um documento Microsoft Word implicou o aparecimento de erros de substituição de caracteres. Sendo a transcrição em português antigo, o programa não reconheceu algumas das palavras, ou formato de palavras, e por isso tendeu a corrigi-las; foi sempre uma correcção desacertada e que afasta o texto digitalizado do texto impresso. A correcção do programa é feita através da substituição de caracteres por outros de desenho idêntico, por números ou até mesmo por sinais. Estes erros são, na maioria das vezes, de fácil correcção e basta uma leitura mais atenta para os encontrar. Mas há outros tipos de erros, de resolução mais difícil, que, ao contrário dos anteriormente referidos, são mais difíceis de identificar, podem não ser visíveis ou estarem ocultos em palavras que aparentemente são normais e podem mesmo integrar-se logicamente no contexto.

Alguns exemplos de erros de fácil correcção são:

- *dictas* corrigido como *dietas*;
- *pera* corrigido como *pêra*;
- *hũu* corrigido como *hiííi*;
- *ifâte* corrigido como *ifate*;
- *dyâte* corrigido como *dvâte*;
- *êno* corrigido como *éno*;
- *vïir* corrigido como *vflr*;
- *beyjẽ* corrigido como *beyjẽ*;
- *foy* corrigido como *íoy*;
- *hido* corrigido como *h}do*;
- *fazer* corrigido como *fa\ez*;

Alguns exemplos de menos fácil correcção são:

- *al* corrigido como *ai*;
- *Fernandez* corrigido como *Femandez*;
- *çidade* corrigido como *cidade*;
- *tornou* corrigido como *tomou*;
- *çima* corrigido como *cima*;
- *tornarõ* corrigido como *tomarõ*;
- *capello* corrigido como *capelto*;
- *tornaronsse* corrigido como *tomaronsse*;
- *mãao* corrigido como *nãao*;
- *açima* corrigido como *acima*;
- *Gustũz* corrigido como *Gustuz*;

Como já disse, estes segundos erros são difíceis de detectar, tendo sido necessário redobrar a atenção e perspicácia para os encontrar. Depois de uma primeira leitura teve lugar uma outra para conseguir detectar erros que não tivessem sido rectificadas numa primeira fase.

5. RECONSTITUIÇÃO DO TEXTO DO MANUSCRITO L

A principal tarefa de reconstituir o texto do manuscrito *L* consistiu na recolocação de todas as lições que Lindley Cintra achou que estavam erradas e lacunas que foram preenchidas pelo editor foram de novo eliminadas. O objectivo seria voltar a dar o aspecto primitivo de *L*.

Todas as letras, palavras, frases ou mesmo capítulos que não pertencem ao manuscrito *L* ocorrem no texto em itálico, desta forma foi mais fácil restituir estas lições porque eram facilmente observáveis.

Quando a correcção consiste na supressão de qualquer letra, palavra ou frase, a mesma não aparece indicada, não há qualquer diferença na mancha de texto. Nestes casos não há correcção instantânea, ao contrário dos que ocorrem a itálico, mas estão presentes na primeira ordem das notas. Devido a estes casos é necessária a leitura atenta da primeira ordem das notas.

É na primeira ordem das notas que encontramos todas as informações necessárias para reconstituir o texto desejado, é também aqui que encontramos as lições de outros manuscritos, que nos ajudam a compreender as correcções escolhidas por Lindley Cintra. É nesta secção do texto que encontramos os acidentes e particularidades do manuscrito em estudo, tais como espaços em branco, letras entrelinhadas, anotações, rasuras e a ocorrência de palavras subpontuadas.

Na existência de lições que pelo confronto de manuscritos se demonstram evidentemente erradas, foi mantida a lição mas com uma chamada de atenção sobre ela com a palavra *sic*, mantendo na primeira ordem das notas as lições dos outros manuscritos.

No manuscrito em estudo há a ocorrência de emendas e anotações de várias mãos e de épocas diferentes. Nestes casos temos de redobrar a atenção, pois o que é desejado é a transcrição do manuscrito *L* no seu estado primitivo. A primeira ordem das notas de rodapé foi fundamental, pois permite identificar as anotações e emendas que são feitas por outra mão ou por mãos posteriores, e que deveremos eliminar.

6. CATEGORIAS DE ERROS

Como já anteriormente foi referido, o trabalho da Marta Pedroso consistiu na construção de uma metodologia de trabalho, que aplicou na restituição do volume II. O meu trabalho consistiu em aplicar a metodologia da Marta nos restantes tomos, volumes III e IV, que ofereciam precisamente 1001 páginas de texto para reconstituir. A Marta no seu relatório inclui uma vasta “lista de variantes restituídas” (Pedrosa, 2012: 29-61); repetir a mesma secção no meu relatório seria de difícil execução pela quantidade de material que faria parte desse capítulo. Seriam necessárias muitas páginas, até porque, após uma lacuna do fólho 266d, ocorre um significativo aumento de lições excluídas do texto por Cintra e, consequentemente, por mim devolvidas ao seu lugar primitivo.

No entanto, optei por fazer uma breve lista selectiva de algumas lições rejeitadas, colocando-as por classes de erros evidentes de *L*: Erros gráficos, lições que são mais curtas em *L* do que nos outros manuscritos, lições mais longas em *L* do que nos outros manuscritos, diferenças de flexão morfológica, mudanças lexicais ou semânticas e as lacunas de *L*. Os exemplos aqui mostrados pertencem ao volume IV.

a) *Erros gráficos* (por exemplo: ausência ou presença de letras ou duplicação de palavras)

Pág.	Edição Crítica	Manuscrito <i>L</i>
102	os III ^c marcos	o III ^c marcos
104	defendimêto de seus imigos	defendimêto de seus amigos
111	disselhes como / gradecia	disselhes como /como gradecia
112	Messejeiros	messeiros
344	pera que el rey	per que el rey

b) *Lições mais curtas em *L* do que nos outros manuscritos*

Pág.	Edição Crítica	Manuscrito <i>L</i>
94	compra sua vōotade	compra vōotade
98	a outra gente quero	a outra quero
292	cardeal de Roma e legado	cardeal e legado
345	pella terra da estremadura	pella estremadura
346	fremosa donzela e avya	fremosa e avya

c) *Lições mais longas em *L* do que nos outros manuscritos*

Pág.	Edição Crítica	Manuscrito <i>L</i>
207	dizem que	dizem algũus que
293	dom Diego de fora desemparado	dom Diego desemparado fora da mercee destes reis.
308	E depois desto veo a sua mesura	E el rey de Navarra veosse poer en sua mesura
308	E el rey dom Afonso deulhe os quatorze	E perdooulhe el rey dom Afonso e deulhe

	castellos e os onze tomou pera sy, e foron estes	os quinze castellos e os dez tomou pera sy os quaees foron
450	Garçia Pirez de Bargas que era hũu daquelles e outro cavaleiro deteveronse	E Garçia Pirez de Bargas e outro cavaleiro dous daquelles que alla avyam d'hir e deteveronse

d) *Diferenças de flexão morfológica* (quando os verbos têm o mesmo significado, mas é alterado o tempo, o modo ou o aspecto dos verbos)

Pág.	Edição Crítica	Manuscrito L
104	Fezerõno	Fezerõ
105	Mas saiamos	Mas sairemos
341	alçarom	alçado
342	non soubesse	non soube
346	assesseggar	assessegalo

e) *Mudanças lexicais ou semânticas* (questões de significados)

Pág.	Edição Crítica	Manuscrito L
95	todallas fortalezas	todallas forças
96	a ponto de morte	a ponte de morte
96	todallas casas	todallas cousas
346	pero que passou	pero que pousou
353	Leon soube	Leon ouvyo

f) *Lacunas de L*

Pág.	Edição Crítica	Manuscrito L
101	era el rei dom Afonso. E dom Alvaro Fernandez e Martim Antoniiz descavalgarõ forom a el rei e com grande reverẽça	era el rei. E com grande reverença
446	Mas leixaremos de falar desto e diremos como el rey foy sobre Sevilha	<i>falta</i>
448	Capitulo DCCCXXV Como o meestre pousou da outra parte do ryo so Esnalfarag	pousava. (<i>Não abre capítulo</i>) O meestre dom Paae Correa com seus freires
454	Capitulo DCCCXXIX Como meestre dom Paae Correa dasbaratou o arraiz que partia de Sevilha	dos cristãaos. (<i>sem divisão de capítulo</i>) O meestre dom Paae Correa
483	Ena era de mil e duzentos e oytenta e seis annos quando andava o anno da encarnaçom de Nosso Senhor Jhesu Cristo en mil e duzentos e quareenta e oyto annos	<i>falta</i>

7. CRITÉRIOS DE APRESENTAÇÃO DO TEXTO

Sendo o objectivo desta edição devolver o texto editado por Lindley Cintra ao seu original, isso deve ser procurado não apenas através das lições retiradas do texto, mas também no seu aspecto, tirando todo o material que é suposto não ocorrer num manuscrito do século XV. O aparato crítico, as notas de rodapé, os números das linhas (presentes na margem de goteira) e os números de fólhos (presentes na margem de lombada) foram as secções eliminadas ou recolocadas noutros locais do texto nesta nova edição. Temos assim um texto de mancha gráfica limpa, organizada e sem qualquer obstrução à sua leitura.

As diferenças que podem ocorrer nesta edição são:

a) O uso de [...] na ocorrência de lacunas, encurtamentos em *L* ou em casos de ocorrência de letra posterior em que não há possibilidades de recuperar o texto do original. Na ausência de um capítulo não há qualquer sinalização.

b) Para uma futura leitura paralela com a edição crítica, os capítulos estão numerados, o que não ocorre no manuscrito *L*, onde não há numeração de capítulos mas capitulares iluminadas e títulos a vermelho.

c) A leitura paralela entre as duas edições, a de Lindley Cintra e a digital, depende de uma inclusão do número das páginas da edição crítica na edição digital; sendo assim, foi mantida a numeração das páginas de Lindley Cintra. Esta numeração ocorre na nossa edição em expoente sobre a linha de texto, antes da mudança de página. Quando há corte de palavra na mudança de página, o número ocorre no meio da palavra em expoente.

Exemplo da página 5 do Volume III sem corte de palavra:

... logo que aquello ouvyo, ⁵veosse pera Çamora...

Exemplo da página 54 do volume III com corte de palavra:

... poer ã elle os nossos cora ⁵⁵ções ...

d) Para além da leitura paralela entre as duas edições é importante também pensar numa leitura paralela com o manuscrito, para o que temos de representar a numeração de fólhos e identificar a coluna de texto na nossa edição. Em cada fólho temos o recto (página anterior) e o verso (página posterior), cada lado sendo constituído por duas colunas de texto e cada coluna identificada pelas quatro primeiras letras do alfabeto, todo este processo ocorre dentro de parênteses rectos e tem como chamada de atenção no interior do texto uma barra oblíqua. Por exemplo, o fólho 321 (penúltimo) é apresentado por: [321a], [321b], [321c] e [321d].

e) Na nossa edição continuamos a usar a barra oblíqua para indicar a mudança de fólho, mas os parênteses rectos ocorrem no interior do texto, logo após a barra oblíqua, em vez de surgirem na margem. Mas quando a mudança de fólho ocorre no interior de uma palavra, a barra oblíqua fica a separar a palavra mas a informação de mudança de fólho ocorre apenas no primeiro espaço intervocabular seguinte. De outro modo, seria prejudicada a busca digital do vocábulo.

Exemplo da página 5 do volume III sem corte de palavra:

... el rey dom Afonso da / [114a] ordem e alçousse...

Exemplo da página 155 do volume III com corte de palavra:

... quisesse hyr bus/car, [150c] que lhe desse...

f) Outro aspecto gráfico que teve intervenção na presente edição é a colocação de acento gráfico na duplicação de vogais. Lindley Cintra informa-nos que, quanto ao emprego do til em casos de vogal dupla, onde no manuscrito é representado sobre as duas vogais, e excepcionalmente sobre a primeira ou sobre a segunda, decidiu empregar o til entre as duas vogais (Cintra, 1951, I: DXLVI). Devido à impossibilidade de fazer o mesmo na nossa edição, o acento gráfico foi colocado sobre a primeira vogal dupla.

8. CONTRADIÇÕES NA EDIÇÃO CRÍTICA

No desenrolar deste trabalho fui-me deparando com algumas incongruências na edição crítica. Como anteriormente referi, no volume IV regista-se um número de erros e falhas bastante elevado. Alguns destes problemas tornaram o meu trabalho um pouco mais complicado, mas com atenção redobrada foram possíveis de resolver, por vezes só com o confronto entre a edição crítica e o manuscrito.

Passo a apresentar os problemas encontrados:

a) De fácil resolução

Numeração de cláusulas – ocorre pelo menos uma cláusula com um número pouco provável, este caso ocorre na página 362 do volume IV, cláusula 98.

Cláusulas que são numeradas de forma errónea – cláusulas que estão mal numeradas e que levam muitas vezes a interpretações também erróneas e que necessitam de leitura perspicaz e boa interpretação do texto para a sua colocação correcta. Nestes casos poderão existir vários espaços no texto crítico onde esta cláusula poderá ser colocada.

Exemplo: na página 441 do volume IV, a cláusula está numerada como 6, mas deveria ser a 7.

b) De mais difícil resolução

Letras ou expressões em itálico sem referência em aparato – em vários locais do texto existem letras ou expressões que estão em itálico sem qualquer referência em aparato. Recorde-se que as formas em itálico no texto denotam uma intervenção do editor. Numa primeira leitura não há qualquer problema, nestes casos coloca-se a letra igual ao restante corpo de texto, mas na confrontação entre a edição crítica e o manuscrito, o espaço que agora estava ocupado por estas letras ou expressões encontra-se sempre sem as mesmas. Exemplos:

Edição crítica: “... ata que tomemos *a* ti aas mãos.” (pág. 48, volume IV)

Manuscrito: “... ata que tomemos ti aas mãos.” (fólio 232d)

Edição crítica: “... per el rey dom Affonso, que tomou Tolledo *aos mouros*, e consagrada...” (pág. 387, volume IV)

Manuscrito: “... per el rey dom Affonso, que tomou Tolledo, e consagrada...” (fólio 295d)

Mudança de fólio – como anteriormente foi referido é utilizada uma barra oblíqua para indicar a mudança de coluna e de fólio. No volume III há a presença desta barra, mas sem qualquer indicação do número de fólio e coluna, página 326 linha 4. No volume IV, na página 20, não há qualquer indicação de mudança de fólio e de coluna. A única pista que temos é que há um salto do fólio 225c para o 226a, o que surpreende, visto que não há qualquer informação de lacuna. Confrontando com o manuscrito, foi descoberto o lugar onde era suposto estar a barra oblíqua e a informação do número de fólio e coluna. No volume III, páginas 326 e 370, há a presença de barra oblíqua, mas nestes dois casos não há mudança de fólio, sem a comparação com o manuscrito poderia ter provocado alguma confusão.

Ausência de um capítulo – na confrontação entre a edição crítica (pág. 265) e o manuscrito (269) foi encontrada no manuscrito a abertura de um capítulo, com presença de capitular e de texto a vermelho (indicações de um novo capítulo em *L*), mas não na edição crítica: nem no texto crítico, nem em aparato ocorre qualquer informação de que seria ali aberto um capítulo. Como muitas vezes ocorre durante a edição, é apenas colocado o título entre travessões (-).

O objectivo deste trabalho é fazer uma edição digital do manuscrito *L* da Academia das Ciências completo. Para que o manuscrito esteja completamente transcrito no nosso trabalho foi necessário inserir algumas páginas do apêndice da edição crítica (499 – 510). Como Lindley Cintra nos informa, os três volumes de texto até à página 496 do volume IV, são no manuscrito *L* referentes à *Crónica Geral de Espanha de 1344* propriamente dita. Os capítulos que estão presentes no apêndice são referentes ao início da *Crónica de Afonso X, o Sábio*.

Capítulo II

Descrição codicológica do manuscrito L

Em 1951, a codicologia não era uma ciência reconhecida como é actualmente, assim Lindley Cintra fez a sua descrição codicológica com base empírica, detendo-se no que era considerado mais importante naquela época. Como bom filólogo, fez um excelente trabalho na sua edição crítica, mas deixou alguns dados importantes por analisar.

Esta nova descrição é uma tentativa de completar a descrição de Lindley Cintra e focar alguns pontos nela que não foram contemplados. Tendo em conta que o manuscrito da Academia das Ciências se encontrava desencadernado aquando das minhas consultas (estando prevista uma reencadernação para breve), as condições para o exame da estrutura de lombada e cadernos foram mais vantajosas do que as que estiveram ao serviço de Lindley Cintra nas suas consultas ao códice.

O autor da edição crítica indica, na sua descrição codicológica, os vários tópicos de trabalho: *Características gerais* (pág. CDXCIII); *A letra* (pág. CDXCIV); *Illuminuras* (pág. CDXVII); *Origem provável e história do códice* (pág. CDXCVIII); *Anotações e emendas* (pág. D) e *Conteúdo* (pág. DI).

Esta descrição codicológica é centrada em precisões feitas ao trabalho de Lindley Cintra, nomeadamente no que diz respeito às *Illuminuras*, em que foram feitas algumas correções. O ponto mais importante sobre o qual me debrucei é as *Características gerais*.

Não adicionei qualquer informação sobre os conteúdos das áreas: *A Letra*, *Origem provável e história do códice*, *Anotações e emendas* e *Conteúdos*. No entanto faço uma breve síntese do que é dito por Lindley Cintra nestas áreas, para que se disponha aqui de uma descrição completa.

1. NATUREZA DO SUPORTE, DIMENSÕES E ESTRUTURA DO CÓDICE

O suporte de escrita é o pergaminho, com as dimensões actuais de 447x325 mm. O códice é constituído por 33 cadernos. Cada caderno tem uma estrutura regular de quínios (5 bifólios) com excepção de um caderno, o 20º, que é um quaterno; dois cadernos são quínios incompletos (cadernos 27 e 33). Nestas duas situações não há ausência ou perda de texto e há anotações que explicitam a interrupção da cópia, caso do fólio 265v (em que metade da primeira coluna está incompleta e a segunda coluna está em branco) e do fólio 322v (último fólio). Em ambos os casos os fólios removidos estariam originalmente em branco.

2. FOLIOTAÇÃO

Existe uma numeração que é posterior à elaboração do manuscrito, que originalmente não teria qualquer numeração (embora as margens de corte se encontrem mutiladas, como adiante refiro, a presença de ornamentação nas margens de cabeça sugere que não teria sido deixado espaço para foliotação original). Podemos assim encontrar escrito o número do fólho na margem superior direita, a lápis e em algarismos. Em alguns cadernos a numeração é feita no recto e verso do fólho. Como a crónica é muito grande e tem muitos fólhos, é normal que quem tenha numerado se tenha enganado ocasionalmente; assim, o caderno 10 tem dois fólhos com a mesma numeração (93), mas posteriormente alguém a corrigiu e colocou *bis* a seguir ao número original, ficando assim 93 bis no fólho repetido. Este caso de repetição não é único e ocorre o mesmo erro e a mesma emenda nos fólhos 187 e 187 bis, assim como no fólho 191 e 191 bis. Além deste erro por duplicação temos um outro: a supressão do fólho 163, tendo sido numerado o fólho 162 e logo a seguir o 164.

3. ORDENAÇÃO DOS CADERNOS

O manuscrito não apresenta assinaturas no início nem no final de cada caderno, nem é possível dizer, no seu estado actual, se as teve, mas tem reclamos. Nem todos são visíveis porque, aquando de uma segunda encadernação, as margens foram muito aparadas e com elas desapareceram muitos dos reclamos.

Os reclamos que não foram aparados estão presentes no verso do último fólho de cada caderno e estão situados na margem de pé, ao centro ou do lado direito do fólho, perto da margem de lombada.

Os cadernos onde os reclamos ainda estão presentes são: cadernos 3, 5, 9, 11, 13, 14, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31 e 32. No caderno 15, o reclamo não está presente no fólho final, mas pode ainda ser detectado, em espelho, no primeiro fólho do caderno seguinte (o códice apresenta danos provocados por água na margem de pé, com destruição parcial da ornamentação e diluição das tintas. Neste caso, o texto do reclamo foi transferido para o fólho seguinte).

Os códices de pergaminho medievais revelam que eram usadas duas técnicas básicas para a construção dos cadernos. Os bifólios (unidades de base do caderno) podiam ser obtidos por dobragem sucessiva de uma pele ou por corte de bifólios e montagem posterior. O método da dobragem não é compatível com o número de bifólios da maioria dos cadernos do ms. *L*, em número ímpar. Assim, a técnica seguida na construção dos cadernos deste códice terá sido, com toda a probabilidade, o corte prévio dos bifólios e sua montagem posterior, cinco a cinco.

É importante sublinhar que, sempre que esta tarefa é feita, convém que as faces dos pergaminhos coincidam, querendo assim dizer que se devem encontrar face pêlo com face pêlo

e face carne com face carne (Regra de Gregory). Num caderno obtido por dobragem, a obediência à regra de Gregory é uma consequência inevitável, mas num códice obtido por montagem resultará de um esforço consciente e propositado por parte do responsável.

Os dados fornecidos no Relatório de Conservação e Restauro³ suportam a hipótese apresentada para a construção dos cadernos. O esquema com a representação gráfica da estrutura codicológica do ms. *L* que se encontra no *Relatório* mostra que o códice apresenta bifólios reconstruídos e outros sem acidentes. Estes acidentes traduzem-se em bifólios artificiais, formados por colagem de dois fólhos independentes. Em todos os casos a junção é quase impossível de detectar, e percebe-se a grande qualidade técnica subjacente. No total temos 15 cadernos sem acidentes na sua construção e 18 com acidentes. Nos cadernos que têm acidentes de construção poderão ter ocorrido erros ao juntar fólhos solidários, daí a quebra da regra de Gregory.

Mas, dependendo da qualidade e a conservação do pergaminho, esta é uma característica que nem sempre é fácil de observar, isto é, o tratamento dado ao pergaminho e a qualidade do pergaminho podem ter sido de uma qualidade excelente e que assim dificultam o seu reconhecimento.

A sequência, sem qualquer tipo de acidente e sem quebrar a regra de Gregory, presente neste códice, é:

P C C P P C C P P C . C P P C C P P C C P⁴

4. EMPAGINAÇÃO

a) PICOTAGEM

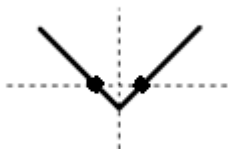
As folhas, antes de receber a escrita, são submetidas a operações prévias com a finalidade de ajudar o escriba na sua tarefa, que em vez de pontos de tinta, utilizavam orifícios que posteriormente eram aparados na encadernação. Estas operações resultam num desenho que é uma espécie de folha pautada, mais ou menos visível (Ruiz, 1988: 133). O feito de traçar umas linhas rectas nem sempre era fácil de realizar e para tal utilizavam uns pontos iniciais e finais conforme as linhas de justificação que iriam ser traçadas. Estas marcas poderiam aparecer sobre a forma de orifícios muito pequenos que poderiam ser elaborados com variados tipos de instrumento. A estes orifícios chamamos *piques* e ao processo, *picotagem*.

Na *Crónica Geral de Espanha* existe este tipo de orifícios, ocorrem na margem de lombada onde guiam o lançamento das linhas de justificação horizontais; provavelmente existiriam também piques na margem de goteira, mas, aquando de uma das suas encadernações,

³ Academia das Ciências de Lisboa, *Relatório de Conservação e Restauro da Crónica de España*, realizado em 30/01/2002 pela Técnica Teresa Araújo, 7 pgs.

⁴ A inicial P designa o lado pêlo e a inicial C corresponde ao lado carne. O ponto representa o centro do caderno.

foram eliminados. A linha de justificação horizontal que delimita a caixa de texto na cabeça passa por cima deles mas, quando observamos a margem de pé, nota-se que a maioria dos piques está ligeiramente desviada da linha de justificação do pé da caixa de texto (1mm acima da linha). São piques tão pequenos, possivelmente terão sido feitos com uma agulha ou um instrumento semelhante com uma ponta muito fina e aguçada. Estranhamente, no caderno 27 encontram-se piques de um formato diferente do que os que estão presentes nos outros cadernos: são piques muito grandes que parecem ser feitos com a ponta de uma faca ou algo do género (têm o formato de: “ ´ ”). Todos os piques são simétricos em relação à dobra central do bifólio, podemos calcular que os bifólios seriam picotados um a um, pelo que é possível que a picotagem tivesse sido feita sobre um bifólio dobrado. Não é possível perceber em que face foi feita a perfuração.



Esquema dos piques presente no manuscrito *L*

b) JUSTIFICAÇÃO

A justificação é um aspecto muito importante e a ter em conta num manuscrito: caracteriza-se por linhas verticais e horizontais que delimitam o local destinado à escrita, a caixa de texto. No ms. *L* a justificação é visível não só nas linhas horizontais, mas também nas verticais. As horizontais são marcadas a tinta preta e as verticais a ponta seca (técnica mista). As linhas de regramento também são visíveis, também a tinta, mas de um tom arroxeado. Onde se pode observar melhor os casos de justificação vertical a ponta seca é nos os fólhos 25v e 26r. A excepção a esta regra é o fólho 193, em que a justificação horizontal e vertical é feita a ponta seca e as linhas de regramento são feitas a tinta. As linhas de justificação são feitas de fólho a fólho visto que fólhos solidários têm linhas de justificação horizontais diferentes uns dos outros.

c) DIMENSÕES

Como já foi referido anteriormente, as dimensões actuais do códice são 447x325 mm.

Começo por apresentar as dimensões médias actuais das áreas da página. A margem de lombada, a única que não pôde ser aparada, mede 44,5 mm. As outras margens foram todas aparadas, temos assim a margem de cabeça que tem 25,3 mm, a margem de pé com 65,8 mm e a margem de goteira tem 44,8 mm.

As dimensões médias da caixa de texto são 353x233,8 mm. A caixa de texto divide-se em duas colunas com medidas de 353x102,5 mm. Entre as colunas de texto existe o intercolúnio que tem a medida de 29 mm. O número de linhas de regramento varia entre as 42 e as 43 linhas, sendo que o espaço entre as linhas de regramento é aproximadamente 8,35 mm.

Como já referi, os fólhos do códice foram bastante aparados e não se sabe as dimensões com que o manuscrito foi elaborado. Porém, com base nestas medidas e com a ajuda do Professor Doutor Aires do Nascimento, as dimensões das áreas do fólho originais podem ser reconstruídas, segundo a noção de que há uma relação directa entre as dimensões das margens de um manuscrito. Assim temos que a margem de cabeça deverá ser igual à margem de lombada, que é a única que não pode ser aparada e a margem de goteira deveria ser igual à margem de pé. (Todas as margens de pé foram medidas por mim e houve uma única que teve um valor superior às outras com 80 mm no fólho 173, tendo assim chegado à conclusão de que as margens de pé e de goteira teriam de medida 80 mm ou mais).

Sendo assim, é possível que as dimensões originais dos fólhos tivessem sido 477,5x358,3 mm. As margens seriam: de lombada e de cabeça 44,5 mm e a de goteira e pé 80 mm.

5. ORNAMENTAÇÃO

a) CAPITULARES

Este manuscrito é muito rico em iluminuras e muitas delas com pequenos pormenores muito interessantes e que revelam a importância que este códice tinha quando foi elaborado. As iluminuras estão presentes em todas as maiúsculas iniciais de capítulo, mesmo quando não está presente o título do capítulo não falta a iluminura. As maiúsculas iluminadas muitas vezes são prolongadas pelas margens em que ocorrem e até pelo intercolúnio. Existem fólhos que estão cobertos de iluminuras em todas as suas margens, como o caso do fólho 1. Infelizmente muitas das iluminuras foram mutiladas por quem fez a encadernação actual, a humidade foi outro factor que destruiu as iluminuras das margens de pé. As iluminuras de maiúsculas iniciais ocupam 4 U.R.⁵ nas iluminuras mais pequenas nos cadernos iniciais até ao caderno 13 e a partir do caderno 28 volta a esta medida (4 U.R.), a partir do caderno 14 e até ao caderno 27 são utilizadas 5 U.R. para este tipo de iluminuras. As maiúsculas iniciais maiores têm medidas entre as 6 U.R. (fl. 94v) e 13 U.R. (fl. 318r).

Eram feitos esboços das iluminuras como podemos verificar no caderno 8 no fólho 78v em que existe o desenho da iluminura no intercolúnio mas não está colorida. O mesmo acontece

⁵ U.R. são Unidades de Regramento, unidade de medida para as dimensões de uma iluminura. É o número de linhas de regramento que uma maiúscula iluminada ocupa num texto. Esta medida é a relação entre a altura da caixa de texto e o número de linhas da mesma, dividindo uma pelo outro obtemos o espaço entre linhas que representa 1 U. R..

no caderno 21 no fólho 200r, onde estão desenhados pássaros na margem de lombada mas que também não estão coloridos.

b) RUBRICAS

Os títulos eram elaborados a vermelho, mas há locais onde esses títulos não estão presentes, tendo sido deixado espaço para que fossem colocados: no caderno 9 faltam títulos nos fólhos 82v e 177r, no fólho 280r, no caderno 7 falta a citação que seria em latim e deveria ter sido escrita a vermelho.

c) CALDEIRÕES E ORNAMENTAÇÃO MENOR

No início do códice existem caldeirões vermelhos, mas existem também espaços para caldeirões azuis, os vermelhos foram utilizados regularmente até ao fólho 11r, a partir deste fólho existem os espaços vazios para que fossem colocados os caldeirões. No entanto, existem caldeirões dispersos por alguns cadernos, como se pode observar no fólho 109r no caderno 11, nos fólhos 267r, 269r, 272r e 272v no caderno 28, no caderno 29 existe caldeirões no fólho 280v, no caderno 30 nos fólhos 292v, 294v e 295r, no caderno 31 nos fólhos 304r e 305v e no caderno 32 no fólho 311r.

Em todo o manuscrito não existe qualquer caldeirão azul. Devido à ajuda do Professor Doutor Aires do Nascimento foi detectada a presença de espaços para os caldeirões azuis, pois simultaneamente com os caldeirões vermelhos nos primeiros fólhos existem espaços que não foram preenchidos. No caderno 28, num único fólho observa-se uma interrupção na regra de alternância de cores de caldeirões: no fólho 272v, onde não há espaços vazios, só foram pintados caldeirões vermelhos.

Neste manuscrito, existem alguns cadernos nos quais ocorrem iniciais que têm realce a amarelo, este fenómeno verifica-se nos cadernos 3, 5, 29 e 32. Também ocorre no caderno 28, mas só até ao fólho 269r, exclusive.

Todo o manuscrito tem iniciais *en cadeau*⁶, todas elas ocorrem na primeira linha de regramento na margem de cabeça, muitas vezes as hastes dessas iniciais estão mutiladas devido ao corte excessivo das margens.

Não há presença de letras de espera visíveis no manuscrito.

⁶ Técnica caligráfica ornamental típica de manuscritos dos séculos XV e XVI que consiste em duplicar os traços estruturais as letras maiúsculas e adornar com motivos geométricos as hastes ascendentes e descendentes das minúsculas, sempre traçadas a pena.

6. CONTEÚDO DO CÓDICE

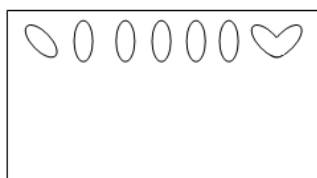
Neste exemplar do século XV, data provável do códice dada por Cintra, com o título “Chronica de Hespanha” poderemos encontrar um códice que contém dois textos, informação fornecida por Cintra: “o texto que contém os fólhos 318a a 322b do manuscrito não pertence à Crónica de 1344, mas sim à Crónica particular de Afonso X” (Cintra, 1951: DI). As primeiras palavras do manuscrito são “Os nobres barões e de grande entendimêto que screverom as storias antigas das cavalarias e dos outros nobres feitos” e termina com a frase “E travarom del com aqueles garfos en alguũs logares da carne. e de aleixava rasgar por seno”.

7. ENCADERNAÇÃO

Como anteriormente foi referido, o códice encontra-se desencadernado desde 2002, estando as peças correspondentes guardadas para que nenhum pormenor seja esquecido e para que a futura encadernação seja o mais fiel possível à anterior.

A encadernação mais recente, não sendo a original, é composta por duas pastas de madeira grossa; segundo informou a Dr.^a Luísa Macedo, bibliotecária da Biblioteca da Academia das Ciências, pensa-se que sejam pastas medievais reutilizadas, que seriam da encadernação que se usava para os manuscritos de pergaminho. As pastas estão cobertas por pele de carneira em tons de castanho; de acordo com a mesma especialista, calcula-se que a cobertura terá sido feita de propósito para a nova encadernação da Crónica. A lombada tem o título “Crónica de España” e as capas ostentam símbolos ao centro, nos dois planos, gravados a ouro com ferros. A encadernação teria dois fechos que foram perdidos, mas temos os furos nas pastas e na pele de carneira que são indicadores da sua existência anterior.

Esta segunda encadernação teria seis nervos, como consta no *Relatório de Conservação e Restauro*; a pele de carneira tem o espaço para seis nervos dos quais, no momento da minha consulta, restavam cinco.



Lado da tranchefila

Esquema de nervos nas pastas de madeira

O manuscrito tem 2 bifólios como folhas de guarda, um no início do códice e outro no final. O primeiro tem o título inscrito no segundo fólho “Chronica de Hespanha” e o segundo tem no primeiro fólho, ao centro da margem de lombada, o pertence: “liuro do s(e)n(h)or luis de alcaçoua carneiro”.

8. LETRA

A letra em que está escrito o manuscrito, apesar da possibilidade de ser sempre da mesma mão, apresenta algumas variações, nomeadamente após o fólio 266, o que sugere, pelo menos, que o copista não escreveu a parte do códice posterior à lacuna logo depois de ter escrito a parte antecedente. À lacuna de texto corresponderá, assim, um intervalo no tempo de execução. Há também a possibilidade de ser um outro copista, que imitasse perfeitamente a letra do primeiro.

A letra da primeira parte, antes do fólio 266, descrita por Lindley Cintra, é gótica, bem desenhada, de tipo grande, regular e com as letras mais ou menos tão altas como largas. As hastes são bastante prolongadas nos dois sentidos. Existem, por vezes, hastes bifurcadas nas letras *b*, *l* e *h*. O *s* de dupla curva é empregue como maiúscula inicial e no fim de palavra, esta letra quando ocorre em final de palavra a curva inferior é frequentemente substituída por um ângulo agudo com um dos lados assentes na linha, estendendo-se o outro para debaixo dela. O *s* alto emprega-se na minúscula em início de palavra e no interior. O *r* redondo ocorre após vogais ou de letras de corpo redondo (*b*, *p* etc.). As letras *g* e *z* têm a haste longa e encurvada para a esquerda. O *m* em final de palavras apresenta, por vezes, a perna direita prolongada por baixo da linha e encurvada para a esquerda. O *y* não tem ponto. A letra *v* é utilizada abundantemente tanto em início de palavra como no seu interior, tanto com valor consonântico ou vocálico. A pontuação consiste no uso do ponto e do sinal de ponto e vírgula invertida com valor de ponto de interrogação. Há a preocupação, por parte do copista, em preencher as colunas na totalidade, o que o leva a preencher qualquer espaço em branco deixado no final de uma linha com um traço vertical cortado por traços horizontais ou por um traço em zigue-zague. Empregam-se poucas abreviaturas e de tipos muito recorrentes.

A letra da segunda parte, do fólio 266 em diante, é a mesma ou muito semelhante à que foi descrita acima. Partilha muitas características apontadas, divergindo no entanto nos seguintes pontos: estende-se num sentido vertical conforme as páginas. O *y* normalmente tem ponto. A haste do *z* não é curva, essa haste é mais longa do que a que ocorre na primeira parte e termina com uma leve inclinação para baixo. O *r* maiúsculo, ao contrário do que acontece na primeira parte, é muito abundante em qualquer posição, seja em princípio, interior ou final de palavra.

9. ORIGEM PROVÁVEL E HISTÓRIA DO CÓDICE

Há grandes possibilidades deste códice ter pertencido à biblioteca real. A sua riquíssima decoração é um dos factores importantes no que respeita à sua provável proveniência. O tipo de letra gótica usado neste códice, principalmente o da primeira parte, é muito similar ao manuscrito conservado na Biblioteca Nacional de Paris *Leal Conselheiro* e do *Livro da*

Ensinança de Bem Cavalgar. Existe uma característica que não é comum aos dois manuscritos: o emprego regular do *m* final com a perna direita prolongada por debaixo da linha em curva para a esquerda no manuscrito do *Leal Conselheiro*, que contrasta com o uso irregular no manuscrito *L*. Há várias concordâncias, mesmo em pormenores como a preocupação do copista em preencher todo o espaço das colunas, os ornatos que são desenhados com as hastes superiores nas primeiras linhas. A divisão das páginas em duas colunas de texto ou mesmo o número de linhas, 42 a 43 linhas. A semelhança no cuidado de iluminar as maiúsculas iniciais de capítulo mostra-nos a possibilidade de que a origem de ambos os manuscritos seja a mesma.

Um outro facto que ajuda nesta teoria é a presença de duas Crónicas de Espanha na lista de livros presentes na biblioteca de D. Afonso, uma das quais poderá ser a que está na Academia das Ciências de Lisboa.

Apesar destes dados, não nos é permitido afirmar com certeza que este manuscrito é o mesmo que se encontrava na biblioteca de D. Duarte, mas permite-nos pelo menos admitir com grande probabilidade que o códice em estudo foi escrito pelos escrivães da câmara de D. Duarte e decorado pelos seus iluminadores, no primeiro quartel do século XV e que se conservou lá algum tempo.

A frase “livro do sôr luis de alcaçoua carneiro” escrita no fôlio em branco que se segue ao fôlio 322, indica-nos onde estaria o manuscrito na segunda metade do século XVI. Luís de Alcáçova Carneiro era o filho primogénito de Pedro Alcáçova Carneiro, que foi secretário de Estado aquando do reinado de D. João III e de D. Sebastião, e foi, no tempo do Cardeal D. Henrique, conselheiro de Estado e vedor da sua fazenda. Luís de Alcáçova Carneiro era neto de António Carneiro, escrivão da câmara de D. João II e de D. Manuel, e bisneto de Pedro da Alcáçova, escrivão da fazenda de D. Afonso V e de D. João II, de quem também foi secretário, posteriormente foi referido no testamento do rei.⁷ O manuscrito pode ter sido um presente real a um dos antepassados de Luís de Alcáçova. Depois da sua morte na batalha de Alcácer Quibir em 1578, o manuscrito foi herdado pela sua filha, D. Luísa de Távora, mulher do sexto visconde de Vila Nova da Cerveira, e terá sido transmitido entre familiares. A biblioteca do quinto marquês de Castelo Melhor, João de Vasconcelos e Sousa Caminha Faro Veiga, continha a Crónica em 1878, aquando da morte do marquês, João de Vasconcelos e Sousa Caminha Faro Veiga, a biblioteca foi leiloadada. Foi nesse mesmo leilão que a Academia das Ciências de Lisboa comprou o códice por 202.000 réis.

⁷ CINTRA, Luís F. Lindley, *Crónica Geral de Espanha de 1344*, Edição crítica do texto português. Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1951, volume I, 1961, volume III, 1990, volume IV. Ed. Fac-similada, Lisboa, Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 1984. Pág. CDXCIX.

10. ANOTAÇÕES E EMENDAS

O códice tem várias emendas e anotações de diversas mãos e épocas. Algumas são muito difíceis de distinguir, pois a maioria das emendas são feitas sobre rasuras e confundem-se com a letra do copista, outras são notas tão breves e estão presentes em número reduzido que não permitem uma comparação e identificação das letras, sendo assim difícil de contabilizar a quantidade de anotadores.

É possível que muitas das emendas feitas sobre rasura não sejam imitações, mas sim letra do próprio copista. A diferença na cor da tinta pode dever-se a vários factores materiais, entre eles à elaboração de emendas depois de o códice já estar completo ou à própria raspagem do manuscrito. Mas nem todas as emendas são feitas pelo copista.

A um leitor dos finais do século XV ou inícios do século XVI se devem as anotações que estão identificadas nos fólhos 265v e 322v, os fólhos onde o códice é lacunar, na margem superior do manuscrito. As emendas dos fólhos 38b, 56d, 68b, 68d e 131b pertencem à mão de um copista do século XV. As restantes emendas e notas (51d, 69c, 95b, 97a, 130a, 131b, 273b, 274b etc) são de mãos posteriores, séculos XVI-XVII.

Bibliografia

- Academia das Ciências de Lisboa, *Relatório de conservação e restauro da Crónica de Espanha*, realizado em 30/01/2002 pela técnica Teresa Araújo.
- CINTRA, Luís F. Lindley, *Crónica Geral de Espanha de 1344*, Edição crítica do texto português. Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1951, volume I, 1961, volume III, 1990, volume IV. Ed. Fac-similada, Lisboa, Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 1984.
- KRUS, L., *Crónica Geral de Espanha de 1344* in LANCIANI, Giulia & TAVANI, Giuseppe (org.), *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 1993.
- PEDROSA, Marta, *Reconstituição do ms. L da Crónica Geral de Espanha de 1344 (1ª parte)*, Relatório Final de Estágio de Mestrado, Universidade de Lisboa, 2012
- RUIZ, Elisa, *Manual de Codicología*, Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, Ediciones Pirámide, 1988.
- SILVA, José Custódio Vieira da & MIRANDA, Maria Adelaide, ed. Levantamento fotográfico da Crónica Geral de Espanha – Ms. Série Azul 1, realizado no âmbito do projecto Imago. CD-ROM. Instituto de Estudos Medievais, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, s.d.

Crónica Geral de Espanha de 1344

Reconstituição do ms. *L*

fols. 113c – 322b

³CAPÍTULO CCCV

Aqui se acaba o reyno de dom Fruella, que foy hũu dos quinze reis depois de dom Paayo, e começasse o reynado de dom Affonso, o cĩquo dos reis de Leom, e em como elle reynou e de como leixou o reyno a seu irmão dom Ramiro e elle entrou em hordem.

Começasse a sua estorya:

[113c] Depois que el rey dom Fruella foy morto, reinou empos elle dom Afonso, o terceiro, filho del rey dom Ordonho, cinco annos e oito meses. E começou de reynar enna era de noucentos e trinta e tres annos e andava entõ o anno da encarnaçom de Nosso Senhor Jhesu Cristo em oitocentos e noventa e cinco annos e o do emperio de Armilffo, enperador de Roma, em onze e o do papa Formosio em hũu e o de Abdenaamer, rey de Cordova, em sete.

Este rey dom Afonso, o quinto, casou com hũa dona que avya nome dona Xemenia e ouve della hũu filho que chamaron dõ Ordonho, o Maa; e matarõno na cerca de Cordova.

E, do segundo anno ataa o quinto do reinado deste rey dom Afonso, nõ achamos razon que de contar seja a esta estorya se nõ tanto que, enno segundo anno deste rey dom Afonso, morreu o papa Formossio e foi posto em seu lugar o papa Bonifacio, quinto, e foron cõ elle cento e doze apostolligos. Este papa Bonifacio nõ vyveo mais que quatro meses. E, depois que elle foy morto, posto ẽ seu lugar Stevam, o sexto, e foron cõ elle cento ⁴ e treze apostolligos. Este papa Stevã nõ durou se nõ pouco e morreu logo. E foy posto em seu lugar Romano, o primeiro, e foron com elle cento e quatorze apostolligos.

Em este anno outrossi morreu o emperador Armilffo e reynou em seu lugar seu filho, Luys, o terceiro, onze ãnos. E, ẽno terceiro ãno / [113d] deste rey dom Afonso, morreo o papa Romano e foi posto em seu lugar Theodoro, o segundo, e foron com elle cento e quinze apostolligos. E, enno quarto anno deste rey dom Afonso, morreu este papa Theodoro e foy posto em seu lugar Johãne, oytavo, e foron cõ elle cento e dez e seis apostolligos.

CAPÍTULO CCCVI

Como el rey dom Afonso deu o reyno a seu irmão dom Ramiro e entrou elle em ordem

Andados cinque ãnos do reynado deste rey dom Afonso – e foy esto enna era de novecẽtos e trinta e sete annos e andava entõ o anno da encarnaçom em oitocentos e noventa e nove ãnos e o do emperio de Luys, emperador de Roma, ẽ tres anos – este rey dom Afonso, o quinto, quis escolher carreira de peendẽça; e esto, por que avya o coraçom leve mais que por outra sanctidade nem hũa. E fez voto e promissom d’entrar ẽ ordem e trabalhou de fazer rey em seu lugar dom Ramiro, seu hyrmãao. E, assi como o pose, assi o comprio per obra. E enviou logo mandado a dom Ramiro, seu irmão, que era ẽ Viseu, que vesse a elle. E dom Ramiro, logo que aquello ouvyo, ⁵ veosse pera Çamora con grande cavallaria. E el rei dom Afonso deulhe logo o reyno; e alçarõno logo ally por rey.

E, depois que esto ouve feito el rei dom Afonso, foisse pera hũu moesteiro, que era ribeira de Cea, que avya nome entom d’Onhe Santos – e diz a estorya que este moesteiro he o de Sam Fagundo. E meteusse ally monge pera servir a Deus e pera comprry aquello que assi prometera.

CAPÍTULO CCCVII

Como reynou rey dom Ramiro e de como sayu el rey dom Afonso da / [114a] ordem e alçousse em Leom e de como el rey dom Ramiro e o teve cercado grã tempo

Departido avemos em que maneira reynou este rey dom Ramiro e como ouve o reyno, leixãdoo el rey dom Afonso, seu irmão, e dandoo a elle. E, depois que este rey dom Ramiro ouve o segundo senhorio, reinou viinte annos e dous meses. E começou o primeiro anno do seu reynado ẽna era de novecentos e trinta e nove annos e andava o anno da encarnaçom ẽ novecentos e hũu e o do emperio de Luys, emperador de Roma, ẽ quatro e o do papa Johãne em dous e o de Abdenaamer, rey de Cordova, em treze, e o dos Allarves em trezentos e doze.

Este rey dom Ramiro era muy forte guerreador contra os mouros. E, estando elle ẽ Çamora ajuntando sua hoste pera lhes correr a terra, veolhe recado como seu irmão dom Afonso era saído da horden, ca, ẽ verdade, assi como se elle metera ẽ ella com liviidade, bem assi se saya outrossy della com pouco sisso. E forasse pera Leom e alçarasse hy pera cobrar o ⁶ reyno. El rey dom Ramiro, logo que o soube, foisse pera Leom com aquella hoste que tiinha ajuntada e cercou hi seu irmão dom Afonso e

teveo hi cercado dous annos.

E em esse anno morreu o papa Johãne e poserom em seu lugar Bêeto, o quarto, e forom com elle cento e dez e sete apostolligos.

Agora leixaremos aquy de fallar desta razom e tornaremos a cõtar de como os Castel/lãaos [114b] ouverõ conselho de averẽ caudilho do seu senhorio.

CAPÍTULO CCCVIII

Como os ricos homens de Castella alçaram por conde Fernam Gonçalves

Andado aquelle primeiro ãno do reynado deste rey dom Ramiro, ã mentre que elle tiinha cercado em Leom seu irmãoo dõ Afonso, o Mõge, ouverõ seu conselho os ricos homens e cavalleiros de Castella de alçarem por conde Fernam Gonçalves, filho de Gonçallo Nunez, depos morte de seus irmãosos que eram mayores que elle e durarom pouco tempo. E este Fernã Gonçalves era ja grande e valiente e mui bõo pera tomar armas. E entõ o tomarõ por conde e por senhor, ca o amavã muito e o preçavam. E nõ faziam em ello sem razom, ca elle foy muy bõo fidalgo e verdadeiro e muy entendido e foy despois adyante muy justioso e muy dereito e acrecentou muyto no senhorio de Castella, assy como vollo a estorya devisara adeante.

Hora leixaremos a fallar desto e tornaremos a contar del rey dom Ramiro de Leom.

⁷CAPÍTULO CCCIX

Como el rey dom Ramiro prendeu seu irmãoo e seu sobrinho e o cegou

Avendo dous annos do reynado deste rey dom Ramiro – e foy esto enna era de novecentos e trynta annos e andava outrossi o ãno da encarnaçom em novecẽtos e dous ãnos e do emperio de Luis, emperador de Roma, em cinco – e, em quanto este rei dom Ramiro teve cercado dom Afonso, seu irmãoo, em Leom, assi como avemos dito, alçaronse ennas Esturas dõ Afõso e dom Ordonho e dom Ramiro, filhos de dom Fruella; e honrravã todos dom Afonso, [114c] por que era o mayor, e alçarõno por rey.

E os Esturãaos consstirõ em esto de se fazer desta guisa por o grãde pesar que avyam por quanto el rey dõ Afonso leixou o reyno e foy seu irmãoo dom Ramiro alçado por rey e nõ forom hi chamados. E porem consstirõ a aquelles tres irmãosos que se assy alçarõ e consstirõ com elles. E os Esturãaos ãvyarom entom enganosamente dizer a el rey dom Ramiro que queryã fallar com elle. E a falla que elles queryam fallar com elle era esta: queryãno prẽder e metello em poder dos ifantes, filhos del rey dom Fruella. E el rey dom Ramiro foy pera allo cõ grande hoste, ca entẽdeu bem a maldade que lhes queryam fazer. E lidou com elles e prendeuos e levouhos consigo e meteuhos ãno carcer em que jazia seu irmãoo, el rey dom Afõso.

Em esto, fez hũu moesteiro a par de Leom aa honrra de Sam Johã e meteu ã elle o irmãoo e seus sobrynhos; e mãdoulhes hy dar quanto ouvessem mester, ataa que fosse sua mercee. Aquelle dom Afõso ouve cinque annos que reynava quando leixou o reyno, assy como ja dissemos. E, acabados ⁸ aquelles cinque annos tiraronlhe os olhos. E vyveo despois dous annos e sete meses; e morreu. E foy soterrado ãno moesteiro de Sam Julyã, com sua molher, dona Xemenã, e com seus sobrynhos, assy como diz dom Luchas de Tuy. E fez despois este rey dõ Ramiro boa peendẽça por este feito.

Em este ãno em que esto aconteceu, morreo o papa Beento e foy posto em seu logar Leom, o quinto, e forõ com este cento e dezoito apostolligos. E, despois que ouve quareenta dyas compridos, foy preso o apostolligo, dhũu clérigo de missa que avya nome Cristovom; e deytouho em carcer por mal que fezera ãna Sancta / [114d] Igreja. E foy feito papa e posto em seu logar este Cristovom e forom desta guisa con elle cento e dez nove apostolligos. E foy este o primeiro apostolligo que ouve nome Cristovom.

CAPÍTULO CCCX

Como el rey dõ Ramiro de Leon e o conde dom Fernã Gonçalves de Castella lidarom com os mouros e os vencerom

Passados tres annos do reynado deste rey dõ Ramiro, ajuntou el sua hoste muy grande e foi entrar pello reyno de Tolledo; e cercou Madride e quebrantou os mouros e roubou toda a villa e queymouha e levou muytos mouros cativos. E tornou-se dally pera sua terra muy honrrado e em paz.

⁹ Em esto, Acefaly, príncipe dos mouros, que era muy poderoso, quãdo esto ouvyo, achegou muy grande hoste de mouros e começou de guerrear Castella e de fazerlhe grande dampno. E o conde

Fernam Gonçalves, que êtom era senhor della, logo que o soube, o feito daquelle mouro, êvyouho dizer a el rey dom Ramiro de Leom. E elle, como o ouvyo, nō se quis nembrar do mal que lhe fizeram os ricos homens de Castella e sacou logo sua hoste sua hoste muy grande e foy ajudar o conde dom Fernam Gonçalves. E ajuntaronsse as hostes ambas em hũu e forom cōtra os mouros, que lhe disserom que erã em Osma. E, quando hy chegarom, acharōnos e lidarom com elles; e tam fortemente os ferirō que polla mercee de Deus forom vencidos os mouros. E morrerom hy muytos delles e cativarom muytos e os outros fugirom. E levarō daquella vez os cristãaos muytos mouros cativos. E tornousse el rey dom Ramiro pera Leom cō grande honrra e o / **[115a]** conde dom Fernã Gonçalves cō grande boa andança.

CAPÍTULO CCCXI

Como el rey dom Ramiro foy sobre Saragoça e se tornou seu vassallo Venychya, rey dessa cidade

Quando foron andados seis annos do reynado deste rey dō Ramyro sacou el sua hoste muy grande e levou conssigo o conde dō Fernam Gon¹⁰ çalvez de Castella e foy sobre Saragoça. Mas Abemel, o que entom rey desse logo, quando vio el rey dom Ramiro e o conde Fernã Gonçalves ambos acordados em hũu, ouve delles muy grande medo e tornousse vassallo del rei dom Ramiro cō toda sua terra. E mētyo Abdenaamer, rey de Cordova, cujo vasallo era. Desy el rey dom Ramiro fez que lhe obedecessem todallas fortellezas e os castellos que eram alçados no reyno de Saragoça, per força e por quebranto que lhes deu, e per sabedorya os tornou ao senhorio. E, depois que esto ouve feito, tornousse muy honrradamente pera Leom e o conde dom Fernam Gonçalves pera Castella. E el rey dom Ramiro e o conde dō Fernã Gonçalves pagavāsse muyto hũu do outro e eram muyto amigos.

E, depois que elles foron viindos, Beniechya, rey de Saragoça, tirousse da postura que fezera con el rey dom Ramiro e mētiulhe; e tornousse aa vassallagem del rey de Cordova.

CAPÍTULO CCCXII

Como el rey dom Ramiro venceu Abdenaamer, rey de Cordova

No anno seguinte ¹¹ chegarom novas a el rey dom Ramiro como lhe eram entrados em sua terra Abdenaamer, rey de Cordova, e Abenachya, rey de Saragoça, com grande hoste de mouros, e que avyã chegado a/taa **[115b]** Symãcas. E el rey dom Ramiro, logo que o soube, sayu contra elles e lidarō ally e forom vencidos os mouros; e morrerō hy delles oiteenta vezes mil. E esto foy certamente em dya de Sam Juste e de Sã Pastor; e ainda diz dom Lucas de Tuy que era segunda feira. E Abenhya foy hy preso. Mas os outros mouros que fogir poderon acolheronsse a hũu castello que avya nome Alfandega e leixarō no campo muy grandes averes.

E el rey dom Ramiro, avendo grande cobiija de matar ante os mouros que aver delles os roubos, foy empos elles ão emcalço e cercouhos enno castello em que se colheron. E Abdenaamer escapoulhe de morte com muy poucos dos seus fogyndo. E, segundo o que conta a estorya, em aquelle dia escureceu o sol e durou a escuridade hũa ora do dya. Depois que esto foy acabado, tornousse el rei dom Ramiro cō sua hoste, com muy grandes gaanças de ouro e de prata e de pedras preciosas e doutras cousas muitas e muy ricas e cō muytos cativos; e levou cativo Abenhya.

¹² **CAPÍTULO CCCXIII**

Como el rey dom Ramiro de Leō prendeu dous altos homens que se lhe alçaron e deytou os mouros do seu reyno

Avendo dous anos que esto passara, estãdo el rey dom Ramiro em sua terra em paz, nō se catando de tal cousa, hũu rey mouro, que avya nome Aceffa, entroulhe ão reyno per ribeira de Tormes com grande hoste e começou logo a pobrar, enno reyno deste rey dom Ramiro, Sallamãca e Ledesma, Ribas e Banhos e a Alfandega e Pena Gussende e outros muytos castellos; e esto, con conssentimento e conselho de dous altos homeens deste rey dom Ramiro que avyam nome, hũu, / **[115c]** Fernam Eanes, e o outro, Diego Nunez, que se alçaron e ajudaron o rey mouro.

El rey dom Ramiro, avendo grãde pesar da treijom que lhe aquelles ricos homeens faziam, sacou sua hoste e apoderousse muy ben e foy contra aquelles mouros; e fezelhos tam grande guerra e tanto mal que per força ¹³ ouverom de leixar as pobras que avyã começadas de fazer. E, en aquella terra em que assi andava fazendo guerra aos mouros, prendeu aquelles dous ricos homens; e meteu hũu delles em Leon ão carcer e o outro ão castello de Ardom. Mas, depois a tempo, por que os outros ricos homeens do reyno tiinham aquella prisom por maa, sacouhos el rey della, jurãdolhe elles que

lhe fossem leaees dally adyante.

Em esta sazón pobrou o conde dom Rodrigo Amaya e levou muytos roubos de Sancta Ilhena que he em terra d'Esturas. E em este tempo pobrou o conde dom Nuno Nunez Roda, assy como diz dom Lucas de Tuy. E pobrou outrossy o conde dom Gonçallo Osma. E Fernam Gonçalvez pobrou Sepulvega. Estes ricos homeens se alçarom todos em hũu contra el rey dom Ramiro. Mas el rei trabalhouse quanto pode per sua sabedorya de os tornar pera sy e de os poer em seu amor, ca nõ querya que tantos bõos homẽes como estes fossem contra a cristaydade nem que fizessem cousa nem hũa contra Deus.

CAPÍTULO CCCXIV

Das obras del rey dom Ramiro de Leom, que fez per conselho de sua molher

Quando forõ andados dezoito annos do reynado deste rey dom Ramiro – e foy esto ãna era de novecentos e quarenta e nove annos e andava o ãno da êcarña/çon [115d] de Nosso Senhor ã novecentos e onze annos e o do emperio de Corrado, êperador de Roma, em tres – em aquele anno meesmo meteusse el rey dõ Ramiro a fazer boas obras de misericordia e per conselho da raynha sua molher, dona Tareyja, aquella a que ante diserom dona Frol ¹⁴ lentina, irmãa de dom Garcia, o Temeroso, rey de Navarra. E fez enton esse rey dom Ramiro o moesteiro de Sant'Andre e Sam Cristovõ sobre Tejo; e fez outrossi, em honrra de Sancta Marya, outro sobre Doyro; e fez outro moesteiro em honrra de Sam Migueel ã Valdorna, ao que hora dizem de Ystrien; e enriqueceuhos de muytas herdades e deulhes o que ouverom mester.

Em esta raynha dona Tareyja ouve el rey dom Ramiro hũu filho a que chamavã dom Sancho, o Gordo, e hũa filha que ouve nome dona Elvyra. E, depois desto, casou el rey dom Ramiro con dona Orraca, filha do conde dom Fernã Gonçalvez de Castella.

Depois desto, fez este rey dom Ramiro hũu moesteiro em Leon, a par dos seus paaços, em honrra de Sam Salvador; e meteu hy em ordẽ aquella dona Elvira, sua filha e da raynha dona Tareyja.

Dos dez e nove annos ataa os viinte do reynado deste rey dom Ramiro nõ achamos nõ hũa cousa que aa estorya perteeça, se nõ tanto que, enno deceno anno, morreo Sergio, papa, e foy posto em seu logar Anastasio, o terceiro, e foron com elle cẽto e viinte apostolligos. E, depois, o papa Anastasio a poucos dias morreo e foy posto em seu logar Donado, o prymeiro, e forõ com elle cento e vĩite e hũu apostolligos.

Em este ãno outrossi, lidou ho conde Fernã Gonçalvez com os Navarros e os Aragoeses / [116a] ennos lomos de Larracom, sobre Cerego, e venceuhos. E, ennos dez e seis annos deste rey dom Ramiro, morreo o papa Domado e foy posto em seu logar Joham, o noveno, que era bispo da cidade de Roma, e foron com elle cento e vĩite apostolligos.

¹⁵ **CAPÍTULO CCCXV**

Da morte del rey dõ Ramiro

Andados dez e nove ãnos do reinado deste rey dom Ramiro – e foy esto enna era de novecẽtos e quarenta e dous annos e andava entom o ãno da encarnaçom ã novecentos e dez e nove annos e de Anrrique, emperador de Roma, em quatro – em esse anno sacou el rey dom Ramiro sua hoste muy grande e foy a terra de mouros correr hũu castello que antigamente avya nome hy Auguas e he aquelle a que hora dizem Tallaveira; e he ãna ribeira de Tega, doze legoas de Tolledo. E os mouros, como souberon, veherõ logo pera acorrer ao castello e lidarom elles ally com el rey dom Ramiro mas forõ os mouros vencidos e morrerõ hy deles doze mil; e cativarom sete mil. E desy tornou-se el rey dom Ramiro pera sua terra muy honrrado.

E, depois desto, foyse pera Ovedo ã romarya e adoeceu hi muy mal. E mandousse logo levar a Leom. E confessousse logo muy bem; e foi esto ã vespera d'Apariço; e recebeu ally dom Ramiro o corpo de Deus muy, devotamẽte, em presença de bispos e abades que hy eram e disse assy:

¹⁶ – Desnuado naci do vẽtre de mynha madre e desnuado me irei deste mundo. Deus padre, ave mercee desta mynha alma, ca eu, avendote ã mynha ajuda, nõ averya medo de nõ hũa cousa que me homẽ podesse fazer.

E, esto acabado, morreu; e foy enterrado ãno / [116b] moesteiro de Sam Salvador, o que elle fezera em Leon pera sua filha dona Elvira. E foy este dom Ramiro os dez e sete rey depois del rey dom Paayo.

CAPÍTULO CCCXVI

Começasse o reynado de dom Ordonho, rey de Leon, como veherõ sobre elle el rey de Navarra e o conde dom Fernã Gonçalvez de Castella, em ajuda do iffant dom Ramiro, pera aver o reyno

Depois que el rey dom Ramiro foi morto, reynou empos elle seu filho dõ Ordonho e foy o terceiro dos reis de Leom que per este nome foram chamados; e reinou cinque ãnos e seis meses. E começouse o primeiro anno do seu reinado enna era de novecentos e saseenta e oito annos e andava o ãno da encarnaçon de Nosso Senhor ã novecentos e viinte annos e o d'Anrrique, emperador de Roma, ã cinco e o de Johanne, papa, em quatro e o de Abdenaamer, rey de Cordova, em trita e dous e o dos Allarves em trezentos e trinta e hũu.

Deste rey dom Ordonho conta a estorya que era sisudo assaz e sabia teer ben sua fazenda e aviirsse com seus vassallos muy ben. Mas seu irmãao, o iffante dom Sancho, que el rey dõ Ramiro ouvera ãna rainha ¹⁷ dona Tareyja, irmãa del rey dom Garcia de Navarra, fuisse pera Pompollona e aconselharsse com aquelle seu tyo, rey dom Garcia, e con o conde dõ Fernam Gonçalvez sobre feito do reino, se lhe daryam conselheiro per que o podesse elle aver. E elles prometeronlhe que o ajudaryam pellos corpos e ambos per pessoa por deitar do reyno dõ Ordonho e que ho / [116c] ouvesse dom Sancho. E chegarõ ataa cima de Leom.

Mas el rei dom Ordonho era muy atrevudo em armas e defendeu muy ben sua terra a quantos cõ elle veheron. E el rei de Navarra e o conde tornaronssse, nom comprindo aquello por que veherom, pera suas terras.

E, depois que el rei de Navarra e o conde Fernã Gonçalvez foron tornados pera suas terras, leixou el rey dom Ordonho a dona Orraca, sua molher, filha do conde dom Fernã Gõçalvez, a qual elle tomara por poer paz antre os Leoneses e os Castellãaos. E, segũdo aquelle feito que o conde fizera em ajudar aquelle con que nõ avya divido e vehera contra seu genrro, mostrousse por seu imiigo, por a qual razon lhe leixou a filha. E casou com outra dona que avya nome dona Elvira; e ouve della hũu filho que ouve nome dom Vermudo; e sayu doente dos pees, de hũa doença a que os fisicos e os sabedores dizem pedraga.

CAPÍTULO CCCXVII

Como el rei dom Ordonho foy sobre os Galegos e os tornou ao seu senhorio

Andados dous annos do reynado deste rey dõ Ordonho – e foy esto ãna era de novecentos e cinquenta e nove annos – os Galegos ouvyrõ dizer ho desacordo que era antre os Leoneses e os Castellãaos e começaram de se ¹⁸ alçar contra seu senhor el rei dom Ordonho. E elle, como ho soube, sacou logo sua hoste sobre elles e tomouhos. E, sobre esto, destroyu e queymou quanto hi achou. E, segundo o que conta a estorya per seu latim, tornou-se rico e honrrado pera sua terra con grande roubo e muytos cativos.

Do terceiro anno do reynado deste rey dom Ordonho, nom achamos cousa que de contar seja que pera aquy perteeça.

CAPÍTULO CCCXVIII

Do amor que poseron antre sy / [116d] el rey dom Ramiro e o cõde dõ Fernã Gonçalvez e como lidou o conde con os mouros e os venceu e da morte del rey dom Ordonho

Andados quatro ãnos do reinado deste rey dom Ordonho – e foy esto enna era de novecentos e saseenta e hũu annos – guisando este rey dom Ordonho sua hoste muy grande pera hyr sobre o conde dom Fernam Gonçalvez de Castella, por que sabya que o conde avya grãde sabor de meter buliço no reyno, e em hyndosse pera allo, ãviou o conde algũs de seus ricos homẽes que lhe dissessem que elle aparelhado estava pera seu serviço e nõ pera seu deserviço e que querya aver seu amor. E a el rey prougue muyto. E dalli adyante ouve antre elles amor.

Mas os mouros, por que souberon que el rey dom Ordonho e o conde dom Fernam Gõçalvez estavã desaviindos, veheron sobre Sancto Estevã de Gormaz, que he ã ribeyra de Doyro, e cercarõno e correrõ toda a terra ataa ¹⁹ Burgos. E o conde dom Fernam Gonçalvez foy a elles cõ a cavallarya del rei dom Ordonho e con a sua. Os mouros, como esto souberon, fugirõ. E o conde foy empos elles ataa o Doyro, seguyndoos e alcaçandoos, e matou muytos delles e cativou outrossi muytos que trouxe presos. Em este ãno, guysando este rey dom Ordonho sua hoste pera hyr sobre os mouros, aconteceu assy que enfermou de maa guisa, ca dessa infirmitade morreo ã Çamora. E foy levado a Leon e enterrarõno ãno mosteiro de Sam Salvador, o que seu padre fizera. Pero algũs deziã que lidou com o conde dom

Fernam Gonçalves e que o matou.

²⁰ CAPÍTULO CCCXX

[117a] Do reynado del rey dom Sancho e como foy alçado por rey dom Ordonho o Maaio em quanto elle foy a Cordova penssar de sy

Morto el rey dom Ordonho, alçarõ por rey em seu logar dõ Sancho, seu irmão; e este foy o primeiro que dom Sancho ouve nome ennos reis de Leom. E reinou doze annos. E o primeiro anno do seu reinado começou enna era de novecentos e saseenta e tres annos e andava entom o anno da êcarção em novecentos e vinte e cinque annos e o de Anrique, emperador de Roma, em dez e o de Luys, rey de França, em hũu e o de Johãne, papa, em dez e o de Abdenaamer, rey de Cordova, em trinta e sete e o dos Allarves em trezentos e trinta e seis annos.

Entom o conde dom Fernã Gonçalves de Castella, con os ricos homens de Leom, quando souberon que dom Sãcho era alçado por rey, ouveron conselho todos em hũu, em que maneira deytassem do reyno el rei dom Sancho. E elle, como o soube, foyse pera el rey dom Garcia de Navarra, seu tio.

E este rey dom Sancho era muy grosso sã guisa, em maneira que nõ podia calvagar, se nõ com grande trabalho. E porende lhe disserom este ²¹ sobrenome dõ Sancho, o Gordo. E por esso foy filhar conselho com el rey dom Garcia por feito daquella gordura, pera saber que lhe poderya fazer pera a perder. E el rey dõ Garcia aconselhou que se fosse pera Abdenaamer, rey de Cordova, e que lhe / [117b] demandasse conselho em tal cousa, ca elle o sabya bem e avya pera ello nobres mestres. E el rey dom Sancho tomou conselho em tal cousa por o de seu tio, rei de Navarra, e veeo enton fazer pazes cõ Abdenaamer. E, depois que foram postas as pazes, foyse logo el rey dom Sancho pera Cordova. E Abdenaamer, como o soube, sayuho logo a receber muy honrradamente e deulhe seus fisicos muy boos, que penssassem delle. E guareceu daquella gordura tam bem que tornou a seer assy delgado como outro qualquer homem que delgado fosse.

E, em quanto el rey dom Sancho era en Cordova, alcaron aco o conde Fernam Gonçalves e os ricos homeens de Leom por rey dom Ordonho, o Maaio, filho del rey dom Afonso, o Cego, e da rainha dona Xemenia. E o conde Fernam Gonçalves deulhe enton por molher sua filha, dona Orraca, a qual leixara el rey dom Ordonho. E, dally adyãte, começou o conde a manteer sua terra mais seguramente que ante fazia.

Em aquella sazom, avya em Castella e ã Allava hũu mancebo dos mais nobres do reyno e dezianlhe per nome Vella. Este dom Vella se alçou contra o conde dom Fernã Gonçalves e nõ lhe querya obedecer, por que tiinha que era homẽ de tam alta guisa e mayor que nõ elle. Mas o conde fezlhe tanto mal e tanto o seguyu que o prẽdeu, de guisa que lhe ouve de leixar a terra e hyrsse pera os mouros.

Em este anno, prenderom a Johãne papa cavalleiros do duc das Marchas; e meterõno ã prison e deytarõno enno carcer. E, logo a poucos ²² dyas, escabeçarõno. Mas a estoria nõ diz por qual razom nõ nos outrossi nõ o sabemos. E, depois que aquelle apostoligo Johanne foy morto, poserom en seu logar, Martinho, o decimo apostolligos.

[117c] Aqui leixa a estoria de fallar destas razões e torna a el rey dom Sancho.

CAPÍTULO CCCXXI

Como el rey dom Sancho cobrou o reyno e fugio dom Ordonho, o Maaio

Andados dous annos do reynado deste rey dom Sancho depois que foy guarido da groseza que avya em si, veeosse pera sua terra com grande hoste de mouros que lhe deu Abdenaamer, con que cobrasse o reyno que avya perdido. Mas dom Ordonho, o Maaio, como era homem de fraco ²³ coração e medroso, quando o soube, tam grande foy o medo que ouve que logo fugiu de noyte aas Esturas, pera se defender ennas montanhas altas. E el rei dom Sancho, logo que chegou, os da terra receberõno muy ben; e cobrou o reyno e apacificou seus vassallos e aveeosse con elles muy bẽ.

Aquelle dom Ordonho, o Maaio, sendo avorrecido de Deus e dos homens por seus maaos feitos, nõ se atreveo de viver nas Esturas e fugiu pera o conde dom Fernã Gonçalves, que era seu sogro. E o conde tomoulhe logo a filha que lhe dera por molher e casouha cõ outro marido; e elle, com dous filhos seus que tragua consigo, deytouhos de Castella. Dom Ordonho, o Maaio, quando aquello vyo, ouvesse de hyr pera os mouros a maaio seu grado, ãmentre vyveo, e esteve com elles, deshonnrado e doestado delles, sofrendo muyta lazeira.

El rei dõ Sancho, depois que ouve assessegada a terra e seu reyno, casou con hũa dona que avia nome dona Tareyja e ouve della hũu filho a que chamavã dom Ramiro.

²⁴ [...] Mas agora leixaremos aquy de fallar desto e tornaremos a dizer dos Castellãos como

fezerom seus juizes. s. Nuno Rassoira e Laym Calvo, donde veherom / [117d] os reis de Castella. Por que de Nuno Rassoira sayu Gonçallo Nunez. Este dom Gonçallo Nunez ouve tres filhos: o primeiro foy Diego Gonçalvez e o segundo, Roy Gonçalvez – e estes durarom pouco; e o terceiro, o conde dom Fernam Gonçalvez, o bem aventurado e de grãdes feitos.

E, morto dom Gonçallo Nunez, alçaron os Castellãaos por conde dom Fernam Gonçalvez, que fora criado ennas montanhas, assy como vollo contaremos. E entõ era Castella muy pequena terra, ca nõ chegava mais o senhorio della ca da serra do monte d'Oca ataa a ponte de Fiteiro e tiinhã os mouros Carraço, que era a par de Sam Domynghos dos Sillos. E este condado de Castella, que enton era muy pequeno, fezeo este conde dom Fernam Gonçalvez muy grande e acrecêto em elle muyto, como muy bõo cavalleiro que elle era e cõ muy bõos vassallos e muy leaaes que elle sempre ouve e de que foy sempre muy ben servido.

CAPÍTULO CCCXXIII

Como foy criado o conde dom Fernan Gonçalvez

O conde dom Fernã Gõçalvez, quando era moço, seu padre dom Gonçallo Nunez avya de fazer muyto con os mouros e cõ outros vezinhos que avya. E deuho a cryar na montanha. E criouho hũu cavalleiro bõo que era ²⁵velho de ydade e nõ podia ja husar armas como compria. E o cavalleiro era muy preçado e muy sisudo e de boas manhas. E, assi como elle era muy bõo, assi mostrava ao conde dom Fernã Gonçalvez todo aquello que lhe compria de fazer pera tal homẽ como elle era e o estado em que despois foy. E, quando chegou / [118a] aos dez e seis annos, foi tam grande e tam vallente que aadur acharyam em toda essa terra homẽ de sua hidade ou de mayor que tam ben ouvesse o corpo e as manhas. E, quando morreo seu padre, foram os cavalleiros por elle aa montanha onde o cryavã e trouxerõno pera Burgos; e veeo com elle seu amo, a que elle despois fez muyto bẽ. E, depois que chegou a Burgos, filharõno os cavalleiros por senhor e fezerõno conde, o que nõ fora seu padre nem seu avoo.

Estando o conde dom Fernam Gonçalvez em Burgos con os cavalleiros que o filharom por senhor e fezerom conde, chegaronlhe novas que os mouros lhe corryã a terra e lha estragavã, cuydando que nõ avya hy senhor. E, estando o conde em sua camara apartado, pos os giolhos em terra e fez sua oraçom a Deus em esta guisa:

– Senhor Deus, dador de toda graça, peçote por mercee que esta terra que me deste a mandar, que me des graça que eu sempre taaes obras em ello faça que sejam a teu serviço, em honrra do senhorio de Castella e dos seus naturaaes e acrecentamẽto da tua sancta fe catholica.

²⁶**CAPÍTULO CCCXXIV**

Como o conde dom Fernã Gonçalvez cobrou a Carraço

Depois que o conde dõ Fernam Gonçalvez chegou a Burgos e recebeu sua terra e menagem dos seus, assy como vos ja avemos dito, moveo dhi com suas companhas que pode aver e foy cercar Carraço. E per tal guisa o combaterõ e per tal guisa aficarom os mouros que ouverom de dar o castello, maaõ seu grado, ante que lhes Almonçor acorresse.

Quando Almançor soube como o conde lhe avya tomado Carraço, / [118b] foy muy sanhudo e mandou logo per todos seus reynos e a todos seus altos homeens, que logo fossem com elle cõ as mais companhas que podessem aver. E, despois que todas suas gentes ouve juntadas, moveo logo pera Castella, dizendo que nõ quedaria ataa que nõ achasse aquelle sobervoso que lhe tomara Carraço.

²⁷**CAPÍTULO CCCXXVI**

Como o conde dom Fernam Gonçalvez soube como Almançor o viinha buscar e do consselho que sobre ello ouve com os seus

O conde, depois que ouve os seus todos ajuntados, pediolhes consselho. E hũu homẽ boo, que avya nome Gonçallo Diaz, disselhe que, quanto fazer podesse pera partir esta lide, que o fizesse, ca atam grãdes eram as gentes que Almançor tragia que nõ era no mundo outro poder que o devesse a atender; e esto que o nõ dizia por outro mal nem hũu se non como o entendya; e se o outrem melhor entendesse, que o dissesse. E el dizia verdade, ca o non dizia con medo que ouvesse, como aquel que era muy bõo cavaleiro d'armas e muyto ardido.

E, ante que outro nenhũu fallasse, disse o conde dõ Fernã Gonçalvez que esto nõ era conselho pera se aver de fazer nem qual a el nẽ a eles era compradoiro; pero que ben fazia el que o non dizia con

mingua que en el ouvesse, ca en toda Castella o avyam por bõo cavaleiro d'armas. Entom disse o conde a todos assi:

– Amigos, paremos mentes a nossos antecessores, como passaram sempre muy bem e muy honrradamente con aqueles donde nos viimos en todos seus feitos. Por que, tal conselho como este que Gonçallo Diaz disse, se o assi fizessemos, tornariamos servos e sugeitos dos mouros pera sempre. / **[118c]** Desy paremos mentes nos maaos conselhos que derom a el rey Rodrigo, que era senhor de toda a Espanha, que perdeo toda a terra e cobraronna os mouros, que, se hora outra vez se perdesse, tarde seria cobrada ou per ventuira nũa.

²⁸E por esto non compria de se fazer desta guisa. Disselhes ainda mais:

– Amigos, sempre aqueles onde vos viindes tiveron por razon de morrer ante seus senhores e de fazerem mais por elles que nen hũus outros de nen hũa outra terra por os seus e de non consentirem, a nehũu senhor que ouvessem, que fizesse nen hũa cousa que desaguizada nem sem razon fosse nem que lhe caesse en mingua nẽ ã vergõça. E, daquello que el rey Rodrigo perdeo per conselho maaos que ouve, non ficou en Spanha se non muy pouca terra nas montanhas, assi como sabees. E, con muy poucas companhas daquellas que ficaram vyvas, os senhores que depois veeron por que foron boos cobraron todo aquello que pellos outros fora perdido. E porem em maaos dya nos fomos nados se nos avemos de mynguar daquello que elles fezeron e perder o que elles guañharõ. E melhor nos seria morte honrrada que vida con desõrra; ca, por medo de morte, nũa elles leixarõ de fazer o melhor e por esso cobrarõ esto que nos hora avemos. Porem, daquy adeante, non fallemos sobr'esto, mas guisemonos como vaamos aa lide e ally departiremos sobre ²⁹aquello que virmos que nos mais compre. E pero que Almançor ha grande poderio, eu ey tãta fiança en Deus que ele sera vécido e desõrrado e nos hõrrados e vencedores, ca mais pode hũu leon que mil ovelhas e ben assi mais podera hũu de nos que mil deles, ca elles serem ovelhas e nos leõoes.

Cõ estas pallavras e outras muytas que o cõde disse, pos grande esforço nos seus; / **[118d]** e disseron todos que o mantevesse Deus e que dizia muy ben e que elles o serviriam en tal maneira que elle tiraria honrra ou todos morreriam ant'elle.

CAPÍTULO CCCXXVII

Como o conde Fernam Gõçalvez se partio pera hyr pelejar con Almançor e como andando ao monte, achou o hermitã na hermidã e lhe disse como avya de passar cõ Almãçor

En outro dya grande manhã, partio o conde dom Fernã Gonçalvez con todo seu poder contra Almançor. E andou tanto per seu caminho ataa que chegou a Lara. E elle era homen que se pagava muyto de monte e de ³⁰toda caça de ribeira. E os monteiros seus acharon hũu porco muy grande en aquella montanha, a par donde hora esta a egreja de Sam Pedro d'Arlance, e disserõlho. Entom disse el a suas companhas que estevessem quedas e que el hiryã allo e logo se tornarya a elles.

Enton se foy con os monteiros e andarõ pella montanha ataa que o acharõ. O conde, como vyo o porco, foy empos elle e tanto o aficou de toda parte ataa que se o porco foy meter en hũa hermidã antiga, que estava toda cuberta de era, en guisa que non pareçia della nada; e possesse o porco tras o altar. Quando o conde vyo hir o porco per aquella pena açima, pensou d'entrar per aquelle logar, nõ cuydando el que era hermidã. E prendeo seu cavalo a hũa arvor e foyse de pee açima hu se o porco metera. E ³¹aquella hermidã avya nome Sam Pedro e moravõ en ella tres mõges que viviam muy lazeradamẽte.

O conde, depois que foy en çima, entrou pella hermidã ataa o altar e vyo o porco estar tras elle. E, quando o assy vyo, non o quis matar **[119a]** e tornou-se per a par da hermidã; e pos os geolhos en terra e alçou as mãas ao ceo e fez sua oraçõ en esta guisa:

– Senhor Deus, a que temen todolos elemẽtos, se eu aquy fiz algũu erro, perdoamo por a tua sancta misericordia. E rogo a vos, Virgem gloriosa, Senhora Santa Marya, por a vossa piedade, que peçaes ao vosso filho, meu Senhor Jhesu Cristo, mercee por mỹ, ca, se eu soubera que este logar era tam sancto, non veera eu hy se non por fazer romaria e dar offerta. E pediilhe, Senhora, por mỹ, que me ajude a vençer esta gẽte pagãa. E outrossi, Senhora, que se queira nembrar da cativa de Castella e a empare e defenda desta gente descruuda; se nõ, a pouco tempo sera perdida!

Depois que o conde ouve feita sua oraçõ, sayu a elle hũu moge da hermidã, que avya nome dom Palayo, e salvou e pregõtoulhe como veera aly ou de qual parte viinha. E el lhe disse que era o conde dõ Fernam Gõçalvez e que viinha pera lidar cõ Almançor; e que leixara sua companha e veera aly empos hũu porco que entrara dentro na hermidã e se posera tras o altar; e, se per vẽtuira o soubesse Almançor, que pensava que lhe nõ poderya escapar.

Entom lhe rogou dom Palayo que fosse seu hospede e que lhe darya a comer pã d'orjo, ca non tiinha outro e dizerlha como avya de passar con Almançor. O cõde, como era muy mesurado, disse que lhe prazia e ficou ³²con elle. E dizia depois muitas vezes que nũa melhor albergado fora. E tevesse por

muy bem servido de dō Palayo.

E o monge sancto lhe disse assi:

– Conde, a Deus praz que tu vêças Almāçor e todolos seus grandes poderes e que per ty e per os teus seja spargido muyto sangue de reys e doutras muytas gentes descreadas e que os teus feitos sejam taaes / [119b] que per todo o mundo a tua lança seja dultada e temuda. E nō ponhas duvyda en quanto te eu disser e sey bem certo per mÿ que ainda has de seer duas vezes preso. E, ante de tres dias, seras en muy grande cuidado, ca veeras a tua companha en muy gram duvida de ty, ca cuydarō que te matarō os mouros ou que te teen en sua prisō, ca o mais louçāo delles veeras en muy grande coita. E tu non des por elo nada e dy aos teus que non dem por esto ca nō parecem se non molheres os homēes que se desconfortam por tam pouco. E con esto os confortaras e lhe poeras esforço. E, cō todo esto, rogote que non sejas esquecido deste logar pobre a que chegaste, nem olvides o pobre albergue que hy ouveste; ca, se algũu acorrimento non avemos de Deus, a poucos dias seremos comestos de bestas feras, segundo a lazeira que passamos neeste logar hu vivemos.

Disse entō o conde:

– Dom Palayo, nō ponhaes duvida que me eu de vos non nembre, ao menos por quanto bem me hospedastes, ainda que o por al non fizesse. Ca, se me Deus esta lide faz vêcer, todo o meu quinto quero dar a este logar. E, se me Deus deixa acabar esto a minha hōrra, en este logar farey hũu muy hōrrado moesteiro, no qual sera a minha sepultura; e darlh'ey grandes pos ³³ sissōes per que elle possa seer melhor servido e muy rico e que aja hy muitos mōges pera poderem fazer serviço a Deus.

Entom se espedio o conde de dom Palayo e dos outros mōges e fuisse pera Lara pera seus vassalos e pera suas companhas. Os seus, quando o vyrō, forō ledos que mais non podya seer; e aly se tornarō todos os choros que ante avyam en ledice e prazer. Entom contou o conde aos seus todo o que lhe acontecera e como achara o hermitan dom Palayo e / [119c] como o albergara o melhor que nũca ele fora.

En outro dia pella manhāa, moveo daly o conde dom Fernam Gōçalvez con suas poucas gentes contra Almāçor. E elles hyam todos dhũu coraçō e vōtade pera fazer serviço a Deus e dar honrra a seu senhor ou morrer todos na lide.

CAPÍTULO CCCXXIX

Como o conde dom Fernam Gonçalvez lidou cō Almançor e con o seu gram poder e os vêceo

Quando o conde e os seus chegaram ao logar de que poderom veer os mouros, ben cuidaron que todo o poder do mundo aly viinha, que non ficavon chāaos nem cabeças que todo deles non fosse cubertos. E elles eram tã poucos que, por dizer verdade, ben avya hy mil mouros pera hũu cristāao. E, pero que os mouros viinham muy sobervosos, os cristāaos non perdiam poren os coraçōes que os mouros viinhā tangendo tantas trōbas e atabaques ³⁴ e faziam tal arroydo que parecia que todo o mundo queryam destruir.

O conde avya muy gram voontade de se juntar cō os mouros. E, estando assi, hũu cavaleiro dos seus deu das sporas ao cavallo pera sayr açima dhũu outeiro. E, quando quis parar o cavallo, abryusse a terra e colheu dentro en sy assi elle como o cavallo. Desi çarrousse a terra en çima. Este cavaleiro era natural d'acerca da ponte de Fiteiro e avya nome Pero Gonçalvez.

Os cristāaos, quando este synal virō, ficaron todos muy spantados e disserō que lhes semelhava que avyam Deus yrado e que, se se podesse seer per algũa maneira que se tornassem a seu salvo, que seria bōo recado. E todos diziam antre sy que bẽ viiam que Deus os queria matar sen ferida nen hũa e que con Deus non podiã pelear.

Entom lhes disse o conde:

– Amigos, non desmaedes, ca esto non he nada! / [119d] E mais parece que avees coraçōes de galinhas que de fidalgos, se taaes homēes de vergonha como vos que aquy sooes avees de perder os coraçōes sen feridas nen hũas. Mas escuitaae e eu vos departirey este signal sen duvida nen hũa pela guisa que ha de seer. Ben devees d'entender que, quando vos a terra non pode soffrer, aquelles perros, que nō valẽ mais que senhos capōes, non poderam soportar tam nobres cavaleiros como vos aquy estaaes? Mas, en toda guisa, elles seram vencidos e vos os vencedores. Porem cheguemonos aly onde esta Almançor e veerey como os Castelāaos sabem aguardar a seu senhor!

³⁵ Quando o conde ouve acabada sua razon, como avees ouvido, ficaron todos muy confortados. E elle mandou logo desenvolver o seu pendom que era muy vermelho. E esto era no mes de Mayo fazendo muy claro dia e avya pouco que o sol era levado.

Entō mandou mover suas gentes contra Almançor; e el hya na deanteira, que o vissem todollos seus. E começando de chamar o apostolo Santiago ajuntarōse hũas aazes con as outras. E quando forō e se começaram de ferir veriaes aos primeiros golpes cayr muytos mouros e andar muytos cavallos sen senhores. O conde, per onde hya, bem parecia assi aos seus como aos outros, que elle o fazia melhor a

toda parte que o outro homen poderia fazer dando tã grandes golpes, que non hya per logar, por muytos que hy estevessem, que lhe todos non dessem o caminho dizendo aos seus que os matassem e ferissen, ca por elles era o dya, e desta guisa esforçava os seus muy fortemente chamado todavya o apostolo Santiago e no/meão [120a] Castella muyto amehude. E em tal guysa o fazia que os mouros ficavã muito spantados dos grãdes feitos que o conde e os seus faziã, e diziã que em maaos dya ally foram vïdos.

³⁶ E Orvite, que era alfferez do cõde, hya sempre dyãte cõ sua bandeira e metyasse ênas mayores pressas que elle podya, como aquelle que era muy nobre cavalleyro d'armas. E outrossy era muy nobre cavalleiro Gustiiz Gonçallvez, que o fez muyto bẽ aquelle dia cõ dous seus filhos que erã ainda entõ muyto mãcebos; e erã naturaaes de Sallaz e de Barvadiho. E outro cavalleiro foy hy esse dya muy bõo per suas mãaos e fez muito bem aquelle dya, o qual avya nome Roy Vaasquez; e, despois, a grãde tempo, danou todo o que avya feito, assy como vollo a estorya devisara adiãte. E o outro caudilho foy dõ Gonçalo Diaz, que era muy louçãao e muy bõo cavalleyro d'armas e muy vallente. E estes dous lidarõ muy bem e o fezerõ muy bẽ aquelle dia, como aquelles que nõ avyã receo de morte. E esso meesmo faziã todollos outros da sua parte. E tanto fez o conde aquelle dya, cõ trezentos cavalleiros que tiinha e cõ suas gentes de pee, que nũca homẽ ãte elle nem despois delle cõ tam poucos vëceu assy muytos.

Entõ comearõ os mouros de fugir e leixar o cãpo cada hũu pera sua parte. E, desque elles assy comearõ de fugyr, disserom a Almãçor ã como os seus erã desbaratados. E elle colheusse logo ao cavallo e, cõ esses que pode aver, tornou aa lide. Mas o Senhor Deus teve por bẽ de todos seerẽ vencidos a pouca d'ora e comearõ de tornar as costas el e os seus e fogyr quanto podyã. E Almãçor hya dizendo que irado avya naquelle dya Mafomede.

E ally ficarõ, dos reis e dos altos homẽes d'Almãçor, muy grãde peça mortos. E esto foy nas ledeinhas de Mayo, ã que esta lide foy vencida e Almãçor deshonnrado e muy perdidoso / [120b] de suas companhas e de seu aver. E o conde dom Fernã Gonçallvez e os seus hyã pello êcalço, matãdo e ferindo ã elles e dando graças a Deus do bem e mercee que lhes avya feita. E, des aquelle dya endeante, foi o cõde dom Fernam Gonçallvez mais honrrado que ante era.

E entõ se tornou o conde con os seus do encalço e colheronsse ao cãpo, em que acharõ muy grande algo em ouro e em prata e em pedras preciosas ³⁷ e ã cavallos e ã armas e ã outras cousas muytas per que Castella ficou muy mais rica que ante era. E desi ficarõ todos os giolhos ã terra e derõ graças a Deus. E, daquello que cada hũu ouve, offereceu a Deus a sua parte. E o conde dõ Fernã Gonçallvez êvyou todo o seu quinto aa hermda em que o hospedarom.

CAPÍTULO CCCXXX

Como o conde dom Fernã Gonçalvez se tornou pera Burgos muy honrrado e muy bem andãte, cõ a mercee que lhe Deus fezera

Enno outro dya pella manhã, tornouisse o cõde dom Fernã Gonçallvez pera Burgos cõ suas cõpanhas, onde acharõ quẽ nos recebeu muy ben. E, se ante ouverã lazeira, ally a perderõ entõ toda. E mãdou entõ o cõde que tomassem muy bõos cerurgyaaes que penssassem dos feridos que hi erã.

³⁸ O conde dom Fernã Gonçallvez, despois que chegou a Burgos, soube ã como lhe êtrara pella terra el rey de Navarra, ã quanto el fora pelear cõ Almãçor, e como lha roubara. E pesoulhe muyto de coraçõ e deu hũu grande gimido e disse contra Deus:

– Senhor, nembrate da cativa de Castella que sempre ãdou ã tribulaçõ e ave della doo! Por que, Senhor, ãdando os Castellãaos ã teu serviço, contra os ãmiigos da tua fe, aquelles de que devyã seer ajudados, aquelles os estragã do que hã. E porẽ, Senhor, te peço por mercee que te praza que esta sobervha que lhe todos fazem, que seja quebrãtada.

CAPÍTULO CCCXXXII

Como o conde dom Fernã Gonçallvez êvyou desafiar / [120c] el rei dom Sancho de Navarra

O conde dom Fernã Gonçallvez, cõ muy grande pesar que avia, êvyou dizer a el rei dom Sancho de Navarra que lhe quisesse fazer ãmenda do mal que lhe avya feito. E, se lho quisesse fazer, que elle que lho tomarya; e, se nõ, que o mandava desafiar e que trabalharia de tomar entrega pollo seu. E os mãdadeiros, quando a elle chegarom, disseronlhe o que lhe o conde mandava dizer e ã como lhe em aquelle ãno avya êtrado duas vezes em sua ³⁹ terra e que a pustumeira, seendo elle ã serviço de Deus contra os ãmiigos da fe; e que posera amor cõ os mouros cõtra os cristãaos nõ por al se nõ por que nõ queryã seer seus sujeytos nõ lhe queryam obedecer; e, de todo esto, se lhe quisesse fazer ãmenda, que a filharya.

Depois que os messegeiros ouverõ dita sua messajẽ a el rey de Navarra, elle lhes respondeu que

lhe nõ farya ãmenda da vallya de hũu dinheiro, cõ outras pallavras de sobervha que elle disse; e que aquella desafiaçom que lhe fezerom, que nõ era se nõ por que estava orgulhoso o conde por que vencera Almãçor; mas que elle o hyria buscar e que lhe nõ ficarya ã chãao nõ em fortelleza que o nõ fosse prender pella gargãta e metello ã prison onde nõca sayria.

E os messejeiros tornaronsse cõ esta resposta pera o conde. E o conde mandou logo chamar todos seus altos homẽes: e, desque forõ jũtos ã seu paaço como acostumã ãnos conselhos, levãtousse o conde antre todos e disselhes todo o que lhe el rey de Navarra mandara dizer, querellandosselhes e dizendolhes assi:

– Amigos e vassallos, rogovos que vos pese do mal e da sobervha e sen razõ que recebemos del rey de Navarra e dos seus. Ben sabees quantos males delles recebemos que nõca ouvemos tẽpo de tornar a ello, segundo os negocios que nos recreciã de cada parte. E agora, esta prestumeira vez que nos elle fez o mal, bem sabees / **[120d]** em que feyto estavamos cõ Almançor. E, quando nos dallo tornamos e soube o mal que recebemos, cõ vosso conselheiro ãvyeilhe dizer os muytos agravamẽtos que delle recebemos sem mericimento; e que nollo ãmendasse e nos que tomaryamos sua ãmenda; se nõ, que nollo desafiassem. E, em razõ de tornar a ello como devya, disse muytas desmesuras, assy como vos hey cõtado, e que me verria buscar e prẽder e meter ã sua prison. Por Deus, amigos e vassallos, ajudemos a quebrãtar esta sobervha que contra nos diz, ca, se este feito per outra guisa nõ passamos, mais nos vallerya de nõ seer nados! E a mỹ semelha que seerya razon de nos ante yrmos a elle que elle a nos; e tiraremos dello mais honrra ã quãto somos mais poucos que elles e averemos delles melhorya por que os come ⁴⁰ temos primeiro. E sabede, amigos, que tal logar cuydo de filhar ãna lide que, se me cõ elle ãcontro, eu averey mester o vosso aguardamẽto. E ally parecerã aquelles que averam vootade de me servyr. E, se eu per ventuira a elle posso chegar, eu me cuydo a vyngar do torto que nos tem feito e das sobervhas que ha ditas contra nos, ca elles nõ sã tam boos como nos, como quer que nos sejamos poucos, ca os seus maaos fugiram e farã aos outros boos fazer mal e fugir; e nos somos todos dhũu coraçõ e de hũa vootade pera fazermos bẽ e assy os desbarataremos ligeiramẽte. E, se el rey hy morre, ainda que eu hy morresse, averme hya por pagado.

CAPÍTULO CCCXXXIII

Como o conde dom Fernã Gonçallvez moveo cõ sua hoste contra el rey de Navarra

Pois que o conde dom Fernam Gonçallvez acabou sua razon, os seus lhe respõderom todos em hũa voz que lhe gradeciã muyto o que dezia e que todos poeryã os corpos ã seu serviço; e que movesse quãdo por bem tevesse, que elles prestes estavã. E entõ mãdou / **[121a]** logo o conde mover sua hoste e enderençou quanto pode pera a Navarra e ãtrou per ella quanto hũa jornada, roubando e fazendo muito dampno na terra. E achou el rey de Navarra que o viinha atender cõ todo seu poder, pera lidar cõ elle.

E, quando se virom, guisarom suas aazes e comẽçarõ sua lide hũus cõ outros. E, segundo dizẽ, o conde dom Fernã Gonçallvez hya dyanteyro dos seus. E comẽçarõ sua lide muy esquyva, dandosse muy grandes feridas dhũa e da outra parte. E o que mais fazia ã feito d'armas, assy dhũa parte ⁴¹ como da outra, o conde era, como aquelle que era muy bõo cavalleyro a grande maravylha. E ally se nomeavã cada hũus a sua parte, ca hũus chamavã «Castella» e os outros a «Estella» e «Pampollona». Ally veeriades muitas lanças quebrar e rachar e muytas espadas retenyr ã capellinas e ã elmos. E tã grandes erã os roydos das armas que, ainda que fizessem torvõoes, aadur os poderyã ouvyr.

CAPÍTULO CCCXXXIV

Como o conde dom Fernã Gonçallvez matou el rei dom Sancho de Navarra

Conta a estorya que el rei e o cõde se andavã buscãdo pella lide dhũu cabo ao outro, ataa que se ouveron de achar. E, quando se vyron, leixaronsse correr hũu ao outro quanto os cavallos os poderom levar e derõsse tã grandes lançadas que lhe nõ prestaron armas que trouxessem que os ferros das lãças nõ parecessen da outra parte. E o golpe del rei dõ Sancho foy per logar mortal, em tal maneira que logo cayo do cavallo em terra. E sayulhe a alma do corpo. E, quando o conde vyu el rey ã terra, comẽçou a chamar «Castella». E chamava os seus mas nõ lhe acorria nõ hũu. E elle estava mui mal ferydo dhũa lançada no costado destro, que saya da outra parte.

E, quãdo os Castellãaos nõ acharõ seu senhor, andavã muy / **[121b]** tristes ã buscandoo pella lide, dando grandes feridas ennos Navarros. E andarõ tanto pella lide, dhũa parte e da outra, ataa que chegarõ onde o conde estava. E, quando o acharom, forõ muy ledos que mais nõ podyam. E entõ tornarõ aos Navarros e ferirõnos assy fortemẽte que lhes fezerõ per força leixar o campo. E, depois que assy foram arrancados do campo e vencidos, decerom o ⁴² conde do cavallo e cataronlhe a feryda, que era muy

grande. E, quando a ouverõ vista, todos duvydarõ da sua vida. E, catada a ferida, poserõno ã cima dhũu muy bõo cavallo.

E, depois que assy foi morto el rey dom Sancho, como dicto he, mãdouho o conde levar a Navarra.

CAPÍTULO CCCXXXV

Como os Navarros forõ ao cõde Piteus e ao conde de Tollosa querellarlhes a morte del rey dom Sancho

Os Navarros, depois que ouverõ ãterrado seu senhor, forõsse ao conde de Piteus e ao conde de Tollosa, que erã seus parêtes muy chegados, e disseronlhe que se doessem da morte del rey dom Sancho e que o acooymassẽ; e que elles poeryã ã ello os corpos e os averes em seu serviço, pera averẽ de vyngar seu senhor.

E, entre tanto que os Navarros andavã ã esto, o conde Fernã Gonçallvez penssou de sua chaga, ca muyto avya bõos cerurgiãaes.

E o conde de Piteus e o conde de Tollosa, que nõ avyã vỹdo aa primeira lide, ajũtarõsse a elles os Navarros por a boa resposta que em elles avyã achada, da vỹgãça de seu senhor el rey. E chegarõ todos desũu ao porto de Gricarya. E o conde de Tollosa lhes dezia assy que elle deste feito se sentia muyto e que nõ faria menos por vỹgar a morte del rey que se fosse seu padre. E desto avyã os Navarros muy grande esforço. E pesava muyto ao conde de Tollosa, quando lhe deziã os Navarros ã como ho estivera el rey esperãdo dez dias pera seer na / [121c] lide, e que nõ chegara hy. E diziã que tiinhã grande torto recebido dos Castellãaos.

⁴³ **CAPÍTULO CCCXXXVI**

Como o conde dom Fernã Gonçallvez soube ã como lhe o conde de Tollosa e os Navarros queryã entrar na terra

Diz o cõto que o conde dom Fernã Gonçallvez ouve a saber como o conde de Tollosa e os Navarros lhe queryam entrar pella terra. E, empero era ainda mal treyto daquella lançada que lhe el rey de Navarra dera, nõ leixou porẽ dhyr contra o cõde de Tollosa e cõtra os Navarros. E chegou a elles a hũa ribeira onde elles jaziã.

E ãtom se juntarõ os Castellãaos con o cõde de Tollosa e cõ os Navarros ã aquella ribeira onde jaziã. E ally poderiades veer muytas feridas dadas e recebidas da hũa parte e da outra, ã tal maneira que os Castellãaos ouverõ a passar a ribeira a pessar dos Navarros e dos Gascõoes. E ally foy a lide muy grande e muy ferida, de hũa parte e da outra; e muytos mortos e feridos. A batalha durou muyto e era muy crua e muy sem piedade. E assy durou ataa despos vespera, ca nõ hũa das partes nõ se queria leixar vencer.

E entõ o conde dom Fernã Gonçallvez, o bem avẽturado, andava fazendo grandes maravilhas ã feyto d'armas pella lide, como aquelle que era melhor cavalleyro ã armas e de mayor força que todollos outros. E, per onde elle hya, todos lhe leixavõ o camynho.

⁴⁴ **CAPÍTULO CCCXXXVII**

Como o conde dom Fernã Gonçallvez vẽceu a lide e matou o conde de Tollosa

Conta a estorya que, o conde dom Fernã Gonçallvez andando assy pella lide fazendo seus grãdes feytos, aveolhe que vyu o conde Peytavinos de Tollosa ãdar / [121d] pella lide embaratandosse cõ os seus; e emdereçou a elle quãto pode. E o conde de Tollosa, quãdo o vyu vỹr pera si, tornou a elle, come homẽ bõo que era. E o conde dõ Fernã Gonçallvez avya delle muy grande querella, por que lhe vehera a sua terra. E foyo feryr dhũa lançada tam de coraçõ, per meyo dos peitos, que lhe nõ prestou nõ hũas armas que tevesse que lhe a lança nõ entrasse pello corpo; e ã tal guisa que o conde de Tollosa cayu ã terra, como aquelle que era chegado aa morte.

E os Gascões, quando virom seu senhor en terra, comẽçarõ a fugir; e os Navarros cõ elles. E o conde dom Fernã Gonçallvez e os seus hyã pello ãcalço, matando e ferindo em elles, ã tal maneira que em aquelle ãcalço prẽderõ bem trezentos cavalleyros e mais. Desy tornousse o conde dom Fernã Gonçallvez pera onde leixara o conde de Tollosa e achouo ja morto da ferida que lhe elle dera. E fezeo consigo levar muy honrradamẽte e mãdouo poer sobre hũu nobre escano muy rico e bem lavrado, o qual elle ouvera enna batalha d'Almançor, e fezeo cobryr de nobres e ricos panos. E ãtom mandou o conde dom Fernã Gonçallvez fazer hũu ataude muy bõo e muy rico e mãdou ã elle meter o corpo do conde de Tollosa; e mãdou soltar todollos seus vassallos e ãtregoulhes o corpo de seu senhor e fezeos jurar ennos Evãgelhos

que se nō partissem delle ataa aquelle logar onde avya de ⁴⁵ seer ãterrado. E deulhes de seu aver tanto cō que o podessem levar honrradamēte; e deulhes myl cyrios. E fezeo poer ã hũa muy boa mua e assy lho ãtregou. E elles hyã fazendo cō ele mui grande doo. E assy chegarom a Tollosa, que era cabeça de seu condado, e ally foy o dōo renovado; e fezerōno muy grande sem mesura, ataa que o conde foy enterrado.

CAPÍTULO CCCXXXVIII

Ora leixa o conto de fallar desto e torna / [122a] a fallar do conde dō Fernã Gonçallvez e dos seus grandes feitos

Diz o conto que o conde dō Fernã Gonçallvez, depois que se partiu daquella lide ã que assy matou o conde de Tollosa, como ja avemos dito, que lhe chegarō novas ã como Almançor fora aalẽ mar e como allo andara preegando pellas terras o mal e o dampno que recebera do conde Fernã Gonçallvez e que os rogava por amor de Mafomede, a que todos eram obrigados, que tevessem por bẽ de o vïir ajudar a vyngar aquelle mal e deshonrra que avya recebido. E que outrossi mādara alfajares pellas terras de mais lōge a preegar esto medês, ã tal maneira que ajuntara mais de vïite myl cavalleiros e gente outra de pee que nō avya cōta; e que era ja cō todos estes poderes a par da foz de Lara. E, em aquellas cōpanhas que viinhã daalẽ mar avya gentes de muytas guysas, ca delles eram de Marĩis e delles dos Almoades e delles de Guynioia e delles dos Turquos e delles dos Allarves; ⁴⁶ e, afora todos estes, os d’Espanha. E que os tiinha ja todos ajuntados Almãçor a par da foz de Lara. E que Almãçor avya jurado de nō tornar a sua terra, a menos de nō aver vingãça do conde dō Fernã Gonçallvez e de o levar preso, pera fazer em elle justiça ã sua terra.

Entō o conde fez chamar seus altos homẽes e cõtoulhe estas novas que lhe veherō; e mādou que se guysassem logo, o mais toste que podessem, pera defender sua terra. E, feito esto e elles todos juntos, moveron logo e andarō, ataa que chegarom a Pedra Fita. E Almançor com aquelles poderes erã ja en Facinas.

E o conde dō Fernã Gonçallvez, que ally foy, enderençou pera a hermyda de Sam Pedro, onde achara o mōge dō Pallayo, o que lhe / [122b] dissera de seus feitos, como os avya de passar, pera fallar com elle ã cousas de sua fazenda e outrossy pera fazer sua oraçō. E, depois que chegou aa hermyda, perguntou aos outros monges por elle. E elles disseronlhe que era morto e que avya oyto dias que era soterrado.

CAPÍTULO CCCXXXIX

Como apareceo o bõ monge Sam Palayo ã vyson ao conde dom Fernã Gonçallvez e como lhe disse que avya de vēcẽr, pero que perderia muytas de suas cōpanhas

Depois que o conde chegou aa hermyda e soube ã como era morto aquelle mōge Sã Palayo, pos os giolhos ã terra e fez sua oraçom em esta guysa. Cō lagrimas e sospiros, teendo as mãaos alçadas ao ceeo, começou de dizer assy:

⁴⁷ – Senhor Deus, peçote por tua santa piedade e misericordia que me queiras guardar dos perigoos e cajões deste mundo, ca eu, Senhor, com vōotade de te fazer serviço passo ã este mūdo muyta coyta e muyta lazeira. E deste corpo cativo lazerado te faço sacrificio. Ca eu sempre ando ã coyta e em marteyros cō mouros e cō cristãaos. E os reis cristãaos, Senhor, avendo medo e nō querendo guardar o teu serviço, tornarōsse vassallos d’Almançor. E, quando eu vy que tam maa feyto fazyam e que tam mal queryam aguardar o teu serviço, nũca depois quise sua companhia nẽ nos ouve por amigos. E assi, Senhor, fiquey eu de todos soo e deseparado. E nũca ouve medo de morte nẽ de pecado, teendo meu coraçō em ty e ã teu serviço. E elles, quando esto vyrō, de cada parte me começarō de ameaçar e fazerme muyto mal ã mynha terra quãto podyã. E a mÿ, Senhor, veeo mandado dos reis da Andaluzia, cõvem a saber, de cinque reis ã hũu dya, ã como me mādavã ameaçar todos. E eu / [122c] era ã Munhõ. E esto era, Senhor, por que eu tam soamente era teu antre os outros. E ajuntarom seus poderes per mar e per terra pera me matar ou prender. E tu, Senhor, me quiseste ajudar contra elles ã tal maneira que os vēcẽ e matey, cō o teu grande ajudoiro. E nō tenho, Senhor, que ataa aqui te errey. E por esto tenho que a tua mercee que nũca me ha de fallecer aly onde me mester for. E, Senhor, eu teu servo sōo, ca, en todollos dias que eu vyva, nũca me cuido a partyr do teu serviço. E, Senhor, ora ey muyto mester a tua mercee, que seja per ti toda Castella defendida, ca toda a terra, Senhor, he movida contra mÿ e nō lha posso emparar sem ty, ca, per nẽ hũa outra maneira que eu fizesse, nō poderya eu vencer tã grandes poderes. E, Senhor, dame esforço e siso e poder per que eu possa vēcẽr e matar os ãmigos da tua santa fe!

E, estando ã sua oraçom dizendo estas cousas e outras muitas a Deus, adormeceu acostado e armado de suas armas. E, nō dormÿdo ainda bem asseseegadamēte, pareceulhe o hermitã Sam Pallayo

vestido em nobres panos ⁴⁸ brancos e tã fremoso e feito ã tã maravilhosa forma que o nã poderia homẽ pẽsar. E chamouo per seu nome e disselhe assy:

– Conde Fernã Gonçalvez, levãtate e vaite pera tua companha que te esta esperando! E tu sey certo que te crece muy grande bando. E, quãto a Deus pediste, todo te he outorgado. E tu faras muy grande mortaydade ãno poboo dos pagãaos, pero com grande perda dos teus, ca hy morrerã delles e dos melhores da companha. Pero, aacima, os mouros seerã vencidos e tu seeras o vẽcedor. E assi te manda Nosso Senhor que logo te vaas. E vay lidar con Almançor. E Deus tem por bem de seer hy em tua / [122d] ajuda o apostollo Sanctiago e eu cõ elle, pera seer vencido Almançor e os seus confundidos e estragados e pera tu tirares honrra. E outros muytos angeos verram hi cõ armas brancas e trageram todos pẽdões con cruces, de que os mouros averam grãde espanto e perderam os corações. Ora, amigo, te hey dicto o que me mãdarom. E querome hyr pera aquelles que me aco ãvyarom. E sabe por certo que eu fuy Pallayo, teu amigo, o mõge deste logar.

E entom semelhou ao conde que viinhã dous angios e que o filhavã pellas mãaos e o levavã pera o ceoo. E entom acordou o conde e disse contra Deus:

– Senhor, peçote por mercee que me guardes do pecado, que nã possa seer per elle enganado nem torvado, ca eu, Senhor, teu servo são. E queirasme guardar por a tua piedade que he grande.

CAPÍTULO CCCXL

Como pareceo Sam Mylham ao conde dom Fernam Gonçalvez

Estando o conde pẽssãdo ãno sonho que avya sonhado, ouvvy hũa voz que viinha de cima contra o ceoo, que o chamava per seu nome. E, catando ele pera cima onde ouvira a voz, veolhe hũu muy saboroso sãpno e começou a dormyr. E a voz lhe dizia assy:

⁴⁹ – Levãtate, conde Fernã Gonçalvez, e vaite tua vya! Nã te detenhas mais, ca torto me fazes polla tua detẽça e ã culpa me jazes por ella. Mas vayte e nã queiras tardar. E cõ os mouros nã ponhas tregoas nẽ paz, ca nã praz a Deus. E tu faras das tuas gentes tres aazes. E tu entra cõ os mais poucos da parte d’ouriente; e ao começo da lide veerme às hy. E manda ãtrar a outra aaz da parte d’ouciente; e veeras hy ã tua ajuda / [123a] o apostollo Sanctiago. E entre a primeyra aaz da parte do aguyom. E, se esto fezeres, faras como sesudo e venceras Almançor. E levantate, ca te nã quero mais dizer, salvo tanto sabe por certo que eu são Mylhã, servo de Jhesu Cristo. E digote que esta lide durará ataa o terceiro dia; e, ao tercer dia, verra hy o apostollo Santiago e nos outros cõ elle, assy como te ey dicto.

Quando o conde acordou, acolheusse logo a seu cavallo e foyse logo. E andou tanto ataa que chegou a Pedra Fita, õde os seus estavõ. E prouguelhes muito cõ elle, como quer que estevessem delle mui queixosos. E trouxerõno muy mal, dizẽdolhe assy:

– Conde, vos fazees muy maaõ feito e, se morte ou grande dampno tomassees, seerya muy grãde dereito, ca vos andaaes apartado escondidamẽte de nos, como se fossees ladrõ ou outro homẽ maaõ. E, pero vos andamos buscando a cada parte, nã vos podemos achar. E por esto podees vos cayr ã grãde erro e dãpno e meter a nos ã grande perigoo. E, por que vos tanto sofremos, somos por ello maaos, o que nũca forõ aquelles onde nos viimos. E por esso vos pedimos por mercee que nos nã queiraaes fazer treedores.

Depois que o assy trouxerõ mal quãto lhes prougue, o conde dom Fernã Gonçalvez lhes rogou que lhe perdoassem; e entõ lhes disse assy:

– Amigos, se vos soubessedes o feyto como he, nã me culpariades tanto como me culpaaes, ca eu fuy a hũa hermyda veer hũu meu amigo. E nã no ⁵⁰ achey, ca era ja morto. E, desque eu soube ã como era morto, ãtrei na igreja a fazer mynha oraçõ e ãcomendeyme a Deus a alma daquelle meu amygo. E, eu estando em esto, adormeci e pareceume ã visom aquelle mõge, meu amygo, o qual avya nome dom Pallayo, e disseme que es/pertasse [123b] e que fosse lidar con Almançor, ca assi era voontade de Deus de se fazer, e que Almãçor seerya vencido. E eu acordei e tive que, por que era sonho, que nã era nada. E, estando cuidando em esto, ouvvy hũa voz do ceoo – e, segundo meu entender, voz era d’angeo que me disse: «Conde, levãtate e vayte tua vya, ca o poder d’Africa e o da Andaluzia todo esta ajũtado sobre ti. E, daqui ataa terceiro dia, vencellos às todos, ca assy praz a Deus». E disseme que nã avya por que tardar mais, pois que assy prazia a Deus. E outras muytas cousas me disse que vos nã posso ora dizer, ca seerya longo de contar; e, ataa que o provedes, nã vos direy mais. E em aquella hermyda fuy eu outra vez muy ben aconselhado, ãte que lidasse cõ Almãçor, deste dom Pallayo que eu agora hya buscar, que achey ja morto. E por esso hya eu agora allo pera aver cõ elle consselho sobre nosso feito e pera vos guardar de dampno e de erro, se eu podesse. E por esso nã devo eu de seer tam culpado. Por que, assy de Deus como dos homẽes, senpre avemos mester ajuda e consselho; se nã, poderyamos receber dampno de nossos inmiigos. Ca Almançor tẽ ora o moor poder ajuntado que elle nũca teve. E nos jazemos assy como os pexes ãnas redes que nã podem sayr, ca, se son os d’Aragõ, querẽnos mal e, se son os de Navarra, nã nos querem muy grande bẽ e os Peitavynhos, outro tal. Pois, se quisessemos hyr pera cada hũa destas terras,

nõ acharemos ã ellas se nõ todo dampno e todo mal que nos fazer poderẽ, come nossos ãmiigos. Pois, pera bõ conselheiro, nõ ha hy al se nõ avelo com os mouros, ca, pois Deus he ã nossa ajuda, todos venceremos. E por esto cõvem de nos defendermos muy ben, ca, se per ventura per nossa myngua nos leixassemos vècer, acaecernos hya que perderiamos os ⁵¹ corpos e as almas e os filhos / [123c] e as molheres e as terras onde somos naturaes e as herdades que nos leixarom nossos antecessores, que gaanharã muy ben, come muy bõos que eram, e nos perdelo yamos come muy maaos e perderyamos a boa fama que avyamos guanhada per elles.

Depois que o conde esto ouve dito, pos os gíolhos ã terra e começou de dizer em esta guisa:

– Senhor Deus, que criaste o mundo, como es esquivado contra mĩ! Ca me fazes sēpre andar ã coyta e ã mārteiro. E mais me vallerya, Senhor, de me dares morte que esta vida que passo, ca a morte, hũa vez, ligeira he de passar. Mas quẽ ha de passar grande tormenta cada dya, esto he mais que morte. A nos acõteceu, Senhor, cõ a gente renegada, que nos tēe forçada a herdade que foy dos nossos antecessores; e nos estamos deserdados della. Mas queiras tu, Senhor, pola tua santa piedade, que esta roda, que está ãtornada sobre nos, que se correga e que se ãtorne sobre os ãmiigos da tua santa fe. E nõ he dita fortelleza pera seer sempre ã hũu estado, nẽ pera seer hũu homẽ sempre rico e o outro pobre, ca estas cousas muda mui toste a avẽtura, ca faz do rico pobre e do pobre rico. Ca, Senhor Deus, que es criador e fazedor de todallas cousas, quando he tua mercee, fazes dos vençudos vècedores e dos vencedores vençudos. E, por esto, Senhor, por que en ty he o poder todo ãteiramẽte e tu fazes sempre o melhor ã todallas cousas, porem te devemos a pedir mercee e a rogar que por a tua grande mesura nos queiras ajudar, ca en ty jaz todo cayr e levãtar e sen ti nõ se pode acabar nada.

Entõ levantousse em pee e disse aos seus:

– Digovos, quanto he de mĩ, que me nõ leixarei prender nẽ seer cativo, ca ante me leixarei morrer ca vĩir a seu poder. E todo aquelle cristãao que se lhes der a prison fique por treedor pera todo sempre. / [123d] E elle, quando morrer, a sua alma vaa pera Judas pera o fundo do inferno!

E os seus, quando esto ouvirõ, disseron todos:

– Senhor, nos outorgamos todo o que tu dizes, que aquelle que fugir que encorra em todas estas cousas; e, demais, que lhe façã no corpo a mais crua e deshonorada justiça que seer poder.

Quando o conde ouve acabada sua razom, todollos seus, que estavã desacordados, cobrarom os corações; e disseron todos a hũa voz:

⁵² – Senhor, tu nõ as por que mais dizer; mas tu manda e nos faremos, ca nos ataa morte nõ te falleceremos.

E o conde lho agradeceu muyto. E mandou logo que em outro dya de grande manhãa postassem suas aazes ã meo do campo e que cada hũu dos caudees cõ sua companha que fossem todos juntos, tanto que ouvysem a campãa.

CAPÍTULO CCCXLI

Como o conde dom Fernã Gonçalvez foy aa batalha cõ Almançor

Conta a estorya que dõ Gustiiz Gõçalvez, que era natural de Sallas, deu o conde a primeira aaz, cõ seus filhos e cõ dõ Vaasco, que era natural de Sarideira, o qual por medo da morte nõ leixaria o caminho a nẽ huu. E deulhes ã essa aaz dom Gõçallo Diaz de Buervena, que era muy bõ fidalgo e muy valente e muy ardido, e dous sobrinhos do conde dõ Fernã Gonçalvez que elle em esse dya fezera cavalleiros, que erã muy boos mancebos e muy de prol que tiveram cõ os primeiros os quaaes fezerõ muyto bẽ aquelle dya ã aquella lide. Os d'aaz de Gustiiz Gonçalvez eram duzentos cavalleiros que de boos eram assaz. E a estes mandou o conde que entrassem per hũa parte. E deu em aquella aaz de Gustiuz Gonçalvez seis mil peões da montanha, que erã muy ligeiros e muy aprestes.

⁵³ Hora lei/xemos [124a] estar esta aaz assy, ca ho caudilho della era muy bõ e todollos da sua aaz outrossi, e tornemos aa segunda aaz. Desta deu o conde por caudilho Lopo Ortiz, o bizcainho, que era muy bõ fidalgo e que era muy mais rico de maças que de pam nem de vynho. E outro da montanha que avya nome dom Martynho. E hyã hi cõ elle muytos e bõs cavalleiros de Burueva e de Tervinhõ e, de Castella a Velha, muytos cavalleiros; e viinhã das mōtanhas das Esturas muytas companhas e bem guisadas; e estes todos erã Castellãaos e eram muy bõs e muy escolheitos. E estes desta segunda aaz foron outros duzentos, con seis mil homẽes de pee muy bõs e muy ricos.

E o conde dom Fernã Gonçalvez entrou ãna terceira aaz cõ cinquenta cavalleiros boos e escolheitos. E mãdou armar viinte cavallos das suas armas e mãdou que cavalgassem ã elles viinte escudeiros e que o aguardassem e que, se lhe fosse morto algũu cavallo, que lhe dessem outro, ou algũu outro que fosse tal que o merecesse; e os escudeyros hyã muy bẽ armados. E viinham cõ elle n'aaz dous infanções de Vallasco que elle em esse dya fezera cavalleiros e tres myl peões escudeiros de pee, que os nõ poderyã melhores achar em nẽ hũa parte.

E o conde conselhou os seus como ouvessem de fazer; e disselhes, percebendoos, que, se os não podessem ã esse dya vêcer, que, quando ouvysse tãger o corno, que recudissem todos onde estava o seu pendõ.

E, quando o conde dom Fernã Gonçallvez ouve acabada sua razon, tornaronse aas pousadas, por que cada hũu ja sabia o que avya de fazer. E desy cearõ e folgarom. Pero, com todo esto, cada hũu rogava a Deus que o guardasse de perigoo e de vergonça e que lhe quisesse dar honrra e vytorya dos ãmiigos em aquelle logar.

E, el/les [124b] em esto estando, cada hũu em seu logar, virom essa noyte vïir voando pello aar hũu dragõ muy grande e muy spantoso, dando muy grandes braados; e semelhava que viinha todo cheo de sangue. E os braados erã assy spantosos que semelhava que ao ceo chegavã. E levava a boca ⁵⁴ aberta e lançava per ellas chamas de fogo, que semelhava que toda a hoste queria queymar; e tamanhas erã as chamas do fogo que alomeavã toda a hoste. E não ouve hy nẽ hũu, por esforçado que fosse, que esto visse, que dello não ouvesse muy grande spanto, cuydando que querya decender sobre elles. E muytos delles cayrom ã terra cõ espanto. E a esto forõ esperar o conde, que jazia dormyndo. E, quando o cõde foy esperto, era ja o dragõ espedido. E achouos estar muy spantados e preguntouhos como fora aquello. E elles lhe disserom ã como virõ o dragõ vïir voando pello aar e que semelhava que hya ãvolto en sangue, e todallas outras cousas espantosas que virõ ao dragõ. E o conde, quando vyo que assi eram torvados e vyu que deziã cousas tã desassemelhadas e de tal fegura, ãtẽdeu que os mouros, como som mui grandes feyticeyros e saben seus ãcantamentos, que fezerõ ally vïir aquella semelhança tal pera lhes poer spanto. E entõ mandou chamar todallas companhas e, depois que todos forom ajuntados, disselhes assy:

– Amigos, escoytade hora hũu pouco, que vos quero mostrar a maneira desta semelhança. Vos bem sabees ã como os mouros som ãmiigos de Deus e amygos do demo e sempre fazem as suas obras e sempre husam de nigromãcia e encantamentos. E, per esta maneira, fezerõ aquy vïir esta besta pera nos poer medo e espanto per que nos ouvessemos a tornar e partyr e elles ouvessem de hyr apos nos e a matarnos e destruyrnos e a tomarnos quanto ouvesse/mos. [124c] E vos, como sodes homẽes sysudos, bem podees entender que o demo nom ha poder nẽ hũu, ca Nosso Senhor Jhesu Cristo lho tolheu todo, quando espargeu o seu sangue por nos tirar de suas mãaos. E nos devemos de creer e conhocer e amar e servyr sobre todallas cousas o Nosso Senhor Deus, que he poderoso sobre todallas cousas que elle criou e he senhor poderoso e humildoso e piadoso e misericordioso e graado e bẽ nẽ hũu sem elle não se pode fazer, ca ã elle he o cõprimeto de todo bẽ. E tal senhor como este devemos de amar e servyr e poer ã elle os nossos cora ⁵⁵ ções e os nossos feitos todos em suas mãaos de coraçõ e de võotade: e, assy, nũca cousa podemos começar que todo não acabemos com nossa honrra. Ca este Senhor não devemos a leixar por a semelhança da besta, que não he nẽ hũu cousa, ca os que em estas taaes cousas crẽe andam cõ guyamento dos diaboos. Hora, amigos, leixemos esta pouca prol e vaamos dormyr, ca andamos canssados. E, de manhã, hyremos ally onde avemos de hyr.

Entõ se foy cada hũu pera sua pousada, muy cõfortados, e deytaronse a dormyr.

E, quando quebrava a alva, foron ouvyr sua missa e meenfestaronse todos, cada hũu o melhor que pode, e comũgarom. E desi foronsse armar e cavalgaron ã seus cavallos e foronsse cada hũu pera sua quadrella. E, depois que chegarõ ally honde os mouros estavã, acharõnos ja estar no cãpo armados. E entõ se forõ cada hũu aaz per sua parte, segundo o departamento que fora devisado. E ally forom mesturadas as aazes de hũu e da outra parte e ally cairõ muytos.

E o conde Fernam Gonçallvez, quãdo foy nas primeiras feridas, fez muy grande portal per aquelle logar per onde elle e os seus entrarom. E passarom todallas aazes da outra parte. E, daquella / [124d] esporoadã primeira fezerõ muy grãde dampno nos mouros, ca o conde era muy bõo cavalleiro ã armas e os seus outro tal. E, pero que avyã recebidas muytas feridas, começarõ a feryr pellas outras aazes. E, per onde hyã, todos lhe davã o caminho. E, como quer que os seus todos muy bõos fossem, ben parecia elle, antre todos, o senhor, ã fazer golpes e abryr portellos pellas aazes dos mouros. E em esto bem parecia que elle era o caudel de todos, ãnos grandes feitos que fazia, ca todo aquelle que elle acalçava de dereito golpe de ventuira poderya scapar; e, per ally per honde hya, todo o cãpo leixava cheo de sangue. E dava em aquellas oras muytas almas de infiees ao demo.

Hũu rey mouro de Africa que hi veera, o qual era dos grandes gigãtes e esforçado dos do mundo, este dizia a todos que lhe mostrassem o conde ⁵⁶ dom Fernam Gonçallvez, ca o queria aver cõ elle. E algũus avya hy que o conheciã pellas armas e por os grandes feitos que fazia; e mostrarõlho. Eo mouro, como o vyu, enderẽçou pera ele quanto pode. E o conde, quãdo o vyu vïir pera sy, abaixou a lança e aderẽçou pera elle. E ferirõsse de tam grandes golpes que ficarom muy quebrantados das feridas. E o conde, pero era mal chagado, deu outra ferida ao mouro tam grande que deu cõ elle en terra de cima do cavallo. E os vassallos do rey mouro, quando o vyrõ em terra, cercaron o conde em redor e começaromlhe de dar as mayores feridas que podiã. E algũus dos Castellãaos, quando virõ seu senhor em tal pressa, enderẽçarõ pera elle quãto poderõ. E, quando a elle poderõ chegar, esto foy cõ muy grande affam, ca acharom muytos mouros no camynho de que se ouverõ ante de livrar. E, quando a elle chegarõ, meterõ

mãao aos mouros que o tiinham cercado, a darlhes as / **[125a]** mayores feridas que poderon; e desy forõ affastando os mouros afora do conde. E o seu cavallo tiinha ja as tripas no chãao e querya cayr com elle; e poserõno ã outro muy bõo. Ca, se aquella ora nõ chegarõ, a poucas poderõ perder seu senhor, que estava de pee e ã muy grande coyta, pedindo a Deus em seu coraçom que o livrasse daquelle perigoo tamanho em que estava e que nõ leixasse Castella dessemparada em aquelle dya. E, con todo esto, nõ quedava elle de dar muy grãdes golpes. E, depois que foy acorrido dos seus e posto a cavallo, disse assy:

– Senhor Deus, muyta mercee me as feita que te nõ poderia eu agradecer cõ serviço!

Mas ora leixemos estar o nobre conde com seus altos e bõos feitos e contado por o melhor homẽ do mundo, por que muytos reis mouros matou e muytas synas e pendões quebrãtou e matou muytos dos ãmiigos da fe catholica, e tornemos a dõ Gustiuz Gonçallvez, que era guyador da outra aaz. Ca, per ally per onde elle hya, veriades muyto sangue spargido de cada parte. E veeriades muytos cavallos espargidos e seu senhores e muytos mouros jazer mortos no câpo cõ os braços e as pernas cortas. E os mouros, ⁵⁷ como quer que lhes mal fosse, faziam muito dampno nos de pee. E sabe que d'amballas partes cayam muytos mortos. E tam grandes eram as feridas antre elles que todollos valles retenyam.

Outrossy dom Diego de Biscaya e os filhos de dom Layno e todollos outros Castellãaos que em aquella aaz estavã feriam da outra parte nos mouros muy ryjamente.

E assy steve todo aquelle dia a fazenda. E cada hũa das partes avya grande vootade de vencer o campo. E avyasse por bem andante o que melhor podya fazer; mas pero o conde levava a melhora, / **[125b]** assy de hũa parte como da outra. E o conde e os seus os feryam muy sem piedade e rogavõ a Deus que lhes desse honrra em aquelle dya. E o conde tantas vozes avya dadas em aquelle dya que nõ podya fallar, assy avya a boca e os dentes cheos de poo; pero cõ todo esto esforçava os seus quãto podya, dizendolhe que os ferissem fortemente e que fossem bõos, ca, se os ryjamẽte ferissem, que ja leixavã o campo; «e nõbrevos ao que aquy somos viindos e quanto torto nos tem feito Almãçor!»

E, quando o conde esto dezia, o sol era ja posto; e queria ja escurecer. E nõ se queryam vencer os mouros. Quando o conde esto vuy, mãdou tanger o seu corno. E entõ ouverõ todollos seus de ajuntar ally onde estava a sua syna, assy os Castellãaos como os cruzados que viinham em ajuda do conde. E sacaron os mouros de suas poussadas. E o conde e todallas suas companhas forõ aquella noyte muy ben albergados daquello que os mouros tiinham, em guisa que cada hũu achou mais que aquello que lhe era mester. E, desque cearõ e penssarõ muy ben de sy, deitaronse a dormyr assy armados como andavã. E, em este primeiro dya, receberam os Castellãaos muy grãde dampno, ca perderõ hy peça de bõos cavalleiros e de outra muyta gente.

Em outro dya pella manhã, foron logo os mouros enno campo dando grandes vozes e fazendo muytos arruydos, que os montes e os valles parecia ⁵⁸ que queryam cayr. E o conde e os seus de grande manhaa avyam ja ouvyydo missa. Depois que ouvirõ os mouros ãno câpo, acolheronse a seus cavallos e enderçaron a lidar, como o primeiro dya dantes, chamando o apostolo Sanctiãgo. E os Castellãaos meterom mãao a dar ennos mouros muy grandes feridas, ca de huso e de custume o avyam. / **[125c]** E Orbyta, que era o alfferez do conde e tragia a sua bandeira, tantos golpes sofria de lanças e de espadas e de maças e de seetas e doutras armas que seria muyto pera o sofrer hũa pedra. Pero todo esto elle avya de sofrer con grande bondade que em elle avya. E este Orbita foy morto ã esta lide; e o seu corpo deste Orbita jaz em Sam Pedro de Caderna.

E o conde dõ Fernam Gonçallvez, ho honrrado e nobre cavalleiro e dos grandes feitos, andava pella lide fazendo grandes golpes dhũa e da outra parte e esforçando os seus, dizendolhes assy:

– Ferideos, vassallos e amigos, ca o nosso sofrer em grande honrra e em prez se nos tornara.

E o conde cõ os seus faziã ãnos mouros grande mortaydade, ca delles morriã logo e delles jaziã chagados; e outros cayam dos cavallos e nõ se levãtavã; e delles se levantavã e cobravam seus cavallos. E esteve a lide todo o dya ataa a noyte que se cada hũus tornaram pera suas pousadas canssados e muy lazerados; e estremadamẽte mais os cristãaos, ã quanto erã mais poucos e avya hy muytos delles feridos. E cearõ e dormyrõ assy armados aquella noite, bem assi como fezerõ a primeira.

Ante que fosse manhã, espertousse o conde e mandou tanger o corno, assy como era de custume. E logo acudirom a elle todos os seus. E entõ lhes disse assy:

– Amigos, eu vos quero dizer as melhores novas que nũca ouvystes. Seede bem certos que oje em este dya, ante de hora de noa, averemos grande ⁵⁹ acorrimento do ceeo. E vẽ o apostollo Santiago com grande companhia d'angeos per que os mouros hã de seer desbaratados e confundidos. E nos seeremos vencedores e bem andantes; e guanharemos aqui muy grande algo que elles tragem, cõ que tornaremos muy ricos e muyto hõ/rrados **[125d]** pera Castella.

E entõ lhes fez cantar missa. E, depois que a ouverõ ouvyyda, disselhes que fossem comer hũu pouco, pera hyrẽ mais esforçados aa lide. E, ã esto, hya ja quebrando a alva e chegavasse o dya. E, depois que foy bem manhã, disselhes que comessem outra vez e que dessem de comer a seus cavallos e os alimpassẽ muy bem, em quãto elles comyã; e, depois, que hiriã mais esforçados, elles e seus cavallos, aa lide.

E, feito esto e o dya que era ja alto, moverõ pera o campo; e hyã muy passo, e esto faziam por hyrem mais folgados. E os mouros que os estavã ja no campo atendendo avya ja grande manhã. E, como chegarõ ao campo, o conde lhes disse assy:

– Amigos, esforçade os corações e ferideos muy ryjamente! Ca eu vos faço certos que, por quãto poder Almançor podesse juntar, que enno dya d’oge nõ seeremos vençudos, mas seeremos vencedores com a ajuda de Deus, a que nos aqui faremos muyto serviço ã este logar, onde tiraremos muy grande proveito com muyta hõrra.

Entom se ãcomendarõ todos a Deus e ao apostollo Santiago e forõnos feryr tam fortemẽte que cada hũu, cõ aquelle que se ãcontrou, logo deu com elle do cavallo ã terra. Como quer que os cristãos estevessem muy cansados e muy lazerados e delles chagados, nõca tanto esforçados foram em nõ hũu dos outros dyas dante este, nem nõca tamanha võotade ouverõ de lidar com seus inmiigos como ã aquelle dya avyam. E por esso andavã muyto aguçosos e feryãnos muy bravamẽte de cada parte.

Aly poderiades veer lanças em peças e espadas quebrar em escudos e maças em capellinas e em elmos. E ally poderiades veer muytas e boas lorigas falssar e desmalhar e muytos / [126a] e boos preontos romper e espadacar. ⁶⁰ Que vos poderey dello mais dizer, se nõ que todollos cristãos o faziam tam bem que nõ hũus outros homẽes o nõ poderyã melhor fazer? E o conde o fazia melhor que nem hũu dos outros, ca elle andava espargendo a lide e ferindo ãnos mouros de hũa e da outra parte; e entrava muy ligeiramente nas grandes pressas, dãdo grandes feridas e fazendo grandes golpes e acorrẽdo aos seus, onde el viia que lhes era mester, e esforçandoos quanto podya, dizendolhes assy:

– Ferideos, amygos e vassallos, ca nosso he o dya, ca elles vencidos e desbaratados som.

E, desto que o conde dizia, todollos seus tomavã muy grande esforço.

E Gustiuz Gonçallvez, o seu grande caudel, hya pella lide fazendo grãdes feitos e muyto bem, como aquelle que era muy honrrado cavalleiro. E, hyndo assy elle pella lide como vos digo, veeo a ele hũu rey de Affrica muy mancebo e mui valente e deu hũa espadada tã grande a Gustiuz Gonçallvez, per cima do capello, que lhe nõ prestou nada o capello, por que era ja todo roto e espedaçado, nõ o almofre outrosy, que a espada nõ ouvesse de chegar ben ataa os dentes. E dom Gustiuz Gonçalvez cayu logo ã terra morto daquelle golpe. E Deus aja mercee da sua alma! Amẽ.

Ally arredor delle jaziam mortos muytos dos seus. E ally jazia morto hũu sobrinho do conde, que era muy bõ cavalleiro ã armas, que se matara con hũu mouro dos Allarves muy bõ cavalleiro a maravyilha. E muytos bõs cavalleyros de Castella foram ally mortos em aquella lide. Mas nõ foy esto muyto embalde, ca tam grande foy o dampno que fezerõ ennos mouros que pera sempre fallarõ della os que o ouvirem.

E ao conde chegou recado ã como era morto dom Gustiuz Gonçallvez e, dos melhores / [126b] dos seus, grande peça e que, se lhes nõ acorresse, que estavam ã ponto de se perderẽ todos. E, quando o conde esto ouvyo, pesoulhe muyto de coraçõ e enderençou pera allo quanto pode. E, quando allo chegou, achou os seus estar muy mal apostados, ca, se elle tam toste nõ chegara, em pouco estavã de perderem todos as cabeças e seerem todos mortos e desbara ⁶¹ tados. Entom o conde e os seus meterõ mãaos aos mouros e darlhes muy grandes feridas e ãmẽtando «Castella» e nomeandosse, que elle era o conde dom Fernam Gonçalvez, e esforçando os seus e dizendolhes:

– Ferideos, amigos, ca vençudos som!

E os seus do conde, con o seu esforço e cõ ajuda, grande foy a mortõidade que fezerõ nos mouros, dizendolhes o conde que em aquelle dia guaanhavã prez e grande honrra pera sempre, pera sy e pera todollos que delles vehessem. E, certo, quem bem parasse mentes ã as pallavras d’esforço que elle dizia e outrossy quẽ elle era e os feitos que fazia, nõca maao seerya.

E elle e os seus, andando em esta pressura, aquelle rey mouro que matara dõ Gustiuz Gonçallvez, acertousse que o conde ãcontrou cõ elle. E o mouro lhe fugira muyto de boa mẽte, se elle podera; mas o conde nõ lhe deu esse vagar, ca lhe deu hũa espadada, per cima do escudo e do pescoço, que lhe cortou bem a meatade do pescoço con o almofre da loriga e deu com elle morto en terra. E ally tornaron os Affricanos sobre seu senhor hũu grande tropel e enderençarõ ao conde e cercarõno arredor; e meteron mãao a elle, a darlhe muy grande feridas de cada cabo e matando dos seus do conde ally arredor donde elle estava; e esto, por que os mouros erã muytos e os cristãos poucos. E o conde se vyo em aquella ora em tam grande pressa e assy desemparado que nõ podya mais seer, ca elle viia / [126c] matar ante sy os seus e nõ lhes podya acorrer e viiasse muy soo cõ muy poucos e viia os mouros tantos arredor de sy que se nõ sabia dar a consselho, con tamanho perigoo como aquelle em que estava, ca bẽ cuydava em aquella ora seer morto.

Entom alçou os olhos pera o ceo e começou de dizer a Deus em seu coraçom ã esta maneira:

– Senhor Deus, pois a ti praz que eu esta batalha nõ vença, eu quero entrar em tal logar onde me matẽ, ca eu vyvo nõca daqui sairey, pois tua voontade nõ he. E eu nõ levarey outra mazella deste mundo se nõ por que assy fica desemparada a cativa de Castella; e esto por teu serviço. E, Senhor, por que tomaste tal sanha cõtra nos, que te praz que se assy perca Spanha? Ca mais era teu serviço de a teerẽ os

cristãos que os mouros. Mas, pois assy he, a mÿ cõvê de morrer em este lugar, ca eu em prison d'Almãçor ã nem hũa guysa nõ ey d'êtrar. E, Senhor, por que me faleces ⁶² do que me prometiste. Mas, peçote, Senhor, por mercee, que o condado de Castella, que o filhes ã tua guarda e nõ queiras que fique desamparado e que lhes des tal provedor que o defenda e mantenha. E peçote, Senhor, por mercee, que me leixes chegar a Almançor ante que moira, ca, se eu a elle chegasse, bẽ cuydaria de vyngar mynha morte. E eu, Senhor, e estes que aquy som cõmigo hiremos oje ante a tua face muy sem vergõça.

Acabado esto todo que o conde assy dizia a Deus, ouvyyu hũa grande voz de cima contra o ceo, que lhe disse ã esta guisa:

– Conde, esforçate e nõ temas nada, ca grande he o bando que te crece que Deus ãvya.

E meteu entõ o conde mêtês contra cima, onde ouvyyu a voz, e vyo o apostollo Sanctiago cõ muy grandes companhas d'angeos que lhe pareciam que viinham todos armados de armas brãcas / [126d] come a neve; e trariam todos pendões brancos cõ cruces; e forõ contra os mouros, aazes paradas. E, quando Almãçor e os seus virom tantas companhas e tã bem guysadas, ficarom todos spantados. E disse entom Almançor contra os seus que era muy maravilhado onde podyã vÿr tam grãdes poderes ao conde, «o qual ora eu cuydava a prender ou vêcer e ora cuydo eu que fara elle esto a mÿ, segundo quantos som». E os cristãos, que estavã muy tristes e muy desacordados, quando virõ o apostollo Sanctiago, foram tam ledos e tam esforçados que nũca o tanto forõ. E todo o desforço e medo que avyã, todo se lhes tornou em esforço e em prazer, em tal maneira que os nõ pode sofrer Almançor, cõ todos seus grandes poderes, e ouverom de tornar as espadoas e começarõ de fugir.

Quãdo o conde vyo que os mouros hi iam fogindo quãto podyã, disse aos seus:

– Amigos e vassallos, nõ se vos vã assy!

⁶³ E entom enderençarom ãpos elles e forõ matando e derribando em elles ataa êtrante a Almarya, por que hũu dya e duas noytes foram empos elles per o encalço. Mas nẽ hũu homẽ nõ vos poderia contar quantos mouros ally forõ mortos e cativos.

E, ao terceiro dya, tornou-se o conde e os seus a Fazinas, onde fora a lide. E cada hũu buscava os mortos seus parentes e amigos, se os poderya conhecer antre os mouros, pera delles soterrar e os mais honrrados levar pera sua terra. E o cõde lhes disse que nõ tiinha esto por bem, ca nõ era compridoiro, a homẽes que tanta lazeira avyam passada, que fossem fazendo doo pera tam longe terra, ca lhes poderia dello crescer dampno. «Mas a mÿ semelha» disse o conde «que he melhor de os levar a hũa hermyda que esta preto daqy, em que eu mando fazer hũu muy bõo moesteiro / [127a] e em que ha de seer a mynha sepultura». E todos outorgarõ que era ben o que o conde dizia. E filharom todollos corpos dos cristãos que poderõ conhecer e levarõnos aaquella hermyda que o conde dizia; e soterrarõnos hy muy honrradamẽte.

E, depois que foram soterrados, tornarõ a colher o campo, em que acharõ muy grande algo sobejo. E, feyto esto, cada hũu, daquello que lhe aconteceu em sua parte, partyu muy bem con Deus.

Despois que o conde e os seus esto ouverom acabado, e hyndo per seu camynho pera Burgos muy louçãos da grande mercee que lhes Deus avya feita, chegou recado ao conde, del rey dom Sancho Ordonhez de Leon, que fosse logo aas cortes suas sem outra detẽça, ca todollos outros de sua terra erã ja jûtados e nõ mynguava salvo elle; e que nõ posesse escusança nem hũa.

⁶⁴ CAPÍTULO CCCXLII

Como o conde Fernã Gonçalvez vendeu a el rei dom Sancho Ordonho de Leon o cavallo e o açor, por que Castella despois foy livre do feu do senhorio de Leon

Depois que o conde assy muy honrrado vyo o recado del rey dom Sãcho Ordonhez de Leon, disselle que farya seu mãdado, pero que o nõ culpasse por que nõ chegara tam toste. Entom lhe mandou dizer como viinham muy cansados, pero que hyam pera elle quanto podyam. E ãvyoulhe contar toda a maneira como passara cõ Almançor com seus grandes poderes. E assy andou per seu camynho, ataa que chegou a Burgos. E esteve hi tres dias. E desy enderençou seu camynho pera Leõ onde el rey era. E esta hida fazia elle muyto contra sua voontade; e esto, por que avya de beyjar a mãao a el rey. E, hyndo pello camynho, hya assy dizendo ã / [127b] seu coração:

– Senhor Deus, peçote por mercee que me queiras ajudar per que possa eu seer livre desta prema dos Leoneses!

E tanto andou o conde per suas jornadas que chegou a Leom. El rey, como o soube, sayuho a receber com todollos nobres homeens que hy erã; e recebeu muy ben e fezelle muyta honrra. E, a todos quãtos hy avya, prazia muyto cõ elle, assy a fidalgos como a cidadãos, salvo aa raynha tan solamẽte, por que era irmãa del rey dom Sancho de Navarra que o conde matara. E el rey e todollos outros foram con o conde ataa as suas pousadas.

Em estas cortes eram muytas e boas jentes; e o conde era ende o melhor e o mais honrrado de

todos. E elles preguntaron a el rey por aquellas maneiras por que os mandara chamar. E elle lhes disse todo aquello por que os mandara chamar. E o cōde lhe deu sobre ello seus conselhos quaaes elle entendeu que eram melhores, assi como aquelle que era de grande entendymto; e os outros outrossi, cada hũu segundo o ãtendeu.

⁶⁵ E o conde dom Fernam Gonçalvez tragia entõ hũu açor garceyro que nõ podya melhor seer; e outrossy tragia hũu cavallo que o nõ avya melhor em Espanha nõ mais fremoso – e filharao o conde a Almãçor em aquella lide em que o vencera. E el rey soube como eram bõos aquelle açor e aquelle cavallo. E, quando el rey o vyo tam fremoso – e ouvira ja dizer delle tãtas bondades e outrossy do açor – prouguelhe muyto delles. E entõ disse ao conde que lhe vendesse aquelle cavallo e o açor de que elle era muy pagado, segundo lhe avyam dicto que eram muy bõos. E o conde lhe disse:

– Senhor, bem vos disserõ verdade que se nõ podem no mundo melhores saber. E vos, senhor, mãdadeos tomar, ca eu nõ vollos venderey.

E el rey disse que lhos / [127c] vendesse em toda guisa, que elle doutra maneira nõ lhos tomarya se nõ por cõpra, e que nõ fizesse hy al, dandolhe em esto grande afficamento. E o conde, quando vyo que se delle ã outra maneira nõ podya quitar, disse que lhe prazia. E el rei disse que lhe darya por elles myl marcos de prata. E o conde lhe disse:

– Senhor, pois vos querees que vos faça esta venda por estes mil marcos de prata, querovollo fazer com tal preitesya que me ponhades certo dya a que mos dees e, nõ mos dãdo aaquelle dya, que se dobrem cada dya ao gallarym.

E el rei disse que lhe prazia. Entõ fizeram suas cartas de fortes firmidões e muy grandes, feitas per mãao de notayro e cõ testemunhas dos mais honrrados homẽes e melhores que hi foram e seeladas com seus seelos. E este mercado sayu despois a el rey muy caro, por que ataa tres annos nõ fez razõ de pagar. E, quando quis pagar, nõ avya aver amoedado em todo o mundo per que esto podesse comprir, ainda que hy fossem os reynos mesturados. E por esto perdeu el rey de Leon o condado de Castella e os Castellãaos nõ viirẽ a cortes dos reis de Leon nem a fazerlhe outro nem hũu trebuto, dellos tres ãnos que se seguyron en dyante.

⁶⁶ CAPÍTULO CCCXLIII

Como se o conde dom Fernã Gonçalvez tornou pera sua terra

Depois fezerõ suas firmydões el rey e o conde sobre o mercado do cavallo e do açor, partironsse das cortes e cada hũus se foram pera suas terras. E o conde se foy pera a sua com suas cartas. Pero que, ante que se o conde partisse, fallou a raynha cõ elle muyto enganosamẽte, come aquella que lhe querya muy / [127d] grande mal por a morte de seu irmãao, el rey dom Sancho de Navarra, que o conde matara, e disselle assy:

– Conde, pera se aver de flir a guerra nossa e vossa e de meu irmãao, el rey de Navarra, tenho por bem que cassees com mynha sobrinha, a ifante dona Sancha, filha del rei dom Sancho, meu irmãao, que vos matastes, e irmãa del rey dom Garcia. E, pois vos avees de fazer o que meu senhor, el rei de Leon, quiser, per esta maneira seeremos todos hũus.

E o conde lho outorgou e disse que ella fazia como muy boa senhora pera fazer serviço a Deus e obras quaaes ella devya de fazer. E com esto se foy o conde. E entõ filhou a raynha seu messejeyro ãvyou seu recado a seu sobrinho, el rey de Navarra, ã como fallara com o conde dõ Fernã Gonçalvez, que casasse com a iffante dona Sancha, sua irmãa. E a carta que lhe mandou dizia assi:

«A ti, rey dom Garcia de Navarra, eu, a raynha de Leon, tua tia mayor, te faço saber que, por quanto eu perdi el rey dom Sancho, meu irmãao e teu padre, que era a rem do mũdo que eu mais amava que, se eu fosse homẽ como tu es, que ja eu seerya vingado. Ca hora tees tẽpo de vyngar meu irmãao que foy teu padre. E o que te ãvyo dizer seja em grande puridade. E tu ãvyaras dizer ao conde Fernã Gonçalvez ã como te ãvyei meu ⁶⁷ recado como fallara cõ elle ã casamento seu e da ifante dona Sancha, tua irmãa, e que per aquy se partiria ho omizio, assi del rey de Leon, nosso e delle, e que, per esta razõ, seeryamos todos hũus. E elle outorgoumho, dizendo que lhe prazia muyto. E vos ãvyalhe dizer que vos ãviey eu tal recado e que vos praz muyto desta maneyra, por que he a serviço de Deus e a grande prol da cristaydade; e que seja cõvosco a dya certo em hũu logar sabudo, qual lhe vos / [128a] mandardes dizer, e que nõ traga conssigo se nõ cinco de bestas desarmados; e que vos hiredes hy cõ outros tantos per aquella maneira e que ally firmarees o casamẽto seu e da iffante e as arras que lhe ha de dar; e ally firmaredes o dya ã que ira por ella e que lhe assiinarees o logar onde hã de seer as vodas».

CAPÍTULO CCCXLIV

Como el rey dom Garcia de Navarra prendeu o conde dom Fernã Gonçalvez per maa verdade

Diz o conto que el rey dō Garcia de Navarra, quando estas novas ouvyo, que foy muy ledo e pagado. E disse a todolos seus ã como lhe mandara dizer a rainha de Leon, sua tya, que fallara con o conde dō Fernã Gonçalvez, por feito de seu casamêto e da iffante dona Sancha, sua irmã; e que aa raynha prazia deste casamento e que lhe ãvyava dizer que prouguesse a elle, por que era a serviço de Deus e que se partiry a per hy ho omizio que era antre Navarra e Castella; e que ao conde prazia muyto. E disselhes que lhe dessem consselho sobre esto, qual vissẽ que melhor era.

E os Navarros todos dultavam o conde dom Fernã Gonçalvez sobre todollos homẽes do mundo, ca bem sabyã eles que nõ avya no mundo melhor homẽ que elle per o corpo e per armas; e por esso disseron todos a hũa voz que era muy bẽ e que lhes prazia muyto.

E el rey, como quer que el esto dissesse, al tiinha no coraçõ, segundo o que lhe ãvyara dizer a raynha de Leõ, sua tya. E ãvyou logo seu recado ⁶⁸ ao cõde, ã como lhe ãvyara dizer a raynha de Leon, sua tya, ã razõ daquelle casamêto; e que, pois que a sua tya prazia e a elle, que el fosse a hũa dya certo, que lhe pos, a Cerveira, cõ cinque bestas e sem armas, e que elle verria hy cõ outros tantos e que firmaryã hi seu / [128b] preito e da iffante e das arras que lhe avia a dar e o logar onde avyã de fazer seus casamêtos.

E o conde lhe ãvyou dizer que lhe prazia muyto e que seerya hy em aquelle dya que lhe ãvyava dizer. E o conde filhou cique cavalleiros de muas, e conssigo seis e mais nõ, daquelles meliores que elle avya, sem armas nẽ hũas. E foy, aaquele dya que el pos, ã Cerveira, cuydando que verria hi el rey, assy como lhe ãviara dizer.

Mas el rey veeo hi doutra maneira, ca tragia cõssigo vũte e cinque cavalleiros muy bem armados e ã muy bõos cavallos. E, quãdo o conde vyo el rey assy vũir, bem entendeu que lhe avia mentido do que lhe mandara dizer. E pesoulhe muyto por que o assy ouverõ traudo e disse:

– Em maaõ dia naci que me tam grande engano ham feito!

E deu hũa grande sospiro e disse:

– Todo o mundo se devya a destroyr por tamanha treyçõ. Eu meesmo me vendy, fiando em cristãaos! E agora som caydo em todo aquello que me disse o monge Sam Pallayo. E todo este mal me veeo pella raynha de Leon.

E, depois que vyo que nom podya hy al fazer, meteusse em hũa hermidã que hy estava apreto; e os cavalleiros que com elle viinhã outrossy. E seus escudeiros, que apos elles viinhã de cavallos e d'espadas, ho hũa era do conde e os outros dos cavalleiros que com elle veerom. Estes, depois que virom seus senhores estar em tal perigoo e que lhes nõ podiã acorrer que ante nom fossem todos mortos, e disse o escudeiro do conde aos outros:

– Syguydeme e eu vos direy o melhor que podemos fazer.

⁶⁹ Entom forom contra o camynho frances per onde hyam os romeus. E o escudeiro do conde tomou as vestiduras a hũa romeu e deulhe as suas; e deu o cavallo aos outros e disselhes que se fossẽ pera Castella e que dissessem aos Castellãaos como estava o conde em aquella hermidã, / [128c] onde ho tiinha cercado el rey de Navarra, e que lhe nõ poderya durar que logo nõ fosse tomado; e el que hiria, em aquelles vestidos do romeu, aa hermyda e que farya como que fazia sua oraçõ e que lhes lançaria allo aquelas spadas.

E os escudeiros foronsse pera Castella, assy como lhes elle disse. E elle tornousse e chegou aa porta da igreja e entrou com elles dentro e deulhe suas espadas. E el rey de Navarra combatyaos quanto podya, que os nõ leixava polla igreja, pero que era sagrada. E o conde e os seus defenderonsse quãto poderom, pero, aacima, nõ lhes prestou nem hũa cousa, ca ouverom a seer presos; e esto nõ era maravilha, ca elles eram poucos e desarmados e os outros eram muytos e muy bem armados. Pero, ante que o filhassem, preytejou el rei com o conde e cõ os seus que se dessem a prisom e que os nõ mataryã; e fezlhes menagem. E per esta guisa foy preso o conde dō Fernã Gonçalvez e os seus. E esta preytesya fez el rey de Navarra por que, quando vyo hyr os escudeiros do conde, ouve penssado que tiinha algur apreto grande poder e que hyam pera elles que lhes vehessem acorrer, ca doutra guisa nõ sayra o conde vyvo. Mas, por que se defendeu muy ben, ouve de preitejar.

Outrossy, por que a sua prison foy per maa verdade, pesou dello muyto a Deus e por esto mostrou logo hy o seu milagre, ca ho altar se partyu per meo, de cima ataa o fundo, e bem assy fez a igreja. E assy está oje ã dya e cuydamos que estara adyante, e esto pera seer mostrado o milagre que Deus hy fez.

E o conde foy logo metido em grandes ferros. E, depois que lhe os ferros forom deitados, tornousse elle a Deus, dizendo assy:

– Senhor Deus, por que me faleces, quando te hey mester? Ca eu, a todo meu cuydar, nũa falleço ãno teu serviço, segundo eu entendo. Ca, se me os Navarros acharõ armado, nõ ouvera eu / [128d]

de ty querella. Mas, se tu aco fosses ã este mundo, eu te retarya e tu meesmo dirias per tua boca ca me erravas, ⁷⁰ ca eu nũca te fiz por que de ty devesse de seer deseparado, salvo te servi sempre muy dereitamẽte e sã receo nem hũu. Mas a mỹ semelha que te praz que eu moyra soo e deseparado.

Entom mandou el rey levar o conde e os seus pera Crasto Velho e mandoulhes dar muy maa prison. E partirõ o conde dos seus e lançarõnos ã outra prison. E o conde disse entom a el rey:

– Senhor, nõ as por que teer presos estes, ca nõ merecerom por que, ca, quantos ha ã Castella, todollos averas por mỹ soo.

E entom os soltou el rey; e elles tornaronse pera Castella.

E, quando os Castellãaos forõ certos da prisom de seu senhor, ouverõ tã grãde pesar que ante quiseram seer mortos que vyvos. E fezerom todos muy grande doo e tiinhã todos muy grande pesar ãnos corações por a prisom de seu senhor. E diziã, ennas pallavras de seu doo, que sempre Deus tiinha por bem de andarẽ em coyta e ã marteiro, onde todollos outros avyã algũs dias de prazer, e outrossi que Deus dava sempre tormenta e coita a Castella antre totalas outras terras d’Espanha. Pero todos pediã a Deus por mercee que, por aquelle mal que padeciã, que lhes livrasse seu senhor daquella prison, ca per elle coydarom a sayr da prema.

E os fidalgos de Castella ajuntarõsse entom pera averẽ seu acordo em razõ da prisom do conde.

⁷¹ CAPÍTULO CCCXLV

Ora leixa o conto a falar deles e torna ao conde, que era preso em Crasto Velho, ãna prisom del rey de Navarra

Diz a estorva que per todallas partes erã falladas as bondades do conde dom Fernã Gonçallvez. E aveeo assy que hũu conde de / [129a] Lombardya viinha em romarya a Sãtiago e ouvyo dizer, per onde viinha, ã como fora preso o conde e a maneira por que o fora – e bẽ avya ja hũu ãno que o conde jazia em prissõ. E pesoulhe muyto por que fora preso per tam maa verdade e sobre segurança.

E chegou aaquelle logar que chaman Crasto Velho, onde jazia o conde preso, e demandou se o poderia veer a esses que o guardavã, por que ouvira dizer muyto bem ã como era homẽ bõo. E soube que o nõ podya per outra maneira veer se nõ prometendo aos que o guardavã algo, que lho mostrassem cõ dous cavalleiros e cõ mais nõ. E aos porteiros prougue por receber o algo delle. E levarõno onde o conde jazia e abrironlhe as portas. E os condes, quando se virõ, receberonsse muy ben e assentaronse a falar a parte. E, depois severom grande peça falando, partironse cada hũu delles chorãdo. E o conde dom Fernã Gonçallvez ficou em sua prison, rogando a Deus que o sacasse della.

E o conde de Lombardya, quando se dally partyu, nõ lhe esqueceu o conde dõ Fernã Gonçallvez. E demandou que querya veer a iffante dona Sancha, que lhe queria fallar. E forõlha mostrar.

⁷² CAPÍTULO CCCXLVI

Como o conde de Lombardya foy fallar aa iffante dona Sancha ã como sacasse o conde Fernã Gonçallvez da prisom

Conta a estorya que, quando o conde de Lombardya chegou onde a iffante estava, homildousselhe; e a iffante o recebeu muy bem; e assentaronse ambos a fallar em puridade. E o conde disselhe que avya delle muy grande querella e que a tiinha por molher muy sem ventuira, por que o melhor homẽ do mundo era preso por ella, e esto ã viindo seguro pera casar com ella e pera lhe fazer muy grande honrra. E que per todo o mundo a tiinha por a mais sem ven/tuira [129b] molher que todallas outras. Mas, se queria fazer come boa e que fosse preçada e louvada per todo o mundo, que o tirasse da prisom em que jazia. E que, se o conde em esta prisom morresse, que se perderya Castella e ella que perderia sua alma pera todo sempre e outrossi a boa fama, como erege que tolhe a terra aos cristãaos e da aos mouros. «E, por a prisom do conde som elles ledos e pagados». E que, se podesse per tal guisa fazer que fosse casada com este conde, pois que ja o casamento fora muvydo, que nõ poderya tã honrrada seer de nẽ hũu outro homẽ que no mũdo ouvesse, ca nõ sabya homẽ que o per corpo vallesse. E que, per esta guisa, seerya ella a mais honrrada molher que em Espanha ouvesse e a mais preçada de todos aquelles que o soubessem, que ella tal homẽ tirava de prisom pera casar com elle. E que bem diriam per o mundo que nũca dona tam boa cavalgada avya feita. E disselhe mais:

– Certo, senhora, se vos sodes molher em que caybha razon e mesura e feytaa maneira que som as donzellas, conheceredes o que vos ey dicto. Ca bem sabemos ã como algũas donzellas per boa maneira pagãsse mais de ⁷³ hũu cavalleiro que doutro pera casarem cõ elle. E, fazendo vos esto, acertarees a melhor ventuira que nẽ hũa outra molher, ca este homẽ he melhor per corpo e per manhas que vos oje outro saybhadess, pois do sangue donde vem nõ deve a nẽ hũu nada.

E, ditas estas razões e outras muytas, espediosse o conde da iffante e disselhe que se nembrasse do que lhe avya dicto e que nõ possesse em ello delonga nem hũa e que farya em ello sua prol. E entõ fosse seu camynho pera Sanctiago.

A iffante ãvyou logo hũa dona ao conde dom Fernã Gonçallvez, a contarlhe todo aquello que disera o conde de Lombardy. E a dona se tornou logo com a reposta aa ifãte, / [129d] como aquella que avya muy grande coita da prisom do conde. E disselhe assy:

– Senhora, o conde se vos ãvyã ãcomendar. E disseme em como fora preso, ã viindo pera casar cõvosco, segundo o possera cõ vossa tya, a raynha de Leom; e que esso meesmo lhe ãvyara dizer vosso irmãao como lhe prazia muito do casamento e que se visse com elle ã certo logar cõ cinque de bestas e sem arma nõ hũa, pera firmar vosso casamento e seu. E elle, cuydando que viinha pera ello, aveolhe de seer assy preso per maa verdade. E assy diz que toda prison sua foy por a vossa razon, que nõ por al. E de que mais pesa ao conde – disse ella – assy he por que diz que, aquelles poucos dias que ha de viver, que nõca quedara em pedyr a Deus por mercee que vos queira acooymar esta prisom que lhe por vos veeo, como quer que vos nõ sejades em culpa. Pero diz que o poderiades della bẽ livrar, se quisessedes. E vos, senhora, tomade meu consselho, se vos prouguer e esto: que vejades o conde e que o confortedes, ca, se o virdes, bem diredes ã vosso coraçõ que nõca vistes melhor homẽ nõ tã bõo como elle, e que o nõ queirades assy desemparar pera morrer em prison o melhor cavalleiro que a no mundo.

Entõ respondeu a ifante aa dona:

⁷⁴ – Bẽ vos digo, amiga, que a mỹ pesa muyto do mal que padece. Mas Deus lhe dara a poucos dias consselho, se vyr que bem he. Mas tanto quero fazer por el e outrossi por vos que mho rogades: querome avẽtuyrar a veello e mostrarlhe hey como me pesa do seu mal.

Entõ foy logo ao castello onde o conde jazia. E abrirõlhe as portas e entrou dentro. E, quando ella vyo o conde tam bem feito e tam aposto como elle era, prouguelhe muyto. E o conde foy pera ella e recebeuha muy bẽ. E poseronse hũu pouco a parte e o conde lhe disse entom:

– Senhora, per que maneira he / [129d] aquy a vossa viinda?

E a iffante lhe disse:

– Conde, ouvyn do eu de vos dizer muyto bem e doendome da vossa prison e outrosy da grande lazeira que passades, e esto por mỹ, de que nõca nõ hũu bem ouvestes e teendes recebido muyto dampno, sem mynha culpa, por que fuy aazo de vossa prison. Mas quero todo muy ben emendar, ca vos quero livrar desta prisom, cõ tanto que me façades menagem e certo juramẽto que me tomees por molher, tanto que fordes ã vossa honrra. E eu tirarvos ey logo daquy e hyrm’ei cõ vosco. E, se esto nõ fezerdes, morreredes ã esta prisom. Hora podees veer o que vos mais compre e assy fazede.

CAPÍTULO CCCXLVII

Como a iffante dona Sancha tirou da prisom o conde dõ Fernam Gonçallvez e se foy cõ el pera Castella

Quando o conde dom Fernam Gonçallvez ouvyyu o que lhe a iffante dona Sancha disse, foy tam ledo que mais nõ poderia seer e disse:

– Senhora, esto que me vos dizedes, eu ho agradeço muyto a Deus e a vos. E, se o quiserdes assy comprir, guysade ã guisa que nos vaamos daquy esta noyte. E eu fazervos hey tal preyto e juramẽto qual me vos demãdardes.

⁷⁵ E ella lhe prometeu logo que o sacaria da prisom e que se hiria cõ elle pera Castella. E o conde lhe fez preyto e juramẽto que a tomaria por molher. E fezerom ambos juramẽto que, aquelle que desto ao outro falecesse, que Deus e a sua madre Sancta Maria, cõ todollos sanctos, o destruyssẽ em este mundo e depois ãno outro. E, esto feito, acordarõ que depois que noyte fosse, que a iffante o tirasse da prisom e que se fosse com elle pera Castella.

E, depois que foy noyte, a iffante foy ally onde elle estava e abriu a porta e filhouo pella mãao e disselhe que se fossem, ca tempo era d’andar. E entom se forõ seu camynho e leixarõ / [130a] o camynho frances aa mãao direita e filharõ aa mãao seestra per hũu mõte. E o cõde hya nos ferros e nõ podya tam bẽ andar; e ajudavao a iffante a sofrer sobre os ombros aas vezes.

E assy andarõ ataa que manheceu. E, depois que foy manhã, foronsse meter em hũu mato espesso que estava desvyado do camynho e ouverõ de atender ally a noite, por que andavã canssados e pera hirẽ mais sem receo.

E, elles jazẽdo ã aquelle mato, aconteceu assi que hũu acipreste de Navarra, que andava a sua caça cõ seu açor, lançouho a hũa perdiz. E o açor foy dar con ella em aquelle logar onde elles jaziã. E, quãdo elle ally meteu os podengos, começarõ a ladrar. E o arcipreste parou mẽtes a que ladravã e vyos jazer acostados a hũu vallo. E conheceu logo a iffante e o conde, per os ferros que tragia. E o arcipreste, quando os vyyu, prouguelhe muyto, cuidando que lhe faria el rey por ello muyta mercee, se os tornasse aa prisom. E, quando os assy vyyu, disselhes:

– A la fe, treedores, nõ vos poderedes hyr, ca averedes de tornar ambos aas mãaos del rey dõ Garcia e morreredes maa morte.

E o conde disse:

– Callate! Nõ faças assy, mas tēnos puridade e vaite cōnosco, e darte hey ã meo de Castella hũa cidade por tua herdade por todo o sempre.

⁷⁶ E o arcipreste disse que ãte queria seer morto que tal cousa se fazer. E elle disse que doutra guisa nõ faria nada. E a iffante, quando vyu que nõ podyam acabar com elle per outra maneira, cuydau hũu engano que lhe fizesse. Entõ disse a ifãte:

– Arcipreste, pois que doutra guisa nõ pode seer, mais val que todos jajũemos hũu pecado que avermos de morrer. Mas cõvẽ que nos alonguemos hũu pouco, ã guisa que nos nõ veja o conde.

Entõ se alõgou com ella hũu pouco. E desy descalçou o arcipreste os panos meores e abraçouha. / [130b] E, cuydando fazer sua vōtade, lançou os braços em ella. E ella filhouo cõ ambas as mãaos per o cabeçõ e disse:

– Dom treedor, do que vos cuydades nõ se fara nada!

Entom deu braados ao conde, dizendo:

– Conde, acorredeme!

E o conde enderençou quãto pode ennos ferros e chegou ante que o clerigo podesse sayr das mãaos da iffante. E travaram ambos delle, em guisa ⁷⁷ que o arcipreste foy a terra. E o conde tiroulhe o cuytello da baynha e degolouho cõ elle. E nũca se Deus amercee da sua alma, se vyr que he bem!

E, feito todo esto, tomoulhe o conde a mula e prendeuha a fundo do mato, por que a nẽ hũu nõ podesse veer; e outrossi filhou os panos e o açor. E o dya foy sayndo e a noyte viindo.

E, quando virõ que ja era noyte, vestiu o conde os panos do clerigo e acolheronsse ambos aa mulla, a iffante dyãte e o conde detras. E ãtrarõ enno camynho e andarom ataa cerca de Castella. E, depois que virõ que era dia, desvyaronsse do camynho e meterõsse antre hũas arvores espessas.

CAPÍTULO CCCXLVIII

Mas ora leixa o conto a fallar do cõde dom Fernã Gonçalvez e da iffante dona Sancha e torna aos Castellãaos, em que maneira fezerõ pera hyrẽ buscar seu senhor

Diz o conto que os Castellãaos fallavã em feito do conde, seu senhor, que faryã por a sua prissõ. E hũus deziã de hũa maneira e os outros de outra. Antre os quaaes estava hũu cavalleiro que avya nome Munho Layno; e era muy bõ cavalleiro d'armas a grande maravilha e muy leal e muy entendido. E disse entõ ante todos:

– O que a mỹ semelha que he melhor, assy he esto: que façamos hũa pedra em fegura do conde e da sua grandeza e semelhaça e que lhe beyjemos a mãao, assi como faria/mos [130c] ao conde, e que o ponhamos ã cima de hũu carro e que andemos tanto como andar o carro, e mais nõ. E que assi ⁷⁸ guardaremos aquella pedra como se o conde fosse meesmo, fazendolhe juramẽto que nũca tornemos a nossas terras ataa que cobremos nosso senhor ou moyramos ã sua demanda. Outrossy, por cousa que nos avenha, que nũca fugamos, se esta pedra nõ fugyr; e quẽ doutra guisa tornar, que fique por treedor. E, aa ymagẽ, meteremos a syna do conde ãna mãao. E, se o conde forte e ryjo he e pedra forte e ryja seera. E ou trageremos nosso senhor ou ficaremos allo todos. E, quanto mais ã este feito tardamos, tanto mais fazemos nosso dampno e nossa vergõça. E tanto mayor honrra damos a nosso senhor. Ca, se algũa cousa fezermos que bem seja, elle deve dello aver o gallardom, segundo como avemos provado em seu feyto desque foy preso.

E, desto que Munho Layno disse, prougue muyto a todos e outorgarõ que dezia muy ben. Entom mandarom logo fazer aquella ymagẽ de pedra aa figura do conde dereytamente e poserõna em hũu muy bem feito carro de madeira. E fezeronlhe aquella menagẽ, como ja ouvystes, e meteronlh'a syna enna mãao e cometerom seu camynho pera Navarra.

E o primeiro dia chegarõ a Arlãço. E, ãno outro dya manhãa, passarõ a sera do monte d'Oca e foron albergar a Belffurado. E hyam muy tristes e quebrantados, como aquelles que avyam menos seu senhor. Outro dya moverõ dhy grande madurgada. E, ante que ouvessem andada hũa legoa, o dya foy viindo.

E o conde e a iffãte hyã per seu caminho pera Castella, e virõ vĩir a signa do conde, que tragyam os Castellãaos. E a ifante, que a vyu primeiro, disseo ao conde, ã como viia vĩir hũa signa e que nõ podya devisar de qual collar era e / [130d] que lhe parecia que ouvera de seu irmãao ou de Almãçor e que nõ sabya que delles podesse seer. E ficarõ muy spantados cõ o grande medo que ouverõ, por que nõ viiam montanha nẽ mato a que se podessem acolher. E, quando virom que al nõ podyã fazer, estiverõ quedos se poderiã ⁷⁹ conhocer a signa. Pero desvyaronsse do camynho. E entom o conde parou bem mentes ãna signa. E, quando se mais veeo chegando, afemẽçouha bem e conheceu que nõ era d'Almãçor nẽ de

mouros. E, quando foy mais preto e a o conde foy ben affemêçando, conheceu que era a sua e que aquelles eram os seus vassallos que viinhã cõ ella e bem entendeu que o yam demandar. E, quanto ante ouve de nojo e pesar, todo se lhe tornou ã prazer. E entõ disse o conde aa iffante:

– Senhora, estes som os meus vassallos que me veem buscar e aquella he a mynha signa. E vedes, senhora, todas aquellas companhas e a todallas outras do meu senhorio farey que vos beyjê as mãaos e vos filhem por senhora. E som ben certo que lhes prazera cõvosco estremadamête, desque souberê quãto por mÿ avedes feito. E colhervos ham em Castella nas fortellezas e nos chãaos e de todo seeredes senhora.

E a iffante, quando esto ouvyo, de muy triste que estava, tornou tã leda que nõ podya mais. E alçou as mãaos ao çeeo, dando graças a Deus da merçee que lhes avya feita, a ella e ao conde.

E entõ vyo o conde vÿr hũu homẽ apreto donde ele estava; e chamou e disselle que fosse aaquella companhia e que lhes dissesse assy:

– O conde dom Fernã Gonçalvez vem ledo e com prazer e fora da prisom em que estava e trage consigo por molher a iffante dona Sancha, irmã del rey dom Garcia de Navarra.

E o homẽ foy a elles e disselles o mandado do conde. E elles, quando [131a] estas novas ouvyrõ, foram tam ledos que mais nõ podyam seer. Entõ enderençarõ quanto poderõ pera aquelle logar que lhes ho homẽ mostrou. E, ante que elles chegassem, decerõsse dos cavallos e quiseronlhe beyjar as mãaos e os pees. E o conde lhes disse que nõ beyjassem as mãaos a elle, mas que a beyjassem aa ifante e que a ouvessem por senhora, por que o livrara de morte e tirara da prison. Entõ foram todos a ella con lagrimas, beyjandolhe ⁸⁰ as mãaos e os pees, ã cima dos panos que tragia vestidos, dizendo elles que ella era sua senhora que os avya livres de cativo em que eram metidos e lhes dera senhor que avyam perdido, e estas pallavras e outras muytas de agradecimêto. E, em esto, o conde e a ifante e os outros todos choravã com prazer que avyã e todos davam graças a Deus do bem e mercee que lhes fezera.

E, feito esto, tornaronse os Castellãaos con seu senhor, fazendo muitas alegrias, e assi chegarõ a Belfurado, que era dhy preto e era o primeiro logar do condado que partya com Navarra. E, depois que chegarom a Belfurado, mandarõ por hũu ferreiro que tirou os ferros ao conde. E fizeram os do logar muyto serviço e muyta honrra. E, em outro dya manhã, moverom camynho de Burgos.

Quando os de Burgos souberõ a maneira ã como o conde fora livre da prisom e ã como viinha con a infante, foram tam ledos que mais nõ podyam seer e sayrõno a receber muyto honrradamente, ca hũus filhavam escudos e lanças e os outros faziã outros trebelhos de muitas guysas. E, quando chegarõ apreto da villa, sairõno a receber cõ muy grandes procissões muyto honrradamente. E assy entrarõ na villa ataa que chegarõ aa see. E descavalgarõ hy o conde e a iffãte e fizeram hy suas devotas orações [131b] cõ muytas lagrimas, dando graças a Deus e a Santa Maria do bem e mercee que lhes avya feyta. E desy tornarõsse pera as pousadas.

E, logo a poucos dyas, fez o conde vodas com a iffante dona Sancha, muy nobres e muy honrradas. E baffordavã e britavã tavolados e filhavã escudos e lanças. E outros lidavam cõ os outros e outros faziam jograrias de muytas maneiras, a que faziam muyto ben por ello. E todos avyam ã ellas muy grande prazer.

E, acabadas as vodas, ainda nõ eram oyto dyas passados quando chegarom novas ao conde que el rey dõ Garcia de Navarra viinha com grandes poderes pera lhe êtrar ãna terra.

⁸¹ CAPÍTULO CCCXLIX

Como el rei dom Garcia de Navarra veeo correr a Castella e como cõ elle lidou o conde dom Fernã Gonçalvez e o prendeu

Aos cinco annos do reynado del rey dom Sancho de Leom – que foy enna era de novecentos e satêeta e nove ãnos, andando o anno da encarnaçom de Nosso Senhor Jhesu Cristo ã novecentos e [...] ãnos e do emperio d’Anrique, emperador de Roma, em quatorze – em esse anno, estando o cõde dom Fernam Gonçalvez em sua terra assessegado, veolhe recado ã como el rey dõ Garcia de Navarra viinha cõ todo seu poder pera lhe correr a terra. Quando o conde esto soube, ãvyou suas cartas per toda sua terra que logo vehessem a elle cavalleiros e todallas outras companhas, assy de pee come de cavallo. E, desque foram todos juntos, moveu logo de Burgos e foyse pera cabo do condado. E el rey dom Garcia era ja hy. E poserom logo suas aazes dhũu cabo e do outro e comẽçarõ de lidar muy fortemente.

E diz a estorya que, estando assy a fazenda ataa o meo dya, estavã ja muy canssados hũus e os outros e comẽçaronse de vencer os / [131c] Castellãaos. E matarõ entõ os Navarros muytos delles e forõnos levando do cãpo hũa grande peça.

Quando o conde vyo os Castellãaos movydos pera fugyr, comẽçouos a trager muy mal e dizerlhes assy:

– Oo amigos, muy mal fazedes, ca, por tal feito como este, perderedes o segre, os nados e por

nacer; e, quantos de vos veherẽ, todos por ello valleram menos! E, pois que vos querees desemparrar o campo, eu em elle quero morrer. E, se me vos desemparrades, seervos ha por sempre retrahido, como homẽes que nõ fazem lealdade.

Os Castellãaos, quando ouvirom as asperas pallavras do conde, disserom assy:

– Mais nos val que moyramos aquy todos que ouvyr as fortes pallavras do conde, nem de fazermos cousa que nõca fizemos e o que nos seerya muy retrahido.

⁸² Desy derom todos tornada, come homẽes que avyã grande sabor de morrer ante que seerem vencidos. E foram feryr ãnos Navarros tam de ryjo que matarõ delles muitos. E o conde, quando vyo el rey, começou de lhe dar vozes, dizendo assy:

– Rey dom Garcia! Saide a de parte e partisse á esta lide per nos ambos! E el rey, como era homem vallente e esforçado, sayu a elle. E foronsse logo feryr ambos muy ryjamente. E deulhe o conde hũu tal golpe de lança que lhe falssou o escudo com todollos outros guarnimentos e entroulhe o ferro da lança ja quãto per a carne. E ouve el rey per força de cayr do cavallo; e foy logo preso, ca lhe nõ poderõ os seus acorrer pera o defender.

Depois que os Navarros virõ seu senhor preso, começaram de fugyr. E os Castellãaos todos foram pello encalço, matando e ferindo muytos delles, de guisa que bẽ tomarõ ãmenda do mal que elles fizeram em Castella. E o conde tomou logo el rey dom Garcia preso e levouho a Burgos e mandouho lançar em ferros. E esteve em elles tres meses.

Em este ãno mo/rreu [131d] o papa Johãne e foy posto em su logar Estevam, o seteno, e foram com elle cento e viinte apostolligos.

CAPÍTULO CCCL

Como o conde dom Fernam Gonçalvez tirou da prisõ el rey dom Garcia por rogo dos seus

Andados seis ãnos do reynado del rey dõ Sancho de Leon – e foy esto enna era de novecentos e satẽta annos e andava outrossy o ãno da encarnaçõ de Nosso Senhor Jhesu Cristo ã novecentos e trinta ãnos e o do emperio d’Anrique, emperador de Roma, ã quinze annos – a condessa dona Sancha, ⁸³ avẽdo grande pesar da prisom de seu irmãao, que estava preso, fallou cõ os Castellãaos, dizendolhes assy:

– Amigos, bem sabees como tirey da prison o conde, vosso senhor, ã que o tiinha meu irmãao, el rey dõ Garcia, por que oje em dya tem de mỹ grande querella, ca tem que por mỹ lhe veheo este mal em que oje esta. E agora o conde he muy hirado contra mỹ e nõ me quer dar meu irmãao nõ o tirar da prisom. Por que vos rogo que vos sejades tam mesurados que vos roguedes o conde e ajades cõ elle que me dê meu irmãao; e eu averey que vos agradecer sempre.

E elles disserom que o faryã de grado. E forõ logo pera ho conde e disseronlhe assi:

– Senhor, pedimosvos por vossa mesura que nos ouçades.

E o conde lhes disse que dissessem o que tevessem por bem. E elles disserom:

– Rogamosvos, senhor, e pedimos por mercee que dees el rey dom Garcia a sua irmãa dona Sancha e o mandees tirar da prisom. E faredes em ello grande bõdade e mesura. E quantos vollo souberem ho averã por grãde nobreza, ca bem sabees vos quanto bem ella fez a vos e a nos. E certo, senhor, se vos al quiserdes fazer, nõ vos estara bem.

E tanto / [132a] se razoarõ com elle e tantas boas razões lhe disserom do divido que antre elles avya que o conde lhes disse:

– Amigos e vassallos, bem vejo o que me dizedes. E, pois que o teendes assy por bem, ainda que mayor cousa fosse, queroo fazer muy de grado e mando que o tirem logo dos ferros.

⁸⁴ E assy foy feito. E dally adyante forõ muytos prazeres feitos a el rey dom Garcia e ao conde e aa condessa dona Sancha e aos nobres cavalleiros de Castella. E o conde guysou muy ben el rey e toda sua companhia de panos e de bestas e de quanto ouve mester e ãvyuho pera seu reyno.

El rey dom Garcia, depois que chegou a seu reyno, foyse pera Castella e ãvyuho por todollos homeens honrrados do seu reyno e fez hy suas cortes. E, desque todos forõ ajõtados, disselhes assi:

– Amigos, bem sabees como eu soo deshonnrado do conde dom Fernã Gonçalvez; e a mynha deshonnra vossa he. E quero que saibhades que ou eu delle seerey vingado, ou em ello perderei o corpo.

Mas agora leixa aquy a estorya de fallar desta razõ e torna a contar del rey dom Sancho de Leom.

CAPÍTULO CCCLI

Como o conde dom Fernã Gonçalvez foy ajudar el rey dom Sancho de Leom aos mouros que o tiinhã cercado e das cousas que depois fez

Empos esto, el rey dom Sancho de Leom ãvyou seus mandadeiros ao conde dom Fernã Gonçalvez a dizerlhe ã como Abdenaamer, rey de Cordova, era entrado em sua terra cõ muy grande poder de mouros e que lhe rogava muito que o fosse ajudar. E o conde, so que ouve o recado, foyse logo pera elle quãto mais pode, com aquelles cavalleiros que tiinha conssigo, e ⁸⁵ não quis mais tardar. E ãvyou dizer per toda sua terra per cartas e per mã/dadeiros [132b] a todollos outros que se fossem ãpos elle.

Quando el rey dom Sancho de Leom vyo o conde, prouguelhe muyto cõ elle e recebeuho muy ben, ca teve que lhe acorria a muy bõo tempo. E desy, a cabo de oyto dyas, chegousse a companhia toda ao conde e entom ouverõ seu conselheo que ao terceiro dia saisses ao campo a lidar cõ os mouros, ca melhor seerya que estar ençarrados.

Quando os mouros ouverõ novas ã como o conde dom Fernã Gonçalvez era dentro ãna villa de Leom, descercarõna logo e foronsse pera Sam Fagundo e começaram correr toda a terra de Campos. E, quando o conde soube, foy contra elles cõ toda sua companhia e não quis conssigo levar nã hũu dos cavalleiros del rei que quiserã hyr cõ elle. E os Leoneses teveronsse ãtom em ello por deshonrrados e quiseronsse por ello mal. E elle, quando chegou a Sã Fagundo, como o tiinhã cercado e avyam ja corrida essa terra e tiinhã tam grande peça de cativos e de gaados que era grande cousa. E o conde foy logo feryr ennos mouros muy de ryjo, chamando «Castela»! E os mouros, quãdo ouvyrõ chamar «Castella» e souberom que aquelle era o conde dom Fernã Gonçalvez, foram muy spantados e leixarom logo o campo e a prea que tiinhã e começaram de fugir quanto mais poderom.

E, depois que os mouros desta guisa foram vencidos, mandou o conde tornar o roubo aaquelles cujo era. E, os cristãaos que os mouros levavam cativos, mandou que fossem livres e quites. E elle tornousse com toda sua companhia a el rey dom Sancho a Leom.

E, com todo esto, os Leoneses estavam muy sanhudos cõtra o cõde por que não quisera que fossem cõ elle. E ouverom suas pallavras cõ os Castellãaos. A raynha de Leon, que queria muy grande mal aos Castellãaos ⁸⁶ por / [132c] a morte de seu padre, el rey dom Sancho de Navarra, e que se trabalhava quanto ella podya de lhes buscar todo mal e toda desonrra que podesse, quando esto vyo, prouguelhe muyto e começou de avyver os que pellejassem com elles. E ouverõsse hy de matar todos, se não fora por el rey dom Sancho, que sayu a elles e espartyuhos; pero ficarom desafiados todos hũus cõ os outros.

E o conde tornousse ãtom pera Castella e esteve hy bem dous ãnos que não foy aas cortes a Leõ. E, em esto, ãvyou seus messegeiros a el rey dom Sancho de Leom, em que lhe rogava que lhe ãviasse seus martires. E el rey disse aos messejeyros, quando lhos demandarõ:

– Amigos, os meus mandadeiros som allo a colhelos. E, logo que veerem, ãvyarlhos hey.

E os mandadeiros tornarõsse ao conde e contaronlhe toda a resposta que acharõ ã el rey. E ao conde prougue muyto cõ ello, por que tanto hya demorando o preyto. E el rey dom Sancho deusse entõ a grande vagar, de guisa que passarom bem tres ãnos, despois do prazo, em que el rey nem o conde não recudirõ a este preito. E pojou tanto este aver, segundo a postura que ambos avyã antre sy, que todollos d’Espanha o não poderiam pagar.

Mas ora leixaremos aquy de fallar desto e diremos del rey dõ Garcia de Navarra.

⁸⁷ CAPÍTULO CCCLII

Como el rey dom Garcia de Navarra correu Castella e lidou despois con o conde dom Fernam Gõçalvez e foy vencido a segunda vez

Empos esto, el rey dom Garcia fez suas cortes – despois da sayda da prisom do conde, como avemos dito – e disselhes a desonrra que avya recebida e que se querya vingar. E elles outorgarõlho, assy cavalleiros como outras com/panhas, [132d] que o ajudaryã em que quer que elle mandasse, segundo o que ja avedes ouvdyo.

Entom ajuntou todo seu poderio e foy correr Castella. E esta corruda fez el rey dom Garcia em mentre que o conde era hydo a el rey de Leom, assy como ja dissemos. E, não avendo quẽ lho deffender, correo dessa vez el rey toda Burueda e Pedra Lada e todos os montes d’Oca e Ryo d’Overna e veeo ataa as portas de Burgos. E quisera ende levar a condessa dona Sancha, se a podera aver per algũa maneira, e esto por fazer ao conde mayor dessonrra. Mas guardousse ella muy bem de tal cousa e não quis sayr a elle nã veelo.

Desque el rey ouve corrido e roubado todo o condado, tornousse a seu reyno cõ muy grande gãaça d’omẽes e de gaados e doutras cousas, como quer que este roubo não foy a elle gaanho, ca a poucos

dyas o comprou caramête, assy como vollo a estorya contare.

E, quando o conde dom Fernam Gonçalves foy tornado de Leom e achou todo seu condado roubado, pesoulhe muyto de coração e êvyou logo desafiar el rey dom Garcia, se não tornasse todo o que assy avya roubado. E o cavalleiro do conde foy a el rey dom Garcia e disselhe todo o que lhe ⁸⁸ o conde lhe mandava dizer. Mas el rey lhe disse que nem hũa cousa lhe não daria; e, quanto era por que o mandava desafiar, que lhe prazia muy de grado. E o cavalleiro, avida a resposta del rey, tornou-se pera o conde e contoulhe todo o feito como era.

E o conde mandou logo seus messejeyros per toda Castella, a dizer que cavalleiros e homens de pee, que logo fossem onde quer que elle estivesse. E, desde que ouve todo seu poder ajuntado, foyse pera Navarra logo sem outra detêça. El rey dom Garcia, como era homẽ percebudo, estava ben aparelhado e sayu a o receber. E ajuntaronsse ã hũu valle / [133a] a que chamavã Val Perrii e corre acerca delle o ryo d'Ebro. E ajuntaronsse as aazes de hũa parte e da outra e começaram de lidar e tam grandes golpes se davã que, por grandes vozes que dessem, não seeryam ouvydos. E tantos eram ja de homens mortos de cada parte que corryam os ryos do sangue pello vale a fundo. E os Navarros assaz erã de cavalleiros bõs e esforçados; mas todos erã destemperados con o conde, ca ja os ouvera escarmentados muytas vezes. E demais quis Deus fazer esta mercee ao conde dõ Fernam Gonçalves, que nũca o podessem vêcer mouros nem cristãos ã campo. E foy ally el rey dom Garcia vencido cõ todo seu poder e o conde dom Fernã Gonçalvez lhe deu ã esta lide hũa ferida de que depois morreu.

⁸⁹ CAPÍTULO CCCLIII

Ora leixa a estorya a fallar desto, e torna a contar ã como el rey dom Sancho de Leõ êvyou dizer ao conde dom Fernã Gonçalves que lhe fosse aas cortes ou que lhe leixasse o condado sem outro detiimento

Quando foron andados sete ãnos do reynado del rey dom Sancho de Leom – e foy esto enna era de novecentos e sateenta e hũu annos e andava entõ o ãno da encarnaçõ de Nosso Senhor Jhesu Cristo ã novecentos e triinta e hũu e o do emperio d' Anrique, emperador de Roma, em treze – o conde dom Fernã Gonçalves, depois que ouve vencido el rey dom Garcia, assy como avemos dicto, e foy tornado a seu condado, logo lhe foy mandado del rey dom Sancho de Leom que fosse aas cortes ou que lhe leixasse o condado. E o conde, quando ouve leudas as cartas que lhe el rey desto êvyava, mandou logo por seus ricos homens e por todollos outros honrrados homens de Castel/la. [133b] E, desde que forõ ajuntados todos ãte elle, disselhes assy:

– Amigos e parentes, bem sabees ã como eu sã vosso senhor natural; por que vos rogo que me conselheades assy como bõs vassallos devem de fazer a seu senhor. E el rey dom Sancho de Leom me êvyã per suas cartas dizer que lhe de o condado. E eu querolho dar, ca não seerya dereito de lho teer per força, por que nos averyã que dizer, a vos e a myn e a quantos vehessem depois de my, se eu alleyve fezesse; e demais que não sã eu homẽ pera me alçar com terra, ca os Castellãos taaes feitos como estes não os soyam de fazer. E, quando fosse soado per Spanha que nos alçamos cõ a terra a el rey de Leon, todos quantos bõs feitos fazemos, todos seeryã perdidos por esto, ca, se ho homẽ faz cem bẽes e depois fazer hũu erro pequeno, ante lhe contarõ ho erro que todollos outros bẽes que a feitos. E esto nace todo da ãveja, por que nũca naceo homẽ no mũdo que a todos os homens fosse comunal e, por esta razom, dizem aas vezes do grãde bem mal e outrossy do mal bẽ. Pois que nos avemos sofruda grande lazeira e estamos ⁹⁰ ã estado qual nũca cuydamos, louvado seja Deus. E, se assy perdessemos, toda nossa lazeira seerya embalde. E nos de lealdade nos preçamos e assy seera por todo sempre. E porem quero eu hyr aas cortes, se por bem o te verdes. E, quando eu allo for, não seeremos retados. Hora, amigos e vassallos, ouvydo avedes o que vos hey mostrado. E, se vos outro conselheiro melhor que este sabeades, rogovos que mho mostredes, ca, se eu errado for, vos grande culpa averedes; por que a cousa que ao senhor mais compre assy he o bõ conselheiro, ca muyto val mais que aquelle que bem lida, por que, no conselheiro, jaz o bẽ e o mal. E o senhor devesse de conselhar muyto ameude, por que não ajam os homens / [133c] em elle que travar; e pode, per maaõ conselheiro, aver erro que nũca, per lidar que faça, o pode desfazer. E o bõ conselheiro nom deve de aver medo ã vergonça ao senhor, mas dizelhe toda a verdade e o que he de dereyto. Mas algũs ha hy que, em logar de seerem conselheiros, som aduladores ou louvamyneiros que não querem ou não ousam al conselhar ao senhor se não o que entendẽ que lhes mais prazera, dizendolhe que aquelle he o melhor. Estes taaes cõselheiros som muy perigosos e não se podem escusar que muy grande culpa não ham e dignos de toda perdiçom, ca se pode perder hũu muy grande homen per hũu maaõ conselheiro. Mas o que bem quer conselhar o senhor deve primeiramẽte veer e pensar todo o feito que he ou a que pode recudyr ataa a presturneira cousa; e deve guardar a sy meesmo que não seja bandeiro. E não se deve vencer por medo ã por vergonça, nem por grande amizade, ã outrossy por grande desamor, ã por grandes dões, nem por outros offercimentos de dar nem prometer, se conselheiro quer dar a seu senhor. Todo esto vos digo, por que não desvyedes de bõ prez que avedes, ca, se per algũa

falha viindes a decender delle, tarde pode seer que o nũca possades cobrar. E hora, amigos, sobr'esto ha mester que guardedes lealdade, ca, pero que morre a carne,⁹¹ a maldade que o homẽ faz nunca morre e faram della seus parentes muy maaõ herdamento. Ora vos hey assaz mostrado de carreiras per que sejades bõos e vos guardees de cayr em erro, ca bem seede certos que ante de muytos dias seeredes ã tam grande coyta que averedes mester siso e esforço. E vos todos bem sabees que el rei me quer muy grande mal; e certo sãõ que nõ posso escapar que nõ seja preso ou mal treyto. E ally veerey eu como / [133d] me acorreredes ou que consselho averedes pera me sacar. E digovos que, se nõ for aas cortes, que me retará. E vos bem sabees que nõ deve de lidar o homen que torto tem, ca Deus nõ o quer ajudar, e porem mais val seer morto ou preso que fazer maaõ feito que despois ajã aos parentes que retraer. E esto he o que eu quero fazer, se o vos teendes por bem: e querome logo hyr. E rogovos que aguardedes a Garcia, meu filho.

E entom espediosse delles e foyse sua vya e nõ quis conssigo levar mais de sete cavalleiros e com sete escudeiros que lhe levavã as armas. E assy eram per todos quatorze, ca elle nõ quis levar armas nem hũas.

E, quando o conde chegou a Leom, bẽ o soube el rey e quantos hi eram, mas nõ quis nẽ hũu sayr contra elle. E o conde, quando esto vyo, bem entendeu que estava seu feito mal cõ el rey. E disse contra Deus:

– Senhor, sempre o teu nome seja louvado! Amẽ.

E entõ foy o conde pera el rey e quislhe beyjar a mãao. Mas el rey nõ lha quis dar, com sanha que delle avya, dizendolhe assy:

– Conde, bem sabees que tres ãnos ha que me vos alçastes cõ o condado, quando nõ queriades vñir a meu mãdado nem a minhas cortes. E viindes muy louçãao por que fostes criado na montanha. E, por o que contra mỹ avedes feito, tenho que devees por ello a seer recadado. E, se todo esto me queredes ãmendar, cõ outras cousas que teendes feitas, assy como mynha corte mandar, darm'edes logo bõos fiadores pera esto cumprir logo, ca doutra guisa nõ podees daqui partyr.

Depois que el rey acabou sua razom, respondeulhe o conde come homẽ de grande siso e de muy bõo entendimẽto e disse:

– Senhor, verdade he que eu tenho o condado de vos. E porẽ, senhor, sodes vos mais / [134a] honrrado per mỹ ca per todollos outros vassallos que⁹² avedes. E eu d'alto sangue venho, pera guardar o que devo e pera nõ fazer cousa de que possa seer retrahydo. Ca eu, senhor, nõ me vos alcey con a terra, ca per lealdade e per manhas tem ho homen por cavalleiro comprido. Mas daquy da vossa corte fuy muy deshõrrado dos Leoneses, da outra vez que aco vñi a vosso mandado; e por esto nõ vñi aas cortes. Pero ha hy razom que, se me eu alçasse con a terra, nõ farya sem guisa, ca me teendes meu aver forçado, que ouverades a dar bem ha tres annos e nõ mho destes como mho ouverades a dar; ca ben sabees vos as firmidões que antre mỹ e vos ha feitas, que, nõ mas dando aaquele dya que foy posto, que fossem cada dya dobrados ao gallarim. E vos dademe fiadores que me paguees este aver, e eu darvos hey fiadores outrossy que vos ãmende quantas querellas avedes de mỹ, assy como vossa corte mandar.

E el rey, quando esto ouvyo, foy sanhudo contra el e mandou logo prender e deytar em ferros.

CAPÍTULO CCCLIV

Como o conde dom Fernã Gonçalvez sayu da prisom e das razões da condessa com el rey

Quando os Castellãaos ouvym como o conde era preso, ouverom muy grande pesar e fezerom por ende tã grãde doo como se o tevessem morto ante sy. E a condessa dona Sancha outrossy, quando o soube, caeo em terra esmorida e assy jove come morta hũa grande peça do dya. E, depois que entrou em seu acordo, disseronlhe:

– Senhora, fazedo todo cõ bõo recado, ca ã vos queixar tanto nõ fazees prol ao conde nẽ a vos. Mas faz mester que catemos algũa maneira per que o / [134b] possamos sacar da prisom em que jaz.

⁹³ Desy ouverõ sobre esto seu acordo fallando sobre ello muyto, ã como o poderiam sacar da prisom e dizia hy cada hũu o que lhe melhor parecia; mas em todo esto nom podyã achar como o podessem cumprir. E, por que o coraçom do homẽ esta sãpre bolindo e penssando, ata que ache carreira per que possa cumprir aquello de que ha sabor, que nõ queda, e a forte cousa se faz aas vezes muy ligeira de fazer, ca o grande amor que o homẽ ha todallas cousas vence, e os Castellãaos tam grãde sabor avyã de tirar seu senhor da prisom que seu coraçom lhes disse qual consselho era o melhor.

Entõ ajuntaronse todollos grandes homẽes e a condessa com elles e ouverom seu acordo em esta maneira: que a condessa que fizesse que hya ã romarya a Santiago e que elles hyriam com ela todos armados, o mais emcubertamẽte que podessem. E desy ajuntarõ cavalleiros bem guysados de cavallos e de armas e jurarom todos ãnos Evãgelhos que fossem com a condessa, pera provar se poderiã sacar o conde da prisom per algũa arte. E, desque esta jura fezerom, moverõ de Castella e foronsse de noyte. E nõ

quiseron hyr per camynho nẽ hũu, se nõ pollos montes e valles desvyados, per que os nõ vissem os homẽes nẽ fossem descubertos. E, quando a Mãssella, a do Camyõ, chegarom, leixarõ Sumaço contra cima e meteronssse em hũu monte muyto espesso que acharom apreto e ally folgarom todo aquelle dya, ca era logar muyto êcuberto.

E assy como molher de romaria andava a condessa com seus panos de doo que tragya e com sua capa e com seu bordon e sua esportella e seu soombreiro na cabeça e foyssse pera Leom, assy come romeira, com dous cavalleiros / [134c] que conssigo levava e mais nõ, fazendo finta e dizendo que hya em romaria a Santiago. E el rey, quando soube que ella ⁹⁴ viinha, sayu a recebella e fezelle muyta honrra. E a condessa, em hyndo fallando com el rey, disselle ã como hya ã romaria a Santiago e que lhe rogava que lhe leixasse veer o conde. E el rey disse que lhe prazia.

E, desque entrarõ enna villa, foyssse com a condessa ataa as portas da torre onde o conde jazia preso. E a condessa descavalgou onde estava o conde e foyo abraçar, chorando muyto de coração. E o conde a confortava, dizendolhe que se nõ queixasse assi tanto, ca a sofrer era todo o que Deus querya dar aos homẽes e taes cousas como estas passavã antre os reis e os condes e os outros altos homeens.

E a condessa êvyou logo dizer a el rey que lhe rogava, come a rey bõ e mesurado, que mandasse sacar ao conde dos ferros, que cavallo travado nõ podya fazer filhos. E el rey disse entom:

– Assi Deus me valha que tenho que diz verdade!

E mandouho logo tirar dos ferros e mandoulhes levar boas camas; e penssarom delles muy bem. E dormirõ e folgarom toda aquella noyte dessũu e fallarom em aquello que avyam de fazer, assy como ho tiinhã ordenado. E, quando foy hora de matinas, levantousse a condessa e vestio ao conde todollos seus panos della. E o conde, guysado em esta maneira, foyssse pera a porta ã semelhança de dona e a condessa acerca delle, emcobrindosse elle quanto mais e melhor podya. E, quando chegarõ aa porta, a condessa disse ao porteiro que lhe abrisse a porta. E o porteiro respondeulhe:

– Dona, sabello emos del rey, se o tiverdes por bem.

E a condessa, quando esto ouvyyu, disselle ã muy faagueiras pallavras:

– Certo, porteiro, nõ gaanças tu nem hũa / [134d] cousa ã eu aquy tanto tardar que nõ possa comprry mynha jornada.

E o porteiro, cuydando que sairia a condessa e ficarya o conde, abryo a porta. E entom foy feito o cõtrairo, ca sayu o conde e a condessa ficou detras da porta, emcobrindosse do porteiro de guisa que nũca o entendeu.

E o conde, depois que sayo, nõ se espedyu nẽ fallou por que nõ fosse conhecido enna voz e se torvasse seu feito. E foyssse logo dereytamente pera ⁹⁵ hũu portal, onde lhe disse a cõdessa que o atenderyam aquelles dous cavaleiros. E, quando hy chegou, achou os dous cavalleiros que lhe tiinhã o cavallo seelado. E o conde, como chegou, cavalgou em seu cavallo. E os cavalleiros dovydarom se era o conde, ataa que lhes elle preguntou quẽ erã. E elles lhes disserom seus nomes e elle lhe er disse o seu; e elles conhecerõ na falla. E saironssse da villa muy emcubertamente. E, depois que forõ fora, andaron quãto poderõ pera o logar onde estavã suas companhas. E, quando chegarom a elles, forom muy bem recebidos. Mas, quando elles virõ seu senhor, forom tam ledos que mais nõ podyam seer.

CAPÍTULO CCCLV

Mas ora leixa o conto a fallar do conde dom Fernã Gonçalvez e torna a el rey de Leom e aa condessa dona Sancha

Despois que a condessa êtendeu que o conde seerya em salvo, êvyou dizer a el rey per qual maneira avya tirado o conde da prisom. E el rey, quando o ouvyyu, pesoulhe como se perdesse todo o reyno. Pero nõ se quis tornar aa condessa sobre esta maneira. E foya veer e preguntouha ã como fora esto. E ella lho contou; e disselle ainda mais que ella se quisera avêtuyrar a qualquer cousa que lhe podesse acontecer por livrar o conde, ca o viia jazer ã perigoo / [135a] de morte e por que era theuda a fazer por elle quanto podesse como por seu senhor. E assi disse ella a el rey:

– Nom avedes vos por que seer contra mỹ queixoso, pois eu fiz o que devya. E por esso nõ devedes contra nem hũa dona fazer cousa sem razom, e demais contra mỹ, ca a vos se tornarya dessonrra do que a mỹ fezessedes. Ca vos sodes rey e eu filha de rey; e som casada cõ tal conde que val mais que nẽ hũu rey; e os vossos filhos som meus primos e a rainha vossa molher he mynha tya, irmaa de meu padre. E, assi, quantos soubessẽ que vos contra ⁹⁶ mỹ faziades algũa cousa sem razõ, segundo os divydos que antre nos ha, vos averyam por maa e cruel e seeryam todos contra vos. E, assy como sodes de grande sangue e de bõo intendimẽto, cadevos de fazer cousa que despois nom possades cobrar.

Entõ lhe respõdeu el rey dom Sancho, come muy bõo homẽ que elle era, dizendo assi:

– Certamẽte, dona, nũca vos de mỹ receberedes por o que fezestes se nõ o que devedes: muyta honrra. Ca nũca dona tam bõo feito fez como vos fezestes e sempre este feito seera nomeado pello

mundo, em quanto hy homẽes ouuer, e a vossa bondade sempre seera louvada sobre todallas outras donas. E por esto eu vos ãviarey muyto honrradamente pera o conde, assi como vos merecedes.

E entõ mandou trager muy ricos panos e muy honrrados. E, depois que foy vestida, trouxeronlhe hũa muy boa mulla e muy ricadamẽte seelada. E a raynha, sua tya, a vyo ante que se fosse. Entõ cavalgou el rey cõ ella ataa fora da villa e mandou a todollos seus altos homẽes que fossem cõ ella ataa o lugar onde ella dizia que acharya o conde, em tal guisa que chegassem allo ãte que fosse noyte ella dizia que acharya o conde, em tal guisa que chegassem allo ãte que fosse noyte. E ella / [135b] devisou per qual camynho a levassem; e andarõ ataa que chegarõ ao conde.

E o conde, quando a vyo, prouguelhe muyto cõ ella e teve que lhe avya Deus feita muyta mercee. E desy fuisse cõ ella e toda sua companha pera seu cõdado.

⁹⁷ CAPÍTULO CCCLVI

Como o conde dom Fernam Gonçalvez ãvyou pedyr a el rey dom Sancho de Leom o aver que lhe devya, da compra do cavallo e do açor que lhe vendera

Empos esto que dito avemos, o conde dom Fernã Gonçalvez de Castella – que nõ soube estar assessegado desde o conde foy de Castella, ca nũca o leixarõ estar os mouros nẽ os cristãaos em paz – emvyou entom dizer a el rey dom Sancho Ordonhez que lhe desse seu aver que lhe devya, do cavallo e do açor que lhe comprara; e, se nõ, que nõ podya estar que o nõ penhorasse por ello. E el rei nõ lhe ãvyou resposta se nõ mui maa. E os cavalleiros o desafiarõ da parte do conde. E tornaronse e disseronlhe todo o que acharom em el rey dom Sancho e como o desafiarom.

Quando o conde dom Fernã Gonçalvez esto ouvyo, logo entrou a el rey pella terra e correulha e roubouha e levou ãtom muy grande muy grandes roubos. E estas novas chegarõ a el rey e pesoulhe muyto com ellas; e mandou logo chamar o seu moordomo e mãdoulhe que tomasse muy grãde aver e que o levasse ao conde e que lhe pagasse aquelles myl marcos de prata e que lhe mandasse entregar sou roubo que levara de sua terra, ca nõ entẽdia que por aquello avya razõ de lhe roubar sua terra; e, se mais aver quisesse, que lhe desse quanto levava, que era muy grande aver.

O moordomo veeo ao conde cõ / [135c] este mandado. E o conde mostou as cartas que tiinha ao moordomo del rey e fez com elle seu conto per ellas; e acharom que todo o aver do mundo nõ pagaria esta devyda, nem poderia seer assomada per bocas de homẽes. Entom mandou o cõde ao moordomo⁹⁸ del rei que se tornasse cõ seu aver, ca lhe nõ filharya ende nada, salvo se lho desse todo, assy como era contheudo antre elles.

E o moordomo tornousse a el rei com a resposta do conde. E a el rey pesou muito, ca bem entendeu que o conde dizia verdade e arrependeusse muyto. Mas, por que era mais poderoso que o conde, quis dar a entender que querya tornar ao roubo que lhe o conde fezera e mãdouho desafiar. E levantousse logo com todo seu poder e fuisse contra Carryom, onde o conde era, pera lhe fazer mal enna terra e tomar penhora por aquello que lhe o conde roubara ou pera lidar com elle, se o achasse. E o conde outrossy tiinha ajuntadas todas suas companhas pera hyr a recebello.

E, estando assi ajũtados el rey de Leom e o conde dom Fernã Gonçalvez pera moverẽ hũu contra ho outro pera lidarem, o abbade de Sam Fagundo, que era homẽ de sancta vida e muy fidalgo, ajuntousse com algũs prelados que hi erã e a que pesava muyto desto e foram a el rey e pediromlhe por mercee que fizesse tregos con o conde por tres dias e que elles hiriam ao conde e faryam com elle que as outorgasse e que ouvesse hi vistas. E el rei, a rogo do abbade, deuhas. E entom foy o abbade ao conde e disselhe a razõ que ouvera cõ el rey e ã como ouvera delle tregos de tres dias e que elle que o outorgasse assy. E o conde outorgouho. E poserom logo que em outro dya fossem jũto em aquella veyga de Carryõ e que fizessem vistas. E assy o fezerom, ca em outro / [135d] dya pella manhãa foram hy.

⁹⁹ CAPÍTULO CCCLVII

Como o conde dom Fernã Gonçalvez ficou com seu condado livre e quite de todo tributo que suya a pagar a el rey de Leom e que nũca veesse aas cortes a el rey de Leon; e esto foy por o aver que el rey dom Sancho Ordonhez do cavallo e do açor lhe devya

Quando o conde dom Fernã Gonçalvez chegou a el rei, fez sembrãte de lhe beyjar a mãao. E el rey nõ lha quis dar e disselhe assy:

– Conde, a minha mãao nõ volla darey a beyjar, ca me vos alçastes cõ Castella, assy como vos ja outra vez dixe em Leom, quãdo vos mandey prender. E, se nõ fosse pollas tregos que de mỹ tirou o abbade de Sam Fagundo e os outros prelados, tomarvos hya pella garganta e lançarvos hya ennas torres de Leon, õde ja jouvestes, e guardarvos hyam melhor que da primeira, ca vos nõ poderyã sacar per

engano como vos sacarõ outra vez.

O conde, quando lhe ouvirõ dizer em que o tangya de maa verdade, foy muy sanhudo e disselhe:

– Callade, rey Sancho Ordonhez! Nõ digades pallavras tã vâas, ca, ãno que dizedes, dyriades pouco recado quando comprisse! Ca digo a Deus verdade que, se nõ fosse por essas tregoaas que dizedes que antre nos meteu esse abbade de Sam Fagundo cõ os outros homẽes bõos, assi como vos dizedes, que vos cortaria a cabeça e que do sangue do vosso corpo yria esta auga tynta. E tiinhao muy bem guisado pera ho fazer, se ha tregoa nõ fosse. Ca eu estou ã cima deste cavallo e tenho esta spada cinta; e vos andades em hũa mulla e tragedes esse açor ãna mãao.

¹⁰⁰ E, depois que lhe o conde esto disse, tornou a redea ao cavallo e deulhe das sporas. E o cavallo, das peega/gadas [136a] que deu na augua, molhou o rostro a el rey. E, feito esto, tornou-se el rey pera Sam Fagundo e o conde pera Carryom.

E, depois que se tornarõ cada hũu pera seu lugar, andarõ em suas preitesyas antre elles per aquelle abbade de Sam Fagundo e per outros prellados e os homẽes boos que se meterõ antre elles pera tragerem o feito a bem. E falarom cõ os homẽes bõos de Leom sobre esta maneira. E foy acordado antre todos, assy homeens bõos come prellados, que el rey dom Sancho tiinha torto ao conde e que todo era per sua culpa, ca lhe nõ dera os dinheiros ao tempo que lhe posera, pero que lho elles todos disserom, quando lhe faziã as cartas, que catasse o que fazia, ã como lhe desse o aver ao dya que tiinha posto, se nõ, que lhe podya dello vïr grande dãpno. E, certas, assi foy, ca elles lho disserom e elle assy o cuydou. Mas acertousselhe doutra guisa. E, por esto, acordaronsse que era melhor se o podessem poer cõ o conde que ficasse con o condado de Castella sem trebutto nẽ hũu, pera sempre, e que delles nũca fosse demandado dally adyante, e que o conde quitasse aquelle aver que era muy grande contheudo antre elles; e que, per tanto, entenyã que preytejaryã ambos bẽ, assy el rey come o conde, e, se esto cõ o conde podessem postar, que seerya bem.

E entom foram com este conselheo a el rey e que, se al quisesse fazer, que averya Deus contra sy e que nõ poderia passar com o conde de boa ventuira, se nõ mal. E el rey bem entenyã tanto como esto, dyas avya, mas nõ querya mostrar cousa que lhe fosse myngua. E, quando vyo o que os seus avyam acordado, prougelhe muito, pero disselhes que guardassem sua honrra come seus vassallos e seus naturaes, ca elle todo seu feito poynha ã suas / [136b] mãaos; e outorgou a fazer quanto elles mandassem. E elles disserom que ja sobre esto acordaram e que nõ achavã cousa que tã compridoira fosse a elle nẽ a sua terra. E elle disse que, pois que o assy tiinhã por bem, que o conssentia, contanto que ao conde prouguesse.

Entõ se partirõ os prellados del rey e dos outros homẽes bõos e foronsse ao conde. E moveronlhe outras maneiras muytas primeiro; e elle ¹⁰¹ nõ coube em nem hũa razõ, se nõ que lhe dessem seu aver. E, aacima, ouveronlhe a mover que, se nõ podessem poer com el rey, que ficasse elle com seu condado livre e quite de todo tributo e que nunca os Leoneses ouvessem sobre elle nem hũu poder; e que entenyam que elle preytejarya bem e el rey bem; ca, se elle quisesse demãdar a el rey aquello, que o nõ podya fazer; e, se perventura doutra guisa o quisesse levar, que cada hũu delles farya grande desserviço a Deus e que seeryam estragados elles e os seus e, aacima, que nunca poderyã vïr em acabamento.

E o conde disse que o fallarya com os seus altos homeens e que lhes daria resposta. Entõ se apartou em hũu paaço com seus altos homees. E a condessa outrossy esteve ã esta falla.

E acordaram o conde e a condessa e todollos seus que nõ podyam melhor preitejar, ca, em casso que delle quisessem levar o aver, que esto era cousa que nõ podya seer; e, desy, que seeria grande desserviço a Deus de andar com os cristãos em guerra, pois que lhe tam boa ãmenda faziam pera seer Castella livre de servydõ.

Entom se tornou o conde aos messejeyros e disselhes que elle avya muyto mal recebido del rey dom Sancho e dos seus, pero que, por guardar mais o serviço de Deus que por amor que ouvesse a el rey nem aos Leoneses, que conssentya em esto, quando lhe per parte del rei fosse co/metido. [136b] E ao que a esto lhe dessem logo recado ataa outro dya; se nõ, que o nõ culpassẽ dally adyante, ca elle cõverria de tornar ao mal que lhe el rey avya feito e trabalharia de aver dello ãmenda quanto podesse.

Entom os prellados foram a el rei e contarõlhe o que acharom ãno conde. E tiraram tregoa de dous dias, por que ja lha o conde avya outorgada. Pero tornarom a elle a confirmar aquellas tregoaas de dous dias e que em outro dya fizessem suas vistas per onde partyam os termhos de Castella e de Leom, pera averem de firmar suas preytesias.

E, ã outro dia, foram ally ajuntados e fezerõ grãdes cartas de privilegios firmes e revorados com seus seelos, e outrossy cõ firmidõ e outorgamento dos altos homẽes de Castella e de Leon; e outrossi que os cõcelhos de Castella ficassem livres e quites e sem tributo nem hũu dally adyante ao senhorio de Leon; e outrossy que, por os mil marcos de prata que el rey dõ Sancho de Leom ouvera a dar ao conde dõ Fernã retocado, da compra ¹⁰² do cavallo e do açor que lle vendera, em que montava tã grande aver que nõ podya seer somado, segundo as posturas e cartas que antre elles avya, que dali adeante nũca fosse demandado de Castella a Leon.

Depois que ouverõ suas cartas e firmidões feitas sobre esto, tornaromsse cada hũu pera suas terras. E os Castellãaos hyam tam ledos e contentes que nõ podyam mais seer, ca nõ cuydavã, per cousa que avĩr podesse, que nũca podessẽ livres seer da servidom de Leom. Mas agora eram ledos e contentes ẽ si meesmos, ca tiinhã que sayam de grande treeva e entravã em grande livridom. E, per esta maneira, foram livres os Castellãaos da servidom dos Leoneses.

E, em este ˆno, morreo o papa Johˆne e foy posto ẽ seu / [136d] logar Johanne, o dezeno, e forõ cõ este cento e viinte e seis apostolligos.

CAPÍTULO CCCLVIII

Mas hora leixa o conto a fallar do conde dom Fernˆ Gonçalvez e torna a el rey dom Sancho Ordonhez de Leom, ẽ como ẽvyou pedyr Abderame, rey de Cordova, o corpo de Sam Paayo

Andados oyto ˆnos do reynado del rey dom Sancho Ordonhez de Leon – e foy esto enna era de novecentos e sateenta e nove ˆnos e andava outrossy o ˆno da ẽcarnaõ de Nosso Senhor Jhesu Cristo em novecentos e vĩite e sete e o do emperio d’Anrique em dez e sete ˆnos – em esse ˆno el rey dom Sˆcho de Leom, com consselho da raynha dona Tareyja, sua molher, e de sua irmˆa, a iffante dona Elvira, a monja, ẽvyou dom Vaasco, o bispo de Leom, cõ peça de cavalleiros, a Abdenaamer, rey de Cordova, a fyrmar as pazes que ante ouverom e que lhe ẽvyasse o corpo de Sam Paayo, que elle marteirara.

¹⁰³ E, em quˆto os mandadeiros foram a Cordova, mandou el rey dom Sancho fazer hũu moesteiro em Leõ, em que cuydava de meter o corpo de Sam Paayo.

Outrossy cousas que em aquelle ˆno acontecerom: morreu o papa Johanne e foy posto em seu logar Leon, o quarto, e foram cõ elle cento e viinte e sete apostolligos. E, dos nove annos do reynado deste rey ataa os onze, nõ achamos cousa que perteeça a estorya, se nõ tanto que, aos nove ˆnos, morreu o emperador Anriquez e reynou empos [...]ilho outros viinte e sete annos.

CAPÍTULO CCCLIX

Como este rey dom Sancho de Leom foy contra os Gallegos que se lhe alavam e lhe corrya a terra

[137a] E, andados nove ˆnos do reynado deste rey dom Sancho, em quanto os seus mandadeiros eram hidos a el rey de Cordova, assy como ja avemos dito, moverom os Galegos antre sy resgos e contendas que eram em grande dampno del rey e outrossy da terra. E el rey, logo que o soube, foy allo e tomouhos todos, de tal guisa que pacificou toda a terra ẽ Galiza muy bem ataa o ryo do Doyro, per onde se parte Galiza e terra de Lucena.

E, em este ˆno, mandou Abdenaamer, rey de Cordova, fazer hũu castello acerca da cidade, que he oje dya; mas a estorya nõ devisa o nome delle. Empos esto, guisou este rey de Cordova sua frota e moveusse dally e foisse a grande presa pera Cepta. E, como chegou sem sospeita, entrou pela villa e filhoua. Mas nõ souberom quẽ era nẽ que querya. E, assi como foy apoderado della, andouha e catouha muy bem. E este fez em ella o ¹⁰⁴derribamento em os mouros e nas torres e posse hy por sua guarda, que a mantevesse assi como ella mˆdava, hũu da sua companha em que elle muyto fiava. E, desque allo ouve feito e posta a villa e todo o al em recado, tornou-se logo pera Cordova.

Como foy ẽna villa, fez leteras muy nobres enna mizquita mayor da cidade e outrossy em honrra della mandou lavar outras muytas mesturas per seu reyno.

E, em este anno, outrossy morreu Leon, o papa, e foy posto ẽ seu logar Estevom oytavo e foron cõ elle cento e viinte e oito apostolligos.

CAPÍTULO CCCLX

Como morreu el rey dom Sancho Ordonhez, que foy o dez e nove rey despois da morte del rey dom Paayo

[137b] Conta a estorya adyˆte que, hyndosse chegˆdo o acabamento deste rey dom Sancho Ordonhez de Leom, que, andados doze annos do seu reynado – e esto foy ẽna era de novecentos e sateenta e oyto ˆnos e andava outrossy o ˆno da encarnaçõ de Nosso Senhor Jhesu Cristo ẽ novecentos e [...] e do emperador Oto em tres – dom Gonçallo, que era homẽ poderoso e come senhor de terra na estremadura do reyno de Leom que jazia aalem do Doyro, quando vyu que se el rey chegara a essa estremadura, dizem que ajuntou seu poder muy grande pera vĩir contra el rey. Mas pero, ẽ cabo, ante que ¹⁰⁵se mais descobrisse nẽ cometesse publicamẽte tal atrevymẽto, entendeu que se nõ poderia teer com el rey dom Sˆcho nem defenderse delle. E nõ departe a estorya de quaaes era aquelle dom Gonçallo, nẽ elle

por sy, nem conta delle al se nõ esto.

Diz que este dom Gonçallo ãvyou dizer a el rey dom Sancho que lhe perdoasse. E el rey perdooulhe, pero com esta cõdiçom que diremos aquy: que este dom Gõçallo jurasse a el rey que lhe darya sempre as peitas daquella terra que elle tiinha. E ally lhe tomou a jura ante todallas gêtes della e da parte daalem Doiro, reconhecendoo por senhor assy da terra da estremadura de Leom como daalen Doyro. E fezlhe menagê della, de lhe sempre conhecer aquelle senhorio, a elle e aos reis que depois delle vehessem.

Pero, com todo esto, dom Gonçallo, que Deus confondesse, tiinha a trayçõ ãcuberta em seu coração, que querya fazer a el rey; e fezilha. E esto foy que lhe deu hervas de morte em hũa maçãa muy fremosa que lhe apresentou. E el rey dom Sancho, nõ se percebendo de tal treichõ nõ se guardando della, mordeu ãna maçãa; e soubelhe bem e co/meuha. [137c] E, logo que a comeu, sentiussse mal de morte e entendeu que aquelle tam grande mal de morte era. E mandousse logo levar a terra de Leom. E, levando pera allo, morreu no camynho, a cabo de tres dyas. E nem hũu dos seus nõ entenderom que aquella morte fora se nõ natural, nem que de hervas fosse nõ doutra peçonha. E, como quer que se algũs desto se sospeitassem, era tarde, por que aquelle dom Gonçalo era ja alongado del rey. E callousse desta guisa o feito, nõ fazendo em ello al.

Mas levarõ el rey muy honrradamẽte a Sam Salvador d'Ovedo, fazendolhe as honrras que se devyã de fazer a rey. E enterrarõno con todollos seus comprimentos enna igreja de Sam Salvador, apreto del rey dõ Ramiro, seu padre. ãna gloria de Deus folgue a sua alma cõ os seus santos, amẽ, que moy bõo senhor foy em todollos seus feitos!

¹⁰⁶ **CAPÍTULO CCCLXI**

Acabasse a estorya do primeyro dõ Sancho, rey de Leon, filho del rei dom Ramyro. E este foy el rey dõ Sancho, o Gordo, o qual foy despois sãao da gordura, assy como ja he contado, e foy este o XIX, depois de dom Paayo. E começasse o reyno del rey dom Ramyro, que foy o terceyro dos reis de Leom que per este nome foram chamados, o qual foy o XX, despois del rey dom Paayo.

Despois que morreo este rey dõ Sancho de Leõ, reynou empos elle dõ Ramyro, seu filho, e mãteve o reyno viinte e cinco ãnos. E co/meçousse [137d] o primeiro ano do reynado seu na era de novecentos e sateenta e cĩquo ãnos e andava o ãno da encarnaçõ de Nosso Senhor Jhesu Cristo ã novecentos e viinte e sete e de Octavyano, emperador de Roma, em quatro e de Stevõ, papa, ã dous e de Abdenaamer, rey de Cordova ã XL oyto. Em este ãno destes contos que ditos som, morreu aquelle rey dõ Sancho e reynou este seu filho, dom Ramyro.

E, segundo conta dom Lucas de Tuy, ficou este rey dom Ramiro muy pequeno enna morte de seu padre, assy que nõ avya de idade de cinque ãnos arryba quando começou de reynar. E dizem que se manteve sempre com sua madre, a raynha dona Tareyja, e guardousse pello consselho della e de sua tya dona Elvyra, a mõja, que dissemos. E, por consselho dellas que o consselharõ, por que era ainda muy pequeno, pose tregoas cõ os mouros. E, estando em aquellas tregoas, gaanhou de Abdenaamer, rey de ¹⁰⁷ Cordova, o corpo de Sam Paayo, por que ãvyara el rey dom Sancho, seu padre, e poseo ã Leom ã aquelle mosteyro que fora feito pera elle. E enterrarõno honrradamente acerca doutros muytos bispos que hy jaziã emterrados.

Ora leixa aqui a estorya a fallar destas razõoes e torna a contar dos feytos que entõ fizeram os mouros contra os cristãaos e como, avendo a paz com el rey dom Ramyro, guerrearam ã tanto os Castellãaos.

CAPÍTULO CCCLXII

Como os mouros tomarõ as vyllas ao conde dom Fernam Gonçalvez em Castella e, a el rey dom Ramiro de Leom, Çamora

Despois que os mouros ouverom firmadas suas pazes com el rey dom Ramyro, como dissemos, e forõ seguros / [138a] delle que nõ ajudaryã os Castellãaos nõ lhes acorreryã com ajuda nem hũa, chegarom logo sua hoste muy grande e veherõ pera Castella, sobre o conde dom Fernam Gonçalvez que era della senhor. E entom o conde, nõ teendo guisado de sayr a elles soo, leixouhos andar pella terra, fazendo todo o mal que podyã.

E eles entrarom e prenderõ daquella vez, segundo conta a estorya, a vylla de Symancas e Donas e Sepulvega e Gormaz, sofrendo todo esto o conde e esperando tempo a que podesse delles aver vingança. E matavã os cristãaos, quantos podyam achar, e corryam a terra e queymavãna e estragando quanto achavã. E todo esto fazyam per consselho daquelle grande homẽ dõ Vella de Castella, de que ja dissemos

ante destó, que nõ querya conhocer senhoryo ao conde.

E os mouros, depois que se virõ assy beadantes cõtra o conde e contra seus cristãaos, leixarom Castella e entrarom per Leõ; e quebrantarõ,¹⁰⁸ come mouros sem verdade, a postura das pazes que avyã firmada com el rey dom Ramiro de Leom. E êtraronlhe pella terra e cercarõ Çamora e tomarõna e estragarõna toda.

CAPÍTULO CCCLXIII

Como hũas gêtes dos Normãaos veherom a Espanha e roubarom Galliza; e de como outrosy morreu Abdenaamer, rey de Cordova

Conta aqui a estorya que, andados dous ãnos do reynado deste rey dom Ramiro de Leom, que Guderado, rey dos Normãaos, cõ grande hoste, ã frota de muytos navyos, arribarõ em Galiza, que he em fundo d'Espanha. E sayrõ em terra e êtrarõ per ella, estragandoa e danando quanto achavã, ca lhes nõ ficavã as poboas meyores nõ as villas mayores, que todo nõ tomarõ e destroy/rõ. [138b] E fezerõ grandes dampnos arredor de Santiago, que nõ acharom quẽ a elles saysse nõ lhes fizesse estorvo; e matarõ hy entom dom Sistiando, arcebispo de Sanctiago. E correrõ toda a terra ataa o mõte que chamã Zebreyro, que nõ acharõ estorvo nem hũu em essa terra. E esto durou bem hũu ãno, assy como conta a estorya.

E, ã esse ãno, morreu Abdenaamer de Cordova, e reynou empos elle seu filho Alahatã treze ãnos e dous meses. E aquelle Alahatam chamarom per outro nome Alahazubible, que quer tanto dizer em linguagẽ de Castella come: «homẽ que se defende con Deus». E bem semelhava que aquelle rey se defendya com Deus, ca el leixou o reyno de Cordova muy bem¹⁰⁹ apostado e toda a terra muy em paz e muy assesegada e sem todo buliço e mantevea o filho em aquella maneira que a mãteve o padre. E esto lhe durou, segundo conta a estorya, em todo o tempo que elle reynou. E nõ ouve mester de fazer batalhas nem por que husar de feito d'armas.

E, ã este ãno, morreu o papa Estevõ e posserõ em seu logar Martinho, o segundo, e comprironsse cõ este cento e viinte e nove apostolligos.

Mas agora leixaremos estas razõoes e tornemos ao feito dos Normãaos.

CAPÍTULO CCCLXIV

Como o conde dom Gonçallo Sanchez de Galiza foy lidar com os Normãaos e os venceu e desfez todo seu feito, matandoos todos, e queymou as suas naves

Conta a estorya que, passadas estas cousas que ditas avemos e andados tres ãnos do reynado del rey dom Ramyro – que foy enna era de novecentos e sateenta e sete ãnos e o anno da encarnaçom de Nosso Senhor Jhesu Cristo em novecentos e dez e nove – aconteceu assi que aquella companhia dos Normãaos, depois / [138c] que ouverõ corruda e roubada toda a terra e feito hy sem guysa quanto quiserõ, querendosse elles ja tornar a suas naves cõ muy grandes gãaças e muytos cristãaos que levavã cativos pera sua terra, sayu a elles aquelle conde dom Gonçallo Sanchez, a provar se poderya delles aver algũa vingança de tanto mal como avyam feito enna terra dos cristãaos. E foy a elles muy atrevudamẽte, chamando o nome de Deus e do apostollo Santiago; e, assy como chegou, avolveo a lide fortemente, ferindoos muy de ryjo, e lidou cõ elles. E, com a mercee de Deus e do apostollo Santiago, cuja egreja elles quebrantarõ e roubarom, venceuuhos e desbaratouhos, de guisa que todos hy morrerõ com seu rey. Assi que, de muy grandes jentes que¹¹⁰ elles eram, nõ ficou quẽ arma podesse tomar contra elles nem fazerlhes nem hũu dãpno, ca todos erã mortos os demais delles, como dito he; e os outros que ficarõ forõ cativos e presos e todo seu feito desbarato e destruydo. E, feito esto em esta guisa que dito he, aquelle conde dom Gõçallo Sãchez foi logo e queimoulhes todallas naves onde estavã na ribeira do mar.

Mas agora nos callamos destó e torna a estoria a fallar do conde dom Fernam Gonçallvez.

CAPÍTULO CCCLXV

Como o conde dom Fernam Gonçalvez venceu hũa lide de mouros e acabou a fim de seus dyas e como leixou ho condado de Castella a seu filho Garcia Fernãdez

Em aquella sazom que esto aconteceu dos Normãaos ã Galiza, Fernã Gonçalvez, o conde de Castella, ouvyn do os dampnos e malles e estragamentos que os mouros faziam em sua terra, pesoulhe muyto e foy por ello muy sanhudo. E ajuntou sua jente e apostousse o me/lhor [138d] que elle pode e foy lidar cõ elles. E tã ryjamente os feryo que os mouros forõ vencidos. E matou delles muytos e grande parte delles cativou e os outros seguudoos e matando em elles. E desta guisa se tornou o conde Fernã

Gonçallvez bẽ andante a Burgos.

E, como ja era quebrantado das muytas e grandes lides que avya feitas cõ mouros e com cristãaos por deffender Castella e a fazer mayor e outrossy ¹¹¹ por acrecentar a cristaydade a serviço de Deus, adoeceu entõ em Burgos e a doença foy tal e tam afficada que morreu o conde della em aquel logar. E mandousse levar ao moesteiro de Sam Pedro d'Arllança, que elle fezera, segundo dito avemos em esta estorya; e enterrarõno muy honrradamẽte. E morreu este conde dom Fernã Gonçalvez de Castella ãna era de novecentos e sateenta e oyto ãnos. E com Deus seja a sua alma deste cõde dom Fernam Gonçalvez de Castella! E bem que assy he, ca muy bõo cavalleyro foy e bem acabou.

E, morto este conde dom Fernã Gonçalvez, herdou empos elle o condado de Castella seu filho, o conde dom Garcia Fernandez.

CAPÍTULO CCCLXVI

Aqui se acaba a estorya dos nobres e grandes feitos do bõo conde dom Fernam Gonçallvez de Castella. E começasse a estorya do conde dom Garcia Fernandez, seu filho, o qual regeu o condado de Castella despois da morte de seu padre

Conta a estorya que, despois que o conde dom Fernam Gonçalvez foy morto, que herdou o condado de Castella em seu logar o conde dom Garcia Fernãdez, seu filho. E este dõ Garcia Fernandez era muy bõo bomẽ e muy ¹¹² dereyto e muy justioso e muy bõo ca / [139a] valleyro d'armas. E venceu muytas fazendas de mouros e ã algũas er foy vencido. E elle guaanhou de mouros Sancto Stevam de Gormaz, que era perdudo, e mãteveo sempre muy bem em sua vida.

E, estando elle ally com sua molher e con seus vassallos, ouve muytas fazendas cõ os mouros e venceuhos; e antre as quaaes foy hũa a do Vaao de Cascalhares. E, o dya daquella fazenda, fez o Nosso Senhor Deus hũu muy fremoso millagre por hũu cavalleiro seu vassallo, assy como depois ouvyredes adyante.

CAPÍTULO CCCLXVII

Como o conde dom Garcia Fernandez cercou Çamora despois da morte de seu padre e como lhe el rey de Leom ãmendou algũus tortos que recebera dos seus; e como casou dona Lambra com Ruy Vaasquez

Contado avemos ja ante desto em como o nobre conde dom Fernã Gonçallvez, ante que morresse, avya firmada sua postura antre Castella e Leom. E, despois que elle foi morto, nõ quiserom os Leoneses teer a postura e veherom correr e fazer mal ã Castella, por a qual razom ouve despois o conde dom Garcia Fernandez de ajũtar sua hoste muy grande e foy cercar Çamora. E, em teendoa cercada, veherom a dar enna oste os d'Alva e os d'Alva. E ouve de sayr a elles Roy Vaasquez, come aquelle que era muy ¹¹³ bõo cavalleiro d'armas. E foy a elles com trezentos cavalleiros e acalçouhos; e lidou cõ elles e venceuhos. E matarom hy dous cavalleiros a Roy Vaasquez em aquella lide. E, por que fez muyto bem em aquelle dya, lhe ouve / [139b] despois a dar o conde dom Garcia Fernandez por molher dona Lambra, que era sua prima coyrmãa.

E, teendo o conde assy cercada Çamora, ãvyoulhe el rey de Leom seu recado que se alçasse de sobre Çamora, ca, se lhe algũu mal ou dãpno avyã feito enna sua terra, que nõ sabya ãde elle parte, mas que lhe querya teer o que o conde dom Fernam Gonçalvez ãtre elles possera; e que, aquelles que aa sua terra forom fazer mal e dampno, que lho estranharya nos corpos e averes. E o conde dom Garcia Fernandez fallou esto com seus altos homẽes, aquelles que hi eram, e acharõ em seu acordo que el rey de Leom dizia bem, ca deus tanto mal lhe avya elle feito em sua terra ca lhe a elle avyã feyto enna sua; e demais que o querya estranhar aquelles que o fezerõ. E o conde entendeu que o consselhavam ben e tomou seu consselho.

E, esto feito, levantousse logo de sobre Çamora e foyse pera Burgos. E foronsse cõ elle muytos de Leom e de Portugal, por seerẽ em aquellas vodas de dona Lambra e de Roy Vaasquez. E andou com suas companhas ataa que chegou a Burgos. E mandou hy armar tenda muy nobre em que estevesse dona Lambra com suas donas e donzelas, pera veerem os trebelhos que faziam e como lançavam a tavollado. E o primeiro que hy lançou sua vara foy o conde dom Garcia Fernandez; e, despos elle, Roy Vaasquez; e, despois delle, Munho Salydo, o que bem catou nas aves; e desy outros muytos doutras partes. Desy lançou Alvaro Sanchez, primo coyrmãao de dona Lambra. E, quando lançou, deu ãno tavollado hũu tam grande golpe nas tavoas que o ouvyrom dentro enna villa, segundo cõta a estorva. E, quãdo dona Lambra ouvyo e soube que seu cuirmãao / [139c] Alvaro Sanchez lançara tam bem, prouguelhe muyto. E, com grande prazer que ende ouve, ¹¹⁴ disse aaquelles que com ella estavã que nõ vedarya seu amor a homẽ tam de prol, se nõ fosse seu parente tam chegado. E, por esto que dona Lambra disse, se seguyo depois muyto

mal, assy como a estorya adeante contara.

E, em dizendo dona Lambra esto d'Alvaro Sanchez, ouvvyo dona Sancha e os sete iffantes que hy estavã com ella. E, quando aquello ouvyrõ, começaram a riir. Mas os cavalleiros, como estavam em grande sabor de hũu jogo em outro, nõ pararõ em aquello mentes que dona Lambra dissera.

Mas Gõçallo Gonçalvez, que era o meor dos sete iffantes, parara em aquello muy bem mentes e furtousse dos irmãos e foy cavalgar ã seu cavallo. E tomou hũu bafordo ãna mão e foyse elle soo, que nõ foy cõ elle outro homẽ se nõ hũu escudeiro que levava hũu açor. E Gonçallo Gonçalvez, logo que chegou, foy lançar a tavollado e foy dar em elle tal golpe que quebrantou hũa das tavoas de meyo. E, quando esto vyo dona Sancha e seus filhos, ouverom ende grande prazer. Mas ã verdade pesou dello muyto a dona Lambra.

Os filhos de dona Sancha cavalgarõ entom e forõsse pera o irmão, ca ouverõ temor de se levantar antre Gonçalo Gonçalvez e Alvaro Sanchez algũa discordya, como aconteceu logo. Ca Alvaro Sanchez começou hi logo de dizer suas pallavras tam grandes per que ouve de responder Gonçallo ao Gonçalvez. E disse:

– Tam bem lançastes e tanto se pagã de vos as donas que bem parece que nõ fallam doutro cavalleiro tanto como de vos!

E aaquello disse Alvaro Sanchez:

– Se as donas de mỹ fallã, dereyto fazẽ, ca en/tendem [139d] que sãõ melhor que todos vos outros que hy sodes.

Quando esto ouvvyo Gonçallo Gonçalvez, pesoulhe muyto de coração e nõ o pode sofrer. E leixoussse hyr pera elle tam bravamente que mais nõ pode. E deulhe hũa tam grande punhada no rosto que os dentes e as quei ¹¹⁵ xadas lhe quebrantou, de guisa que logo caeu come morto em terra, aos pees do cavallo.

E dona Lambra, quãdo o ouvvyo, começou a dar grandes vozes, chorando mui feramẽte e dizendo que nũca dona fora tã desonrrada como ella. Ruy Vaasquez, quando esto ouvvyo, cavalgou a grande presa e tomou hũa asta enna mão e foyse pera allo onde estavã. E, quando chegou aos sete inffantes, alçou o braço com aquella asta e deu cõ ella a Gonçalo Gonçalvez hũa tam grande ferida enna cabeça que per cinco logares lhe fez quebrar o sangue. Mas, quando se Gonçallo Gonçalvez vyo assy mal ferido, disse:

– Certamente nũca vos eu mereci por que me vos dessedes tam grande ferida como esta. E eu rogo aquy a meus irmãos que, se eu morrer, que nũca vollo demãdem. Mas rogovos que me nõ feirades outra vez, ca vollo nõ poderya sofrer.

Quando Ruy Vaasquez esto ouvvyo, alçou outra vez a asta, com grande sanha que ouve, por lhe dar outro golpe. E Gonçallo Gonçalvez, quando o vyo, desvyou a cabeça, em tal guisa que o nõ acalçou se nõ pouco pello ombro. Pero tã grande foy o golpe que duas peças fez da asta em elle. Gonçallo Gonçalvez, quando vyo que nõ avya hy outra mesura, tomou em sua mão o açor que tragy a escudeiro e foy dar com o punho com elle a Ruy Vaasquez hũa tam grande feryda enno rosto que todo o açor foy quebrãtado daquelle golpe, de tal guisa que logo lhe fez quebrar o sãgue / [140a] pello nariz. Quando se Roy Vaasquez vyo tam mal treito, começou de dar grandes vozes e dizer: «Armas! Armas!»

E logo a muy grande presa foron ajuntados cõ elle todollos seus cavalleiros, ca bem viiã que se daria a mal aquelle feito, se lhes Deus nõ acorresse.

Mas o conde Garcia Fernandez e Gonçallo Gustiuz, padre dos iffantes, tanto que souberõ daquelle volta, veherom hy logo e meteronsse logo antre elles e partirõnos, que nõ ouve hy entom outro mal nẽ hũu. E tam bem andarõ em esto o conde dõ Garcia Fernandez e Gonçallo Gustiuz, padre dos sete iffantes, que logo os fezerom perdoar da hũa e da outra parte. Ca os ¹¹⁶ ifantes se apartarõ logo com sua companhia a hũu logar e poderyam seer per todos ataa duzentos cavalleiros. Mas tam bem o fezerom, segundo dicto he, que daquelle vez nõ ouve hy mais.

Este conde Garcia Fernandez, de que vos fallamos, era grande cavalleiro de corpo e muy aposto e avya as mais fremosas mãas que nũca achamos que outro homẽ ouve, em tal maneira que muytas vezes avya vergõça de as veer descubertas e por ello tomava embargo; e, cada que entrava em logar hu estevesse molher de seu amigo ou de seu vassallo, sempre metya hũas luvas ãnas mãas.

Este conde foy casado duas vezes. A primeira foy casado com hũa condessa de França que ouve nome Argenyna. E casou com ella em esta guisa: o padre e a madre daquelle condessa hyam em romarya a Santiago e levavãna conssigo, moça muy fremosa; e o conde pagoussse della; e, desque soube que era molher de bõ logar, demãdouha a seu padre e a sua madre pera casamẽto e casou cõ ella. E vyveo com ella / [140b] seis ãnos; e nõ ouverõ filho nẽ filha.

E, estando assy cõ ella em Santo Estevõ, veo sobre elle Almançor com grandes poderes, cuydando a filhar a vylla. E passou aalem do ryo. O conde, quando esto vyo, fallou com todollos seus que outro dya que lhe dessem a batalha no campo. E, como quebrou a alva, começarõsse a mēefestar e a ouvyr suas misas. E depois sayrõ a eles.

E o conde mandou tender a sua syna a Diego Gonçalvez, que era seu alferez e era ho mayor dos

sete iffantes, filhos de Gonçallo Gustiuz. E, assy o padre como os filhos, todos hi foram aquelle dya com elle; e servirõno mui bem come muy boos cavalleiros que elles eram. E foy hi cõ elle Roy Vaasquez, que foy tam bõ cavalleiro d'armas em aquelle dya que muito lhe valera mais de morrer hy que como lhe despois aveo.

Aquelle dya fez Nosso Senhor Jhesu Cristo hũu muy fremoso milagre por hũu seu cavalleiro que avya nome Pascoal Vivas. Este avya por costume que, despois que na manhã êtrava ãna igreja, nunca ende sahya ataa que ¹¹⁷ eram acabadas todallas misas quantas achava que estevessem dizendo. E aconteceu aaquelle cavalleiro, em hũu moesteiro que o conde fizera hy apreito do castello de Santo Stevã, no qual posera oyto monges que trouxera pera hy do moesteiro de Sam Pedro d'Arlança hu jazia seu padre, que, aquelle dya da batalha, que ouvvyu a primeira missa que se ã aquelle lugar disse com o conde seu senhor.

E, desde que o conde ouvvyo a missa e os outros que cõ el estavã, foronsse armar, e todallas outras companhas, por hyr dar a batalha aos mouros, os quaaes veherõ de Gormaz e estavã ao Vãao de Cascajar por passar da outra parte. E o cavaleiro, por guardar seu costume, / [140c] nõ quis sayr da igreja e esteve hy ataa que todallas oito missas foram acabadas; e sempre esteve armado em giolhos ãte o altar. E, em tanto, foy o conde aver sua batalha cõ os mouros ao vaaõ.

E ally estava hũu scudeiro daquelle cavaleiro que estava ouvvyndo as missas, que lhe tiinha o cavallo aa porta da igreja e o escudo e a lança. E, dally onde estava, o escudeiro vya toda a batalha. E avya grande pesar de seu senhor que nõ era ã ella com o conde cujo vassallo era. E por esta razom o trouxe mal o escudeiro, dizendo que cõ covardia o fazia e cõ maldade de sy meesmo leixava de hyr aa batalha, que nõ cõ outra cristaydade. E o cavalleiro tã grande devaçõ avya em aquellas missas que ouvvyu que nõ tornava por ello nada.

E, elle estando ãna igreja, Nosso Senhor Jhesu Cristo, por o gardar de vergonça, quis hy mostrar hũu milagre, em tal maneira que nũca aquelle dya o acharõ menos da fazenda. E nõ ouve hy outro tal nem tam bõ cavalleiro como elle; ca aquelle que parecia em seu cavallo, armado de suas armas e de seus synaaes, esse matou aquelle que tragua a bandeira dos mouros. E per elle se venceu a fazenda, em tal maneira que todos avyã que fallar de sua bondade.

¹¹⁸ E, quando as oyto missas forõ acabadas, foy toda a fazenda vencida. E, depois, o cavalleyro, com vergonça, nõ ousava de sayr da igreja. E quantas feridas derõ enna fazenda ao que semelhava o cavalleiro, todallas elle tiinha ãno perponto; e quãtas aquel que o parecia tiinha em sua loriga e em todas suas armas, tantas tiinha elle ãnas suas. Desde que o conde tornou da fazẽda, demandou por aquelle cavalleiro que tã bem andante fora em aquelle dya. E nõ o pode achar em todo aquelle campo. / [140d] E soube ã como aquel seu cavalleiro, em cuja figura parecera aquelle outro, que estava enna igreja emçarrado cõ vergonça por que se nõ acertara em aquelle feito.

Quando o conde soube o feyto em como avya passado e vyo, elle e os outros, que todallas feridas que os mouros deram aaquelle que por el andava enno campo, que todallas elle tiinha ãno perponto, na loriga e ãno cavallo, o qual hy nõ fora, entenderõ e conhecerom que era milagre de Deus e, por a devaçõn que aquelle cavalleiro avya em elle e ãnos sacrificios das missas, que por esso quisera a elle ãvyar o seu angeo em sua fegura que lidasse por elle. E derom louvor e graças a Deus e aa Virgem Maria, sua madre, por este milagre que avya feito por aquelle cavalleiro seu devoto.

¹¹⁹ CAPÍTULO CCCLXIX

Como o conde dom Garcia Fernandez se foy pera Burgos e adoeceu hy

Conta a estorya que, despois que o conde ouve vencido Almãçor na lide do Vaaõ de Cascajares, ã que lhe Deus fez muyta mercee, tornousse pera Burgos; e a poucos dyas adoeceu hy. E, em jazendo o conde doente, veeo veer hũu conde de França que hya ã romarya a Santiago. E fallou com a condessa dona Argẽtina, molher do conde Garcia Fernandez, que eram ambos naturaes dhũa terra, que se fosse com elle e que casarya com ella. E ella, como maa molher que era, venceusse a suas pallavras e fugyo com elle de noyte em panos d'homen. E, quando o conde soube, eram ja elles fora da terra.

Desde que o conde foy guarido daquella enfermydade, cõ grande pesar que ouve daquelle feito, fizesse como que hya ã romarya a Sancta Maria de [141a] Rocamador. E meteusse ao camynho emcubertamente cõ hũu scudeiro, ã maneira d'homẽs proves e desconhecidos. E andarõ tanto ataa que chegarõ aaquella terra hu morava aquelle cõde com sua molher que levava.

E soube toda sua fazenda daquelle conde e como avya hũa filha que avya nome dona Sancha, que era muy fremosa molher. E pẽssou que, pera acabar aquella demanda ã que andava, que lhe cõviinha de aver fala com aquella dona Sancha. E ella estava muy mal com o conde seu padre, por que aquella sua madrastra metya antre eles muyto mal. E ella ante querya seer morta que passar tal vida e andava buscãdo carreira per que saysse de tal prema ã qual era com seu padre. E, pera comprir esto, fallou com hũa sua

manceba e disselhe assy:

– Amiga, saibhas que eu nom posso mais fazer esta vyda que faço. Por que te rogo que, os pobres que comê aa porta de meu padre e mynha, que ¹²⁰ pensses delles bem e que cates antre elles se ha hy algũu homẽ fidalgo e aposto e fremoso e que o tragas ante mỹ, ca quero fallar cõ elle.

E a manceba parou mentes ẽ aquello que sua senhora lhe avya dito. E hũu dya vio estar antre todollos outros o conde dom Garcia Fernandez, pobre e mal vestido, pero que era muy grande cavalleiro e muy aposto e fremoso. E, antre todallas outras fremosuras que vvyu em elle, vyulhe as mais fremosas mãaos que nũca avya vistas a homen nẽ a molher. E disse em seu coraçõ que aquelle homẽ lhe parecia fidalgo e tal como sua senhora dizia.

E chamou a parte e tomouho pella mãao e disselhe que querya falar com elle. E, desque se virom apartados, escõjuroho a manceba e rogouho que lhe dissesse que homen era e se era fidalgo. / [141b] E o conde lhe respondeu:

– Amyga, por que me demandaes esso? Que pouco vos compre mynha fidalguya.

E ella disse:

– Certas, esto compre mais a vos que a mỹ.

E o conde lhe respondeu:

– Quando eu vyr por que e formos em logar onde o eu deva dizer, eu mostrarey que soo mais fidalgo que o senhor desta terra.

Quãdo a manceba aquello ouvvyu, foy spantada de tal palavra e disselhe:

– Amigo, esperademe aqui, ca logo tornarey a vos.

Entom se foy a manceba a sua senhora e cõtoulhe todo como lhe avehera e como avya achado aquelle homen. E sua senhora, quando aquello ouvvyu, mandouho trager ante sy.

E, quando foy ante ella, em maneira de homen prove, ficou os geolhos em terra ante ella saudandoa. E ella disse:

– Amigo, dizedeme que homẽ sodes e de que linhagem viindes.

E elle lhe disse assy:

– Senhora, eu som aquy ẽ vosso poder e vos podees fazer em mỹ o que vos prouguer. Pero, se vos quiserdes saber mynha fazenda, a vos cõvem de me prometer per vossa fe de me teer puridade.

E ella lho prometeu logo, jurandoo em suas mãaos que o farya assy. E, feito este juramento, disselhe o conde:

– Senhora, ora podees saber que eu som o conde dom Garcia Fernandez de Castella. E vosso padre, nõ me catando delle, fezme grande torto e levoume mynha molher com que eu estava casado, a qual he esta que elle aquy tem ¹²¹ por molher. E eu, cõ vergonça que ouve deste feito, prometi de nõ hyr a mynha terra ataa que nõ fosse vingado delle e della. E por esto som aquy viindo ẽ esta maneira que veedes, em tal guisa que me nõ conheça nem hũu, se poderey acabar o que quero.

Quando dona Sancha esto ouvvyu, prouguelhe muyto, ca vyo que Deus lhe dava tal carreira, a qual ella nõ sabe/rya [141c] buscar. E disselhes entõ assy:

– Conde, quẽ vos desse logar pera acabardes o que querees, que lhe faryades?

E o conde lhe disse:

– Se me esto guisades, casarey cõvosco e levarvos hey pera Castella e fazervos hey senhor de toda a terra.

E a ella prougue desto, pero disselhe que lho nõ compryria assy de ligeiro. E entõ mãdou levar pera sua camara e penssou delle muy bem. E despois disselhe que a recebesse por molher e lhe jurasse que a nõ leixasse por outra; e ella, que lhe compriria todo aquello, assy como lhe dissera. O conde fez todo assy como lhe ella devisou. E aquella noyte albergarõ ambos dessũu.

E, quando veeo aa terceira noyte, guisou ẽ como se deitasse o conde seu padre e sua madrastra dessũu. E meteu o conde dom Garcia Fernãdez, armado de hũa loriga e hũu grande cuytello, so o leito em que o conde seu padre e sua madrastra avyã de jazer e castigouho como avya de fazer, ataa que lhe ella fizesse synal de hũa corda que lhe ella avya legada enno pee. E dona Sancha esteve ao deytar de seu padre e de sua madrastra e fyngeu que querya essa noite dormyr enna camara, por amor de seu padre e de sua madrastra. E, desque vyo que seu padre e sua madrastra dormyam, tirou pella corda. E o conde dom Garcia sayu de so o leyto e viu como jaziam dormyndo e cortoulhes as cabeças. E acolheronsse logo ambos a seu camynho quanto mais toste poderon.

Em outro dya, quando os da terra souberõ como seu senhor era morto, era ja o conde Garcia Fernandez e sua molher muy longe, que se nõ temyã de nem hũa cousa.

¹²² Depois que o conde dõ Garcia Fernandez e sua molher forom em Castella, ẽvyarom por todas suas / [141d] gentes, que vehessem a Burgos. E o conde, quando hy chegou, foy muy bem recebido dos seus. E elle lhes disse todo quanto avya passado. E disselhes ainda mais:

– Hora são tal pera seer vosso senhor, por que som ja vingado, ca nõ ẽmentres que estava desonrrado.

E mādou entom que recebessem dona Sācha, sa molher, por senhora. E os Castellāaos fezerōno assy e prouguelhes ende muito de como se o conde vyngara.

E ã esta dona Sancha fez o conde dom Sancho, seu filho, o que deu os bōos foros a Castella.

CAPÍTULO CCCLXX

Mas ora leixa o conto a fallar do cōde dom Garcia Fernandez e da condessa dona Sancha, sua molher, e torna a falar de Gonçallo Gustiuz, que era em Salas, e de Roy Vaasquez, seu cunhado

Diz o conto que, depois que os casamentos de Ruy Vaasquez e de dona Lambra foram feitos em Burgos, que, polla contenda que hi ouve Gonçallo Gonçallvez, o meor dos sete iffantes, com Ruy Vaasquez, polla punhada que deu a Alvaro Sanchez, seu cunhado, e pollas feridas que lhe dera Roy Vaasquez cō a asta e outrossy pollo açor que Gonçallo Gonçallvez britou a elle no rosto, se ouvera de fazer dampno, se o conde dō Garcia Fernandez nō partira, que o fez perdoar por sempre.

¹²³ E, cuydando Gonçalo Gustiuz, padre dos ifantes, que era assi, foyo hũu dya veer a Barvadilho e fallou com elle e disselhe assy:

– Dō Ruy Vaasquez, estes meus filhos sō vossos sobrinhos. E vos avees mester cavalleiros muyto amehude, ã como muy alto e muy bōo cavalleiro d’armas que vos sodes e que per todallas terras sodes temudo, tam bem de cristāaos / [142a] come de mouros; e todos vos hã grande ãveja e vos temẽ muyto. E porem eu averya por bem se vos prouguesse que vos servissem meus filhos e vos aguardassem; e vos que lhe fossees boo e lhes fizessees algo, ã maneira que elles vallessẽ mais per vos, ca vossos sobrinhos som e elles nō ham de fazer se nō quanto vos mandardes.

E elle outorgoulho, que lhe farya e compriry a todo aquello.

A pouco tempo, sayusse Ruy Vaasquez e dona Lābra, sua molher, pera Burgos. E, logo a pequena sazom, tornousse dona Lambra pera Barvadilho. E foram com ella os sete iffantes, por lhe fazer prazer e serviço, com seus açores e cō outras aves.

Depois que ouverom tomada muyta caça, tornarōsse pera dona Lambra e deronlha. Desy ãtraram em hũa orta que avya acerca do paaço donde pousava dona Lambra, pera solaçar em ella ãmentres que guisavã o jātār. Depois que forō enna orta, Gonçallo Gonçallvez desvestiusse de todo o que tragia, se nō dos panos meores – e esto pella grãde caentura que fazia –, cuydando que o nō vyssem as donas, por que era dellas muy alongado. Pero nō era assy, ca dona Lambra e as donas ho viiã muy bem. E tomou seu açor ãna mǎao e foyo banhar.

Quando dona Lambra o vyo assy estar nuu, pesoulhe de coração e disse contra suas donas:

– Amigas, nō veedes como anda Gonçalo Gonçallvez em panos de linho? Creio que o nō faz por al se nō que nos namoremos delle. Por certo vos digo que me pesará muyto, se elle assy escapar que eu delle nō aja direito.

E, assy como ouve dito esto, mandou chamar hũu seu homẽ e disselhe:

– Vay e toma hũu cobrombo e encheo de sangue. E vay aa orta hu estam os sete ifantes e da com elle nos peitos a Gonçallo Gonçallvez, aquelle ¹²⁴ que vees que tem o açor na mǎao, e vête / [142b] pera mỹ quãto poderes; e nō ajas medo, ca eu te defenderey. E assy tomarey vingãça da punhada e morte de meu coyrmǎao Alvaro Sanchez, ca este jogo a muytos ãpeecerá.

E o homen fez assy como lhe mandou dona Lambra.

Os iffantes, quando o vyrom viir pera sy, cuidaram que lhes ãvyava sua cunhada algũa cousa por que lhes tardava o jantar, ca tiinham elles que bẽ estava com ella e que ella os amava de vontade. Mas elles eram enganados ã esto, ca ella os desamava mortalmente, que mais nō podya. E, assy como chegou ho homem a elles, alçou a mǎao com aquelle cobrombo e deu com elle a Gonçallo Gonçallvez ennos peitos e encheo todo de sangue; e fugio pera dona Lambra.

Os outros irmǎaos, quando aquello virom, começaram de riir, mas nō de coração. E disselhes entom Gonçallo Gonçallvez:

– Irmǎaos, mal fazees, que vos desto riides, ca assy me poderya feryr com outra cousa e matarme. E eu vos digo que, se algũu de vos esto acōtecera, eu nō querya viver hũu dya mais, ataa que o vyngasse. E, pois que vos levades desto ã jogo, este feito e tal desonrra, mande Deus que vos nō arrependades ende.

Disse entom Diego Gonçallvez aos outros irmǎaos:

– Mester ha que tomemos consselho a tal cousa como esta e que nō fiquemos assy escarnidos, ca muyto seerya nossa vergonça e desonrra grande. E tomemos agora nossas espadas de fundo de nossos mantos e vaamos contra aquelle homẽ. E, se vyrmos que nos atende e nō ha de nos medo, entenderemos que foy feita esta cousa por jogo e leixallo emos. Mas, se elle fogyr contra dona Lambra e o ella acolher, assy saberemos que per seu consselho foy esto. E, se assy for, nō nos escape, ainda que o ella queira emparar!

Depois que esto ouve dito Diego Gonçalves, tomarom / **[142c]** todos suas espadas e foronsse pera o paaço. E o homen, quando os vyu vñir, fugiu ¹²⁵ pera dona Lambra. E ella acolheuo su o seu mato. E os iffantes lhe disserom:

– Este homẽ nos fez desonrra e nos queremoslho acooymar.

E ella disse que o nõ fezessẽ, ca elle era seu homẽ e que, se elle algũa cousa fezera, que ella o farya ãemendar.

E elles o filharõ entõ dante ella e deronlhe hũa atam grande punhada que encheu os panos de dona Lambra de sãgue. E tirarõno fora do paaço hu el siia e espedaçarõno todo. E, depois que o espedaçarõ, tornarõ por dona Sancha, sua madre, que cavalgasse e nõ estevesse hy mais. E ella cavalgou logo e foronsse pera Sallaz que era sua casa e sua herdade.

Depois que elles forom hydos, fez dona Lambra poer hũu escano ã meyo dhũu cural, guisado e cuberto como de panos de morto. E chorou ella e fez tam grande chãto sobre el com todas suas donas per tres dias que por maravilha foy. E rompeu todollos seus panos, chamandosse vyuva e que nõ avya marido. E mandousse desto querellar a Ruy Vaasquez.

Mas agora leixaremos aquy de fallar desto de dona Lambra e dyremos de dom Rodrigo, seu marido, e de Gonçallo Gustiuz, padre dos iffantes.

CAPÍTULO CCCLXXI

Como e em qual maneira foy preso dom Gonçallo Gustiuz en Cordova per carta de treição de Ruy Vaasquez

Empos esto, depois que o conde dom Garcia Fernandez tornou a Burgos de seu andar que andara pella terra, espedironse delle dom Ruy Vaasquez e dõ Gonçallo Gustiuz e foronsse pera a foz de Lara, hu tiinhã suas molheres. E, elles hyndo pello camynho, chegou a Roy Vaasquez o mãdadeiro de dona Lambra e di/disselhe **[142d]** as novas de todo o feito como acontecera ¹²⁶ e a maneira em que se fezera. E elles, quando o ouyrõ, pesoulhes muyto que nom podya mais, assy que se nõ podyã dar consselho. Pero foromsse ambos ataa Barvadilho. E partiussse entõ dom Goncallo Gustiuz e fuisse pera Salaz a sua molher e seus filhos.

E dona Lambra, quando soube que viinha Ruy Vaasquez, seu marido, sayu aa porta do paaço e fuisse pera elle toda rascada e chorava muyto. E deytouselhe aos pees, pedindolhe merçee e dizendo que lhe pesasse da deshonrra que avya recebida dos seus sobrinhos e que por mesura que lhe desse ende direito.

E dom Rodrigo lhe disse:

– Dona Lambra, callade e nom vos pese e sofredevos, ca eu vos prometo que tal direito vos ende darey que todo o mũdo avera que dizer.

E dom Rodrigo ãvyou logo seu mandado a dom Gonçallo Gustiuz, que vehesse ã outro dya a hũu logar certo, ca muyto avya de fallar com elle. E Gonçallo Gustiuz veeo logo hy com seus sete filhos e ouverõ sua falla, antre Sallaz e Barvadilho sobre a desõrra de dona Lambra, que lhe avyam feita os sete iffantes. E poserom seu amor hũus cõ os outros. E os iffantes se meterõ entõ enna mãao de seu tyo, que elle que catasse aquelle feito e por que fora levantado e que fizesse hy aquello que tevesse por bem e fosse direito. E a dom Rodrigo prougue muito desta razom e começou logo a afaagar os sobrinhos per suas pallavras falsas e fingidas, por tal que se nõ guardassem delle.

Depois que esto acabou, logo a poucos dyas mandou dizer a dom Gõçallo Gustiuz que se visse cõ el outra vez ã aquelle meesmo logar hu se outra vez virom, ca avya ainda de fallar muyto cõ elle.

Outro dya quando se virom, disse Roy Vaasquez a dõ Goncallo Gustiuz:

[143a] – Cunhado, vos bem sabedes ã como me custarom muyto mynhas vodas. E o conde dom Garcia Fernandez nõ me ajudou em ello assy como eu ¹²⁷ cuydei. E Almançor me disse que me darya algo e me faria muyto bem pera ajuda de mynhas vodas. E vos sabedes que assy he. E eu gradecervos hya muyto, se vos por bem tevedesdes, de hyrdes a elle sobre esta razõ. E encomendarmelh'edes muyto e mostrarlh'edes a grande custa que ei feita e dizerlh'ees em como ey muyto mester a sua ajuda. E bem sey eu que lhe prazera e vos dara grande aver. E vos viindevos logo cõ elle e eu partillo hey cõvosco muy bem. E rogovos, como irmãao, que vos praza de o fazer assy, ca vos sabedes bem que eu nõ posso allo hyr, por que ey de proveer toda a terra de mãao do conde dom Garcia Fernandez.

Entom respondeu dom Gonçallo Gustiuz:

– Dom Rodrigo, muyto me praz. E hirei allo muyto de boamente por compryr vossa vootade.

Quando esto ouvyo Roy Vaasquez, prouguelhe muyto de coração. E apartousse com hũu mouro que hi avia que sabya screver aravygo e mandou que lhe screvesse hũa carta em esta guysa:

«Almançor, de mỹ, Roy Vaasquez, saude, come amigo que amo de todo meu coração! Façovos saber que os filhos de Gonçalo Gustiuz de Sallaz, este que vos esta carta leva, que me dessonrrarõ muy

mal, m̃y e mynha molher. E, por que me ño posso delles vingar aco enna terra dos crist̃aaos, assy como eu querya, ãvyo porẽ a vos seu padre, dom Gonçallo Gustiuz, que o façades escabeçar, se me bem queredes. Depois que esto ouverdes feito, sacarey eu logo mynha hoste e levarey cõmigo todollos seus sete filhos e hyrey com elles pousar a Almenar. / [143b] E vos outrossy sacade vossa hoste e viindevos quanto poderdes a esse logar meesmo, ca hy vos atenderey. E venha cõvosco Byara e Galve, que som muyto meus amigos. E os sete iffantes levallos ey allo, ca elles ño ham mais ca ataa duzẽtos cavalleiros. E entom os poderedes escabeçar, ca estes som os homẽes do mundo que vos ¹²⁸ mais contrairos som aco ãna terra dos crist̃aaos aa vossa voontade, ca muito ha em elles grande esforço o conde dom Garcia Fernandez».

Depois que a carta foy feita em esta maneira e seelada, m̃adou logo escabeçar o mouro que a fezera, por tal que o ño descobrisse. E desi cavalgou logo e foyse pera Gonçallo Gustiuz. E, assy como entrou pello paaço, disse a sua irm̃aa dona Sancha, com pallavras de gr̃ade engano:

– Irm̃aa, muy rico verra dom Gonçallo de Cordova, se Deus quiser, onde o eu ãvyo, ca tanto adurá de aver que pera s̃ẽpre ja mais seremos ricos todos e avondados.

Depois que esto ouve dito aa irm̃aa, disse a dom Gonçallo Gustiuz:

– Cunhado, pois que esto avees de fazer, espedidevos de dona Sancha e cavalgade e vaamos esta noyte dormyr a Vilvestre, ca ã camynho vos caae.

Dom Gonçallo Gustiuz espediosse entom da molher e de seus filhos e de dom Munho Sallydo, seu amo. E entom cavalgarom e foronsse ambos pera Vilvestre. E fallarõ toda aquella noite em sua puridade ambos. E deulhe entõ dom Rodrigo a carta, que a levasse.

Em outro dya manhãa, cavalgou dom Gonçallo Gustiuz ã espediusse de dom Rodrigo e de dona Lambra e foyse seu camynho.

Depois que chegou a Cordova, foyse pera Almançor e deulhe a carta de dom Rodrigo e disselhe logo per pallavra:

– Almançor, muyto vos ãvyo saudar dom Rodrigo, vosso amigo, e ãvyavos rogar que lhe ãviees / [143c] recado do que vos ãvyo dizer ã essa carta.

¹²⁹ O mouro abryu a carta e leeua. E, depois que ouve vista toda a maneira que hya em ella, rompeuha logo e disse a dom Gonçallo:

– Que carta he esta que tu trages?

Respõdeulhe entõ dom Gonçallo Gustiuz:

– Certo, senhor, ño sey.

Depois disse Almançor:

– Eu to direy: Roy Vaasquez me ãvyo dizer que te mande escabeçar. Mas eu, por que te quero bem, ño o quero fazer. Mas eu mandart'ey deitar ãna prisom.

E logo assy foi feito. Desy mandou a hũa mouroa que o guardasse e servisse e que lhe desse o que ouvesse mester. E assy aveeo a poucos dyas que, dom Gonçallo Gustiuz jazendo em aquella prisom e aquella mouroa servindoo, ouverom detẽder em sy e amarse hũu ao outro, de maneira que dom Gonçallo Gustiuz ouve de fazer em ella hũu filho, a que chamarom depois Mudarro Gonçalvez. Este Mudarro Gonçalvez foy o que depois ṽigou seu padre e seus irm̃aaos, os sete ifantes, polla trayçõ que lhes fez Roy Vaasquez, ca ho matou por ello, assi como contaremos adeante em esta estorya.

Mas agora leixaremos aqui de fallar em esta razom. E tornaremos a dizer de Roy Vaasquez e de Almançor.

¹³⁰ CAPÍTULO CCCLXXII

Como Ruy Vaasquez ajuntou sua hoste e levou conssigo os sete iffantes

Empos esto, depois que Ruy Vaasquez ouve ãviado dõ Gonçallo Gustiuz, acordousse em como fallasse cõ os sete iffantes, assy como ora diremos. E começou o treedor suas pallavras d'ẽgano em esta guisa:

– Sobrynhos, dizervos quero o que tenho por bem de fazer. ã quanto vosso padre he hydo a Almançor, eu quero fazer hũa cavalgada a terra de mou/ros [143d] e correr ataa o campo d'Almenar. E, se vos teverdes por bem de o hyr cõmigo, prazermẽ hya ende muyto. E, se ño, ficade aquy ãna terra e guardadea.

E elles lhes disserom entom:

– Ruy Vaasquez, ño semelitaria esto guisado de vos hyrdes em hoste e ficarmos nos na terra, ca muyto mostraryamos em ello gr̃ade covardice!

Respondeulhes entom Roy Vaasquez:

– Muyto me praz desso que dizedes.

Depois que esta resposta ouve dos sete iffantes, ãvyo dizer per toda a terra que os que com elle quisessem hyr em hoste e guaanhar algo, que se guisassem muyto asynha e que se vehessem logo pera

elle. As gêtes, quando souberom, forom entō muy ledos cō as novas, por que dom Rodrigo sempre era bem andante, elle e os que com elle hyã em suas hostes que fazia. Chegaronssse entō a elle tam grandes hostes que maravilha foy.

E, logo que esto ouve feito, ãvyou per hũu scudeiro dizer aos sobrinhos que se fossem ãpos elle, ca elle os atenderya enna veiga de Febres. Os iffantes, quando o souberom, espedironssse de sua madre dona Sancha e foronssse empos elle quanto poderō.

¹³¹ E, hyndo elles fallando hũus cō os outros, ataa que chegarō a hũu pinhal que chamavã Canycossa que hy avya a par do camynho, na entrada do monte, ouverō agoyros que lhe faziam muy maaos synaaes. E o primeiro agoyro que ouverō foy hũa cornelha deestra e, sobre ella, hũa seestra. E desy ouverō hũa aguya caudal ferrivelha que siia ã cima de hũu pinheyro.

Quando esto vyu Munho Salido, pesoulhe muyto de coraçom e disselhes:

– Filhos, tornemosnos, ca estas aves nollo mostrã. Tornemonos pera vossa / [144a] madre dona Sancha e folguemos hy algũus dias, ataa que estas aves corregam; ca ellas nō nos mostram se nom todo mal, se as passamos.

E elles disserom que nō quisesse Deus, ca os atendya seu tyo dous dias avya, e que pollas aves nō curavã nada, ca nō fazia a elles aquello, se nō ao mayor da hoste com que todos hyam.

Entom forom adyante e virō vñir hũa aguya caudal pello aar, dando muy grandes gritos. E veeo pousar em hũu pinheiro, per onde todos hyã, e seve assy hũa grande peça dando grãdes braados. E desy, aacima, tomousse pella garganta cō amballas mãaos e degollousse e leixousse cayr morta ã terra ao pee do pinheiro.

Quãdo Munho Salido esto vyu, tornousse aos iffantes e disselhes:

– Filhos, bẽ vos digo verdade que, desde eu aves vy catey, que nũca as achey tam contrairas como as d’oje. E por esso vos rogo que nos tornemos em toda guisa, ca me nō praz por que esta carreira queredes fazer, ca aquelle que vos allo leva aa morte per treijom. E, se vos tornardes, faredes vossa prol.

E entō fez hũa risca e disselhes assy:

– Se esta risca passardes, eu nō hyrey cōvosco adyante mais, ca bẽ chaamente vejo nossa morte, ca eu taes agoiros vejo que nos mostrã que ¹³² nos nũca aco mais tornaremos a nossos logares. E, se vos querees passar estes agoiros, ãvyade dizer a vossa madre que cobra sete leitons e que os ponha ã meo dhũu curral e faça chanto como se vos vise mortos ante sy.

Gonçallo Gonçalves, quando esto ouvyo, disselhe:

– Dō Munho Sallido, dizedes muy mal em quanto fallastes! Morte buscades, se ouvesse quẽ volla dar! E digovos que, se nō fossedes meu amo como sodes, / [144b] eu vos matarya por ello. E daqui adyãte vos digo e vos deffendo que nō falledes mais em esta razom, ca nos nō tornaremos por vos. Mas vos tornadevos pera Sallaz, que sodes ja de idade, se quiserdes.

Dom Munho Sallido, com grande pesar que entō ouve, disselhes:

– Em maa hora vos eu cryei, pois que me vos creer nō queredes de cousa que vos eu diga. E, pois que assy he, rogovos que vos espeçades de mñ, ante que me torne, ca bẽ sey que nunca mais nos veremos em hũu.

Os iffantes, deitando todo esto ã jogo, que lhes dezia seu amo, espedironssse delle e foronssse sua carreira.

Mas Munho Salido, tornandosse pera hyr a Sallas e hyndo assy per seu camynho, cuydou em sy como fazia muy mal de leixar daquella guisa seus criados por medo de morte, e mayormẽte seendo el ja homẽ velho e de grande hydade, que per nem hũa guisa nom devya de fazer tal cousa por medo da morte que a nem hũu nō era escusa; ca mais aguisado era de elle hyr hu quer que morte podesse prender que aquelles que ainda erã mãcebos e pera longamẽte viver; e que, pois que a elles nom temyã e a tiinhã em tam pouco, que muyto menos a devia elle de temer; e demais que, se elles morressem ã batalha e Ruy Vaasquez aa terra tornasse, que lhes farya por elle muyto mal ou que o matarya; e que, se elle tal cousa fizesse, que sempre delle averyam que dizer; e, ainda, que, se elles allo morressem, que cuydaryã os homẽs que ele lhes bastecera a morte e que seeria pera elle maa fama, onde fora elle honrrado na mancebya, leixallo de seer enna velhice. E, assi como todas estas cousas ouve cuydadas em sy, deu logo tornada pera os iffantes.

Mas agora leixaremos a fallar de dō Munho Sallido, que se vay seu camynho, e dyremos dos sete iffantes.

¹³³ CAPÍTULO CCCLXXIII

[144c] Como o treedor de Ruy Vaasquez ameaçava dom Munho Salido, por que se tornara, e outrossy como se per esta razon ouverom de matar hũus os outros

Depois que os sete iffantes dally forõ partidos, tanto andarõ que chegarom a Febres. E o treedor, quando os vyo, sayu a os receber e disselhes como avya tres dyas que os estava atendendo; e pregõtoulhes por Munho Salido ou como nom viinha com elles. E elles contaronlhe entom todo o feito, de como lhe acontecera cõ elle sobre o departamento dos agoiros. Ruy Vaasquez, quando lhes aquello ouvyo, começou de louvamynhar e a dizer assy:

– Filhos, estes agoyros muy bõos som, ca dam a entender que do alheo guaanharemos algo e do nosso nõ perderemos nada. E fez muy mal dom Munho Salido por nõ viir cõvosco. E mande Deus que se arrepesca por esto que a feito e nõ possa!

Elles fallando em esto, chegou dom Munho Salido. E os iffantes, quando o virom, receberõno muy bem e prouquelhes muyto com elle. E disselhe entõ Ruy Vaasquez:

– Dom Munho, sempre me vos fostes contraio em quanto podestes. E agora em esso vos trabalhades e em ello contendees. Muyto me pesara, se eu nõ ouvera dereito de vos a todo meu poder.

Respondelhes entom dõ Munho Sallido:

– Dom Rodrigo, eu nõ ando com falssidade, mas cõ verdade. E digo, a quẽ quer que diz que os agoiros que nos ouvemos que eram boos pera guaanhar com elles, que mente come alleyvoso e nõ disse ã ello verdade, mas que tem ja a treiçom conselhada e bastida.

¹³⁴ E esto razoava assy Munho Sallido, por que ja elle bem sabya o que Ruy Vaasquez dissera, e porẽ lhe dizia esto assy.

[144d] Quando Ruy Vaasquez vyo que contra el Munho Sallido dizia aquello que tevesse por mal treito e por desonrrado delle e, com grande sanha que avya, começou a dar vozes e a dizer:

– Ay, meus vassallos! Ë mao dia vos eu dou soldadas, pois que vos a Munho Salido me assy veedes desonrrar e me nõ dades delle direito; e o que ainda he peor, que semelha que vos nõ pesa ende!

Quando esto ouvyo hũu cavalleiro que chamava Gonçallo Sanchez, tirou muy apressa a espada da baynha e hya pera dar com ella a dom Munho Salido. E Gonçallo Gonçallvez, ho meor dos sete iffantes, quando aquello vyo, foy correndo pera aquelle cavalleiro e deulhe hũa tam grande punhada antre a queixada e o ombro que deu cõ elle logo morto em terra aos pees de Roy Vaasquez. E Roy Vaasquez, com grande pesar que ouve desto, deu vozes aos seus que se armassem, que elle se queria logo vingar de seus sobrinhos e de Munho Sallido. E, quando os iffantes entenderom de seu tyo que avya sabor de se matar com elles, poseronse a parte com duzentos cavalleiros que tragiã e pararom logo suas aazes dhũa e da outra parte. E, elles por ajuntarem hũus cõ os outros pera se feryr, disse Gõçallo Gonçalvez a Ruy Vaasquez:

– Esto que quer seer? Sacastesnos aco da terra pera hyr sobre mouros, e ora queredes que nos matemos hũus com os outros? E eu vos digo por certo que o nõ tenho por bem. Se pella ventuira querella avedes do cavalleiro que vos matamos, queremosvos peitar a cooyma que hy ha, que som quynhentos soldos; e darvolos hemos. E rogamosvos que nõ queirades al fazer.

O treedor, por que viia que nõ tiinha ainda tempo de conprir seu / [145a] coração assy como elle querya e por que nom podya entom sayr bem, se se enton ¹³⁵ avolvessem, disse que lhe prazia muyto do que dizia e que o tiinha por bem.

Mas agora leixaremos as outras razões e diremos dos sete iffantes e dos mouros.

CAPÍTULO CCCLXXIV

Como e em qual maneira os sete iffãtes lidarom com os mouros; e da morte de dom Munho Sallido e outrossy de Fernã Gonçalvez e dos duzentos cavalleiros que com elles eram

Depois que esto ouve dito Roy Vaasquez e elles todos aviindos, arrancaron as tendas e foronsse sua carreira. Outro dya levantarõsse grande manhã e tanto andaron esse dya que chegarom ao campo de Alnar. Dom Rodrigo meteusse ã ciliada com todollos seus em hũu logar que hy avya emcuberto e mandou aos sobrinhos que fossem correr o campo e que roubassem quanto achassẽ e que se acolhessem ally a elle. E elle avya ja mandado seu recado aos mouros que deitassem os gaados fora a pacer e que sayssem cõ elles per toda parte per hu quisessem. E todo esto que elle mandava fazer era ãgano e treiçom.

Os ifãtes cavalgarom pera hy fazer aquello que lhes elle mandara. Mas disselhes Munho Sallido:

– Filhos, nõ vos tẽ prol de guaanhar gaanças, ca vos nom serem aa proveitosas, ca, se hũu pouco quiserdes atender, muitas outras cousas pode redes veer a que hiredes mais ã salvo, que som mais que aquellas que veedes.

¹³⁶ E, elles estando em esto, virom assũar synas e pendões, mais de dez myl. E, quando as virom,

disse Gonçallo Gonçalvez ao treedor:

– Que sinas / [145b] som aquellas que se ally ajûtam?

Respondeu elle entom:

– Filhos, não ajades medo, ca eu vos direy o que he. Digovos que eu ey corrido este valle bem tres vezes e levey ende muytas gaanças e não acheý nem hũu mouro que me torvasse. E aquelles mouros astrosos, quando o sabem, vêe ataaly e poensse com suas synas e pendões, como ora veedes que o fazem por nos spantar. Mas vos hyde ousadamête e correde o campo e não temades nada, ca, se mester for, eu vos acorrerey.

Depois que estas cousas ouve ditas aos iffâtes, furtousse delles e foy fallar aos mouros. E Munho Sallido, quando o assi vvy hyr escuso, foyse empos elle pera veer e ouvyr o que dezia aos mouros.

O treedor de Roy Vaasquez, como chegou aos reis mouros, cõvem a saber, Galve e Byara, disselhes assy:

– Amigos, ora teendes tẽpo de me dardes dereito de meus sobrinhos, os iffantes, ca não tẽe mais de duzentos cavalleiros. E vos hyde e cercadeos e colheros edes ã meyo e assy vos não scapara nem hũu delles, ca eu não os ajudarey a nẽ hũa maneira.

Quando dom Munho Sallido lhe aquello ouvvy dizer, disselhe:

– Aa, treedor e homen maa! Como as traidos todos teus sobrinhos! Deus te dê porem maa gallardom, ca en todo o mundo fallarã os homẽes desta treyçom!

Quando dom Munho Sallido ouve esto dito, fosse pera os iffantes, dando vozes e dizendo:

– Armadevos, filhos, ca vosso tyo com os mouros he de consselho pera vos matar.

¹³⁷ E elles, quando esto ouvirom, armaronse logo ho mais toste que poderom e cavalgarõ em seus cavallos. E os mouros, como erã muytos ademais, fezeron de sy quinze aazes; e assi forõ daquella maneira ataa onde estavã os ifâtes e cercarõnos todos arredor. / [145c] Mas dom Munho Sallido, quando aquello vvy, começou de os esforçar, dizendolhes assy:

– Filhos, esforçade e não temades, ca os agoyros que vos eu dixee que eram cõtrayros, não era assy; ante eram muy bõos, ca nos dam a entender que venceremos e gaanharemos algo de nossos ãmiigos. E, por que vos vejades o que vos digo, eu quero logo hyr feryr em esta aaz primeira. E daqui adeante, filhos, ãcomendovos a Deus!

E, logo que esto ouve dito, deu das esporas ao cavallo e foy feryr ennos mouros tam de ryjo que matou e derribou delles muitos. Mas os mouros chegarom sobre elle e tantas feridas lhe derom que o matarõ logo hy.

Mas os iffantes, assy como ouverom movydo pera os mouros, foronos ferir tam esforçadamẽte e tã grande sabor avyã de se matar hũus cõ os outros que em pouco espaço foy o cãpo cuberto e cheo d'homẽes mortos. E tã grande foy a batalha e tam esquiva que o não poderia homẽ contar. Mas diz a estoria que tam ben lidarõ os cristãaos e tã esforçadamente que passarom a primeira aaz e a segunda chegarom aa terceira, apesar dos mouros. E morrerõ hy muytos de hũa parte e da outra; e foram os mouros que hy morrerõ mais de myl e os cristãaos duzentos, assi que não ficarom delles mais que os sete iffantes todos soos. E, quãdo se elles assi virõ e que não avya ã elles al se não morrer, ãcomendaronsse a Deus e acharom em sua ajuda o apostollo Sãtiago e foram feryr em elles tam de ryjo e tam bem lidarom e tantos matarõ e tam grande spanto meterom em elles que nem hũu não se lhes ousava a poer diante. Mas tantos eram os mouros que lhes nom podyam dar cabo.

E, passando com elles ã esta guysa, disse Fernam Gonçalvez aos outros irmãaos:

[145d] – Amigos, esforcemosnos quanto mais podermos de todo coração, ca não teemos outrẽ que nos aqui ajude se não Deus. Pois que nosso amo ¹³⁸ dom Munho Sallido he morto e todos nossos cavalleiros avemos perdudos, cõvem que com elles moyramos aquy. E, se per ventuira nos acontecer que canssemos aquy lidando, alcemosnos a este cabeça que aqui esta, ataa que descãsemos.

E elles fezerõno assy. E, desde ouverom folgado, derom tornada e tã de ryjo começarõ os mouros que bem semelhava que avyam corações de se vïgar, se podesse. E, assy andando, fazẽdo grande mortaydade ennos mouros, aveolhe assy que, enna grande presa de lidar, ouverom os mouros de matar Fernam Gonçalvez. E os outros irmãaos, que hyam ja canssando, foronsse alçando da pressa pera aquelle outeiro que dissemos.

Depois que ouverõ suas caras alimpadas do poo e da suor, catarõ por seu irmãoao Fernam Gonçalvez e nom o vyrom. E pesoulhes muyto de coraçõ, ca entenderom que era morto.

Mas agora diremos em que maneira os mouros matarom todos.

CAPÍTULO CCCLXXV

Como morrerõ os sete iffantes e os cavalleiros que os veherom ajudar

Os iffantes, estando em aquella angustura, ouverõ acordo de ãvyar demandar treguas a Alicante e a Byara e Galve e Barazim, ataa que o fezessem saber a seu tyo, se os queria viir ajudar ou nõ. Fezerõno assy. E foy logo Diego Gonçalvez a seu tyo e disselhe assy:

– Dom Rodrigo, seja vossa mesura que nos venhades acorrer, ca muito nos tõe os mouros em grande coyta; e ja nos matarõ Fernam Gonçalvez, vosso so/brinho, [146a] e Munho Salido e os duzẽtos cavalleiros que trouxemos,

¹³⁹ Disselhe entõ o treedor:

– Amigo, ide a boa ventuira! Cuydades que ulvydado avya eu a deshonnra que me fezeistes em Burgos, quando matastes Alvaro Sanchez, e o que fezeistes a mynha molher dona Lambra, quando lhe sacastes ho homẽ de so o manto e que lho matastes dyante e lhe ãsangoentastes os panos e as toucas do sãgue delle, e a morte do cavalleiro de Febres? Bõos cavalleiros sodes: punhade de vos defender, ca em mÿ nom tẽdes fiuza nõ ajuda nõ hũa.

Diego Gonçalvez, quando esto ouvyo, partiusse logo delle e veeosse pera os irmãaos e disselhes todo o que lhe disera seu tyo.

E, elles estando assy coytados por que estavã assi soos e sem outra ajuda nem hũa, meteu Deus em coraçõ a algũs dos cristãaos que estavã cõ Ruy Vaasquez que os vehessem ajudar. E apartaronse logo de sa companha bẽ myl cavalleiros. E, elles hyndo ja pera os ajudar, diserõno a Ruy Vaasquez. E elle foy empos elles e fezeos tornar, dizendolhes assy:

– Amigos, leixade vos os meus sobrinhos e amostrensse a lidar, ca, se lhes mester for, eu lhes acorrerei.

E elles tornaronse entõ sem seu grado, segundo diz a estorya, ca bem virom que traiçom andava hy. Mas, logo que chegarõ aas pousadas, sayron delles algũs mancebos que se prezavã por ardidõs e por boos, tres e tres e quatro e quatro, o mais escusamente que poderon, e ajuntaronse bem trezentos cavalleiros em hũu logar; e jurarõ e outorgarõ por treedor aquel que ficasse que nõ fosse ajudar os ifantes a morte ou a vyda. E, se os quisesse tornar Ruy Vaasquez como ãtes, que o matassẽ sem outra detardãça. / [146b] E, logo que esto ouverõ firmado, penssaram de cavalgar e de se hyr o mais toste que poderõ.

Os iffantes, quando os virom viir pera sy, cuydaron que eram Ruy Vaasquez que viinha pera os matar. Mas os cavalleiros, assy como se forõ chegãdo a elles, deronlhes vozes, dizendo:

– Ifãtes, nõ vos temades, ca ã vossa ajuda viimos e queremos esta vez convosco morrer ou vyver, ca bem veeomos que vosso tyo ha grande sabor da vossa morte.

¹⁴⁰ E, deque foram onde elles estavã, disseronlhe assy:

– Se per ventuira daquy escaparmos vivos, queremos que nos defendades delle.

E os iffantes prometeronlhe que assy o faryam. E fezeronlhe dello tal preito de firmymdom de que eles foram pagados.

E, assy como esto ouverom posto e firmado, foram logo todos feryr ennos mouros e comẽçarõ cõ elles hũa batalha atam forte e tã aspera que nũca homen de mayor ouvyo fallar, por seer de tam poucos cristãaos como elles erã. E tam grande foy a mortaydade que ennos mouros fezerõ, que, ante que nem hũu delles hy morresse, queerõ hy dos mouros mais de dous mil. E entom comẽçaron como de cabo de lidar todos de volta e tanto creceu a sobegidõoe dos mouros que matarom aquelles trezentos cavalleiros que veherõ em ajuda aos iffantes. E os iffantes erã tam canssados de lidar que nom podyam ja mandar os braços pera feryr com elles.

Quando os quatro reis mouros que eram capitãaes da hoste, cõvem a saber, Alicante e Byara e Galve e Barazim, os virõ assy canssados, ouverom delles doo e forõnos tirar daquella presa. E levarõnos pera hũa tenda e fezerõnos desarmar e mandaronlhes dar de comer e do vinho / [146c] que bevessem.

Quando Roy Vaasquez esto soube, foy pera Alicante e Byara e os outros reis e disselhes que fazia muy mal em leixar taaes homẽes aa vyda como aquelles e que se acharyam ende mal, se os nõ matassem; e que, se os leixavã, que elle nõ tornarya a Castella mais e que se hyria logo pera Cordova pera Almançor e que lhes farya por esto cortar as cabeças.

Quãdo esto ouvrom, os reis mouros que andavã por mayoraaes, como dicto he, foron muy espantados e ouverõ ende grande pesar.

¹⁴¹ E disselhe entõ Gonçallo Gonçalvez:

– Oo treedor falso, trouvestenos ã hoste pera quebrantar os ãmiigos da fe, e agora dizes que matẽ elles a nos. Nũca cho Deus perdooe, tal feito como este que tu fezeiste contra nos!

Diserom entom Alicante e Byara e Galve e Barazĩ aos ifantes:

– Nos nõ sabemos que aquy fazer, ca, se vosso tyo Ruy Vaasquez se fosse pera Cordova, assy como elle diz, tornarsse hya mouro; e Almançor darlh'ya todo seu poder; e podernos hya buscar com elle tal mal, per que nos mandarya matar. Mas, pois que assy he, tornarvos hemos onde vos adussemos, assy

como vollo prometemos, ca bem veedes vos que nos ño podemos hy al fazer.

Entom os tornaron aaquelle logar onde os trouxerõ. E, como os mouros ouverõ leixado os iffantes no campo, logo tornaron a elles tam spessos como as gotas de chuva; e cercarõnos todos arredor e começarõ a fazenda tam forte e mais que da primeira, e esto em quanto os cristãos erã menos que da primeira, assy que, em pouca d'ora, segundo o que conta a estorya, morrerom daquelle vez dez mil e saseenta mouros. E, como quer que os iffantes todos fossem muy bõos e lidassem muy ben e muy esforçadamente, pero Gonçallo Gonçallvez, o meor, / [146d] fazia muyto mayores feitos que ñe hũu dos outros. Mas pero tantos eram os mouros que, por ñe hũa maneira, ño podyam ja mais sofrer; ca, das feridas que os iffantes em elles davã e do matar que em elles faziam, eram ja tam canssados que ño podyam mais fazer; ca assi eram canssados de lidar que se nom podyam mover de hũu logar a outro; e, ainda que se podessem mover, ño tiinhã armas nem hũas, ca todallas ja aviã quebrantadas e perdidas.

E os mouros, quando os virom sem armas, mataronlhes logo os cavallos. E, desde os tiverom apeoados, foram a elles aas mãaos e prenderõnos e descabeçarõnos todos hũu e hũu, assi como nacerom, em presença de ¹⁴²Roy Vaasquez, que lhes contava como nacerã e lhes mandavã como os scabeçassem.

Gonçallo Gonçalvez, o meor dos iffantes, estava ainda por escabeçar. E, quando vyo os irmãos assy escabeçados e como o queriã a elle fazer e com o grande pesar e coita que ouve, leixousse correr aaquelle mouro que os escabeçava e deulhe hũa tam grande punhada na garganta que deu logo com elle morto em terra e tomou logo aquella espada cõ que os escabeçava e matou com ella mais de viinte mouros algaziis que estavã arredor delle, segundo conta a estorya. Mas os mouros ño catarom por as feridas que elle dava e ajuntaronse a elle tantos que o filharom aas mãaos e cortarõlhe a cabeça. E assy foram mortos todollos sete ifantes.

E, desde assi foram todos acabados, elles e todollos seus, e a lide de todo partida, veheo Ruy Vaasquez a Alicante e beyjaronse ãos ombros e abraçaronse. E Ruy Vaasquez disse a Alicante:

– Des aquy avãte teemos / [147a] livrado nosso feito, ca ño avemos de quẽ nos temer em Castella ñe ã Lara.

E Alicante lhe disse:

– Certas, dom Rodrigo, esta batalha custa a nos muy caro.

Disselhe enton Roy Vaasquez que dissesse a Almançor que lhe ãvyasse suas parias. E Alicante disse que mandasse por ellas suas cartas e seus messegeiros. E entom se espedirom e tornousse Roy Vaasquez pera Castella. E Alicante cõ os outros reis pera Cordova.

Outro dya, desde Alicante ouve passado o porto e vyu toda a perda que avia feita em aquella batalha e quantos avya menos dos seus, fez sua carta pera Roy Vaasquez, aberta, a qual carta lhe ãvyou per hũu anazado. E a carta dizia ã como ho mandava Alicante desafiar por el rey Almançor e por sy e por todollos outros que hi eram com elle e por todollos daalẽ mar e daaquẽ mar. E a carta era feita per linguajẽ, por que a fezera hũu anazado que sabya muy bem screver. E, desde o anazado deu a carta a Ruy Vaasquez e a elle ouve leuda, começou de chorar e lançar a mãao nas barvas e dizer assy:

¹⁴³ – Cativo, como são malandante pollo maaõ feito que fiz, ca hei perdudos quantos amigos e parentes avya e daquy adyante cristãos ñe mouros ño fiaram de mỹ, por que fiz tam grãde treiçom! Mas, pois que assy he, alçarm'ey com as fortellezas ao conde dõ Garcia Fernandez e ño mas podera tolher em toda mynha vida, elle ñe outrem. Maaõ foy aquella dya em que foy creer dona Lambra, que em minha vida me fez treedor! E, pois que a feita hey, bastecerey todollos castellos que tenho do conde e andarey per elles come per meus e ño os darey a nem hũu.

E assy se alçou come treedor ao conde / [147b] dom Garcia Fernãdez, seu senhor, cõ todollos castellos e fortellezas que delle tiinha.

CAPÍTULO CCCLXXVI

Mas agora leixaremos de fallar de Roy Vaasquez, o treedor, e tornaremos a fallar de Alicante, como chegou a Cordova, e de Almançor e de Gonçallo Gustiuz

Alicante, desde passou o porto, começou de andar per suas jornadas ataa que chegou a Cordova; e esto foy hũa sesta feira, vespera de Sam Cibrãao. E, quando hy chegou, muy ben o receberom e fizeram com el grande alegria, tã bem Almançor come os outros. E os mouros ño sabyam o grande dampno que ouveram em suas gentes. E, desde o souberom, começaram de fazer muy grande doo per toda a cidade. E Almançor, que o saira a receber, preguntoulhe como lhe avehera em aquella lide. E elle disselhe:

– Senhor! Guaanhamos oito cabeças d'omẽes d'alto sangue, segundo dizem, mas assaz nos custam muy caras, ca perdemos allo tres reis e quinze ¹⁴⁴mil homẽes doutros; e, se eu allo mais chegara, bem penso que outrem trouxera a mensagem.

Entom lhe contou Almançor ã como Roy Vaasquez fezera toda esta treiçom e que o mandaria por

ello retar, se lhe quisesse responder.

Entom mādou Almāçor levar as cabeças ante sy a hũu sobrado em que estavã. E desy mandou tirar dos ferros Gonçallo Gustiuz e fezeo vñir ante sy a hũu pequeno de chãao que se fazia su ho sobrado. E disselhe assy:

– Gonçallo Gustiuz, lidarõ os meus poderes no campo de Palomar e guaanharom oito cabeças. E dizem que som do teu linhagem. Que Deus salve que me digas a verdade como he!

[147c] Entõ respondeu Gonçallo Gustiuz e disse:

– Se ellas som de Castella, conhecellas ey. E, se som da foz de Lara, outrossy bem as conhecerei, ca seeram do meu linhagem.

E entom lhe mandou Almançor lançar hũa manta em aquelle chãao e mandou hy lançar as cabeças. E Gonçallo Gustiuz começou a catar as cabeças e vyoas êvoltas em sangue e em poo; e começou de as alimpar con aquella manta e affemençouhas bem, ã tal maneira que as conheceu.

Entom disse a Almançor, chorando:

– Senhor, eu conheço muy bem estas cabeças, por que as sete som dos meus filhos e a hũa he de meu compadre Munho Salido que os criou. E nõ lhes quis muy grãde bem quem as aquy ajuntou!

Entom disse:

– Cativo, desconfortado soo pera sempre!

E, em dizendo esto, vyo estar hũa spada estar pendurada acerca de sy; e tomouha na mǎao e sayu ao cural e topou com tres mouros, daquelles que eram guardas del rey; e, quando o assy virom hyr, cuydarom que fugia e quiserõno tornar ao carçer; e cortoulhes as cabeças a todos tres. E, desque esto fez, saltou ãna rua com sua spada ãna mǎao e, quantos achava, todos matava, assy homẽes come molheres, que nõ fazia amor a nem hũu.

¹⁴⁵ E Almançor, quando esto vyo, ouve delle muy grãde doo e mandou logo a Alicante que fizesse apregoar que todos se acolhessẽ a suas pousadas e que nõ fosse nõ hũu tam ousado que lhe fizesse mal, ca lhe mǎdaria dar cento açoutes. Depois que o pregon foy dado e Gonçallo Gustiuz vyo que nom achava nem hũu, tornou-se onde leixara as cabeças e alimpouhas do poo e do sangue e poseas em aaz como cada hũu naceu. E estavãno / [147d] espreytando Almāçor e Alicante.

E elle tomou logo a cabeça de dõ Munho Salido e começou de se razoar cõ ella, como se o elle vivo visse, dizendo assi:

– Deus vos salve, Munho Salido, meu cõpadre e meu amigo! E que forom dos meus filhos que vos leixey ã encomenda, per que vos erades em Castella e ã Leon muy temydo e receado?

E disse:

– Compadre, de Deus sejades! E nõ fostes vos ã este consselho com o treedor de Ruy Vaasquez. Mas vos catarlhes yades os agoyros, como amo e padrinho, e elles nõ quereriam catar por elles, por que lhes doya a mynha prison, por que jazia ã cativo. E perdoademe, compadre, ca todo esto cõ grande coita o digo.

E tornou a cabeça a seu logar.

E tomou a de Diego Gonçalvez, seu filho mayor. E, em todo esto, elle nom quedava de demessar seus cabellos e suas barvas e dando grades palmas em seu rostro e chorando muitas lagrimas. E começou a dizer:

– Sinlheiro e mizquinho sǎo pera em taaes vodas seer soo!

E disse:

– Filho Diego Gonçallvez, a vos amava eu mais que a nõ hũu dos outros, por que nacestes primeiro! Grande bem vos querya o conde, ca erades seu alcayde mayor! E vos levastes a sua signa ãno Vaao de Cascajares e a guysa de muyto ardido a tevestes hy e tirastelha ende com muy grande hõrra. E fezestes, filho, que em esse dya hũu esforço muy grande, ca ãna mayor pressa foy a signa tres vezes abaixada e tres vezes a alçastes vos; e matastes com ella tres reis e hũu alcaide. E, por aquesto, meu filho, se ouverõ os ¹⁴⁶ mouros de arrancar do campo e fugir, e vos hyndo empos elles pello encalço. Em esse dya, meu filho, foy de vos bem servido o conde dõ Garcia / [148a] Fernandez e a sua signa muyto hõrrada. E em esse dya foy muy bõ cavalleiro Roy Vaasquez; e foralhes entom boa a morte! E os mouros foronsse pera Gormaz. E deuvos esse dya o conde a Carraço por herdade, a mea pobrada e a mea por pobrar.

E entom beyjou a cabeça de Diego Gonçalvez, chorando, e possea em seu logar.

Entom tomou a de Martim Gonçalvez, seu segundo filho, antre seus braços e começou de dizer assy:

– Oo filho Martĩ Gonçalvez, pessoa muy honrrada! Quẽ poderia creer que ã vos ouvesse tantas e boas manhas? Ca tal jogador de tavollas nõ avia em toda Spanha. E, filho, vos fallavades em praça muy mesuradamente e a prazer de todollos que vos ouvyã. Filho, pois que vos e vossos irmǎaos sodes mortos, eu por mynha vida nõ darya nada. Mas o muy grande pesar seera da mezquinha de dona Sancha, vossa madre, que ficara sem filhos e sem marido.

Entõ beyjouha e tornou a cabeça a seu logar, chorando muy feramente.

Entõ filhou antre seus braços a de Sueiro Gonçallvez e disse:

– Filho Sueiro Gonçálvez, de prestar! Por as vossas boas manhas devia de vos seer pagado hũu emperador! De muy boo caçador nõ avya no mundo vosso par! Caçar muy bem cõ aves e pera as mudar em seus tempos. Maas vodas vos guisou vosso tio! Meteu mÿ ã cativo e a vos fez cortar as cabeças! E os nados e por nacer sempre lhe porem dirõ treedor.

Entom beyjou a cabeça cõ muytas lagrimas e posea ã seu logar.

Entom tomou a de Fernã Gonçálvez e posea em seus braços e disse:

– Filho, corpo honrrado, nome de bõo senhor, conde dom Fernã Gõçalvez, ca ele vos pos o seu nome quando vos / **[148b]** bautizou! Das vossas mãaos, filho, pagarsse hya hũu emperador! Vos erades matador dos porcos monteses e dos ussos, quer de cavallo, quer de pee, melhor que nem hũu outro. Filho,¹⁴⁷ vos nũca amastes companhas refeces, mas as melhores e as mais altas que vos achavades; e muy bem sabyades avÿr cõ ellas. E guisouvos muy maas vodas vosso tyo Ruy Vaasquez, que vos fez matar e a mÿ meter ã prisom. E os que por nacer som lhe averã por esto de chamar treedor.

Entõ a beyjou chorando e possea em seu logar.

Entom er tomou a de Roy Gonçálvez antre seus braços e disse:

– Filho Roy Gonçálvez, corpo muy ãtendido! Das vossas boas manhas hũu rey seerya comprido, ca vos erades muy leal a senhor e verdadeiro amigo e nũca melhor cavalleiro d'armas no mundo naceu que vos erades. Maas vodas vos guisou vosso tyo Roy Vaasquez, que vos fez matar e mÿ meter em grandes ferros e en carcer! E vos sodes mortos e elle ha perdido o paraíso.

Entom er beyjou a cabeça, chorando muito dos seus olhos, e possea em seu logar.

E tomou a de Gustiuz Gonçálvez antre seus braços e alimpoulhe o rosto do sangue e começou de o beyjar pellos olhos, fazendo muy grande doo e chorando muy de coraçom e dizendo:

– Filho! Vos avyades hũa boa manha ãtre todallas boas que avyades, ca nõ diriades hũa mentira por toda a Espanha, camanha he. E vos erades muy bõo cavalleiro a grande maravilha e feriades melhor d'espada ca outro nõ hũu cavalleiro, ca nunca nõ hũu acertastes a dereito golpe que nõ fosse morto ou tolheito. E maas novas iram de vos e de vossos irmãaos aa foz de Lara!

[148c] Entõ er beyjou a cabeça cõ muitas lagrimas de seus olhos e possea ã seu logar.

E tomou logo a de Gonçallo Gonçallvez, seu filho meor, antre seus braços, depenãdo suas barbas e fazendo muy grande doo; e dizia:

– Filho Gonçallo Gonçálvez! Vos amava vossa madre mais que nem hũu de vossos irmãaos. Filho, vossas boas manhas, quem as poderia contar? Ca¹⁴⁸ boo erades pera amigo e leal pera senhor. Pagavasdevos de todollos bõos feitos e direitos e em armas erades muy esforçado e muy graado em partyr vosso aver. E, allançador de tavolado, nõ avya no mundo tal como vos erades. E vos, filho, com donas e donzellas sabyades muy bem fallar; e davadeslh'es vossas doas, quando vyades que era mester, muy de vontade, por que erades amado e mais preçado dellas que outro cavalleiro nõ hũu. E mester avya, filho, ardimento quẽ cõvosco quisesse guerrear e muito seerya bem aventurado, filho, se o peor nõ levasse. Filho, os que me ante temyã, por vos e por vossos irmãaos, ora me seeram ãmiigos. E, ainda que me vaa pera mynha terra, nõ me preçaron nõ me temerõ nada, nem averey parente nõ amygo que de mÿ cure daquy adyante. Filho, mais me valler a morte que esto aver de passar!

E, em dizendo esto, esmoreceu e cayo em terra, como aquelle que nõ sabia de sy parte, e cayolhe a cabeça dos braços.

Mas, quando Almançor e Alicante, que com elle estava, esto virom, pesoulhes muyto e, com grande doo que delle ouverõ, começaram de chorar. E disse Almãçor contra Alicante:

– Eu nõ queria que Gonçallo Gustiuz aqui morresse por quanto Cordova val, por que eu vy a carta da treição que a elle fez Roy Vaasquez a seus filhos.

Entom decerom / **[148d]** do sobrado ambos e ãtrarõ em hũa camara. E, depois que foram em ella, Almãçor mandou chamar hũa iffante, sua irmã, que era muy fremosa e muy mãceba e era donzella virgẽ e fallava muy bem e muy apostamente. E disselle entõ Almançor:

– Irmã, se nos amades, ãtrade em essa casa hu jaz esse cristãao, que he homẽ de muy alto sangue e jaz muy desconcordado e cõ muy grande doo que ha de seus filhos que vyo mortos ante sy. E vos, mynha irmã, confortadeo com muy boas pallavras; e eu gradecervollo ey muyto e faredesme em ello grande prazer.

¹⁴⁹ E ella disse:

– Assi jovessem ora todollos cristãaos que som ã Espanha!

E elle lhe disse:

– Em toda guisa confortadeo, se queredes meu amor; se nõ, seede certa que nõ faredes hy vossa prol, ca, se elle morre, mandarvos hey cortar a cabeça.

E a iffante, cõ muy grande medo que ouve, entrou aa casa hu jazia Gonçallo Gustiuz. E, quando vyo as cabeças e o sangue, ouve em sy grande spanto. Mas cõ medo d'Almançor, ouve de tomar em sy

esforço; e chegouse a Gonçallo Gustiuz e tomouho pellos braços e alçouho e assentousse a par delle e acostouho a sy e começou de o cōfortar, dizendolhe assy:

– Confortadevos, cristãao, ca muyto vos vejo covardo! Ca me dizem que, quando os mouros e os cristãaos avedes algũa lide campal, dizem que passades os vivos per sobre os mortos com gram coita de lidar. E, pois que vos esto ñ podees cobrar, bem cuydo que mal sofreriades o que eu sofri, que som molher. Eu avya poucos anos quando morreu mynha madre. E eu nunca ouve marido ñ amigo ascondudamente. E meu irmãoo Almançor a Sevylla me foy casar com hũu rey muy poderoso / [149a] e de muy grande prez. E ouve de m̃y sete filhos. E meu irmãoo ãvyou por nos por hũa festa de Sam Johãne. E ãno eixarafe de Sevilha toparõ comnosco cristãaos que me matarõ o marido e meus sete filhos, que ja eram cavalleiros. E eu escapei e metime enno eixaraffe e lazerei noytes e dyas; e ñ me quige por esso matar. E eu vejovos os cabellos brancos e o rostro muy fresco e per ventuira podees ainda fazer filhos que vingarõ os outros.

E, ella, todo esto que dizia era mentira pollo confortar, ca ella nunca fora casada ñ ouvera filhos, mas era muy manceba e muy fremosa e era virgem. E Gonçallo Gustiuz parou em ella mentes e ennas pallavras que dizia e foy travar della e disse:

– Se vos assomastes o sonho, Deus o queira soltar assi, ca cõvosco farei o filho que os outros ṽgara!

E ella disse:

– Esto ñ provedes, ca vos cortaryã a cabeça e a m̃y açoutariam porem!

¹⁵⁰ E dõ Gonçallo Gustiuz disse que a ñ leixaria por quantos mouros ha em Spanha. E, como quer que fosse lazerado da muy maa prisom que ouvera e mui mal de comer, todo lhe em aquella hora esqueceu. E lançou por ella m̃ao e jouve com ella. E assy teve Deus por bem que daquelle ajuntamẽto ficasse ella prenhe dhũu filho depois que chamarõ Mudarra Gonçalvez, que foy despois muy bõo cristãao e a serviço de Deus e foy ho mais honrrado homẽ que ouve ã Castella, affora o conde dom Garcia Fernandez que entom era senhor. Este dom Mudarra Gonçalvez matou despois Roy Vaasquez e dona Lambra e vingou seus irmãoos, assi como vos adyante cõtaremos.

E, desque ouverõ feita sua vōtade, foyse a iffante.

E logo a pouco tẽpo veherõ Almançor e Alicante a veer Gonçallo / [149b] Gustiuz. E elle, quando os ṽyu, levãtousse contra elles. E Almançor lhe disse entom:

– Gonçallo Gustiuz, na tua prisom ñ guanhamos nos nada, ca tu as perdudos a força e o sem ca te quero soltar e querote dar as cabeças dos teus filhos, metidas em hũu ataude. E dart'ey azemellas em que as leves e, a ty, hũu cavallo em que vaas. E do meu aver te quero dar quando te avonde. E darte hey adaiis que te ponhã em salvo. E os dias que viveres seeram com desejos.

E Gonçallo Gustiuz lho gradeceu muyto, dizendo que Deus o mantevesse e por bem.

Quando esto soube a ifante, foy veer Gonçallo Gustiuz e apartousse cõ elle em hũu paaço e disselhe assy:

– Amigo senhor, vos idesvos e bem creio que de nosso feito ñ quisestes a Almançor dizer nada. Se per ventuira algũu filho geeramos, onde vos hira buscar por padre?

¹⁵¹ E elle lhe disse:

– Esto vos direy eu bem. Filhade esta mea de sortelha e, se for homen, dadelha, desque for tamanho, e dizedelhe que me vaa buscar a Sallaz e a Barvadiho e hi avera de m̃y recado. E eu guardarei esta outra mea pera synal desto. E, se molher for, dadea a Almançor que a podera muy ben casar.

Em outro dya de manhã, mandou el rei Almançor a Gonçallo Gustiuz que cavalgasse e mãdou a seus adaiis que o posessem ã salvo. Entom se espedyo d'Almançor e moveo seu camynho pera Sallaz, ca elle sabya muy bem o camynho. E chegou a Sallaz, cõ muy maa presente, assy come levar as cabeças de seus sete filhos e de seu compadre Munho Sallido.

Quando dom Gonçallo Gustiuz chegou a sua casa, dona Sancha e seus vassallos sayrom a elle a recebello e ouverom cõ elle muy grande prazer, / [149c] como quer que fossem muy tristes e cõ muy grande pesar. E mandou Gonçallo Gustiuz decer o ataude e disse a dona Sancha:

– Veede este presente que vos ãvyu Ruy Vaasquez, vosso irmãoo!

E abriõno e vio as cabeças. Mas, tanto que as conheceu, ficou por morta. E Gonçalo Gustiuz lhe mandou lançar a augua e acordou. E Gonçallo Gustiuz lhe disse que acordasse e que se confortasse por elle que viia vivo.

E ãvyarõ entõ a Cameyron e a Lara por os do seu divido e do linhagem e a Castella por o conde dõ Garcia Fernandez. E logo veherõ muy grandes companhas e foi feito muy grande doo por os iffantes, assy come todolos outros.

E, em partindosse do doo, disse o conde dom Garcia Fernandez:

– Amigos, este dampno nũca se jamais pode cobrar. E ñ avees por que fazer mais. E o treedor de Ruy Vaasquez alçousse com a terra e ñ a ¹⁵² posso delle cobrar por a morte destes iffantes. E cada hũu se vaa pera sua casa e guardesse do treedor, ca poderiades delle receber dampno por as fortellezas que

tem.

Acabado todo esto, tornouse o conde pera as Esturas. E Roy Vaasquez lhe roubava as terras quanto podya. E nõ leixou a Gonçallo Gustiuz nem hũa cousa de quanto avya, se nõ os de Salaz tanssolamente que tiverõ sempre com elle e quiserom por seu senhor aventurar os corpos e os averes. E elle ficou em tal maneira que nõ avya que comer se nõ o que lhe davã estes seus vassallos, daquello que podyam guaanhar. E, tam bem os vassallos como o senhor, todos vyvyam muy provemête, em tal maneira que se despobravã os paaços e as casas cayam todas e, de quantas donzellas avya dona Sancha, nõ lhe ficou se nõ hũa collaça sua que a servya. E dom Gonçalo Gustiuz tantas lagrimas lançava cada / [149d] dya per seus olhos que nõ podya ja bem veer; e andava com hũu paaço na mão. E durou dezoyto ãnos em esta catividade, ataa que lhe Deus pos consselho.

CAPÍTULO CCCLXXVII

Mas ora leixa o conto a fallar desto e torna a fallar ã como naceu dom Mudarra Gonçalvez, filho de Gonçallo Gustiuz e da iffante, irmãa del rey Almançor, e como foy criado, e de como o guarneceu seu tyo pera hyr catar seu padre

Conta a estorya que a ifante, irmãa del rey Almançor, quando se sentyo prenhe, vyo que poderya vñir a dampno se o negasse a seu irmãoo el rey Almançor e ouvelhe a contar sua fazenda. E Almançor, quando o soube, prouguelhe muito. E mandouha muy bem guardar e fazer quanto prazer pode, ataa que pario seu filho. E a Almançor prougue muyto cõ elle e mandoulhe catar sete amas pera seer melhor criado, escolhen ¹⁵³ do aquellas que avyam melhor leite. E Almançor vyao cada dya e pagavasse delle tanto que se nõ pagaria mais de hũu filho, se o ouvesse, ca Almançor nom avya nem hũu filho. E mandoulhe fazer menagem a quantos outros reis avya por vassallos que, se o vencesse de dias, que lhe obedecessem com a terra toda, bẽ como a elle meesmo. E, desque soube fallar Mudarra Gonçalvez, nõca o Almançor partio de sy. E, quando chegou a idade de cinque annos, semelhava tã grande como outro de sete e semelhava muyto Gonçallo Gonçalvez, seu irmãoo; e bem foy despois tamanho de corpo e mays e muyto mais esforçado e de mayor coraçõ. E, desque foy crescendo, era muyto aprendedor de tavollas e de exedrez e de todollos outros jogos e mui / [150a] caçador de todas caças. E, quanto aver guaanhava, todo o dava e despendya. E, como foy mais crescendo, aprendeu muy bem a bofordar e a lançar a tavolado, de guisa que nõ avya na terra quẽno melhor fizesse que elle. Nem em toda a corte del rey Almançor nõ avya homẽ mais esforçado; e Almançor partya muy bem com elle seus averes.

E hũu dya aveo assy que chegou a casa d'Almançor hũu rey de Segura; e cõvidouho dom Mudarra Gonçalvez que jugasse cõ elle as tavollas. E poserom grande aver, assy hũu como ho outro, e cõ muytos ãvites; e guaanhou o jogo dom Mudarra Gonçalvez. E, todo aquelle aver que guaanhou, partiuho todo cõ os cavalleiros e escudeiros pobres, segundo seu huso. E entom assanhousse rey de Segura e disse a Mudarra Gonçalvez:

– Bõ seriades, se tevedesdes que dar!

E dom Mudarra Gonçalvez disse:

– Sempre eu averey que dar, ainda que vos nõ queirades.

E recrecerõ antre elles pallavras, de guisa que lhe disse el rey de Segura que era rapaz e que nõ departisse com elle e que mais lhe vallerya de hyr buscar seu padre. E entom lhe disse dom Mudarra Gonçalvez:

– Nom departades cõmigo, ca vollo vedarey muy mal!

¹⁵⁴ Respondeo el rey de Segura a dõ Mudarra Gonçalvez:

– Vaite, filho de nẽgũu!

E dom Mudarra Gonçalvez catou arredor de sy, se poderia achar arma algũa com que o ferisse, e nõna achou. E tomou o tavolleiro e deulhe cõ elle tam grande ferida per cima da cabeça que lhe fez lançar o sangue pellos narizes e per a boca. E dom Mudarra Gonçalvez, quando vyo que el rey de Segura nõ bolia pee nõ mão, disse:

– Atendedeme aquy e hirey preguntar / [150b] mynha madre que nõ diga mẽtira e amosttrarvos hei meu padre!

E as companhas del rei de Segura tirarom suas spadas e forom contra dom Mudarra. Mas cavalleiros e escudeiros pobres tomarõ paaos e pedras pera ajudar dom Mudarra. E os braados e a volta foy muy grande. E ouvyoa Almançor onde estava e aderençou pera allo com grandes companhas e cõ hũa spada enna mão, dizendo aos seus:

– Ferideos! Nõ se vos vãa, ca, pois elles querem ajudar seu senhor, e eu ajudarey meu sobrinho! E a esto partida he a barata.

E, quando esto ouvirom os outros, fugirom todos e livrarom todo o paaço. E ficou dom Mudarra muy sanhudo. E foyse pera a camara e meteu sua espada so si e mandou chamar sua madre; e ella veu

logo. E elle sacou a espada da baynha e disselhe:

– Por vos me doestam na corte e me dizem que nõ ey padre. E ou me vos dize a verdade ou vos eu cortarei a cabeça com esta espada.

E sua madre, quando esto ouvyyu, foy muy spantada com medo e disselhe assi:

– Filho, vos padre avedes muy honrrado, qual bem em toda a Espanha. E ha nome Gonçallo Gustiuz e he natural de Sallaz. E aquy em este carcer me emprenhou de vos, em jazendo elle preso de vosso tyo Almançor. E aqui lhe trouxerom as cabeças de sete filhos que lhe matarom ã hũa lide.

Entom lhe contou o feito todo como passara, assi como ja avedes ouvyydo.

¹⁵⁵ – E depois – disse ella – que eu fuy prenhe de vos, nũca ante nẽ depois outro homẽ de jazer cõmygo em tal razom conheci. E, esto todo que vos eu digo, assy o sabe meu irmãao Almançor por verdade. E, quando se ouve de hyr, leixoume esta mea sortelha por synal que, se ouvesse filho que o quisesse hyr bus/car, [150c] que lhe desse esta mea sortelha por synal. E a outra mea levou elle. E, se vos allo quiserdes hyr, levade esta mea sortelha e, tanto que a elle vyr, conhecevos ha per ella.

Dom Mudarra Gonçalves tomou a mea sortelha e partiosse logo de sua madre. E fuisse pera seu tyo Almançor e beyjoulhe as mãas e disselhe:

– Senhor, vossos mouros me doestam em vossa casa e me dizẽ que nõ ey padre. E eu quero hyr a buscallo. E, se o ouver boo e honrrado, tornarvos hei a veer. E, se for outro que nõ seja honrrado nẽ d’alto sangue, nunca me mais veeredes em vossa casa.

E Almançor lhe disse:

– Vos avedes boo e honrrado padre, qual sabẽ bem toda a Espanha. E nũca vos esso dira nem hũu que lhe eu nõ mande cortar a cabeça, ca eu nõ ey outro filho que herde depois mynha morte se nõ vos.

E elle disse que em nẽ hũa guisa nõ ficarya, ata que hũa vez nõ fosse saber quẽ era seu padre. E Almançor, quando vyo a sua voontade, disselhe que lhe querya dar trezentos cavalleyros e que os pagaria por sete annos. Pero, aacima, acordou que era melhor de lhe dar quantos cativos tiinha em toda sua terra em prisom; e mandouos logo vïr e passarom per trezentos de cavallo. E deulhe grande peça de seu aver; e deulhe seus adaiis, que o guyassem.

E, em outro dya de manhã, espediusse de seu tyo Almançor e de sua madre outrossy e cavalgou e fuisse seu camynho. E, pellas terras dos ¹⁵⁶ mouros per hu hyã, faziamlhe muyto serviço. E andaram tanto que chegarom a Vylvestre, que era logar do treedor de Roy Vaasquez; e pousou hy. E acharom hy muyto avõdamẽto de todo aquello que mester avyã. E o seu moordomo disse que faziam muy mal, que a Ruy Vaasquez tomavã o seu, / [150d] nõ lhe pagando por ello nada, e que, se elle hy fosse, que lho vedarya muy mal. E, por esto que disse, lhe mandou dom Mudarra Gonçalves dar tantas pãacadas que nõ fallava rem.

Em outro dya per a manhã, mandou queymar Vilvestre. E ã esse dya foram pousar a Vella. E, em outro dya pella manhã, cavalgarom contra Sallaz; e ãvyarõ allo hũu scudeiro pera fazer guisar o que era mester, o qual levava os panos de dom Mudarra Gonçalves.

CAPÍTULO CCCLXXVIII

Mas ora leixa o conto a fallar desto e torna a contar de dom Gonçallo Gustiiz e de dona Sancha, sua molher, como vyviã provemente; e outrossy do sonho que dona Sancha sonhou

Conta a estorya que domyngo, pella manhã, aquelle em que veheo Mudarra Gonçallvez, sonhava dona Sancha hũu tal sonho e disseo a seu marido ã esta guisa:

– Senhor, sabede que, agora cõtra a manhã, eu sonhava como eu e vos siamos ã hũa muy alta serra e eu viia vïr de contra Cordova hũu açor voando. E pousavame ãna mãao e abria suas aas; e a mÿ semelhava que era tam grande que a soombra delle cobrya mÿ e vos. E levantavasse voando e hyasse pousar enno ombro de Roy Vaasquez, o treedor, e apertavao tam fortemente cõ as mãas que lhe tirava ho ombro do corpo. E a mÿ parecia ¹⁵⁷ que per elle corryã rios de sangue; e eu punha os gyolhos em terra e bevyo do sangue delle.

E entom deu hũu sospiro dom Gõçallo e disse:

– O sonho que sonhastes seera verdadeiro, ca de Cordova verra algũu de nosso linhagẽ que, como nos o açor cobrya das aas, assy nos cobrira de muyta honrra; e averemos em elle grande / [151a] emparamento e defenssom.

Entõ disse dona Sancha:

– Jhesu Cristo o queira asy por sua piedade!

Entom foy dom Gonçallo Gustiiz ouvyr sua missa, como avya em custume.

Chegou o escudeiro de dom Mudarra Gonçalves e preguntou por os paaços de dom Gonçallo Gustiiz e de dona Sancha e amostraronlhos. E, quando os elle assy vio, derribados e a herva per onde

soyam d'andar tantas nobres companhas, pesoulhe muyto, ca vyo as casas estar soos – e nõ avya hi dona Sãcha mais que hũa sua collaça que servya ella e dom Gonçallo Gustiiz. E o escudeiro entrou na casa onde siia dona Sancha e vyoas ambas seer vestidas em senhas sayas pretas e senhas pelles.

Entom disse o escudeiro:

– Amigas, onde he dom Gonçallo Gustiiz e dona Sancha?

E dona Sancha lhe disse, chorando:

– Amigo, eu sũa a mizquynha de dona Sãcha, que nõ fosse!

Entom o escudeiro foylhe beyjar as mãaos e deulhe hũu par de nobres panos de cicatrõ, daquelles que tragia talhados de mouros, e disselhe:

– Senhora, tomade estes panos ã nome de boa estrea, ca bõo ospede vos vẽ. E seede bem confortada, ca vos vẽ por ospede o iffante dom Mudarra, sobrinho del rei Almançor, filho da iffante sua irmãa.

E ella disse:

– Deus queira que seja o açor que eu esta noite sonhava!

E mandou logo chamar dom Gonçallo Gustiiz. E elle veheo logo e viinhã com elle seus collaços que o sohyam d'aguardar. E o escudeiro foy lhe beyjar as mãaos e disselhe:

– Bõo ospede vos vẽ: o iffante dom Mudarra, sobrinho del rey Almançor e filho da iffante sua irmãa. Mandade ajuntar o concelho, que busquẽ ¹⁵⁸ vyandas quantas fezerem mester, ca aquy avemos muyto ouro e prata de que as compremos.

Entom disse dom Gonçallo que o / **[151b]** serviryã em Sallaz e faryã quanto elle mandasse, em quanto elle hy quisesse morar.

Quando dom Gonçallo esto soube, apartousse a de parte e disse:

– Oo mizquinho, mal andante! Ora pode saber dona Sancha que lhe fiz torto e cuidara que assy lho fiz na mancebya e teerme a por desleal; e desempararme ha, quando vir o meu filho. Mas eu negarlho ey e passarme hey com ella o melhor que poder, ante ca me desemparar ã mynha velhice.

E o escudeiro abryo as mallas em que trasya o aver pera pagar as vyandas e tirou entõ dous pares de muy nobres panos e deu a dõ Gonçalo os melhores. E o escudeiro fez em sy tal razom que aquelles panos que dera a dom Gonçalo e a dona Sancha que eram de dõ Mudarra; e, se fosse homen de prol, que lhos nõ demandaria, e que, se o nõ fosse e lhos demandasse, que lhos peitarya muy bem, pois ja era ã terra de cristãaos. Entõ mandou o escudeiro fazer suas cozinhas muy grandes e tornou-se pera seu senhor dom Mudarra Gonçallvez.

E achou em hũu eixaral onde andava correndo môte. Dom Mudarra, quando o vyo, perguntouho cõ que novas lhe viinha de Sallaz. E o escudeiro lhe disse:

– Senhor, avedes muy honrrado padre, ca a sua pessoa seerya boa pera hũu emperador.

Quãdo dom Mudarra esto ouvyo, leixou o môte a que andava e foyse pera Sallaz. E, hyndo pello caminho, achou hũa igreja e entrou em ella a fazer sua oraçom, assy como viia fazer aos outros cristãaos. Quando se levantou com elles, parou mentes pella igreja e vyo as cabeças dos seus irmãaos. E esteve sobre ellas chorando e disse:

– A Deus digo verdade, que do mundo he senhor, que pouco sera a mynha vida, se eu estas cabeças de meus irmãaos nõ vingo.

Entõ se sayrom da igreja e foronsse pera dom Gonçallo Gustiiz. E todollos de Sallaz lhe veherom beyjar as mãaos e lhe diserom / **[151c]** que o servyriã e faryam seu mãdado como por senhor.

¹⁵⁹ Dom Mudarra Gõçalvez foy decer aa porta do paaço onde estava dom Gonçallo Gustiiz e dona Sãcha e beyjou as mãaos primeiro a dõ Gonçallo e desi a dona Sancha. E tirou o mantom e foyse asseentar aos pees delles. E dona Sancha o tomou pella mão e quiserao assentar a cabo de sy. E elle disse:

– Muytas graças, senhora! Eu nõ seerey a cabo de vos, ca ainda nõ sũa cavalleiro.

E dona Sancha ho oolhava por que lhe semelhava muyto seu filho Gonçallo Gonçalvez. Enton disse dom Gonçallo Gustiiz a dom Mudarra:

– Entre tanto que nos adubam de comer, quero saber quẽ sodes e como avedes nome e onde viindes e pera hu ides.

Entom lhe disse dom Mudarra:

– Eu sũa sobrinho del rei Almançor, filho da iffante sua irmãa. E vos me avedes jeerado e assy sũa vosso filho.

Disse dom Gonçallo Gustiiz:

– Desque eu casei com dona Sancha, nunca ouve fazimento cõ mouro nem com cristãa. E vos, em quãto fordes em Salaz, servirvos ham e faram vosso mãdado com quanto hi ouver. E, desto que vos digo, nõ podeis mais saber de mym.

Respondeu dom Mudarra Gonçalvez sanhudamente e disse:

– Se me vos nõ queredes por filho, nõ eu vos por padre, ca, onde eu menos valho, assy he da

vossa parte. Mas leixeme Deus vingar os iffantes, pois mhos dam por irmãaos, e receber cristiindade por salvar mynha alma! E, quanto he por o herdamento vosso, eu nõ darya nada.

E dona Sãcha disse a dõ Gonçallo Gustiiz:

– Se vos visseades como soyades a veer e visseades este e o rostro e a cabeça delle, diriades que este era Gonçallo Gonçalves, vosso filho. E vos com medo de m̃y nõ neguedes este de filho, ca certas elle o he dereitamẽ/te. **[151d]** E vos nõ errastes nada enno fazerdes, ca quem jaz em prison ou ẽ cativo nõ pode teer ley, ca cõvem de pecar per fame ou sede ou lazeira. E, por vergonça de m̃y, nõ neguedes vosso sangue, ca pecariades mortalmente e a m̃i fariades ¹⁶⁰ grande nojo. Ca vos tomaredes pendẽça e eu tomarei a meatade. E, ataaes pecados como este, oje tevesseades vos feitos sete ou mais!

Entom disse Gonçallo Gustiiz a dona Sancha toda a verdade. E disselhe:

– Se elle he filho da iffante, elle me dara synal.

Disse dõ Mudarra a seu padre:

– Nom ey por que vos dar grado desto, mas tomade esta sortelha que destes aa iffante mynha madre.

Entom a filhou dom Gonçallo Gustiiz e ajuntouha aa outra mea que tiinha e assi se ajuntou que nõca a pode mais partyr – e esto foy milagre; e posea pelos olhos e prougue a Deus que vyo tã bem e tã claramente como ante.

Entõ abraçou seu filho dom Mudarra e começou a chorar cõ elle e dizerlhe assy:

– Filho Gonçallo Gonçalves, a sua semelhança he a vossa meesma!

E ẽviarõ sua mensagem sobre esta razom ao conde dom Garcia Fernandez. E o conde, tãto que as leteras vyu, ẽvyoulhe dizer per seu recado que se vehessem a elle a Burgos, ca ja o hy acharyam. Elles, como virom o recado do conde, mandarõ logo seu recado aa foz de Lara e ataa os Escameiros e a Pedra Lada, em como era viindo o filho de dom Gonçallo Gustiiz e que vehessem cavalleiros e escudeiros e donas e donzellas e todollos que de prol fossem, pera hirem cõ elles veer o conde dom Garcia Fernãdez a Burgos. E todollos parentes e irmãaos dos que morrerõ ẽna batalha com os sete iffantes lhe faziã muyto serviço de vacas e carneiros e do al que / **[152a]** podyã a aver. E diziãlhe:

– Senhor, dadenos vingança do treedor de Ruy Vaasquez, que fez matar vossos irmãaos a grande treição e nosso linhagem com elles!

E elle lhes disse que ou pouca seeria a sua vida ou daquello averyam vingança.

E, ãte que dally partisse, fez mandar por muytos meestres e mandou ¹⁶¹ adubar aquelles paaços como elles nõca melhor foron em nem hũu tempo. E, em esto, chegarom hy muitas donas e donzellas pera se hirem com dona Sancha e com dom Gonçallo Gustiiz a Burgos. Gonçallo Gustiiz e dona Sancha eram ja muy ricos de grande aver que lhes dera dõ Mudarra Gõçalvez.

E hũa noyte moveo dom Mudarra Gonçalves e foy cercar Barvadiho, que era do treedor de Roy Vaasquez, e tomouho logo e matou quantos hy achou. E, de quanto hy acharom, nõ quis nem hũa cousa pera sy; e disse aos de Sallaz que tomassem todo pera sy e que queimassem toda a villa, por que ally fora feita a carta da treição per que fora preso seu padre e mortos seus irmãaos; e disse que ou sua vida seerya pouca ou os elle avya de vingar.

Em outro dya de grande manhã, dom Gonçallo Gustiiz e dona Sãcha e dom Mudarra, seu filho, cõ outras muytas companhas que ja cõ elles erã, moverõ pera Burgos, onde ja era o conde dõ Garcia Fernandez. E, quando o conde soube que viinhã, sayu a recebello. E chegarõ a elle Gonçallo Gustiiz e dona Sancha e beyjaronlhe as mãaos, dizendolhe assy:

– Mercee, conde senhor, doevedos do nosso mal! Ex aquy hũu filho que nos Deus deu!

E dom Mudarra foy entom beyjar as mãaos ao conde. E o conde, quando o vyu, começou de chorar e disse:

– Este he Gonçalves e este he o seu corpo e a sua cara meesma!

Entõ filhou o conde a / **[152b]** dona Sancha pella redea e assy ẽtrou cõ ella em Burgos e levouha ataa sua pousada. E dom Mudarra disse enton ao conde:

– Eu, se voontade for de Deus, quero de manhã seer cristãao e seer cavalleiro da vossa mãao. E peçovos por mercee que me façades em ello honrra.

E o conde disse que lhe prazia muyto. E dona Sancha disse ao conde:

– Senhor, quando cras for cavalleiro dom Mudarra, eu o quero receber por filho e herdallo ẽnos meus bẽes ante vos.

E o conde disse que lhe prazia muyto e estarya hy muy de grado.

Como foy bautizado dom Mudarra Gonçalves e como o tomou por filho dona Sancha e o herdou em seus bñes e dos feitos que fez desque foy cristão

Conta a estorya que, ã outro dya pella manhã, cavalgou o conde dom Garcia Fernandez cõ muytas companhas e forõ a casa de dom Mudarra Gonçalves. E foron com elle ataa Santa Maria, que era a see de Burgos. E entom o bautizaron. E foy seu padrinho o conde e outros homens bños. E dona Sancha foy sua madrinha e recebeu por filho como mãda o foro de Castella. Entom o filhou e meteuhu per hũa manga de hũa faliffa de cicatrõ que tiinha vestida e tirouho pella outra. E el, que antes avya nome Mudarra, ouve dally en dyante nome dõ Mudarra Gonçalves, ca elle nõ quis que lhe mudassem o nome.

E, logo em essa hora, o fez cavalleiro o conde dom Garcia Fernandez. E fez com elle cem cavalleiros a que deu soldo em suas terras chãas, ca todallas fortellezas tiinha o treedor de Ruy Vaasquez. E, em aquella festa, deu o conde muitos e muy ricos dñes e fez fazer muytas alegrias e matar muytos touros / **[152c]** e lançar a tavollados e bafordar.

E entom o conde dom Garcia Fernandez fez alcaide mayor de toda sua terra dom Mudarra Gonçalves, assy como o ante era o treedor de Ruy Vaasquez; e disselhe que, todollos castellos que guaanhasse de Ruy Vaasquez, que lhos dava por herdade. E porem mandou a todollos de sua terra que fizessem todo o que lhe elle mandasse.

Entom dom Mudarra Gonçalves lhe beyjou a mãao por tanta mercee como lhe fazia; e outrossy fez Gonçalço Gustiiz, seu padre. E dom Mudarra Gonçalves disse ao cõde:

¹⁶³ – Muitas graças, senhor, da mercee que me fazedes. Pero erro seerya mui grande os castellos que eu de Ruy Vaasquez tomasse averem de seer pera mñ. Mas seeram, senhor, pera vos, cujos devẽ de seer; ca eu cuydovos de dar cedo as fortellezas que teem o treedor, ou vos me contade por morto.

Foron as novas de todas estas cousas ao dicto Roy Vaasquez onde estava enna Maya com duzentos cavalleiros. E, quando o soube, pesoulhe muyto. Pero disse a seus cavalleiros que nõ dava porem ñ hũa cousa, por que, ante que aquelle ãno saysse, se cuydava de ajuntar com elle em batalha e, onde fezera matar os sete iffantes, que esso meesmo faria a dom Mudarra, se lhe Deus nõ fosse cõtraio.

E o conde com dõ Mudarra acordaram em esta guisa: mandou o conde suas cartas per toda sua terra que logo vehessem a elle. E, logo que as cartas forõ sabudas, moverom todos e foron ajõtados ao conde em Burgos.

E dally partirom com dom Mudarra e foron cercar a Hurcejo. E, ante de tres dyas, o tomarõ; e matarom quãtos acharom dentro. E, depois, foron a Hurbel e acharõno deseparado; e mandouho logo dom Mudarra bem açalmar e mandou todo dizer ao cõde / **[152d]** a Burgos. E partiosse daquelle logar e andarom toda a noyte.

Ruy Vaasquez, que era ja na Maya, disse aos seus cavalleiros e vassallos:

– Vaamosnos daquy e andemos quanto poderemos, ca, se aquy somos cercados, nũca poderemos seer acorridos de mouros ñ de cristãos. E a mñ cõvem, mal pecado, de fugyr ante aquelle renegado.

Entõ o treedor se partyu da Maya. E, ãna outra manhã, moveo com seus cavalleiros a Madune e atravesou a Carraço e tornou-se a Castro e basteceu o castello de todallas cousas que eram mester. E dom Mudarra hya empos elle quãto mais podya, seguindolhe o rastro.

¹⁶⁴ Em outro dya pella manhã, cavalgou o treedor e foyse de Castro pera Saldonha. E dom Mudarra, quando ally chegou e soube como assy fugira, mandou tornar as mais das companhas de pee e grande peça dos de cavallo, dizendo que, pera seguyr o treedor, nõ erã compydoiras muitas companhas, ca nunca o acalçaryã, assy como andava afforrado. E gradeceronlhe todos esto muito.

Dom Mudarra aderençou pera Saldonha. E, em outro dya, o treedor de Roy Vaasquez partiosse de Saldonha e foyse pera Monçõ. E dom Mudarra soube em como se tornara pera Monçõ aderencou pera allo. E topou enno seu rastro a par do ryo de Carryõ e cuytousse d'andar, cuydandoo ainda de achar em Monçom. E, quando hy chegou, era ja o treedor ã Mojõ. E dom Mudarra começou de seguyr per o rasto quanto pode. E, quando ally chegou, o treedor tornou-se a Donas.

Quando Mudarra Gonçalves foy em Donas, avya ja o treedor passado Carryõ e Pisorga. E dõ Mudarra partiu de Donas e ãtrou no rastro / **[153a]** do treedor. E, quãdo o treedor de Ruy Vaasquez esto soube, foyse pera Cabeçom. E dom Mudarra empos elle per Pisorga a sopee. E, quando chegou a Cabeçom, nõ ho achou hi, por que tal maneira tragia o treedor em sy que onde comya nõ albergava hy essa noyte.

E o treedor atravesou a Carraço e passou o ryo d'Esgueba e foy albergar em ryba de Doiro. E dom Mudarra seguindoo per o rastro. E, quando dom Mudarra chegou a Rõda, o treedor de Ruy Vaasquez foy ã Huruena, ca a tiinha em grande honrra come sua e os que hy moravã come seus. E albergou hi essa noyte.

E madurgou dhy quando cantavã os gallos e foyse per d'Espeja acima. E, quando foy manhã, hya catando a ribeira com seu açor muy boo que ¹⁶⁵ tragya. E, ante que chegasse a Espeja, achou hũa

garça muy brava; e lançoulhe o açor de muy longe e o açor nõ a pode acalçar; e rodeouha tam alte que o perderom de vista. E Ruy Vaasquez foy por esto muy sanhudo e começou de o buscar com seus trezentos cavalleiros que tragia per toda parte. E, elles andando assy buscando seu açor, virõ vñr dô Mudarra Gonçalvez com mil cavalleiros que conssigo tragia. E as atalayas que Ruy Vaasquez tragia virõ vñr dom Mudarra; e foron a elle e disseronlhe:

– Senhor, aque vos aquy vem dô Mudarra com muy grandes companhas!

E aquelle logar onde lhe esto foy dicto Val d’Espeja. E disse entom Ruy Vaasquez que ally os sperarya. E, por que os esperou ally, ouve dally adeante aquelle logar nome Val d’Espera; e assy o ha oje em dya.

E entom disserom dous cavalleiros a dom Mudarra ã como viram armar o treedor de Ruy Vaasquez com toda sua companhia e que o estava [153b] atendendo; e que compria de se armarã apressa; e fosse a elle, que lhes nom fugisse, ca se lhe dessem vagar que elle poderya muy bem fugir per muy grandes eixaraaes que hy avya, que o nõ poderyam tam toste acalçar.

Entõ se armarom todos a grande presa e foron pera onde estava o treedor de Ruy Vaasquez. E, quando o treedor vio vñr pera sy, começou de ordenar suas aazes e fallar com os seus em esta guisa:

– Amigos, bem sabees que os que pera mñr vhestes escudeiros, que eu vos fiz cavalleiros; e, a vos e aos que eram cavalleyros, parti sempre muy bem o que avya. E todos sodes meus vassallos. E, porem, bẽ podees entender o que ende avem cada hũu, se me soo leixardes em este campo. Ca, ainda que me vos aquy soo leixedes, eu nõ me averey daquy partir. E, se vejo o filho da arrenegada, cuydolhe de dar hũu tal golpe que me nõ ficara ã sella. E, se o eu derribo, vençudos seerã todollos outros, que me nõ ousaram de atender. E, aa velha de mynha irmãa, maas novas lhe farei hyr delle.

¹⁶⁶ E dô Mudarra pos suas aazes e aderençou bem sua batalha e faloulhes em esta guisa:

– Amigos, estade todos quedos, ca eu quero veer se se querra aquelle treedor apartar dantre os seus. Ca, se se delles quer apartar, do que se fara averam pello mundo que dizer. E, se virdes que fugẽ todos, yde empos mñr, ca oje em este dya seeram vingados meus irmãaos ou eu seerey morto em este campo!

Entõ moveo dom Mudarra pera onde estava o treedor de Ruy Vaasquez, pera veer se se apartarya dantre os seus. E Ruy Vaasquez, que tiinha suas aazes postas muy bẽ, quando vyo assy vñr hũu cavalleiro soo dantre os outros, disse aos seus:

– Estade todos quedos, ca eu quero veer / [153c] aquelle que se aparta quẽ he ou que vem buscar.

E entom foy pera veer aquelle qual era. E poseronse ambos em senhos cabeços que eram preto hũu do outro; e faziasse hũu pequeno valle ã meos. E paravã mentes hũu ao outro e nõ se fallavam.

Entõ Ruy Vaasquez fez pergunta a dom Mudarra quẽ era. E elle lhe disse:

– Certamente eu sũo dom Mudarra.

Quando Ruy Vaasquez ouvyyu que aquelle era do Mudarra, disselhe:

– Que vhestes aquy buscar? Ca, despois que chegastes a Lara, me avedes feito gram torto, ca me matastes os meus homeens e queymastesme as villas. Mas vos ã tal logar estades que todo ora compraredes per o corpo!

Quando dom Mudarra ouve ouvyydo como aquelle era Ruy Vaasquez, disselhe em esta guisa:

¹⁶⁷ – Oo treedor, tu es em logar onde Deus fara de ti dereito e de quantas treições as feitas e pensadas! E, pera provarmos nossos corpos em cavallarias, estem nossas companhas quedas e lidemos nos hũu por outro!

E o treedor de Ruy Vaasquez disse:

– A mñr praz ende muyto.

E entom disse dom Mudarra:

– Pois ide castigar os da vossa parte que, por nem hũa cousa que vejam, que se nõ movã. E esso meesmo direy eu aos meus.

Entom tornou cada hũu aos seus e disseronlhe a postura que avyam feita e que, por cousa que vissem, que nõ movessem cada hũu donde estava.

E, quando dom Mudarra ouve dito aos seus a postura que avya posta e fymada com Ruy Vaasquez – que nẽ hũu nõ metesse mãao em este feito se nõ elles ambos, segundo avedes ouvyydo – disselhe dom Gonçallo Gustiiz, seu padre:

– Filho, forte cavalleiro he o treedor, ca nõ ha em Espanha ã armas seu par, ca eu o conheço mui bem! E porem, meu filho, leixa tu a mñr lidar com elle e vingarey mñr do cativo e meus filhos que me fez matar.

[153d] Disse entom dom Mudarra Gonçalvez a seu padre que nõ podya seer, ca falssaria sua verdade.

Entom se spedyyo de sua companhia e aderençou pera onde ho ja estava esperando o treedor de Roy Vaasquez, o qual ho veeo receber a hũu valle. E, logo que forom preto, leixarõsse correr hũu ao outro, como aquelles que mortalmente se desamavã, e derõsse senhas lançadas tam grandes que falssarom

os escudos e os perpointos e as lurigas. E a lança de Ruy Vaasquez nõ quis Deus que prendesse ã carne a dom Mudarra; pero nõ leixou a lança de sayr da outra parte per a par da ylharga. Mas a lançada que dom Mudarra deu ao treedor de Ruy Vaasquez sayu da outra parte pellas spadoas e deu com elle em terra, tal golpe como lhe nõca foy dado ¹⁶⁸ per outro cavalleiro que o derribasse ã terra. Entom tirou delle a lança pera lhe dar outra ferida e o matar. E o treedor lhe disse:

– Dom Mudarra, nõ me des mais, ca o golpe que me deste me avonda, ca eu morto sõo. Mas tanto te quero rogar que nõ faças mal a meus vassallos, ca nõ ham culpa no mal que eu fiz.

Quando dom Gonçallo Gustiis vyo ã como Ruy Vaasquez era vencido, veeosse a grande pressa pera dõ Mudarra e disselhe:

– Filho, rogo te que o nõ mates, mas levo assy vivo a tua madre dona Sancha que sonhava que bevy do seu sangue!

Entom disse dom Mudarra Gonçalvez:

– E em Sallaz nõ entrara. Mas levallo am a justiçar aa sua casa de Vylvestre.

Entom o posserom sobre hũa azemella e levarõno pera Vilvestre cõ muy grandes trebelhos.

E, quando os cavalleiros do treedor virom seu senhor vençudo e preso, foronsse pera dom Mudarra e diseronlhe assy:

[154a] – Senhor, nõ nos culpees, ca nos andamos come cavalleiros servyndo nossas soldadas. E, se quiserdes que vos servamos, faremollo de boa mente.

E entom lhes disse dom Mudarra que nõ querya seu serviço, mas que querya que lhe dessem Castro e Amaya «aquelles que o tẽedes. E, quãto he as herdades do conde, ficarlhe am – disse elle – e vos buscade quem servades».

Entõ os mandou dõ Mudarra todos prender, ataa que lhe disserom quaaes eram os alcaydes das fortellezas do cõde e outrossy das outras fortellezas do treedor. E entom soltou os outros e disselhes que buscassem senhor que lhes algo fizesse, ca enno conde dom Garcia Fernãdez nuca acharyã cobro nem na casa de Castella – e esto porque foron ajudadores do treedor que se alçara ao conde com as fortellezas cujos naturaes erã e outrossy por que virom matar, e o consentirom, a seus irmãos a ¹⁶⁹ grande treição. E assy se partiron delles e levou os alcaydes presos, como dito avemos, per os quaaes depois cobrou todallas fortellezas que eles tiinhã.

Entõ se partirom do lugar õde fora a batalha e andarõ per seu camynho ataa que chegarom a Vilvestre. E dõ Mudarra Gonçalvez ãvyu a Salaz por dona Sancha, sua madre, que vehesse aaquelas vodas. E ella, logo que o soube, veeosse a grande pressa con muy grande prazer.

E, quando dom Mudarra Gonçalvez e dõ Gonçallo Gustiiz souberom como ella viinha, sayrom a recebella, bafordando e lançãdo e fazendo grandes alegrias. E, dom Mudarra Gonçalvez chegou a dona Sancha e foy beyjar as mãas; e desy forõsse pera o paaço. E, quando ouverõ descavalgado, disse dom Mudarra Gonçalvez a dona Sancha:

– Senhora, vedes aqui o treedor. Ora o mandaae justiçar como / [154b] vos prouguer.

E o treedor çarrou os olhos e nõ a quis oolhar.

E catouho dona Sancha ally onde jazia e vio que corria sangue delle. E entom disse:

– Louvado seja sempre o nome de Deus e muitas graças lhe dou eu do bem e mercee que me fez, ca agora seera solto o meu sonho, ca beverey do sangue deste treedor.

E entõ pos os geolhos em terra pera lhe beber do sangue.

Mas dom Mudarra Gonçalvez a tomou pello braço e alevantouha da terra, dizendo:

– Nom queira Deus, madre senhora, que tal cousa passe, que sãgue de homen assy treedor entre ãno corpo tam leal e bõo como o vosso he! Mas exlo ã vossas mãas! Mandadeo justiçar segundo vos prouguer!

Entom foy grande contenda antre as companhas, dizendo algũs que lhe cortassem os nembros e outros dziã que o queymassem e outros que o apedrassem. E dona Sancha disse a todos que lhe agradecia o que deziã, mas pero que esta justiça ella a querya fazer a toda sua voontade; e que esto ¹⁷⁰ agradecia muito a dom Mudarra. E porem que ella queria seer alcayde deste feito; e que mandaria em aquellas vodas fazer armar hũu tavollado, por que a treição que elle fez foy começada sobre tavollado em Burgos, quando elle casou com dona Lambra «e sobre esto se alevantou a trayção per que depois foy meu marido metido em cativo e meus filhos mortos».

E entom mandou poer duas vigas muy altas ã meo de hũu campo, ambas bem juntas, e mandoo ally enforçar o treedor per so os braços e pellos pees. E entõ mandou que todos os que erã parentes dos que foron mortos ãna batalha com seus filhos e outros quaaes/quer [154c] que elle mal merecesse, que vehessẽ a elle com lanças ou com dardos ou com azcumetas ou cõ varas de lançar ou per outro qual quer modo, ã tal maneira que as carnes do treedor fossem todas partidas em pedaços; e que, depois que cayesse, que entõ o apedrassem todos.

E assy foy todo comprido como ella mandou, por que as companhas erã muytas. E foy logo todo espedaçado e depois ajuntarom os pedaços e lançaron sobre elle tantas pedras que tudo foy cuberto

dellas; e jazem sobre elle mais de dez carradas. E, oje em dya, quantos per hi passã, em logar de lhe dizerem oraçom pola alma, lançam todos senhas pedras e dizemlhe:

– Maa segre aja a sua alma! Amẽ.

E por esto he maldicto qual quer que treição faz, ca des ally adiante nũca se nẽ hũu quer chamar do seu linhagem, assy como foy deste. E, por dizer verdade, poucos ficarõ hi, ca elle nõ avya nẽ hũu filho nem filha.

Quando a aleyvosa de dona Lambra soube esto, veeo pera o conde, cuydando que acharya em elle cobro, por que era sua parenta. E ella tragia em seus vestidos grandes doos e os rabos das bestas talhados. E disse ao conde:

– Mercee, senhor! Filha som de vossa prima. Se dom Rodrigo algũa cousa fez, eu nõ sã em culpa. E nõ me desemparees, ca poucos seeram os meus dyas!

¹⁷¹ Entom o conde dom Garcia Fernandez lhe disse:

– Vos mêtides come grãde aleyvosa, ca vos bastecestes todas estas treições e males que elle fez! E vos erades senhora e raynha das mynhas fortellezas! Daquy adyante vos desafio a corpo, ca eu mandarey a Mudarra Gonçalvez que vos faça queymar ou mandarey / **[154d]** as vossas carnes espedaçar a cãaes. E a vossa alma seera perduda pera sempre!

Quando ella vyo que assy era deseparada do conde, fugio de noite de pee, cõ hũa mãceba tam sollamente e mais nõ, e assy andou grande tempo, ataa que morreo o conde dom Garcia Fernandez.

E, depois que foy morto o conde, dom Mudarra Gonçalvez a mãdou espedaçar, ben assy como foy feito ao treedor do seu marido Ruy Vaasquez. E jaz soterrada ẽ Vella. Maa segre aja a sua alma! Amen.

CAPÍTULO CCCLXXX

Hora leixa aquy o conto a fallar do conde dom Garcia Fernandez e de dom Mudarra Gonçalvez, desde que ouve morto Roy Vaasquez, o treedor, e dona Lambra, sua molher. E torna a falar del rey dõ Ramiro de Leõ e da sua morte, por que forom ambos em hũu tempo

Andados viinte e cinque ãnos do reinado del rey dom Ramiro – e foy esto enna era de novecentos e [...] annos e andava o anno da encarnaçõ de Nosso Senhor Jhesu Cristo em novecentos e saseenta e hũu ãnos ¹⁷² – andava este rey dom Ramiro em muy grãde contenda com el rey dõ Vermudo, assy como avemos dito enfermou este rey dom Ramiro de muy grãde infirmitade de que morreo enna cidade de Leom; e emterrãno hy.

E entõ alçarom os mouros hũu rey muy poderoso que estragou toda a terra de Portugal bem ataa Santiago, que nõ achou quem o estorvasse. Mas acorreo a ello a mercee de Deus e do apostollo Santiago, ca assy aconteceu que cayu em aquelles mouros hũa tal enfermidade que todollos demais delles ouverom della de morrer. E algũs dizem que a enfermidade foy de menaçõ que matou grande parte delles, em tal guisa que nõ scaparam ende se nom poucos **[155a]** que contassẽ em sua terra o que lhes acontecera da cavalgada que elles fezerom em Galliza e das gaanças que sacarom da terra do apostollo Santiago.

CAPÍTULO CCCLXXXI

O reynado del rey dom Ramyro se acaba e começasse a estorya do reynado e dos feitos del rey dom Vermudo, o segundo dos reis de Leom que per este nome forõ chamados, e foy ho viinte e hũu depois del rey dom Paayo. Como ẽ começo de seu reynado foy mizcrado com elle o arcebispo de Santiago e do milagre que Deus por elle mostrou

Conta aquy a estorya que, so que el rey dom Ramiro foy morto, que se veeo pera Leon dõ Vermudo, de que dissemos ante destõ, filho del rei dom Ordonho. E foy logo recebido ca morrera el rei dom ¹⁷³ Sancho, seu tyo, e seu sobrinho, el rei dõ Ramiro, e nõ ficava hy nem hũu que tamanho direito ouvesse no reyno como elle, nem avya outro tam proveitoso no linhagẽ como elle era. E reynou dez e sete annos. Este foy o segundo rey dom Vermudo. E foy o primeiro ãno do seu reynado na era de myl annos e o ãno da encarnaçom de Nosso Senhor Jhesu Cristo ẽ novecentos LXII e o do emperio d’Octavyo, emperador de Roma, ẽ trinta e hũu e o dos Allarves em trezẽtos e saseenta e seis annos.

Em este ãno primeiro que este rey dom Vermudo começou de reynar, confirmou todallas leis dos godos e fez muy bem guardar os estabellicimentos dos santos padres. E, pero que elle assy fosse entendido e bõo, **[155b]** nõ leixava porẽ de ouvyr os prazenteiros e mal dizentes. E aconteceu que tres servos que eram da companhia de Santiago, os quaaes avyam nome, o primeiro, Cedem, e outro, Cadam, e o terceiro, Anxibom, acusarom de grande culpa, ante el rey, Atalfo, o arcebispo de Santiago, dizendo que elle avya prometido aos mouros que se tornaryã aa ley de Mafomede e que lhe darya toda a terra de

Galliza.

El rey creulhes aquello que lhe assy diziam, por que aquelle arcebispo era filho do principe que a el rey dom Sancho dera a peçonha enna maçãa. E el rey dom Vermudo êvyou logo por o arcebispo. E elle, quando vyo o recado del rei, veheosse a elle a Ovedo. E chegou hy sesta feira ante de Pascoa.

E, assi como chegou, fuisse aa igreja de Sam Salvador e entrou dentro a fazer sua oraçom. E disseronlhe os cavalleiros que forom por elle que ¹⁷⁴ primeiro devera de hyr veer el rey que entrasse ãna igreja. Entom lhes disse o arcebispo que ante e primeiramête queria hyr veer os reis dos reis, que era Sam Salvador, que salvava os reis e os outros homeens, que aquelle seu senhor. E, por que elle ja sabya o que el rey queria, vestiusse enna igreja de santas vestiduras e disse missa alçada.

E, en todo esto, el rey avya mandado que lhe trouxessem da montanha hũu touro muy bravo e que lho deitassem pera o aver de matar. Mas o arcebispo, como aquelle que se sentia sem culpa daquello que lhe era aposto, depois que ouve acabado seu officio, sayusse da igreja revestido de toda vestimêta como dissera missa, segundo conta dom Lucas de Tuy em sua estorya per latĩ, e foyse muy sem medo pera o paaço del rey, onde ja estava o touro mui bẽ / **[155c]** prestes, ante os paaços del rey, e quantos ricos homeens avya nas Esturas, que veherom aas cortes pera aver conselheo como faryam cõtra os mouros que lhe destroyã todo o reyno.

E, quando disseron a el rey em como viinha o arcebispo, mãdou aos mõeiros que assanhassem bem o touro. E, depois que o elles ouverõ bẽ assanhado, veeo o arcebispo. E, pero lhe todos diziã que se guardasse do touro, por que elle era sã culpa daquello por que lhe tal cousa era feito, nõ deu por ello nada, nẽ leixou porem d'hyr seu caminho muy passo pera a praça pera onde estava o touro, ca per ally lhe cõviinha d'hyr.

O touro, logo que vyo o arcebispo, veeosse passo pera elle muyto humildosamente e meteulhe os cornos ãnas mãaos e leixoulhos hy e fuisse. Mas em este logar cõta dom Lucas de Tuy em sua estorya per latim que muytas das companhas que ally estavõ, como eram jentes neicias, riiansse e escarneciã do arcebispo por que se vehera assy vestido.

E aquelle touro foy logo aaquelles que aquello faziã e matou e ferio delles muytos. E, feito esto, deronlhe o camynho e fuisse pera a montanha donde vehera.

¹⁷⁵ O arcebispo tornou-se entõ cõ os cornos nas mãaos e poseos ãno altar de Sam Salvador, onde dissera missa, e levou muyto ao Salvador do mundo, que o salvara de tam grande perigoo. E, por este milagre que ally Deus fez por elle, maldisse aquelles que o falssamête acusarõ e seu linhagem que delles vehesse, bem assy como David maldisse o monte de Gelboe por que matarom hy Saul e Jonatas, dizemdo assy:

– Maldito seja Cedem e Cadam, An/xibom! **[155d]** Nũca no seu linhagẽ mĩgue gafo nen manco nẽ cego nẽ homẽ vil!

Quando el rey dom Vermudo vyo tal milagre, foy todo spãtado e disse que elle querya ao arcebispo dello fazer emmenda. E êvyou logo por to elle. Mas o arcebispo nõ quis hyr a elle; ante esteve quatro dias enna igreja de Sam Salvador e disse missa ã dia de Pascoa e, feito esto, veeosse seu camynho pera Santiago. E, quando chegou a hũu logar que chamã Plamatius, ally morreo em hũa igreja de Santa Ollalha. E morreo ã quarta feira das oytavas de Pascoa. E quiserõno os clerigos levar a Santiago, mas tam pesado se lhes fez que o nõ poderõ mover. E, quando esto virom, assy os clerigos entendendo que era obra de Deus, guisaronlhe sua sepultura dentro ãna igreja de Sancta Ollalha.

Mas agora leixaremos deisto a fallar e diremos das molheres que ouve este rey dom Vermudo.

CAPÍTULO CCCLXXXII

De quantas e quaaes molheres ouve este rey dom Vermudo

Conta a estorya que este rey dom Vermudo ouve por molheres duas donas de muy alto sãgue; e, segundo o que diz dom Rodrigo, arcebispo de Tolledo, erã ambas irmãas. E, de hũa, ouve hũu filho a que chamarõ Ordonho e, da outra molher, ouve hũa filha que ouve nome dona Elvira.

¹⁷⁶ Este ifante dom Ordonho, filho del rey dom Vermudo, ouve despois a seu tempo ãna ifante dona Fruylha Paaez estes filhos: dõ Afomso, dom Paayo, dona Sancha, dona Symena. Esta dona Xemena ouve o conde dõ Martim Rodriguez, filho do conde / **[156a]** dom Ruy Meendez, o que matarõ na batalha de Sataliez.

Outrossy este rey dõ Vermudo ouve duas molheres a bẽeçõ, hũa que ouve nome dona Vallasquida; e esta leixou elle depois em sua vida, ca se nõ avya della por entregue. E casou despois cõ outra dona, a que chamavã dona Elvira. E ouve della hũu filho que ouve nome dom Afonsso e hũa filha que ouve nome dona Tarejya.

Ë dona Vallesquida ouve hũu filho. Esta dona Vallasquida, diz dom Lucas de Tuy que foy dona de muy grande guisa; e desta foy filha dona Cristinha, a que foy casada com Ordonho, o çego, filho del

rey dom Vermuu e ouve della estes filhos: dom Afonso e dom Ordonho e a condessa dona Pallaya e dona Aldõça. E esta foy casada com Paay Flores, que foy clérigo, e fez em ella estes filhos: o conde dom Pedro e dom Ordonho e dom Paayo e dom Nuno e a madre do conde dom Sueiro e de seus irmãos e a condessa dona Tareyja de Carriõ, que fez a igreja de Sam Soyl Martir. Estes todos foram dictos os ifantes de Carryõ.

Do segundo ãno deste rey dom Vermudo, nõ achamos cousa que de contar seja pera aquy, ca em este anno estas cousas assy passaram.

¹⁷⁷ CAPÍTULO CCCLXXXIII

Como Almançor lidou com el rey dom Vermuu e o vëceu e chegou ataa Leom

Andados tres ãnos do reynado deste rey dom Vermuu – e foy esto ãna era de myl e dous ãnos – aconteceu assi que, pollos pecados deste rey dõ Vermudo e do poboo cristãao que lhos cõsentya, o qual elle alimpou dos mouros, hũu que estava ã logar deste Yssem, rey de Cordova, que se fez chamar Almançor; ca ataaquy, como quer que o nos assy cha/massemos **[156b]** suso ãna estorya ante destoy, pero nõ lhe chamavã assy os mouros, mas chamavãno Alhugib. Mas os que compuserom a estorya chamarõno assi, por que era o nome mais aposto e elle melhor conhecido per Almançor que por Alhugib, que quer tanto ã aravigo dizer come sobracelha, segundo ja esto mais compridamẽte avemos contado em esta estorya. Por que, assy como a sobracelha he cobertura e defendimẽto do olho, bem assi era elle cobertura e defendimento dos seus poboos. E outrossy Almançor quer dizer defendimẽto, segundo ja dicto he. E, pore, temos que he mais fremoso e que se diz mais apostamente que Alhugib, e por esto lhe dizemos nos ¹⁷⁸ assi. Ca elle se fez per este nome chamar, por que muytas vezes vencera muitas batalhas e grandes e defendera sy meesmo e os seus muy esforçadamente.

Quando o conde dom Vella, aquele que ja suso dissemos ã esta estorya, o que o conde dom Fernam Gonçallvez deitara da terra, e algũs outros condes da terra de Leom e outros muitos cristãaos que foram outrossi deitados da terra, depois que chegarom a Cordova a Almãçor e lhe ouverom prometido que lhe daryam a terra que os cristãaos tiinham ã Espanha, recebeuhos Almançor. E, depois que ouve com elles todas posturas feitas e firmadas de todas estas cousas que avemos ditas, enton tirou Almãçor sua hoste muy grande de mouros e, con aquelles cristãaos que vos dissemos que era cõ elle, fezeronsse ja mais e mais poder. E levou conssigo seu filho Abelmelic. E começou a estragar e destruyr todallas provencias de Leom e de Castella e de Navarra. E esto nõ viinha tanto por outra cousa como por o grande desacordo que avya antre os reis e antre os outros senhores cristãaos, ca nõ avya hy nõ hũu que o outro quisesse ajudar a se defenderem.

Contam / **[156c]** as estoryas que Almançor era muy sabedor e atrevudo e alegre e franco. E assy sabia affaagar e aver os cristãaos que semelhava que mais os amava que os mouros; e amava outrossy os seus, ãtanto que todollos se trabalhavã em fazer serviço. E assi foy que, des o ryo de Doyro, que entom era en comarca antre os mouros e os cristãaos, todo correrom e destruyrõ ataa o ryo que chamã Escola. E ficou ally suas tendas a cabo daquelle ryo.

Quando el rei dom Vermudo soube estas novas, tirou logo a grande pressa sua hoste e foy pera alla sem outra detardança. E ouve cõ elle sua batalha muy grande. E matou el rei dom Vermudo muytos mouros e arrãcouhos do campo e chegou ataa as tendas, matando ã elles.

¹⁷⁹ Mas Almançor, como muy esforçado e de grande coração, quando vyo que os seus eram vencidos e fogyã tam mallamente, cõ grande pesar que entom ouve, deu em terra com hũu soombreiro d'ouro que tragia na cabeça ã logo de coroa, segundo entom avyã por costume os reis mouros de trager; e começou de tomar aquelle soombreiro e dar com elle ã terra. E esto fazia elle por synal que avya muy grãde pesar dos seus por que nõ venciã. Quando os cavalleiros d'Almançor esto virõ, pesoulhes muito de coraçõ por o muy grande amor que avyam com elle. Entõ a grande cavallarya dos condes e dos outros cavalleiros cristãaos que andavã com el come os seus mouros, todos em hũu, derõ tornada aa batalha. E tam de ryjo ferirõ ennos cristãaos que os arrancarom do campo, elles e seu rey dom Vermudo, e fezerõnos fugir; e seguyrõnos ataa as portas de Leom. E ainda ouverom tomada a cidade a poucos dias, se jouverõ sobre ella, segundo conta dom Lucas de Tuy, se nõ pollas grandes auguas do inverno que se leixarom vïir. E por esta razom foy forçado a Almãçor **[156d]** de se tornar a Cordova.

Entom os cidadãaos de Leom e d'Estorga, temendosse que verria Almançor ao outro ãno adyante com sua hoste sobre elles, tomarõ os corpos dos reis e o corpo de Sam Paayo e levarõnos aas Esturas e meterõnos ã Ovedo na igreja de Sancta Maria. E poserom o corpo de Sam Paayo no altar de Sam Joham Bautista. E outros muitos corpos forõ entom levados a Ovedo, das cidades que forõ destruydas dos mouros. Outrossi algũs dos cidadãaos de Leom tomarom ho corpo de Sã Fruylhano e levarõno ataa os mõtes Perineos, que som os portos d'Espanha, a par do spital de Roçavalles; e poserõno hy ãna igreja de Sam Joham Bautista.

¹⁸⁰ **CAPÍTULO CCCLXXXIV**
De como Almançor cercou a cidade de Leom

Andados quatro ãnos do reynado deste rey dom Vermudo – e foy esto ãna era de mil e quatro annos e o anno da encarnaçom de Nosso Senhor Jhesu Cristo ã novecentos e saseenta e seis – em este ãno el rei dom Vermudo era mal doente de hũa door dos pees a que os fisicos dizem pedraga, segundo a liguagem de Portugal. E, quando soube que viinha Almançor e vyo em como nom podia sayr a elle ante aquella doença dos pees, fezesse entõ levar a Ovedo. E Almançor veeo entõ a Leon e cercou a cidade e jouve sobre ella muy affanado, por que cuydava que a guanharia muy cedo.

E logo no ano seguinte aveeo assy que, Almançor teendo cercada a cidade de Leon e combatendoa cada dya ã tal maneira que quebrãtou o ¹⁸¹ muro contra a porta da parte d’oucidente e, a quatro dias despois, quebrantou o muro da cerca aa parte do meyo dya, entõ / **[157a]** dom Guylhã Gomez, conde de Galiza – que vehera a defender a cidade e era muy mal doente de grave infirmitade – e quando soube que o muro era quebrado, fezesse armar de suas armas e mandou que o levassem em hũu leito aaquele logar onde quebrarom o muro e morreo hy, ante que veer o muy grande estragamento que se hy fazia. Pero conta dom Lucas de Tuy em este logar que, elle jazendo assy doente como ja avemos dito, que o guerrearom e lhe combaterõ o muro tres dias muy aficadamente e que morrerom hy muitos mouros sem conta. Pero, aacima, matarom o conde e foy tomada a cidade.

E Almãçor mandou logo quebrantar e destruyr todallas portas da cidade, que eram bem obradas de pedra marmor, e a mayor torre da alçacova, que estava sobre a porta descontra ouriente. Outrossy fez derribar e destruyo todallas outras torres dos mouros e desfez ataa os fundamentos. Pero mandou leixar hũa torre que estava contra a porta do septentriom – e aquella porta leixou por memorya dos que veherem depois. E tornou-se pera Cordova dessa vez bem andãte e muito honrrado.

¹⁸² **CAPÍTULO CCCLXXXVI**
De como Almãçor veheo correr terra de cristãaos e tomou Estorga

Andados seis ãnos do reynado del rey dom Vermuu – e foi esto na era de mil e seis annos e o ãno da encarnaçom de Nosso Senhor Jhesu Cristo ã novecẽtos e sateenta e quatro annos – em este anno tirou Almançor sua hoste e veheo correr terra de Leom; e chegou a Estorga e cercouha e a pouco tempo a tomou. E fez logo todallas torres derri/bar **[157b]** bem ataa o meyo. E, depois que esto ouve ally feito e pella terra muyto mal, tornou-se pera Cordova muyto hõrradamente.

Em este ãno morreo o papa Johanne e foy posto em seu logar Benedito VIº e foram com elle cento e XXX e cinco apostolligos. Este Benedito nõ durou mais que tres meses e morreo. E poserom em seu logar Bonifacio VIIº e foram com elle cento e triinta e seis apostolligos.

Agora leixaremos aquy de fallar desto e tornaremos a fallar de Mudarra Gonçalvez, filho de dom Gonçallo Gustiiz e da iffante, irmãa del rei Almãçor de Cordova, de que vos ja dissemos.

¹⁸³ **CAPÍTULO CCCLXXXVII**
Como Almançor tomou a cidade de Conyança e correo a terra dos cristãaos

Andados sete annos do reynado deste rey dô Vermuudo – e foi esto ãna era de mil e sete annos e andava o anno da encarnaçom de Nosso Senhor Jhesu Cristo ã novecentos e sateenta e cinco – em este ãno tirou Almançor sua hoste e foy sobre cristãaos. E veeo ataa Conyança, a que agora chamã Vallença, e cercouha e tomouha e fezea derribar ataa o fundamento e estragouha toda. E despois tornou-se pera Cordova.

E, em aquelle anno, morreo o ãperador Octo.

CAPÍTULO CCCLXXXVIII
De como Almançor veo duas vezes correr a terra de cristãaos

Andados oito annos do reynado deste rey dom Vermudo – e foi esto enna era de mil e oito annos e andava outrossy o anno da encarnaçom de Nosso Senhor Jhesu Cristo em novecentos e sateenta [...] annos – veheo Almançor a terra de cristãaos e correo e estragou ataa Sam Fagundo. E ¹⁸⁴ filhouha e derribou a igreja / **[157c]** ataa os fundamentos e assy fez a outros muitos logares. E desy tornou-se aquella vez pera Cordova com grande honrra e muyto proveito.

E logo no seguynte anno – que foram aos nove do reynado deste rey dom Vermudo – veheo este

rey Almançor outra vez a terra de cristãos e correu toda ataa Alva e a Luna e a Cordom e a outro castello, Arbolio, e combateu os Almãçor. Mas pero não os pode tomar nem aver entrada a elles dessa vez. E tornou-se a Cordova com grande pesar desto, com grandes gaanças e muytos cativos que levou.

E, o anno em que esto acôteceu, morreo o papa Bonifacio e foy posto em seu logar Beento, o seteno, e foram com elle cento e triinta e oito apostolligos.

CAPÍTULO CCCLXXXIX

De como Almançor correo Castella e tomou muytas villas

Andados dez annos do reynado daquelle rey dom Vermudo – e foy esto ãa era e dez annos – tirou el rei Almançor sua hoste e foi correr terra de Castella. E tomou Osma e Altubella e Vallença, que he agora a villa que chamã Berlonga, e Atença e derribouhas todas ataa os fundamentos. E tornou-se pera sua terra, assy como conta a estoria, muy honrrado e muy louçãao e cheo de sobervha, ca bem avya ja doze ãnos passados que ¹⁸⁵ dera guerra aos cristãos e lhe fezera muyto mal e muyto dãpno e metera muytos logares so o seu senhorio e tornara dello honrrado pera Cordova.

E esto não viinha se não polla sanha de Deus que viinha sobre os cristãos, ca, depois que o prez dos Godos foy amortivado em Espanha, logo a igreja foy desprezada e abaixada e afrontada e levarom os mouros della todollos the/souros. [157d] E o quebrãto que fora del rey dom Rodrigo renovou outra vez em tempo d' Almançor.

CAPÍTULO CCCXC

De como Almançor correo terra de cristãos e chegou ataa Santiago e levou entom as portas e as campãas

Andados doze ãnos do reynado del rey dom Vermudo – e foy esto enna era de myl e doze ãnos e o ãno da encarnaçom de Nosso Senhor Jhesu Cristo em novecentos e sateenta e seis – em estes annos, veo Almãçor com sua hoste muy grande e êtrou em Galiza e ã Portugal, correndo e estragando villas e logares. E, quãdo chegou aa marisma, estragou toda a cidade de Santiago e quebrantou o muymêto do apostollo e tirou os seus ossos. E foy muy spãtado por hũa visom que vyu, ca foy feito hũu muy grande arroydo que ferio a par delle, em tal maneira que lhes esquecerom os ossos do apostollo. Pero tomarõ as portas e as câpãas da igreja e levarõnas comssigo pera Cordova por synal de vencimento que avya feito. E por as campãas por lampadas na mizquita de Cordova. E, por esta razom, tomarõ depois os ossos do apostollo Santiago, per emquiriçõ de dous homens bõos ¹⁸⁶ de santa vyda, e soterrarõnos escondudamête ena tal logar que no sabem delles parte se nom muy poucos, por que, se outra vez acontecesse que os mouros hy vehessem, que não podessem saber onde jazia. E as portas e as campãas estiverom grande tempo ã Cordova ataa que o muy bem aventurado rey dom Fernando, o que tomou Sevilha e Cordova e os mais dos logares da / [158a] frontarya aos mouros, veo hi e tomou a cidade de Cordova e entom ãvyou as campãas a Santiago; e as portas ficaram em Cordova e oje em dia estam hy por sinal. E os que estam em penitência e as võe, cada dia ham saseenta dias de perdom.

Este rey Almançor, que ja dissemos, quando se partio de Santiago, elle e todollos seus, foram feridos de maldiçõ de Deus pollo pecado e atrevymto e çugidades que elle e os seus fizeram na igreja de Santiago. E cayu em elles hũa tam grande infirmitade, das grandes que no mundo pode seer, a que os fisicos chamã darria. Esta door a que dizem darria he enno ventre, que rompe as entranhas e as tripas e faz nos homens menaçõ tam forte que morrem della. E Almançor e todollos da sua hoste foram tã mal treitos desta door que a mayor parte delles morrerõ, que muy poucos scaparõ. E, os que escaparõ, conta a estoria que depois morrerom morte supitanea.

Quãdo esto ouvvyu el rey dom Vermudo, ãvyou muytos homens de pee aas mōtanhas, onde se levantavã aquelles enfermos da hoste d' Almançor, e matarõnos todos quantos acharom. E Almãçor ficou quasi soo de sua companha e foilhe forçado de se tornar a Cordova, a pesar de si, por esta pestellença que lhes assy aveeo.

E, dos doze annos do reynado deste rey dom Vermudo ataa os treze, não achamos nẽ hũa cousa que de contar seja.

¹⁸⁷ **CAPÍTULO CCCXCI**

De como el rey Almãçor foy vencido em batalha e como morreo

Andados treze annos do reynado del rey dom Vermudo – que foram na era de myl e treze ãnos e o ã/no [158b] da encarnaçõ de Nosso Senhor Jhesu Cristo em novecentos e sateenta e sete – veendosse

este rey dom Vermudo assy mal tragido dos mouros que tantas vezes lhe avyam corruda e roubada e agastada sua terra, ãvyou seu mandado ao conde dom Garcia Fernandez de Castella e a el rey dom Garcia de Navarra, o Temeroso, que ouvessem olvidados os tortos que lhes elle avya feitos e que fizessem com elle paz e a ouvessem todos tres em hũu cõ sua postura bem firmada e que o ajudassem a defender a fe de Jhesu Cristo, que se perdy a ja, se aquello muyto durasse.

E elles, vista a sua messajẽ, outorgaronlho. E el rey dom Garcia de Navarra ãvyoulhe logo a sua hoste. Mas o conde dõ Garcia Fernandez foy per seu corpo com sua hoste. E entom el rey dom Vermudo, pero que era mal doente da gota, fizesse levar em andas e foy hi com todo seu poder.

E ajuntaronse todos em hũu lugar a que dizem ã aravigo Canhatanacor e em castellãao quer dizer «altura dos açores».

E Almãçor era saydo de sua terra com sua hoste e viinha correr Castella e estragalla como suya. E chegou em aquelle lugar de Canhatanacor. E elles todos ally lidarom e a batalha foy muy grande, em tal guisa que lhes durou todo aquelle dya ataa a noyte. E nõ ficarom vécidos hũus nõ os outros. E foram partidos pella noite que lhes veio; se nõ, Almançor fora ¹⁸⁸ vencido ou preso ou morto, segundo diz dom Lucas de Tuy. Almançor, quando vyo o estragamento e perda da sua jente, nõ ousou esperar a batalha pero em outro dya e foisse de noite, fugindo quanto pode. E, quando chegou a hũu lugar que chamavã Bloig Alcoray, adoeceu com pesar daquello que lhe assy acontecera. E nõ quis comer nõ beber; e morreo assy. E, depois que foy morto, / [158c] levarõno a enterrar a Medynaçale.

Em outro dya manhã, el rey dom Vermudo e o conde dom Garcia Fernandez poseron suas aazes pera a batalha, cuydando que eram os mouros ãnas tendas e que sairiam a elles. E, depois que virom que os mouros nõ sayã, foram os cristãaos aas tendas e acharom as armas delles. E nõ ouve hy quẽ resposta tornasse. E tomarom as tendas e o que hy acharom e tornaronse cõ grãde boa andança. E o conde dom Garcia Fernandez foy empos elles pello encalço e matou tantos delles que muy poucos escaparõ. E Almançor, que sempre vencera, foy ally vencido daquella vez, cõ essa pouca de sua companhia que escapou.

E, sobre esto, conta em este lugar dom Lucas de Tuy que, em esse dya que Almançor foy vencido, andava hũu homen a guisa de pastor pella ribeira d'Alquyvyr, dando vozes come que chamasse alguẽ e fizesse grande doo. E dizia, hũa vez em aravigo e outra em castellãao, em esta guisa: «En ao Canhatanacor perdeu el rey Almançor o atambor». E esto quer assi dizer, segundo declarã os que esto entendem: «En Canhatanacor perdeu el rey Almãçor alegria e seu bryo e honrra e bondade». E o por que dizia que perdera o atãbor: por que os altos reis dos mouros tragiã ante sy atabaques, que som segundo atãbores, pera os ouvirem de longe e saberẽ per onde vã.

¹⁸⁹ E os de Cordova queryam hy aaquelle homẽ e chegarsse a elle, por lhe preguntarem algũa cousa, e desapareceulhe dante os olhos, que o nõ poderom veer. E logo lhes apareceu em outro lugar, dizendo aquellas meesmas pallavras que ante dizia; e chorava. E assy lhes apareceu tres vezes. E diziam os sabedores dos mouros que esto nõ era outra cousa se nõ spiritu, daquelles que a escriptura chama cubos, que ham aquella maneira de aparecer e desfazer quanto quiserem. Outros / [158d] dizem que era diaboo, que chorava o quebrãto e estragamento que vchera aos mouros e veeo dally adyante.

Depois que Almançor assy foy morto, ficou em seu lugar Abemelic, que era chamado per sobre nome Almodassar; e mãteve o reyno sete annos e nove meses.

CAPÍTULO CCCXCII

De como Abemelic, rey de Cordova, veo correr terra de cristãaos e foy vencido e outrossi da fame que veo em Espanha pollo pecado del rey dom Vermudo

Andados quinze ãnos do reynado deste rey dom Vermudo – e andava entõ a era de mil e [...] annos e o anno da encarnaçõ de Nosso Senhor Jhesu Cristo em novecentos e sateenta e sete – tirou este rey Abemelic, filho del rey Almãçor, sua hoste, pera hyr correr e estragar terra de cristãaos. E, quando chegou aa cidade de Leom, derribou o muro todo que hy leixara ¹⁹⁰ seu padre e as torres ataa o fundamento, por tal que o nõ podessem fazer os cristãaos. Mas dom Garcia Fernandez, conde de Castella, logo que o soube, veeo a elle com grande poder d'omẽes de pee. E fezeo levantar per força e matoulhe muitos mouros, assy que tornou muy deshonnrado a Cordova. E, dally adyante, nunca quis vñir correr terra de cristãaos, mas ficou em sua terra. E, ãmentre vyveo, sempre vyveo dooroso por esto que lhe assy aconteceu. E, desi, postou bem todallas cousas do seu reyno. E, des ally, folgou terra de cristãaos ja quanto tempo.

Entom el rey de Leom de Navarra e o conde dom Garcia Fernandez ãvyarom por o conde dom Vella, de que ja desuso ante desto dissemos, e por todollos outros cavalleiros cristãaos / [159a] que andavã com os mouros, os quaaes deitaram da terra, e tornarõnos a seus herdamentos e aos direitos que avyã d'aver. E esto, por que os mouros nõ se podessem alçar com ajuda dos cristãaos, ca foram elles dally

adiante fortes e muy poderosos contra os mouros e lidaram cō elle muytas vezes e traballaronse muyto de defender a cristiandade.

Mas el rei dom Vermudo, como quer que se cavidasse dalgũas cousas contra Deus, pero nõ leixava todavya ouvyr homẽes louvaminheiros. E acõteceu assy que, per mizcramento, mandou prender dom Gustedeo, bispo d'Ovedo, e deitouho no castello que chamã Pena da Raynha, que he en fundo de Galliza. E jouve o bispo em aquella prisom tres ãnos. E, por que o el rey prendeo a torto, nom quis Deus que aquelle pecado passase sem pena e deu tam gram secura na terra que nõ podyam lavar nẽ semear, em tal guisa que foy a fame muy grãde ademais per toda Espenha.

E, des os dez e seis ãnos do reynado deste rey dom Vermudo, nõ achamos nem hũa cousa que de contar seja, se nõ tanto que nõ podyã a ver augua polla grande seca.

¹⁹¹ CAPÍTULO CCCXCIII

De como Deus deu auga na terra; e da morte del rei dom Vermudo

Andados dez e seis annos do reynado deste rey dom Vermudo de Leon – e foy esto na era de mil e dez e sete ãnos e andava o ãno da encarnaçõ de Nosso Senhor Jhesu Cristo em novecentos e sateenta e oito e o de Octo, o segundo, emperador de Roma, ã onze annos – en aquella sazõ, terra d'Espanha sofreu grãde fame polla pestellença da secura que hy avya. E, doendosse Deus do poboo, / [159b] quis, por sua misericordya e grande mesura, demostrar por que era esta grande presa. E apareceu ã visom a hũus boos homẽes d'ordẽ; e foilhe mostrado que, por o pecado e torto que el rei dom Vermudo fizera em prender o bispo d'Ovedo, que por esso era aquella pestelença.

Entõ aquelles homẽes bõos foram a el rei e contaronlhe o que lhes fora mostrado; e que nũa fame sairia de sua terra nem averyã auga, ataa que nõ tirasse da prisom o bispo que tiinha preso. El rei, logo que esto ouvyo, ãvyou por dom Xemenho, bispo d'Estorga, a que elle avya encomendada a igreja d'Ovedo que a ouvesse de veer, que fosse logo tirar da prisom o bispo d'Ovedo e que lho trouxesse ally. E elle fezeo assy. E el rei tornou o bispo honrradamẽte a seu bispado, ca, assy como elle ligeiramente crya o mal, bẽ assy ligeiramente se tornava delle a fazer bẽ. E, porem, logo em aquella ora que se arreprehendeo do que fizera e o corregeio e rogou a Deus de coraçom que lhe perdoasse, logo ã essa hora deu Deus a chuva na terra e a terra deu os fruytos em seus tempos como devya.

Depois desto, el rei dom Vermudo reprehendeosse ja de todollos malles e tortos que fizera contra Deus, traballousse de fazer a igreja de ¹⁹² Santiago e os outros logares que Almançor derribara e emçujara cõ seus çujos costumes e da çuja ley em que nõ ha nem hũu proveito.

Este rey dom Vermudo, seendo muy mal doente da infirmitade que dissemos dos pees, começou mui aguçosamente de fazer muytas esmollas e obras de piedade e esto per conselheo dos bispos e doutros homeens bõos do seu reyno. E desi fez peendença dos seus pecados. E, feito esto, morreo en Oberrez; e foy soterrado ã hũu logar que chamã Villa Nova. E, depois per tempo, levouho dally pera Leom seu filho dom Afonso e meteuh, con sua molher, a raynha dona Elvira, ãna igreja / [159c] de Sam Joham Bautista. E este rey dõ Vermudo Afonso, depois da morte de seu padre, reynou dez e sete annos, assi como avemos ja dito, sem dous annos e sete meses que avya reynado em tempo del rei dom Ramiro.

Em este ãno outrossy, morreo ho papa Benedito e foram com elle cento e triinta e nove apostolligos. Em este anno outrossy, morreo o emperador Octo, o segundo; e durou enno emperio nove ãnos.

CAPÍTULO CCCXCIV

Acabasse o reinado de dom Vermudo e começasse o reynado de dom Afonso, seu filho, como foy criado e depois casado a seu tempo. E outrossy da morte de Abdemelic, rey de Cordova

Depois que assy foy morto el rei dõ Vermudo, como avemos dicto, reynou ãpos elle seu filho dom Afonso viinte e sete annos. E, quãdo seu padre morreo, este rey dom Afonso nom avya mais de sua hidade de ¹⁹³ quando nacera de cinco annos. E o primeiro anno do seu reynado começouse ãna era de mil e [...] ãnos e andava outrossy ho ãno da encarnaçom de Nosso Senhor Jhesu Cristo ã novecentos e seteenta e nove ãnos e de Octo, emperador de Roma, em dous e o de Audemelic, rey de Cordova, ã dous e o dos Allarves, em trezentos e novẽta e hũu annos. Este rey dom Afonso, ãmentre era pequeno, criouho o conde dõ Afonso o conde dom Melongres de Galliza e a sua molher, a condessa dona Mayor. E, depois que chegou a ydade de aver molher, casarõno elles com hũa filha sua que avya nome dona Elvira e ouve della hũu / [159d] filho que ouve nome dom Vermudo e hũa filha que ouve nome dona Sancha. E esta foy casada depois a seu tempo com el rey dom Fernando, filho del rey dom Sancho de Navarra.

Em este ãno morreo o papa Beento e foy posto em seu logar Johãne, o decimo tercio, e forõ com

elle cento e quareenta apostolligos.

E, do segundo ãno atees o quarto do reynado deste rey dom Afonso, nõ achamos cousa que de contar seja que aa estorya pertença, se nõ tanto que, enno terceiro anno, morreo Audemelic, rey de Cordova, filho d'Almançor, entrou no senhorio do reyno depos elle hũu seu irmão que avya nome Abderame. E nõ durou enno reynado se nõ quatro meses e meo.

¹⁹⁴ CAPÍTULO CCCXCV

De como Abderame rey de Cordova e em como o matarom

Andados dous annos do reynado daquelle rey dom Afõsso – e foy esto na era de mil e viinte ãnos – este Abderame de que avemos dito, segundo delle conta a estorya, era chamado come por jogo d'escarnho Sanchollo. E foy homen maao e travesso e, esso que elle ãno reynado durou, nõ se trabalhava tanto doutra cousa como de mulheres e de vynho, assy que era muy luxurioso e bevodo. Pero, com todo esto, trabalhavasse elle quãto podya de deitar do reyno Yssem, se elle podesse, ameaçando muyto que, se lhe desse o senhorio, que o matarya porem. E Yssem, cõ medo desto que lhe assy deziam, ouvelhe de outorgar aquello que el querya. Mas Abderame nõ durou ãno senhorio se nõ quatro meses, ca, indo assy com seus maaos costumes, como ja dissemos, matarõno os seus vassallos. Entõ cõprio Yssem / [160a] triinta e tres ãnos do seu reynado.

CAPÍTULO CCCXCVI

De como Mafomede Almohade prendeo Yssem, rey de Cordova

Andados tres annos do reynado del rey dom Afonso – e foy esto enna era de mil e viinte e hũu ãnos e andava o ãno da encarnaçom em novecentos e oyteenta e tres – em aquelle anno, por que Abderame, rey de ¹⁹⁵ Cordova, foy morto, assy como ja dissemos, começaram os mouros de se alçar de cada parte do reyno contra Yssẽ. E o primeiro dos poderosos que se alçaram foy hũu que chamaram Mahomat Almoadi. E alçouelhe dentro em Cordova com outros doze poderosos dos que hy avya, que erã com elle ã consello, e veherom todos armados e prenderom Yssem dentro ãno alcacer. E levarõno e asconderõno dentro em hũa casa de hũu daquelles treedores que eram enno consello. Mas Mahomat fez entõ que todollos mouros creessem que Yssem era morto. E, por fazer esta emcuberta, aquelle Mahomat matou hũu cristãao que hy avya, que semelhava muyto a Yssem, e mostrouho aos velhos e a todo ho outro poboo dos mouros. E en tal guisa o fez que creerom que era verdade, como lhes avya elle dito; e foron per tal arte enganados, ca nõ era assy.

Mas agora leixaremos esta razom e diremos del rey dom Afonso.

CAPÍTULO CCCXCVII

Como el rey dom Affonso deu sua irmãa por molher Abdella, rey de Tolledo, e do que sobre ello aconteceu

[160b] Andados quatro annos do reynado deste rey dom Afonso – e andava entom a era ã mil e viinte e dous annos e a encarnaçom em novecentos e oyteenta e quatro – em este ãno este rey dom Afonso mãteve seu reyno per consello dos sabedores per que se elle regya. Mas, ãmentre era moço, ãno começo de seu reynado, como dissemos, deu cõ pouco siso sua irmãa por molher a Abdella, rey de Tolledo, por tal que o ajudasse ¹⁹⁶ cõtra el rei de Cordova. Pero que diz dom Lucas de Tuy, em sua estorya de latim que compos destas razões, que nõ fez esto el rey dom Afonso per sy soo, mas per consello dos altos homẽes do seu reyno; e elles que o fezerõ por que el rei era pequeno e pera aver paz com aquelle rey de Tolledo e, da outra parte, por que aquelle mouro Abdella fazia semelhança que era cristãao, pero emcubertamente, e avya jurado e prometido a el rey dom Affonso de o ajudar contra os mouros a que quer que lhe fosse mester.

Pero o feito deste casamento nõ foy a prazimẽto de dona Tareyja, mas ante lhe pesou muyto por que se fezera. Depois que a ouverom levada a Tolledo e elle quis sua molher, disse ella:

– Eu sã cristãa e tu es mouro. Digote que me nõ tangas, ca eu nõ quero aver tal ajuntamento com homen d'outra ley; ca sabe por certo que, se me tangeres, que o angeo do meu senhor Jhesu Cristo, em que eu creio, te matara.

E o rey mouro nom deu nẽ hũa cousa por aquello que lhe ella disse; ãte o teve por escarnho. E travou della per / [160c] força e jouve cõ ella. E, logo ã essa hora, o ferio o angeo de Nosso Senhor de tal door de que logo em essa hora cuydou de seer morto de todo em todo.

E chamou logo seus homens e deulhes muyto ouro e prata e panos prezados e outras muytas nobrezas e mādouha a seu irmão, el rey dom Afonsso cō mui grande aver e muytas doas que lhe deu. Esta dona Tareyja, depois que foy com el rei dom Afonso, seu irmão, tomou avyto de mōja e em esta vida viveo depois.

Mas agora leixaremos aquy a fallar desto e tornaremos a fallar dos mouros.

¹⁹⁷ **CAPÍTULO CCCXCVIII**

De como Mahomat Almohadi matou todos aquellos que se lhe alçarō

Andados cinco annos do reynado del rey dom Afonso – e foy esto ãna era de mil e viinte e tres annos e andava o anno da encarnaçō de Nosso Senhor Jhesu Cristo ã novecētos e oiteenta e cinco – aquelle mouro Mahomat Almohadi, de que dissemos ante desto que prendera Yssem, rey de Cordova, e o ascondera, depois que ouve o senhorio do reyno, fez muytos agravamētos a toda jente, trajendolhes mal as molheres e escarnecendolhas. E os mouros, nō podendo esto sofrer nem os outros malles que elle fazia enno poboo, e demais por o mao feito que fezera contra Yssem, seu rey e senhor, começaram de se lhe alçar e fazerlhe muyto mal e muyta guerra. E levātaronsse entom de cada parte e forom por esta razom ātre elles muytas pellejas e grandes bandos. E os de Cordova alçaronse outrossy e poserom por seu capitā hūu mouro que avya nome Yssem Arasit e ajūtaronse com elle.

E, hūu dia que caval/gava **[160d]** Mahomat fora da villa cō sua cavallarya afora, esse Yssem Arassit e os outros mouros que com elle tiinhā e alçaronse e matarō muytos dos treedores que hyam cō Mahomat, que forom prender Yssem, seu rey, e queymarōnos na cerca apreto da porta do alcacer. E, depois que os mouros ouverom esto feito, saïrom outro dya da cidade e forom contra Mahomat Almohadi. E lidarom com elle mas forom vencidos. E prendeo Mahomat muitos delles e matouhos. E, temendosse de traïçom, fez escabeçar Yssem Arasit e muytos do seu bando com elle.

Dos seis ānos ataa os doze do reinado deste rey dom Afonsso, nō achamos ¹⁹⁸ cousa que de contar seja que perteeça pera aquy, se nō tanto que, aos onze ānos, morreo papa Johāne e poserom ã seu logar Gregorio quinto e forom com elle cento e quareenta e dous apostolligos.

Agora leixaremos aquy estas razōes e diremos do conde dō Garcia Fernandez de Castella e do seu filho, o conde dom Sancho.

CAPÍTULO CCCXCIX

Hora leixa o conto a fallar de Mahomat Almohadi e torna a fallar do conde dom Garcia Fernandez e da sua morte e de como lha guisou a condessa dōna Sancha, sua molher

Conta a estorya ã este logar que a cōdessa dona Sancha, molher de dom Garcia Fernandez e madre do conde dom Sancho, ãna primeira foy muy boa dona e muyto amyga de Deus e do seu marido e fazia muitas **[161a]** boas obras. Mas os seus pecados lhe guisarom que lhe durou pouco tempo. E, depois, começou de fazer todo em cōtraïro, como quer que, quāto era em maldade de seu corpo, nō se ousava ella a descobryr com medo do conde seu marido. E começou de aver com elle mal querença e meteo em ello seu filho, dom Sancho, em tal guisa que ella cobiiçava muyto de veer a morte do cōde seu marido. E, aacima, guysoulha ã esta guisa:

Andados doze annos do reynado del rei dom Afonso – que foy na era de mil e viinte e quatro annos e o āno da encarnaçom de Nosso Senhor Jhesu Cristo em novecentos e oyteenta e seis annos – aquelle dom Sancho, filho de dom Garcia Fernandez, alçousse contra seu padre per consselho de sua madre.

¹⁹⁹ E, aaquelle tempo, os reis e os altos homens husavā sempre suas guerras com os mouros. E, pera esto, trabalhavāsse de aver os melhores cavallos que podyā, em tal guisa que lhes nō ficavō, por aver que por elles podessem dar. E, quando hyam ã suas hostes, leixavam algūus desses boos cavallos em suas casas e mandavānos bē acevadar; e tiinhānos sempre ennas camaras ã que albergavā com suas molheres. E aconteceu que este conde dom Garcia Fernandez avya hūu muy nobre cavallo. E ãcomendouho aa condessa dona Sancha, que lho acevadasse e fartasse muy bem, em tal guisa que lhe nō fallecesse, quādo o mester ouvesse. E ella, como aquella em cujo coraçō reynava toda maldade, nō o quis fazer, mas fez pello contraïro, ca lhe nō dava a comer se nō farellos. E, avendo antre o conde dom Garcia Fernandez e seu filho dom Sancho grande discordya, / **[161b]** souberōno os mouros e veheronlhe correr a terra. E o conde, como quer que tevesse muy pouca companha, ca grāde peça estava com seu filho, teve que era razom de aventurar ante o corpo aa morte ca perder mais de sua terra, ca lhe tiinhā ja forçada os mouros Avilla, que se entō poboava, e destroyrōna, e destroyrā a Coynhā e Sanct’Estevam de Gormaz, e queymarom e estragarom toda a terra. E, por esta razom, ouve de hyr contra os mouros. E embaratousse

com elles, com muy poucos cavalleiros que tiinha, hyndo elle em aquelle cavallo que mandara pensar bem a sua molher. E tâta era a multidom dos mouros que lhe nõ podyam poer consselho e morrerom hy muytos cristãos. E, onde estavam na mayor pressa, ouvelhe de fallecer o cavallo, de que vos ja dissemos, cõ mingua de força, por que nom comera se nõ farellos. E o cavallo cayu com elle em terra, de fraqueza. E o conde foy muy mal ferido e os mouros ²⁰⁰ prenderõno. E esta lide foy em Pedra Salla. E os mouros levarom o conde conssigo. E elle morreo logo a poucos dyas das feridas que lhe derom. E os cristãos derom aos mouros muy grande aver por o corpo do conde e, desque o ouverom cobrado, levarõno a enterrar ao mosteiro de Sam Pedro de Cardena. Este conde dom Garcia Fernandez foy morto em Medynaçalle, em poder dos mouros, segundo ja ouvystes. Deus aja a sua alma! Amẽ.

CAPÍTULO CD

Acabasse o senhorio do conde dom Garcia Fernandez. E começasse o do conde dõ Sancho, seu filho, o qual foy senhor de Castella, como seu padre. E este foy o que pos bõos foros

[161c] Contam as estoryas de Castella que, depois da morte do conde dom Garcia Fernandez, ficou em seu logar seu filho, o conde dom Sancho, pella guisa que o fora seu padre. E, segundo contam as estorias deste conde, dizem que foy muy piadoso e sisudo e ardido e atrevudo e mui dereito, em tal guisa que aos nobres pojou ã mayor nobreza e aos meores mingou da sua grande servidom em que era, segundo o que ora diremos.

Este conde dom Sancho per amor ouve seus poboos e defendeu muy bem sua terra. Este conde guaanhou dos mouros Penafiel e Sepulvega e ao Madeipollo e Montejo e Gormaz e Osma e Sant’Estevã, que foram perdidos enna prisom do conde seu padre, e fez muito mal aos mouros.

Este conde dõ Sancho deu os foros antigos a Sepulvega. E deu franqueza aos cavalleiros castellãos que nom peitassem nõ fossem em hoste sem ²⁰¹ soldadas, ca, ante do conde dom Sancho, peytavã os cavalleiros e avyam de hyr com o senhor onde os ouvesse mester e o senhor governavaos.

Este conde dom Sancho ouve hũu filho que ouve nome o iffante Garcia; e este foy o que matarom a traiçom em Leon, assy como adyante ouviredes. E ouve hũa filha que ouve nome dona Elvira; e casou com dom Sancho, ho Meor, que era rey d’Aragom e de Navarra, de que diremos adyante em seu logar.

E aveo assy que a madre deste conde dõ Sancho, cobiiçando de casar com hũu rey dos mouros, cuydou ã como mataria / [161d] seu filho, por tal que se alçasse cõ os castellos e com as outras fortellezas e que desta guisa casaria com aquelle rey mouro mais seguramente e sem ãbargo. E, ella querendo poer em obra esta maldade e destemperamento hũa noite as hervas que lhe desse a beber, com que morresse, foy hũa sua covilheira e vyo aquello que a condessa fazia e entendeo bem o que era. Esta covilheira fazia mal de sua fazenda com hũu scudeiro do cõde e descobriolhe este feito, dizendolhe em como a condessa querya matar seu filho com beber de peçonha. E o escudeiro foi logo dizer ao conde e disselhe a maneira como se guardasse.

E esto lhe disse ella cõ muy grande medo, por que lhe foy necesario de lhe descobryr o seu feito e da covylheira. E aquelle scudeiro e a covilheira casou despois o conde; e dally võe os monteiros d’Espinhosa que guardam os reis de Castella; e esta guarda lhes foy dada por aquello que assy aconteceu.

E, quando a madre quis dar aquelle beber a seu filho, o conde, elle nõ o quis tomar, mas rogou a ella que bevesse primeiro. E ella disse que o nõ faria, ca lhe nõ era mester. E o conde lho rogou muitas vezes. E ella o nõ quis fazer em nõ hũa guisa. E elle, quando vyo que o ella nõ querya fazer por rogo que lhe elle fizesse, entendeo que era verdade o que lhe ²⁰² disserom e fezlho beber per força. E dizem algũs que tirou a espada da baynha e disselhe que, se o nõ bevesse, que lhe cortarya a cabeça. E ella, com aquelle medo, beveu o vynho. E, como ho ouve bevudo, cayo logo morta em terra.

Entom o conde ouve desto grande pesar e quebranto, por que assi fora morta sua madre, por a qual cousa / [162a] elle despois fez hũu mosteyro muy nobre e poselhe nome Onha, polla senhora. E, por que a condessa dona Sancha era theuda por senhora em todo o condado de Castella, mandou o conde tolher daquelle nome Myonha aquelle «my» que vem primeiro ãno nome de Myonha.

Mas agora leixaremos aquy esta razom e tornaremos de como foy o conde dom Sancho lidar cõ os mouros.

CAPÍTULO CDI

Como o conde dom Sancho foy correr e roubar o reyno de Tolledo e de Cordova

Andados treze annos do reynado del rey dom Afonso de Leom – e esto foy na era de mil e vñte e cinco annos e o anno da encarnaçom de Nosso Senhor Jhesu Cristo em oyteenta e sete annos – o conde

dom Sancho, nõ podendo sofrer o torto que os mouros lhe fizeram e lhe matarã seu padre, chamou os Leoneses e os Navarros; e esto polla postura que ouverom com seu padre de se ajuntarem hũus com os outros quando lhes tosse mester. E tirou logo sua hoste muy grande e foyse pera ²⁰³ o reyno de Tolledo. E correo e estragou toda a terra e levou della grandes roubos; e, o que ficava, queymou todo. E tanto mal fez aos mouros daquella vez que bem ataa Cordova chegou entom, queymando e estragando as terras. E nõ quedou de lhes fazer mal em quanto podia nõ querya quedar d'hyr por diante, ou lhe dessem batalha el rey de Tolledo e el rey de Cordova. E elles, veendo o mal que fazia na terra, deronlhe ambos grãde aver e muytas doas por averem com elle paz.

Mas agora leixare/mos **[162b]** esto e diremos dos mouros e dos cristãaos.

CAPÍTULO CDII

Como Çolleima, rey de Cordova, matou todos aquelles que se lhe queriam alçar. E de como lidaram o conde dõ Sancho e Çolleima cõ Mahomat Almohadi e como o vencerom

Andados quatorze ãnos do reynado del rei dom Afonso de Leon – que foi na era de mil e viinte e seis annos – em este anno os de cordova, veendosse assy mal treytos de Mahomat Almohadi que lhes assy avya mortos muytos dos seus, alçarom entõ por principe hũu mouro de terra de Berberya que avya nome Çoleima e era sobrinho daquelle Yssem Arasit que Mahomat descabeçara.

²⁰⁴ E, elles andando assy pella terra, aconçeio que hũa partida daquelles Barbaros quiseron outrossy alçar por caudel hũu mouro, seu cuyrmãao, que avya nome Murinham. E deronlhe hũu cavallo e hũa espada e disseronlhe que, se elle podesse matar Çoleyma, que logo o alçariam por rey. Mas esto soube logo Çoleyma per hũu seu amigo que lho descobryo e lhe conssehou que os prendesse. E elle fez logo prender aquelles Barbaros e fez outrossi prender aquelle seu cuirmãao, Murynham, e deitouho ã grandes prisõoes.

E, desque esto ouve feito, pos suas tregoaas muy firmes e boas com dom Sancho, conde de Castella, e ãvyoulhe logo grande aver pera elle e pera suas gentes, pera o averem de ajudar cõtra aquelle Mahomat Almohadi. E o conde tirou logo sua hoste muy grande e guysousse muy ben e foy ã sua ajuda.

Aquelle Mahomat Almohadi, quando soube em como viinha o conde dom Sancho em ajuda de Çoleyma / **[162c]** sobre elle, ãviou logo seu recado a Medinaçalle e a outros muytos logares que lhe vehessem acorrer. E elles veheron logo e veheo hy com elle de Medynaçale hũu mouro Alhabibi, que avya nome Albahadi Alhemery.

E os que eram dentro ãna cidade, avendo coraçom de lidar con a hoste do conde dom Sancho, mandarõ achar as carcovaas e todollos logares embargados d'arredor, per que podessem a elles sayr mais sem embargo.

E, pero que lhes defendeu Mahomat que nom saíssem a elles, nõ o leixarom elles porem de fazer.

E, depois que se ajuntarom as hostes hũas com as outras, ouverõ muy grande batalha. Mas, aacima, venceu Çoleyma cõ ajuda do conde dom Sancho, ca os cristãaos lidavã muy fortemente e muy esforçadamẽte. E morrerõ em aquella batalha, dos de Mahomat Almohadi, trinta mil mouros. E entrarom os cristãaos o arravalde de Cordova e matarom hy e cativarõ muytos mouros e levarom ende grandes roubos e destroirom todo o al.

²⁰⁵ E, quando aquelle mouro Albahadi Alhemery vyo tam grandes mortĩidade em sua cõpanha, tevesse com aquelles que lhe ficarom que veherom de Medinaçalle e fogio. E Mahomat Almohadi, quando aquello vyo, tirou da prisom rey Issem, o que dissemos ante desto que fezera creer ao poboo que era morto, e mostrouho a todos que o vissẽ e consselhavaos que tomassem ante elle por rey que Çoleima. Mas tanto foy grande o medo que ouverom todos aquelles que esto ouvyrom que por nõ hũa cousa que elle dissesse nõ lho pode fazer creer que aquelle era Issem. E Mahomat, quando esto vyo, foyse esconder ã casa de hũu Allarve que avya nome Mahomed, o Tolledãao; e, estando todo como desemparado, fugio de noite cõ aquelle mouro To/lledãao. **[162d]**

Çoleyma, quando esto soube, tomou a cidade de Cordova per força e asenhorousse do alcacer e apoderousse do reyno sete meses. E esta batalha foy muyto nomeada antre os Allarves e dizem que a batalha Cantiza.

E, depois desto, Çoleima, nõ se fiando nos de Cordova, sayusse da cidade e andava pellas terras e logares d'arredor que eram apreto da villa com todos esses cristãaos que eram com elle. Mas os mouros de Cordova ouverõ hũu dya seu acordo que fossem a Çolleyma e que lhe dissessem que entrasse enna cidade e que se nõ temesse de nem hũu. E elles forõ a elle e disseronlhe aquello por que hyã. E disselhes entom o conde dom Sancho:

– Como fostes ousados de vĩir aco? Ca tres synaaes de loucura mostrastes ã vossa viinda. A primeira, quando fostes medrosos e cometestes connosco a batalha, sendo vos muytos e demais nos poucos e vos vencestes e fogistes, o que he ainda mais vylanya que loucura. A segunda, por que vehestes

aca, nõ vos segurando nos. A terceira, errastes e pecastes malamẽte contra Deus e contra natura, quando nõ quistes comprar vossas mulheres e vossos filhos e os outros homẽes da vossa ley, estes que ora nõs cativamos em esta batalha.

E foram spãtados daquellas pallavras que o conde dizia. Mas, depois que Çoleyma ouve assessegadas as razõoes da cidade com pallavras manssas e grandes averes que lhes deu a todos e seendo elle ja seguro ²⁰⁶ dentro ãna cidade, veolhe a dizer hũu mouro daquelles de Berberya em esta guisa:

– Senhor, se te a ty prouguesse e o por bem tevesse, matariamos nos estes cristãaos que sã aquy contigo, ca muyto asynha o pode/remos [164a] fazer. Ca, assy como agora servẽ a ti, bem assy podem servyr a outro que seja contra ti e desto te poderia viir grande dampno.

Respondeo Çoleima:

– Elles ham segurança de mĩ e per ella som viindos a me servyr e porem nom faria nem consenterya tal maldade como esta.

E, por que Çoleima ouve medo que poderia viir aos cristãaos algũu perigoo de tal feito como aquelle mouro dissera, deulhe muy grande aver e mandoulhes que se fossem. E elles tomaron aquello e tornaronse pera Castella muy ricos e honrrados.

Em este anno morreo o papa Gregorio e foy posto em seu logar Johanne, o XIII^o, e foram com elle cento e quareenta e tres apostolligos. E morreo logo a cabo de tres meses e poseron logo em seu logar Silvestre, o XIII, e foron com elle cento e quareenta e quatro apostolligos.

CAPÍTULO CDIII

Da batalha que ouverom antre sy Mahomat Almohadi e Çolleyma e foy vencido Çolleyma

Andados quinze annos do reynado deste rey dõ Afomso – que foy na era de myl e XXVII annos e o anno da encarnaçom de Nosso Senhor Jhesu Cristo em novecentos e oiteenta e nove annos – aaquelle mouro Alhabibi ²⁰⁷ Alhemeri, de que avemos dicto ã esta estorya, chegarom muytas companhas de todas partes, assy de mouros come de cristãaos, antre os quaaes cristãaos viinhã dous altos homeens – e hũu delles avya nome Armẽgando e outro Vermudo. E, depois que ouve ajuntada grande hoste, veosse com ell pera Mahomat Almohadi, o que dissemos que entom era em Tolledo. E Mahomat outrossy chegou com muy grande companhia. E foronsse ambos pera Cordova.

[164b] E Çolleyma, logo que o soube, fallou cõ os de Cordova que saissem com elle pera o ajudarem contra aquelles que assy viinhã sobre Cordova. E elles, nõ avendo ainda perdido seu maaos costume de trayçom, escusaronse com hũas feas razõoes que nõ vallyam nada. Entom, veendo aquello, os Barboros disseronlhe:

– Senhor, pois os de Cordova nom querem hyr contigo nõ des porem nẽ ajas medo, ca nos iremos contigo e te ajudaremos de coraçom e muy bem ataa morte.

E Çoleyma fiousse em aquella pallavra e sayu cõ elles muy esforçadamente contra aquelles seus inmiigos. E ficou suas tendas em hũu logar a que dizem em aravigo Atanat Albatar, que he a nove legoas de Cordova. E, ante que chegasse a hoste de Mahomat Almohadi a pousar, foy Çolleyma feryr em elles e matou muytos delles, em tal guisa que muytos cuydarõ que morto avyam hy aquelle Mahomat Almohadi.

Entom os de Mahomat cobrarõ corações fortes e tornarom aa batalha e começarõna de cabo. E, por que os cristãaos que viinhã com elles erã muy fortes e lidavã muy de ryjo, ouveronsse de vencer per força os da parte de Çoleima. E matarom muytos delles sem conta, assy que nõ escaparam entom se nõ muy poucos. E Çolleyma, quando vyo os mais dos seus assy mortos, fugio ²⁰⁸ com aquelles que lhe scaparõ e foyse pera hũu logar que chamã Azafram. E esteve hũus dias. E depois tomou dessas cousas que lhe eram compridoiras e foyse dally pera Citava. E os de Cordova veherõ entom sobre elle em Azafram e ouverõ hũu tal logar que poderom entrar. E, como foram dentro, quantos poderõ achar da parte de Çolleyma, todos os matarom e tomaronlhes quanto lhes acharom. E, desque esto ouverom feito, tornarõse pera Cordova e tomaron outrossy quan/to [164c] hy acharõ dos Barboros e todallas nobrezas que elles hy leixarõ de que se honrravã em suas festas e sollempnidades, assy como lampadas d'ouro e candeas e coraaes de prata e panos e livros e todallas outras cousas preçadas e levarom todo pera a mizquita mayor da cidade. E esta batalha foy muyto nomeada e gabada antre os mouros e foy feita quando andava ho ãno dos Allarves em trezentos e seis ãnos. E dizem que teve Mahomat Almohadi em esta batalha trinta mil cavalleiros de mouros e de cristãaos nove mil.

Feito esto, veheosse Mahomat pera Cordova e foy recebido de todos por rey. Outrossi obedeceolhe Yssem que fora rey em outro tempo. E, por que esta boa andança que veo a Mahomat Almohadi, foy esse Alhagib tornado ã seu officio e elle ordenava todallas cousas do reyno, de guisa que Mahomat nõ avya hy de veer se nõ a nomeada que avya de rey.

Em como os de Cordova prenderõ Mahomat Almohadi e fezerom a segunda vez rey aquelle Yssem, de que ja avemos dicto

Quando forom andados quinze ãnos do reynado del rey dõ Afonso, ãvyarom os Allarves e os outros honrrados officiaes a Mahomat Almohadi per seus messejeyros que, se o elle por bem tevesse, que elles lhe perdoariam todollos erros e tortos e mal feitoryas que lhes elle fezera, e que soltasse aquelles que tiinha presos. Quando esto ouvyo Mahomat, outorgouho e prouguelhe muyto e mandouhos logo soltar todos e deulhes grande algo do seu a cada hũu e ãvyouhos todos. Mas, despois a poucos dias, veheronse elles pera Cordova e começaram a meter boliço antre os mouros / **[164d]** do logar.

Em aquella sazõ era hy com aquelle Mahomat Almohadi o conde dom Reymõ, nõ aquelle que foy padre do emperador mas outro, e outros muytos cristãaos com elle. Este conde, entendendo o mal e o escandallo que poderya vñir depois por taes cousas como el rey mandava fazer ã mandar tomar aos Barboros quanto avyã enna cidade, e outrossy por que elle era muy esquivvo e errador aos da cidade, e demais que elle ouvya dizer aos mouros que, assy como os de Cordova matarom e destroyrom aos Barboros, bem assy se trabalharã de matar elle e os cristãaos que com elle eram, entom, veendo o conde estas cousas, disse a el rey que se queria hyr pera sua terra, pois que avya servido o tempo que cõ elle posera. E el rey lho outorgou. E o conde foyse entom pera sua terra com todolos outros cristãaos que hy eram com elle.

²¹⁰ El rei, depois desto, mandou fazer a carcova em redor da cidade quando sayrom aa batalha que ouverom cõ Çolleima, assy como ja avemos dito. Desy pos sua postura com os da cidade que faria a terça parte e que fizessem elles o mais.

En todo esto, os Barboros que scaparõ da batalha andavapell a terra destroyndo e queymando villas e logares, assy que muytas dellas avyam despobradas. E os Allarves que forom a Zitava a matar os de Çolleyma, quando virom o mal e o estragamento que os Barboros pella terra andavã fazendo ãna Andaluzia, ouverõ seu conselhe; ã matar Alhabibi Alhemeri; e com conselhe delles se fez quanto se despois fez. Desy, em hũu dia de Pascoa dos mouros, enna qual elles fazem grãde festa, ãvyarõ seus homẽes ao alcacer, que prendessem Mahomat Almohadi. E elles forom alla e tomarõ logo o alcacer e prenderõ Mahomat Almohady / **[165a]** e trouverõno.

Entõ elles tirarom da prisom Issem, o que ja outra vez fora rey, e alçaronno outra vez come de cabo por rey. E trouxeronlhe logo aquelle Mahomat que tiinha preso. E Yssem, quando o vyo, disselhe:

– Tu es treedor a Deus e a mñ, que fezeste matar todollos mouros que eram cõmigo e tomastelhes todos seus averes que avyam e fezeste a muytos perder e andar pobres e mizquinhos. E, depois que esto ouve dito e outras muytas cousas, mandou logo a hũu algoz que o escabeçasse e que despenasse o corpo de cima do muro enna rua. E logo assy foy feito. E fezerõno todo em peças e tomarom a cabeça e poserõna sobre o muro. Mas primeiro a trouxerom per toda a cidade. E avyam em esto todos grande alegria, ca se acordavã dos malles e tortos que delle recebiam.

E, depois que esto assy foi acabado, veherom bõs homẽes pedir aquelle corpo a el rey pera o averem de soterrar. E el rei deulho e foy soterrado em ²¹¹ hũu cabo da mizquita. E mandou el rey tomar a cabeça delle e mandouha a Çolleyma que entom morava ã Citava, cuydando que, logo que a vysse, que se tornaria seu vassallo.

Em aquella sazõ morava em Tolledo hũu filho daquelle Mahomat, que avya nome Abdella; e era muyto amado de todos. E Çolleyma, logo que ouve tomada a cabeça, ãvyouha a aquelle Abdella e com ela mil maravedis. E elle com os de Tolledo tomarom a cabeça e enterrarõna na mizquita.

CAPÍTULO CDV

De como os Barboros correrom terra de Cordova e de como foy a elles rey Issem

[165b] Andados dez e seis annos do reinado del rey dom Afonso de Leom – e foy esto enna era de mil e XXIX ãnos e o anno da encarnaçõ de Nosso Senhor Jhesu Cristo em novecentos e noventa e hũu e o de Octavyano, o segundo emperador de Roma, em dez e sete – em esse anno aquelle Issem, depois que ouve o reyno e foy poderado em elle e fez Alhazibi Alhameri poderoso assy como fora em tempo de Mahomat Almohadi, mateve seu reyno muyto em paz. E pose dos seus cavalleiros pellos castellos e villas e pellas terras que guardassem os portos e os logares das entradas. E mandou dizer aos moradores das terras que estevessem aparelhados pera cavalgar com ele, quando andasse pella terra ou cavalgasse pella cidade. E esto fazia elle cada dia e prazia dello muyto a todos e amavãno por ello mais que da outra vez, quando fora rey e nõ se chegava nem hũu a ele nem leixavam entrar onde elle estava por seer melhor guardado – e esto por que viinha do linhajem dos reis. Mas elle assy se sabya aver com o seu poboo que todos o desejavã veer e o amavam muyto.

²¹² Hũu dya, andando elle per seu alcacer catando sua fortelleza e veendo as sepulturas dos reis, quando vyo a sepultura de seu padre e de sua madre e daquelle cristão que por elle fora morto por Mahomat Almohady, como ja dissemos, disse entom:

– Em este logar quero eu aver mynha sepultura.

Mas, com todo esto, os Barboros, de que ja dissemos, não quedavã de dar guerra e correr toda a terra em redor de Cordova, de guisa que destroirom e estragaram Eceja e Carmona toda a ribeira / **[165c]** d’Alquyvir. E tam grande foy o medo que meterom per toda a terra que tam soamente não ousavã sayr nem hũus cavalleiros de Cordova a Nova a Cordova a Velha nem aos logares em que tiinhã suas atallayas, tam malamente corriã a terra. E tam grandes dampnos fazia que muytos logares ficavã despoboados pollo grande medo que delles avyam. E tomavam os Barboros os logares, dos quaaes, con medo delles, não ousavã a trager nem hũa vyanda a Cordova nẽ sayr do logar. E, por esta razom, ouve de vñir na cidade de Cordova tam grande fame que se não podyam dar a consselho.

Quando esto virom os da cidade de Cordova, foram a Issem e disseronlhe como estavam em este perigoo e que saísse e ouvesse com elles batalha e os deitasse da terra, ca, por muyto mal que elles faziam, não podyam ja sofrer o mal da fome. E disseronlhe:

– Senhor, a tua longa paciencia nos he muyto danosa.

Esto diziam elles por que el rey fazia semelhança que mandava seus mesejeiros aos Barboros que se tornassem pera ele. E esto fazia elle por que sabia muy ben a covardice dos de Cordova; e por se nom queixarem e os aver pera sy fazia tal infinta.

Despois desto, veherõ a elles dous homeens bõos que andavam com Çolleyma e lhe disserom:

– Senhor, sabe por certo que aquelles que som do teu linhagem ãvyarom dizer a Çoleima e aos Barboros que se vehessem pera Cordova e que elles lhe guisariam como o podessẽ fazer.

²¹³ E Yssem, logo que esto ouvyo, mandou feryr os atabaques pera se chegarem a elle todollos da cidade. E fez logo prender os do linhagem de Abenhumaya, o que fora neto de Mahomede, o que fora grande profeta dos mouros. / **[165d]** E mandoulhes tomar quanto avyã.

E os Barboros veherom aquelle dya que com elles avyam posto. Quãdo os de Cordova esto virom, entrou antre elles grande bolliço e tal alvoroço que esto foy grande maravilha. Mas el rei Issem armousse logo e fez armar quantos com elle tiinham e sayu muy esforçadamente contra os Barboros e foy a elles onde tiinham suas tendas. E os Barboros, quando ouvrom dizer como el rei viinha sobre elles, ouveron muy grande medo e fogirom. E el rey, veendo em como fugiram, mandou empos elles; e não os poderom alcançar.

E os Barboros, pero que não ousavam com el rei vñir a batalha, não leixavã porem fazer pella terra quanto mal podyam, queymando e estragando quanto achavã. E entom pos el rei per todollos estremos do reyno suas atallayas e emculcas por guarda da terra quando os ãmiigos vehessem.

CAPÍTULO CDVI

Da postumeira que fez o conde dõ Sancho com Yssem, rey de Cordova, por os castellãos que lhe deu

Quando foron andados dez e sete ãnos do Reynado del rey dom Afonso de Leon – e foy esto enna era de mil e [...] annos e andava o anno da encarnaçõ de Nosso Senhor Jhesu Cristo em novecentos e noventa e [...] ²¹⁴ annos – em este anno, Yssem, depois que ouve hordenado todallas suas cousas que vyo que lhe erã mester no reyno, tirou sua hoste muy grande e foi buscar aquelles seus inmiigos que lhe andavã fazendo dampno pello reyno. E todollos que o assi viiã hyr a grande presa eram dello maravillhados, por que sempre o viiã estar êcarrado ã seu alcacer. / **[166a]** E, pero que os Barboros não ousavam de vñir com elle em batalha, mandavalhes elle prometer muy grande algo e que se tornassem pera elle. E Çoleyma outrossi com Berberiis que eram com elle ãvyavã cada dia dizer a Yssem que lhes desse do seu aver per tal guisa que elles fossem delle contentes; se não, que se não partiryã de lhe fazer mal e guerra. E tanto era o aver que Çoleyma e os Berberiis demandavam que Yssem ante se quis despoer aa morte que lhes dar o que elles demandavõ.

Quando Çolleyma vyo que lhe não avya prol sua demanda, ãvyou seus messejeiros ao conde dõ Sancho de Castella, que lhe daria seu aver quãto elle quisesse e outras muitas doas e que o honrraria quanto el podesse, e que o vehesse ajudar contra el rey de Cordova. O conde, quando ouvru este mãdado, prouguelhe muyto, pero quis husar de arte com os messejeiros e nom lhes quis dar resposta tam asynha. E entom fez esta razom saber a Issem, rey de Cordova, e ãvyoulhe dizer que, se lhe elle fizesse o que Çoleyma lhe prometia, que ante o ajudaria que Çoleima. E o que lhe sobre esto demandou era que lhe desse seis castellos que Almançor ouvera de cristãos em outro tempo; e que Yssem lhos desse logo.

E, quando el rei vyo o que lhe o conde dom Sancho mandava dizer, como quer que lhe parecesse agravo, ouve consselho cõ os seus mouros do que sobre ello faria. E, por que o desacordo crecia antre elles cada dia, acordarom que lhos dessem. E elle deulhos logo, ca elles não lhes eram proveitosos por a

grãde custa que avyam ã nos manteer.

En todo esto, alçarom os de Tolledo por rey Abdella, filho de Mahomat Almohadi, o que ja avemos dito. E, como Yssẽ esto / **[166b]** soube, mandou a Tolledo hũu seu alguazil e com grande hoste que os cercasse e que se nom partisse dally a menos de tomar a cidade. E o alguazil fez como lhe el rei ²¹⁵ mandou. E tanto guerreou cõ os de Tolledo que per força lhe ouverom de abryr as portas e recebello dentro com sua hoste enno alcacer. E, depois que elle ouve esto feito e tomada a mayor parte da villa e metida so o senhorio, prendeu aquelle rey Abdella e ãvyouho vyvo a Issem. E elle, quando o vyu, mandoulhe cortar os narizes e as orelhas e fezeo despenar da ponte no rio.

Em todo esto, nõ quedavam os Berberiiis de correr Cordova cada dia e fazer quanto mal podyã. E, em aquella sazom, avya grande carestia de pam em Cordova, de guisa que vallya a fanega do trigo triinta maravedis da moeda que entõ corrya. E, sem esto, cayo em elles grande tempestade de pestellença e por esta razom fugyã os mais delles e alçavansse ennas serras.

Entõ Alhagib Alhameri, o que avemos dicto, ãvyou suas cartas em puridade a Çolleyma e aos Berberiiis, como se querya hyr pera elles com todo quãto avya. Mas esto nõ pode seer tanto em puridade que o logo nõ ouve de saber Yssem. Mas Çoleyma, logo que ouve leudas as cartas, ãvyou dellas a resposta a Alhagib. Mas Issem ãvyou logo seus môteiros por elle e demandoulhe aquellas cartas que Çolleyma lhe ãvyara; e elle ouvelhas a dar. E Yssem, logo que o soube, o que ellas diziam, mandouho escabeçar e que trouxessem a cabeça delle per toda a cidade por esta treiçom que cuydara, que todos soubessem que por este feito o mandava matar.

E, por os grandes dãpnos e guerras que os Barboros avyam feitos, despoboavasse a terra e os lavradores de / **[166c]** cujos logares viinha o pam e os outros mantiimentos, por a qual razom era ã grande coita e lazeira, assy os da cidade como os de fora, da angustura da fame. E os Barboros, nõ se podendo ally sofrer, foronsse pera Sevilha. E, assi como chegarom, acharom toda a terra herma e vazia dos Allarves e dos outros homẽes. E elles entom ²¹⁶ correrom o eixarafe; e queymavam e estragavam quanto achavam. E desi tornaronse a deitar sobre Sevilha e cercarõna.

E Yssem, logo que o soube, ãvyou allo o seu algazil que avya nome Sabor e outro a que diziam Arcom cõ quantos cavalleiros pode aver, que defendessem a terra. E os Berberiiis, logo que esto ouvirom, levantaronse dally e foronsse andando pella terra e chegarõ a Callatrava e tomarõna; e acharom hi vianda quanta quiserom. E dally corryam e estragavam toda a terra.

CAPÍTULO CDVII

De como Çolleyma filhou Cordova e fugio Yssen pera Affrica

Andados dezoito annos do reynado de dõ Afomso – e foy esto enna era de mil e triinta e hũu annos e andava o anno da encarnaçom ã novecẽtos e novẽta e tres e o de Octavyo, emperador de Roma, em dez e nove – em este anno ãvyou Çoleyma a Almudar que eram reys de Saragoça e outro homẽ que era de Medyna Alfragel, a que agora dizem Auga d’Alfajara, e a todollos outros mouros poderosos da terra, que o vehessem ajudar contra Yssem, rey de Cordova, e que lhes leixaria de fazer mal em suas terras. E elles fezerõno logo e veherõno ajudar. E, depois que todos foram ajuntados em hũu, veherõ a Cordova e cercarõna.

Entom Çoleyma mandou dizer aos / **[166d]** de dentro que lhe dessem a villa, mas elles nom o quiserom fazer. E mandou entom Çoleyma combater a villa de cada parte muy de ryjo e achar toda a carcova de pedra e de terra. ²¹⁷ E matarom hy muytos dos seus. Pero comprirom o que elle mandou. E tomarõ per ally hũa grande parte da cidade, naquelle logar a que dizem a Axeterra. Pero os da cidade saïrom a elles e matarom hy muytos dos de fora e fezerõnos sayr. Mas, cõ todo esto, os Berberiiis combatyam de todas partes a cidade. E aveo assy que hũu porteiro, que avya de guardar as portas da villa, ouve sua falla com os de fora, de guysa que lhes leixou hũa noyte hũa porta aberta. E elles entrarõ dentro e poserom logo fogo ennas tendas em que se vendyam as cousas da vylla e matarõ dos mouros da villa tantos que nõ avyã conta e roubarõ quanto acharom. E, os que ally escaparõ da morte, diz a estorya que os achou depois a espada enna Axertera.

Desy, a cabo de tres dias, depois que elles ouverõ feito todo este mal aos de Cordova, meteronsse todos so o senhorio de Çoleima.

Depois que este Çoleyma ouve cobrado o senhorio da cidade, foy ao alcacer e tomouho e apoderousse delle. E os Berberiiis meteronsse pella cidade e roubarõ e tomarõ o que quiserom. Os de Cordova, quando tanto mal virom sobre sy, tomarom Yssem, que era seu rey natural, e tirarõno for a da cidade em paz e leixarõno hyr sem outro mal nem hũu que lhe fizessem; e leixarõno hyr livre e quite pera onde elle quisesse. E elle fugio e passou o mar e foyse pera Africa.

Empos esto, depois que Çolleyma ouve metido todo o reyno so seu senhorio, reynou daquella vez / **[167a]** dous ãnos e vyveo em Cordova muyto a seu prazer e em grande honrra ataa o dya que o

matarom. Mas os naturaes da cidade vironse em grande mizquyndade, pobres e muy lazerados. E os Berberiis foram entom a Çoleyma e demandaronlhe todos ã hũu que lhes desse villas e castellos por herdade que fossem suas pera sempre. E elles eram seis linguaçẽes; e dizem os mouros por linguaçẽes e dizem os mouros por linguaçẽes «cilajueras» em aravigo. E deu entom a cada hũus delles seus logares nomeados, que os ouvessem por herdade pera sempre.

Em este anno morreo o papa Silvestre e foy posto em seu logar Johanne, o quynzeno, e comprironsse com elle cento e quareenta e cinque apostolligos.

²¹⁸ CAPÍTULO CDVIII

Em como hy Hairã Alhameri fez guerra a Çolleyma

Andados dez e nove annos do reynado del rei dom Affonso – que foy na era de myl e triinta e dous annos e o anno da encarnaçom de Nosso Senhor Jhesu Cristo em novecentos e noventa e quatro e o do emperador Enrrique em hũu – em este ãno, veendo os honrrados homẽes e sabedores em como cada dya crecia o bem e a honrra a Çolleyma, ouverom grande pesar. E estes eram dos que sohyam de guardar rey Issem. E, outrossi pollo quebrãto em que se viiã, alçousse cada hũu per onde pode. E avya hy antre estes hũu poderoso a que diziam Hairan Alhameri. E este fogira por o medo de Çolleyma, quando tomara Cordova. Ca elle hyndo fugindo, saïrom a elle os Berberiis e deronlhe feridas de morte, / [167b] de guysa que o leixarom por morto. E tomouho hũu mouro da cidade e meteo ã sua casa e teveo hy escondido ataa que foy sãao. E outros do seu linhagem, a que chamavam crastados, que escaparom daquella revolta, fogirom pera terra de Murça e tomaron o castello d’Ourio e tenerõno.

Tanto que este Hairam foy bem sãao, foyse logo pera os seus que tiinhã Ouryolla e elles tomarõno por senhor e entregaronlhe o castello. E, daquelle logar, começou Aïram de fazer a Çoleyma quanto mal pode. E chegarõsse a elle muytos cavalleiros, em tal maneira que se ajũtou a elle muy grande cavallarya de mouros.

Entom hũu mouro que avya nome Afla alçarasse com o alcacer d’Almaria contra hũu mouro que avya nome Abenhamit e tornou-se vassallo d’Ayrã, por tal que o fosse ajudar, assy como adiante ouviredes.

Em este anno nõ achamos mais que dizer que a esta estorya perteença, se nõ tanto que morreo o papa Johanne e foy posto em seu logar Johanne, o XVIº, e foram com este cento e quareenta e seis apostolligos.

²¹⁹ CAPÍTULO CDIX

De como Aïram tomou Almaria e Jeem e Beeça e agora lançou ende os Berberiis

Andados viinte ãnos do reynado de dom Afonso, rey de Leon – e foy esto enna era de mil e triinta e tres annos e o anno da encarnaçom de Nosso Senhor Jhesu Cristo ã novecentos e noventa e cinco – em este anno Aïram Alhameri e Abenamit, com grande poder de cavalleiros, foram sobre Almaria e cercarõna e combaterõna todo aquelle dya cõ muytos engenhos. E, a cabo de viinte dias, foy tomada. Desy tomarom Afla e seus filhos e deitarõnos no mar alto. / [167c] E, depois desto, ajudando Deus, Ayrã, assy como dizemos, deitou de Jeem e de Beeça e de Arjona todollos Berberiis. Aquel Aïram amava muyto Yssem e, que quer que el guanhava, em seu nome o gaanhava e sempre fazia por elle aquella oraçõ que por os reis suhyam fazer. E ainda a vyngar os tortos que fezera Çolleyma. E outrossy aquelles que tiinhã as villas e os castellos de mãao de Yssem ajudavam Aïram quanto mais podyã cõ os corpos e averes.

CAPÍTULO CDX

De como Ally foi alçado por rei e matou Çolleyma e de como Aïram foy vencido e da morte de Ally

Andados viinte e hũu annos do reynado de dom Afonso – e foy esto enna era de myl e triinta e quatro annos e o anno da encarnaçom em novecentos e noventa e seis e de Anrrique, emperador de Roma, em dous – em ²²⁰ aquella sazom avya em Cepta hũu mouro que avya nome Ally Abenhamit, que ouvera hy posto por adyantado Yssem. E a este Ally Abenhamit mandou dizer Aïrã que se vehesse logo a Mallega e que se trabalhasse como fosse rey. E Ally passou logo o mar e veeosse pera Mallega e foy bẽ recebido de todos e alçarõno logo por rey. E Ayrã evyou logo dizer aos de Eceja e de Graada e das outras villas d’arredor que vehessem logo a Mallega obedecer e fazer vassallagem a Ally que hy era alçado por rey. E, depois desto, mãdou Ally dizer Aïram que vehesse a elle a Mallega que avyam muyto de fallar

com elle, em razõ de hyr sobre Cordova e levar seus vasallos e amigos e quantos cada hũu delles podesse ajuntar. E Ayrã veo logo cõ os concelhos d'Eceja e de Graada. E ouverõ seu consselho e poseron certo dya a que fossẽ / [167d] ajuntados.

Feito este acordo, sayu de Malega Ally e, d'Almarya, sayu Airam e Gilteyam, de Graada, e os concelhos, de terra d'Eceja e doutros logares; e ajuntaronse todos enna campina de Cordova. E logo Çolleyma, com os Berberiis e con os moradores da cidade, sayu a elles e ouverom sua batalha muy grande. E foy Çolleyma vencido cõ os seus. E prenderonlhe hũu alguazil que avya nome Adub e descabeçarõno logo; e matarom hy muytos dos Berberiis. E, em cabo, prenderom Çolleyma e seu padre e hũu seu irmãao que era hy com elle e apresentarõnos ante el rey Ally. E elle, quando os vyu, começou de doestar e trajer mal a Çolleyma, por que fezera traçom contra seu senhor, Yssem. E desi elle per sua mãao matou Çolleyma e seu padre e seu irmãao. E dizem que o padre de Çolleyma foy morto sem culpa, por que era homen bõ e sem mal e nũca fora em consselho daquello que os filhos fezerõ. Mas Ally, temendosse que, se Yssem vehesse e achasse a vyngança de Çolleyma por fazer, que lhe faria por ello mal e lhe tolheria o reyno, por esso matou elle Çolleyma.

Feito todo esto, veherõ todollos da cidade de Cordova e tragiã antre sy todos aquelles que com Çolleyma sohyam d'andar; e fezelhes que lhes obedecessem assy hũus como os outros. E, assy como dissemos, foy elle senhor per esta guisa de todo o reyno. Mas Airam, temendosse de Aly que per ventuira lhe averia algũu maaõ achaque em algũa cousa, tornou-se pera Al ²²¹ marya e a Eceja a Graada. E, logo a pouco tempo, por que Aly nõ lhe quis guardar a postura que com elle fezera, mandou sua carta a Mundar, filho de Ynhayam, que era senhor / [168a] de Saragoça, que vehesse a elle e que hyriã sobre Cordova e tolheriam o reyno a Ally. E ajuntaronse ambos ãna villa que chaman Gaudiex e dally moverom e foronsse pera Cordova. E entom sairom os Berberiis contra elles e lidarom todos e forom mortos os Berberiis; e morrerom dos d'Ayrã e de Mũdar muytos ademais.

E aconteceu logo que Airam Mundar se desaveherõ alli. E Airam buscou enno linhagem de Aben Humayã se poderia achar algũu que fosse pera seer senhor do reyno e achou hy hũu que avya nome Abdarraham, que era bõ e mansso e sofrudo e muy amado de todos. Este cuydou que Airam alçar por rey. Mas, logo que o soube Ally, veo contra Airam e correo com elle de castello em castello e de logar ã logar, fazendolhe muyto mal a elle e aos seus. Pero Airam nõ leixava com todo esto de se trabalhar quanto elle podya em fazer Abderame rey.

E Airam, estando em Jeem, ouve mandado ã como Gulffayã, o que avemos dicto, lhe viinha correr hũu castello seu. E Ayram, logo que o soube, foyse pera allo ho mais toste que pode. E, passando per Guadies, achousse com aquelle Gulffayam e ouverom ally sua batalha. E foy vencido Ayrã com toda sua cavallaria. E morrerom hy muitos dos seus e nõ por al se nõ por sua covardice e esto por nõ ferir esforçadamente enna batalha. E os que desto scaparon foronsse pera Almaria. E Airam acolheusse a Beeça. Mas, quando buscarõ Airam e nõ o acharom, forom todos torvados. E Airam, quando esto soube, ãvyoulhes dizer que era ãnos Alcandilhes, que era hũu castello de Baeça honde estava escondido.

²²² [168b] Quando os seus esto ouvirõ, forõ muy ledos e foronsse logo pera elle e tirarõno dalli e tornarom outra vez contra Gulffayã e lidarom com elle; e duroulhes a batalha quatro dias, pero enfim venceu Airam aquella vez e trouxe muito mal os outros.

Mas, quãdo ouvya Ally em como Airam fora vencido e fogira, foy elle muyto allegre e, cõ o grande prazer que entom ouve, mãdou tomar quantas armas pode aver e foyse pera Jeem com muy grande hoste. E da cidade sairom a elle com sua syna tendida a recebello, tãgendo suas trombas, fazendo grandes alegrias com elle. E, depois que Ally ouve o alcacer de Jeem, entrou em banho hy dentro ão alcacer. E algũs daquelles a que dizem crastados, que o guardavõ, matarõno hy dentro enno banho. E saironsse logo hũu e hũu, por tal que nõ fossem descubertos, e foronsse sua carreira, assy que os de fora nõ entenderõ ã hũu cousa.

Quando os cavalleiros de Ally virom que tardava enno banho, entrarom a elle e, quando o acharom morto e a cabeça quebrada per muytas partes, forom maravilhados quem fora o que tal cousa ousara fazer. Entom o concelho da cidade, quando virom este arroido, acolheronsse ao castello e guardarõno muy bem ataa que ouverom seu acordo de ãvyar por hũu seu irmãao que avya nome Tacim, que morava em Sevilha. E elle veo logo a elles e logo o alçarom por rey.

CAPÍTULO CDXI

De como os Barboros fezerom Tacim rey e de como foy morto Abderame

Andados viinte e tres annos do reynado deste rey dom Afomso de Leom – e foy esto enna era de mil e trinta e seis / [168c] annos e o ãno da ãcarnaçõ de Nosso Senhor Jhesu Cristo em novecentos e noventa e oito e o de Enr ²²³ rique, emperador de Roma, em quatro – em este anno aquelle Tacim, logo que soube em como seu irmãao era morto, veosse pera Jẽe quanto mais pode e foy logo alçado por rey,

assy como dissemos. En todo esto, buscarō os crastados que o matarom ally, mas nom poderom aver se nõ dous mancebos que matarō logo. E reynou logo aquelle rey Tacim daquela primeira vez tres annos e quatro meses e dez e seis dias.

Empos esto, Airam trabalhouse quanto mais pode de alçar por rey aquelle Abderame que dito avemos. E ãvyou seus messejeiros a Mudar, rey de Saragoça, o que foy padre de Almandafar. E emvyou outrossy Abenalhage e a Citava e a Vallença e a Tortossa, que vehessem todos a fazer vassallajem aaquelle Abderame Almotarda. E desi foram logo a Jeen e matarom quantos Berberiis hi acharom; e foram logo a Murça e entrarōna. E Abderame, quando vyo que tanta honrra e boa andança lhe crecia, começou de amar e honrrar muyto todollos concelhos das villas que o receberō por senhor.

Mas Airam e Mudar, que o alçarom por rey, nom os queria veer nem os honrrava como soya. E, hũu dia que elles hyam ao seu paaço pera fallar com elle, mandoulhes teer a porta que nõ entrassem. E elles, quando aquello virom, forō mui sanhudos e disserom hũu ao outro:

– Certo, com grande direito merecemos nos esto, ca muyto nos trabalhamos de o fazer rey!

E, des aquelle dya en dyãte, lhe tiveram sanha e o dessamaron.

Abderame tirou logo sua hoste muy grande e foi sobre Graada e ficou suas / **[168d]** tendas ãno mōte que chamã Sesta, que he a seis legoas da villa. E entrou logo ennos mais altos homẽes da hoste hũu tam grande desacordo e bolço que mayor nom podya seer. E esto guysarom Airã e Mudar pollo torto e desdem que dissemos que lhes elle fezera enna entrada da porta do seu paaço; e demais que elles ouverom ja sua falla sobre elle com el rei de ²²⁴ Graada. E, com todo esto, a hoste de Abderame combateu a villa de fora e os de dentro sairom pera lidar com elles. E, por que os altos homẽes da hoste de Abderame eram partidos em banhos, como ja dissemos, ouveronsse de vencer e fogiron. E Abderame, seu rey, ficava deseparado, ca nõ avya consigo os coraçoẽes dos homẽes. E matarōno hy entom com muytos dos seus.

Despois desto, os de Graada, que vencerom, colherom o campo, no qual acharom muytas riquezas e boas doas e tomaron todo e outrossi as cabeças dos honrrados e poderosos que morrerom enna batalha e ãvyarōnas em presente a Tacim, rey de Cordova. E por aquella batalha cobrou Tacim muytas villas que avya perdidas.

Mas agora leixaremos aquy de fallar dos mouros, ca bem tornaremos a elles, e fallaremos del rey dom Afonso.

CAPÍTULO CDXII

De como el rey dom Afonso reffez a cidade de Leom e enterrou em ella os ossos dos reis

Andados viinte e quatro annos do reynado deste rei dom Afonso de Leom – e foy esto enna era de mil e triinta e sete annos e andava outrossy o ãno da encarnaçom de **[169a]** Nosso Senhor Jhesu Cristo em novecentos e noventa e nove annos e o de Enrryque, emperador de Roma, em cinco – em este anno fez el rei dom Afonso suas cortes em Ovedo. E, desde ouve em ellas desembargado todo aquelo que era prol e honrra do reyno, veeosse pera Leom ²²⁵ e pobralla, a qual Almãçor e seu filho Abemelit destroyrom, segũdo ja dito avemos. Outrossi renovou as portas da cidade, de pedra e madeira e do al que lhe era mester; e deulhe bõos foros e costumes, quaaes devya de aver tam boa cidade, e a todo o reyno, o qual he des o ryo de Pisorga ataa o cabo de Galliza. E confirmou as leis dos Godos e acrecentou outras que oje ã dia husam enno reyno de Leom.

Outrossi em essa cidade fez el rey dom Afonso a igreja de Sam Joham Baptista, de ladrilho e de cal; e ajuntou todollos ossos dos reis e dos arcebispos que hy jaziam esparjudos per desvairados logares por o mal dos mouros e enterrarōnos em aquela igreja de Sam Joham; e fez sobre elles fazer hũu altar em honrra de Sã Martinho confessor. E o bispo ãvyou outrossi pollos ossos de seu padre e del rei dō Fernãdo que fora enterrado em Vylla Nova, assi como ja dito avemos. E foi enterrado contra hocidente em a dicta igreja de Sam Joham Baptista em hũu sepulcro de marmor, com sua madre, a raynha dona Elvira.

E renovou outrossi o moesteiro de Sam Paayo, que avyam destroido os mouros, o qual era preto dessa igreja e de Sam Joham. E meteo em elle sua irmãa dona Tareyja, a qual hi viveo grande tempo e, despois que morreo, foy hi enterrada, assi como conta a estoria. E esto foy enno tempo que a era de Cesar andava em myl e triinta e nove ãnos.

[169b] E, dos viinte e quatro ãnos do reynado deste rey dom Afonso, nõ achamos nem hũa cousa que de contar seja, se nõ tanto que Tacim, rey de Cordova, temendosse dos de Cordova, foisse pera Sevilla e receberōno por rey e mantevesse com elles muy em paz e assessegadamente.

Mas agora leixaremos de fallar del rei dom Afonso e tornaremos aos mouros.

²²⁶ CAPÍTULO CDXIII

Como Tacim foy a segunda vez rey de Cordova e como despois fugio pera Sevilha e como o despois prendeo Avaya. E de como os de Cordova matarom Abderahame, seu rey

Andados viinte e cinque annos do reynado de dom Afonso, rey de Leom – e foy esto enna era de mil e quareeta e hũ annos e andava entom o ãno da encarnaçom de Nosso Senhor Jhesu Cristo em mil e tres ãnos e o do emperador dom Anrrique de Roma, em sete – aquelle anno, despois que Iahya, rey de Cordova, ouve seu reyno assessegado, foyse pera Malega. E, elle estando ã Malega, Tacim, rey de Sevilha, logo que o soube, foyse pera Cordova. E, logo que chegou, receberõ por senhor. E reynou daquela vez sete meses e tres dias, em esta segunda vez, ca elle ja avya em Cordova reynado outra vez.

Mas, por que os Berberis nã sabiam estar quedos sem roubar e fazer muyto mal enna terra, assy como soyam, os moradores da cidade nã poderom esto soportar. Onde aveo hũ dia que, estando aquelle Tacim ãna mizquita com seus Berberis em oraçom, ouvirõ enna cidade vozes de arruydo. E esto era que o poboo, nom podendo sofrer o mal que faziam, le/vãtaronsse [169c] e tiinhã ja tomadas todollas fortellezas da villa. Quando sayu Tacim da mizquita, foy grande arroido. E lidarom todo aquelle dia e tomaron os da villa o alcacer. E fugio Tacim cõ os Berberis a hũ logar estreito da cidade e ally se defenderom per algũs dias. Pero foilhe forçado de fugir.

Entõ ficarom elles poderosos de sua vylla. E, despois que os assi ouverom lançados fora, como he dicto, correndo e matando em elles, Tacim ãvyu dizer a seus filhos a Sevilha que lhe guisassem mil e quinhentas casas, as mayores que achassem, em que pousassem os que com elle hyam. Mas ²²⁷ assi aconteceu que, logo foy sabido em Sevilha ã como viinha Tacim e mandava tomar pousadas pera aquelles que viinhã com elle da vylla çarrarom as portas e nã o quiserom receber.

Quando os filhos virom ã como, por as casas que mandara tomar, o nã quiserõ receber, sairõ a elle com algũs poucos de seus amigos e contarõlhe o feito da cidade em como era alvoraçada. E Tacĩ, quando aquello vio, partiosse dally e andou dhũa e da outra parte, nã avẽdo logar onde se acolher. E, andando assi sem avendo nã hũ bõ consselho, foy a elle hũ filho de seu irmão, que avya nome Ayaya, e prendeuhõ e deitõuho em hũ castello que chamavã Anax.

E os de Sevilha tomarom entom por seu adeantado, pera guardar o alcacer e a cidade, Mahomad filho d'Andohaber, que ja em outro tempo reynara sobre elles. E, por que era do linhagem de Benhumya, avya sabor de tornar aa primeira honrra. Por que ante delle fora emlegido Çolleyma Almorãda e acharom que nã compria. Pero elle por esta razom ouve malquerença aos velhos que em esto forom consentidores. / [169d] E, logo ã começo de seu reynado, perdooulhes. Mas, despois, nã lhes quis aver perdida sua malquerença e predeuhos e deitõuhos ã carcer por sempre. Entom os moradores da cidade, quando esto virom, teverõno por mal e foronsse ao alcacer e quebrarom as portas e tirarõnas. E, despois que esto ouverõ feito, escudrinharõ, buscando todollos logares escondidos do alcacer, avendo em este feito por mayoral hũ mouro que avya ²²⁸ nome Mahomed. E acharom Abderame escondido em hũ forno de banho e tirarõno entom e matarõno logo e soterrarõno em hũ monturo que era preto do alcacer. E este nã avya ainda mais que reynava de hũ mes e sete dias.

Em este anno morreo papa Johãne e foy posto em seu logar Sergio, quarto, e forom com elle cento e quareenta e sete apostolligos.

Mas agora leixaremos aquy fallar desto e tornaremos a el rey dom Affonso.

CAPÍTULO CDXIV

Como el rey dom Affonso recebeo os filhos do conde dom Vella por seus vasalos

Andados viinte e seis annos do reinado del rey dom Afonso de Leõ – e foy esto ãna era de mil e quareeta e dous annos e andava o ãno da encarnaçom de Nosso Senhor Jhesu Cristo em mil e quatro annos e o d'Anrrique, emperador de Roma, em oyto – despois que foy morto o conde dom Vella que dissemos, que deitara da terra o conde dom Garcia Fernandez de Castella, aveo assy que tres seus filhos, os quaaes avyam nome Rodrigo Vella, Diego Vella, Inego Vella, nom querendo elles obedecer ao conde dom Sancho, por / [170a] que elle nã lhe querya consentir as maldades que sohyam fazer, e elles contendendo em esso e nã se querendo castigar, deytõuhos o conde da terra muy desonrradamente. E elles forõse pera el rei dom Afonso de Leom. E el rey recebeuhos muy bem e deulhes terras em que morassem.

Mas leixaremos aquy agora de fallar de dom Afonso e diremos dos feitos dos mouros.

²²⁹ CAPÍTULO CDXV

Como os de Cordova matarom Mahomed, seu rey, e alçarom ã seu logar Ayaya e de como o matarom outrossy; e del rey Idus

Maffomad, rey de Cordova, andando pella terra, veendoa, foi dicto antre os seus que elle tragia consigo muytas pedras preciosas e grande aver em ouro e em prata. E conta ã este logar a estoria que algũs dos seus ouve hy que, quando aquello souberom, por tal de tomarem aquello que era dito que tragia, que lhe derõ a beber peçonha. E matarõno desta guisa.

Quando os de Cordova ouviron dizer como seu senhor era morto, alçarom entom por rey Ayaya, filho de Ally; e reynou este tres meses e viinte dias. E esse Ayaya fuisse logo pera Mallega, onde fora morador em outro tempo, e os de Mallega receberõno por senhor e fizeramlhe vassallagem.

Quãdo aquello ouvyyu Abys, rey de Graada, ãvyyou dous cavalleiros dos mais poderosos do seu reyno a Cordova. E hũu delles avya nome Haram e o outro Mugeit. Os de Cordova, quando virom que rey de Graada lhes ãvyava aquelles dous altos homeens em ajuda, avolverom peleja com os Berberiis que ficarõ / [170b] cõ elles em guarda da cidade; e forom delles mortos mil homeens e deitarom fora da vylla todollos outros. E desi receberõno consigo ãna cidade Airam e Mugeit. Quando esto vyyu o algazil e os officiaaes de Ayaya, fोगirom e foronsse pera Malega. Mas, logo a pouco spaço, matou Ismet, filho d'Abet, Ayaya e ãvyyou a cabeça delle a Issẽ, que era rey de Sevilha.

²³⁰ E, quando esto ouve sabido Ydris, o irmãao d'Ally, de que ja avemos dicto, o qual era adyantado de Cepta, como era morto seu irmãao e o reyno deseparado, passou logo ho mar e veo logo em Mallega e tomou logo o alcacer e fezesse chamar rey. E, quando esto soube Abis, rey de Graada, veeosse logo a Mallega a obedecer a Idris como a rey e a seu senhor. Desy tomou esse Ydris grande cavallaria e fuisse pera Cordova e depois pera Sevyilha. E, depois que as ouve so seu senhorio, foy sobre Alcalla del Ryo. E os de Sevyilha fizeram suas cartas e posturas com elle, em como o recebya por rey e senhor. E en esta maneira lhe obedecerom os de Carmona e de Almaria.

Mas agora leixaremos de fallar desto e tornaremos aa estorya de Cordova ally onde a avemos leixada.

CAPÍTULO CDXVI

Como os de Cordova tolherom o reyno a Yssem

Despois que Airam e Mũgeit, aquelles cavalleiros de rey de Graada que ja dito avemos, con os da cidade matarom os Berberiis, como dicto he, entrou antre elles ãbos grande ãveja. E, temẽdosse de se matarem ambos, sayron de Cordova e partironsse cada hũu a sua parte.

E os de Cordova alçarom entõ por rey antre sy hũu que avya nome Issẽ, / [170c] nõ o que ja outra vez fora seu rey mas outro. E reynou este em Cordova dous annos e quatro dias e en Fronteira outros dous annos e sete meses e oito dias. E de Cordova lhe tolherom depois o reyno por esta razom que agora ouvyyrees:

Issem avya hũu seu alguazil, o qual elle fezera muy poderoso. E era homem muy cruel e de vil linhagem e poren demonstrava em seus feitos toda ²³¹ crueldade e villanya, nõ seendo nembrado de que linhagem era. E, com esta sobervha assy forçosa, destruyu a muytos, tomandolhes os beens e dandoos aos Berberiis. E, por taaes cousas que elle fazia, matarõno os da cidade e tolherõ o senhorio a Issem. E entom hũu mouro poderoso ãna vyla, que avia nome Humaya, tomou consigo muitos cavalleiros e meteusse ãno alcacer e rogou a todos que o fizessem rey. E responderõlhe os mouros ã esta guisa:

– Bem vees tu ã como esta cidade esta torvada e em buliço. E por esto avemos medo de te matarem e porẽ dovydamos de o fazer.

E elle respondeo a elles em esta maneira:

– Oje me obedeece, fazendome rey, e de manhã me matade!

Aqui som de notar duas cousas: a primeira em como Issem, rey de Cordova, perdeo o reyno por maaõ official vil e de vil linhagem; e a segũda ã como este Humaya, por seer rey hũu dia, outorgava que o matassem logo ãno outro. Em que parece que o homem pode entender que grande cousa he aos reis a obediencia do poboo, quando aquelle, por hũu dia seer rey, no outro querya seer morto.

Entom os de Cordova mandarom aaquelle mouro que logo leixasse o alcacer e se fosse, e outrossy a Issẽ, o que fora seu rey, que se partissem logo da terra e se fossem pera onde quisessem.

[170d] Despois de todo esto, os de Cordova acordaronse em este conselho: que nem hũu homẽ do linhagem d'Aben Humeya que nõ ficasse em toda a cidade. Issem espediosse delles e fuisse cõ sua molher e com seus filhos e com seus amigos pera hũu castello que estava ãna serra de Cordova; e morava em el, a despeito e nojo dos de Cordova. Onde aconteceu que, a poucos dias, forom a elle e cercarõno e tomarõlhe o castello e prenderom elle e trouxerõno a Cordova e meterõno em prisom. Mas elle, logo essa

noite, fugio e sayu fora da cidade em hũa carreta e fuisse pera Yaya Almondafar, rey de Saragoça. E Almondaffar o recebeu muy bem e deulhe hũu castello que chamavam Azuella, em que vivesse.

²³² Em aquella sazom, os mouros ã Espanha nõ avyã rey que fosse do linhagem d'Abê Humye e, porem, cada hũu dos poderosos alcavansse por reis com as terras de que eram adyantados. Mas os de Cordova, por que nõ avyam rey, escreverom todo o que avyam de fazer so nome de Issem, o que dito avemos, tam bem ãnas moedas como em todallas outras cousas que era mester.

Em esta guisa andou o reyno de Cordova ataa que os Almoades passarõ d'aalem mar. E foy rey delles o iffante Aben Axafim que cobrou todo o reyno que os mouros avyam em Spanha.

Mas agora leixaremos de fallar dos mouros e tornaremos a el rey dom Afonso de Leom.

CAPÍTULO CDXVII

Como morreu el rey dom Afonso de Leom

Andados viinte e sete ãnos do reynado deste rey dom Afonso de Leom – e foy esto ãna era de myl e quarçeta / [171a] e tres annos e andava o anno da encarnaçom de Nosso Senhor Jhesu Cristo em mil e cinque ãnos e o de Anrique, emperador de Roma, em nove annos – este rey dom Afonso, avendo grande sabor de fazer guerra a mouros, tirou sua hoste muy grande e foi cercar Viseu, que he em Portugal, que tiinhã ainda entom os mouros. E assy aconteceu que, andando elle hũu dia desarmado por a grande quẽetura que fazia, catando o muro do castello per onde era mais fraco e per onde se poderia mais ligeiramente guanhar, aveo que, elle assy andando, foilhe tirado com hũu viratom, do qual foy ferido antre as spadoas. E elle, quando se sentio ferido de morte, ordenou seu testamento com os bispos e abbades que hy eram. E, feito esto, recebeu o corpo de Nosso Senhor Jhesu Cristo e morreo ally. E foy levado a Leom e foi enterrado con seu padre.

²³³ **CAPÍTULO CDXVIII**

Acabasse o reynado de dom Afonso. E começa o de el rey dõ Vermudo e dos seus bõos costumes. E outrossy de como foy casado com dona Tareyja, filha do conde dõ Sancho de Castella

Despois que foy morto este rey dõ Afonso, reynou empos elle seu filho dom Vermudo, que foy o terceiro que per este nome era chamado. E o seu reynado foy dez ãnos. E o primeiro anno do seu reyno foi ãna era de mil e quareenta e quatro ãnos / [171b] e o ãno da encarnaçõ de Nosso Senhor Jhesu Cristo em myl e seis e o do emperador Anrique em dez e o do papa Johanne em quatro e o dos Allarves em quatrocentos e dez e nove.

Em este tempo, este rey dom Vermudo, por que era em ydade assaz de moço, nõ o quis parecer ennos feitos, mas, logo em começo de seu reyno, trabalhou de refazer as igrejas e os outros logares que os mouros destruyrom e tirou os tortos e males que se em sua terra faziam. E outrossy andou visitando os santuarios e logares das ordeens. E defendia bem os pobres e fazialhes algo. E, quando foi de idade pera casar, casarõno com hũa filha do conde dom Sancho de Castella, que avya nome dona Tareyja. E ouve della hũu filho que ouve nome dom Afonso e morreo em sendo moço.

Este conde dõ Sancho ouve outra filha a que disserom dona Elvira; e foy casada com el rey dõ Sancho de Navarra, o Mayor. Este casamẽto veeo de como ouverom primeiramẽte rey em Castella, como adyante ouviredes. E, morto o conde dõ Sancho, foy enterrado enno moesteiro de Onha. E, despois que o conde foy morto, ficou o condado de Castella a seu filho dom Garcia.

Deste anno nõ achamos outra cousa que a esta estorya perteença, se nõ que em este anno morreo o papa Sergio e foy posto em seu lugar Bernaldo, ho oytavo, e forom com elle cento e quareenta e oito apostolligos.

²³⁴ **CAPÍTULO CDXIX**

Agora leixaremos de fallar dos reis e dos condes de Castella e fallaremos do iffante dom Garcia e da sua morte e como foy vyngada; e esto diremos cada hũu em seu logar

[171c] Em no ãno segundo anno de el rey dom Vermudo de Leom – que foy na era de mil e quareenta e cinque ãnos e andava ho anno da encarnaçom em myl e sete e o de Anrique, emperador de Roma, em onze – morreo o conde dom Sancho, como ja avemos dicto, e ficou seu filho do Garcia, que herdou o condado de Castella. E, despois que este iffante dom Garcia foy conde, ajuntaronse os nobres barões de Castella e ouverom conselheo en como o casassem. Este rey dom Vermudo de Leõ avya hũa irmãa que avya nome dona Sancha, muy fremosa e de muy bõos costumes. E os altos homeens de

Castella acordaron de lha mandar pedyr, que a desse por molher ao iffante dom Garcia, seu senhor. E os mandadeiros foron a el rei e disseronlhe todo o por que eram ãvyados. El rey lhes outorgou todo aquello que demandavã.

Feita esta cousa como he dito, aveo assy que o iffante dom Garcia quis hyr veer sua esposa dona Sãcha, estando el rei dom Vermudo ãna cidade de Ovedo. E o iffante dom Garcia fez saber a el rey dom Sancho de Navarra ã como queria hyr veer sua esposa, que lhe rogava que fosse com elle. E el rey lho outorgou. E, despois que foron guysados el rei dom Sancho e o iffante dom Garcia con seus cavalleiros, moverom logo pera Leõ – e esto por veer a iffante, sua esposa, e falar com el rei dom Vermudo em feito de suas vodas e outrossy pera aver delle lecença que se podesse ²³⁵ chamar rey de Castella. E conta a estorya que elles moverom de Munhom e foronsse que tiinha entõ o code dô Fernã Gomez. E jazia hy mal doête. E o ifante cercou logo o castello. E os do conde Fernã Gomez sairõ a elles por se / [171d] defenderem. E ouverõ sua escaramuça, pero nõ morreo nõ hũu. Mas o conde, logo que o soube, pero que era doente, cavalgou e foyse pera o iffante, tragendo mal os seus por aquello que fizeram, e beyjoulhe a mão e recebeo por senhor e entregoulhe logo o castello; e outorgoulhe Aguylar e Cea e o Garjal e Cam de Touro e Sam Romãao que elle tiinha.

CAPÍTULO CDXX

Como foy morto este iffante dom Garcia a treyçom per os filhos de dom Vella

Despois que o iffante ouve recebidos estes logares que dissemos, partironsse, elle e el rei dom Sancho, e forõsse pera Leom. E, quando chegarom, pousou o iffante em hũu logar que chamam Bairro de Trabalho e el rey dom Sancho pousou fora enno campo.

Os filhos de dom Vella eram entom ennas Sumaças de Leom. E, quando souberom que o iffante era em Leom, acordandosse do mal e da deshonnra que seu padre lhes avya feita, tiveram que avyam tempo de se vȳgar. E entom se veherom a Leom.

²³⁶ O iffante se acordou com el rey dô Sancho de hyr veer a raynha dona Tareyja, molher del rey dom Vermudo, e outrossy sua esposa, dona Sancha. E el rei teveo por bem. E entom tomou o iffante consigo quareenta cavalleiros e foyse pera a cidade. E, em hyndo, sairon a elle aquelles filhos do conde dom Vella, cõvem a saber, Ruy Vella e Diego Vella, Ynego Vella, e receberõno muy bem e beyjaronlhe a mão e tornaronse seus vassallos. E disse entom Ynego Vella, por si e por os irmãaos, ao iffante:

– Senhor, rogamoste que nos outorgues a terra que tivemos de teu padre, e servyrte hemos como senhor cujos naturaas / [172a] somos.

E o iffante lhes outorgou logo a terra.

Veherom entom todollos altos homẽes da cidade com o bispo e clerizia a receber o iffante e levarõno a Santa Maria da Regra. E foy hi dicta missa per o bispo ao iffante. E, desque ho oficio foy acabado, foy o iffante fallar aa raynha e a sua esposa, dona Sancha. E, despois que fallarom, disselhe dona Sãcha que fizera mal por nõ trager suas armas, ca nõ sabia quẽ lhe querya mal. Respondeo o iffante:

– Senhora, eu nũca fiz mal nõ pesar a nõ hũu homẽ que lhe eu mereça de me matar.

Disse entom dona Sancha que homẽes avya na corte que ella sabia que lhe queryam mal. E o iffante, quando aquello ouvyyu, pesoulhe muyto.

Em todo esto, sayron aquelles filhos de dom Vella do paaço e ouverom seu consselho maaos e falso e grande traiçom ã como matassẽ o iffãte. E acharom tal acordo que alçassem hũu tavolado em meo da rua e que os cavalleiros castellãaos, por que erã homẽes que se prezavã desto, que verryã hy folgar; e que entõ avolvessem com elles pelleja sobre o lançar e que per esta guysa os poderyã matar todos.

E, assi como este acordo foy feito, assy foi logo posto em obra. E os treedores, logo que ouverõ movyda aquella pelleja, mandarom çarrar as portas da cidade que nõ podessen seer acorridos dos de fora. E matarõ ally o iffante e quantos cavalleiros veherõ com elle.

Empero diz aquy o arcebispo dô Rodrigo e outrossy dom Lucas de Tuy, que acorda com elle, que ante matarõ elle que nõ hũu dos outros cavalleiros; e que o tirarõ dante a porta de Sam Johã Bapptista, nõ o sabendo nõ hũu dos seus, e que o matou Ruy Vella, que era seu padrinho – e era ²³⁷ entõ o iffante de treze annos – / [172b] e que, despois que o ouverõ morto, que se foy pera o paaço e que o disse a sua sposa, dona Sancha; e que os grandes homẽes que hy eram no paaço, que lho ouvyyrom, nõ o poderõ crear, que tam grande trayçom ousasse fazer. E, depois que o assy ouverom morto, tornarõ sobre os outros e matarõ muytos delles, assy dos Castellãaos como dos Leoneses que veherom em acorro. E dona Sancha fez entõ tam grande doo que nõ avya homen que a visse que nõ ouvesse desto grande pesar, ca ella mais parecia seer morta que vyva.

A estorya de ruymãço castellãao diz em outra maneira e allega dô Lucas, enna estorya do latym, e diz que o iffãte seendo enno paaço, fallando cõ sua sposa, que ouvyyu demandar armas a grande pressa e que sayo fora aa rua por veer o que era. E, quando vyu seus cavalleiros em esta guisa morrer, pesoulhe

muito de coração. E os condes, que o virõ na rua, forõ a elle com suas lanças ênas mãaos e deitaram delle mão e levarõno preso como dicto he. E o iffante, quando se assy vyu antre elles, rogavaos que o nõ matassem e que lhes darya algo. E o conde avya delle doo e disse aos outros que nõ era bem de o assy matar, mas que tomassem aquello que lhes dava e que o deitassem da terra. Mas Ineo Vella foy desto muy sanhudo e disselhe:

– Dom Rodrigo, ante que lhe matassemos os cavalleiros fora isso de veer mas agora nõ he ja tempo.

²³⁸ E a iffante dona Sancha, quando soube que o iffante dõ Garcia era preso, foisse allo o mais asynha que pode e, quando o vyo, começou de dar vozes e dizer:

– Condes, nõ matedes o iffante, que vosso senhor he! E, se nõ, ante matade a mÿ que el!

E o conde dõ Fernã Lainez foy muy sanhudo contra ella / [172c] e deulhe hũa palmada êno rosto.

E o iffante dom Garcia, quando aquello vyo, com grande pesar que ende ouve, pero que estava preso, começou de os doestar, chamandoos treedores e cãaes. E elles, quando esto virom e que os assy doestava, matarõno êtom. E a iffante dona Sancha, cõ grande coita que delle avya, deitavasse sobre elle. E o treedor de Fernã Laynez tomouha pellos cabellos e derribouha per hũas escalleiras ajuso.

El rey dom Sancho, que pousava fora como dicto avemos, quando aquello vyo, mandou armar toda sua companhia e veeo ataa as portas da vylla e achouas çarradas e vyo que nõ podya acorrer ao iffante; disselhes que lho dessem se quer morto. E os condes deronlho entõ e deitaronlho per cima do muro mal e deshonnradamête. Tomou entõ el rey o corpo do iffante e mandouho meter em hũu ataude. E levarõno ao mosteiro d’Onha ao e soterrarõno hi a par de seu padre. Pero diz o arcebispo dõ Rodrigo que em Leom foy soterrado, êna igreja de Sam Johã Baptista, a par de seu padre de dona Sancha, e que ella fez por elle tam grande doo que foy hũa grande maravilha.

Os treedores, logo que esto ouverõ feyto, foronsse pera o castello de Monçõ e cercarõno. Mas o conde dom Fernã Gomez, que o tiinha, quando os vyo e soube o mal que avyam feito e per que guisa andavã, sayu a elles e recebeuhos muy bem e cõvydouos pera cearem aquella noyte com elle. E, logo que os teve apousentados e se partio dante elles, fez logo suas cartas e ãvyouhas a el rey dom Sancho de Navarra e a seus filhos, que lhe vehessem acorrer, ca o tiinhã cercado os filhos de dom Vella. E el rey ²³⁹ com seus filhos foram logo juntos êna veiga de Crasto e foronsse logo a Monçõ.

E os filhos de dom Vella, quando o sou/berõ, [172d] pesoulhes muyto cõ elles. E disse entom Diego Vella contra os outros:

– Certamête, irmãaos, estes nõ veherõ por al se nõ por vingar a morte do iffante dom Garcia.

Quando aquello ouvyo o treedor de Fernã Lainez, cavalgou em hũu potro bravo sem sella e sayosse da hoste em guisa de rapaz cõ hũa capa vestida e o capello na cabeça por nõ seer conhecido. E el rey com seus filhos cercarom os condes, filhos do conde dõ Vella, e tomarõnos todos. E, depois que os ouverom tomados, deronlhe muytos tormêtos, como a treedores que mataron seu senhor. E, em fym dos tormentos, mãdouhos queymar. E o conde Fernã Gomez entregou logo o castello e todollos outros logares que tiinha a el rey dom Sancho e recebeuho por senhor.

²⁴⁰ CAPÍTULO CDXXI

Agora leixaremos de fallar do iffante dõ Garcia e dos reis de Leom e tornaremos ao linhagem dos reis de Navarra; ca per este logar avemos de vÿir a contar como ouve rey em Castella primeiramente. E depois tornaremos a este rey dom Vermudo de Leon e da maneira e de como morreo

Conta a estorya que, entretanto que Castella e Leõ e Navarra erã corrudos e mal tragidos dos mouros, ouve hi hũu cavalleiro do condado de Bigorra, o qual de sua mocidade era muyto ousado ã armas e ã cavallaria. E esto era muy sabudo pella terra. E avya nome Ynhego. E, por que era forte e esforçado em batalha e era muy bravo e per onde entrava esporava e fazia grande dampno, e por que / [173a] algũus, por fazer escarnho, dizem aas vezes por fortelleza que he forte como estopa ou como aresta, porem a esta semelhança chamarõ a este per nome Aresta, cõvem a saber, Ynhego Aresta.

E, desque veo contra Espanha, morou sempre ênos mõtes Perineos, que som os montes d’Aspa e jazem antre Gasconha e Espanha. E, depois desto, deceu a morar aos chãaos de Navarra e ally vëceu muytas batalhas com os mouros, em tal guysa que, por os seus feitos muytos e nobres, mereceu de aver senhorio.

E entõ ajuntaronse os poboos dessa terra e fezerõno rey de Navarra, por que era bõ guerreiro e os defendya muy bem. Este Ynhego Aresta foy primeiro rey que ouve ã Navarra.

²⁴¹ E este rey de Navarra ouve hũu filho que chamarõ Garcia Ynheguez; e foy casado com hũa dona d’alto sangue do linhagẽ dos reis, que avya nome dona Orraca.

CAPÍTULO CDXXII

Capitulo que falla del rey dō Garcia Inheguez e de como seu filho, dom Sancho, vëceo os mouros ã Pöpelona

Quando morreo aquelle Ynhego Aresta, que foy o primeiro rey de Navarra, reynou empos elle seu filho Garcia Ynheguez e foy o segundo rey. E conta dom Rodrigo, o arcebispo de Tolledo, e outros que acordam com elle em suas estoryas que este dom Garcia foy homẽ muy frãco e muy liberal em todas suas cousas e outrossy ãnas batalhas que husava fazer.

E hũu dia aconteceu a este rey hũa grande desavẽtuira, que, estando ã hũa aldeia a que chamavã Lubera assessegado e nõ se guardando de tal cousa, veherom mouros de curruda que se nõ adergou de armar pera sayr a elles e matarõno logo hy. E, aa raynha, / **[173b]** que andava prenhe, derõlhe hũa lançada pello ventre. E a este arruydo, sayron os cristãaos e pellejarom com os mouros e matarom muytos delles; e os que poderõ scapar fogirõ. E a raynha, que a essa hora estava em ponto de morrer da door daquella lançada, naceu della hũu filho, assi como prougue a Deus; ca sayo o menyno della pella ferida da lança. E penssarõ delle as parteiras em tal guisa que vyveo. E esto tiveron todos por grande maravilha. E poseronlhe nome Sancho Garcia. E a madre morreo logo da ferida. E hũu homẽ d'alta guisa que, en tempo del rey dom Ynhego Aresta, se criara con este rey dom Garcia, seu filho, tomou este moço, pollo grande amor que com seu padre ouvera, e fezeo criar muy bem. E, despois que o moço foy tamanho, sayo ²⁴² muyto ardido e esforçado. E reynou ã logar de seu padre dom Garcia. E este foy o terceiro rey de Navarra e chamaronlhe despois dom Sancho Avarca, como adyante ouvryredes.

Aquelle seu ayo, que era homẽ nobre e poderoso e de grande consselho, castigavao sempre bem e enssynavao a fazer grandes feitos e ajudavao ã ello quanto podya, a guysa de leal amigo e vassallo.

Este rey casou com hũa dona do linhagẽ dos Godos e avya nome dona Toda.

E este rey dom Sancho morava ãna terra que chamã Cantabrya e dally guerreava cõ os mouros e quebrãtavaos fortemẽte ca guãaçou delles Oca e Todella e toda essa terra assy como vay ataa Osa. E ainda cõquistou Alladom, cõ todas essas montanhas.

E ouve daquella molher hũu filho e quatro filhas. E o filho ouve nome dō Garcia, o Temeroso, e as filhas, dona Orraca e dona Sancha e dona Maria e dona Vallasquyda. E casou dona Orraca cõ / **[173c]** el rey dom Afonso de Leon; e estes ouveron hũu filho que ouve nome dom Ordonho. E dona Sancha casou cõ el rey dō Ramiro. E dona Vallasquida casou cõ o conde dō Nuno de Bizcaya.

Os poboos da terra de Cantabria eram aquella sazõ muy guerreiros, ca estes nõ davã ã hũa cousa por inverno ã por outro tempo, ca assi o avyam husado. Onde veeo assy hũa vez que os mouros ãno inverno veheron sobre Pampollona. E el rey estava entõ aalem dos portos d'Aspa. E, quando aquello ouvyo, pesoulhe de coraçom e, con a grande sanha que dello ouve, meteusse a grande perigoo em passar os portos que jaziam cheos de neve. E, por que vyo que nom podya passar doutra guysa, fez fazer avarcas de coyro cruu pera si e pera sua companhia. E desta guisa passaram os portos de noyte, sem toda lazeira, a pee. E, por este fazer das avarcas, foi este rey chamado despois dom Sancho Avarca; e algũus do seu linhagẽ que despois delle veheron ouverõ este nome de Avarca. E, quãdo ²⁴³ foy manhã, ferio ennos mouros que tiinhã cercada a cidade de Pöpollona e foron mortos tantos dos mouros que poucos ficarõ por levar o mandado.

Este rey foy assi guerreiro e de grande coraçom e sofedor de trabalho que, por esforçar e anymar sua companhia que lidassẽ e fizessem guerra aos mouros, andava de pee com os peões por guaanhar dos mouros muytos castellos que lhe tomou e outros muytos logares e averes que guaanhou em terra de Carpentanea, que he ã terra do Gronho, e outrossy em terra de Ceberya, que he em ribeira d'Ebro; e esto, ã andando elle a pe com suas avarcas calçadas assy como os outros. E este tomou algũus logares que oje em dya hã o nome de Sancho Avarca. E assy soube elle castigar e afastar do seu reyno os / **[173d]** mouros, em tal guisa que em todos seus dias esteve a terra segura.

CAPÍTULO CDXXIII

Do acabamẽto do reynado de dom Sancho Avarca, que foy o terceiro rey de Navarra e reynou XXV ãnos e morrerom enna era de novecẽtos e quareenta e tres annos. E reynou ãpos elle seu filho, dom Garcia, o que disserom o Temeroso; e foy este o quarto rey de Navarra

Depois da morte del rey dom Sancho Avarca, que foy o terceiro rey de Navarra, reynou seu filho dom Garcia, o que chamarõ Temeroso. E este foy o quarto rey de Navarra.

E este nome de Temeroso lhe chamaron por esta razõ: quando ouvya dizer algũa cousa de feyto d'armas ou doutro algũu perigoo, assy come de mouros que vehessem ou quando avya d'entrar em algũa batalha, tremya ãno começo do feito. Mas, despois que era enna fazenda muyto esforçado e muy forte em armas.

²⁴⁴ Este rey dom Garcia era muy piadoso e muy frãco e, quanto podya aver, dava aos cavaleiros e escudeiros. E muytas vezes andava, com suas gentes a pee e suas avarcas calçadas, lidando e guerreando, assy como fizera seu padre. E, por que husava ãa guerra muyto amehude as avarcas, por esso lhe chamaron dõ Garcia Avarca, do nome de seu padre, dom Sancho Avarca.

Em este estado e em taaes feitos como seu padre, acabou seus dias. E este rey dõ Garcia reynou XXX ãnos e morreo na era de IXº e LXXXIII ãnos.

CAPÍTULO CDXXIV

Acabasse o reynado de dom Garcia Avarca, o que disserom Temeroso, que foy o quarto rey de Navarra. E começa o reynar do seu filho dõ Sancho, o que foy chamado Mayor. E este foy o quÿto rey de Navarra

[174a] Conta a estorya que, despois da morte de el rei dom Garcia, o Temeroso, que reynou seu filho dõ Sancho, o Mayor. E foy o quÿnto rey de Navarra. Este dom Sãcho casou com a iffante dona Elvira, filha do conde dom Sancho de Castella, irmãa do iffante dom Garcia que foy morto em Leom. E ouve em ella dous filhos que ouverõ nome, o primeiro, dom Garcia, e o segundo, dom Fernãdo. E este dom Fernando casou com a iffante dona Sãcha, irmãa del rei dõ Vermudo, cõ a qual cobrou despois seer senhor de Castella e de Leon.

E, enno tempo deste rey dom Sancho, o Mayor, veheron os mouros cercar Pompollona, como outra vez fizeram. E veeo este rey dom Sancho, com suas avarcas calçadas e com suas cõpanhas a pee, e ferirõ muy atrevudamête ãnos mouros e matarõ muytos delles e levãtarõnos de sobre a cidade, a maaõ seu grado. Este rey dom Sancho foy muy esforçado como ²⁴⁵ seu avoo e seu padre, e poseronlhe o nome delles da Avarca e foy chamado dom Sancho Avarca, o Mayor.

CAPÍTULO CDXXV

Como este rey dom Sancho herdou o condado de Castella por razõ de sua molher, a raynha dona Elvira

Asi como contã os autores desta estorya, dizẽ que este rey dom Sancho, o Mayor, herdou o condado de Castella per razon da raynha sua molher, que era filha do conde dom Sancho e irmãa do iffante dõ Garcia que matarõ em Leõ. E, por que este iffante morreo sem avêdo filho, ficou o senhorio de Castella a dona Elvyra, sua irmãa, e o ducado de Cantabria, que he em terra do Gronho, como ja ave/mos [174b] – e era esse ducado aaquella sazõ de Castella. E, por que seu padre dom Garcia, que foy filho de dom Sancho Avarca, o que guanhara o ducado e ajuntara ao reyno de Navarra e acrecentara esse reyno quãto podera. E, ãno tempo deste dom Sancho Avarca, era Navarra cabeça do condado de Castella. E, em tempo deste rey, dõ Sãcho, pobrou o conde dom Diego a cidade de Burgos; e, por que a pobrou antre hũus burgetes, poselhe nome Burgos. E este conde dom Diego foy o que tornou o camynho de Santiago per Navarra e dhy a Bervisca e a Amaya e a Carryõ e dende como vay pella cidade de Leon, ca ante daquello per Alva e pellas Esturas hya o camynho frances.

E, despois que este rey dom Sancho, o Mayor, foy o senhor de Castella, como dito avemos, em tanto se acrecentou o condado que, des o seu tempo em dyante, foi feito reyno; e este he oje o reyno de Castella.

E, despois que este rey dom Sancho ouve bẽ postado e acrecentado o ²⁴⁶ reyno de Castella, como dito avemos, chegaronlhe novas em como viinhã grandes hostes sobre Aragõ. E, quando chegarõ a hũu castello que ha nome Ayona, pellejarõ as hostes sobre hũu porco mõtes. E morrerõ em essa pelleja oyto myl homẽes. E foy por esta razon a hoste desbaratada e foilhes forçado tornar a suas terras.

CAPÍTULO DCXXVI

Como os filhos del rey dom Sancho, o Mayor, micaron a raynha sua madre por o cavallo que lhe nõ quis dar

Diz a estorya que, despois que este rey dom Sancho ouve quebrantados os muros per muytas batalhas que lhe deu, mãteve sua terra muyto em paz e sem nem hũu mal fazer; e que, en se tornando da hoste onde morrerõ as companhas sobre / [174c] o porco montes, que chegou a Najara.

E elle avya hũu muy nobre cavallo, ãno qual se elle esforçava tanto como ã sua vyda. E, quando se elle partira de Navarra pera hyr em aquella hoste, como dissemos, leixara aquelle cavallo aa raynha que lho fizesse bem guardar e pensar muy bẽ. E, por que em aquelle tempo era a guerra com os mouros assy avyvada que era necessario a todo homẽ, qual quer que fosse, de estar prestes de suas armas e de seu cavallo pera, quando ouvysse algũu arroydo, que se podesse armar seguramente, e por esta razon os reis e

os condes e cavalleiros sempre tiñham conssigo ã suas camaras os cavallos de seus corpos. E por esta razon fizera a raynha trager aquelle ²⁴⁷ cavallo que lhe el rey assy ãcomendara a seu paaço e pensava del muy bem em todallas cousas que ao cavallo compryã.

E, en todo esto, o iffante dõ Garcia, depois que vyo que seu padre era hydo, demandou aquelle cavallo a sua madre muyto afficadamẽte. E ella, quando vyo que lho assy demandava de coraçon, disse que lho darya. Mas hũu cavalleiro que servya em casa da raynha disselhe que lho nõ desse, ca poderya por ello cayr em sanha del rey. E ella, quando ouvyo aquello, entendeo que podya seer o que o cavalleiro dizia; e por esto nõ quis dar o cavallo ao filho.

E o iffante, que aquello ouvyo, foy muy sanhudo da raynha. E ouve consselho com seu irmãao, o iffante dom Fernando, ã qual maneira a mizcrassem com el rey. E o consselho foy este: que lhe posessem que avya amizade com aquelle cavalleiro que a consselhara nõ dar o cavallo. E o ifante dom Fernãdo disse ao irmãao que elle bem lhe cõsyntiria o que el dissesse. E o iffante dom Garcia, com sanha e maa võotade que avya a sua madre, emfamousa per ante el rey cõ aquele / [174d] cavalleiro, nõ esguardando nõ hũa boa razon e dizendo a el rey que desta cousa o farya certo com dom Fernando, seu irmãao.

Quando el rey ouvyo o que lhe seu filho dizia e como o provava cõ seu irmãao, creuho logo e mandou prender a raynha e o cavalleiro e metellos no castello de Najara.

E, depois que esto assy ouve feito, fez cortes e prepos em ellas per ante todos este feito; e foy determynado e achado per dereito que ella se salvasse – e esto per reto, cõvem a saber: dando ella hũu cavalleiro que entrasse ã campo com o iffante dom Garcia e dom Fernando. E esta sentença foy dada ennas cortes em presença de todos seus ricos homẽes. Empero nõ ouve hy nõ hũu que por a raynha tal aventura quisesse tomar.

Quãdo esto vyo dom Ramiro, que era filho del rey bastardo, que nõ hũu nõ querya cõ os iffantes entrar no campo por salvar a raynha, disse a el rey, per dante todos os que estavõ ennas cortes, que elle querya por ella tomar ²⁴⁸ aquelle campo e poer o corpo aos irmãaos. E, quando el rey esto vyo, julgou o reto. E este dõ Ramiro era homen muy fremoso e muy esforçado em armas. E, quando os iffantes virõ que lhes cõviinha entrar ã campo com dom Ramiro, foronsse a hũu moesteiro e confessaronsse a hũu santo homẽ de boa vida e contaronlhe toda a razon e como avyã aquello dicto contra sua madre con grande falssidade, nõ cuydando que hi ouvesse o reto; e contarõlhe todo o engano como e por que fora cuydado.

E o santo homẽ, logo que os ouve ouvdyos em sua confisson, foisse logo a el rey e contoulhe todo o ãgano como a raynha era acusada cõ grande falssydade e que perdoasse aos iffantes e mandasse soltar a raynha. / [175a] E el rey creo ao homẽ bõo e soltoua logo. E o reto foy partido. E per esta guisa foy a raynha dona Elvira livre de tal perigoo per dom Ramiro, seu enteado.

E, estando el rey muy alegre por este feito aver tam boa fym, veeo ante elle a raynha com sua pelle vestida, segundo o custume daquelle tempo, e disse:

– Senhor, o iffante dom Garcia, meu filho, o qual devera de aguardar e requerer toda mynha honrra e proveito a todo seu poder, assacoume testemunho falsso per que morresse a traizom. E, por esto, eu o desherdo do reyno de Castella e d’Aragõ, que som meus, pera todo sempre, e outrossy das mynhas arras em toda minha vida.

E entom chamou dom Ramiro e disselhe:

– Dom Ramiro, vos sodes meu enteado e, segundo razon, mais me deverades buscar dampno que prol. E, por a vossa bondade, me livrastes de morte. E por esto vos tomo por filho e vos herdo pera todo sempre ãno reyno d’Aragon, vos e todollos que de vos veherem, e outrossi das mynhas arras; e esto meesmo vos farya de Navarra, se meu fosse.

Entõ o tomou e meteo per hũa manga da pelle e sacouho pella outra, segundo era custume daquelle tempo de tomar os filhos adoptivos. E, vẽdo el rey ã como a raynha era sanhuda de seus filhos, rogouha que lhes perdoasse aquelle erro que lhe fezeron. E ella, veendo como a el rogava, ²⁴⁹ ouvelhes de perdoar, pero cõ tal preto e condiçon que dom Garcia, seu filho, nõ herdasse em Castella.

E assi aconteceu depois, que quando el rey dom Sancho partio aos filhos, teve por bem de dar a dõ Garcia, que era o filho mayor, o reyno de Navarra con o ducado de Cantabrya, e a dõ Fernãdo, o de Castela, e a dõ Ramyro, o reyno d’Aragõ. / [175b] E este partimẽto fez el rey depois per consselho e mandado da raynha, que nõ quis que os reynos fossem partidos em outra guysa.

E, em aquelle tempo, era Aragon muy pequena terra. Mas os reis o foron depois acrecentando do que tomaron aos mouros. E, por que este dom Ramyro foy o primeiro rey d’Aragon, porẽ leixaremos agora de fallar delle, ca depois tornaremos a elle e o seu linhagẽ, e tornaremos a seu padre el rey dom Sancho de Navarra.

CAPÍTULO CDXXVII

Como el rey dom Sancho de Navarra, ã correndo monte, achou hũu porco; e do que lhe com elle
aconteceo

Conta a estorya em este lugar que este rey dom Sãcho, depois que ouve apacifficado este feito da rainha e de seus filhos, como ja ouvistes, que se partio de Navarra e foisse pera Castella e que andou per toda sua terra, postandoa como melhor pode. E levou conssigo sua molher a raynha dona Elvira e seus filhos, dom Garcia, dom Fernãdo e dom Ramiro.

E, andando elle assy postando e corregendo sua terra, como ja dito avemos, aveolhe que, andando hũu dia a correr monte, que achou hũu porco ²⁵⁰ mōtes. E, em hyndo empos elle, meteosse em hũa cidade que estava herma, cuberta de muytos matos – e aaquella cidade chamã agora Palença. E entrou o porco em hũa cova que hy avya feyta em guysa de igreja e siia em ella hũu altar feito em honrra de Sancto Antonỹ Martir – e o altar he aquelle que hy esta oje em dya. E el rey quiserao matar dentro em aquelle sancto logar. E foy ferido de Nosso Senhor Deus per hũu milagre que lhe acōteceo; ca, asi como ele quis feryr o porco cō hũu venabre, asi se lhe torceo o braço deestro de tal guisa que o nō pode tãger e por esto ficou hi o porco que o / [175c] nō matou. E el rey, quando aquello vyo, deitouso logo em prezes e rogou aa piadade de Deus que, por os mericimētos de Santo Antonỹ, lhe ouvesse mercee e lhe tirasse aquelle mal. E el rey foy logo sãao de seu braço. E por esto ficou ally per algũs tempos e poboo muy bem aquella cidade que estava herma. E fez hũa grande igreja sobre a cova e estabelleceo que fosse bispado e dotouha de muytas herdades.

E, depois que assy ouve pobrada a cidade de Pallença, andou per todas suas terras assessegandoas. E, depois que as ouve assessegadas e posta paz antre seus filhos e postado todo seu feito o melhor que elle pode, trabalhouse de fazer guerra a el rei dom Vermudo de Leom. Mas agora leixaremos a fallar del rey dom Sancho e tornaremos a dom Vermudo.

CAPÍTULO CDXXVIII

Como ouverom consselho os ricos homēes de Leon de nō averem guerra com el rey dom Sancho e dos
casamētos do ifãte dom Fernando com dona Sancha

Andados nove ãnos do reynado deste rey dom Vermudo – e foy esto enna era de myl e cinquenta e dous annos e o anno da encarnaçō de Nosso Senhor Jhesu Cristo em mil e quatorze e o de Luys, emperador de Roma, em XVIIIº – avya grande guerra antre este rey dō Vermudo de Leom e el rey dom Sancho de Navarra. E, veendo esto os ricos homēes de Leon, ²⁵¹ o mal e dampno que desta guerra podya vñir, se longamente durasse, ouverom seu consselho em esta guisa: que consselhassem a el rey dom Vermudo que desse sua irmãa dona Sancha por molher a dom Fernando, filho del rei dom Sancho, e que em esta guisa poderya aver amor e paz antre elles. E, avydo / [175d] este conselho, forō a el rey e disseronlhe o mal e o dampno que viinha da guerra antre el e dom Sancho; que por esto lhes parecia que seerya bem de dar sua irmãa dona Sancha por molher ao iffante do Fernando; e que bem sabya como el rey dom Sancho era muy poderoso e como lhe avya tomado per força parte do reyno de Leon; e que por este casamento poderya vñir antre elles boa paz e amorio.

E el rey dom Vermudo, veendo as muitas e boas razões que lhe avyam dictas, prougelhe muyto e outorgou logo o casamento. E mandou logo sua embaixada a el rey dom Sancho sobre este casamento e que se vehesse a Leon e que trouxesse conssigo seu filho, o iffante dō Fernãdo. E el rey dom Sancho, depois que recebeo a embaixada, prougelhe muyto e guysousse logo com seus filhos e foisse pera Leom. E, depois que os reis foram ajuntados em Leon, fezeron os esposoyros ao iffante dom Fernando com dona Sãcha, a qual fora esposada cō o iffante dō Garcia.

Depois que ouverom feitos seus esposoiros, disse a iffante dona Sãcha a seu sogro que, se a nom vingasse do treedor de Fernã Laynez que fora em morte do iffante dō Garcia e que dera a ella hũa palmada enno rostro e lhe depenara os cabellos, que nũca seerya casada cō seu filho. E el rey mandou logo cercar toda a montanha onde elle andava. E catarōna muy bem cō grande diligencia. E acharōno e adusserōno aa iffante dona Sancha. E el rey lhe mandou que ella desse ã elle de qual justiça ella quisesse a sentença.

Entō a iffante dona Sancha tomou hũu cuytello em sua mãao e cō elle mādou que lhe cortassem as mãaos com que elle ferira ao iffante dom Garcia. E, depois, mādou que lhe cortassē os pees cō que andara / [176a] em aquelle feyto. E, depois, mādoulhe tirar a lingua com que fallara a traizom. E, desdeque esto ouve feyto, mādoulhe tirar hũu olho com que vira todo esto. E mandouho poer em hũa azemela e levallou per quantas villas e mercados avya em Castella e en terra de Leom. E mandou dizer no pregō que todos soubessem que ²⁵² aquelle treedor padecia taes tormentos por a trayçom que fizera em bastecer a morte, e seer em ella, ao iffãte dom Garcia.

Depois que foy morto Fernam Laynez, como avedes ouvydo, fezerõ grandes vodas ao iffante dom Fernando com a iffante dona Sancha. E el rey dom Sancho deu entom a seu filho e a sua nora toda a terra que tomara a el rey dom Vermudo; e esto foy con seu prazimento.

E o iffante dom Garcia, filho deste rey dom Sancho de Navarra, veendo ja em como era feito o casamêto de seu irmão, dom Fernando, foyse em romaria a Sam Pedro de Roma. E, en andando em sua romarya, morreo, o seu padre.

E a sua morte foy em esta guisa: andando elle em terra das Esturas folgando, chegousse a elle hũu peõ e matouho a traiçom. E esto foy andados IX annos do reynado de dom Vermudo, como ja he dicto. E o iffante dõ Fernãdo, seu filho, enterrouho muyto honrradamente no moesteiro d'Onho. E, enterrado el rey, logo os filhos se chamarõ reys, cada hũus daquella terra que o padre lhes partira seendo vyvo, cõvem a saber, a dom Garcia, Navarra, e dom Fernando, Castella, e a dom Ramiro, Aragom, como ja avedes ouvydo.

E este dõ Ramiro, rey d'Aragom, pose sua amizade con el rey de Saragoça e com el rey de Tudella e com o d'Osca, que eram ambos mouros, e trabalhouse, com ajuda destes / [176b] mouros, de correr a terra a dom Garcia, seu irmão, que ficara por rey de Navarra, e fazerlhe quãto mal podia, nõ lho merecendo seu irmão.

Mas el rey dom Garcia, depois que ouve comprida sua romarya, tornou-se pera sua terra. E, quando chegou apreto de Pampollona, soube como seu irmão era rey d'Aragom e como se trabalhava de lhe fazer mal e dampno ã sua terra e que o ameaçava que lhe darya batalha em campo. E el rey dom Garcia era homẽ muy esforçado e de grande coraçom e nõ pode sofrer tal cousa. E ajuntou logo a grande pressa sua cavallaria e foy sobre seu irmão dom Ramiro. E achouo, com aquelles reis que veheron em sua ²⁵³ ajuda, onde jaziã ã suas tendas seguros e deu em elles d'arrevato e matou delles muytos, por que os achou desarmados. E os que poderom scapar fogirõ e desepararõ as tendas. E el rey dom Ramiro foy em tal pressa que fogio em panos de lynho e descalço, ã cima dhũu cavallo sã sella e sem freo que nõ levava se nom o cabresto.

Em esta guysa que avedes ouvydo desbaratou el rei dom Garcia de Navarra seu irmão dom Ramiro, rey d'Aragon, e aquelles reis mouros que veherõ em sua ajuda e tomoulhe ally quanto trariam, assy aos mouros como aos cristãos. E tomou el rey dom Garcia daquella vez a seu irmão quanto lhe el rey dom Sancho, seu padre, leixara em Aragom, se nõ Sobarve e Ribacorsega tanssolamente.

CAPÍTULO CDXXIX

Ora leixaremos de fallar desto e tornaremos ao conto dos reis de Navarra pera hyrmos per esta estorya dos reis de Navarra em dyante. E depois tornaremos aos reis d'Aragom de França e de Castella e de Leom e per qual guisa foron juntos os reynos de Castella e de Leon

Conta a estoria dos reis de Navarra que este rey dom Garcia, de que avemos dicto, foy filho de dõ Sancho, o Mayor. E este foi o sesto rey de [176c] Navarra. E este ouve tres filhos e todos ouverõ este nome dom Sancho. E o mayor destes irmãos, depois da morte de seu padre, reynou em Navarra e foi o septimo rey. E este morreo sem filho, ca o matarom em Pena Leom.

Empos este, reinou seu irmão, o segundo, que avya nome como o primeiro, convem a saber, dom Sancho. E este foy o oytavo rey de Navarra. E ²⁵⁴ este matarõ em Roda a treição. E este ouve hũu filho que ouve nome dom Ramiro. E este dõ Ramiro foy casado com dona Elvira, filha de Roy Diaz, o Cide. E este foy o IX rey de Navarra. E este foy o primeiro rey depois del rey dom Fernando, o que mandou Navarra. Este dom Ramiro ouve desta dona Elvira, filha do Cide, hũu filho que ouve nome dom Garcia Ramirez, que foy o Xº rey de Navarra. E este pos a seeda do reyno ãna Estella.

E, em aquelle tempo, andavõ os Navarros em grande perigoo antre Castella e Aragom. Onde aveo assi que, depois da morte del rei dom Pedro, filho del rey dom Afonso d'Aragon, foron os Navarros ao castello de Monçom, o qual he em esse reyno d'Aragon, e alçaron hi por rey de Navarra este dom Garcia Ramirez que dissemos. E, desde foy rey, foi enderençando o reyno quanto pode. E este rey dom Garcia, decimo, foy casado com dona Margellina, filha do conde das Perchas, e ouve della hũu filho que chamarõ dom Sancho – e este dom Sancho foy homẽ de grande intendimento e muy esforçado. / [176d] E outrossy fez em esta dona Margellina duas filhas: hũa ouve nome dona Branca e foy casada com dõ Sãcho de Castella e ouve della hũu filho que chamarõ dom Afonso, o Bõo, cuja razão contaremos em seu lugar; e a outra filha ouve nome dona Margarida e foi casada com el rey dom Guylhen de Cezillia e ouve della hũu filho que ouve nome como seu padre. E este seu filho dom Guylhem, desde foy rey, foi casado com a filha del rey dom Anrique d'Yngraterra e nom ouve della filhos. E, depois que ²⁵⁵ elle foy morto, casouha seu irmão el rey Recharte com Reymõ Frazada, conde de Tollosa, e ouve o conde em ella hũu filho que ouve nome dom Reymõ, o Bõo, do qual linhagem oje em dya he Tollosa.

E, depois que foy morta esta raynha dona Margelyna, casou el rei dom Garcia com a raynha dona

Orraca, filha do emperador dom Afonso – a que ouvera em dona Gontruda, irmã de dom Diego Abergon –, e ouve della hũa filha que ouve nome dona Sancho.

E morreo este rey dom Garcia e casou a rainha cō Alvaro Rodriguez. E conta o arcebispo dom Rodrigo que este Alvaro Rodriguez foy enno seu tempo. E aquella dona Sancha, filha del rey dom Garcia e da rainha dona Orraca, foy casada com Gascon, bizconde de Bearte, e nō ouve della filhos. E, depois que morreo este bizconde, casou ella con o conde dom Pedro de Molina que foy filho de dona Hermessenda, cuja fora Narbona.

E, depois da morte del rey dom Garcia, reynou seu filho, dom Sancho, que foy o XIº rey de Navarra. E este foy casado com dona Betança, filha do emperador, e ouve della dous filhos. E o primeiro ouve nome dō Sancho; e este, depois morte de seu padre, reynou em Navarra e foy o XIº rey. E este esteve / [177a] no castello de Tudella que se nō leixava veer se nō a poucos dias de sua casa. E o outro filho chamaron dom Fernão e foy muy bõ e muyto amado de todos. E este cayo dhũu cavallo e cima dhũu penedo e morreo em esse logar de Tudella. E ouve outrossi aquelle rey dom Sancha tres filhas: a hũa chamaron dona Biringuella, que foy depois casada com rey Richarte d’Ingraterra e nō ouve filhos della – e morreo este rey d’Ingraterra sem filhos e ficou ella viuva e fez muy santa vida e morreo na cidade de Cimoanys e hi foy enterrada; a segunda das tres filhas daquelle rey dō Garcia ouve nome dona Costança, e esta morreo ante que casasse; e a terceira destas tres filhas ouve nome dona Branca e foy casada ²⁵⁶ com o conde dom Teobaldo de Campanha e ouve della hũu filho que ouve nome Teobaldo, como seu padre. E este Teobaldo casou depois com hũa dona, filha do conde Lotorringa, mas foy partido della per mandado da igreja. E casou elle depois com hũa filha de dom Gistardo, hũu homem bõ de Bolim [...], e de sa molher dona Sevylla, filha do conde dom Filipe de Frades e de Move. E ouve em ella hũa filha que ouve nome dona Branca e foy casada com dom Joham, senhor de Bretanha. E, depois que lhe morreo esta dona Branca, casou elle com dona Margarida, filha do principe Archabaldo e ouve della dous filhos e hũa filha. E estes ouverom nome, o primeiro, dō Theobaldo, e outro, dom Pedro, e a filha, dona Lyonor.

E, depois que foy morto este rey dom Sancho de Navarra, o que estava [177b] emçarrado em Tudella, como dito avemos, reynou empos elle dom Theobaldo, que foy o XIIIº rey de Navarra. E, por que el rei dom Sancho nō ouve nem hũu filho que herdasse, este dō Theobaldo, por razom de dona Branca, sua madre, que foi filha del rei dom Sancho de Navarra, herdou o reyno.

E, desde foy rey, avendo grande coraçom de fazer serviço a Deus, ajuntou muy grande cavallaria e passou aalem mar e foy livrar de poder de mouros a terra santa de Jherusalem; e gaanhou hy muytos logares que tiñham os mouros e deus aos cristãos. E partio ally muy grande aver com os cavalleiros pobres que allo achou, que nō avyã com que allo ficar em defendymento da terra nem outrossy com que tornar a suas terras. E outrossy tirou allo de cativo muytos cavalleiros e outros bõs homens e fez muyto bem e aquella terra. E, depois que esto ouve feito, tornouse pera sua terra e manteve mui bem seu reyno e condado de Cantabria e o condado de ²⁵⁷ Campanha. E foy principe muy mässo e sofrudo e dereito e temperado em seus feitos, per tal maneira que de todos era muy amado.

E morreo este rey dom Theobaldo e ficou em seu logar seu filho que avya nome, como o padre, dō Theobaldo. E este foy o XIIIº rey de Navarra. E foy homẽ de muy boas manhas, assy como o padre era. E este rey dom Theobaldo foy casado com hũa dona e fez em ella hũu filho que ouve nome dom Sancha.

E este, depois da morte de seu padre, dō Theobaldo, reynou em Navarra. E foi este o XVº rey de Navarra. E este dō Sancho foy casado e ouve de sua molher hũa filha que ouve nome dona Johãna. E esta foy depois casada com el rey dom Philippe de França, o que arrastrou o cavallo, e ouve della filhos, assy como a estorya contara adyante.

CAPÍTULO CDXXX

Mas agora leixaremos aqui de fallar dos de Navarra, por que aquy se acaba/rõ [177c] os que foron deste linhagẽ dos reis, e fallaremos do lynhagen dos reys d’Aragon e como veheron

Conta a estorya que el rey dom Ramiro – que foy o primeiro rey d’Aragon, segundo vos dito avemos no começo – que foy filho del rey dom Sancho de Navarra, o Mayor, e ouveo em hũa dona filha d’algo; e era natural de hũu castello que chamavõ Agaron. E, depois que este rey dom Sancho, Mayor, foy morto, este rey dom Ramiro, como era cavalleiro muy esforçado, fizesse chamar rey d’Aragon, assy como lhes fora outorgado per seu ²⁵⁸ padre e per a rainha dona Elvira, sua molher, por o reto que por ella quisera entrar. Este rey dom Ramiro ouve muytas batalhas com os mouros e sempre os venceo. E depois matarõno em Grados, assy como diremos adyante. E reynou este dom Ramiro em Aragon e acabou desta guysa.

CAPÍTULO CDXXXI

Acabasse o reyno de dō Ramiro, o primeiro rey d’Aragon, e começa ho reynado de dom Sancho, o segundo rey; e de como foy tomada Osca

Despois da morte de dō Ramyro, o primeiro rey d’Aragon, reynou seu filho dom Sancho, que foy o IIº rey. E este foy muy bõo e muy esforçado. E este foi cercar a cidade d’Osca, que em aquelle tempo era de mouros, e foy ally ferido de hũa seetada. E elle, quando se sentio que era ferido de morte, chamou dous seus filhos que hy eram cõ elle – e hũu avya nome dō Pedro e outro / [177d] dom Fernando. E, quando forõ ãt’elle, fezeos jurar em os Avãgelhos, e outrossy todos seus ricos homeens, que nũa se partissem dally ataa que tomassem aquella cidade d’Osca. E, despois que esto ouve feito, morreo. E os filhos nũa o quiseron soterrar ataa que tomarom aquella cidade d’Osca. E em esta guisa acabou aquelle rey dom Sancho seu tempo.

E, despois da morte deste dom Sancho, reynou seu filho dō Pedro. E este foi o terceiro rey d’Aragon. E este rey dom Pedro, com seu irmãao o iffante dom Afonso, teendo cercada a cidade d’Osca, como he dito, veeo muy grande hoste de mouros por os fazer levantar de sobre a cidade per força. ²⁵⁹ E viinha com elles em ajuda el rey dō Garcia de Navarra. E el rey dom Pedro, quando vyo aquella hoste dos mouros, fez levar o corpo de seu padre ao mosteiro de Sam Vitor, pero que era em Môte Aragõ. E, despois per tempo, foy levado a Sam Johã de la Pena. E, logo que el rey dō Pedro esto ouve livrado, foy lidar com aquelles mouros em Altorce. E forõ vencidos os mouros e morrerõ muytos delles; e prendeo hy o conde dom Garcia e guanhou grandes averes dos mouros que partio per todollos de sua hoste que andavã muy lazerados. E, despois do vencimẽto desta lide, tomou Osca e meteo so o seu senhorio.

E este rey dom Pedro foi o que prendeo Roy Diaz, o Cide, na batalha. Mas soltouho logo por doo que delle ouve e por rogo dos da sua hoste, assy como adyante ouvyredes. Este rey dom Pedro ouve dous irmãaos, cõvem a saber, dō Affonso, de que ja dissemos, e outro que ouve nome dom Ramiro, que foy monge e clérigo de missa enno mosteiro de Sam Paulo de Comaras. E desta guysa / [178a] acabou este rey dom Pedro.

E, despois da sua morte, veendo os Aragoeses que nõ leixara filho que herdasse despois de sua morte, tomaron por rey o iffante dom Afonso. E este foy o quarto rey d’Aragon. E foy muy bõo rey e muyto ben aventurado em batalhas que ouve cõ mouros. E este dom Afonso foy o que lidou com o conde de Tollosa e com o conde Piteus em hũu dya. E, desque os venceu e ouve presos em seu poder, levou delles muy grande aver. E este rey dom Afonso foy o que, per bondade d’armas, mereceo de aver nome dom Afonso, o Batalhador.

El rey dom Afonso, o que tomou Tolledo aos mouros, avya hũa filha que avya nome dona Orraca e era casada com o conde dō Reymõ. E, desque este conde foy morto, ouve seu consselho el rey dom Afonso, o que tomou Tolledo, de casar esta sua filha dona Orraca com el rey dom Afonso, o Batalhador. E o casamento foy feito, pero a pesar de muytos dos de Castella. ²⁶⁰ E, desque este rey dom Afonso d’Aragon ouve feitas suas vodas com a raynha dona Orraca, ênas quaaes vodas fora el rey dom Afonso, seu padre, tomou sua molher e fuisse com ella pera seu reyno. Esta raynha dona Orraca ouve do cõde dom Reymõ hũu filho que ouve nome dō Afonso Reymõde, o que despois foy emperador d’Espanha, segundo ouviredes em sua estorya. E este naceo em Galliza, onde chaman Caldas de Rey, e criouho o arcebispo dom Diego, que foy o primeiro arcebispo de Santiago despois que a provẽcia de Merida foy mudada a Santiago, e outrossi o conde dom Pedro de Trava.

E este rey dom Afonso d’Aragõ, o que chamaron Batalhador, que foy emperador d’Espanha, tragia as armas do campo branco e cruz vermelha em quatro quarteyrões de campo branco e tragia / [178b] quatro cabeças de mouros negros que vēcera e matara em hũa batalha.

CAPÍTULO CDXXXII

Como el rey dō Afonso d’Aragõ, o que foy dito Batalhador, foy vencido dos mouros e como com vergonça se foy emcubertamente e da sua morte em que maneira foy

Em a estorya do emperador d’Espanha está a deste rey dom Afonso d’Aragõ, o que disserom Batalhador, que foy o quarto rey d’Aragon e emperador d’Espanha, como pobrou Soyra e lidou com os Castellãaos e venceu e outrossi com os Leoneses e com os Gallegos e Vandantes e venceos. E, e como esto foy e as razões por que, adyante o veeredes enna estorya do emperador dō Afonso, em cujo tempo aconteceu; que, despois que lidou em Flaga com os mouros e os venceu sete vezes, e aa oytava vez foy vencido.

²⁶¹ E, com vergonça daquello, fuisse a perder que nunca souberom delle parte ataa a morte e viveo em guysa de homẽ desconhecido seis ãnos em Acre com hũu cavalleiro a soldo. E, quando ouve de morrer, confessou aaquelle cavalleiro toda sua fazenda e rogoulhe que o metesse em o avyto de Cistel,

onde prometera de morrer, e que o levassem ao mosteiro de Poblete a soterrar. E o cavalleiro assy o fez como lhe elle mādou.

Os Aragoesses, quando virõ em como avyã perdido seu senhor e o nõ podyam cobrar, tomaron seu irmão dom Ramiro, o que era monge, e tirarõno do mosteiro e tomarõno por rey e por senhor.

CAPÍTULO CDXXXIII

Como os Aragoesses tomarõ por seu rey dom Ramyro, o Monge, irmão del rey dom Afonso, e foy este o quinto rey d'Aragõ

Despois que foy perdido el rey dom Afonso, que avya reynado despois da morte de dom Pedro, seu irmão, nõ foy dele / [178c] achado nem hũu recado nõ elle nõ avya filho que herdasse depois de sua morte nõ outro herdeiro se nõ o iffante dõ Ramiro, que era mōge. E, por esta razon, entrou antre os Aragoeses grande contenda, ca algũs diziam que, por este dõ Ramiro era monge e clerigo de missa, que nõ poderya fazer batalhas nem justiça, assy como cõvinha a rey, nõ casar com molher a benções, como era dereyto. E, por esta razon, acordaron de alçar por rey hũu rico homẽ que avya nome dõ Pedro Tarez.

Mas este dom Pedro, nõ parando mente enna honrra e estado que lhe ²⁶² queryã dar, começou por pouco siso a despreçar os altos homẽs e teellos em pouco, cuidando que ja era rey ante que fosse firmado. E, quando aquello virom os altos homẽs, que erã muy poderosos, dos quaaes hũu avya nome dom Pero Tiçom e o outro dom Pero Marti de Castella, e querendo elles fazer lealdade a seu senhor, estorvarõ aquelle dom Pero Tarez que nõ fosse rey e trabalharom quanto poderom de fazer tirar do mosteyro aquelle iffante dom Ramiro, filho de dom Sancho, e fazello rey. E assy foy.

E, os Aragoeses seendo ajuntados enna cidade da Baria, em suas cortes que faziã hy pera alçar por rey aquelle dom Pedro que dissemos, algũs dos altos homẽs de Navarra que viinham aaquellas cortes, quando virom que nem hũu nõ os sahya a receber, ouverõ grande pesar. Mas aquelle dom Pero Tiçom que dissemos, quando soube que viinham, sayu a elles e recebeuos hõrradamente e foyse com elles ao paaço de dom Pero Tarez, por veer se sayria a elles ou lhes mandaria fazer algũa cortesya. E, quando chegaram aas portas do paaço daquelle dom Pedro, mandou que lhes nom abrissem. E elles, que virom esto, partironse da porta e forom comer com dom Pero Tiçom, que os cõvydou. E despois, foy a/ssy [178d] que, per aquelles altos homẽs de Navarra e per dom Tiçom, se embargou ã aquellas cortes o preyto de dom Pedro Tarez, em tal guysa que nõ foy rey. Mas ficou aquelle feyto assy por desembargar pera as outras cortes que fizessem.

E foron ajuntados despois em Monçõ todollos altos homẽs e fezerom hi suas cortes, em as quaaes acordarõ que alçassem por rey dom Ramiro, o Monge, em lugar de dom Afonso, seu irmão. E entõ o tirarom do mosteiro e levarõno aa cidade d'Osca e alçarõno por rey. E desy, logo a poucos dias, deronlhe por molher a irmãa do conde de Piteus.

²⁶³ E este dõ Ramiro foy o quinto rey d'Aragõ. E este foy bem aventurado rey em batalhas e muy amado dos seus e muy franco em dar seu aver. E, todas villas e castellos que ao senhorio do rey perteciam, todallas partio a seus cavalleiros. E tanto fez per sua bondade que ouve o senhorio do reyno melhor e mais compridamẽte que nõ hũu outro rey que ante delle reynasse em Aragon.

Este rey dom Ramiro que foy monge ouve em aquella sua molher hũu filho. E, desde foy tamanho que podesse reynar, leixou o reyno e o segre tornou-se aa ordẽ. Mas aquelle iffante nõ viveo despois se nõ pequeno tempo e morreo logo. E os altos homẽs do reyno, despois da morte do iffante, foron come de cabo ao mosteiro e tirarom el rey dõ Ramiro e trouxerõno pera sua molher. E ouve della hũa filha, a que disserõ dona Peremelha, a qual ouve despois nome dona Orraca. E esta dona Orraca foy despois casada com o conde dom Reymõ de Barcellona.

E el rey dom Ramiro, despois que ouve esta filha, ouve hũa grande batalha cõ mouros. E, aa entrada / [179a] da batalha, armarõno e posserõno ã cima do cavallo; e, despois, poserõlhe o escudo ãno braço seestro e poseronlhe a espada ãna mãao, como era husado, e disseronlhe:

– Senhor, tomade a redea enna seestra.

E elle disselhes:

– Com essa tenho o escudo. Metedema na boca.

E elles fezerõno assy. E este rey dom Ramiro venceu aquella batalha e ainda outras muytas que ouve com os mouros.

Este rey dom Ramiro era homem simprez e nõ era agudo em seu intendimento. E, por esto, os ricos homẽs e os cavalleiros faziam delle scarnho e outrossy murmuravõ delle e fazianlhe taes cousas que nõ cõvinha ²⁶⁴ pera rey, como se fosse algũu alvardam. E el rei dõ Ramiro, por tal dos aver pera sy, hyalhes suportando e davalhes passada. E, desde vyo que nõ queryã deisto em sy tomar mesura e que o faziã a mal fazer, nõ o quis elle mais sofrer. E hũu dya, enna cidade d'Osca, em hũu curral dos seus paaços, fez matar onze ricos homẽs, cõ os quaaes morreron muy grande peça de cavallarya. E, desde os

vyo mortos, começousse de riir delles. Entom disse estas pallavras:

– Nom sabe a golpelha com quem trebelha!

E, des aquelle dya en dyante, os ricos homêes e os cavalleiros que ficaron tomarom del grande resguardo e elle outrossy delles. E, veendo elle que se ño podya bem acordar com elles, ãvyou por o emperador de Castella e deulhe o reyno d’Aragon ã guarda, ataa que aquella sua filha ouvesse marido de que ouvesse filho que herdasse o reyno. E deu entom por esto a emperador Soyra em dõ, que fosse do reyno de Castella, ca em aquelle tempo era d’Aragon.

Depois desto todo feito, este dom Ramiro tornousse a sua hordem e cantava cada dya missa ao poboo; e os dinheiros que lhe ofereciam deytavaos no çapato. E este rey dõ Rami/ro, [179b] em quanto mãteve o reyno, deu aaquelle seu moesteiro muytas igrejas e herdades e enriqueceo muyto, assi ao como oje em dya parece.

CAPÍTULO CDXXXIV

Como dona Orraca, filha de dom Ramiro, o Monge, foy raynha d’Aragon e foy casada com o conde de Barcellona. E foi este o sexto rey d’Aragõ. E ã como reynou seu filho, dõ Afonso, que foy o septimo rey d’Aragõ

Depois que esta dona Orraca foy de ydade pera casar, casaronna com o conde de Barcellona e obedeceromlhe logo com o senhorio do reyno d’Aragon. E reynarõ, ella e seu marido, o conde, ã Aragon e manteverom o reyno muy ²⁶⁵ bem ã todollos seus dias. E este conde ouve desta raynha dona Orraca hũu filho que ouve nome dom Afonso. E este reynou depois da morte de seu padre e de sua madre. Este foy o setimo rey d’Aragon e senhor de Barcellona. E foy homẽ muy esforçado e muy amado dos filhos d’algo e fez muytas batalhas com os mouros e muytos outros bõos feitos que fez per todo o reyno. E pobrou Teruel e outros muytos castellos.

Este rey dom Afonso foy casado com dona Sãcha, filha do emperador d’Espanha. Este emperador foy casado com hũu filha do duc de Pallermo e ouve della tres filhos que ouverom nome, o primeiro, dom Pedro, e dom Afonso e dom Fernando. E ouve outrossy tres filhas: dona Constança e dona Lyonor e dona Sancha. E esta foy casada cõ el rey dom Afonso d’Aragon, como ja dito avemos.

E a este dom Afonso, que era o segũdo filho do emperador, deu elle o condado de Proença. E casouho com hũu neta de Folcarquerdi. E foy este dom Afonso muy atrevudo cavalleiro e muy franco. E ouve daquella sua molher hũu filho que foy, depois de sua / [179c] morte, senhor de Proença. E sayo homen muy esforçado como seu padre e muy sabedor e guaanhou villas e castellos que eram perdidos do condado e pobrouas. E este filho daquella neta de Folcarquerdi casou com dona Beatriz, filha do conde Maupiem, e ouve della quatro filhas. E hũu casou com dõ Luis, rey de França, e a outra com dom Anrique, rey de Ingraterra, e outra, que ouve nome dona Costança, foy casada com el rey d’Ongria. E morreo esse rey d’Ongria ante que ouvesse filho della. E ella, depois que foy vyuva, tornousse pera Aragon. E el rey dom Pedro, seu irmão, casouha depois com Fraderique, rey de Cezillia.

E aquelle dom Afonso, irmão del rey dom Pedro d’Aragon, foy per mar cõ muy grande companhia de nobre gente a Catalonha, com aquella dona Costança, sua irmãa – e esto por lhe fazer honrra ã seu casamẽto que lhe ²⁶⁶ faziam com aquelle dõ Fradarique, rey de Cezillia, o qual foy depois emperador. E, depois que as vodas foron feytas, aquelle dom Afonso, conde de Proença e irmão dessa raynha dona Costança, enfermou allo e morreo dessa infirmitade. E outrossy morrerom hy enton muytos altos homêes dos que forom allo com esse dom Afonso. E esto lhes aconteceu por o muymento da terra que os provou.

Este dom Fradarique ouve em aquella dona Costança hũu filho que casou depois com a filha do duc das Esturas. Mas este, por que se quisera alçar contra seu padre, prendeuho e deytouho em prisom em Pulha e, ally jazendo, morreosse.

CAPÍTULO CDXXXV

Como reynou dom Pedro, filho del rey dom Afonso d’Aragon, depois da morte de seu padre. E este foy ho oytavo rey d’Aragon. E como morreo

[179d] Depois que foy morto el rey dom Afonso d’Aragon, reynou empos elle seu filho dõ Pedro, que foy homẽ de grande coraçõ e franco em dar seu aver. E tanto era nobre que, qualquer aver que podya percalçar, assy dos seus direitos como d’emprestidos, logo de boamente o partya cõ todos. E tanto era este rey franco e liberal em dar seu aver que apenhorava os castellos e as aldeas por tal de lhe ño mýguar que desse.

Este rey dom Pedro ouve sempre grande amor com el rey dom Afonso de Castella e foy com

elle ãna batalha d'Ubeda, onde foram os mouros vencidos, como adyante ouvyredes. Este rey dõ Pedro tomou o castello que chamã Abibdiemus e outros muytos castellos que livrou dos mouros. E este rey dom Pedro casou com dona Maria, filha do mui nobre dom Guylhen, senhor de Mõprile, aquella que ouvera em a filha do emperador de Costantino ²⁶⁷ pla. E ouve este rey dom Pedro em aquella dona Maria hũu filho que ouve nome dom James. Este dom Pedro foy a Roma em tempo que era papa Innocencio IIIº e foy coroado per este papa. Mas, despois desto, quando ho honrrado dom Arnaldo, arcebispo de Narbona, ajuntou de França grande gente de cruzados contra os ereges, que erã muytos, este rey dom Pedro foy em ajuda a dõ Reymon, conde de Tollosa, por que este conde era casado com dona Lyonor, que era sua irmã del rei. E ajuntou entom el rei dom Pedro sua cavallarya de Aragoeses e Catallães e foyse pera o conde de Tollosa. E, desque forõ ajuntados, veolhes ã aju/da [180a] a gête dos Frissões e outros muytos altos homẽes de França e da Galya Goticae – e esto pera se defender do arcebispo e dos cruzados que com elle viinhã. E el rei dom Pedro e o conde de Tollosa e o conde de Frissões e os hereges poserom a batalha aos cruzados a par dhũu castello que ha nome Moriello. E forõ vencidos os hereges e os condes de Tollosa e o dos Frissões e fogirom. E foy hy morto el rey dom Pedro d'Aragon, con grande parte de sua companhia. E, nõ embargando que elle era muy bõo cristãao, pero quis Deus que morresse naquella batalha, por que vehera defender os hereges, que era gente sem Deus.

E foy enterrado enno espital de Sixena que sua madre, a raynha dona Sancha, fezera; e metera hy muytas donas que servyssem a Deus.

E morrerõ em esta batalha con el rey dom Pedro algũus altos homẽes d'Aragon, dos quaaes foram dom Asnar Pardo e dom Pero Pardo, seu filho, e dõ Gomez de Lyma e dom Miguel de Lussya e muytos outros altos homẽes e bõos cavalleiros. E esta batalha foy feita na era de myl e duzentos e cinquenta e dous ãnos e andava entom o ãno da encarnaçon de Nosso Senhor Jhesu Cristo em mil e duzentos e quatorze annos.

CAPÍTULO CDXXXVI

Como reynou dom James despois da morte de seu padre; e este foy o noveno rey d'Aragon

Despois da morte del rei dom Pedro, que foy morto na batalha de Moriello, como ja dicto avemos, reynou seu filho dõ James. E este foi o IXº ²⁶⁸ rey d'Aragon. Este rey dom Pedro, em sua vyda, avya dado a dom Symõ, o conde de Monte Forte, este seu filho dom James a cryar. E, despois que el rey foy morto, / [180b] o conde esposou o iffante cõ sua filha. Mas, por que, enna batalha em que el rey fora morto, este conde dom Symon de Monte Forte fora dello ocaçyom, porem teve por bem a corte de Roma que conhocessem ao iffante dõ James e que o tirassem do poder daquelle que o criara e que o dessem aos seus naturaaes. E foy entom dom James tornado em poder dos seus per dom Pedro, dyacono de Carryõ e cardeal de Santa Maria de Benavête. E este cardeal, cõ grande prazer e aa sua custa, fez ho ordenamẽto ao bispo de Segoyvha, o que ante nõ avya daquella guisa.

E, despois que aquelle rey dom James foy mancebo de ydade pera ello, casou com dona Lyonor, filha del rei dom Afonso de Castella, que ficara donzella aa morte de seu padre. E ouve della hũu filho que ouve nome dom Afonsso. Mas este rey dom James e esta raynha dona Lyonor foron despois partidos per juizo de Santa Igreja e mandado do papa Johanne. E aquelle seu filho dõ Afonsso foy despois ligitimado per hũu legado que veeo hy per mandado do papa.

Este rey dom James se trabalhou quãto pode em traspassar todollos nobres feitos que os seus padres fizeram. E começou logo de guerrear os mouros muy de ryjo e correolhes a terra e tomou o castello que chamã Borriana, que he muy forte castello, e outros muytos castellos e villas que os mouros tiinham. Despois que se desto cõtentou, achegou grande frota de todas partes e passou aas ilhas que chamavom Balleares. E este nome Balleares quer tanto dizer come cousa que perteença pera beestas, por que dizem que em aquellas yslhas sooe de aver as melhores beestas e os melhores beesteiros do mundo e os mais sotiis e que melhor soubessem em feito de beestas. E estas ilhas som aquellas a que agora chamã Mayorgas e Mynorgas; e esto quer dizer que hũa dellas he mayor e a outra mais pequena.

²⁶⁹ [180c] E este rey dom James, logo que arribou em terra, cercou logo Mayorgas que era cabeça desse reyno e era per si em aquella sazõ. E Mayorgas era a mayor cidade e a cabeça, assi como dissemos, e ella era a mais poderosa de seu reyno. E tãto a combateo e a premeo per mar e per terra que per força se lhe ouve de dar, assy a cidade como o reyno todo, cõ todollos vassalos que se meterõ so seu senhorio, pero que ante morrerõ muytos dos seus em batalhas e ã torneos que ouverom muytos. Antre os quaaes que hi morrerõ foy: dõ Reymõ de Moncada, senhor de Bearte, e Reymon de Monte que era seu primo cuirmãao, e dõ Xeri Guylhelmez, filho del rey de Navarra.

E tomou logo dessa conquista a Evyça e desy Mynorga. E pos com elles sua preytesya de os manter e defender. E, feito esto, tornou-se pera Aragon.

E, depois que hi foy, ajuntou logo sua hoste muy grande e foy sobre o reyno de Vallença muy

atrevudamente. E combateo a cidade muy grande tempo e correo a terra e aprendeuos e trouxeos tam mal que todollos da cidade per força se lhe ouverom a dar e metersse em seu senhorio. E, depois que el rey dom James ouve tomada a cidade de Vallença, correo logo como de cabo toda a terra que estava contra elle e rouboua toda e tanto mal fez aos mouros dos logares que per força lhe ouverõ de dar os castellos e villas e todollos outros logares que no reyno de Vallença avya.²⁷⁰ E de tal guisa fez que todollos seus reynos assessegou e sujugou todollos seus inmiigos que lhe nom ficou nẽ hũu em nem hũa parte que lhe guerra ousasse fazer.

Este rey dõ James, depois que foy partido da primeira molher per mandado da Igreja, como dicto avemos, casou cõ outra dona que avya nome dona Vyolante e foy filha de dõ Ádres, / **[180d]** rey d’Ongria, e da raynha dona Viollâte, que foy filha do emperador dom Pedro e da emperatriz dona Vyolante, que viinha do linhagem dos reis de França. E ouve della estes filhos: dom Pedro, que foy rey d’Aragon depois da morte de seu padre, e dom James, que foi rey de Mayorgas, e a raynha dona Vyolante, que foy casada com o muy nobre rey dom Afonso de Castella, e a iffante dona Costança, que foi casada com o iffante dõ Manuel, e a raynha dona Ysabel de França e o arcebispo dom Sancho de Tolledo e outros.

E este rey dom James, que assy tomou o reyno de Vallença aos mouros e cobrou delles muytos castellos e villas que os cristãos tiinham perdidos, desde esto ouve feito, tornou-se a Arragom.

E, depois que foy tornado, veeronlhe novas em que maneira el rei de Castella, seu jenro, era desafiado com el rey de Graada e como erã passados d’aalem mar muytos mouros pera fazer dampno em terra de cristãos. E a cousa era per esta guisa: el rey dõ Afonso de Castella, estando em treguas com el rey de Graada e seendo em Sevilha, soube em como el rey de Graada fizera passar emcubertamẽte grande companhia de mouros em sua terra. E entendeo el rey dom Afonso que elle nõ fizera aquello se nõ pera fazer mal e dampno ã sua terra. E, por esto, mandouho logo desafiar. E el rey de Graada, depois que foy desafiado, ouve per suas cartas falla feita com os mouros que moravõ antre os cristãos ennas villas e logares da Andaluzia e ainda cõ os que moravõ em Sevilha, onde avya delles grande²⁷¹ companhia. E a falla foy em esta guisa: que, a dya certo, que se alçassem os mouros com os castellos e fortellezas dos logares onde moravã e que se cõbatessẽ com os cristãos, e elle / **[181a]** os acorrerya como lhes mester fosse. E os mouros teverõ a maneyra que lhes el rey devisou. E fezerõ per tal guisa que, se a el rey dom Afonso nõ fora descuberto o que os mouros fazer queryã em Sevilha e ãnos outros logares, podera el rey aver perdudo o corpo e a molher e os filhos que hy tiinha. Pero desto nõ se fez nẽ hũa cousa em Sevilha, mas fizesse em outros logares enna Andaluzia, em tal guisa que em tres domas, antre combatidos e roubados e filhados, passaron bem per trezentos logares a que os mouros enton veherõ.

Quando el rey dom Afonso esto vyo, pesoulhe muyto de coração. E entõ a raynha dona Violante, sua molher, ãvyou dizer este feito todo a seu padre el rey dõ James per hũu cavalleiro que avya nome Beltram de Vylla Nova. E el rey dõ James, em aquella sazõ, era em Xexena por teer hi a festa dos ramos por honrra do mosteyro, o qual a raynha dona Sancha, sua avoo, fizera. E, elle estando em aquel logar, disseronlhe ã como a raynha de Castella, sua filha, lhe ãvyava hũu messegeiro e que era ja em Osca, o qual era Beltram de Villa Nova. E, quando el rey dom James esto ouvyo, bem entendeo que sua filha avya algũa grande pressa e partiosse logo dally e foyse a hũa sua villa que era a tres leguas, que avya nome Granhõ, onde ja achou Beltram de Villa Nova, o qual, depois que fallou a el rey e lhe disse as novas de sua filha e todo o al que lhe preguntou, deulhe a carta que tragia. E a carta dizia ã esta guisa:

«Ao muito hõrrado padre e senhor dõ James, per graça de Deus, rey d’Aragõ e de Mayorgas e de Vallença e conde de Barcellona e de Urjel e senhor de Mõpille. Dona Vyolante, vossa filha, per essa medes graça,²⁷² raynha de Castella e de Leon, ãvyo beyjar as vossas mãas como padre e senhor e emcomendar em vossa graça / **[181b]** e bẽçom, come padre que amo muyto, assy como filha deve de amar bõ padre e leal. Bem sabedes como me avedes casada com el rey de Castella, que he hũu dos mais altos e poderosos reis do mundo, e ã como antre filhos e filhas hey delle oito. E agora, per desaventura, os mouros se perceberon d’entrar pela Andaluzia e ouverom filhada toda a terra de pouca ã fora. Por que vos peço, por Deus e por divydo que tenho cõvosco e por vosso vallor, que no leixedes mỹ eixerdar de marido nẽ vossos netos daquello que atendẽ de herdar, e dedes consselho e ajuda a meu senhor el rey e a mỹ e a vossos netos, a tal tempo e aa tal pressa, ca outra speranza nõ avemos se nõ a vossa. E, por que fiuza e esperanza que eu e vossos netos avemos, querede ajudar el rey pera nõ veer eu ã meus dias meu marido e meus filhos eixerdados; e faredes vosso valor.»

Depois que el rei dõ James ouve vista a carta de sua filha e entẽdido o que em ella era contheudo, respondeo a Beltram de Villa Nova que ally nõ lhe podya dar resposta mas que hyria a Osca e que ally averya consselho e faria tal resposta que sua filha, a raynha, seeria dello bem pagada. E Beltram lhe beyjou a mãao em nome da raynha e lho agradeceo muyto.

E, tanto que el rey foy em Osca, mandou a seus ricos homẽes que com elle viinham e a outros que hy achou que logo em outro dya fossem prestes pera viir a elle, pera com elles aver de fallar de grande cousa e necessaria. E, logo ã outro dya foron ajuntados todos estes, o bispo d’Osca, o abbade do

moesteiro d'Aragon, Fernam Sanchez, Byringel Guylhelme de Tença. E mostroulhes el rey a carta da raynha sua filha e demandoulhes que lhe dessem consselho em qual maneira responderia ao que lhe a raynha mandava pedyr. E todos derom logar ao bispo d'Osca que fallasse primeiro. E o bispo disse entom:

[181c] – Senhores, esto que a raynha mãda dizer a seu padre he muy grande ²⁷³ cousa. E quem conselhasse a el rey que com elle e comnosco em este feito desse resposta nõ conselharya bem, onde elle ha ã seu senhorio tantos e nobres ricos homẽes e outrossy prellados; ca este feito parece mayor que a batalha d'Ubeda nem doutra que se fizesse de longo tempo aca em Espanha. E tenho por bem que el rey faça cortes e chame a ellas os do seu senhorio e, com consselho delles, faça o que quizer fazer.

Entom disse dom Bringel:

– O que a mÿ semelha he esto: que el rey nõ pode fallecer aa raynha, sua filha. Mas semelhame cousa de razom que nosso senhor el rey aja ãmenda do torto e sem razom que el rey de Castella fez em lhe tomar os castellos da sua conquista, os quaaes lhe ja demandou per muytas vezes. E agora, pois que o ha mester, fazello á de boamente.

E, depois que esto ouve dito, callousse.

Entom disse a Fernam Sanchez que dissesse o que lhe parecesse. E elle disse:

– Eu outorgo as pallavras que ha ditas o bispo d'Osca, cõvẽ a saber, que el rey faça cortes e que, se em ellas for acordado de o ajudar, que entregue os castellos; e, se o fezer, que nos servamos hy nosso senhor el rey como melhor podermos; ca, sem cortes, tal consselho nõ pode seer comprido.

E brevemente, por nõ fazer longo fallamento, foy acordado per todollos do consselho que, a menos de seerem feitas cortes, nõ tomasse el rey consselho em tal feito; e que ãvyssem a el rey de Castella que, se elle quisesse e ouvesse em coraçom de o hirẽ ajudar, que elle entregasse logo Requena e os outros logares que eram da conquista d'Aragõ; e que, se elle esto quisesse fazer, que el rey farya cortes e que lhe responderyã em tal guisa que elle seeria dello pagado. Avido este consselho antre elles, diserõno a el rey e rogarõno que dissesse o que lhe / [181d] parecia de razom em tal feyto. E el rey disse assy:

– Eu vos digo em verdade que vos digades. E querovos dizer a maneira deste feito, segundo meu entender. Devedes a saber que aquello ²⁷⁴ que a raynha mynha filha me mãda mover he hũa semelhança, assi como hũu homẽ que quer veer e provar se o vinho que lhe dam pera beber se he forte ou se he aauguado; e, ante que o per outra guisa gostao primeiro; e, se o acha forte, lãçalhe da agua; e, se o acha aauguado, nõ lhe lança outra augua. E, segundo posso entender, esta maneira fez fazer el rey de Castella a mynha filha, ca elle, por o torto que me tẽ, nõ me ousa de rogar que o ajude e fez provar com ella se o querrya eu ajudar ou nõ. Ca mynha filha, sem saber de seu marido, nõ me mandara esto dizer. E, se elle vee que, per rogo da raynha, me mova a o ajudar, acabado he o que elle quer e elle gradecelo ha. E, se vyr que ponho a raynha em esperança de o hyr ajudar, logo os seus rogos verrã.

E, quanto he ao consselho de fazer cortes, digo que me praz e queroas fazer, hũas em Barcellona e outras em Saragoça, e que ã nem hũa destas cortes nõ entendo a demandar consselho. Mas, quando com elles fallar, dizerlhes hey que quero hyr ajudar el rey de Castella e que elles me ajudem e servam em aquelle feito; ca certo he que em nem hũa terra do mundo nõ ha tanto siso nõ vallyor como compre e eu tenho esto provado que, quando demãdo consselho em cortes, de grandes feitos, que as vootades dos que hy son assy son departidas que nunca se ã nõ hũa razõ acordã. E esto que me demãdã he cousa de que me nom posso escusar; e esto por tres razõoes: a primeira, que nom poderei fallecer a mynha filha e a meus netos; e a segunda, que he mayor, / [182a] de que nõ hũu nõ fazia mẽço e que ainda que por divido nõ por meu vallyor, eu nõ quisesse fazer ajuda a el rei de Castella, deverlha hya fazer por ho gaanhar por amigo, por que he hũu dos mais poderosos homẽes do mundo – e, se o eu agora nõ ajudasse, e elle escapasse com sua hõrra desta pressa em que agora esta, em todo tempo me averya por seu inmiigo mortal e me buscarya todo mal e dampno que podesse, e avya boa razom de o fazer; e, se o for ajudar, sem ²⁷⁵ outra preitesya, elle homen de boo conhecer e corregerã o torto que me tem feito. A terceira razom, que he mais forte que nem hũa das outras, he esta: se el rey de Castella desaventuradamẽte perdesse a sua terra, mal escaparia eu em esta mynha; e, por esta razom, melhor he de o hyr ajudar a deffender a sua terra ca, depois, aver de defender a mynha, ca, ajudamdo eu a deffender sua terra, defendo a mynha. Mas tenho por bem de lhe mandar dizer que o yrey ajudar cõ todo meu poder; e que eu yrei logo a Catallonha e farey hy cortes e dalli tornarey a Aragon e farey hy outras; e, ã essas cortes, demandarey que me dê ajuda pera tal feito – e assy mandarey recado a mynha filha –; e que, no mais breve tempo que poder, que hyrei a sua ajuda.

Despois que este acordo ouverõ feyto, partiosse el rey dom James e foyse em Catallonha e mandou chamar a suas cortes a Barcellona. E, quãdo todos foram juntos, disselhes o por que os mandara chamar. E, depois que lhe outorgaram em essas cortes de Barcellona aquello que demandou, tornousse a Aragõ e fez hy outra vez cortes.

E, depois que foram feitas e acordado ã ellas todo o que avyam de fazer, ajũtou seu poder e foy fazer ajuda a el rey de Castella contra os mouros. E, depois que lha ou/ve [182b] feyta, tornousse pera sua terra muy hõrradamente com grande prez.

Este rey dom James era a esta sazón ja muy velho e sempre postara muy bem e muito honrradamente sua fazenda. E, seendo assy ja muyto velho, leixou o reyno e fez seu filho rey que avya nome dom Pedro. E elle meteusse em hũu moesteiro de monges brancos, que avya nome Santa Cruz, o qual fezerõ seus avoos. E ally vyveo em servyço de Deus em toda sua vyda. E em este moesteiro jaz soterrado.

²⁷⁶ CAPÍTULO CDXXXVII

Acabousse o reynado do muy bõo rey dom James e começou ho reynado del rei dom Pedro, seu filho, que foy o decimo rey d'Aragon

O emperador Fradrique foy senhor de Cezillya e, despois da sua morte, ficou a seu filho rey Monfreu. E el rey Carlo matou este rey Monfreu e hũa batalha que ouve com elle; e em aquella batalha, foy preso o iffante dom Anrrique de Castella. E o papa deu a conquista de Cezillia a este rey Carlo e elle comqueoreo todo o reyno de Cezillya com ajuda dos Franceses. Este rey Mofreu avya hũa filha que avya nome dona Costança; e esta foy casada com el rey dom Pedro, o decimo rey d'Aragon, e ouve em ella estes filhos: o primeiro foy dom Afonso, que foy rey d'Aragom depois da morte de seu padre; e o segundo foy dom James. E o iffãte dom Pedro, o que morreo em Outer de Fumus. E este rey dom Pedro ouve duas filhas, hũa que ouve nome dona Ysabel, e esta foy casada com el rey dom Denis de Portugal, e a outra foy casada cõ o duc d'Esterlique. [182c]

Este rey dom Pedro avya derecho no reyno de Cizillya, per parte de sua molher dona Costança, que fora filha de Mõtreu, como ja dissemos. E os de Cezillya recebyã muyto mal dos Franceses, ca lhes jaziã com suas molheres per força e feriãnos e deshonoravãnos e tomavanlhe o seu. E, por este mal que lhes assi faziam, ouveron de aver sua falla em puridade com el rey dom Pedro. E andarõ em esta puridade tres annos.

²⁷⁷ Em este tempo, percebeo el rey dom Pedro sua frota e, despois que a teve bem guisada, meteosse logo em ella com todos seus vassallos. E, nẽ hũu dos do seu consselho nem outro nẽ hũu nõ sabya que rota querya levar nẽ a que terra querya hyr, ataa que foy bem dentro enno mar. E entõ mandou que se chegasse a elle toda a frota. E, desque forõ chegados, disselhes que fizessem a vya de Cezillia. E fez tal ordenança, leixando pello mar tantas naves, que fogo da lanterna de cada nave chegava aa outra, e tal maneira que o synal que se fazia em Cezillia hya de hũa nave em outra ataa que chegava aa terra d'Aragõ. E, despois que o fogo chegava a Aragon, recebyãno as atallayas e de hũa em outra e de castello e castello, em tal guysa que sabyã per todo Aragon o que se fazia em Cezillya, por que el rey avia posto tal synal com os seus de sua terra que, quando vissem tres synaaes de fogo, que fossem certos que era em terra de Cezillia; e, quando fossem quatro synaaes, que lhe acorressem com jentes e cõ armas; e, quando vissem cinco synaaes de fogo, fossem certos que elle avya conquistada Cizillya. E os de Cizillya avyam tal synal cõ el rey que, quãdo tomasse algũu lugar de Cizillia, que fizesse tres synaaes de fogo. E elles, logo naquella hora que esto vissem, que logo mataryam os Franceses; cada hũu matarya seu ospede. E, desque el rey apartou ãna pry/meira [182d] terra de Cezillya e fez seus synaaes, segundo avya posto com elles, a essa hora foram mortos todollos Franceses.

E el rey conquistou entõ todo o reyno de Cizillya. E, aquelle dya que foy comquistada, logo enno outro o souberõ em Aragon. E esto pellas almenaras que se faziam de noyte.

Despois que el rey assy ouve tomado Cezillya, mandou por a raynha e por os iffantes dom James e dom Fradrique, que eram os mais pequenos. E ficavom em Aragon o iffante dõ Afonso e dom Pedro, que eram os mayores. E, quando a raynha e os iffantes foram em Cizillia, fez el rey suas cortes com todos esses nobres homẽes do reyno e deulhes por rey. E, feito esto e querẽdosse el rey tornar a Aragon, disse aa raynha:

– Eu ey tomada vossa terra e querovos leixar em ella com estes nossos dous filhos.

²⁷⁸ E, despois que el rey dom Pedro ouve todo bem postado e castigado seu filho em como postasse bem sua fazenda, tornou-se em Aragon.

O papa, quando soube como el rey d'Aragon avya tomado o reyno de Cizillya, pesoulhe muyto e escomungouho. E deu a conquista do reyno d'Aragon a el rey dom Phillippe de França.

E elle mandou logo apregoar per toda sua terra que, a certo dia, vehessem a elle a Paris, ca querya hy fazer allardo. E el rey d'Aragom, quando o soube, fallou com os seus em como estevessem percebidos do que era mester pera tal feyto e outrossi que acordassem antre sy pera lhe dar recado, quando mester fosse, em qual maneira se pararia melhor a sua guerra; e que, a menos de os elle nõ mandar chamar, que nõ vehesse a elle; e que elle, per sua parte cuydaria outrossy em como poderia melhor postar sua fazenda e ajũtar pera ello o que lhe era compridoiro.

Entom mandou chamar hũu mercador / [183a] a que chamavõ dom Arnal de Figueyras. E este dom Arnal de Figueyras era mercador que comprava cavallos em Castella e em Leon e em outros logares

e hyaos vender a Paris e a Gasconha e a outros logares; e, por esta razom, era muyto conhecido per toda a terra. E elle era natural d'Aragon. E, depois que veeo a el rey, cõtoulhe el rey em muy grande segredo como avya em coraçom de hyr a Paris o allardo del rey de França e como querya ordenar sua guerra contra elle. E em esta meesma falla foron dous cavalleiros que eram muy sisudos; e hũu delles avya nome dom Pellegrim de Aunes e outro dom Pero Martim de Bollea.

E, depois que el rey lhes ouve contado todo esto seu segredo, acordarõ em como el rey leixasse seu castello guardado e elles todos tres fossem com elle. E el rey pos logo suas guardas no castello e defendeo que nom lei²⁷⁹ xassem allo entrar nẽ hũu e que dissessem que estava el rey ã sua fazenda e que avya jurado que nõ entrasse allo nẽ hũu ataa que nõ postasse todo seu feito. E, depois que el rey esto assy ouve ordenado, partiosse de muyto alta noyte com seus tres companheiros, convem a saber, dom Arnal de Figueiras, dom Pellegrĩ de Aunes, dom Pero Martĩ de Bolea. E elles erã em este modo regidos: el rey dõ Pedro hya por moordomo da casa de dõ Arnal de Figueiras e dom Pellegrĩ, por despensseiro, e dom Pero Martym, por cozinheiro. E assy andarõ desconhecidos per suas jornadas, ataa que chegarom a Paris e foram pousar em hũas casas onde pousava o conde estabre.

E em outro dya fez el rey de França seu allardo e mandou escrever todos e cada hũu como viinha armado e quantas armas tragia. E el rey d'Aragõ, que a todo esto era presente, escreveo todo em sua puridade. E fez / **[183b]** logo de noyte hũa carta e foy seelada do seu seello. E a carta foy em esta maneira: como elle mãdava a el rey de França dizer que lhe querya fazer guerra sem lho merecer e que lhe querya tomar sua terra sen razõ, avendo antre elles muy grandes divydos, ca bem sabia como os seus filhos e elle erã primos cuirmãaos; e que elle por esto vehera a Paris veer como fazia seu allardo e que o vira e que, pera elle seer certo que o vira, que lhe ãvyava outro tal scripto como aquelle que elle mandara escrever; e que, sobre esto, nõ avyã por que lazerar tantas jentes, mas que, se elle quisesse, que se livrasse este feito per elles ambos per dous cavalleiros de cada parte – e assy seeryam tres por tres – e, se el rey de França vencesse cõ seus dous cavalleiros que ficasse por senhor do reyno d'Aragom e de Cezillya, e, se o elle vencesse, que nõ ouvesse con elle de veer e que renũciasse todo o dereito que lhe o papa dera ã Aragon e em Ceçillya; e que, pera firmar esto, leixava hy dõ Pellegrĩ de Aunes e dom Pero Martym de Bollea; e se o assy quisesse, que esta batalha fosse ãnas landas de Bordel, que era senhorio del rey d'Ingraterra.

²⁸⁰ E, feita a carta em esta guisa que dito avemos e seelada do seu seello, deuha aa ospeda da pousada e mandou que, quando lha pedissem aquelles dous homeens, que lha desse e que esto fosse perante o conde estabre. E ella assy lho prometeo.

Despois que el rey dõ Pedro todo esto ouve feito, levantaronse de grande madurgada, elle e dõ Arnal de Figueyras, e foronsse sua vya quanto poderom pera Arragõ. E os outros ficarõ enna pousada. E, quando foron passados quatro dyas, que elles entenderom que el rey seeria posto em salvo, pedirom a carta aa ospeda. E ella deulha perante o conde estabre. E elles disserom ao conde como eram cavalleiros del rey d'Aragon e como ele / **[183c]** vehera hy e estivera no allardo e que elle escrepvera aquella carta per sua mãao e a seelara com o seu seello; e que lhe prouguesse, quando fosse ao paaço, de elles hirem em sua companhia. E o conde lho outorgou.

O conde, que foy logo ao paaço, levouhos conssigo. E os cavalleiros, depois que saudarõ el rey muy cortesmẽte, disseronlhe como eram cavalleyros del rey dom Pedro d'Aragom e como elle hy vehera e como lhes leixara aquella carta que lhe dessem; e contaronlhe toda a embaixada. El rey maravylhousse desto muyto e pesoulhe de coraçõ; pero nõ mostrou elle aos cavalleiros e mandou escondidamẽte que fossem empos elle e que lho adusdessem. Mas nõ foy achado, ca elle era ja em salvo.

E el rey, depois que ouve leuda a carta e bẽ affemençado o que em ella era scripto e outrossy o que lhe os cavalleiros disseron per pallavra, disse que enno outro dya lhes darya recado. E os cavalleiros veherom a el rey em aquelle dya que lhes mãdou. E elle disselhes que lhe prazia de todo aquelo que lhes el rey d'Aragon mandara dizer e que, em aquelle dya que fosse posto e assĩnado pera hyrem aas landas de Bordel, que elle fosse hy cõ os seus dous cavalleiros e que elle outrossy hyria cõ os seus. E aquelle²⁸¹ que hy nõ fosse ao dya que fosse posto, que ficasse por mentiral e fallido e que perdesse os reynos. E, pera esto, assiinarom prazo dhũu ãno, pera se cada hũu delles fazer prestes com seus cavalleiros pera o dya da batalha. E desto foram feitas grandes firmydões e muy certos privylegios, assiinados per mãaos dos reis e seelados dos seus seellos, de hũa era e de hũu dya e tal hũu como ho outro. E o del rey de Frãça foy logo feito e concertado. E, por o del rey d'Aragon, ficou ã arrefenas dõ Pellegrĩ.

E dom Pero Martim de Bollea foy levar re/cado **[183d]** a el rey dom Pedro e cõtoulhe todo o feyto como estava. E prougue dello muyto a el rey. E mandou logo fazer as cartas, e seelladas, e ãvyouhas a el rey de Frãça. E el rey, depois que teve as cartas, mãdouhas bem guardar. E mandou dar as suas, que ja eram feitas e seelladas, aos cavalleyros del rey dom Pedro d'Aragon; e mãdouhos que se fossem.

E el rey de França, depois que assy ouve ãvyados os cavalleiros, começou de postar sua fazenda e de avysar do que lhe era mester. E el rey dom Pedro nõ se percebeo de nẽ hũa cousa, por que lhe foy dicto que el rey de Frãça tiinha pera esto muy grande poder de gente pera estar poderoso, em tal guisa que lhe nom podesse nẽ hũu empeeecer nem o leixassem seer vencido nem maltragido, e que, se el rey dom

Pedro hy al quisesse fazer, que fosse morto ou preso. E elle, depois que desto foy certo, entendeo que o seu poder nõ era tamanho como o del rey de França e que, se allo ouvesse de levar sua companhia, pois que el rey de França tragia a sua, que nom poderia hy passar bem. E, por esto, ouve de buscar arte per que podesse cumprir o que prometera e sayr de vergonça.

E entom mandou chamar dom Arnal de Figueiras e dom Pellegrĩ e dom Pero Martym de Bollea e disselles toda esta ordenança que el rey de França tiinha feita; e que, por muytos que levasse, nõ seeriã tantos que bem podessem scapar; e que, se el rey de França e os seus cavalleyros ouvessem o peor da batalha, que logo ende seeryam tirados, e elle e os seus todos ²⁸² mortos. E, pera esto, compria tal conselheiro que passassem este feito sem vergonça. E entom lhes fez entender como se queria fazer doente e a maneira que em ello queria teer. E entõ se meteo no castello de Mõte Aragon e fallou com dous seus fisi/cos [184a] seus, daquelles em que elle mais fyava, e deulhes juramẽto que de sua fazẽda nõ dissessem nem hũa cousa se nõ como lhes elle devysou. E outrossy fez a algũs outros homẽes certos que ele mandou que hy ficassem. E defendeo aos alcaides, so pena de treiçom, que nõ leixassem entrar enno castello se nõ aquelles fisicos e aquelles homẽes que lhe elle mostrou.

E, depois que teve todo seu feito concertado, partiusse de noite do castello, desconhecido, com seus dous cavalleiros, convem a saber, dom Pellegrĩ de Aunes e dom Pero Martym de Bollea, e dom Arnal de Figueiras, que hya por senhor e el rey, por seu moordomo, e dom Pellegrĩ, por seu despensseiro, e dom Pero Martym, por cozinheiro. E dom Arnal de Figueiras tiinha prestes tantos cavallos que, cada duas legoas, leixava dous em toda pousada e, com elles, taaes homẽes que nõ conhecessem el rey. E leixoulhes o seu seello e disselles que, qualquer homen que vehesse a elles com tal seello, que lhe dessem cada hũ dos cavallos, ou ambos, se os quisesse levar.

E, quando foy dom Arnal de Figueiras em Bordel com seus companheiros e assy ordenados como dito avemos, mandou logo comprar muytas vyandas. E disse que queria cõvydar condes que viinhã com el rey de França. E os da cidade, que lhe virom fazer tal despesa, diziam que por esto cõvydava elle aquelles condes, por que Aragon avya de seer del rei de França. E a muytos delles pesava.

E, ã outro dya de boa madurgada, armousse el rey dom Pedro com seus dous cavalleiros e foronsse ao campo. E dõ Arnal de Figueiras mandou chamar todollos mais honrrados burgesses que avya em toda a cidade e aquelles que elle entendeo que conheciã el rey d' Aragõ e dous ²⁸³ no/tairos [184b] que elle sabya que o conheciã. E, elles ajuntados todos, rogoulhes dom Arnal de Figueyas que tevessem por bẽ e que fossem com elle aaquelle campo que era assiinado antre el rey de França e el rey d' Aragon, onde avyam de aver a batalha. E a elles prougue e foronsse com elle de boamẽte. E, quando forom no campo, virom viir tres cavalleyros armados. E, quando chegarom a elles, tirou el rey o elmo da cabeça e disselles:

– Amigos, conhecedes vos se som eu el rey dom Pedro d' Aragon?

E elles conheciãno muy bem e forõlhe todos beyjar a mãao e disseron:

– Senhor, conhecemos.

E entõ disselles el rey:

– Homẽes bõos, bem creo que avedes ouvydo as condições que som postas antre el rey de França e mỹ e em como avyamos de aver batalha em este campo oje ã este dya. E, por que vos outros desto sejades certos, ex as cartas da postura que he antre nos.

E entom deuas aos notairos e mandou que as leessem. E, depois que as ouverõ leudas, pedio de todo hũ estormẽto ã como estava ally aprestes pera fazer sua batalha, assy como era contheudo ã aquellas cartas. E assy lho fizeram logo os notayros. E, depois que el rey teve o estormento em sua mãao, foronsse todos com elle pera a cidade.

Dom Arnal de Figueiras, que avya rogados ja a todollos homẽes boos da cidade e outrossy todollos jograes, fazendolhes entender como avya cõvydados os condes del rey de França, como ja dissemos, e posto com elles de os sayr a receber, logo que se el rey partio do campo cõ aquelles que com elle viinhã, mandou dom Arnal de Figueiras recado aa cidade que sayssem a receber aquelles senhores pera que os elle rogara. E elles sairon logo. E, quando chegarõ a el rey d' Aragõ e o conhecerõ, forõ spantados de tal feito; e recebe/rõno [184c] entõ muy honrradamẽte cõ muitos jograes e cõ muytos trebelhos e cõ tanta honrra quanta lha poderom fazer. E assy o levarom aa sua pousada. E el rey cõvydouhos todos que comessem com elle e mãdou deytar pregon per toda a cidade que todollos que com elle quisessem comer que fossem as suas pousadas. E, desque todo esto assy foy feito, disse ²⁸⁴ el rey que querya folgar. E meteusse logo em hũa camara e, como entrou per hũa porta, assy sayo logo por outra. E cavalgou ã seu cavallo e foisse seu camynho.

E, como ja leixara os cavallos em paradas, como dito avemos, como chegava a duas legoas, leixava aquelle cavallo em que hya e tomava outro. E assy foy com tal aguça ataa que chegou a Aragon. E, quando esto soube el rey de França, foy muyto maravylhado desto. E cavalgou logo a grande pressa cõ toda sua companhia veeosse quanto mais asynha pode a Bordel, com entençõ de achar hy el rey d' Aragon. E, quando el rey de Frãça soube o todo como passara, tevesse por enganado.

Quando dom Arnal de Figueiras esto vyo e como o seu feito fora muy bẽ postado e que entendeo que ja el rey seria posto em salvo em sua terra, partiosse de Bordel com dom Pellegrĩ de Aunes e com dõ Pero Martym de Bollea. E assy andarõ suas jornadas pequenas ataa que chegarõ a Aragõ.

CAPÍTULO CDXXXVIII

Como el rey de França ajuntou sua hoste muy grande e foy cercar a cidade de Girona; e de como morreo

Depois que se el rey dom Pedro d’Aragon partio de Bordel, per tal arte como avedes ouvdyo, e el rey de Frãça ouve sabido em qual maneira fora todo feito, ouvesse por enganado. E jũtou muy grande hoste e foy cercar a cida/de **[184d]** de Girona. E meteo pera esto grande frota no mar, pera lhe trager as vyandas e as outras cousas que erã mester a elle e aos seus. E assy estavõ estragando toda a terra, em tal guysa que fogya toda a jente cõ o apertamẽto da guerra.

²⁸⁵ E, quando esto vyo el rei dom Pedro, mandou a dõ Regel de Lorya, que era seu almirante, armar a frota. E elle armou logo toda a frota del rey e foyse de noyte pera onde estava a frota del rey de França. E, ante que a ella chegasse, lançou muytos homẽes com traados pello mar, que eram boos nadadores. E forõ aa frota del rey de França e traadarom cada hũu destes homẽes seu navyo. E despois tornaronsse aa frota e contarõ todo ao almirante.

E, logo que foy manhã e se virõ ambas as frotas, deferirom as vellas, assy dhũa parte como da outra. Mas dõ Regel de Lorya, que era homẽ sabedor ão mar, desvyousse com sua frota e fizesse que fogia. E a frota del rey de França começou de a seguyr. E, em hyndo depos elles, os navyos que foram furados hyansse ãchendo d’augua e ficando detras poucos e poucos. E, quando dõ Rogel vyo como ficavõ e ãtendeo bẽ o que era e vyo que os que o seguiam que erã tãtos que elle os podya bem vencer a seu salvo, entõ tornou sobr’elles e desbaratouos todos, ã tal maneira que a frota del rey de França foy toda desbaratada e quantos ã ella andavõ forõ mortos.

Despois que a frota de Frãça assy foy desbaratada, e el rey jazendo sobre a cidade, fallecerõ as vyandas ãna hoste, ca lhes nõ podyam vĩr per mar. E foy tal m̃ygua de mãtiimẽtos que morryã de fome, assi os homẽes como as bestas. E do fodor dos mortos se jeerou tal pestellença que matou el rey / **[185a]** de França e a mayor parte de todos seus ricos homẽes. E por esto foy forçado aos Franceses de se levantar de sobre Girona e levarem el rey que tiinham morto e muytos senhores que com elle veherõ.

Quãdo el rei dom Pedro soube como se avyam partido de sobre Girona e se hyam, ajuntou sua hoste e foilhes dar no rasto e fez em elles grande dampno. E soube como os filhos do conde de Sam Paulo e o conde da Marcha e Mõxira e Joham de Hericorte – que era o melhor cavalleiro d’armas que avya em toda a casa de França e todo o feyto d’armas se mandava per elle – estes todos hyam alongados do caminho quãto duas legoas, por que nõ podyã achar vyandas. E estes podyam seer ataa duzentos e sateenta de cavallo. E, quando oolharõ empos de sy, virõ vĩr grãdes poos. ²⁸⁶ E foilhes dito que era el rey dom Pedro que viinha empos elles. E, quando foram certos que era el rey, atenderõno, como quer que elles se poderam bem hyr, se quiserã, por que era longe.

E el rey dom Pedro levava consigo mil e duzentos cavalleiros. E, quando forõ acerca hũus dos outros, ante que entrassem na batalha, apartarõsse os myl cavalleiros e mais – e estes eram Castellãaes – e disseronlhe ã como lhes tiinhã seus foros britados ã algũas maneiras e que logo lhos outorgasse e se lhe jurasse que nũca jamais lhes fosse contra elles. E el rey disse que, por essa hora, que o nõ faria, ca lhe parecia seer prema, mas que, despois que dally partissẽ, lho demandassem e que entõ seerya razõ de se fazer. E elles diserom que, pois que o logo nõ queria fazer, que nõ queriam cõ elle estar ãna batalha. E espedironsse logo e foronsse sua vya.

E el rei, quando aquello vyo, pesoulhe muyto de coraçõ, ca nõ ficaron com elle se nõ duzentos e sateenta homẽes de cavallo, antre os / **[185b]** quaaes era hũu delles dõ Garcia Almorave, que era hũu rico homẽ de Navarra. E el rey, despois que se elles assy partirom, vyo que lhe era forçado de tomar a batalha, ca em outra guisa seerlhe ya vergonça. E entom, cõ aquelles poucos que ficarõ, começaram a batalha hũus cõ os outros. E deronsse muy grandes feridas e a lide durou hũa grande peça do dya. E, aacima, ouveron de vencer os Frãceses e foy vencido el rey e os seus. E Mõxira e Joham de Harricorte tomaron el rey dom Pedro e meteronlhe o braço pellas redeas do cavallo e tragiao pera os seus, dizendolhe que era seu prisioneiro. E aquelle dom Garcia Almorave de Navarra, que estava na batalha com el rey, quando o assy vyo levar, ferio o cavallo das esporas quanto pode e foy cortar as redeas do cavalo del rey; e tiroulho das mãaos cõ muy poucos que elle ja tiinha e foyse com elle. E el rey foy dally muy mal ferido de muitas feridas de maças e d’espadas d’armas.

²⁸⁷ E, despois desto a tres dyas, tornaronsse pera elle parte de Catellãaes que o desempararon no campo. E hũu, que era seu moordomo, lhe disse:

– Senhor, voles m̃ajar mōtõ?

E elle disse:

– Nõ, ca ã maaõ ponto eu tãõ crii per elle e tanto fiz por os desta lynhagem, per que hey de vñir a morte. Mas quero comer carneiro, que he linguagem d’ Aragon.

E este rey dom Pedro morreo aos sete dyas despois da batalha, das feridas que lhe derom, e foy enterrado no moesteiro de Santas Cruzes, onde jazia seu lynhagem.

CAPÍTULO CDXXXIX

De como reynou o iffãte dom Affonso depois da morte del rey dom Pedro, seu padre, e foy este ho onzeno rey d’ Aragon

[185c] Despois que este rey dom Pedro foy morto, como dicto avemos, ficou por rey seu filho dõ Afonso. E este foy homẽ muy mesurado e justiçoso e muyto franco e de grande coraçom. E este foy muyto amado dos seus. E nõ reynou mais de cinco annos. E, em estes cinco annos, quisera elle cometer altos e grandes feitos, assy como cõviinha a tal homem como elle era. E teve Deus por bem de nõ seer assy, ca morreo ante. Empero hũa cousa fez, que entrou em Castella contra todo o poderio del rey dom Sancho se nõ sollamente o seu corpo, que hy nõ era.

²⁸⁸ CAPÍTULO CDXL

Como reynou ã Aragon, despois da morte deste rey dõ Afonso, dõ James, o que foi rey de Cezillya, e este foy o XIIº rey d’ Aragõ. E de como reynou ã Cezillia seu irmãao, dom Fradarique

Depois da morte deste rey dõ Afonso, soubeo el rey dõ James, seu irmãao, que a essa sazõ era rey de Cezillya, e veosse logo a Aragon. E fez chamar todollos ricos homẽes do reyno e outrossy os poboos e fezelhos entender o dereito que elle avya enno reyno d’ Aragon. E elles receberõõ logo por rey. E entom ficou por rey de Cezillya dom Fradarique, seu irmãao, que era meor que elle.

Este rey dom James foy muy bõõ rey e muyto entendido, mas foy escaso. E, em seendo mãcebo, ouve de fazer / [185d] preitesya com el rey dom Sancho de Castella que casasse com a iffante dona Isabel, sua filha. E elle levouha pera Aragõ e tevea allo em todollos dias da vyda del rey dom Sancho, pero que nõca albergou com ella. E, desde el rey dom Sãcho morreo, ãvyouha elle pera Castella, pera casa da raynha dona Maria, sua madre.

E trouxe preito com rey Carlo, teendoo em sua prison, que era contra elle e contra seu irmãao dom Fradarique, ca prendera sobre mar dom Rogel de Lorya, que era almirante del rey dom James d’ Aragon; e soltouho despois el rey dõ James. E elle leixou por sy em arreffenas tres seus filhos, cõvem a saber: el rey Ruberte e dom Luys, que depois foy frade de Sam Francisco, e dom Joham, que depois matarom ã Roma jentes do emperador. E o preito que trouxeron antre sy foy este: que el rey dom James casasse com dona Branca, filha de dom Carlo, e que o papa revogasse ²⁸⁹ aquello que fezera a el rey de França, em feito do reynado d’ Aragon, depois que el rey dom James querya seer obedyente e que o reyno d’ Aragõ era seu de dereito e que elle, onde comprisse serviço ao papa, que lho farya; e outrossy que farya ajuda a el rey Carlo cõtra todos aquelles que contra elle quisessẽ seer. E o preito foy assy firmado. E el rei dom James casou entom cõ a raynha dona Branca, filha del rey dom Carlo.

E destes casamentos assi feitos, mandou este dom Carlo dizer a el rey dõ James que lhe fosse fazer ajuda cõtra el rey dom Fradarique, seu irmãao; e el rey dom James ouvelho de fazer, segundo o que avya prometido. E fezlhe muy grande ajuda cõ muy grande frota e cõ muytos cavalleiros e muy bõos; e outrossy foy elle per seu corpo e, com elle, dom Regel de Lorya, que hya por / [186a] almirante da frota. E ouverõ de aver batalha dom James, rey d’ Aragõ, e dom Fradarique, seu irmãao, rey de Cezillya, sobre mar enno golfom aalen de Noappoly; e foy vencido el rei de Cezillia. E esteve allo el rey dom James ã ajuda del rei dom Carlo muy grande tempo, ataa que se tornou pera sua terra.

E foy feito acordo antre el rey Carlo e dom Fradarique em esta guysa: que este rey dõ Fradarique casasse cõ outra filha de dom Carlo; e elle nõca lhe demãdasse mais nem hũa cousa de Cezillya em dias de sua vida, salvo se el rey de Cezillia lhe fizesse tal cousa por que el rey Carllo ouvesse a ello de tornar; e que el rey dom Fradarique desse em cada hũõ anno ao papa aquello que lhe o reyno de Cezillya era theudo de dar de conhocimẽto do reyno.

CAPÍTULO CDXLI

Agora leixaremos de fallar del rei dom Carillo e de dō Fradarique e tornaremos a cōtar del rei dō James d'Aragō e de como se tornou pera sua terra e do que lhe aconteceu despois

Este rey dom James d'Aragō, de que dissemos, despois que foy tornado em sua terra e ouve novas da morte del rey dom Sancho de Castella e como ²⁹⁰ avya ficado por rey dom Fernando, seu filho, que era moço muy pequeno, e como o iffante dom Henrrique era seu titor, ouve fazer sua preitesya com dō Affomso de Laçerda que se chamasse rey de Castella, pellas cartas e privilegios que tiinha das villas de que lhe fezerom menagem do tempo del rey dom Afonso, seu avoo, que, despois de sua morte, que lhe nō entregassem o reyno. E este rey dō James lhe prometeo que o ajudaria; e deulhe logo seu irmāao, o iffante dom Pedro, e dos melhores homēes que avya no rey/no **[186b]** d'Aragom e trezentos cavalleiros muy bōos, que lhe ajudassem a cobrar as vyllas e tomar o reyno de Castella.

E deulhe por esto dom Afonso o seu dereito que elle avya ão reyno de Murça, com suas cartas e privilegios que tiinha dos concelhos dessa terra, que lhe fezeron menagen por ello, assy como ja dissemos. E deulhe outras cartas e privilegios asseelados e assiinados per publicos notairos, que, entregādo elles estas villas a el rey dō James d'Aragon, que os dava por quites das menageens que lhe avyam feitas e que se dava dellas por entregue. E de todo levava el rey dom James suas procurações muy boas e muy firmes pera esto. E, per esta maneira, cobrou o mais do reyno de Murça e teveo assy sempre ataa o tempo que el rey dom Denis de Portugal foy a Aragō e pos paz e amor antre el rey dom Fernando de Castella e el rey dom James e fez entregar a el rey dom Fernando a vylla de Murça com todallas outras villas e castellos que lhe el rey dom James tiinha tomados. E por esta razō ficarō por muyto amigos os reis ambos antre sy.

E, despois que esto assy foy feito, ouverō de fazer casamētos de seus filhos, cōvem a saber, a filha de el rey de Castella com o filho del rey dom James d'Aragon, que avya de herdar o reyno despois de sua morte. E, despois que ouverom firmados seus casamentos, ouverō acordo de entrar enno reyno de Graada per sua parte. E el rey de Castella foy cercar Aljazira e dō James cercou Almaria e teverōnas assy cercadas grande tempo. E nō prougue a Deus que as tomassē e tornarōsse pera suas terras cada hũu.

²⁹¹ CAPÍTULO CDXLII

Hora leixaremos aquy de fallar del rei dom Fernando de Castella e tornaremos a fallar del rei dom James d'Aragon

[186c] Conta a estorya que este rey dom James d'Aragon despēdeo muy grande parte do que avya. E, despois a tempo, seendo ja velho, ãvyou seu filho, o iffante dom Afonso, com todo seu poder a Sardenha e Corsega, que eram yslhas da sua conquista, que lhas avya dadas o papa, e conquistouas. E, despois que as ouve conquistadas, tornou-se pera seu padre e leixou allo quē as regesse por seu padre.

E hũu filho que el rey avya, que avya nome dom James como seu padre, o qual avya de herdar ho reyno despois da morte de seu padre, relinquo o reyno. E per este modo ouve de ficar o dereyto do reyno a dom Afonso, aquelle que filhara Sardenha e Corsega, que era meor que o dom James. E este dom Afonso era conde d'Orgel, por a molher cō que estava casado.

E, depes morte del rey dom James, seu padre, ficou elle por rey d'Aragon. E ouve dous filhos daquela condessa d'Orgel. E morreo esta condessa e casou elle com a filha del rey dom Fernando de Castella, com a qual fora esposado seu irmāao dom James, o que relinquo o reyno. E ouve della dous filhos. E o meor ouve nome dō Fernando e este foy marques de Tortosa. E o mayor filho que elle ouve da condessa de Urgel ouve nome dom James, como seu avoo, e este foy rey d'Aragon, despois da morte del rey dom Afonso, seu padre.

Mas agora leixaremos aquy de fallar dos reis d'Aragon e de Navarra e tornaremos a nossa estorya dereita, em qual maneira forō jũtos os reynos de Castella e de Leon.

²⁹² CAPÍTULO CDXLIII

Da desaveença que ouve antre el rey de Leon e el rei dom Fernando de Castella, seu cunhado

[186d] Contã as estorias d'Espanha que el rey dom Vermudo de Leō, de que vos suso contamos, e el rey dō Fernādo de Castella, seu cunhado e filho de dō Sancho, rey de Navarra, o Mayor, de que ja avemos contado, que, andados dez annos do reynado de dom Vermudo – que foy na era de myl e cinquenta e tres annos e o āno da encarnaçō de Nosso Senhor Jhesu Cristo em mil e quinze annos e o de Luys, emperador de Roma, en XIX – enno dezeno āno do reynado de dom Vermudo de Leon, foy movyda contenda per parte deste rey dom Vermudo antre elle e el rey dom Fernando de Castella, seu

cunhado, e esto por a razõ que ja suso avemos dicta. Mas, por que andamos muyto tempo fora da estorya em contar dos reis de Navarra e d'Aragon, queremos outra vez contar a causa principal. Devedes de saber que, quando el rey dom Afonso de Leon e padre deste rey dõ Vermudo começou a reynar, era ainda de pequena ydade. E el rey dom Sancho de Navarra, por que era mais poderoso que elle e outrossy com ajuda dos Castellãos, tomou per força a el rey dom Afonso como vay des o ryo de Cee ataa Castella. E, quando dõ Fernando casou com dona Sancha, irmãa deste rey dom Vermudo de Leon, assy como ja dicto avemos de suso, outorgoulhe el rey dom Sancho em suas vodas toda aquella terra que elle assy tomara per força a dom Afonso, rey de Leon; e deulhe mais todo Castella e outorgou que chamasse della rey e senhor com dona Sancha, sua molher. E esto foy outorgado per el rei dõ Vermudo.

E, teendo assy el rey dom Fernando de Castella aquella terra livre e quite, como lhe fora outorgada per seu padre e per o dicto rey dõ Vermudo, ²⁹³ [187a] no casamêto de sua irmãa, como dicto avemos, aconteceu morrer el rey dom Sancho, seu padre. E, despois que foy morto, nembrousse el rey dom Vermudo da sem razõ que elle e seu padre avyã recebida em lhe seer tomada sua terra e nõ quis teer a postura que avya con seu cunhado; mas quebrantoua e ajuntou toda sua hoste pera a hyr tomar.

E, quando esto soube el rei dõ Fernando, teve por bem de tornar a ello como cõprya e ãvyou entõ por seu irmão, el rey dom Garcia de Navarra. E foron ambos con grande poder contra el rei dom Vermudo, que outrossy viinha com todo seu poder e estava ja preto do ryo de Carryõ, em hũu logar que chamã Latava, em Val d'Atamaron.

E ajuntarõsse ally cõ suas hostes e lidaron e ferironse muy de ryjo d'amballas partes, ca nõ ouve hy outra nõ hũa avêça; e foron muytos d'amballas partes. E el rey dõ Vermudo, atrevendosse ã seu coraçõ e ã seu ardymêto e outrossi na fortelleza de hũu seu cavallo, em que andava, que avya nome Paayo quando o chamar quera, segundo conta dõ Lucas de Tuy em sua estorya, ferio o cavallo das sporas e meteusse per meyo das aazes, por chegar onde estava el rey dom Fernando, ca de grado ho mataria, se o fazer podesse. Mas el rey dom Fernando e dom Garcia, seu irmão, que contra elle viinhã da outra parte e nõ cõ menor esforço que el rey dom Vermudo tragya, quando o virom, foron a elle e encontrarõ a el rey dõ Vermudo de hũa lançada, de que logo cayu em terra. E foy della morto. Pero quẽ lha deu, nõ o diz a estorya. E muytos dos seus, por o livrar, foron hy mortos e perderon seu senhor e os corpos e as terras.

[187b] E, desbaratada a batalha pella morte del rey dom Vermudo, como dicto he, tomarõ o seu corpo e levarõno a Leon e ãterrãno hy com a raynha dona Tareyja, sua molher.

²⁹⁴ CAPÍTULO CDXLIV

Como el rey dom Fernando ouve o reyno de Leon, despois da morte de dõ Vermudo

Despois que foy morto el rey dom Vermudo, segundo a vedes ouvydo, el rey dom Fernando, assy como estava apoderado com toda sua hoste, foyse pera Leom e levou conssigo sua molher, dona Sancha. E cercou logo toda a cidade em redor. E, aaquella sazõ que elle esto fez, erã em Leon ajuntados todollos que foram ao enterramento del rey dõ Vermudo.

Em esto, a raynha dona Sancha mãdou dizer aos Leoneses que a veessem veer, ca quera fallar com elles. E veherõ logo a ella quatro ricos homẽes dos melhores do reyno com seus cavalleiros. E veherom com elles seis homẽes boos das villas – e esto por que os ella mandou segurar. E, despois que foron ante ella, apartousse a raynha com elles em suas fallas e começou sua razon em esta guisa:

– Amigos, bem sabedes como sodes todos meus naturaaes e outrossy bem sabedes como hy nõ ha outro nõ hũu que de dereyto deva herdar o reyno de Leon se nõ eu, pois Deus teve por bem que meu irmão el rey dom Vermudo per esta guysa fosse morto. E bem creo que elle morreo com soberva e cõ cobiiça que mostrou a el rey dom Fernando, meu senhor, e a mỹ, ã nos querer tomar a terra que nos per ele e per el rey dom Sancho fora outorgada, assy como vos todos bem sabees. / [187c] E por esto vos rogo, ²⁹⁵ come amygos e naturaaes e homeens que devedes de fazer dereito e lealdade, pois que outro herdeiro nõ avedes se nõ eu, que dedes o reino a el rey dom Fernando, meu senhor, e a mỹ; e em esto faredes bem e mesura e o que sodes theudos fazer. E el rey dom Fernando e eu e todos aquelles que de nos veherem vos faremos por ello, a vos e aaquelles que de vos descenderẽ, muytas mercees.

Elles responderon aa raynha que ella dezia bem e verdade, mas que elles esto per sy nõ podyã fazer, mas que hyriã per a vylla e fallaryã com os outros ricos homẽes e cavalleiros e cidadãos e, do acordo que antre si ouvessem, que em outro dya lho fariam saber. E, ditas estas pallavras, espedironse da raynha e tornaronsse pera a villa.

E, quando foy noite, tangerom hũa campaa que era de custume de se tanger quando avyam de fazer algũu consselho. E, em outro dya, ajuntarõsse todos no logar onde soyam de fazer seus fallamentos. Entõ aquelles que foron fallar aa raynha dona Sancha preposerõ antre elles todallas razões que lhe ella dissera ã razon do herdamento do reyno. E acordarom todos antre si que a raynha dizia verdade e que nõ avya hy outro herdeiro que de dereito devesse herdar o reyno de Leon se nõ ella e que

era razon de lho entregaren, ca en outra guisa nõ fariã o que devyã, mayormête que o avyã com tal homê que, se o nõ fizessem, que os estragara do que avyam. Ditas estas razões e outras muytas, acordaron todos de lhe mandar dizer que elles conhociam que todo aquello que ella dizia era verdade e que, em outro dya pella manhã, lhe abriyam as portas e a receberyã por senhora. E os messejeyros forom aa raynha com este recado. E ella, quando estas / **[187d]** novas ouvyo, gradeceulho muyto e prometeulhes que sempre lhe por ello el rey dõ Fernando e ella fizessem bem e mercee.

Em outro dya pella manhã, abrirõlhe as portas da cidade e sairon todos a receber a raynha dona Sancha por senhora, e outrossy el rei dom Fernando, e beyjarõlhe as mãaos e fizeram menagem aa raynha que lhe ²⁹⁶ guardassem senhorio e outrossi lhe fizeram menagen de todallas villas e logares e castellos do reyno de Leon e de Galliza. E ella mandoulhes que, essa meesma menajê que a ella faziam, fizessem a seu senhor el rey dom Fernando. E elles assy o fezeron como lhes a raynha mandou. E, depois que todas estas cousas forõ feitas, receberõnos na cidade cõ muytos trebelhos, fazendo grandes allegrias. E assy os levaron pera a igreja mayor a que chaman Sancta Maria da Rega. E, ante que allo chegassem, veeo o bispo cõ muy grande procisom a receber el rey e a raynha; e assy os levaron ataa egreja. E, depois que forom na igreja, assêtohos o bispo em aquellas cadeiras em que os reis e as raynhas sohyam tomar as coroas, com grandes vozes dizendo: «Te Deum laudamus».

CAPÍTULO CDXLV

Como el rei dom Garcia tornou pera Navarra, depois que seu irmão el rei dõ Fernãdo foy ã posse do reyno de Leon

Despois que el rei dõ Fernando e a raynha sa molher foron recebidos ã Leon, como ja dissemos, e steverom algũs dias em seus prazeres e em suas folganças, el rey dõ Garcia de Navarra, que foy em todos estes feitos que ditos son cõ seu irmão el rey dom Fernando, depois que vyo que seu irmão era ã posse do reyno de Leon e que nõ hũu nõ lhe / **[187 bis a]** podya contradizer, disselhe que tempo era de se tornar a seu reyno, onde avya muyto de fazer. E a el rey dom Fernando prougue desto e fuisse com elle ataa Carryon. E, quando se ouveron de partyr, deulhe el rey dom Fernando assaz de muytas e muy ricas doas. E deu a todollos ricos homeens e cavalleiros que cõ elle veheron muitos dõoes e muy preçados, em tal guisa que todos foron delle muy pagados.

Feitas estas cousas, partironsse os reis, dom Garcia pera Navarra e dom Fernando pera Leon. E, depois que foy em Leon, andou per toda sua ²⁹⁷ terra, regendo as villas e logares e postandoas o melhor que elle podya. Depois que esto ouve feito, fuisse em romaria a Sanctiago com a raynha sua molher e fezeron hy grandes ofertas. E, depois que todo esto ouverom feito, tornaronsse pera Castella.

Este rey dom Fernando ouve desta raynha dona Sancha tres filhos: o primeiro ouve nome dom Sancho; e o segũdo, dom Afonso; e o terceiro, dom Garcia. E duas filhas: a primeira, dona Orraca e a outra, dona Elvira. E de todos estes fallaremos despois adyante, quando for tempo pera ello.

Este rey dõ Fernando era muy mansso e mesurado onde conpria e muy justiçoso e verdadeiro; e era muy graado e de muy grande coração, segundo em seus feitos parece, e muy amado dos seus. E, quando algũ dos grandes ricos homẽes de sua terra morria, tomavalhe elle os filhos e cryavaos. E, depois que eram tamanhos, davalhes as terras que forom dos padres e mãtiinhaos em ellas. Antre os quaaes foy hũu destes Ruy Diaz, o Cide. E este Ruy Diaz nunca quis que lhe chamassem se nõ Rodrigo de Vyvar ataa que foy feito cavalleiro ã Coÿbra, assy como a estorya o devysara adyãte. E, como quer que elle fizesse grandes / **[187 bis b]** feitos e muytos e taaes per que elle bẽ merecia de seer chamado Ruy Diaz ou outro mayor e mais honrrado nome, se o elle cõ razon podesse aver, pero elle nunca ã outra guysa quis seer chamado ataa que foy feito cavalleiro.

CAPÍTULO CDXLVI

Como el rey dom Fernando criou o Cide Ruy Dyaz

A este rey dom Fernando, ã quanto vyveo, nõ lhe fallecerõ guerras assy de mouros como de cristãaos.

E elle avya tal custume que todollos filhos dos seus altos homẽes, ²⁹⁸ depois que eram de idade de oytõ ãnos, logo os elle tomava e cryavaos ã seu paaço, ataa que eram tamanhos que fizessem algo per suas mãaos. E entõ faziaos cavalleiros e davalhes terras em que vivessem e dos seus dinheiros e servyasse delles.

E hũu dia aconteceu a este rey dom Fernando partir de Burgos e hyr pera terra de Trevynho e pera Amam; e aveolhe o camynho per Vivar. E achou hy Diego Layndez de Vyvar, que vyveo despois pouco tempo, e seu filho Rodrigo de Vyvar – que despois ouve nome Roy Diaz, o Cide – e era ja de dez

ãnos. E levou conssigo e criouho em sua casa muy honrradamente. E dona Orraca, sua filha del rey, lhe fazia muyta honrra. E esta foy a razõ por que a elle amou mais que nem hũu dos seus irmãaos. E nõ tenhades que este amor que lhe assi avya fosse por algũa vylanya.

Este Roy Diaz, depois que chegou a tempo de tomar armas, quyseio el rey dom Fernando fazer cavalleiro, assy como avya ã custume fazer aos fi/lhos [187 bis c] d'algo. Mas elle lhe pedyo por mercee que o nõ fizesse cavalleyro se nõ quando lho elle demandasse. E el rey lho outorgou. E Rodrigo de Vyvar viinha ao feito das armas tam ben e assy esforçadamente como nõ avya nõ hũu em casa del rey que o assy fizesse.

Estando hũu dya el rey em Carrion, nom estando hi Rodrigo com elle, entraron os mouros com grande poder, ca era hoste de cinco reis, e correron essa terra, ca passarom per a par de Burgos e passarõ os montes d'Oca e correron ataa Belfurado e Sam Domĩgos da Calçada e o Gronho e toda terra de Navarra; e levarõ ende grande roubo de cativos e de gaados e doutras muytas cousas. E, elles hyndosse assi com este grande roubo, Rodrigo de Vyvar sayu pella terra e chamou todallas companhas que pode aver. E, desque foron ajuntados a elle, moveo pera os montes d'Oca e sayu aos mouros dyante e lidou com elles e venceuhos e tomoulhe todo o roubo que levavã e prẽdeo os cinque reis; e fez todo assy levar a casa de sua madre Tareyja Nunez, que ainda era vyva. E, depois que ally teve todo seu ²⁹⁹ esbulho, partio muy bem cõ os filhos d'algo e com todollos outros que forõ com elle. E em tal maneira partio aquello que assy ouve daquelle desbarato, assy mouros cativos como todas outras cousas, que todos forom delle muy pagados e o louvaron de grande bondade.

E, vistas estas cousas antre elle e sua madre e a grande honrra e vitorya que lhe Deus avya dada em prender cinco reis de mouros e averem delles tanto roubo, derom muytas graças a Deus. E ouveron consselho cõ seus parentes e amigos que se faria dos reis; e foy acordado antre elles que os soltasse cõ esta cõdiçõ: que se outorgassẽ por seus vassallos e lhe dessẽ parias. / [187 bis d] E aos reys prougue destõ e outorgaronse seus vassallos e prometerom de lhe dar suas parias. E elle soltouhos logo e mandouhos pera suas terras. E elles foronsse, gradecendolhe muyto o bem e mesura que em elle acharon. E, logo que forom em suas terras, ãvyaronlhe grandes averes por suas parias.

CAPÍTULO CDXLVII

Como el rei dom Fernando ouve grande prazer da boa andãça que Deus avya dada a Rodrigo de Vyvar

Andando el rei per terra de Leon, regendo e assessegando sua terra, chegaronlhe novas da boa ventuira que Deus avya dada a Rodrigo de Vyvar em o vencimẽto dos reis mouros. Em todo esto, veeo ãte el rey dona Symena Gomez, filha do conde dom Gomez de Gormaz e ficou os geolhos ante elle e disselhe:

³⁰⁰ – Senhor, bem sabees que eu son filha do conde dõ Gomez, o qual matou Rodrigo de Vyvar, e, de tres filhas que delle ficarõ, eu son a menor. E poren vos peço por mercee que me dedes este Rodrigo de Vyvar por marido, ca me averey delle por ben casada, ca eu son bem certa que sua fazenda ha de seer ã mayor estado que nem hũu homẽ do vosso reyno. E, em esto, senhor, averey que me fazedes grande mercee. E vos, senhor, devedes esto fazer, por que he serviço de Deus e por que lhe perdoo eu de bõ coraçõ e de boa voontade.

El rey, quando esto vyo, teve por bem de comprir seu rogo e mandou logo per suas cartas dizer a Rodrigo de Vyvar que vehesse a elle a Pallẽça, por que tiinha de fallar com elle muitas cousas de sua prol e de sua honrra.

E, logo que Rodrigo vyo as cartas del rey, prouguelhe muyto com ellas e guysousse muy bem e muyto honrradamente cõ muytos cavalleiros, seus parentes / [188a] e amigos, bem armados e ben apostados – e eram bem duzentos. E assi foy a el rey. E elle o recebeo muyto honrradamente e com grande prazer. E desto pesou muyto aos condes. E, depois que foy apousẽtado, teve el rey por bem de fallar com elle. E, ãnas fallas que com elle falou, disselhe em como dona Symena Gomez, filha do conde dom Gomez, que elle matara, que o viinha demandar por marido e que lhe perdoava a morte de seu padre; e elle que o rogava que lhe prouvesse de casar com ella e que lhe faria por ello ben e mercee.

Rodrigo de Vyvar, quando esto ouvyo, prouguelhe muyto e respondeo a el rey que lhe prazia de fazer o que lhe elle mandasse. E el rey lho gradeceo muyto. E mandou logo por o bispo de Pallença e fezeos logo receber assy como he mandado da Santa Igreja. E, desque foron recebidos e as juras feitas, fezelles el rey muyta honrra e deulhe muitas nobres doas e pos a Rodrigo mais terra que a que delle tiinha. E amavao muyto por que se trabalhava de deffender a terra aos mouros.

³⁰¹ Depois que todo foy acabado, segundo avedes ouvido, partiosse Rodrigo de Vyvar del rey e levou conssigo sua esposa pera casa de sua madre, onde foy muy ben recebido. E pos a esposa em guarda de sua madre e fez juramento em suas mãaos que nõca se veerya com ella em hermo nõ em poboadõ, ataa que vencesse cinque lides em campo. E rogou muyto a sua madre que a amasse e honrrasse e elle que a

serviria por ello de melhor mente. E a madre lho prometeo. E elle se partio logo dellas e foyse aa fronteira dos mouros. Mas agora leixaremos aquy de fallar desto e tornaremos a el rey dō Fernando.

CAPÍTULO CDXLVIII

Aqui tornaremos a falar dos feitos del rei dō Fernão e de como se ouve ã sua fazēda

[188b] Andados dous ānos do reynado deste rey dom Fernão, que foi na era de mil e cincoēta e cinque ānos, aveheron a este rey tantas e boas aventuras como avedes ouvydo. Mas ao diabo, a que pesa de todo o que he serviço de Deus e he contrairo a todo ben, guisou em que maneira fizesse discordya antre este el rey dom Fernando e el rey dō Garcia de Navarra, seu irmão. E este rey dom Garcia era homē de grande coraçō e muy ēveioso e pesoulhe muyto por a boa avētuira de seu irmão el rey dom Fernando; e atravesousse atrevendosse contra elle, pera lhe tomar o seu. El rey dō Fernando era homē de boa condiçom e pesoulhe muyto do mal que avya recebido de seu irmão; e com piedade e mesura nō quis a ello tornar.

E, passando assi esto per tempo, adoeceu dom Garcia em Navarra e, ³⁰² quando o soube el rey dom Fernando, pesoulhe de coraçō e foyo veer. E el rey dom Garcia, quando o vyo, prougelhe muyto, por que cuydou acabar ho mal que tiinha em coraçom. E fallou cō os seus como o prendessem. E el rey dom Fernando soubeo e ouve dello grande pesar, pero que o emcobrio muy ben. E sayusse do reyno de Navarra e veeosse pera Castella.

E, depois desto, enfermou el rey dom Fernando; e el rei dom Garcia, por lhe fazer ãmenda e prazer e cuydando de emcubrir a nemiga que cuydara contra elle, veeo veer muy homildosamēte. Mas el rei dom Fernando, a que nō esquecera o torto que de seu irmão avya recebido, mandouho logo prender e fezeo guardar ã / [188c] Cea, como quer que jouve hy muy poucos dias, ca o tiraram os que o guardavō por mui grandes averes que lhes prometeu. E foyse pera sua terra cō muy pouca companhia que lhe ēvyara seu filho. E, desde foy en sua terra cō muy pouca companhia, nō quedou fazendo seu poder por se vingar. Mas Deus nō o quis assi.

Mas agora leixaremos a fallar desto e diremos como el rei dom Fernando cobrou Callaforra.

CAPÍTULO CDXLIX

Em qual maneira el rey dom Fernando contendeu con el rey d’Aragon sobre Callaforra

Conta a estorya que el rei dom Fernão, avendo contenda com el rei d’Aragon sobre a cidade de Callaforra que cada hũu delles razoava por sua, em tal guisa que el rey d’Aragō metya o preito a reto, atrevēdosse enna grande bondade da cavallaria que avya em dom Martym Gomez, que era entom hũu dos melhores cavalleiros d’Espanha. E el rey dom Fernando recebeu o reto e disse que lidaria por elle Rodrigo de Vivar, pero que elle ³⁰³ nō era hy em aquella sazom, desde fezera o preito com dona Symena, sua molher. E el rey d’Aragō deu por sy Martym Gomez e poseron prazo e fezerom menagen d’amballas partes de viirem hy e trager cada hũu seu cavalleiro, que avya de lidar por elles aquelle reto; e o cavalleiro que vencesse que guaanhasse Callaforra pera seu senhor. E, o preito firmado, foronsse pera suas terras.

CAPÍTULO CDL

Como el rey dom Fernando ēvyou por Rodrigo de Vyvar e lhe contou o feito do reto. E como Rodrigo foy ã romaria a Santiago e o que lhe aconteceo no caminho

[188d] Depois que se partiron os que o reto veheron fyrmar, mandou el rey dom Fernão por Rodrigo de Vyvar e contoulhe o feito como passara cō el rey d’Aragon e como avya de lidar por elle. Quando Rodrigo esto ouvyo, prougelhe muyto. E, por que o prazo era grande, disse a el rey que queria hyr ã romaria a Santiago, por que o avya prometido. E a el rei prougue muyto e mādoulhe dar todo o que lhe fazia mester e outrossi muytas e muy ricas doas.

Rodrigo de Vivar meteusse logo a seu camynho, fazendo muytas esmollas por o amor de Deus. E levou cōssigo XX cavalleiros. E, em hyndo pello camynho, achou hũu gaffo lazerado em hũu tremedal, que jazia dando grandes vozes, dizendo que o tirassem dalli por o amor de Deus. E Rodrigo, como ho ouvyo, foy allo e tirouho logo; e desvalgou logo do cavallo e filhou e poseo ante sy e levouho ataa o lugar onde aquelle dya avyam d’albergar. E os cavalleiros que com elle viinhā tomavō desto grande nojo. E mādou ³⁰⁴ guisar de comer. E, desde foi guysado, mandou assentar os cavalleiros e tomou aquelle gaffo pella mão e assentouho cōssigo e comeu com elle todallas viandas que lhe trouxerō dyāte. E tam grande foy o nojo que os cavalleiros ouveron desto que lhes parecia que lhe caya a gaffidade das mãos

enna escudella em que comyã. E, cõ nojo que ouveron, leixaron a pousada a Rodrigo e ao gaffo e foronsse pera a outra. E, desque ouverom comydo, mandou Rodrigo fazer a cama pera si e pera o gaffo e deitaronsse ambos dessũ. E, quando ẽ hora de meya noite, dormyndo Rodrigo, deulhe o gafo hũu grande bafo per meo das espado/as [189a] que tam ryjo lhe sayo per os peitos que foi hũa grande maravyilha. E Rodrigo espertou desto muy spantado e catou a par de sy e nõ achou o gaffo. E começou de chamar e nõ lhe acudyo nem hũu. E entom se levantou ainda mais espantado e demandou lume e trouxerõno e catou toda a pousada e nõ achou o gaffo. E tornousse aa cama.

E, estando o lume aceso, começou em esto cuydar e o que poderya seer aquelle baffo que lhe assy dera per as espadoas. E, jazendo em esto penssando, apareceolhe hũa semelhança d'homẽ vestido em vestiduras brancas, com odor grande e maravylhosa claridade, que lhe disse:

– Dormes?

E elle respondeo:

– Nõ. Mas rogote – disse Rodrigo – que me digas quem es, que trages contigo tanta claridade e odor assy maravylhoso.

E elle lhe disse que era Sam Lazaro e que lhe fazia certo que elle era o gaffo a que elle fezera tanta honrra por o amor de Deus. «Epor esto – disse elle – que me assi as feito, Deus te ha outorgada grande graça que, quando te veer ẽ mente o baffo que sonhaste, que todallas cousas que começares em lides e batalhas ou em outras cousas, que todallas acabaras compridamente. Assy que a tua hõrra crecera mais e mais em cada hũu dya e seeras temudo e receado assy de cristãaos come de mouros; e os ẽmiigos nõ te ẽpeecerã; e morrerás morte honrrada em tua casa e em tua honrra; e nõca seeras vencido mas sempre seeras vencedor, ca te outorga Deus a sua beencõ. E, cõ todo esto, faze sempre bem».

³⁰⁵ E, dictas estas cousas, desapareceu a vison. E Rodrigo levantousse logo e fez sua oraçom a Deus, gradecendolhe o bem e mercee que lhe fazia; e outrossy rogou aa Virgẽ Maria que rogasse a Deus por elle ao seu filho que o tevesse em sua guarda, elle e todos seus feitos. E esteve assi ẽ oraçõ ataa que foi manhãa.

[189b] E desy começou de andar seu caminho pera Santiago e fez sua romaria mui compridamente.

Mas agora leixa aqui a estorya fallar delle e torna aos reis, em qual maneira forom ao prazo a que avya de seer a lyde.

CAPÍTULO CDLI

Como os reis veherom ao prazo da batalha que foy antre Martym Gomez e Rodrigo de Vyvar sobre Callafforra

Quando o prazo foi cumprido a que avyã de lydar Martym Gomez e Rodrigo sobre Callaforra, primeiramẽte foy Martim Gomez enno campo por a parte del rey d'Aragon. E Rodrigo nom era ainda viindo de sua romaria. E, por esto, dom Alvaro Fernandez, que era seu primo, tomou a lide em seu logar e mãdou armar hũu seu cavallo muy bem. E, em quanto o estavõ armando, chegou Rodrigo de Vivar ao prazo. E, como ja viinha armado, tomou o cavallo d'Alvaro Fernãdez e entrou no campo; e dõ Marty Gomez outrossy. E os fiees partironlhes o sol. E elles aderençarõ hũu ao outro e ferirõsse muy ryjamente, ẽ tal guisa que brítarom as lanças ẽ sy. Mas dõ Marty Gomez começou a dizer pallavras ẽ esta guisa:

– Muyto vos pesa, ora, dõ Rodrigo, por que entrastes cõmigo em este logar, ca eu vos farei que nõ casesdes com dona Simena, que vos muyto amades, nõ tornedes a Castella vivo.

Destas pallavras pesou muyto a Rodrigo e disse:

– Martym Gomez, sodes bõ cavalleiro e taes pallavras nõ som pera ³⁰⁶este logar, ca este preito per as mãaos o avemos de livrar ca nõ per pallavras / [189c] vãas, ca todo o poder desto he em Deus e elle dara a honrra da batalha a quẽ quiser.

E, com a grande sanha que tiinha daquellas pallavras que lhe avya dicto, foi contra elle e feriuho com a espada per cima do elmo, que lho cortou e quanto acalçou da cabeça, em guisa que elle foy muy mal ferido e perdeo muyto sangue. E elle ferio dom Rodrigo pello escudo e cortoulhe delle quanto acalçou, em guisa que foy muy mal ferido; e tam ryjamente tirou a espada pera si que lhe fez perder as estrebeiras. Mas Rodrigo nõ o quis assi leixar e foy ferir dõ Martim Gomez com a espada pello rostro, de que se lhe foi muito sangue. E, andando assi ambos muy fortes e muy crueviis em sua batalha, ferindosse muy sem piedade, que ambos o sabiã bem fazer, dom Martim Gomez hyasselhe muito sangue. E, cõ a muy grande fraqueza, nõ se pode teer e cayu do cavallo em terra. E Rodrigo deceu a elle e matouho. E, desque o ouve morto, chamou os fiees e disselhes se avya mais de fazer por o dereito de Callaforra. E elles disserom que nõ.

Entom entrou el rei ẽno campo e com elle seus altos homẽes e ajudaron a desarmar Rodrigo. E, desque foy desarmado, abraçouho el rey muitas vezes e sayu com elle fora do campo, avendo com elle

grande prazer, e todollos Castellãaos.

Mas tam grande foy o pesar que desto ouve el rei d'Aragon e os seus que nõ ouve conto. E mandou tomar o corpo de dom Martim Gomez e levouho pera sua terra. E desta guisa ficou Callaforra a el rey dõ Fernando.

E, des o terceiro anno do reynado deste rey dom Fernando ataa este tempo, nõ achamos nõ hũa cousa que aa estoria perteeça, se nõ tanto que, enno terceyro ãno, se morreo o papa Benedicto e foy posto em seu logar Johanne, e foi o decimo setimo que este nome ouverõ; e forõ com elle XXV apostolligos ã Roma. E, ãno / [189d] terceiro ãno, pobrou el rey dõ Garcia ³⁰⁷ Pedra Alta e conquistou Firmos dos mouros. E, enno seytemo anno, lidou el rei dom Garcia com Ally Meymõ e vëceuho e matouho.

CAPÍTULO CDLII

Como os condes de Castella quiseram fazer matar aos mouros per treyçon Roy Diaz de Vyvar e como por esto foron deitados de Castella

Veendo os cõdes de Castella ã como cada hũu dya crecia a honrra e boa andança a Roy Diaz de Vyvar, ouverõ seu acordo que posessem seu amor cõ os mouros e aprazassem com elles batalha pera o dya de Santa Cruz de Mayo e que chamassẽ a esta batalha Roy Diaz de Vivar. E eles cõ os mouros tiinhã posto que o matassem; e per esta razom se vingariã delle e que assy ficariam elles senhores de Castella, o que elles nõ podiam seer em quanto fosse vivo Ruy Diaz.

Feita sua falla, ãviarõ suas cartas aos mouros. E estes cõ que assy ouverõ as fallas eram os reis que eram vassallos de Roy Diaz. E os reis, quando virõ cartas de tanta falssidade ã que andavõ os condes, ouverõno por mal e tomaron as cartas e mandarõnas a Ruy Diaz e ãvyaronlhe descobrir todo o feito dos condes.

E Roy Diaz de Vyvar, quando vio as cartas e todo o que lhe mandaron dizer, gradeceulho muito. E tomou as cartas e mandouhas a el rey dom Fernando e mostroulhe a falssidade. E el rey, deque ouve vistas as cartas e a maldade dos condes, mandoulhes logo suas cartas em que lhes mãdava dizer que se saissem logo de sua terra e que nõ esteuessẽ hy mais. / [190a] E, por que se el rey hya ã romaria a Santiago, mandou a Ruy Diaz que os deitasse ³⁰⁸ fora da terra. E elle fezeo assy como lhe el rei mãdou, ca os fez logo sayr da terra.

E enton veeo a elle dona Sãcha, sua cuirmãa, molher do conde dom Garcia, e possesse em giolhos ante elle. E elle tomoua per a mãao, fezeu levãtar e disselhe:

– Cuyrmãa, ora podees dizer o que vos praz.

E ella disse:

– Cuirmãao, peçovos por merçee que, pois deitades meu marido fora da terra, que nos dees hũa vossa carta pera algũu daquelles reis mouros vossos vassallos, que nos recebã e que nos dem em que vyvamos por vosso amor. E em esto nos farees grande mercee.

E elle deulhe sua carta pera o rey de Cordova. E elle pollo seu amor fezелhe muito bem, ca lhe deu Cabra ã que vivessen cõ sua companha. E despois foi o conde mui desconhecido contra elle, ca lhe fez muita guerra daquella villa, ataa que lha tomou Roy Diaz.

E, des os cinco annos ataa os sete que reynou el rey dõ Fernãdo, nõ achamos nem hũa cousa que de contar seja que aa estoria perteeça.

CAPÍTULO CDLIII

Como lidaron dom Fernando con el rey dom Garcia de Navarra, seu irmão

Andados sete ãnos do reinado del rey dom Fernãdo – quando andava o ãno da encarnaçõ ã mil e vĩite annos – e el rei dom Garcia, avendo coraçom de se vingar da deshonrra que avia recebida del rei dom Fernando, seu irmãoo, achegou grandes companhas, assy dos seus come estranhos, convem a saber, mouros e Gascões, e passou os montes d'Oca e chegou ³⁰⁹ apreto de Burgos. Mas el rei dõ Fernando, quando o soube, pesoulhe muito e ajuntou grande poder e foi contra ele. / [190b] E, en indo, mandoulhe per seus messegeiros dizer como lhe fazia muy sem razon entrar em seu reyno, seendo seu irmãoo; pero que lhe queria perdoar o que lhe avya feito e que queria aver paz com elle, como con seu irmãoo; e que se saisse da sua terra, ca bẽ sabia elle que lho vedaria elle, se quisesse, e que lhe nõ fizesse ã ella mais mal. E el rei dom Garcia nõ o preçou nada, mas trouxe mal os messejeiros e mãdouos tirar dante sy; e esto muy avyladamẽte.

Quando esto viron os cavalleiros e ricos homẽes que estavõ com el rei, pesoulhes muyto desto, por que entenderom o muy grande mal que dello poderia vĩir, se batalha hi ouvesse. E enton foron todos a el rei e pedirõlhe por mercee que lhes outorgasse seus foros e que lhes desse os seus herdamentos que lhes

avya tomados. E el rei, cō grande sanha e soberva de seu coraçom, nō lho quis fazer, por que lhe semelhou que queriã que lho fizesse per prema. Enton dous cavalleiros que elle avya desherdados partironssse logo delle e desnaturaronssse da natureza que avyã cō elle e foronssse pera el rei dom Fernando.

Quando esto vyo hũu seu ayo que o avya criado, veeo a elle, chorando muy dooridamēte, e pidiolhe por mercee que lhes outorgasse o que lhe pedyam e cobrasse os coraçōes de seus vassallos. Mas elle, como era de duro coraçom, nō o quis fazer. E ao ayo pesou muyto e, cō grande sanha, disse:

– Oje morreras ã esta batalha muy viltadamente! E, por que eu nō veja o teu pesar, quero ante morrer.

E, em todo esto, el rei dom Fernando era ja no campo e posera suas aazes e estava muy ben percebido. E el rei dō Garcia outrossi pos suas aazes e apostoussse o melhor que pode.

³¹⁰ E, despois que assi forō aazes postas dhũa e da outra parte, aquelle cavalleiro, ayo del rei dom Garcia, deitou de sy o escudo e a loriga e a capellina e todallas / **[190c]** outras armas, se nō a espada e a lança, que levou, e assy entrou pellas aazes dos Castellãaos. E ally foy logo morto. E esto nō fez por outra cousa se nō por nō veer a morte de seu senhor.

Despois que as aazes foron ajuntadas d’amballas partes e que se feryã muy cruelvylmēte e muyto sē piedade, foy vencida a companha del rey dom Garcia, ca o poder del rei dom Fernãdo era mayor que o de dom Garcia e demais que os de dom Garcia nō avyã em coraçōes de ajudar seu senhor. E, entom, os dous cavalleiros que se partiron de dom Garcia, como suso dissemos, em andando pella lide, tomarō o mais alto logar do campo, ã tal guisa que chegarō ao logar onde estava dō Garcia; e derribarōno do cavallo e aos cōtos das lanças o affogaron. E morrerō hy com elle dous ricos homēes.

Despois que foy morto el rei dom Garcia e sua hoste desbaratada, el rei dom Fernando, muy ledo e pagado, moveosse a grande piedade e mandou aos seus que nō fizessem mais mal aos cristãaos, mas que, dos mouros que hy andavon, que se vingassem. E elles fezerōno assi, em guisa que, dos mouros que hy veheron, os mais delles foron mortos e os outros cativos. E el rei dom Fernando mādou tomar o corpo de seu irmãoo muyto hōrradamente e fez sobre elle grande doo. E despois ãvyouho a Navarra. E foy soterrado no moesteiro de Sancta Maria que elle meesso fezera e a que dera muytas herdades.

E, despois que el rey dom Fernando ouve a honrra da batalha que ouvera cō seu irmãoo, reteve ã si o reyno de Navarra e foy senhor do mais d’Espanha, pero que ficara por herdeiro do reyno de Navarra, des Ebro ataa os portos d’Aspa, dō Sancho, filho deste rey dō Garcia que foi morto enna batalha. Ca elle avya dous filhos, convem a saber: este dō Sancho e dō Ramiro, o que despois casou cō a filha de Roy Diaz, o Cide.

³¹¹ E, des o oytavo ã/no **[190d]** que reynou el rey dō Fernando ataa os dez e seis ãnos, nō achamos nem hũa cousa que a esta estorya perteença, se nō tãto que, enno decimo anno, morreo o papa Johanne e foi posto ã seu logar Benedicto e foron com elle cento e saseenta apostolligos. E, aos XV ãnos, morreo el rey de Sevyilha e reynou empos elle Habed Albutanus XXV ãnos.

CAPÍTULO CDLIV

Como Rodrigo de Vyvar lidou cō os mouros que levavã muy grande roubo de Castella e lho tomou e os desbaratou

Em este tempo, estando el rey dom Fernando ã Galliza, os mouros veherō correr Castella e a Estremadura. E os da terra, quando esto virō, ãvyarō recado a Rodrigo de Vyvar que lhes acorresse. E elle, quando ouvyo o mandado, nō se deteve muyto e ãvyou logo por seus parentes e amigos. E foyssse logo onde soube que os mouros erã e acalçouos. E elles levavō grande roubo de cativos e de gaados. E este encalço foy antre Ateença e Sant’Estevã de Gormaz. E ouve com elles hũa muy forte batalha, enna qual foron os mouros vencidos. E Rodrigo e os seus seguirōnos pello encalço sete legoas, matando em elles, e tomaronlhes o muy grande roubo que levavã. E, despois que a batalha foy vencida, partio Rodrigo de Vyvar mui bem o que acharon cō os cavalleiros e com todollos outros que foron em aquella batalha.

Mas agora leixaremos aquy de fallar desto e tornaremos a el rey dō Fernando.

CAPÍTULO CDLV

Como el rei dom Fernãdo foy sobre terra de mouros e dos logares que cobrou daquella vez

[191a] Andados dez e sete annos do reynado deste rey dom Fernando – que foi na era de mil e sateenta annos e o anno da encarnaçon de Nosso Senhor Jhesu Cristo ã mil e trinta e dous e o emperio do Corado ã doze ³¹² – el rei dom Fernando, seendo bem andante e seguro em seu reino, ajūtou sua hoste muy grande e foi a terra de mouros, convem a saber: a Portugal e a terra de Bitinya, aquella a que agora chamã Merida e Badalhouce. E, despois que assi entrou em terra de Portugal, gaanhou logo Sea e Gouvea

e outros castellos d'arredor, pero com tal preytesya que ficassem os mouros por seus vassallos. E deronlhe as fortellezas.

E, despois que tomou estes logares, foy sobre Viseu e cercouho. E ãna villa avya muytos e bõos cavalleiros e beesteiros e avyã assi boas beestas que, quando tiravã, nom prestava armaduras nem hũa. E por esto mandou el rei que pregassem tavoas nos escudos por seerem mais fortes, por que as seetas faziã muyto mal. E mandou guardar as portas, que nõ sayessem fora. E esto fazia elle por tomar delles vyngãça, por que alli fora morto el rei dõ Ramiro, seu sogro, como ja ouvistes.

E tanto os combateo ryjamente que entrou per força a cidade. E mataron e cativarom muytos mouros e tomaron preso o mouro beesteiro que matara el rei. E el rey dõ Fernando mandoulhe tirar os olhos e cortalhe os pees e as mãaos.

E, em todos estes feitos, foy Rodrigo de Vyvar hũu dos que hy mais fizeram.

E, despois que teve esta cidade e os outros logares que assy tomara aos mouros postos ã recado, foy sobre Lamego. E, pero que a cidade era muy forte, foy cercada em redor. E tantos engenhos e castellos de madeira lhe pos e tã ryjo a cõbateo que a tomou per força. / [191b] E acharõ em ella grandes averes e prenderom hy muytos mouros. E mãdou el rei matar os mais delles e mandou reparar as igrejas que foron destruidas despois que a terra fora perdida.

E, despois que esto ouve feito e todo assessegado, foy sobre o castelo de Sam Martinho, que jaz sobrello ryo de Malva, e tomouho logo e foy cercar Tarouca e logo a entrou.

³¹³ CAPÍTULO CDLVI

Como el rei dom Fernando tomou Coymbra e do tempo e cousas que lhe aconteceron ã a teendo cercada

Andados XVIIIº ãnos do reynado deste rey dõ Fernando, despois que ouve tomados estes logares que ja son dictos, veolhe em coraçom de guaanhar Coỹbra. E fallou com seus ricos homẽes como era sua vootade de tomar Coymbra e elles lho louvaron muyto. E Ruy Diaz lhe disse que, se elle querya que Deus lhe desse aquella cidade, que fosse primeiro ã romaria a Sanctiagio; e que lhe pedy a por mercee que ally o fizesse cavalleiro. E, por que el rei avya grande tallãte de tomar este logar e por entender que Roy Diaz o conselhava bem, fez sua romaria a Sanctiagio cõ muy grande devaçõ, fazendo grandes orações e offertas, rogando a Deus que o tevesse em sua guarda e o ajudasse e lhe comprisse guaanhar Coymbra pera seu serviço.

E, despois que ouve feita sua romaria, guisou sua hoste muy grande e foy cercar Coymbra; e tevea cercada sete ãnos. E, em esse logar de Coymbra, que era em poder dos mouros, avya hũu moesteiro de monges que chamavõ Lorrãao, os quaaes vyvyam de trabalho de suas mãaos e tiinhã muyto pam de triigo e de orjo e de milho e legumhas assaz. E, por que avya muyto tempo que os da hoste jouverõ sobre o logar e nõ podyã aver vyandas, quiserasse el rey levantar do cerco. E, quando os mõges esto souberon, foronsse a el rei e disseronlhe que nõ descercasse a vylla, ca elles lhe dariã vyã/da [191c] que tiinhã guardada de longo tempo. E daquella vyanda foy avondada a hoste ataa que os da vylla enfraquecerom, ca nõ avyam que comer.

E os cristãaos combatyã muy fortemente com os engenhos, ã tanto que britarom o muro da vila. E os mouros, maaõ seu grado, veheron a el rei e deitaronsse a seus pees e pedironlhe por mercee que os leixasse hyr cõ seus corpos, e que lhe leixariã a villa e a alcaçova, com quanto aver em ³¹⁴ ella avya. E el rey com grande piedade outorgoulho. E entregaronlhe avylla a hũu domingo, ora de terça.

Em quanto el rei tiinha cercada esta cidade, acaeceu que hũu bispo de Grecia leixara o bispado por mais livremente servyr a Deus e veeo ã romaria a Santiago. E este avya nome Ostiano. E, estando na igreja de Santiago fazendo sua vigillia com grande devoçom, ouvyo dizer aos romeus e aos da villa que Santiago parecia nas batalhas ã ajuda dos cristãaos come cavalleiro e que desbaratava os mouros. E elle, quando esto ouvyo, pesoulhe dello muyto e disse:

– Amigos, nõ o chamedes cavalleiro, mas pastor!

E, elle teendo esto ã perfia, prougue a Deus que adormeceu e, em dormindo, apareceolhe o apostollo Sanctiagio cõ hũas chaves ã sua mãao e disselhe em bõ contenẽte:

– Ostyano, tu teens por scarnho por que me chamõ cavalleiro e tu dizes que o nõ são. Porẽ venho ora a ti por te me mostrar, que nunca mais duvydes ã mynha cavallaria, ca saybas ben que eu são cavalleiro de Jhesu Cristo, ajudador dos cristãaos contra os mouros.

E, elle em dizendo esto, trouveronlhe hũu cavallo branco muy bõ. E o apostollo Sanctiagio cavalgou ã elle muy bem armado de todas armas que avya mester, muy fermosas aa maravylha, e disselhe como querya hyr / [191d] ajudar el rey dõ Fernando que jazia sobre Coymbra sete annos avya. E, por que sejas mais certo do que te digo, com estas chaves que tenho ã esta mãao abrirei eu cras as portas de Coymbra aa ora de terça e dalla ey a el rey dom Fernando. Despois que esto ouve dicto, desapareceu. E este Ostyano, logo que foy manhãa, chamou os clerigos da igreja e muytos leigos e contoulhes o que avya

visto e a ora a que Coÿbra avya de seer tomada. E, daquella guisa que o elle disse, assi o acharon por verdade.

E desta guisa foy toda a terra des Mondego ataa a Guarda, que he preto de Salvaterra, tomada aos mouros e ã poder dos cristãaos.

³¹⁵ Depois que el rei tomou Coymbra, deu a guarda da cidade a dõ Senãdo. E conta a estorya que este dõ Senado, ã outro tempo, fora deitado da terra e vivera com Abudella, rey dos mouros. E por mericimêto de sua bondade amavao muito, ca era muyto guerreiro e destroidor de cristãaos de terra de Betinya e de Portugal. E el rei dom Fernando perdooulhe e foy tornado ã seu estado e honrra e grande graça del rei. Pero diz aquy dom Lucas de Tuy que, em outro tempo, quando este Abudella, rei dos mouros, guanhara Portugal, que cativara aquelle dom Senando cõ outros muytos roubos que fez; e que, depois que allo foy, cobrou com el rei e com os mouros tam grande logar e tanto era bõ aos mouros cõtra os cristãaos que o tiinhã os lavradores assy como por rey e nõ faziã ã hũa cousa sem seu consselho; mas que, depois que se veeo pera el rey dõ Fernando, foy adyante per seus bõos feitos cõtra os mouros. E era, por esta razõ foy muy prezado e era homẽ de grande consselho e fez muyto ã aos cristãaos e muyto dãno aos mouros ataa que morreo.

El rei dõ Fernando, depois que / **[192 bis a]** entrou a cidade de Coymbra como ja dissemos, fez Rodrigo de Vivar cavalleiro ãna mizquita mayor ã esta maneira: cingulhe a espada e deulhe paz enna boca e nõ lhe deu rostrada. E, desde foi cavalleiro, ouve nome Roy Diaz tomou logo a espada do altar per mandado del rei e fez nove cavalleiros novees. E el rey fezlhe muyta honrra e louvou muyto a Deus por lhe fazer tanta mercee ã cobrar Coÿbra.

E, feitas todas estas cousas que dictas avemos, partiosse el rei dom Fernando de Coymbra e fuisse ã romaria a Santiago e ofereceo hy suas ³¹⁶ ofertas. E, depois que comprio sua romaria, tornou-se logo a requerer seu reyno e perceber suas frontarias e fazer guerra aos mouros e quanto mal lhes podya fazer.

CAPÍTULO CDLVII

Como el rey dom Fernando fez suas cortes ã Leon, pera aver conselho d'hyr sobre mouros

Conta a estoria que, depois desto, fez el rey dom Fernando suas cortes em Leon com todollos ricos homẽes de seus reynos e ouve cõ elles seu consselho pera hyr sobre os mouros que avya em Saragoça, que tiinhã as fortellezas do reyno e a ribeira d'Ebro, que he ãna provencia de Cartagenya, e tiinhã muyto roubo dos cristãaos.

E, des os XVIII^o ãnos do reynado deste rei dõ Fernãdo ataa os XXV, nõ achamos ã hũa cousa que de contar seja que aa estoria pertẽça, se nõ tanto que, ennos VII ãnos que el rey jouve sobre Coymbra, o qual cerco se começou aos XIX annos, ante deste tempo morreo o papa Benedicto, que ouvera o papado per symonya e, por que nõ era letrado, tomou outro por companheiro e consagrou por papa, por que compresse o oficio da igreja; e este avya / **[191 bis b]** nome Silvestre. E foron com elle cento e saseenta apostolligos. Mas, por que este feito nõ prouve a muytos, enlegrõ outro por apostolligo, que chamarõ Gregorio, e foron com elle cento e LXII apostolligos. E este comprio as vezes dos outros apostolligos. E, ennos XXIII annos, avendo guerra com os outros dous apostolligos por razõ do papado, foy contra elles o emperador Árrique e tolheo o poder a todos tres per direito da Santa Igreja e ordenarom por papa o bispo de Burgos, que ouve nome Clemente, e forõ com elle CLXIII apostolligos. E benzeo o ãperador. E enton foy feito juramento per os Romãaos que nõca ja mais emlegessẽ papa sem consselho do emperador. Todas estas cousas acontecerom em o tempo que el rei dom Fernando teve Coymbra cercada.

³¹⁷ CAPÍTULO CDLVIII

Como el rey dõ Fernãdo, depois das cortes que fez en Leon, tirou sua hoste e foy sobre os mouros; e dos logares que tomou

Andados XXVII ãnos do reynado del rei dom Fernando – que foy ãna era de mil e LXX ãnos e o ãno da ãcarnaçõ ã mil e XLII e o ãperio d'Anrrique em VII – tirou el rei dõ Fernãdo sua hoste e foy sobre hũus castellos de mouros de que viinha muito mal aos cristãaos e correuos e meteuos so seu senhorio. E os castellos eram estes: Gormaz e Vaao de Rey e Aguilhera e Ulanga e a Ribeira de Sancta Justa e Gormezes. E derribou todallas atallayas, por que eram per ellas descubertos os cristãaos que faziã suas ãtradas a terra de mouros – e estas atallayas estavõ sobre o mõte que chamã Põra, que he sobre o ryo que chamã Saago – e outras fortellezas que avya no valle de Vallares arredor de Taraçona ataa Medyna Çale e eram feitas por guarda dos guaados e dos lavradores. E derribouas todas.

[191 bis c] Desy fuisse pera Coymbra e deitou hy os mouros. E ajuntou em aquelle logar grandes

hostes e meteo so seu senhorio todo ata as montanhas d'Oca e de Enēna e destroyuas todas per fogo e a ferro.

Depois que todo esto ouve feito, fuisse a terra de Tolledo e cativou muytos mouros e fez grandes mortayndades e tomou Caltarria e Alcara e ³¹⁸ Huzeda e outros logares do senhorio de Tolledo. E guaanhou muytos gaados e outros averes, os quaaes partio muy bem com suas companhas.

E, depois, foy sobre Guadalfajara e destroyu e queymou toda õ terra e quãto hy avya; e cercou a vylla e mandouha combater cõ muitos engenos. E elles, quando se assi virõ apremados e destruydos, mandara dizer a Aly Meymon, rey de Tolledo, que ouvesse cuydado de seu reyno per batalha ou per outra maneira qual quer; e, se o assi no fizesse, que toda a terra avya perdida.

El rei de Tolledo, que avya nome Ally Meymõ, logo que ouvyyu estas novas, tomou grande aver ã ouro e em prata e muitos panos prezados e ãvyouhos a el rei dom Fernando e ãvyoulhe pedyr por mercee que o segurasse e que o verria veer. E el rey mandouho segurar. E o rey mouro veeo ãte el muy homildosamente e pediulhe por mercee que nõ fizesse tanto mal ã seu reyno e que o ouvesse em sua guarda com toda sua terra, por que senpre fora a seu mandado. E entom ficou por seu vassallo e que lhe desse ã cada hũu ãno suas parias. E, feita e afirmada a vassalajẽ antre elles, tornousse el rei dõ Fernando pera Leon muy rico e muy honrrado.

E ã este ãno morreo o papa Clemẽte e foi posto ã seu logar Damaso e foron cõ elle cento e LXIII apostolligos.

E, des os XXV annos do reynado deste rey dom Fernando ataa os XXXII, nõ achamos outra cousa que de contar seja que aa estorya perteeça, se nõ / **[191 bis d]** que, ennos XXVI ãnos, morreo o papa Damaso e foy posto em seu logar Stevõ e foron cõ elle CLXV apostolligos. E este Estevõ foy bõo papa e muy santo. E, quando ouve de receber a sagraçõ de papa, forõ ouvyydas vozes d'angeos que cantavõ e diziã estas pallavras:

– Hu he o cuydo que cuydades, de paz e nõ de quebrãto?

Este sancto papa compos muito ben de muitos sanctos que foron martirizados por amor de Nosso Senhor Jhesu Cristo e screveo muitas estorias e muy proveitosas da Sancta Igreja.

³¹⁹ Este papa recebeu hũu dia em sua camara hũu pobre e mãdoulhe dar todallas cousas que lhe erã mester e que o servissem. E mandoulhe fazer o leito aa porta da sua camara. E, desque foy noite e a porta do papa foy çarrada, nõ acharõ o pobre. E entendeo entõ o papa que aquelle pobre era Jhesu Cristo.

CAPÍTULO CDLIX

Como el rey dõ Fernãdo fez guerra a el rey de Sevylla

Andados XXXII ãnos do reynado deste rei dõ Fernãdo – que foi quando andava a era ã myl e LXIX e o emperio d'Anrique em XIII – estando el rei dom Fernando ã seu reyno rico e folgado, a rainha dona Sancha, por honrra del rey e dos que della viinhã, disselhe que mandasse em Leon fazer as sepulturas suas pera elles e pera aquelles que delles descendessẽ; e que fossem honrradamẽte feitas e cõ muitas religas dos sanctos que aver podessẽ; e esto, por que a cidade de Leon era no melhor logar do reyno e ãna qual jaziã muytos corpos de sanctos que avyã recebido marteiro por amor de Jhesu Cristo. E esto fez a raynha, por que ouve sentido que el rei dõ Fernando avya tallante de fazer sua sepultura ã o moesteiro de Sam Fagundo, por que era logar de que se elle muito pagava.

[192a] Mas el, quando vyo a boa êtençom da raynha, outorgou o que ella disse e começou logo de fazer hũa igreja de nobre lavor pera em ella fazer as sepulturas suas, delle e de sua molher. E penssou que, avendo os santos corpos de Santa Justa e de Santa Rufina e poendoos ã a dicta igreja, que seeria poren muyto honrrada. E penssou de fazer guerra ao rei de ³²⁰ Sevilha, por que em Sevylla jaziã os corpos das dictas santas, por que forom ally martirizadas. E entom ajuntou sua hoste muy grande e entrou per Portugal e chegou a Coỹbra. E, quando hy foi, os da cidade se lhe querelaron como avyam recebido grande dampno dos de Mõte Mayor. E el rei, cõ grande sanha que dello ouve, foyo logo cercar e poselhe muytos engenhos e atanto os combateo e afficou que foy võotade de Deus de lhe darem o logar. E, ã esta cerca, foy muy bõo Roy Diaz ã guardar as jentes que hyam por as vyandas e por as hervas e em esto ouve elle muitas batalhas e sempre dellas foy vẽcedor. E, por muy grande pressa que elle ouvesse em suas batalhas, nunca o fez saber a el rey. E poren ouve elle grande prez e por esto o fez el rei o mayor de sua casa.

E, depois que el rei ouve tomado Mõte Mayor, moveo com sua hoste pera Sevilha, pera acabar o que avya começado. E chegou a Sevilha, roubando e estragando toda a terra. E entom el rei de Sevilha, veendo o grande dampno e estragamento que era feito em sua terra, ãvyou seus messegeiros a el rei dom Fernando que lhe nõ fizesse mais mal em sua terra e que lhe daria parias e seeria seu vassallo e que o ouvesse em sua guarda e encomenda com todo seu senhorio. E el rei dom Fernando, depois que ouve recebida a messajẽ do rey de Sevilha, ouve cõselho cõ todos / **[192b]** seus ricos homẽes que se faria ã tal

feito. E elles conselharonlhe que tomasse o aver que lhe el rei de Sevilha lhe dava e que o recebesse por vassallo. E el rei fez o que lhe conselharom. E, por que entendeo que avya tempo de acabar o que avya cuydado, êvyoulhe dizer que, se queria aver seu amor, que lhe desse os corpos das virgeens Sancta Justa e Sancta Ruffina; se nõ, que em outra guisa nõ poderia aver seu amor. E el rei de Sevilha lhe êvyou dizer que, com todallas cousas que elle podesse aver, que com todas o serviria, mas que elle nõ sabia onde eram os corpos das santas que elle demandava; mas que, se o elle podesse saber, que lhos daria muy de grado. E el rei dõ Fernando gradeceo muito a Deus a mercee que lhe avya feita ã acabar tam grandes feitos e recebeo logo o rey de Sevilha por vasallo e tomou o aver que lhe ³²¹ mandou. E, despois que todo esto ouve feito, tornousse pera sua terra.

E, quando chegou a Çamora, achoua despoboadada. E os de Leon lhe pedirõ por mercee que a poboaasse e, por que, despois que outra vez Almançor destroira os mouros de Leon e os de Çamora, nunca depois fora poboadada.

Em este anno que esto aconteceu, morreo o papa Leo e foi posto em seu lugar o bispo de Colonha, que avya nome Victor, o segundo, e forom com elle CLX^aVI apostolligos.

CAPÍTULO CDLX

Como el rei dom Fernando êvyou a Sevyilha dous bispos por os corpos das sanctas virgeens

Estando el rey dom Fernando em Çamora, êvyou por seus homẽes bõos pera aver cõ elles seu acordo ã razõ do regimento do reyno. E, antre os que hy veheron, foy o bispo de Leon, que avya nome dom Alvyto, e dom Ordonho, o bispo d'Estorga, que era homẽes de sancta vida. E prougue muito a el rey com elles. E rogouhos que fossen / [192c] a Sevilha por os corpos das virgeens Sancta Justa e Santa Rufina, que lhe avya de dar o rey de Sevyilha. E os bispos, como erã devotos, comprirõ o rogo del rei e aparelharõse logo pera ello. E el rei mandoulhes dar o que lhes era mester e mandou com elles o conde dom Nuno e outros dous ricos homẽes, dos quaaes hũu avya nome dom Fernando e o outro dom Nuno.

E, despois que foron hidos, ordenou el rei o estado do reino e pobrou a cidade de Çamora e deulhe grãdes franquezas e liberdades que oje em dya hã aquelles que hy vyvem.

³²² CAPÍTULO CDLXI

Como os reis mouros êvyaron muy grandes parias a Roy Diaz de Vyvar e que despois desto foy chamado Roy Diaz, Cide

Asy aconteceu que, estando el rei dõ Fernando ã Çamora, como dicto avemos, chegaram hi os messejeyros dos reis mouros que eram vassallos de Roy Diaz con muy grande aver que lhe tragiã por parias. E, estando elle com el rei fallando, chegarõ estes messejeyros e chamaronlhe o «Cide», em lugar de «senhor», e quiseronlhe beyjar as mãaos. E elle nõ quis, mas mandoulhes que beyjassem primeiro as mãaos a el rei. E, despois que beyjarom as mãaos del rey, poseronse ante elle em gíolhos, chamandolhe o «Cide», e apresentaronlhe grande aver. E o Cide mandouho tomar e mandou que dessem a el rey o quinto, ã conhecimẽto de senhorio. E el rei dom Fernando gradeceulho muito e mandou que lho nõ tomassem. E entom mãdou que, des ally en dyante, lhe chamassen Roy Diaz «meu Cide», por que os mouros lho chamarõ.

Mas agora leixaremos aqui de fallar desto por dizer dos bispos que foron a el rey de Sevyilha.

CAPÍTULO CDLXII

Como os bispos e os outros cavalleiros chegarõ a Sevyilha por traer os corpos das virgẽes Sancta Justa e Sancta Rufina [192d] e como as nõ poderõ achar e trouxeron o corpo de Santo Ysidoro

Despois que os bispos e os outros cavalleiros se partiron del rey, ãdando per suas jornadas, chegaram a Sevilha. E o rey mouro os recebeo muy bem e elles lhe disserom o por que erã viindos. E o rey mouro ouve ³²³ sobre esto seu conselho. E, avydo o conselho, disse aos bispos que, daquelles corpos que elles demandavõ, elle nõ sabya nem hũa cousa; mas, quanto era as parias que lhe avya de dar, que esto lhe daria elle muy de grado. E os bispos, quando esto ouvirõ, ouverõ seu acordo de demandarẽ a Deus conselho; e poseronse ã oraçom tres dias e jajũaron e pedirõ ao Nosso Senhor Jhesu Cristo que lhes quisesse ã esto mostrar a sua voontade. E, depois que fezeron sua oraçom cõ muita devoçom, appareculhes o confessor Sancto Ysidoro e, alli hu estavã em oraçom, disselhes:

– Servos de Deus, nõ he sua voontade que levedes daqui os corpos das santas virgeens, por que esta cidade ha de seer conquistada dos cristãos e quer que fiquẽ aqui por louvor da fe catholica. Mas

teede por bem de levardes o meu corpo, por honrra del rei dō Fernādo, de que recebe muito serviço, e outrossi por amor de vos.

E elles, quando esto ouvirō, foron muy spantados por a mui grāde claridade e odor que o sancto cōsigo tragya e estiverō hũa grande peça que nō fallaron nê hũa cousa. E entō os bēzeo o sancto confessor. E elles acordarō e pregūtārō quē era. E elle lhes disse:

– Eu son Ysidoro, que foi arcebispo desta cidade.

E elles, quando esto ouvirō, agradecerō muito a Deus a mercee que lhes avya feita e rogarō ao sancto confessor que lhes mostrasse sua sepultura. E elle mostroulhe como jazia ã Sevilha, / [193a] a velha, e deulhe dello certos signaaes e o lugar certo da sepultura em que jazia. E, depois que lhes esto ouve dito, desapareceu.

E elles ficaron muy confortados e foronsse logo a el rei e disseronlhe que ēvyasse con elles a Sevilha, a velha, e que ally achariam o que elles demandavā. E a el rei prougue muito destas novas e cavalgou logo cō seus cavalleiros e foy allo. E, quando os bispos forom ã o logar que lhes o sancto confessor mostrara ãna vison, começarō a cavar elles per si, presente el rei. E, quando abriron a cova, sayu della hũu odor assi saboroso e bõo que semelhava que todalas specias do mundo ally erā. E assi os mouros como os cristāos ficarō muito confortados e tiraron o corpo do sancto con ³²⁴ fessor cō muy grande hõrra e ēvolverōno em mui nobres panos. E el rei foy muito spantado de tã fremoso milagre e arrepēdeusse por que lho avya prometido e quiseralho tomar, mas nō no pode fazer por que, ã aquella hora que el rei penssou em lho tomar, nom o pode mais veer e foy movido de seu intendimēto ã al. E, depois que os bispos e os outros cavalleiros ouveron recadado cō el rei todo o por que veheron, espedirōse delle e tomaron o corpo de Sancto Isidoro e foronsse com elle seu caminho, fazendo Deus por elle muitos milagres. E tanto ādaron que chegarō a Leon.

E, quando o soube el rei dom Fernando, sayuhos a receber cō mui grande hõrra. E foi posto o corpo de Santo Isidoro em hũu muimento d’ouro que lhe el rei mandou fazer e levarōno cō muy grande honrra aa igreja e poserōno ã o altar e poseron o seu nome ãna igreja. E poseron muitas pedras preciosas cō muitos panos prezados em aquella igreja. E fez el rei em aquella igreja hũu moesteiro de coonigos regantes e herdouho mui ben, em tal guisa que se pode/sse [193b] māteer honrradamēte. E este corpo de Sancto Isidoro foy collocado em Leon ãno anno que a era andava em myl e LXXXVII ānos.

CAPÍTULO CDLXIII

Como se o emperador querellou ao papa del rey dom Fernando que lhe nō queria conhecer senhorio

Estando el rei dō Fernando mui alegre e cō grande prazer por muita mercee que lhe Deus avya feita em cobrar tã santa reliquya como era o corpo do confessor Sancto Isidoro, e esto por consselho de sua molher, ³²⁵ tirou seu padre el rei dom Sancho do moesteiro d’Onha e adusse ao moesteiro de Sancto Isidoro, que elle fezera.

E, estando elle em esta folgāça, o papa Urbano fez concelho geeral, ao qual foy emperador Anrique e muitos reis e outros altos homēes. E o emperador querellousse ao papa del rey dō Fernando d’Espanha, que lhe nō queria dar o tributo que lhe davā os outros reis nê conhecer senhorio como faziā todollos altos homēes da cristaydade, e que lhe pedya que o costringesse a lhe conhecer o senhorio e pagar o tributo como os outros reis. E logo o papa mandou amoestar el rei dō Fernādo que conhecesse senhorio ao emperador Ārrique; se nō, que mandaria sobre elle cruzada. E sobre esto o mādou desafiar o emperador e el rei de França e todollos outros reis.

E el rei dom Fernando, quando vyo as cartas, foy muyto spantado, ca bem entendeu que, se Castella e Leon ouvessem de seer trebutarios, que esto seeria grande dāpno. E pera esto ouve seu consselho cō seus ricos homēes. E elles, veendo o muy grande poder dos reis e o ēperador que o mandavā desafiar e outrossy o grande mal que era os reynos e senhorio del rei dō Fernādo seer trebutario, nō sabyā o que lhe ouvessem de consselhar que fosse obediente ao papa.

Mas ã este consselho nō esteve Roy Diaz, o Cide, por que avya pouco [193c] tempo que casara com dona Symena Gomez e era hido pera ella. E el rei mandou por elle. E, depois que foy viindo, mostroulhe as cartas e o consselho que lhe em ello fora dado e rogoulhe que o consselhasse como melhor entendesse. E o Cide, quando esto vyu, pesoulhe muito de coração, mas por o maaos consselho que lhe davā que por as cartas que veheron de Roma. E enton disse a el rei:

³²⁶ – Certamēte, senhor, ã maaos dia vos nascestes, se ennos vossos dias Espanha ha de seer trebutaria, ca toda a honrra que vos Deus deu ataa agora seeria perdida. E quē vos assi consselha nō he leal nem ama vossa prol e honrra de vosso senhorio. Mas, pois assi he, mandadeos desafiar dentro ã suas terras lho vaamos vyngar. E, pera esto, senhor, vos leavedes cinco mil cavalleiros filhos d’algo e dous mil cavalleiros de mouros, que vos mandarō os reis vossos vassallos. E eu seerei vosso apousētador cō mil e novecentos cavalleiros, meus amigos e meus vassallos. E, por que o Senhor Deus vos ama muito, nō

lhe prazera que a vossa honrra desfalleça.

E, depois que esto ouve dicto, el rei lho agradeceu muito e ouvesse delle por bem conselhado, por que Roy Diaz era homẽ de grande coraçõ.

CAPÍTULO CDLXIV

Como el rei dõ Fernãdo mãdou suas cartas ao papa e ao ãperador, ã que lhes mãdou dizer que o nõ agravasse sã razõ

Avydo o cõsselho que avedes ouvydo, logo el rei dom Fernãdo mãdou suas cartas ao papa, que se nõ quisesse mover contra elle sem razon, ca Spanha fora conquistada per os moradores della per spargimento de muito sangue delles, e que os seus ãtecessores nõca forõ tributarios nem elle outrossi faria ã todollos seus dias, ou elle com todollos seus ã ello prẽderiã ³²⁷ morte. E outrossi ãvyou suas cartas / [193d] ao emperador e os outros reis, que ben sabiã elles que lhe demandavõ torto e sem razon, nõ avendo contra elle nem hũa jurdiçõ, e que por esto os rogava que lhe leixassẽ fazer guerra aos mouros; se nõ, se quisessem hyr contra elle, que lhes tornava amizade e amor e pera esto os desafiava e lhes prometia de os hyr buscar allo onde elles estavã.

E, depois que lhes este recado ãviou, mandou mui ben guisar suas jentes, segundo o que tiinha fallado com o Cide. E, depois que forõ guisados, moveo logo com sua hoste, em a qual levava oyto mil e novecentos cavalleiros, seus e do Cide. E o Cide ouve a deanteira.

E, desde passaram os portos d'Aspa, acharon toda a terra alvoraçada e nõ lhes queriam dar as vyandas. Mas o Cide meteusse pella terra, a estragar e queymar e roubar quanto achava a todos que lhe nõ queriam vender as vyandas; e aos que lhas tragiã, nõ lhes fazia nem hũu mal. E per esta guisa fazia o Cide que, a qual quer logar que el rei chegava, logo achava todo o que lhe era mester. E, per honde quer que hyam as novas dos feitos que elle fazia, todos o receavã.

En todo esto, o conde dom Reymõ, senhor de Saboya, com o poder del rei de França, ajuntou XX mil cavalleiros e veeo aaquem de Tollosa por teer o caminho a el rei dom Fernando. Mas Roy Diaz Cide, que avya a dyanteira, poselhe a batalha. E ouveron sua lide mui forte e vẽceu o Cide. E foi o conde preso e muitos cavalleiros com el e hy ouve muitos mortos. E o conde rogou o Cide que o soltasse e que lhe daria hũa filha que avya mui fremosa. E o Cide fez seu rogo. E logo o conde mandou por ella e deulha. E o Cide ho soltou logo e deu a donzella a seu senhor el rei dõ Fernando. ³²⁸ E elle jouve com ella e ouve / [194a] della hũu filho que ouve nome dõ Fernãdo como seu padre e foi cardeal e homẽ muito honrrado.

Despois desto, ouve o Cide outra batalha con todo o mayor poder de França e venceuhos. E nõca, por pressa que em estas batalhas ouvesse, ho fez saber a el rei nem a nõ hũus dos seus. E a fama do Cide saya per totalas terras e todos deziã que era vencedor de batalhas. E esta fama foy sabuda do ãperador e del rei de França e dos outros reis e rogaron ao papa que lhe mãdasse dizer que se tornasse pera sua terra, que nõ queriam seu trebuto.

El rei dom Fernando, estando ja em Tollosa e querendo seguyr seu caminho pera Roma, chegarom a elle messejeyros do papa e elle, avyda a messajẽ, ouve consselho cõ o Cide e com todos seus ricos homẽes. E elles consselharonlhe que mandasse dizer ao papa que mandasse hi hũu cardeal com todo seu poder, pera firmar que nõca ja mais esto demandassẽ a nõ hũu rei d'Espanha, que a elle fora demãdado – e esto so certa pena; e, que vehessẽ a esto procuradores do emperador e del rei de França e dos outros reis, cõ suficientes procurações pera o poderem firmar; e que, entre tanto, estaria elle em aquelle logar; e, nõ o querendo fazer, que elle os hyria visitar. E, cõ esta mesajẽ, ãviou el rei o conde dom Rodrigo e Alvaro Fernandez Menaya e outros mui honrrados homẽes e mui leterados.

E, quando chegarõ ao papa e lhe derõ as cartas, elle foy dello spantado. E ouve seu consselho e foy determinado que se fizesse o que el rei dom Fernando queria – e esto por que todos temyã a lança do Cide e a sua boa aventura. E o papa mandoulhe ã embaixada Mice Ruberte, cardeal de Llana, e veherõ procuradores do ãpera/dor [194b] e del rey de França e dos outros reis e fizeram e firmaron suas posturas cõ el rei dom Fernando, que nõca ja mais fosse movida contra Spanha tal demanda nõ lhe fossẽ demandados foros nõ costumes nõ outros nõ hũus trebutos, salvo quanto he enno feito da cristaydade, em que todos devem seer yguaaes. E, quanto era de todallas outras cousas, que Espanha ficasse livre e quite de todo tre ³²⁹ buto pera todo sempre, assi como ante estava, pois que fora guaanhada dos inmiigos da fe. E as cartas forom feitas e afirmadas sobre esto, do papa e do emperador e del rei de França e dos outros reis cristãaos, e seelladas com os seellos.

E, emquanto esto foy trautado e firmado, passaram cinco meses e meo. E o papa ãvyoulhe pedyr a filha do conde, que era ja prenhada dos dictos cinco meses e meo. E el rei evyoulhe dizer toda a verdade do feito e ãvyoulha e mandoulhe rogar que a mãdasse guardar ataa que parisse. E o papa asy o fez, ataa que pario hũu filho. E o papa o bautizou e poselhe nome dom Fernando e foy seu padrinho e

despenssou com elle que podesse aver toda dignydade sagrada. E creceu e foy despois homẽ muy honrrado, segundo adeante ouvyredes.

El rey dom Fernando, depois que todas estas cousas forom feitas, tornou-se cõ muy grande hõrra pera sua terra. E esta boa aventura que el rei assy ouve, todo foy per ho bõ cõsselho de Roi Diaz, o Cide. E, por esta honrra que el rei dom Fernando assy ouve, foy chamado par de emperador. E por esto outrossi lhe disseron que passara os portos d'Aspa apesar dos Franceses.

CAPÍTULO CDLXV

Como el rey dom Fernando levou d'Avylla os corpos de Santa Justa e de Santa Sabyna e de Sam Vicente

Conta a estorya que, andãdo el rei dom Fernando requerendo e repairãdo [194c] seu reyno, que achou despoblada a cidade d'Avilla – e esto era de longo tempo, por o destruymento dos mouros. E tomou della os santos corpos de Santa Justa e de Sancta Sabyna e de Sam Vicente e levouos. E pos parte destas reliquias em Sam Pedro d'Arlança e as outras levou a Santo Isidoro de Leon e poseas hy muy honrradamente. E dizem algũs que ainda som ã Avylla e dizem outrossi algũs que o corpo de Sancta Cristina que jaz em ³³⁰ Pallença. E o arcebispo dom Rodrigo nom quis perffiar mas disse que, pois eram em terra de cristãos e enno senhorio de Castella, que nõ empeecia.

E este nobre rey dom Fernando confirmou as leis antigas que os reis godos deron.

CAPÍTULO CDLXVI

Como el rei dom Fernando e a raynha dona Sancha, sua molher, com grande devaçom faziam muita esmolla aas igrejas e moesteiros

Andados XXXV ãnos do reinado do muy nobre rei dom Fernãdo – que foy na era de mil e oiteenta e nove annos, quando andava o anno da encarnaçom de Nosso Senhor Jhesu Cristo em mil e cinquenta e dous e o do emperador Enrrique ã tres – este rei dom Fernando, seendo ja de bõos dias, trabalhou de fazer a Deus muito serviço e, assy como ã sua mancebya lho avya feito per suas armas, bem assi ã sua velhice per suas esmollas, ca se trabalhou de fazer repairar muitas igrejas e moesteiros. E esto meesmo fazia dona Sancha, sua molher. Ca se conta em esta estoria que elles repairarõ a igreja de Sanctiago de Galliza e ou/tros [194d] muitos logares, dandolhes muitos herdamentos e rendas, e fizeram algũs logares, que eram pobres, ricos. E, estando hũu dia ouvyndo missa em Santa Maria da Regra de Leon viron como andavõ descalços os que servyam ao altar – e esto por que nõ avyam de que o comprar. E mandaron logo chamar o bispo e os mayores da igreja e poselhe renda certa de que os calçassem.

El rei era bem custumado ã ouvyr suas oras; e hyasse pera o moesteiro de Sam Fagundo e, despois que as ouvyra, preguntava o abbade que ³³¹ aviam pera comer e comya com elles enno refertoiro qual quer cousa que lhe fosse apresentado. E os mais dos dias mandava elle allo fazer de comer. E, estando comendo hũu dia com o abbade, derom de beber a el rei per hũu vaso de vidro que era do abbade. E cayulhe da mãao e quebrou. E logo el rei mandou per hũa copa per que soya de beber, em que avya muitas pedras preciosas, e deuha ao abbade por o seu vaso e deulhe mais, aalem do que delle avya, mil maravidis. E outrossi a raynha se trabalhava e era muyto aguçosa ã todo serviço de Deus.

Elles assi vivẽdo em esta vida, segundo avedes ouvido, levantousse contra el rei terra d'Alcubaria e de Carpentanea, nõ lhe querendo conhecer senhorio nem dar o trebutto que lhe soya de dar. Mas el rei dõ Fernando, como era ja homẽ de grandes dias, nõ dava por ello nada. E a raynha, quando vyo que nõ curava daquello, pesoulhe muito e contoulhe sobre ello muitos enxemplos, dizendolhe que nõ minguassee nõ hũa cousa ã sua honrra, o que nũca fizera, e que, se a esto nõ tornasse, que daria de sy maaõ enxẽplo. E tanto o rogou que lhe prometeo de tornar a ello. E, despois que ella esto teve postado cõ / [195a] el rei, tirou muitos thesouros que ella tiinha guardados e deulhos em tanto avondamẽto que elle entendeo que era assaz. E mandou por todallas suas gẽtes e por as hordeens e tirou muy grade hoste e foi sobre aquellas terras levantadas. E de tal guisa as quebrãtou e destroyu e tantas e taaes crueldades fez em elles que os fez vïir aa primeira servidom. E, desque esto ouve feito, tornou-se pera sua terra com muy grande hõrra, avendo daquellas terras as parias dobradas. E el rei, por honrra da raynha, deulhe todallas parias por as despesas que avia feitas.

E, por que saibhades quaaes e ã que logares som estas terras, queremos vollo devisar: Alcubaria he como parte cõ o mar de Sam Sabastiam, que he o grande mar Ociano, e vay dereitamente ao mar de Saragoça, que he o mar Mediterraneo. E, des Ebro ataa os portos d'Aspa, quanto jaz antre os montes he chamado Alcubaria. E, des Ebro como vay ataa o reyno de Murça, he chamado Carpentanea. E, por que outrossi saibhades da sua probaçom, de vedes de saber que Japhet, o IIIº filho de Noe, ouve V filhos, dos ³³² quaaes hũu ouve nome Cubal. E, quando os filhos de Noe partirõ per sortes a terra pera seer poblada,

aconteceu a Japhet em sua parte Europa, com os do seu linhagem. E partirösse de Babillonya Japhet e seus filhos e veherö pobrar Europa. E aqui dizem algüus que veheron cö Japhet seus irmãaos, assi como dicto he onde falla da pobraçon d’Espanha, convem a saber, Sen e Cam, e que pobrarö hi algüus logares; pero esto ño faz a feito, por que Europa todavya de Japhet e do seu linhagê foi pobrada. E esta parte he pouco meos que a quarta parte do mundo. E esto, por que algüus partem o mûdo ã VII partes e dizem que ênas duas ño mora nem hûu por grande / [195b] caentura e ennas outras duas outrossy por grande frio. E, das tres em que morã, esta he a menor parte. A Sen, o mayor filho de Noe, veeo per sorte Assya, cö todo seu linhagem, e esta parte he assy como a meatade do mûdo. A Cam, o terceiro filho de Noe, veeo per sorte Africa, que he do mundo quasy a melhor parte.

CAPÍTULO CDLXVII

Como e por qual razö estas terras foron chamadas Alcubarias e Carpêtanya

Depois que Japhet e os do seu linhagem se partirö de Babillonya, como ja dicto avemos, passaram a Roma e foron pobrar ã Espanha e pousarö ennos montes mais altos que acharö, com medo do deluvyo que avyã passado, por que entendyam que, pousando nos valles, cercariã as auguas e matallos hyã. E, depois que viverom ally per muitos tempos e virö que o deluvyo ño viinha, pero que fossem feitos grandes invernos e taaes que pareciã seer o deluvyo, e viron que os ryos ño passavã seus termos, entom cobrarom esforço e descenderom dos môtos d’Espanha e pobrarom ennos valles – e esto ãna ribeira d’Ebro. E, por que aquellas companhas que ally descenderom a pobrar eram de Cubal e do seu linhagem, que era filho de Japhet, como dicto avemos, por esta razö chamarö aquellas pobrações delles Alcubarias. E esto quer assi dizer «companhas de Cubal pobradas³³³ ennas ribeiras d’Ebro». E por estas razöes que dictas som ouve aquella terra nome Alcubaria.

Esta terra correo el rey dõ Fernãdo e outrossi terra de Carpentanea, que he aaquẽ de Ebro, a que agora chamã Saragoça, e ataa Vallença. E toda esta terra meteo so o seu senhorio. E, depois que ouve feita esta conquista, tornousse muito honrrado, como ja dicto he.

E, fazendo elle estes feitos e outros que / [195c] aqui ño som contados e teendo Espanha em seu senhorio, assi os cristãaos como os mouros, que nem hûus nom se lhes ousavã levantar, e fazendo boa e honesta vida e seendo ja acerca da fym dos seus dias, estando hûu dya em oraçon, apareceulhe o confessor Santo Isidoro e disselhe o dia e a hora em que avya de morrer e que, pera esto, fosse percebido de se confessar e fazer ãmenda de seus pecados. E, depois que lhe esto disse e outras muitas cousas por salvaçon de sua alma, desapareceu. E el rey ficou muyto confortado.

E, des aquelle dya en diante, sempre se trabalhou de fazer obras spirituaaes e de grande devaçom. E cuydou em seu coraçom em que maneira leixasse as terras assessegadas aos filhos, por que, depois da sua morte, ño ouvessen contenda sobre a partiçom. E esto fazia elle por ben e por entender que era serviço de Deus, ã como quer que foi despois o primeiro, ca se seguyo dello grande dampno. E el rei dom Fernando avya tres filhos e duas filhas: o primeiro avya nome dom Sancho; e o segundo, dom Affonso; e o terceiro, dõ Garcia; e as filhas: dona Orraca e a outra, dona Elvira.

CAPÍTULO CDLXVIII

Como el rei dom Fernando partyo os reynos aos filhos e como lho refertou dom Sancho, dizendo que ño fazia direito

Conta a estoria que el rei dom Fernando, cuydando de fazer prol aos reinos e acordo antre seus filhos, partio os reynos em esta guisa: a dom Sancho, que era o mayor, deu Castella e Navarra ataa Ebro, quanto tiinha a³³⁴ Estremadura; e deu a dõ Afonso, que era o meãao, Leon e as Esturas cö hûa peça de Campos; e deu a dõ Garcia, que era o meor, o reyno de Galliza cö o que gaanhara ã Portugal; e deu a dona Orraca a cidade de Çamora cö a meatade do iffan/tado; [195d] e deu a dona Elvyra Touro cö todos seus termhos e com a outra meatade do iffantado.

E, quando el rei dom Fernando ouve feita a partiçom, pesou muito a dom Sancho, que era o filho mayor, por que elle entendya que avia de aver todo. E, por esto, disse a seu padre que o ño podya de direito fazer, por que os reis godos avyam antigamẽte feitas taaes posturas antre si que nũca o senhorio d’Espanha fosse partido, mas que sempre fosse de hûu senhor; e que, por esta razon, ño devya elle de devidyr os reinos que Deus em elle ajuntara – e esto, por que o elle avia d’aver, que era o mayor filho e herdeiro. E el rey disse que elle guanhara os reynos e por elle o ño leixaria de fazer. E o iffante dom Sancho lhe disse:

– Vos fazedes o que teendes por bem, mas eu ño vollo outorgo.

E elle fez sua partiçom, nõ embargando o contradizer do iffante. E a muitos dos homẽes bõos do reyno pesou desto, por que bem entendyam o mal e dâpno que por esto podya recrecer, como despois aconteceo. E, aos que tam bem nõ entêdyã, nõ lhes pesava, mas avyã por ben todo o que el rei avya feito.

CAPÍTULO CDLXIX

Como morreo el rey dom Fernando e das cousas que aconteceron em sua morte

Despois que el rei dõ Fernando ouve feita sua partiçõ, como ja ouvystes, a pequeno tempo passado, adoeceu e fezesse logo levar a Leon. E entrou ãna cidade em hũu sabbado, VIIIº dias andados de Dezembro, e foi fazer ³³⁵ sua oraçom aaquella igreja onde jazia Sancto Isidoro e outros corpos sanctos que elle hy trouxera, dizendo a Deus em esta guisa:

– Senhor Deus todo poderoso, que reges o mundo per teu grande poder e es rei e / [196a] senhor sobre os reys da terra e teu he o reyno e imperio sobre todollos homẽes e tu das vida a toda cousa vivente e eyxalças em honrra aos que te praz! E tu, Senhor, deste a mÿ reynos e senhorio pera reger e poseste em grande honrra a minha fazenda e eixalçaste o meu estado. E agora eu som ãna fym dos meus dias. Rogote, meu senhor Deus, que recebas os reynos que me deste e os des a reger a quem for tua mercee.

E, despois que disse estas pallavras e outras muitas com grande devaçõ, desvestio os panos reaaes e tirou a coroa da cabeça e posea sobre o altar. E disse:

– Senhor Jhesu Cristo, recebe a coroa dos reynos que me deste e perdoame os meus peccados por os mericimẽtos destes sanctos corpos que aqui son!

E, desque esto ouve dicto, vestio hũu cilicio a caron de sy e rogou aos bispos que o assolvessem. E logo ally recebeu a hunçom e espargeo ciinza sobre sua cabeça. E mandousse logo levar a Sancta Maria del Maçano ã romaria e esteve hy tres dias ã penitencia. E despois mandousse levar a Cabeçõ. E em todo esto a door o afficava cada vez mais.

E, despois que elle foy em Cabeçõ, chegou hy o Cide Roy Diaz e outrossy o cardeal dom Fernando, seu filho, que era legado em toda Espanha. E, quando chegou a el rey seu padre, beyjoulhe as mãaos e disselhe:

– Padre senhor, quẽ vos conssellhou assi partyr os reynos e nõ dar a dona Orraca e a dona Elvira, vossas filhas, nõ hũa cousa?

E el rei jazia muito desacordado. E, quando ouvyy fallar o cardeal seu filho, acordou e foy muy esforçado por o grande prazer que ouve com el e disselhe:

³³⁶ – Filho, tres dias ha que eu fora morto se nõ por que me Deus quis atender pera vos veer. / [196b] E, quanto ao que dizedes que parti os reynos e nõ dei a minhas filhas esto nõ foy se nõ por que nõ ouve quẽ me acordar. E poren quero que vos os partades como tenerdes por bem. Ca eu dei, a dom Sancho, Castella que he a frol dos reynos, mas a Deus nõ praza que os elle logre nõ faça filho que herde o reyno depois de sua morte, por que duas vezes me deshonnrou, ferindo ã minha presença dom Afonso e dõ Garcia e nõ ouve por ello nem hũu mal. E porẽ rogo a Deus que nunca elle logre o reyno nõ lhe dê filho que reyne empos elle.

E o cardeal lhe disse:

– Senhor, eu nõ poerey mãao em tal cousa, ca dom Sancho vejo andar muy esquivo, tragẽdo todos mal.

Em todo esto, dom Airas Gonçallvez avya êvyado aa iffante dona Orraca que se vehesse a toda pressa que seu padre estava pera morrer. E, quando dom Airas Gonçallvez ouvyy aquello dizer ao cardeal, começou a dizer a grandes vozes:

– Onde sodes minha criada, iffante dona Orraca? Eu cuydei per vos seer mais honrrado mas, mal pecado, nõ cuydo que seja assi!

A iffante, como vyo ho recado, tomou consseigo sua irmãa, dona Elvira, e com ellas cinquenta donas e donzellas e foronsse a grande pressa. E chegaron a Cabeçõ, onde jazia seu padre. E, ante que chegassem aa vylla, sayo a recebellas dom Airas Gonçalvez e a ellas prougue muyto com elle e preguntarõ por el rei. E elle lhes disse que estava muyto afficado e que os fisicos nom lhes davam mais de espaço que cinco dias.

El rei dom Fernando em todo esto era muy apressado da door e, com a grande coyta que avya, disse:

– Vaite, morte! Por que me afficas tanto, ca hũu dos olhos me as ja quebrantado? Ca eu bem cuydava, quando era sãao, que a todollos homẽes do mundo daria batalha.

³³⁷ As iffantes, como / [196c] viinham de seu camynho, chegarõ a Cabeçõ e deceron acerca dos paaços e começaram de fazer muy grande e doorido chanto, dizendo muitas pallavras de grande doo, ã tal maneira que todollos que as ouvyyã avyã dellas muy grande piedade. E, ellas hyndo assy fazendo seu chanto, sairõ a as receber seus irmãaos, el rei dom Affonssso e el rei dom Garcia, e o Cide Ruy Diaz e o

cõde de Cabra. E o Cide lhes quis beyjar as mãaos, mas ellas nõ quiseron. E disselhes enton dona Orraca:

– Rogovos, Cide, que vos pese do nosso mal e desamparo e que nos queirades ajudar cõ el rei que nõ fiquemos assy desamparadas. Ca ben sabees vos, Cide, que sempre vos eu amey e honrrei e ajudei.

E o Cide lhe disse:

– Senhora, grande torto vos faria em vos nõ servyr! Digovos que, per mÿ, nõ perderedes nada, ca eu bem conheço que sempre me fezeistes bem e mercee. E porem eu vos prometo, senhora, que, se eu el rei acho cõ sua falla, que vos faça que sejades bẽ erdada, e outrossi vossa irmãa dona Elvira. E pera esto vos faredes assi e eu irei primeiramente a el rei e mostrarlhe ey todo vosso feito; e despois hiredes vos e vossa irmãa cõ vossas donas e donzellas, fazendo mui grande doo; e el rey, aas vossas vozes, acordará e preguntará quem sodes; e eu lhe direy que sodes suas filhas.

E, despois que lhe esto disse, foyse pera el rey. E, como entrou, levãtaronsse a elle dom Sancho e dom Afonso e dom Garcia que ja o padre avya feitos reis. E o conde dom Garcia de Cabra disse ao Cide:

– Aonde tardastes tanto? Ca el rey preguntou muito por vos e hora esta ja acerca da morte.

E o Cide, quando esto ouvyo, começou de dar grandes vozes, dizendo:

– Rey dõ Fernando, como oje fico desamparado de vos!

³³⁸ E el rei, quando ouvyo as vozes do Gide, / [196d] foy entrando ja quanto ã seu acordo. E, quando soube que era o Cide, folgou muito com elle e disselhe:

– Bem sejades viindo, Cide, meu leal vassallo! Nũca rey tam bõ conselheiro ouve nẽ tanto leal! Onde tardastes tanto? Rogovos que conselhedes sempre bem meus filhos, ca, se vos elles quiserem creer, sempre seerem bem conselhados. E eu quiseravos dar algũa cousa em que vivessedes, se ante veherades que os reinos ouvesse partidos. Mas agora nõ vos posso dar nem hũa cousa.

E el rei dom Sancho, que hi estava entom, disse:

– Senhor, dadelhe o que teverdes por bem ã minha terra.

E el rei tevelhe por ben o que dizia e deu ao Cide hũu condado em Castella. E o Cide beyjoulhe a mãao por ello e gradeceulho muyto.

E, elles em esto estando, entrarõ as iffãtes com todas suas donas e donzellas per o paaço, dando grandes vozes e fazendo tam grande doo que nõ era homen que as visse que dellas nõ ouvesse grande piedade, dizendo:

– Padre senhor, que fizemos nos por que assi ficamos desamparadas?

E, despois chegaram ao leito onde el rei jazia, tomouho dona Orraca pella mãao e beyjoulha, dizendo assy:

– Aqui jazedes, el rei dom Fernando, meu padre e meu senhor e meu grande quebranto. Maaõ foy o dia em que eu naci! Partistes os reynos e de mÿ nõ fostes nẽbrado nẽ de dona Elvira, pera nos dar algũa cousa. E ficamos assi desamparadas. Quẽ vos conselhou que nos nõ desseades algũa cousa fez muy grande pecado. E porem vos pedymos por mercee que vos acordeades dello.

E el rei preguntou ao Cide quem erã. E elle disselhe:

– Senhor, som vossas filhas, dona Orraca e dona Elvira, que ficã muy pobres e desamparadas. E quẽ vos assy conselhou partir os reinos nõ ³³⁹ vos / [197a] conselhou bem, pois que outros herdastes e leixastes estas por herdar e assy desamparadas.

El rey, quando as conheceu, começou de chorar com grande doo que dellas avya. E mandou aos filhos e a todollos altos homeens que os leixassen, ca queria hũu pouco fallar com o Cide. E elles todos sairon do paaço. E, como forõ fora ãno curral, começaram de fazer muy grande arroido. E o Cide, quando aquello ouvyo, ouve grande pesar tomou sua espada ãna mãao e sayu fora a elles e trouxeos todos muy mal, se nõ tanssollamẽte os reis, dizendolhes que estevessem quedos, se nõ, que os mataria por ello, e que nem hũu nõ entrasse a el rei, ataa que as iffantes ouvessem todo seu recadado.

E hũu cidadãao quis entom fallar ao Cide. E ele meteo mãao aa espada e foy pera elle por lhe dar com ella, dizendo que, se se nõ callasse, elle e os outros, que os mataria por ello. E o conde dom Garcia de Cabra, quando vyo que os Cide assi tragia mal, disselhe que fazia muy sem razõ em trajer assy mal tantos altos homẽes como ally eram. E o Cide lhe disse que, se lhe pesava, que nõ dava nẽ hũa cousa.

E aaquellas pallavras se levãtarom logo os bandos e hũus chamavõ Carrion e os outros Vivar. E el rei dõ Fernando acordou ao arroido que era grande no curral fezeos todos chamar e disselhes:

– Amigos, rogovos que me nõ deshonrredes ã cima de meus dias.

Enton o Cide el rey pella mãao e disselhe outra vez:

– Senhor, peçovos por mercee que sejades nembrado de vossas filhas dona Orraca e dona Elvira e lhes dedes algũa cousa ã que vyvã e que nõ fiquẽ assi desẽparadas.

³⁴⁰ Ditas estas pallavras do Cide, disse a iffante dona Orraca:

– Padre senhor, peçovos por mercee que vos recordedes da jura e promessa que fezeistes aa raynha dona Sancha, minha / [197b] madre, quando lhe prometestes boa cima e me esposastes com o emperador d’Allemanha. E elle morreo ante que cõmigo casasse; e agora fico nẽ vyuva nem casada.

E el rei, quando ouvyo as pallavras da filha, acordou e ergeo a cabeça e possea sobre sua mão e disse a seus filhos e a seus ricos homens:

– Amigos, sabede que por esta filha perderei eu esta alma, e outrossi por dona Elvira. E qualquer de vos, meus filhos, que as herdar, delhe Deus a minha beenção.

Entom mandou todos sayr do paaço. E ficou elle soo com o Cide e disselhe:

– Cide, teendes por bem que parta outra vez os reynos, pera que minhas filhas não fiquê desherdadas?

E o Cide lhe disse que o não tiinha por bem, por que o feito del rey firme e stavyl deve seer. «Mas tomade a cada hũu dos vossos filhos pouco do que lhes destes e a ellas fazerlhes ha algo».

Disse el rei:

– Pois que teendes por bem que lhes tome?

E o Cide disse:

– Tomade a dom Affonso Çamora, con todo seu termho e com a meatade do inffantado. E filhade a dom Garcia Villa Franca do Valcacer e Pomferrada e Val de Orres e Val d’Orna, cõ seus termhos ataa a Villa de Pallas. Tomade a dom Sancho Sam Fagundo e Lobatõ e Val de Nembro e Ryo Seco e Medyna de Ryo Seco, assi como parte cõ a Estremadura.

E el rey disse:

– Muyto lhe dades!

E o Cide disse:

– Senhor, seus irmãos lho emcurtaron!

³⁴¹ E, esto assy devisado, fez el rei chamar seus filhos e todollos seus ricos homens. E enton disse aos filhos:

– Vossas irmãs, dona Orraca e dona Elvira, ficã deseparadas. E eu digo que, se lhe algũu de vos quisesse dar do seu em que vivessem, que faria ã ello mesura e averia a mynha beenção. E agora não vejo que nẽ hũu de vos lhe queira nada fazer. E, pois que assi he, não vos pese do que eu em ello fezer.

E elles diron que lhe prazia de fazer todo aquello que fosse sua mercee.

[197c] Entom levantousse dõ Afonso d’acerca del rei e tomou o cardeal e o Cide pellas mãos e fallou cõ eles em feito das iffantes. E disselhe que elle, por cumprir a vōotade de seu padre, queria a ellas, da sua parte, dar terra em que vivessem. E devysoulhes logo o que lhes queria dar. E, depois que esto assi ouve feito, entraram ao paaço e o cardeal e o Cide cõtaron a el rei o que lhes dissera dom Afonso. E elle disse logo:

– Senhor, vos partistes os reynos e destes a cada hũu de nos o que tevestes por bem. E agora a mĩ parece que nem hũu destes meus irmãos não querẽ catar por o que vos dissesstes que dessemos a dona Orraca e a dona Elvira algũa cousa em que vivessem. E, pois que assy he, querolhe eu dar das minhas terras em que vyvã. E esto por fazer a vossa vōotade e por que vos não sejades dellas pecador.

E dou logo a dona Orraca Çamora com todos seus termhos ataa Seavra; e dou a dona Elvira Touro com todo seu termho cõ a meatade do inffantado, assi como ja dissemos.

El rei dom Fernando, quando esto ouvyo, foy mui pagado daquelle filho e disselhe:

– Filho, dête Deus a sua graça e a sua beenção e a minha. E rogo eu a Deus que, assi como oje os reynos som partidos antre vos todos tres, que assi os ³⁴² ajas tu todos ajuntados e sejas delles senhor. E Deus te de a mynha beenção e sejas bẽto sobre todos teus irmãos. E todo aquelle que ajudar a tolher a dona Orraca e a dona Elvira esto que lhe tu das aja a mynha maldiçon.

Entom disse a dom Sancho e a dom Garcia que lhes queria tomar algũa cousa pera ho dar a dona Orraca e a dona Elvira. E tomou a dõ Sancho Sam Fagũdo com todollos outros logares que de suso dissemos; e outrossi a dom Garcia tomou Villa Franca com todollos outros logares segundo fora devysado per o Cide.

[197d] Depois que esto ouve feito e firmado, fez jurar todos seus filhos sobre os Sanctos Avangelhos. E em esta jura outorgarõ que fosse maldito e nũca fizesse filho que fosse senhor do reyno o que fosse cõtra esto que elle mandava. E, elles ho outorgaron, dizendo: «Amẽ». Mas, por seus graves peccados, todos britaron a jura, salvo el rey dom Affonso que sempre a manteve.

CAPÍTULO CDLXX

Como dom Airas Gonçalvez mandou bastecer Çamora a seu filho Rodrig’ Airas

Depois que el rei dom Affonso outorgou de dar Çamora a sua irmã dona Orraca, segundo ja avedes ouvdo, dom Airas Gonçalvez, que hy estava presente, logo que vyo que lhe era outorgada, chamou seu filho Rodrig’ Airas e mādouho que se fosse a Çamora e que a bastecesse muy bem de todallas cousas que ouvesse mester e que çarrasse bem as portas e a guardasse muy bem, por que era dada a dona Orraca cõ outros muitos logares. E Rodrig’ Airas fez como lhe seu padre mandou.

Como dom Munho Fernão, filho del rei dom Garcia de Navarra, chegou aa morte del rey dō Fernando, que era seu tyo, irmão de seu padre

Jazendo el rei dom Fernando assi afficado e acerca da fym de seus dyas, como ja dito avemos, chegou hy dom Munho Fernão, seu sobrinho, filho de dom Garcia de Navarra, seu irmão. E disse a el rei ã altas vozes chorando:

– Senhor rey dom Fernão, seja vossa mercee de vos acordardes de m̃y e me dardes a terra que vos meu padre leixou ã guarda; ca bem sabedes vos que, despois que eu fuy ã vosso poder, sempre fiz vosso mandado e [198a] servyvos o melhor que pude.

E el rey respondeo dizendo:

– Ja ey partidos meus reynos e nō vos posso dar nada. Mas tomade do meu aver movyl quanto por bem teverdes.

E dom Munho Fernando lhe disse:

– Non ey eu que fazer do aver movil, ca nũca meu padre foy honrrado por ello. E bem sabees vos, senhor, que prometestes a meu padre, quando me leixou em vosso poder, que, se me nō dessedes a terra que vos elle leixava pera m̃y, que vos me dariades, da vossa, a que tevesseis por bem.

E el rey dom Sancho, que a esto era presente, disse a dom Munho Fernando:

– Certas, vos fazedes muy sem razon, estando el rei em tal artigoo de morte, e vos lhe dades vozes e fazedes tal arroido. Mas pera esto vos conselharei ³⁴⁴ eu bem: tornadevos meu vassallo e beyjademe a m̃ao, e fazervos ey meu alfferez e darvos hey terra em que vyvades.

E dom Munho Fernão tevesse por muy deshonnrado de dō Sãcho, quando lhe esto ouvyo dizer, e disse:

– Dō Sancho, mande Deus que ainda vos arrependades do que dizedes!

E sayosse logo do paaço e foyse pera sua pousada muy sanhudo. E, em hyndo, encontrousse cō seu amo dō Alvyto e disselhe:

– Dom Munho Fernão, como ṽides assi ou que recadastes com el rei?

E dom Munho Fernando lhe contou todo o que lhe avehera cō dō Sãcho. E dom Alvyto lhe disse:

– Eu vos direy ora como esto podees bem vyngar. M̃daae logo armar todos vossos vassallos e mandaalhe que tenham a porta do paaço. E vos entrade e fazee que o porteiro nō leixe entrar nẽ sayr nem hũu sem vosso m̃adado, por que os vassallos del rei dō Sãcho nō estam ora hy com elle. E por esto podees vos fazer e dizer todo o que quiserdes. E assi averees dereito delle.

E dō Munho Fernando se outorgou em esto. E, despois que ouve todo esto guisado, tornou-se ao / [198b] paaço. E, como entrou, assentousse acerca del rei dom Fernando. E disse a el rei dom Sancho:

– Tenhome por mui deshonnrado de vos das pallavras que me avedes dictas, ca bem sabedes vos que nō he razon que vos beyje a m̃ao.

E el rei dom Sãcho lhe disse:

– O que vos ey dicto ã prymeiro, esso vos digo agora: que seeredes bem conselhado de seerdes meu vassallo.

E dizem que, a estas pallavras, que se levantou dom Munho Fernando e que deu a el rei dom Sancho hũa tam grande punhada enno rostro que lhe britou hũu dente enna boca e derribouho sobre o leito em que jazia el rey dom ³⁴⁵ Fernão. E ao arroido acordou e preguntou que era aquello. E o cardeal lhe disse:

– Senhor, se nō esforçades em tanto que tragades mal a todos, bem creo que morto he el rei dom Sancho.

E el rei dom Fernando disse enton:

– Ora fosse elle morto ou mal deshonnrado! Ca nũca eu achey ã Espanha quẽ me alçasse a m̃ao se nō elle, que me deshonnrou duas vezes ã mynha casa, ferindo o iffante dō Affonso e dō Garcia, seus irmãos, ante m̃y.

Entom disse dom Sancho a dom Munho Fernando:

– Nō me matedes e darvos ey por ello o reyno de Navarra.

E dom Munho Fernando lhe disse:

– Pois ante mo dardes que sayades das minhas m̃aos; ou, se nō, logo vos agora matarei.

Entō disse o cardeal:

– Dom Munho Fernando, leixade el rei dom Sancho e eu vos son fiador que vos faça dar o reyno de Navarra.

En todo esto, chegarom os vasallos del rei dom Sancho e quiseron fazer volta. Mas el rey dom Fernando nō o quis consentyr. Entom prometeo el rei dō Sancho a dom Munho Fernando, per ante el rei dō Fernando, seu padre, e o Cide Roy Diaz e o conde dom Sueiro e ante outros muitos altos homẽes, que lhe / [198c] daria o reyno de Navarra. Mas algũus dizem em este logar que estas pallavras nō soã bem

nem ham semelhança de seerem creudas, ca outros irmãaos avya hy. E este dom Munho Fernão despois durou pouco.

³⁴⁶ CAPÍTULO CDLXXII

Da morte deste rey dom Fernando que foy chamado par d'emperador

Despois que esta volta foy partida dantre el rei dom Sancho e dom Munho Fernando, chamou el rei seus filhos e êcomendou a todos o Cide Roy Diaz, dizendolhes que lhe fizessem sempre bem e mercee e o creessem em seus conselhos, ca o Cide o servira muy bem em todos seus feitos e conselhos. E todos disseron que o fariam de grado. E o Cide foilhe logo beyjar as mãaos, gradecendolhe muyto a mercee que lhe fezera e aos filhos deu muytas graças de tal resposta como deram ao padre.

Feito esto, tornou el rey aos filhos e disselhes que não fossem hũu contra ho outro, mas que fossem sempre bem avĩdos. E aquelle que quisesse cõtender ou seer contra seu irmãoo ou seu reyno ou lhe buscar algũu mal, que ouvesse a maldiçom de Deus e a sua. E, despois que esto ouve dicto aos filhos, chamou todollos condes e ricos homens e fidalgos que hy estavõ e, em sua presença, disse outra vez aos filhos:

– A vos, dom Sancho, fica o reino de Castella e a vos, dom Affonso, o de Leão e a vos, dom Garcia, o de Galliza com o que eu ey gaanhado de Portugal. Porẽ vos rogo, meus filhos, que sempre vos ajades bem cõ os fidalgos das vossas terras, fazendolhes bem e mercee, e outrossi a todollos outros homens que vollo forem demãdar, ca não cõvem aos reis seer de avarêtos corações. E esto meesmo fazede aos pobres das vossas villas e cidades. / [198d] Amade os vossos poboos não lhes fazendo sem razon, ca todos me serviron mui bẽ e ajudarõ a guaanhar a terra que a ³⁴⁷ vos outros fica. Seede sesudos e temperados, muy sofrudos e esforçados nas batalhas, e muy francos em partyr vosso aver. Seede mesurados e de boa palavra e bem recebentes. Honrrade os estrãjeiros. Seede muy verdadeiros, castos e temperados e fiees cathollicos, filhos obedientes na santa fe do Nosso Senhor Jhesu Cristo. Deffendede bem vossos reinos aos mouros e tomade os seus. E amadevos todos tres e ave de paz e cõcordia.

E elles disseron que assi o fariam.

Em todo esto desfallecialhe ja muito a compreisom. E entom mandou todos fora se não o cardeal e cõfessou algũus peccados de que foi nembrado. E o cardeal abssolveo, por que era legado ã Espanha. E, feito esto, demandou que lhe trouxesse o corpo do Salvador. E o cardeal foisse vestir em as santas vestiduras e conssagrou o corpo de Jhesu Cristo e trouxeo. E elle, logo que o vyo, fizesse decender do leito e poer em terra e adorouho, dizendo:

– Oo meu Deus e meu Senhor Jhesu Cristo! E quẽ são eu que tu vês a mỹ, homẽ mortal e cheo de podrimto e fedor? Oo luz verdadeira que alumeeas todo homẽ que vẽ a este mundo! Oo pam vyvo que descẽdiste do ceo pera fartar o que ha fame! Oo remiimento e saude dos pecadores! Aquelle que en ti não he sãao, muyto he enfermo per pecados. Oo filho de Deus e da Santa Virgem, verdadeiro Deus e homẽ! Oo santo Cristo, que padeciste por nos morte muy cruel e deshonnrada por que nos sejamos livres da morte infernal, livrame, Senhor, da morte eternal e alumee a minha alma e perdoame os meus peccados.

E, dictas estas pallavras e outras muitas de grande devoçõ / [199a] com fortes lagrimas, recebeu o corpo do Senhor. E, despois que o ouve recebido, tornarõno ao leyto. E entom deytou a beençom ao cardeal que ficava por seu testamenteiro e poselhe a cabeça no regaçõ e pedio a candeia e deu a alma a Deus. E per esta guisa foy a morte do mui nobre rey dom Fernando, que foy chamado par d'emperador. E perdooe Deus aa sua alma. Amẽ.

³⁴⁸ E, despois que foy morto este nobre rey dom Fernando, levarõno aa igreja de Santo Ysidoro, a Leon, onde elle tiinha feita sua sepultura, e deytarõno em ella. E foy feito por elle grande planto, ca era muito amado de todollos poboos e outrossy de todollos fidalgos.

E queremos aqui dizer como e quantos annos reynou este rey dom Fernão: primeiramente, em os dias de seu padre, reynou doze ãnos; e, despois da morte do padre, cobrou el o reyno de Leon per morte del rei dõ Vermudo que elle matou enna batalha, como ja ouvistes, e reynou ã Castella e Leon; e forõ todollos dias do seu reynado XLVII ãnos e nove meses e meo. E morreo ãna era de myl cento e tres ãnos, ã hũu domyngo, dia de Sam Joham Baptista.

CAPÍTULO CDLXXIII

Como morreo a raynha dona Sancha

Despois que morreo o bõ rei dõ Fernando, viveo a raynha dona Sancha dous annos, fazẽdo mui sancta vida e servyndo a Deus em todos seus feitos, ca visitava bem os pobres e as vyvas e os orfõos e

fazia outras muitas obras de caridade. Acabados dous ãnos, ãfermou esta nobre raynha e morreo daquella infirmidade e foy emterrada em sua sepultura con seu marido. E de/lhes [199b] Deus o paraíso! Amẽ.

³⁴⁹ **CAPÍTULO CDLXXIV**

Como el rey dom Sancho fez cobrar os reynos

Conta a estoria que, andãdo el rei dom Sãcho per Castella, enno primeiro ãno do seu reynado – que foy quando o anno da encarnaçõ andava ã mil e LXXIII annos – reynando os reis em seus reynos, segundo a partiçõ que lhes seu padre fizera, mas dom Sancho entendya que todo devera seer seu. Onde conta o arcebispo dom Rodrigo que el rei dom Sancho, andando per seu senhorio e parando mẽtes ãno muy grande torto que recebera de seu padre em partir os reynos que elle ajuntara e que deveram seer seus – e esto per bem de elle seer o primeiro herdeiro – e que elle nõ avya delles se nõ a terça parte ainda nõ bem comprida, tomava ende muy grande pesar. E nõ o quis consentyr. E diz em este logar o arcebispo dom Rodrigo que, assy como elle era o mayor, que assy nõ queria outrem conssgo ãno senhorio, por que os reis d’Espanha vẽe do muy forte sangue dos Godos, aos quaaes aconteceu algũas vezes que se matarõ hũus irmãaos cõ os outros sobre esta razõ do senhorio. E el rei dom Sancho, decendendo deste sangue, teve que lhe seeria grande mĩgua de nõ ajuntar os reynos em sy, ca nõ era contente do que lhe seu padre dera, mas tiinha que todo avya de seer seu. E entõ mostrou contra elles a crueldade que tiinha em seu coraçom, nõ querendo que nem hũu delles ouvesse / [199c] se nõ o que lhes elle desse por sua medida. E por esto foy despois muito sangue espargido.

CAPÍTULO CDLXXV

Como el rei dõ Sãcho ajuntou sua hoste e foi sobre rey de Saragoça

Avendo dous ãnos que este dom Sancho reynava ã Castella e avendo ja muy bẽ assesegado seu reyno, fez cortes e em ellas outorgou aos poboos e aos fidalgos todo o que lhe pedirõ por cobrar os corações delles. E, despois ³⁵⁰ que ouve acabadas suas cortes, trabalhou de hyr sobre mouros e esto por fortelleza de seu coraçom e por serviço de Deus. E ajuntou logo sua hoste muy grande e muy bem guisada e foi sobre Saragoça e correu toda a terra per todallas partes, em tal guisa que toda foy destroida per morte d’espada e queymada e roubada. E, despois que assi ouve a terra destroida, foyse deitar sobre a cidade e mandouha combater mui ryjamẽte e mandoulhe poer os engenhos.

El rey de Saragoça, quãdo vyo que dom Sancho avya tanto em coraçom d’estrugar e o teer cercado e vyo que nõ avya de nẽ hũa parte acorro e que, se o longamẽte tevesse cercado, que lhe era grande perigo, ouve acordo com seus cavalleiros de aver seu amor, peitandolhe ou em outra qualquer maneira. E, avydo este consselho, ãvyoulhe seus messejeiros que seeria seu vasallo e que lhe daria muytas doas e muyto ouro e prata e que lhe daria em cada hũu anno suas parias muy compridamente e que lhe descercasse a villa e se fosse.

El rey dõ Sancho recebeo muy bem os mesejeiros e elles contarõlhe sua embaixada. E elle, como era homẽ de grande coraçõ, fallou cõ elles muy esforçadamẽte, dizendo:

– Esto que me el rei de Saragoça mãda dizer, ben he. Mas elle al tem no coraçom. Elle me ãvya / [199d] esto dizer por que me eu levante de sobre elle; e, despois que me for, que ponha seu amor cõ os mouros e com cristãaos por fallecer a mĩ do que cõmigo poser. Pero eu quero fazer esto que me elle ãvya dizer. E, se me mẽtyr, eu vĩrei sobre elle e fyo em Deus que se me nõ podera deffender.

Os messejeiros, quando taaes pallavras ouvirõ, foron muyto spantados. E, quando tornaron cõ a resposta a seu senhor, contarõlhe as pallavras que lhe el rei dom Sancho dizia. E, veendo el rei de Saragoça que se nõ podya defender, firmarõ seu preito como dõ Sancho quis. E deronlhe dello arrefenas que trouxesse conssgo, por entender que lhe nõ queriam mẽtyr, ³⁵¹ e deronlhe muyto ouro e muyta prata e muytas pedras preciosas. E, depois que esto assy foy feito e firmado, levãtousse de Saragoça e foyse muy rico e cõ muy grande honrra.

CAPÍTULO CDLXXVI

Como el rey dom Sancho lidou com el rey d’Aragom

Despois que se el rey dom Sancho partyo de sobre Saragoça, el rey dom Ramiro d’Aragõ, teendosse por muy desonrrado por que el rei dom Sancho cercara Saragoça que tiinha que era sua cõquista – e que esto nõ lho fizera se nõ por desprezamẽto –, ajuntou seu poder e veoolhe teer o camynho. E disse que o nõ leixaria passar sem lide, ataa que lhe fizesse ãmẽda da grande deshonrra que

lhe avya feita ãe lhe roubar e correr a sua conquista. E a ãemenda que avya de fazer era esta: que tornasse todo o roubo que tragia e aver que levava del rei de Saragoça; e que em outra maneira o nã leixaria passar sem lide.

El rey dom Sancho era homẽ de grãde coraçom e boo esforço e, quando esto ouvyo, pesoulhe dello muito e mãdoulhe / [200a] dizer que dos reis de Castella e de Leon erã as conquistas, ca o rey d’Aragon nã avya conquista; mas que era seu sojoyto e que sobre esto fizesse todo seu poder.

El rei dom Ramiro mandouho logo desafiar. E, feita a desafiaçon, ouveron de aver batalha ãe campo. E, despois que foy ajuntada, nã se pode partyr assy de lygeiro. E começaram sua batalha muy forte e de grande crueldade, dandosse muytos golpes e fazendo ãe sy grandes mortaydades. Estando a batalha em tal passo como vos cõtamos, el rei dom Sancho,³⁵² como homẽ de grande esforço, foi feryr enno mayor poder assi ryjamẽte e com tal força que lhes foy forçado de se arrancar do campo. E, levandoos assi arrancados e os Castellãaos matando e ferindo em elles, ouve el rey dõ Sancho grande piedade delles e mãdou que os nã matassem, ca erã cristãaos.

El rey dom Ramiro, hyndo assy vencido, alçousse a hũa serra e el rei dom Sãcho cercouho logo hy. E dally trouxerõ preytesya que el rei dom Ramiro se partisse daquella perffia e que o rei de Saragoça ficasse por vassallo del rei dom Sancho, ca, se nã fora esto, preso ou morto fora dõ Ramiro. E, feita aveença, fuisse el rei dõ Sancho pera sua terra.

E assi se começou de provar cõ os mouros e com os cristãaos.

CAPÍTULO DCLXXVII

Como el rei dõ Garcia quebrãtou a jura que fezera a seu padre e tomou aa ifante dona Sancha parte das terras que lhe forõ dadas e do conselho que dõ Sancho sobre ello ouve

Andados tres ãnos do reynado de dõ Sancho – que foy na era de myl e cento e tres ãnos e o emperio d’Anrique ãe onze – em quanto el rey dom Sancho esteve sobre Saragoça, el rei dom Garcia / [200b] de Portugal tomou per força a sua irmãa dona Orraca grande partida da terra que lhe dera seu padre. E ella, quando esto soube, chorando disse:

– Oo rey dõ Fernando, meu padre, en forte ponto partistes os reynos, ca toda a terra se perderã por vos e assi se comprirá o que disse meu amo, Airas Gonçallo. Ca, pois que el rei dom Garcia, que he o irmãao meor, me desherda e passou a jura que fez a meu padre, que fara el rei dom Sancho, que he o mayor e que fez a jura forçadamẽte, contradizendo sempre a partiçon? Mas Deus queira em ello mostrar o seu direito e peçolhe mercee³⁵³ que assi seja elle desherdado!

Depois que el rei dom Sancho, que andava alvoraçado contra seus irmãaos, soube como el rei dom Garcia desherdara sua irmãa, prouguelhe muito, ca entendeu que avya tempo de cumprir o que tragia ãe seu coraçom. E mandou logo por todollos seus ricos homẽes e por o Cide. E, despois que hy foron, disselles:

– Bem sabees como el rey meu padre partio os reinos que deveram de seer meus e esto fez elle cõtra derecho. E agora dom Garcia, meu irmãao, quebrantou a jura e desherdou mynha irmãa dona Orraca. E por esto vos rogo que me conselheades como lho demande, ca eu querolhe tomar o reyno.

Entom se levantou o conde dom Garcia de Cabra e disse:

– Senhor, quem cuydades que vos conselhe que passedes o mandamento e jura que fezeistes a vosso padre?

Quando el rey esto ouvyo, foy muy sanhudo contra o conde e disse:

– Conde, tiradevos dante mỹ, ca ja per vos nã entendo seer bem conselhado.

E tomou o Cide pella mãao e sayu cõ elle aparte e disselle:

– Vos, Cide, bem sabees como me meu padre mandou que vos ouvesse sempre por meu cõselheiro / [200c] e o que ouvesse de fazer, que o fizesse cõ vosso conselho. E eu assy o fiz ataa aquy e vos conselhastesme sempre bem. E porẽ vos dei hũu condado e tenho que o empreguey muy bem. E agora vos rogo que me conselheades como eu cobre os reynos, ca, se de vos nã hey conselho, nã o entendo de aver de nẽ hũu homẽ do mũdo.

Desto pesou muyto ao Cide e disselle:

– Senhor, quẽ queredes que vos ãe esto aja de conselhar? Nã me semelha guysado que vos eu conselhe que vos britesdes a jura que fezeistes a vosso padre. Ca vos bem sabees que elle me fez jurar ãe suas mãaos que vos cõselhasse sempre bem. E, em quanto eu poder, fazerllo ey.

E el rei disse:

– Cide, nã tenho eu que em esto passo a jura que fiz a meu padre, por que a fiz com prema. Demais que el rei dõ Garcia, meu irmãao, foy contra a jura que fez ãe tomar os herdamentos de mynha irmãa. E, por que de derecho todollos³⁵⁴ reynos som meus, porẽ nã quero que me conselheades como os possa ajuntar, ca nã ha cousa que o possa estorvar se nã a morte.

Quãdo o Cide vyo que em nê hũa maneira nã o podya tirar daquello, conssellhouo que posesse seu amor com dõ Affomso por tal que lhe desse passajẽ per seu reyno pera o reyno de dom Garcia e que, se esto nã podesse aver, que o nã cometesse.

El rey entendeu que o conssellhava bem e mandou per suas cartas dizer a el rei dom Affomso que se vehesse veer com elle ẽ Sam Fagundo. E el rei dom Affomso, quando vyo as cartas, maravillhou-se que podya aquello seer, pero mãdoulhe dizer que vïria hy. E foron ajuntados os reis ẽ Sam Fagundo. E, des que se saudaron, disse el rey dõ Sancho:

– Vos bem sabedes como el rei dõ Garcia, nosso irmãoo, passou a jura que jurou a nosso padre em desherdar nossa irmãa dona Orraca. E, por esto que elle fez, eu querolhe / **[200d]** tomar o reyno e porẽ vos rogo que me conssellhedes.

E el rei dom Affonso disse que o nã ajudaria nẽ passaria a jura que fezera a seu padre, ca se tiinha por contente do que lhe Deus dera. Dom Sancho, quando esto vyo, dissellhe que lhe desse passada per o seu reyno e que lhe daria sua parte do que guanhasse. E el rei dom Afonso outorgoulho e sobre esto poserom dya assiinado em que se vissem outra vez. E deron XXII vigairos de Castella e XXII de Leon que os fizessem ambos estar no que posessem. E, feito esto, partironse.

El rei dom Sancho, despois que todo esto teve postado com seu irmãoo el rei dom Affonso, ajuntou muy grandes poderes de Castellãos e Bizcaynos e Aragoeses pera hyr sobre seu irmãoo, el rei dom Garcia. E, ante que pera allo movesse com sua hoste, mandou allo dom Alvaro Fernandez, primo do Cide, que o desafiasse ou que lhe leixasse o reyno e que se fosse delle. Dom Alvaro Fernãdez,³⁵⁵ como quer que lhe pesasse, ouve de fazer mandado de seu senhor, pesandolhe muyto de coraçõ, e foy a el rey dõ Garcia cõ esta embaixada. E, quando dom Garcia esto ouvyo, disse:

– Senhor Jhesu Cristo, nembrate o preyto e juramẽto que fizemos a nosso padre, como quer que eu fuy per minha maldade o primeiro que o britey, por que tomey per força a mynha irmãa os seus herdamentos.

E entom disse a dom Alvaro Fernãdez:

– Dizede a meu irmãoo que nã queira passar a jura que fez a nosso padre. E, quãdo el al quiser fazer, eu trabalharey a todo meu poder de me defender.

E dom Alvaro Fernandez tornou-se cõ este recado.

El rey dom Garcia mandou logo hũu seu cavalleiro, que avya nome Roy Simoez e era esturãao, a el rei dom Afonso, seu irmãoo, ẽ que lhe fazia saber estas novas de como o mandara desafiar el rey dõ Sancho / **[201a]** e lhe queria tolher o reyno e que lhe rogava como bõo irmãoo que lhe pesasse desto e que lhe nã desse passada per seu reyno. E o cavalleiro foy com sua mesajẽ e disse a el rey dom Afonso o que lhe mandava dizer seu irmãoo dom Garcia e contoulhe todo o feito como era, e que lhe mandava rogar que nã ouvesse per seu reyno passajem. El rei dom Afonso respondeu ao cavalleiro em esta guisa:

– Dizede vos a meu irmãoo que eu nã ho ajudarei nem estorvarei e, se se elle pode defender, que a mỹ prazera dello muito.

E cõ tal resposta se tornou o cavalleiro a el rey dom Garcia, dizendolhe que, per si, cõ suas gentes, se trabalhasse de se defẽder, ca de nẽ hũu outro nã tiinha ajuda nẽ hũa.

³⁵⁶ **CAPÍTULO CDLXXVIII**

Como os cavalleiros e ricos homens del rey dom Garcia mataron hũu seu privado por que o conssellhava mal

Despois que el rey dom Garcia soube como em seu irmãoo el rei dom Affonso nã tiinha nã hũu bõo conforto, quis ajuntar sua hoste por hyr sobre elle, ca elle era homẽ de grande coraçõ e pera grandes feitos. Mas elle avya por conssellheiro hũu seu primo, per que se elle muito regia, e este sabia todas suas poridades e era homẽ de maaos conselhos e era cõtra os ricos homens e fidalgos e contra todollos outros nobres homens. E elles, veendo o seu muy maaos consellho e como se el rei nã queria com outro nẽ hũu consellar, e veendo o grande perigoo em que elles e seu senhor eram, per aazo e cajon de tal homen, ouverõ consellho como o matassen ãte el rei e que assi seeria tirado dantre elles todo maaos consellho. Feito este acordo, foi logo posto ẽ obra, ca o matarõ em sua presença.

E / **[201b]** el rey tevesse dello por muy deshonnrado, ca teve que lho faziã em despreçamẽto por que lho mataron dyante. E esto fezerom elles, veendo que o seu feito e o do reyno podya vïr em grande dampno e por que ja algũas vezes lhe disserõ que o lançasse de si, ca o conssellhava mal, e elle o nã quisera fazer. E, cõ grande sanha que ouve delles, apremouhos muito mais que sohya e ameaçavaos, dizendo que nũca averiam o seu amor. E elles, temendosse delle, foronsselhe muitos delles pera Castella e delles pera el rei dom Afonso.

³⁵⁷ **CAPÍTULO CDLXXIX**

Como el rey dom Sancho guaanhou Galliza por a malquerença del rey dom Garcia

Andados quatro ãnos do reynado de dom Sancho, assi como estava sanhudo, foi sobre Galliza. E, como os do reyno estavõ desavõidos de dõ Garcia por aquello que dicto avemos, guaanhou toda a terra muy ligeiramẽte. E el rei dõ Garcia ãvyou per toda sua terra que vehessẽ a elle cavalleiros e peões e ajũtou mui grande hoste. O conde dõ Nuno de Lara e o conde de Mõçon e o conde dõ Garcia de Cabra levavã a dyãteira da hoste del rei dom Sancho, cõ muy grande cavallaria. E el rey dõ Garcia sayu a elles e foy o torneio mui grande, ẽ tal guisa que mataron hy os de dõ Garcia, dos del rei dõ Sancho, trezentos cavalleiros. E assi foi comprido o dicto de dõ Airas Gonçallo que se matariã os irmãaos e parentes hũus cõ outros.

Quãdo el rei dom Sancho soube o grande dãpno que avya recebido em sua hoste, del rei dom Garcia, cavalgou com toda sua cavallaria por lhes acorrer. Mas, quando o vyo dõ Garcia, nõ ho ousou de atẽder e foyse a Portugal, el rei dõ Sancho ẽpos elle seguindoo quanto podya ataa Portugal.

³⁵⁸ **CAPÍTULO DCLXXX**

[201c] Do conselho que ouve el rei dõ Garcia cõ os seus e como foy per seu corpo demãdar ajuda aos mouros

El rey dom Garcia, vỹdo assi fugindo ante el rei dom Sancho e veendo que per aquella guisa nõ lhe podya scapar, chamou todos seus fidalgos e ricos homẽes e disselhes:

– Amigos, vos bem veedes como nos traje encurrudos el rei dõ Sancho e, pois nõ avemos terra pera onde vaamos, pareceme que he bem de lidarmos com elle e, ou ho vẽceremos, ou todos prenderemos morte, ca mais val morrermos honrradamente que soffrermos maaos pesar e stragamẽto ẽ nossa terra.

Desi apartousse cõ os Portugueses e disselhes:

– Amigos, vos sodes nobres homẽes; faz mester que todo maaos prez se perca oje aqui e fique ẽ vos bondade pera sempre, ca vos avedes prez d’ardidos e nõ queredes antre vos muitos senhores. Porẽ vos cõvem que façaaes oje de mỹ boo e seera grande vossa honrra e muita vossa prol, ca, se eu vivo sayr, eu vollo gallardoarey mui bem, de tal guisa que entendades que eu hey tallante de vos fazer mercee.

E elles disseron que o serviã e ajudaria de grado e que nõ ficaria per elles.

Despois apartou os Gallegos e disselhes:

– Vos sodes nobres cavalleiros e leaaes e achamos que nũca per vos foy senhor desemparado ẽ campo. Metome ẽ vossas mãaos, ca eu som certo que sempre me conselharedes bẽ e lealmente e ajudaredes o melhor que poderdes. ³⁵⁹ E vos veedes como nos traje el rei dom Sancho ẽcurridos. Eu nõ sey al que façamos se nõ lidar com elle. Ou ho vencermos ou moyramos. Pero, se vos entenderdes que hy pode aver outra melhor maneira, eu som prestes de fazer o que me cõselhardes. **[201d]**

E elles disseron que o serviã de grado e ho ajudariã bem e lealmẽte e fariã quãto elle demandasse e que elles tiinhã por melhor a batalha que outra cousa. Pero ouverõ acordo de ẽvyar pedir ajuda aos mouros e que fosse allo el rey dom Garcia com trezentos cavalleiros e que, se lhe quisessem fazer ajuda, que lhes faria cobrar o reyno de Leon. E el rei foy aos mouros e pedyulhes ajuda. Elles receberõno muy honrradamẽte e, desque ouverõ seu acordo, disseron a dom Garcia:

– Tu es rei e nõ te podes defender. Pois como nos poderas fazer cobrar o reyno de Leon?

E nõ quiseron vỹr com elle, pero lhe fezerõ muita honrra. E elle entõ veeosse pera Portugal e guaanhou muitos castellos dos que avya perdidos.

CAPÍTULO CDLXXXI

Como el rey dom Sancho tirou sua hoste cõtra el rei dõ Garcia

Asi como el rei dõ Sancho ouve sabido que vehera seu irmãao rey dom Garcia de terra de mouros, ajuntou logo sua hoste e foi sobre elle. E el rei dom Garcia jazia em Sanctarem. E dom Sancho cercouho e combateo a villa muy de ryjo. E os de dentro sairom a elles aas barreiras e lidaron cõ elles hũu ³⁶⁰ dya e hũa noyte. E, ẽno outro dia, sayu a elles el rei dom Garcia ao câpo e pos suas aazes e el rei dom Sancho as suas. E deu a dyanteira ao conde dõ Garcia de Cabra e ao conde de Mõçon e ao conde dom Nuno de Lara e hũa costaneira a dõ Fruella das Esturas. E el rey dom Sancho hiiã na reguarda e com elle dom Diego d’Esma. E hiiã assi da hũa parte come da outra mui bem acaudilhados pera lidar. El rei dom Garcia, como homen de forte coraçom, esforçava os seus muy fortemẽte, dizendolhes assy:

[202a] – Amigos e vassallos, muy bẽ veedes o torto que me traje meu irmãao. Rogovos que vos pese dello, que me ajudedes a defender minha terra, ca bem sabedes que, aquello que eu della ouve, que o

parti mui bem cōvosco.

E elles todos disserom:

– Certo, senhor, vos nos fezeistes muitas mercees e nos servyrvollo emos a todo nosso poder.

E, estando assy as aazes pera lidar, dom Alvaro Fernandez de Menaya veeo ante el rei dom Sancho e disselhe:

– Senhor, eu juguei o meu cavallo e minhas armas. Seja vossa mercee de me mãdar dar cavallo e armas pera esta batalha e seervos ei tam bõo como quatro cavalleiros, se nõ que me dedes por treedor.

E o conde dom Nuno disse:

– Senhor, dadelhe o que vos pede.

E el rei mandoulho dar. E despois começousse a lide muy ryjamête, dandosse mui grandes golpes, ã tal guisa que morreron muitos cavalleiros d'ãballas partes. Dos de el rei dõ Garcia, morreo hũu rico homẽ muy prezado que avya nome dom Gonçallo Damsinis. Pero aa cima forõ desbaratados os Castellãaos e foi preso o conde dõ Nuno e o conde dõ Garcia de Cabra derribado do cavallo. E foy ³⁶¹ preso el rei dom Sancho e foi preso per seu irmãao dõ Garcia. E, despois que o prẽdeu, deuho a guardar a quatro cavalleiros por seguyr o encalço dos que fugyam. E por esto foy homẽ de maaõ recado e de fraca ventuira. Pero esto fez elle cõ grande ardimento de seu coraçõ por prender os que fugiã.

El rei dõ Sancho disse aaquelles que o guardavom:

– Rogovos que me leixedes hyr e sayrme hey do vosso reyno e fazervos hey porem bem e mercee e nũca vos de mỹ verra mal.

E elles disseron que o nõ fariã em nõ hũa guisa, mas que o terriã preso ataa que vehesse seu irmãao. E, estando ã estas pallavras, / **[202b]** chegou dom Alvaro Fernandez Menaya, ao que el rei dera as armas e o cavallo. E disse aos quatro cavalleiros:

– Leixade meu senhor!

E, en dizẽdo esto, foyos ferir e derribou dous delles e os dous que ficaron vẽceuhos e guaanhou delles dous cavallos e deu hũu a el rey e tomou elle ho outro. E foronsse ambos a hũa montanha onde estava hũu magote dos seus cavalleiros que fugirõ da batalha e disselhes:

– Ex aquy vosso senhor. Venhavos ã mente o bõo prez que os Castellãaos sempre ouverõ e queredeo oje cobrar.

Em esto, chegarõ a el rei trezentos cavalleiros que andavõ fugidos. E elles estãdo assi, viron vïir o Cide com trezentos cavalleiros e conhecerom a sua signa verde, ca elle nõ fora na primeira batalha. El rei dom Sancho, quando soube que era o Cide, prouguelhe muito e disse:

– Ora deçamos, pois vem o da boa ventuira.

E sayu a o receber muy bem e disselhe:

– Vos sejades mui bem vïido, ca nũca a melhor tempo acorreu vassallo a senhor, ca sabede que me tẽ vencido meu irmãao el rei dom Garcia. Porẽ vos rogo, amigo Cide, que me queirades ajudar.

³⁶² E o Cide disse:

– Senhor, eu yrei cōvosco onde vos fordes e ou vẽceredes ou eu prenderei morte.

E, elles stando esto fallando, ex que vẽ el rei dom Garcia do emcalço, a que era ydo muito allegre, departindo do feito da batalha e de como era preso seu irmãao. E, elles em esto fallando, chegoulhe recado ã como el rei dom Sancho era saydo da prison e que stava aparelhado de lhe dar outra vez batalha.

Quando el rei dom Garcia esto ouvyo, pesoulhe muito e, desque chegou onde el rei dom Sancho stava, começousse outra vez a batalha muy fortemête e mais cruevil que da primeira, ca tanto ryjamente se combatyã que se nõ davõ vagar, assy de hũa parte como da outra. Mas aa cima desepararõ os Portugueses el rei dom / **[202c]** Garcia. E morreo hy o iffante dom Sancho, que era amo del rei dom Garcia, e trezẽtos cavalleiros com elle. E foy preso el rei dom Garcia e mandouho el rei dõ Sancho deitar em ferros.

CAPÍTULO CDLXXXII

Como el rey dõ Sancho se partio de Santaren e levou conssygo el rey dom Garcia preso

Despois que el rey dom Garcia foy preso e metido em ferros, partiosse el rei dom Sancho de Santaren pera Coymbra. E, em partindo de Coymbra, era primeiro dya de Mayo. E, quãdo chegarõ aaquella fonte ã que as mancebas tomavã augua pera as mayas e foron nẽbrados como era primeiro dia de Mayo, começarõ os Castellãaos de hyr cantando as mayas. Mas el rei dom Garcia, que o vya, hya chorando.

³⁶³ E andou el rei dom Sancho per suas jornadas ataa que chegou a Castella. E logo veheron a elle suas irmãas, as iffãtes dona Orraca e dona Elvira, con grãde mesura e piedade del rei dom Garcia e outrossi bispos e arcebispos e abbades que se ãtremeteron cõ as iffantes ã este feito e trautarom avẽça

antre os reis em esta guisa: que el rei dom Sancho soltasse el rei dom Garcia e que elle fosse seu vasallo em toda sua vida e vehesse a seu serviço e a seu mandado cõ todo seu poder ou delle, per aquella maneira que lho elle mandasse dizer, e toda vez que mandasse por elle, que logo vehesse. E sobre esto lhe fez preito e menajê de lhe guardar todo esto que dicto he em toda sua vida e tevelho muy ben. E despois tornousse pera Portugal e dom Sancho ficou em Castella.

CAPÍTULO CDLXXXIII

Mas agora leixaremos a fallar desto e tornaremos a contar de como el rei dõ Sancho mãdou desafiar el rey dom Afomso, seu irmãoo, e da batalha que ambos ouverom

[202d] Conta a estorya que, despois que el rei dom Sancho ouve sojugado dom Garcia, como ja ouvystes, que mandou dizer a el rei dom Affomso de Leon, seu irmãoo, que lhe leixasse o reyno; se nõ, que o mandaria desafiar. E el rey dõ Affomso, quando esto ouvyo, pesoulhe muito e êvioulhe dizer ca lho nõ daria, mas que faria sobre elle quãto podesse pera ho defender. E entom el rei dom Sãcho tirou logo sua hoste contra elle e correulhe toda a terra. E el rei dom Afomso defendya sua terra o melhor que podya. E foron ambos ajuntados em batalha e ³⁶⁴hũu logar que chamã Leveda a dya certo e cõ esta condiçõ: que o que vencesse ouvesse o reyno do outro. E a batalha foy mui forte, pero aa cima foy vencido el rey dom Affomso e foyse pera Leon, e como quer que enna batalha ouvesse muy grande mortaydade dhũa e da outra parte. E a guerra que soya seer antre os cristãaos e os mouros tornousse toda e os cristãaos, matandosse os irmãoos e os parentes hũus cõ outros. E esta batalha foy vēcida per o Cide.

CAPÍTULO CDLXXXIV

Como el rey dom Afomso lidou outra vez com seu irmãoo e foy vencido dom Sancho

Enno quinto anno que reynava el rei dom Sancho, ouverom outra vez sua pustura que lidassem e o que vencesse ouvesse o reyno do outro e ficasse em elle sem contenda nẽ hũa. E foi feita esta lide a par do ryo de Carriõ. E a lide foy muy grande e muy ferida dhũa e da outra parte e muyto sãgue spargido. E foi vencido el rei dõ Sancho e fogio da batalha. E el rei dõ Afonsso / [203a] ouve doo dos cristãaos e mandou que os nõ matassem e nõ quis mais seguir o encalço. E em esta lide nõ foi o Cide.

E, hyndo assy dom Sancho vencido e fogindo, viron vïir o Cide que viinha pera a batalha. E, quando chegou a el rei e vya como hya fogindo, pesoulhe muyto e começou de confortar, dizendo que nõ desse por ello nada, ca o vencimento em Deus era de o dar a quẽ lhe aprougesse; e que, pera esto, recolhesse as ³⁶⁵gentes que hyam fugindo e os confortasse, que no outro dya tomasse ao campo, ca elles estariã seguros, por que avyam vencido; e demais que os Gallegos e Leoneses erã de muitas pallavras e gabamentos e que nõ pensariã dal, e que desta guisa podya guaanhar a hõrra da batalha. El rei dom Sancho ouve este conselheo por muy bõo, que lhe o Cide dava, e fezeo assy.

CAPÍTULO CDLXXXV

Como el rey dõ Sancho tornou aa batalha e foy preso el rei dom Affonsso

Enno outro dia de grande manhã, estando el rei dom Affomso muy ledo cõ sua jente por o bem que lhe Deus avya feito, chegou el rei dom Sancho. E, ante que se percebessen, deu enna hoste e matou muytos delles. E el rei dom Afomso foy preso eña igreja de Santa Maria onde se acolheo. E os Leoneses, quando o nõ viron, entenderon que ou era morto ou preso e derõ tornada por aver seu senhor. E assi de ryjo ferirõ nos Castellãaos que foy grande maravilha.

E el rei dom Sancho, andando na batalha, nomeavasse. E apartarõno algũs cavalleiros e prenderõno e começaram de se hyr cõ elle. E o Cide, quãdo vyo levar aos Leoneses que erã XIII^o cavalleiros que / [203b] levavõ seu senhor preso, foy empos elles soo e nõ levava lança. E acalçouhos e dissellhes:

– Dademe meu senhor e eu darvos ey o vosso!

³⁶⁶E elles conhecerõno eñas armas e disseronlhe:

– Ruy Diaz, tornadevos em paz! Se nõ, sabede que vos levaremos com elle e nõ queirades aver contenda cõ elle.

E elle dissellhe:

– Pois dademe hũa lança dessas vossas! E eu soo, e vos todos, tolhervos hey meu senhor. E esto comprirei cõ a mercee de Deus.

E elles nõ o prezaron nada, por que era hũu cavalleiro soo, e deronlhe a lança. E embaratousse cõ

elles muy esforçadamête. E ã tal guisa os foy ferindo que matou os onze e venceu os outros de guisa que cobrou delles seu senhor. Desi tornousse pera os Castellãaos que ouverom com elle muy grande prazer. E desi foronsse pera Burgos e levarõ el rei dom Afonso bem preso ã ferros.

CAPÍTULO CDXXXVI

Como el rey dom Affonso de Leão sayo da prison de seu irmão

A iffante dona Orraca, des que soube que el rey dom Affonso era preso, ouve grande medo de o matarem e foyse logo a el rei dom Sancho. E hya com ella o conde dom Pero Ançores. E, quando chegou a Burgos, el rei dom Sancho recebeua muy bem, ella e dom Pero Ançores. E ella chamou o Cide e rogouho que a ajudasse contra seu irmão, em tal guisa que el rey dõ Affonso saysse da prison, com tal condiçom que entrasse por mõe em Sam Fagũdo. E o Cide, por que queria bem a dona Orraca, e disselhe que ajudaria quãto elle podesse. Entom ella foy ante el rei dom Sancho e posesse em geolhos ante elle, e com ella o Cide e dom Per'Ançores e outros muitos ricos homens, e pedironlhe por ³⁶⁷ mercee por el rei dom Afonso. El rei, quando esto vyo, / [203c] levãtousse e tomouha pella mãao e assentouha a par de sy e disselhe:

– Irmãa, ora dizede o que quiserdes.

E ella disse todo o que quis em feito de seer solto dom Afonso. E dom Sancho, quando esto ouvyo, pesoulhe muito. E tomou o Cide pella mãao e sayo com el adeparte e pregõtoulhe que maneira terria em esto. E o Cide disselhe que, pois que el rei dom Afonso queria entrar em ordem, que o soltasse cõ esta condiçõ; e que faria em ello bem e guisado e que elle o serviria por ello. E el rei, per conselheo do Cide e a rogo de dona Orraca, outorgoulho.

Enton foy fora da prison el rei dom Afonso e entrou por mõe ã moesteiro de Sam Fagundo, muyto cõtra sua vootade. E despois, estando no moesteiro, ouve conselheo com dom Pero Ançores, e sayosse. E foyse pera Alle Meymom, rey de Tolledo, que o recebeu muy bem e lhe fez muyta honrra e lhe deu grande aver e muytas nobres doas. E ficou com elle ataa que matarõ dom Sancho, assi como cõtará a estoria adyante.

CAPÍTULO CDLXXXVII

Como se forõ a Tolledo pera el rey dõ Afonso tres ricos homens

Despois que se el rei dom Afonso passou aos mouros, como avedes ouvydo, a ifãte dona Orraca, que o amava muito, ouve conselheo cõ tres ricos homens do reyno de Leon que se fossem pera elle a Tolledo. E esto fez ella por que sabia bem que erã homens de grande cõselho e pera muito. E eram todos tres irmãos e avyã nome: dom Pero Ançores e dom Fernand'Ançores e dom Gonçallo Açores. ³⁶⁸ E por esto os ãvyo a iffante ao irmão, por que ouvesse com elles seu conselheo. Mas diz dom Lucas de Tuy que se forõ cõ mal querença e pesar que avyã del rei dõ Sancho e que esto foy per voontade de Deus. E to/do [203d] poderia bem seer.

CAPÍTULO CDLXXXVIII

Como el rey de Tolledo fazia grande honrra a el rey dõ Afonso; e do juramento que fez de se nõ partyr de Tolledo sã mãdado d'Ale Meimõ

Despois que el rei dõ Affonso foi em Tolledo, como dissemos, el rey Alle Meymõ honrravao e amavao como se fosse seu filho. E demandoulhe que lhe fizesse preito e menajem de o amar e de o guardar e de o servir sempre em quãto vivesse e que se nõ partisse delle sem seu mandado. E el rey dom Afonso assy lho prometeo. E o rey mouro outrossi fez menajẽ a elle que o amasse e o guardasse e o honrrasse quanto mais podesse. E pera esto mandoulhe fazer hũus paaços a par do muro do alcacer, por que nõ lhe fizesse ã hũu nojo, a elle ã aos seus; e estes paaços erã apreito da sua orta, por tal que fosse folgar cada que quisesse a ella.

E el rei dom Afonso amavao de servir poren. Pero, veendo a muy nobre cidade de Tolledo e como estava em grande honrra e como era o rey della muy poderoso e senhor de grande cavallaria, e veendo como elle era do linhagen dos muy nobres reis godos que della foron senhores e começou a gemer em seu coraçom por que se viia em poder dos mouros. E fez dentro em sy meesmo oraçom, dizendo:

– Oo senhor Jhesu Cristo em que he todo poder de dar e de tolher e he ³⁶⁹ muy grande derecho que se compra a tua vootade! Desteme, Senhor, reyno e terra a mandar e foy tua voontade de mho tolheres por meus peccados. E feze steme viir a servir os mouros que son inmiigos da tua santa fe cathollica, os quaaes

forõ a serviço de meu padre. Senhor, tenho fe / [204a] e fyrmte sperança ã ti que ainda me faras mercee e sacaras de sua servidõ e que me daras reyno e terra a mandar e que me faras tanta mercee que per mÿ sera conquistada esta cidade pera teu serviço e pera em ella seer feito o santo sacramento do teu corpo, a hõrra da tua cristaydade.

Feita sua oraçom cõ muitas lagrimas e grande devaçon, Nosso Senhor Jhesu Cristo quiseo ouvyr, segundo adyante podees veer pella estoria.

CAPÍTULO CDLXXXIX

Como el rei dõ Afonso fazia cõtra os mouros que eram inmiigos de Alle Meymõ e como lhe foy dado Burgon

Conta a estoria que dõ Alle Meymõ, rey de Tolledo, ouve guerra cõ os mouros que eram seus inmiigos e ãvyava allo em seu logar el rei dom Afonso. E elle avya suas boas andanças contra elles, ã tal guisa que todos seus ãmiigos nõ lhe ousavã fazer nojo, ante poynham cõ elle seu amor; e esto por medo del rey dom Affonso.

E, depois que viinha das guerras em que andava, quando avya prazer, hiia a caçar pellas ribeiras dos ryos e matar os porcos e os outros veados aas montanhas. E, andando hũu dia per hũa ribeira aa caça, achou hũu logar de que se pagou ³⁷⁰ que chamã agora Burgã. E, por que era logar deleitoso pera viver e comprido de muyta caça e outrossy avya hi hũu castello derribado, pos ã seu coraçon de o pedyr a el rey Alle Meymõ. E, desque veo de sua caça, e foi veer el rey e pediolhe aquelle logar. E el rei deulho logo. E elle pobrouho de seus mõiembros e caçadores cristãos e afortellejou o logar por seu. E do linhagen destes ficaram ataa o tempo de dom Johã, o que foi arcebispo de Tolledo, que enssynou o logar aos pobradores, depois que lho / [204b] deu el rey, e pobrou o barro que chamã de Sam Pedro.

CAPÍTULO CDXC

Como el rei dõ Afonso ouvyo as fallas que el rei de Tolledo e os seus privados fallavã sobre a tomada de Tolledo

Estando el rei dõ Alle Meymon em Tolledo e com elle el rei dõ Afonso, acõteceu de hirem folgar aa orta del rey, que era fora da cidade, por tomarẽ allo prazer. E, desque allo foron e ouveron comido e sollazado, el rei dõ Afonso deitousse a dormyr ã hũa camara. E el rei Alle Meymõ começou de departyr cõ seus privados ã muitas cousas, antre as quaaes fallarõ da nobreza e fortelleza da cidade de Tolledo e como era muy forte e muy avondada e como nõ temya guerra de mouros nõ de cristãos. E enton preguntou el rei como se podya perder per guerra. E respondeu hũu dos privados e disse:

– Senhor, se o nõ ouvessedes por mal, eu diria como se podya perder e ã outra guisa nõ.

³⁷¹ E el rei mandoulhe que o dissesse. E o privado disse:

– Senhor, estando esta cidade sete ãnos cercada e stragandolhe ã cada hũu ãno os pãaes e os frutos, perdersse hya per mÿgua de mantiimentos.

E entom disse el rei que era verdade.

E todas estas cousas que elles disseron ouvyo el rey dõ Afonso e cayolhe muito em razon de seer assy. Os mouros nõ eram acordados delle. E, a cabo de peça, levantousse el rey a ãdar espaçando pello paaço. E, quãdo vyo el rey dom Afonso onde jazia, pesoulhe muito e disse aos privados:

– Nom fomos avisados del rey dom Afonso, que poderia seer que jaria sperto e ouviria o que dissemos.

E elles disseron:

– Senhor, pera seermos sem duvida, mandadeo matar.

E el rei disse que o nom faria, por que hyria contra a verdade que lhe prometera: e demais que «pode seer que dorme e / [204c] nõ ouvyo nada do que dissemos».

E elles disseron:

– Como podemos como podemos esto saber?

Disse el rei:

– Hide a elle e paradelhe bẽ mõiembros se faz sembrante de dormyr ou se tem a barva molhada.

El rey dom Afonso, quando aquello ouvyo, deytou a sayva pella boca e molhou toda a barva. E elles veherõ a elle e virõ que avya sembrante assonorado e a barva molhada. E chamarõno e elle fizesse muy maaõ d'espertar. E entom penssou el rei de todo que dormya.

³⁷² CAPÍTULO CDXCI

Do synal que apareceu na cabeça a el rei dom Affomso e outrossy do següdo juramento que jurou a el rey Alle Mey

Enna pascoa a que os mouros chamã do carneiro, sayo el rei dom Alle Meymõ da cidade a hir folgar a sua orta, como soya de hyr, e el rei dom Afomso hya a par com elle. Dom Afõsso era homẽ muy fremoso e de boas manhas e os mouros pagavansse delle muito. E, hyndo os reis ambos fallando, hyã empos elles dous cavalleiros mouros que eram grandes fidalgos. E disse hũu cõtra ho outro:

– Que muy fremoso cavalleiro este cristãao e como he de boas manhas! Merece seer senhor de grande terra.

Disse ho outro:

– Verdade he. Mas querovos dizer o que sonhava agora ha tres noytes. A mÿ parecia que este dom Afomso entrava per Tolledo cavalgado ã hũu grande porco, e muitos outros porcos com elle que foçavã Tolledo e todallas mizquitas.

E o outro disse logo:

– Sem falha, este ha de seer senhor de Tolledo.

E, elles em dizendo esto, alçousse a el rei dom Afomso hũa guedelha enna cabeça e estava direita pera cima. E o rei mouro, quando lha vyo assy levantar, poselhe a mão na cabeça por lha achar. Mas a guedelha, logo que lhe tiravõ a mão / [204d] de cima, logo se levantava na cabeça. E aquelles dous cavalleiros mouros ouverõ esto por muy forte synal e fallarõ em aquello hũa grande peça.

E ãpos estes hya hũu privado del rei que ouvya todo o que elles diziã. E, despois que acabarõ a pascoa do carneiro, tornarõsse os reis pera a villa. E enton contou o privado a el rei todallas cousas que aos cavalleiros ouvira dizer. E el ³⁷³ rei, quando esto ouvyo, ãviou por elles. E, quando veherõ ante el, preguntouhos por esta razõ. E elles disseronlhe todo per ordem como dissemos. E el rey disselhes:

– Pois que vos parece que faça em esto?

E elles conselharõno que o matasse. E el rei disse que o nom faria, mas que elle faria em tal maneira que nũca lhe delle vehesse mal nem pesar, ca nõ queria hyr contra a jura que avya feita, ca Alle Meymõ amava muito el rei dõ Affomso por muito serviço que lhe avya feito. E ãviou por dom Afomso logo e rogouho que outra vez lhe renovasse a jura que lhe avya feita e que lhe promettesse que nũca fosse contra elle nem contra seus filhos nõ lhe vehesse delle mal nem hũu. E el rey dõ Affomso juroulho e fezlhe dello preito e menajẽ. E dally adyante foy el rei de Tolledo seguro de el rey dom Affomso e dõ Affomso delle. E dally adyante foi el rei dom Afomso mais privado do rey de Tolledo que ante era.

E elle avya por conselheiro em este tempo dom Pero Açores, que o conselhava muy bem e verdadeiramente.

Mas agora leixa o conto a fallar de dom Affonsso e torna a fallar del rey dom Sancho, o que fez despois.

CAPÍTULO CDXCII

Como el rey dom Sancho tomou o reyno de Leon, despois da ida de dom Affonsso; e como os de Çamora tomarõ por seu capitam dom Airas Gonçallo

[205a] Despois que el rei dom Sancho soube como el rei dom Afomso era em Tolledo, sacou sua hoste muy grande e foy sobre Leon. E, pero que os Leoneses se quiseron defender, nõ poderon. E tomou a cidade per força. E desi tomou ³⁷⁴ todallas outras villas e castellos do reyno de Leon. E dessi pos coroa na cabeça e chamousse rey de tres reynos. E elle era muito aposto cavalleiro e muyto esforçado e assi cristãaos como mouros tomavõ delle spanto por o que lhe viam fazer, ca nõ se lhe tiinha cousa que per força quisesse tomar.

A iffante dona Orraca e os de Çamora, quando souberõ que dom Sancho avia os reynos em seu poder, ouverõ medo de viir sobre elles e, sospeitandosse desto, fizeram seu conselho ã que maneira se defendessen dos Castellãaos. E pera esto tomarõ pera seu capitam dom Airas Gonçallo, amo da iffante, que per seu esforço e bondade fossen defesos, se lhes fosse mester.

Mas, despois que se dom Sancho chamou rey dos reynos de seus irmãaos, como dissemos, e sabendo elle como a iffante dona Orraca amava muito el rei dõ Afomso e como elle per seu conselho fogira do moesteiro e se fora pera Tolledo e como elle em todos seus feitos e conselhos se guyava per ella, prepos de lhe tomar Çamora. E pera esto sacou logo sua hoste e foy sobre Touro, que era da iffante dona Elvira, e tomoulha; e ãvyou logo dizer a dona Orraca que lhe desse Çamora e darlhe hya por ella terra chãa ã que vivesse. E ella ãvyoulhe dizer que lha nõ daria per nem hũa maneira, mas que lhe rogava que a leixasse viver em ella e que / [205b] nũca lhe ende mal verria.

E el rey dom Sancho, por que era inverno e nõ era tẽpo de cercar villa, foyse pera Burgos. E,

depois que vyo que era tempo, ãvyou suas cartas per toda sua terra ã primeiro dia de Março fossem ajuntados ã Sam Fagundo, so pena de sua mercee. E, nõ embargãdo que el rei era muyto mancebo, ca entõ lhe naciã as barvas, era muy bravo e de grande coraçõ e temyãno muyto as jentes.

³⁷⁵ **CAPÍTULO CDXCIII**

Como el rey dom Sancho foy sobre Camora

Andados sete ãnos que el rei dom Sancho reynava – que foy na era de mil e cento e sete ãnos e o ãno da encarnaçom de Nosso Senhor Jhesu Cristo ã mil e LXIX annos e o do emperio d’Anrique en XVIII – depois que foron as companhas ajũtadas em Sam Fagundo, disse dõ Sancho:

– Beento seja o nome de Deus que me deu os reynos que foron de meu padre! E entõ mãdou mover sua hoste. E, em tres dias, chegou sobre Çamora. E, depois que passarõ a ribeira do ryo, mandou apregoar que nõ fizessem mal a nõ hũu ataa que o elle nom mandasse. E entõ cavalgou com seus ricos homens e andou toda a villa ã redor. E, desque vyo como estava bẽ cercada, de hũa parte o ryo e da outra pena talhada, o muro era muyto forte e as torres bem spesas, disse contra os cavalleiros:

– Parade mentes como he tam forte! Nõ ha mouro nõ cristãao que lhe possa dar batalha. E, se eu esta ouvesse, seeria senhor de Spanha.

CAPÍTULO CDXCIV

Como el rey dõ Sancho ãviou o Cide a dona Orraca e da resposta que ela deu

Despois que el rei dõ Sancho ouve ben esguardada Çamora, tornou-se a suas tendas e mã/dou [205c] logo por o Cide e disselhe:

– Bem sabedes os boos dividos que ambos avemos, assi da criança que vos ³⁷⁶ meu padre fez e en a sua morte me disse que vos ouvesse por meu amigo e conselheiro. E eu sempre vos fiz muito d’algo, e vos servistesme e ajudastesme como leal vassallo mais que nõca senhor d’outro foy ajudado. E eu, por vosso merecimento, deyvos hũu condado e fizvos o mayor de minha casa. Quervos ora rogar, como amigo e bõo vassallo, que vaades a Çamora e digades a minha irmãa que ma dê por aver ou por cambo, ou por Medina de Ryo Seco con todo o inffantado ataa Vallença Tendora, que he bõo castello; e que lhe farei jura com doze de meus vassallos que nõca seja contra ella. E, se esto nõ quizer fazer, dizeis que lha tomarey per força.

E o Cide lhe disse:

– Senhor, com este mandado outro messejeyro devedes ãvyar e nõ mỹ, ca eu fui con a iffante criado em esta villa de Çamora e nõ seeria guisado que lhe eu tal mesajen levasse.

E el rey lho rogou muy aficadamente, em tanto que lho ouve de outorgar. E fuisse logo pera a villa cõ XV cavalleiros. E, quando chegou aa porta, rogou aos do muro que lhe nõ tirassem, ca elle era o Cide que viinha com embaixada de el rei dom Sancho aa iffante, sua irmãa, e que lho fizessem saber, se o mandava entrar. Entom sayo a elle hũu cavalleiro, que era sobrinho d’Airas Gõçallo e era guarda mayor dhũa porta, e disselhe que entrasse e que lhe daria boa pousada ataa que o fosse dizer a dona Orraca e disselhe como era viindo o Cide a ella embaixada. E a ella prougue muyto e mandou que vehesse ante ella e mãdou a dom Airas Gonçallo e outros cavalleiros que o fossem receber.

³⁷⁷ E, quando o Cide entrou pello paaço, a iffante sayo / [205d] a o receber. E depois assentarõse ãbos a fallar em seu estrado. Enton lhe disse ella:

– Rogovos, Cide, que me digades que quer fazer meu irmãao, que assy vem assũado com toda Espanha, ou a quaaes terras coyda d’hyr, ou se vai sobre mouros ou sobre cristãaos.

E o Cide respondeu e disse:

– Senhora, mandadeiro nem carta nõ deve receber dampno. Dizervos hey o que vos ãvyã dizer vosso irmãao.

E ella disse que o ouviria, se o mandasse dõ Airas Gonçallo. E elle disse que era bem de ouvyr o que ãvyava dizer el rei, «ca, se contra os mouros vay e quizer vossa ajuda, he derecho de lha dar; e eu e meus filhos hiremos com elle, se quer por doze ãnos».

Entõ a iffante mandou ao Cide que dissesse. E elle disse em esta guisa:

– El rey dom Sãcho, vosso irmãao, vos ãvyã dizer que lhe dedes Çamora por aver ou por caymbho e que vos dara Medyna de Ryo Seco cõ todo o infantado desde Villar Pando ataa Tulit e o castello de Tedra, e que vos jurara com doze de seus vassallos que nunca seja contra vos. E, se lha nõ derdes, que volla tomarã sem seu grado.

Quando dona Orraca esto ouvyo, foi assaz em grande coyta e disse:

– Que farey, mizquina, con tantos maaos mandados que ouve desque meu padre morreo? Ca

elle tomou a terra a meu irmão dom Garcia e meteuhô ã grandes ferros, como se fosse mouro. E outrossi fez a meu irmão dom Afonso e fezeo fugir pera terra de mouros desterrado, como se fosse alleyvoso. E tomou a terra a mynha irmã dona Elvira sen seu grado. E agora quer a my tomar Çamora e leixarme eixerddada. Agora se abrisse a terra e me acolhesse em sy, ante que eu veer tantos pesares!

³⁷⁸Entom se levantou dom Airas e disse:

[206a] – Senhora, ã vos muito queixar nã fazedes bem nem he booo recado. Mas, ao tempo da grande coyta, ha homem mester siso e castigo, consselho e esforço e escolher o melhor. E nos assy façamos. Mandae que se ajuntem os homẽes bõos da villa a consselho e sabede delles se querẽ teer cõvosco, pois que vosso padre vollos deu por vassallos. E, se comvosco tiverem, nã lha dees por aver nẽ por cambho. E, se nã quiserem teer cõvosco, vaamosnos logo pera Tolledo pera el rey dom Afonso seu irmão.

E ella fez como lhe mandou dom Airas Gonçalho e mandou apregoar per toda a villa que se ajuntassem todos em Sam Salvador.

E, desque foram ajuntados, levantousse a iffante e disselhes:

– Amigos e vasallos, vos muy bem veedes como el rei dom Sancho ha eixerddados meus irmãos cõtra a jura que fez a nosso padre. E agora quer eixerdar a my e ãvyame dizer que lhe dê Çamora por aver ou por cambho. Por que, vos rogo que me consselhedeis o que em ello faça, ca quero saber de vos quaaes terredes cõmigo, como vassallos boos e leaaes. Ca el rey dom Sancho mandava dizer que a tomarã sem meu grado. E, se vos quiserdes tẽer cõmigo, cuydoa eu a defender com a mercee de Deus e cõ a vossa ajuda.

Entõ levantousse hũu cavalleiro per mandado do concelho. E avya nome dõ Nuno e era homẽ bõo anciãao e de boa pallavra. E disse:

– Senhora, gradesçavos Deus quãta mesura tevestes por bem de nos mostrar en nos fazer vïir ao vosso cõsselho, ca nos vossos vassallos somos e faremos quãto vos mandardes. Pero, pois demandades consselho, davolloemos muy de grado. Pedimosvos que nã dees Çamora por aver nẽ por cãbho, ca o que vos cerca ãna pena sacarvos querra do chãao. / [206b] Senhora, o concelho de Çamora seervos ha mandado e nã vos desemparará por coita nem por perigoo ataa a morte. Se ³⁷⁹nhora, ante comerã os averes e os cavallos e as molheres e os filhos que nũca dem Çamora sem vosso mandado.

E, do que este cavalleiro disse, foron todos muy pagados; e outorgaron todo esto.

Quando esto ouvyyu a iffante, foy delles muy pagada e louvouhos muito. E entom tornou-se ao Cide e disselhe:

– Bem sabedes, Cide, como vos criastes cõmigo em esta villa de Çamora e vos criou dom Airas, meu amo. E, quando me foy dada per el rey dom Fernando, meu padre, por herdamento, vos fostes ã ello ajudador. Porẽ vos rogo que me ajudees e digaas a meu irmão que me nã queira eixerdar do que me deu meu padre, ca ante morrerei com os de Çamora e elles cõmigo que nũca lha dar, por aver nẽ por cãbho.

Entom se espedio della o Cide e foyse a el rei e contoulhe todo o que vira e o que a iffante dissera, como lhe nã daria em nem hũa guisa Çamora. E, quando el rey dom Sancho esto ouvyyo, foi muy sanhudo contra o Cide e disselhe:

– Vos consselhastes esto a mynha irmã, por que fostes criado com ella. Mas, pois que hy mais nã posso fazer, mandovos que d’oje a dez dias vos sayades de toda minha terra.

E o Cide foy muy sanhudo e foyse logo pera sua pousada. E mandou logo por seus amigos e vassallos e mandouhos logo mover. E hyam com elle mil e trezentos cavalleiros. E foy essa noite albergar a par de Touro. E ouve em seu consselho de se hyr pera Tolledo pera el rei dom Afonso e pera os mouros.

Quando o conde e os homẽes bõos da hoste esto virõ, ãtenderõ que era mui grande dãpno e que poderia vïir a el rey e a terra da hida do Cide como hya, mui sanhudo. E forõ a el rey e diserõlhe:

[206c] – Senhor, por qual razõ perdedes tal vassallo como o Cide, que tanto serviço vos ha feito, como quando vos livrou, elle soo, de quatorze cavalleiros que ³⁸⁰vos levavã preso, e outros muitos serviços que vos fez por que sodes em tam grande hõrra? E nã entendedes o grande dampno que vos verra delle, se se aos mouros passa? Ca nã vos leixara assy teer esta cidade cercada em paz como cuydades.

El rei entendeo que lhe diziam verdade e mandou logo chamar dõ Diego Ordonhez, filho do conde dõ Ordonho, e mandoulhe que fosse empos elle e que lhe rogasse muyto da sua parte que se tomasse e qual preitesya quisesse que tal lha faria. E pera esto lhe mandou dar suas cartas de creença. E dõ Diego foyse logo empos o Cide e alçouho antre Castro e Medyna del Campo. E o Cide, como soube da sua vïida, tomou a elle e recebeu muy ben. E dom Diego lhe disse todo aquello por que era vïido, ã como o el rei mandava rogar que se tornasse e que lhe daria mayor terra que a que delle tiinha; e, desto e do al que lhe disse, mostroulhe as cartas del rey de crẽça. E o Cide disse que averia consselho cõ seus amigos e vassallos e, como o consselhassem, que assy o faria. E mandouhos logo chamar e disselhes o que lhe el rei mandava dizer e mostroulhes as cartas que lhe ãviara. E elles, visto todo, consselharõno que se tornasse pera el rey, ca melhor era de ficar com el rei enna terra e servyr a Deus ca servir aos mouros.

E o Cide etendeu que o consselhavã bem. E chamou dom Diego e disselhe que queria fazer a vootade del rei. E dom Diego mandoulho logo dizer. Desi tornaronssse pera a hoste.

E, quando chegarõ, sayu el rey a o receber com muitas companhas e fezlhe muita hõrra. E o Cide beyjoulhe a mão e disselhe / [206d] se lhe outorgava o que lhe dissera dõ Diego da sua parte. E el rei outorgoulho ante quantos hi estavã; e demais que lhe faria sempre bem e mercee. E a todos quantos eram na hoste prougue da sua vñda; e mais aos de Çamora, ca per elle cuidavõ de seer descercados.

³⁸¹ CAPÍTULO CDXCV

Do muy grande dāpno que recebeu a jente del rey dõ Sancho em combater Çamora

Despois desto, ouve el rey seu consselho com seus ricos homẽes como combatessem Çamora. E mãdou apregoar per toda a hoste que todos se armassem pera combater a vylla. E cõbaterõna tres dias e tres noites tam ryjamente que as carcovas, que erã muy fortes, todas foron achaadas. E feriansse aas barvas cãas muy bravamente com as espadas os de dentro cõ os de fora. E morrerom hy muitos d'amballas partes, em guisa que a agua do rio hya tinta do sangue.

E o conde dõ Garcia de Cabra, quando esto vyo, pesoulhe muito por a grande perda da jente e foy a el rei e disselhe como recebia grande perda em sua gente e que os mandasse tirar afora nõ combatessem mais, ca melhor era de a tẽer cercada, ataa que a tomassen per fome. E el rei leixou entõ de cõbater e mandou saber per cada hũu dos arreaaes quantos hy morrerõ. E acharon per toda conta mil e trinta homẽes. E el rey, quando o soube, ouve ende grande pesar e mandou cercar toda a villa en redor.

E aquy dizẽ algũus que a teve cercada sete annos; mas esto nõ podya seer ca, segundo o que achamos scripto dos ãnos que elle reynou, nõ foron mais de sete e ã estes sete ãnos fez elle todo o que avemos contado. E, cõbatẽdo a vylla mui fortemẽte, durou esta cerca grande tempo.

[207a] Andando hũu dya o Cide ã redor da villa soo com hũu escudeiro, sairon a elle quatorze cavalleiros; e lidou cõ elles e venceuhos e matou delles os dous.

³⁸² E, veendo dom Airas o grande tẽpo do cerco e como os da villa sofriam cada dya muyta lazeira por fazer lealdade, disse aa iffante:

– Senhora, mãdade chamar o concelho e gradecedelhes o que por vos hã feito e dizedelhe que ataa nove dias dem a vylla a vosso irmãao. E nos vaamosnos a Tolledo pera el rey dom Afonso, ca nõ podemos defender a villa em nem hũa guisa, ca el rei dõ Sancho he muy bravo e muy perfioso e nõ vos querra descercar. E eu nõ tenho por bẽ que vos moirades aquy.

E a iffante mandou chamar os da villa a consselho e disselhes:

– Amigos, ja vos bem veedes a muy grande perffia del rei dõ Sancho e vos sofrestes por mỹ grande affam e muita lazeira por fazer dereito, perdendo os parentes e os amigos e as molheres e os filhos ã meu serviço. E eu bem vejo que avedes feito muito por mỹ e nõ tenho por bem que vos perçades assi. Porem mandovos que daqy adiante dedes a vylla a meu irmãao, com tal cõdiçõ que me leixe hyr com todo o meu pera meu irmãao el rei dom Afonso a Tolledo.

E os da villa, quando esto ouvirom, ouveron grande pesar por que tam longo tempo estiveram cercados e aacima avyam assi de dar a villa. E acordarõ todos de se hyr cõ a iffante e nõ ficar nem hũa enna cidade de Çamora.

CAPÍTULO CDXCVI

Como Vellido sayo de Çamora e da obra que fez

Conta a estoria que, estando os de Çamora em este penssamẽto se dariam a vila ou nõ, soubeo Vellido e foy pera a infante e disselhe:

[207b] – Senhora, eu vñ a Çamora a vosso serviço com trinta cavalleiros muy ben ³⁸³ guisados, assy como vos sabedes, e heyvos servydo muy grande tempo ha. E nõ ouve de vos nem hũu galardom do serviço que vos fiz, pero vollo mandei. Mas, se me outorgardes o que vos quero pedyr, eu vos descercarei daqy el rey dom Sancho.

E dona Orraca disse:

– Vellido, querote dizer hũa palavra antiga que diz assy: «Sempre homen merca bem com o po[...]e ou com o coyado». E tu assy faras cõmigo. Pero nõ te mando eu que tu faças maa cousa, se a tu queres fazer. Mas digote que nõ ha homẽ que me descercasse Çamora, fazendo ende levãtar meu irmãao, que lhe eu nõ desse que quer que me demandasse.

Quando esto ouvyo Vellido, beyjoulhe a mão e partiosse logo della. E foyse pera o porteiro que avya a guarda de hũa das portas e rogoulhe que o leixasse sayr de Çamora. E, se o visse vñir fogindo, que lhe abrisse. E deulhe porẽ hũu manto que tragia. Desi foyse pera sua pousada e armousse de todas as

armas muy ben e cavalgou em seu cavallo e foyse pera casa de dom Airas. E disse a grandes vozes:

– Bem sabedes todos qual he a razon por que a iffante nõ faz aveença com seu irmão el rey dõ Sancho por razon desta vylla. E vos fazedes maldade cõ ella come velho treedor.

Quando esto ouvyo dom Airas, pesoulhe muito e disse:

– Em maaõ dia eu naci, quando me Vellido assy viltá ante meus olhos e nõ ey quẽ me vîgue!

Entom se levantarõ seus filhos e armaronse a grande pressa e forõ empos Vellido que hia fugindo pera o arreal del rei. E seguirõno ataa as tendas.

Quando Vellido foy ante el rei, disselhe hũas pallavras de grande falssidade e treyçom e beyjoulhe a mãao.

– Senhor, disse Vellido, por que dixes ao concelho que vos desse a villa,³⁸⁴ quiserõme matar os filhos d’Airas Gonçallo, assi como vistes. E eu venhome pera vos e, se for vossa mercee, quero seer / [207c] vosso vassallo. E, se o assy fezerdes, mostrarvos ey como averedes a villa, apesar de dom Airas Gonçallo e dos outros que hy som. E, se vos esto nõ fezer, que me matedes porẽ.

El rei dom Sancho creoulhe o que dizia e recebeuho por vassallo e fezlhe muyta honrra. E começou de fallar com elle todas suas poridades. E, essa noyte, fezlhe crẽte que avya hi hũu postigoo per onde tomaria Çamora.

Em outro dia de grande manhã, hũu cavalleiro da vylla veeosse ao muro e chamou a grandes vozes, em tal guisa que todollos da hoste ho ouvirõ. E disse:

– Rey dom Sancho, parade mẽtes em o que vos quero dizer! Eu som hũu cavalleiro de Santiago natural e aquelles donde eu venho sempre forõ leaaes e de lealdade se prezaron e [...] ella quero viver e morrer. Parade mentes como vos quero desenganar e dizervos hey verdade, se me quiserdes creer! Da villa de Çamora sayu hũu treedor que chamã Vellido e neto d’Aldofo e he neto de Layno; e matou hũu cõpadre e deytouho enno ryo e he muy grande treedor provado; e quervos matar e, por cumprir sua treyçon, dizervos ha fremosa razõ. Guardadevos delle! E esto vos digo que, se per ventura dãpno receberdes, nõ digades que nõ vos foy dicto.

E diz ainda mais o arcebispo dom Rodrigo que lho ãviarõ dizer os da villa em puridade. E el rey gradeceulho muyto e ãvyoulhes dizer que, se a villa ouvesse, que lhes faria porẽ bem e mercee.

Mas, quando Vellido ouvyo estas pallavras, foyse pera el rei e disselhe:

– Ho velho de dom Airas Gonçallo he mui sabedor e, por que sabe que vos farei eu aver a villa, manda esto dizer.

Despois que esto ouve dicto, demandou por seu cavallo, fazendo semelhança que se queria hyr por aquello que lhe era dicto da vylla. Mas el rei travoulhe da mãao e disselhe:

– Meu amigo e meu vassallo, nõ dedes / [207d] nõ hũa cousa porẽ! Ca bem vos³⁸⁵ digo que, se eu ey a villa, que logo vos eu della faço mayor, assi como agora he dõ Airas Gonçallo.

E Vellido beyjoulhe a mãao e disse:

– Senhor, Deus vos de vyda e saude e leixevollo compryr! Amẽ.

Mas o treedor al tẽ enno coração.

CAPÍTULO CDXCVII

Como Vellido matou el rei dom Sancho per treyçon

Despois desto, apartou Vellido el rei e disselhe:

– Senhor, se teverdes por ben, cavalguemos ambos soos e vaamos andar en redor da villa. E veeredes vossas cousas que mandastes fazer e mostrarvos hey o postigoo a que chamã os Çamoraas d’Orona, per onde entremos aa villa. E este postigoo foy logo çarrado, quãdo mandastes cercar a villa. E, pera esto, mandarm’edes dar cavalleiros filhos d’algo mui ben guisados que vãa cõmigo a pee. E, como os de Çamora estam fracos de fame, leixarse ham vẽcer. E nos abriremos a porta, ataa que ãtremos todollos da hoste. E assy tomaremos a villa de Çamora.

E el rei cryalhe todo o que dizia. E cavalgarom ambos soos per d’arredor da villa, cuydando el rei que lhe avya de mostrar per onde fosse tomada. E elles andando muito alongados da hoste, catando os reaaes e mostrando o treedor o postigoo per que disera que entrariã aquella villa, despois que andarom a villa assy ã redor, ouve el rei sabor descavalgar a par da ribeira do ryo pera andar per hy sollazando. E el rei tragia ãna mãao hũu venabre, segundo era costume³⁸⁶ dos reis em aquelle tempo, e disse a Vellido que o tevesse. E el rei apartousse pera fazer sua necessidade que os homẽes nõ podem scusar. E Vellido, quando o assy vyo seer, tiroulhe do venabre e deulhe pellas spadoas e sayo / [208a] lhe per os peitos. E, despois que o assi ouve ferido, virou as redeas ao cavallo e foyse quãto pode pera o postigoo que mostrara a el rei. Este treedor ja fezera ante desto outra trayçon, ca matara o conde dõ Munho como nõ devia.

E o Cide, quãdo o assi vyo hyr fogindo, perguntouho por que fugia. Mas elle nom lhe disse nada.

E o Cide entendeu que avya feita algũa maa cousa e cuydou logo o que era, como era morto el rei. E mandou por seu cavallo. E, em quanto cavalgou, alongousse Vellido. E o Cide, com a muy grande pressa que ouve de o seguyr, nõ sperou que lhe posessem as esporas; mas tomou hũa lança em sua mão e tam ryjamente o seguyou que certa cousa he que, se levara esporas, que o tomara. Entom disse o Cide que mal fosse do cavalleiro que cavalgasse em cavallo sem esporas.

E aquy dizem algũs que nõca ã o Cide foy achado que fizesse covardya se nõ em aquelle logar, por que nõ entrou ãna villa empos Vellido. E outros dizẽ que o nõ fez com covardice mas cõ desacordo e por nõ cuydar que o mal era assy grande. Mas avya sospeita que hya assi fugindo per mandado del rey. Ca dizẽ assy que, se elle soubera como el rei ficava morto, que o nõ detevera nõ hũa cousa que nõ entrasse empos elle.

³⁸⁷ CAPÍTULO CDXCVIII

Como dom Airas Gonçallo prendeo Vellido

Conta a estoria que, depois que Vellido foi dentro enna vylla, com o muy grande medo que ouve assy dos da villa como dos da hoste, foyse meter so ho mato da iffante dona Orraca. Mas, quando esto soube dom Airas Gonçallo, foyse aa iffante e disselhe:

– Senhora, peçovos por mercee que dedes / **[208b]** este treedor aos Castellãaos! Se nõ, sabede que nos verra por ello grande dampno, ca os Castellãaos querrãnos retar por que jaz enna villa e seera muy grande deshonna das gentes.

E ella disse que, se achassem carreira per que nõ morresse por este feito, que seeria muy bem. E dom Airas lhe respondeu:

– Pois dadeo vos a m̃y e eu mandalo ei guardar ataa tres nove dias. E, se os Castellãaos nos retarem a estes prazos, darlho emos; se nom, deitalo emos da vila, que nõca ja mais venha ante nos.

E desy tomouho dõ Airas Gonçallo e mandoulhe deitar dous pares de ferros e guardallo muy ben.

CAPÍTULO CDXCIX

Como os Castellãaos forõ buscar el rei dom Sancho e o acharom ferido e do grande pranto que por elle fezerõ

Os Castellãaos, depois que souberom aquello que era acontecido a el rei dõ Sancho, forõno buscar e acharõno jazer enna ribeira do rio, onde o leixara muy mal ferido o treedor. E, pero que estava assi chegado aa morte, nõ perdera a ³⁸⁸falla. E tinha o venabre no corpo, que o passava dhũa parte ã outra, e nõ lho ousavã de tirar cõ medo que avyã de morrer logo. Entõ mandarõ por hũu meestre que andava ã casa del rei. E mandoulhe talhar o venabre per amballas partes por nõ perder a falla e mãdou que o confessassẽ, que nõ podya viver. E estava hy o conde dõ Garcia e disselhe:

– Senhor, penssade de vossa alma, ca muito sodes mal ferido!

E el rei disse:

– Bem andante sejades, conde, que tanto bem me conselhades, ca bem creo que son morto. E matoume o treedor de Vellido, sãdo meu vassallo. E bem creo que desto forõ bẽ merecedores os meus peccados e as sobervas que fiz e a jura que passey de meu padre.

E, elle em dizendo esto, chegou o Cide e disse:

– Senhor, eu fico mais deseparado / **[208c]** que nõ hũu homẽ d’Espanha, ca eu gaanhei por ãmiigos vossos irmãaos e todollos homẽes do mundo que contra vos foram, ca vosso padre assy me ãcomendou a elles como a vos, quando partio os reynos. E con todos me perdi por vosso amor e a elles fiz muyto mal. E agora nõ me he mester que me vaa pera os mouros, pois allo he el rei dom Affonso, nõ me ficarrei cõ os cristãaos ante a iffante, ca bem tem que todo esto nõ lho fezeistes vos se nõ por meu consselho. E por esto, senhor, nembradevos de m̃y ante que so moirades.

E el rey mandoulhe que se assentasse a par delle. E, estando hy muitos prellados que forã hy viindos por fazer algũa aveença antre elle e a iffante e outrossi todos seus ricos homẽes e cavalleiros, os quaaes diziam todos que o Cide dizia verdade, entõ disse el rei a todos aquelles senhores que hi estavam:

– Amigos, rogovos todos quantos aqui estades que, quando meu irmãao el rei dom Afonso veher, que lhe peçades mercee por o Cide e que lhe digades que lhe mando eu rogar que o receba por vassallo e que lhe faça sempre bem e mercee e que, se o assy fezer, que seera delle bem conselhado. Outrossy que lhe rogo que me perdooe quanto torto lhe fiz.

³⁸⁹ E, depois que esto acabou de dizer, levantousse o Cide e foilhe beyjar a mão e depois todollos outros que hi estavã por elle. Entom disse el rei a todos que lhe perdoassem e rogou a Deus que

ouvesse mercee da sua alma. E, desque esto ouve dito, pedio a candea e sayulhe a alma do corpo. E fezerõ por elle grãde doo.

CAPÍTULO D

Como o Cide retou os de Çamora

Despois que el rey foy morto, como ja avedes ouvdyo, o Cide retou os de Çamora por a morte del rei. E responderrõlhes os da vylla que nõ deziã verdade, ca se nõ / [208d] fezera per seu consselho nõ per seu mãdado nem lhes prazia dello. Pero nõ se partio por esto o reto, ca ouverom a lidar per esta guisa: o Cide soo cõ XV cavalleiros dos melhores que estavã ã Çamora armados per esta guisa: os VII cavalleiros fossem armados de loriga e os oito fossem armados de perpontos. E o Cide matou hũu delles e chagou os dous muy mal e derribou os VII e fोगirom os V.

E sabede que, como quer que o Cide vencesse este reto, que despois retou dõ Diego Ordonez os de Çamora e lidou cõ elles assy como adiante ouviredes. E diz em este logar o arcebispo dom Rodrigo que, quando el rei dom Sancho foi morto, que algũus fोगiã pera suas terras e leixavã as tendas e o que tiinhã. Outros dizem que esto nõ he verdade por que os nobres Castellãaos, parando mentes ã aquello que elles sempre guardarõ, convem a saber, dereito e verdade e lealdade, nõ se quiserom arrevatar pero seu senhor era morto, mas chamarõ os ³⁹⁰prellados que hi erã e algũus dos outros ricos homẽes e levarom o corpo del rei honrradamente ao mosteiro d'Onha e soterrarõno hy, assi como cõviinha a rey. E todos os mais altos homẽes e melhores ficarõ nos arreaes sobre Çamora. E morreo este rey dom Sancho ãna era de mil e cento e dez ãnos VI dias de Novembro; e reynou VII ãnos e nove meses e poucos dias.

CAPÍTULO DI

Como os Castellãaos ouverõ seu acordo pera retar os de Çamora

Despois que el rei dõ Sancho foy morto e soterrado, tornarõsse, os que com elle foram, ao cerco de Çamora e acordarõ como mandassem dizer mal aos da vylla.

E levantousse o conde dom Nuno e o cõde dõ Garcia de Cabra / [209a] e disserõ:

– Amigos, ja bem veedes como avemos perdido nosso senhor e como o matou o treedor de Vellido, seendo seu vassallo. E os de Çamora receberõno na vylla, assi como vos veedes. E, segundo o que nos foi dicto, fezeo per seu cõsselho. E, se ouver aquy quem lhes queira dizer mal porẽ, nos todos darlh' emos todo aquello que lhe mester for, ã maneira que saya ende con honrra, con tanto que o reto seja comprido.

Entom se levãtou hũu cavalleiro castellãao muito esforçado e de grande guisa e avya nome dom Diego Ordonez, filho do conde dõ Ordonho de Lara, e disse:

– Se outorgardes o que dizedes, eu farei este reto aos de Çamora polla morte del rei dom Sancho, meu senhor.

E elles outorgaronlho de o comprir.

³⁹¹ CAPÍTULO DII

Como dom Diego Ordonez retou os de Çamora

Dom Diego Ordonez, despois do outorgamento que lhe foi feito, fuisse pera sua pousada e armousse muy bem o corpo e o cavallo de todas armas. E fuisse pera a villa. E, quando foi preto do muro, cobriosse do scudo, que o nõ ferissem os da villa, e começou a chamar em grandes vozes se estava hi dom Airas Gonçalho, que lhe queria dizer hũu mandado. E hũu scudeiro que guardava o muro foyo logo chamar, dizendolhe como estava hũu cavalleiro armado acerca do muro que o chamava, se queria que lhe tirasse do arco. E dõ Airas disse que nõ. E dom Airas Gonçalho e seus filhos que guardavã daquella parte sobirõ ã cima do muro por saber o que demandava o cavalleiro. Entõ lhe disse dõ Airas:

– Amigo, que demandades?

E dom Diego respondeulhe:

– Os Castellãaos ham perdido seu senhor e matouho o treedor / [209b] de Vellido, seendo seu vassallo. E vos, os de Çamora, acolhestello ãna villa. E porem digo que soodes treedores, por que quẽ treedor colhe conssigo sabe da treição e cõsente em ella. E porem reto os de Çamora, tã bem os grandes como os pequenos, assi o que he nado como o que he por nacer, e o morto e o vyvo, e reto as auguas que corrẽ per o rio, e reto os pãaes e os vinhos. E, se hi ha algũu enna villa que desdiga o que eu digo, lidarloy cõ a mercee de Deus e ficarã por quaaes eu digo.

Respondeolhe entom dō Airas Gonçallo e disse:

– Se eu sōo tal como tu dizes, nom devera de seer nado. Mal fallaste em quanto as dicto e fuste mal conselhado. Ca quē reta concelho deve de lidar cō V hũu empos ho outro. E, se algũu dos V o matar ou vencer, fica o concelho quite e o cavalleiro fica vēcido. E, se o cavalleiro matar ou vēcêr os V cavalleiros,³⁹² fica elle por verdadeiro e o concelho fica por culpado. E demais que nō hã culpa os grandes do que fazē os pequenos, nē o que fazem os mortos aos vivos, nem os por nacer do que fazē os nados.

Dom Diego, quando esto ouvvyo, pesoulhe muito dello, empero que o emcobrio mui bē. E enton disse a dō Airas Gonçallo:

– Eu darei doze cavalleiros castellãaos e vos dade outros doze de Leon. E jurē todos ênos Avãgelhos que nos julgūē em dereito em este lugar. E, se acharem que com V devo de lidar, lidarei com elles.

E dom Airas Gonçallo outorgoulho e poseron tregoas de tres IX dias, ataa que fosse posto este feito e que lidassem sobre elle.

Mas agora leixa o conto a fallar e torna a contar como fez a iffãte dona Orraca.

CAPÍTULO DIII

Como a iffante dona Orraca fez saber a el rei dom Afomso, seu irmãoo, a morte del rei dom Sancho

Despois desto que dicto avemos, fez a iffante dona Orraca suas cartas e ãvyouhas em grande puridade a seu irrnãao, / [209c] el rei dom Afomso, a Tolledo, em que lhe fazia saber como era morto rey dom Sancho e nō avya outro que herdasse os reynos e porē que se vehesse quãto mais cedo o podesse fazer pera receber os reynos; e que esto fizesse o mais escuso que podesse, por se guardar do retiimēto que lhe os mouros poderiã fazer.

³⁹³ Outrossi diz em este lugar o arcebispo dom Rodrigo que os Castellãaos e os Leoneses, por guardarē verdade e lealdade, que se ajuntarō pera aver seu acordo ã feito do reyno e acharō que, pois que el rei dom Sancho nō leixara herdeiro, que os reynos viinhã de dereito a el rei dō Afomso. E diz que lho fezerō saber ã segredo que se vehesse ao reyno. Pero esto nō poderō elles tanto ã puridade fazer que os mouros nō ouvesse de saber.

Mas dom Pero Açores, que era homē de grande cōsselho, sabya mui bem a aravya. E, despois que ouvera sabido da morte de dom Sancho, nō pensava ã outra cousa se nō como poderia tirar el rei dō Afonso de Tolledo. E por esto cavalgava ã cada hũu dia fora da vylla e hiasse acerca dos caminhos que viinhã de Castella e esto por saber novas certas. E aconteceolhe hũu dya de achar hũu homē em aquelle camynho que viinhã cō o recado a el rei de Tolledo ã como era morto el rei dō Sancho. E dom Pero Açores, per suas fremosas pallavras, desviouho fora do camynho, fazendolhe entender que o queria pregūtār por muytas novas. E, como o teve apartado, cortoulhe a cabeça e tornou logo ao caminho. E achou outro messejeiro e fezlhe outro tal. E esto fazia el que o rei mouro nō soubesse nē hũa cousa ataa que elle ouvesse tempo bē apreitado pera fugir cō seu senhor. Pero aacima ouveo de saber rey de Tolledo.

E, estando dom Pero Açores no caminho como dissemos, ex os messejeiros de dona Orraca que chegarō a elle e lhe disserom o feito todo como era. E elle emtom tornou aa vylla, / [209d] a fazer guisar todas suas cousas pera quando se ouvesse d’hyr seu senhor.

³⁹⁴ E diz dom Rodrigo que em este medēs dya chegou a el rei dom Afomso o recado dos Castellãaos.

E dom Pero Açores temiasse que, se el rei de Tolledo soubesse esto, que nom leixaria partir el rei dom Afomso sem lhe fazendo grandes posturas. E elles estando em este medo, entenderō que se o rei de Tolledo soubesse primeiro d’outrem que delles, que seeria peor. Entom disse el rei dom Afomso:

– Amigos, bē sabees que, quando me vñi pera el rei de Tolledo, que me recebeu cō muy grande honrra e deume quãto ouve mester. Pois como lh’ey de negar a mercee que me Deus faz? Certo querolho dizer em toda guisa.

E dom Pero Açores disselhe que o nō fizesse per nē hũa maneira.

Pero diz aqui dom Lucas de Tuy que, emquãto dom Sancho era vivo, que el rei dō Afomso dissera a el rei de Tolledo que lhe desse algũa jente, se tevesse por bē, que queria vñir ajudar os seus vassallos, e que o rey mouro lhe dissera que o nō faria, ca avya medo que lhe vehesse del rei dō Sãcho algũu mal, e que esto ficaria assi.

Mas aqui he de saber que el rei dō Afomso foi a rey de Tolledo e lhe disse todallas novas, como elle sabya que seu irmãoo el rei dō Sancho era morto, e contoulhe todo o feito como era e que lhe rogava que lhe desse algũa jente, ca elle nō avya de quē se temer.

Conta aqui o arcebispo dō Rodrigo quando lhe esto ouvvyo, que lho agradeceo muyto por que lhe dissera que queria hyr a sua terra e lhe pedira ajuda. Ca ja elle sabya mui bē todo o feito da morte del rei

dō Sancho e porẽ mandara ja tẽer todollos caminhos e os passos que, ẽ caso ³⁹⁵ que el rei dō Afomso se quisesse hyr, que nõ podesse. Pero perdeo delle tal sospeita por que lhe descobrira sua puridade. E, cõ grande prazer que desto ouve, disse:

– Muyto te agradeço / **[210a]** Afomso, o que me as dicto e por que me descobriste que te querias hyr a tua terra. Ca, se te foras sem mo fazendo a saber, nõ poderas scapar de grande dâpno ou de morte ou de prison. Mas, pois que assi he, vay des aqui adeante a teu reyno e tomao, se poderes. E eu te darei do meu o que ouveres mester pera dares a teus vassallos pera cobreres os corações delles.

E entõ lhe rogou que outra vez lhe renovasse a jura que lhe avia feita, convem a saber: de o ajudar sempre e seus filhos e de nõca hyr contra elles ẽ nõ hũa maneira. E esta meesma jura fez o rey de Tolledo a dom Afomso. E el rei de Tolledo amava muito hũu seu neto que nõ ẽtrou ẽ esta postura e nõ foy elle theudo despois em lha guardar.

Despois da jura, o rey de Tolledo hyao deteendo de dia em dia e nõ o leixava hyr. E el rei dom Afonso seguyao muyto em cada hũu dya. E o rei mouro, seendo anojado por que o afficava tâto, disselhe com sanha:

– Vaite agora, ca devagar fallaremos em esto!

E esto era ja noyte. El rei dom Affomso, teendo que avya mandado o rey que o nõ leixasse hyr por aquello que disse: «vayte agora», sayusse logo ³⁹⁶ do paaço e guisousse como se fosse. E dom Lucas de Tuy diz em este logar que, em jogando o eixedrez com el rei, que o anojou tanto ataa que lhe mandou que se fosse.

CAPÍTULO DIV

Como el rei dom Afomso partio de Tolledo

Despois que se el rei dom Afonso partio del rei de Tolledo, dō Pero Açores, como era homem de grande intendimento em todos seus feitos, tiinha ja fora da vylla muitas bestas e muy bem guisadas, ẽ tal guisa que o nõ entendeu nõ hũu. E, como el rei se partio do paaço, logo sẽ mais tardar o tomarõ os seus vassallos e per cordas o poserõ fora / **[210b]** per cima do muro. E, despois que elle foy fora, saïrom todos seus cavalleiros e cavalgarom em suas bestas e andarom toda a noyte, nõ sabendo desto o rey mouro nõ hũa cousa.

Mas, despois que se dō Afomso partio do rey de Tolledo, aa noyte, fazendo semelhãça de se hyr pera sua pousada, pregũtarõ os mouros, ẽ razoando cõ el rei, que razõ era por que se el rei dom Afomso queria hyr a sua terra. Entom disse hũu dos privados:

– Certo, senhor, eu cuydo que elle ha mãdado de seu irmãoo que dizem que he morto.

– Pois que me conselhades vos outros que faça ẽ esto?

³⁹⁷ E foy entom acordado per el rei com todos seus privados que em outro dya na manhã fosse preso el rei dō Afonso e que o guardassẽ em tal guisa que lhes nõ vehesse delle mal nõ dampno.

Mas el rei dom Afomso, que hya ja seu caminho, como dissemos, andou aquella noite e passou o porto de Valla Come. E despois er nõ quedou de andar assi noyte como dia, ataa que foi posto ẽ salvo.

El rei de Tolledo, em outro dya, como tiinha determinado ẽ seu conselheiro, mãdou chamar el rei dom Affomso que vehesse a elle ao paaço. E elle tiinha muy bem guisados seus monteiros pera o prender. E o que o foi chamar nom achou nem hũu e achou as cordas per onde descenderom do muro. E tornou-se a el rey e disselhe como se fora. E, quando elle esto ouvyo, ouve dello muy grande pesar, pero nõ o quis mostrar aos mouros. Ante lhes deu a entender que nom dava porem nada.

Mas agora leixaremos aquy a fallar desto e tornaremos a cõtãr como dom Diego Ordonhez lidou seu reto.

³⁹⁸ CAPÍTULO DV

Como foram tomados os juizes pera julgar o reto ätre dom Diego Ordonhez e os de Çamora

Em quanto os messejeiros de dona Orraca foram a Tolledo, sayo da villa dom Airas Gonçalho, polla tregoa que era antre elles, co/mo **[210c]** vos ja dissemos, e fuisse veer com os Castellãaos, pera se acordarem como avyam de fazer sobre o reto que fezera dom Diego aos de Çamora. E tiveram por bem de poerẽ doze cavalleiros de cada parte que julgassem como avyã de fazer e con quantos avya de lidar o que reta concelho. E foy achado per os quatorze cavalleiros juizes que era dereito que o cavalleiro que retava concelho que lidasse cõ cinco. Entõ levantaronse os mais honrrados e mais sabedores dous cavalleiros, delles, hũu castellãao e outro leones, e julgarom per sentença que todo homẽ que reta concelho de vyly em que aja bispo ou arcebispo que deve de lidar com cinco hũu empos outro. E, cõ cada hũu, devẽ dar ao retador cavallo e armas e de comer e de beber vinho ou auga qual elle quisesse. E esta sentença que

elles assi derom, confirmarõna os outros.

Em outro dia que a sentença foy dada, a hora de terça, adherençaram o campo onde avyã de lidar em hũu arreal aalem do rio, contra hu dizem Siago. E poserom em meo do campo hũa vara e ordenarõ que o que vencesse, que deitasse mǎao da vara e dissesse que avya vencido. E, desque esto ouverõ posto,³⁹⁹ poseron logo prazo de dez dias a que lidassem, em aquelle dya e logar que avyã assinado.

Depois que esto assi ouverõ feito e firmado, como avedes ouvdyo, tornou-se dom Airas Gonçallo pera a vylla e contou aa iffante como se livrara o feito do repto. E ella logo mandou apregoar a concelho que vehessem a ella todos os da villa. E, desque foram ajūtados, disselles dõ Airas Gonçallo:

– Amigos, se aquy ha algũu de vos que fosse conselheiro ou consentisse ã morte del rei dom Sancho ou o soubesse, digao e nõ o negue, ca ante eu quero cõ meus filhos yrme pera terra de mouros que seermos vȇçudos ã cǎpo e ficarmos por aleyvosos.

Entõ responderõ todos que nõ avya hi tal que o soubesse nȇ lhe prou/vesse, [210b] nem Deus nõ o quisesse. Desto prougue muito a dõ Airas Gonçallo e mandoulhes que se fossem pera suas pousadas. E escolheu logo delles os quatro que lidassem cõ o cavalleiro e que elle queria seer o quinto.

E castigouhos e enssynouhos como fizessem quando fossem ãno campo e que elle seeria o primeiro. «E se he verdade o que diz o cavalleiro – disse el – eu quero morrer primeiro que nõ veer o vosso pesar. E, se elle nõ diz verdade, veelo ey eu e vos ficaredes salvos e hõrrados».

CAPÍTULO DVI

Como dõ Diego Ordonhez lidou o reto por a morte de seu senhor

Quando foy o prazo a que ouveron de lidar, que era o primeiro domĩgo de Janeiro, quando andava a era em mil e cento e sete ȃnos, dõ Airas Gonçallo armou dous seus filhos de grande manhãa. E deshy armarõ elle. Em esto, che⁴⁰⁰ goulhe mǎdado como ja ȃdava dõ Diego ãno cǎpo. E elle e seus filhos cavalgarõ. E, ã sayndo pella porta de seu paaço, ex que chegou a iffante dona Orraca e disselle chorando:

– Dom Airas Gonçallo, venhavos ã mente como meu padre el rei dom Fernando me vos ãcomendou. E vos jurastes em suas mǎaos que nũca me deseparassedes. E agora me parece que queredes hyr contra vossa verdade e me deseparar, por que vos rogo que o nõ queirades fazer e fiquedes e nõ vaades aa batalha, ca assaz ha hi quȇ vos scuse de lidar.

Entom travou delle em guisa que o nõ leixou allo hyr e fezeo desarmar. Entõ se apresentaram ante elle muitos bõos cavalleiros, demandandolhe as armas pera lidar em seu logar. Mais nõ as quis dar a nȇ hũu. E chamou hũu seu filho que avya nome Pedr’Airas, que era muy vallente cavalleiro, pero era de muy poucos dias. E elle avya ja ante desto / [211a] rogado ao padre que o leixasse hyr lidar por elle com Diego.

E o padre armouho con aquellas suas armas e castigouho como fizesse e deshy deulhe a beençom, dizendolhe que em tal hora fosse lidar por os de Çamora, como vehera Jhesu Cristo ãna virgem Santa Maria por salvar o mundo.

E deshy foisse pera o cǎpo onde o estava sperando dom Diego Ordonhez muy bem armado. E os fiees meterõnos enno cǎpo e partironlhes o sol. Deshy saironsse do campo.

E, logo que os fiees foron fora do campo, volveron as redeas aos cavallos e foronsse ferir muy bravamente, como bõos cavalleiros, e deronsse cĩquo golpes das lanças. E aas seis vezes as quebrarõ em sy. E meterõ mǎaos aas spadas e deronsse muy grandes golpes, assy que cortavã os elmos. E esto durou ataa o meyo dya. Quando dom Diego vyo que se lhe tiinha tanto e o nõ podya vencer, veolhe ã mente como lidava por a morte de seu senhor que fora morto a tã grã traiçõ⁴⁰¹ e esforçousse muy bȇ e alçou a espada e foi ferir Pedr’Airas per cima do elmo que lho cortou e a loriga e o testo da cabeça cõ do meolo. E Pedr’Airas, cõ a grã coita da morte e do sangue que se lhe hya aos olhos e do golpe, abraçousse aa coma do cavallo. Pero nõ perdeu as estribeiras nȇ a espada da mǎao.

E dõ Diego, quando o assy vyo estar, disse ã mui grandes vozes:

– Dom Airas Gonçallo, ãvyade outro filho!

E o filho, que andava ãno cǎpo, quando aquello ouvdyo, pero assi era muy mal ferido de morte, alimpou o rosto cõ a mǎga da loriga e tomou a espada cõ amballas mǎaos e, cuydandolhe a dar per cima da cabeça, errouho e deu hũu tã grande golpe ao cavallo que lhe cortou os narizes e as redeas e o cavallo começou logo de fugir cõ a mui grande ferida que lhe dera. Dom Diego, quando vyo que nõ avya redeas cõ que tornar o cavallo, leixousse cayr ãno cǎpo. E Pedr’Airas cayo ã terra morto fora do campo. E dõ Diego [211b] lançou logo a mǎao ãna vara e disse:

– Louvado seja Deus, ca ja eu ey vençudo hũu dos cinco cavalleiros!

E os fiees veherõ logo e tomarõno e levarõno aa tenda e desarmarõno e derõlhe de comer e de beber. E, depois que folgou hũu pouco, deronlhe outras armas e outro cavallo muy boo e foronsse com elle ao campo.

Entõ chamou dõ Airas Gonçallo outro seu filho que avya nome Dieg' Airas e disselhe:

– Filho, cavalgade e yde lidar por livrar este concelho e pera vingar vosso irmão!

E Dieg' Airas lhe disse:

– Senhor, pera esso som aqui vïdo.

⁴⁰² Entom lhe beyjou a mão e o padre deulhe a bẽçon. E foi tomar suas armas e cavalgou em seu cavallo e foyse pera o campo.

E dom Diego comera ja duas sopas e bevera hũu vaso de vinho. E depois entrou ão campo. E os fiees os meterõ ão câpo, assy como de dereito devyam de fazer, e sayrõsse fora. E elles leixaronsse correr assy ryjamente e deronsse muy grandes lançadas e andarõ assi pello câpo, dandosse muyto amehude grãdes golpes assynados. E assi andarõ hũa peça do dya pello câpo e as lanças erã ja quebradas e davãsse aas spadas. E dom Diego, vêdo ã como se hya o dya, leixousse correr ao outro, cõ grande pesar por que lhe tanto durava, e feryuho per grande força de coraçõ per cima das spadoas. E em passando per elle, cayo ho outro do cavallo ã terra morto. Entõ foy dom Diego tomar a vara e disse a dõ Airas Gonçallo:

– Emvyade aco ho outro, ca ja este he morto.

E entõ o levarõ os fiees pera a tenda e foronlhe dar de comer e de beber, assi como da primeira. E, desde que comeo e beveo, deronlhe outras armas assim como da primeira.

⁴⁰³ CAPÍTULO DVII

Como dom Diego Ordonhez lidou cõ Rodrig' Airas, filho de dõ Airas Gonçallo

Devedes de saber que dõ Airas Gonçallo ouve grande pesar da morte de seus filhos e chamou logo ho outro que avya nome Rodrig' Airas, / [211c] que era muy valente cavalleiro e muy esforçado e era o mayor dos irmãos, e fora ja ã muitos torneos e era muyto aventurado, e disselhe:

– Filho, rogovos que vaades lidar cõ dõ Diego Ordonhez por salvar a iffante vossa senhora e nos e o concelho de Çamora. E, se o vos salvades, fostes em boo dya nacido.

E Rodrig' Airas beyjoulhe a mão e disse:

– Padre, muito vos agradeço o que avedes dicto e seede certo que os salvarei ou prenderei morte.

E foi logo armado e cavalgou em seu cavalo e o padre deulhe a bẽçon e foyse pera o campo. E os fiees tomarõnos pellas mãos e meterõnos dentro. E, desde que se sairõ, leixaronsse hyr hũu contra ho outro. Dom Diego errou o golpe. Mas nõ ho errou Rodrig' Airas, ca lhe deu tã grande lançada que lhe falssou o escudo e quebroulhe o arçom da sella de diante e fezlhe perder as estribeiras e abraçousse aa coma do cavallo. Mas, como quer que assy fosse mal tragido de golpe, esforçousse muy bẽ e foi contra elle tam bravamente que lhe deu hũu golpe que britou a lança ã elle e falssoulhe o escudo e a loriga e as outras armas ⁴⁰⁴ e meteolhe o ferro pella carne. E meterõ mão aas spadas e davãsse muy grandes golpes.

E Rodrig' Airas deu hũa grande ferida a dõ Diego, que lhe cortou o braço seestro ataa ho osso. Dom Diego, quando se sentio assi ferido, foy contra Rodrig' Airas e feryuho tam fortemẽte que lhe cortou ho elmo e o almofre e a meatade do testo da cabeça. Rodrig' Airas, quando se sentio ferido de morte, deu tornada e leixou as redeas ao cavallo e alçou a espada com amballas mãos e foi dar hũu tal golpe ao cavallo de dõ Diego que lhe partio a meatade da cabeça. E o cavallo cõ a grande door da ferida começou de fogyr e tirou dõ Diego do câpo. E Rodrig' Airas, em yndo ãpos elle, cayo do cavallo morto ã terra fora do campo. E dõ Diego quisera tomar ao campo e lidar cõ os outros. Mas nõ quiseron os fiees, nõ foi julgado se erã vencidos os Çamorãos ou nõ. E / [211d] desta guisa ficou aquelle repto.

Mais agora leixaremos de fallar desto e diremos del rei dom Afonso.

CAPÍTULO DVIII

Aqy começa a estoria del rei dom Affonso, depois que veho de Tolledo, e ã como foy recebido por rey em Castella

Contam as estorias d'Espanha que, depois que foy morto el rey dõ Sancho sobre Çamora, como avedes ouvydo, e a iffante dona Orraca e outrossy os Cas ⁴⁰⁵ telãos ouverõ mandado recado a el rei dõ Afonso, que era ã Tolledo, que se vehesse a receber o reyno de seu irmão, que este rei dõ Afonso, per conselheo e bõ avisamẽto do conde dõ Pedro Ançores, se partio de Tolledo e chegou a Çamora e mandou ficar suas tendas enno campo de Baloryã. E ouve seu conselheo com a iffante sua irmã e com seus ricos homens de ãviar per suas cartas chamar a todos pera fazer cortes pera o receberem por senhor.

E, quando os Leoneses e os Galegos souberom como era viindo el rei dom Afonso, seu senhor, forõ mui alegres e veherõ logo a elle a Çamora a o receber por senhor, com tal condiçom que jurasse se fora conselheiro na morte del rei dõ Sãcho, pero que nõ hũu nõ lhe quis tomar a jura se nõ Roy Diaz, o

Cide, que lhe nõ quis beyjar a mãao por senhor ataa que lhe fez a jura.

CAPÍTULO DIX

Como Roy Diaz Cide requereu a el rei dom Afonso a jura e nõ lhe quis beyjar a mãao ataa que a fizesse

Quando el rei dõ Afonso vyo que lhe nõ queria beyjar a mãao nõ o receber por senhor Roy Diaz, o Cide, como todollos outros, disse:

– Amygos, pois que me todos beyjastes a mãao recebendome por senhor e por rey e me outorgastes o senhorio, quero que saybades do Cide por que me nõ quer beyjar / [212a] a mãao, ca eu sempre lhe farey bem e mercee, assy como o prometi a el rei dom Fernando, meu padre, quando o ãcomendou a meus irmãaos e a mÿ.

E enton se levãtou o Cide e disse:

– Senhor, todos quantos aquy veedes, todos ham sospeita que por vosso conselho matarõ el rei dom Sãcho, vosso irmãoao. E eu porẽ vos digo que, se nõ fezerdes salva desto, assi como he dereito, que nunca vos beyjarei a mãao nõ vos receberei por senhor.

E el rei respondeo:

– Dom Cide, muyto vos gradeço o que dizedes. E eu rogo a Deus e aa ⁴⁰⁶vyrgẽ Sancta Maria que, se o eu mandei nõ me passou per o coraçõ nõ me prougue dello, que tal morte moira como elle morreo, pero que me tiinha forçado meu reyno. E poren vos rogo todos, como amigos e vassallos, que me digaaes como me salve de tal feito.

E entom lhe disserõ todollos altos homẽes que elle jurasse com doze dos seus vassallos que veherom com elle de Tolledo e esto fosse na igreja de Sancta Gedeia ã Burgos e que em esta guisa seria salvo. Muyto prougue a el rei desto que os homẽes bõos mãdarõ.

E este rey dom Afonso foy o quinto que per este nome foram chamados.

CAPÍTULO DX

Como el rey fez a jura em Burgos e os doze cavalleiros com elle

Depois que o acordo foi feito como el rei com seus doze vasalos devya de fazer a jura em Burgos, foyse allo. E, quando foron ã aquella igreja onde avyã de jurar, Roy Diaz tomou a jura a el rey e aos seus, dizendo ã esta guisa:

– Vos vïdes jurar por a morte del rei dõ Sancho, meu senhor, que nõ fostes conselheiros ã a sua morte.

E el rei e os outros diserõ:

– Nõ!

⁴⁰⁷ – Pois, se vos ende soubestes parte ou mandado, tal morte moirades como elle morreo!

E el rey foy muy sanhudo / [212b] contra o Cide e disselhe:

– Roy Diaz, por que me aficades tanto? Ca oje me daaes juramẽto e clas me beyjaredes a mãao.

E disse entõ o Cide:

– Per como vos fezerdes mercee, ca ã outras terras soldadas dam aos fidalgos e assy farã a mÿ quẽ me quiser por vassallo.

Muyto pesou a el rei do que o Cide dizia e desamouho dalli adeante.

CAPÍTULO DXI

Como el rei dom Afonso foy senhor dos reynos e de como se el rei dom Garcia moveo a fazer guerra ã o reyno de Leon e como levou delles grandes roubos

Tanto que el rei dom Afonso ouve feita a jura, logo sem outra contenda foy senhor dos reynos de Castella e de Leon. E conta a estorya que, depois que el rei dom Garcia foi solto e se foi pera Portugal, que, se ante maaos cõsselheiros avya, que tornou a avellos depois bem tã maaos. E começou de trager mal aos seus fidalgos e outrossy os concelhos, fazendolhes mal, em tal maneira que elles se hyam da terra hũus e hũus pera el rei dõ Afonso que vehera ja a aquella sazõ de Tolledo. E, veendo el rei dõ Garcia ã como os seus vassallos se hyam ⁴⁰⁸pera el rei dom Affonso e elle recebiaos muy bẽ, cõ grande pesar que dello ouve, tirou sua hoste e foilhe correr terra de Leõ e começou de o guerrear muyto ryjamẽte.

E el rei dõ Afonso, depois que ouve sua jura feita ã Burgos, veosse a Çamora. E, quando soube como seu irmãoao dom Garcia o guerreava em aquella guisa, ouve conselheiro cõ sua irmãa dona Orraca e cõ dom Pero Ançores e acordarõ que lhe mandasse el rei dizer por qual razõ lhe fazia guerra sem

merecimêto, ca melhor lhe seria seerẽ amigos e amarêsse e ajudarensse como irmãaos ca de seerem inmiigos, e que, pera esto, que se vyssem âbos. E, êvyada esta embaixada da parte del rey dõ Afonso a el rei dõ Garcia, elle, como ouve vistas as cartas [...] messejeiros, assi co/mo [212c] homẽ de maaos recado e conselhado de maaos homẽes e viis, foisse veer com elle, sem avendo delle outra algũa segurãça ou tregoa. Ao menos que por al nõ fosse devêrassse de avisar delle por o mal e roubo que avya feito ẽ o reyno de Leon, nõ lho merecêdo. E, como se virõ, el rei dõ Afomso lançou logo as mãaos ẽ el rei dom Garcia e prendeo e mandoulhe logo deitar hũus ferros nos pees e hũa cadea na garganta e levouho ao castello de Lũa. E, depois que aquello foy, mandoulhe tirar a cadea e nõ os ferros.

Entõ todollos Portugueses e Gallegos tenerom cõ el rei dõ Affomso e ficou el rey dõ Afonso por rey de todollos reynos de seus irmãaos sem nem hũa contenda. E aqui se conprio ẽ elle a bẽeço que lhe avya dada seu padre âte que morresse lhe deitara a bẽeço.

E el rei dõ Afomso faziao guardar ẽna prison por que, se morresse ante que ouvesse filho, que reynasse dõ Garcia. E, quanto era ao comer e beber e todallas outras cousas que lhe erã mester e cõ que jugasse seus jogos, todo o avya muy cõpidamente. E esteve ẽ aquella prison ataa que morreo.

⁴⁰⁹ Entõ pos el rei dõ Afomso coroa ẽna cabeça e foi senhor dos reynos de Castela e de Leon e de Portugal. E esto foy ẽna era de mil e cento e oytos annos e andava o do ẽperador Anrrique em XXVI e o do papa Alexãdre em sete e o reyno de Philippe em XI. E, ẽ este anno, começou de reynar este dom Afonso; e reynou XL annos; e este foi o rey dõ Afomso, a que chamarõ o bravo das partiçoões.

Este, ẽ começo de seu reynado, mandava a seus conselhos chamar a iffãnte dona Orraca, por que era molher de bõo intindimêto, e todo o que avya de fazer e reger enno reyno, faziao per seu conselho, pero que esto lhe avyã todos por mal, segundo como conta o arcebispo dom Rodrigo.

E este rey dom Afomso foy muy bõo rey e manteve bẽ os reynos e muy sesudamente, assi que todollos altos homẽes e ainda os outros do seu senhorio / [212d] vyvya tanto ẽ paz que nẽ hũu nõ tomava armas cõtra ho outro. Ca el rei era mui bravo e justicozo, em tal guisa que nẽ hũu nõ acharia quem lhe fizesse nojo. E, em quanto el rei dom Afomso reynou, nũca os do seu senhorio ouverom de fazer servidõ a homẽ do mundo. E este foy consollador de lagrimas e acrescentador da sancta fe catholica e todos foron delle cõssollados ataa que morreo. E amava muito Deus e por esto acabava todollos seus feitos que começava.

Este rey dom Affomso fez as põtes que ha de Logronho ataa Sanctiago. E, seendo bõo e verdadeiro, nõ lhe esquecia o amor que avia a el rei de Tolledo e a seu filho, ca senpre os ajudou e deffendeo de quẽ quer que contra elles queria hyr.

E, em este año que el rei dõ Afonso reynou, matarõ el rei de França ẽ Navarra, ẽ Pena Leon.

⁴¹⁰ CAPÍTULO DXII

Como e quantas vezes foy casado este rey dom Affonso

Este rey dõ Afonso foy casado cõ seis molheres de bẽeçoões. A primeira foy dona Ignes e nõ ouve dela filho. E a segunda foy dona Costãça, de que ouve hũa filha que ouve nome dona Orraca Affomso, que foi molher do cõde dõ Reymõ de Tollosa, que foy filho d'Afomso Jurdam. E este cõde dõ Reymõ ouve ẽ ella dona Sancha e dõ Affomso que foi depois ẽperador d'Espanha. E esta dona Sancha nõ quis casar e foisse ẽ romaria a Ultramar. E, estando ẽno espital do tẽplo, servyndo os pobres e lazerados sete annos por o amor de Deus, nũca ende quis vïir, ataa que lhe Nosso Senhor Deus fez mercee e deu fogo na sua lampada, ẽno nono sabbado ante da Pascoa, per mãaos dos âgios. E esto foy cousa verdadeira. E desta dona Sancha diremos adiãte mais do seu feito, ẽno lugar que cõveher.

A terceira molher foy dona Tareyja. E nõ ouve dela filho nẽ filha. A quarta molher foy / [213a] dona Isabel, filha del rei dõ Luis. E ẽ esta fez dona Sancha, que foy molher do conde dom Rodrigo, e dona Elvira, que foi molher de Orgal, senhor de Galliza, que foi irmãao de Ruberte, filho do conde d'Avylla; e este veio em Lombardya e guaanhou Cezillia e Pulha e Callabria e Cãpanha.

A quinta molher foi dona Beatriz, filha do emperador d'Alemanha. E nõ ouve della filho nem hũu.

E a sexta molher foi a Çaida, da qual vos contaremos pella estoria en dyante.

E ouve mais el rei dõ Afonso hũa barregãa dona Symena Muniz, e ⁴¹¹ foy muy boa dona. E ouve della hũa filha que ouve nome dona Elvira. E foi molher do conde dõ Reymõ de Sam Gil de Proença, que era torto de hũu olho. E este conde fez em ella dom Affomso Jordam; e ouve este nome por que foy baptizado ẽno rio de Jordam. Por que este conde, em tempo de Sancto Urbano, foy enna grande hoste que passou ẽ Ultramar, de França. E este cõde era hũu dos doze capitãaes da hoste, dos quaaes conta a estoria que guaanharom Tripol e Acre e Anthiochia e Jherusalem. E ella foy com o conde ẽ esta hoste. E esto foi enno tempo que o sancto papa Hurbano primeiramẽte mandou poer a cruz no costado deestro.

E outrossi ouve el rei dõ Afomso desta Simhona Muniz outra filha que ouve nome dona Tareyja.

E esta foi casada cō o conde dō Anrrique e ouve della hũu filho que ouve nome dō Afomso. E este foi o primeiro rei que ouve ã Portugal, como ouvyredes adiante.

CAPÍTULO DXIII

Como el rey dō Afonso foy ajudar rey de Tolledo

Enno segundo ãno que este rey dō Afonso o VIIº reynou – que foi na era de myl e cento e nove ãnos – o rey de Tolledo avya guerra cō el rei de Cordova e fazialhe muy grande dampno ãna terra. E cer/couho [213b] em Tolledo. E, quando el rei dō Affomso soube como el rei de Tolledo era cercado, tirou sua hoste muy grande e fuisse pera Tolledo. El rei de Tolledo, quando soube como el rei dom Affomso viinha cō sua hoste, foy muy spantado, cuydando ⁴¹² que hya sobre elle e passar a jura que avya feita. E ãvyoulhe seus messejeiros, com que lhe mandou dizer que se acordasse do preito que cō elle avya e da honra que lhe fora feita ã Tolledo; e que lhe rogava e pedia por mercee que ouvesse com elle paz. El rei dom Afomso recebeo bem os messejeiros e deteveos ã pallavras e nō lhes quis dar nem hũa reposta.

E ã esto foy entrando per a sua terra, nō lhe fazēdo porem nē hũu mal. E, quando chegou a Olyas, fez hi pousar sua hoste. Mas o rey de Cordova, quando ouvyo como viinha dō Afomso, fuisse de sobre Tolledo e fogindo e os da villa sairom a elle e fezerōlhe grande dāpno ã sua hoste.

CAPÍTULO DXIV

Como el rei dom Affomso foy a Tolledo e da honrra que lhe allo foy feita

Despois que el rey dō Affomso pousou cō sua hoste ã Olyas, como dissemos, mādou chamar os messejeiros de rey de Tolledo e tomou conssigo cē cavalleiros e fuisse com elles pera Tolledo. E, quando chegou aa porta de Visagra, mandou os messejeiros que se fossem diante e o fizesse saber a el rei. E elle, como o soube, nō esperou besta, mas acudio a pee, quanto se mais pode hyr, a receber el rei dom Afomso. Pero el nom pode tanto depressa sayr do paço que ja el rei dom Afomso nō era acerca do alcacer. E, quando o rey de Tolledo vyo el rei dō Afomso, cō grande reverēça fuisse a elle; e el rei dom Afomso outrossi; e abraçarōsse ambos. Mas o rey mouro, cō a ⁴¹³ grande alegria que avya cō el rei dō Afomso, nō quedava de o abraçar e beyjar ãnos ombros. E todo aquelle dya e a noyte folgou el rey dō Afomso dentro ã Tolledo e falarō ãbos / [213c] de seus feitos e regimētos de suas guerras.

Grande foy a honrra e o prazer que o rey mouro fez a el rei dom Affomso e muito lhe agradecera o que lhe fezera e a grande lealdade que lhe tivera e como se nembrara da postura que com elle avya. Toda aquella noyte ouverom grande prazer e muito solaz, e todollos de Tolledo outrossi, por que elles amavā muyto seu senhor e por que queriã grande bem a dō Affomso. Mas a tristeza e pesar que ouverom os da hoste por seu senhor, quē o poderia contar? Ca tenerom que avya feita grande loucura em se aver assi de meter em poder de mouros.

CAPÍTULO DXV

Como el rei dom Afomso renovou a jura com el rei de Tolledo

Em outro dya de grāde manhã, rogou el rei dom Afomso a el rei de Tolledo que se fosse com elle e que veeria como viinha prestes pera o ajudar. Entō cavalgarom ambos com pouca companhia e foronsse pera a hoste. Os cristāaos, quando virō el rei dom Afomso, ouverō com elle grāde prazer. E sayuho a receber toda a hoste. E o rey mouro tomou em ello grande prazer. E, desque foi tempo, asseentaronse a comer ãna tenda del rei.

E, em estando a comer, mandou el rei dō Affomso muito ã puridade armar quinhentos cavalleiros e que cercassem a tenda d’arredor. E o rey mouro, ⁴¹⁴ quando aquello vyo, ouve mui grande medo e preguntou a el rei que queria aquello seer. E el rei dō Affomso disselhe que comesse, que despois o saberia. E, despois que comerō, disselhe el rei dō Affomso:

– Vos me fezeistes jurar e prometer, quando me tevestes em Tolledo, que nũca vos vehesse de mē mal. E agora, pois vos sodes ã meu poder, quero que me quitedes a jura e o preito que cōvosco fiz.

E o rey mouro disse que lhe prazia e deuho por quite per tres vezes. Despois que esto foi feito, mandou el rei trager o livro dos Sanctos Evāgelhos e disse a el rei de Tolledo:

– Pois que vos hora em / [213d] meu poder sodes, agora vos quero jurar e prometer de nũca hyr contra vos nē contra vosso filho e de vos ajudar contra todollos homēes do mundo. E esta jura vos faço por que avya razō de quebrātār a jura que vos fezera em vosso poder; mas agora nō avereĩ razō de quebrātār esta, pois que vos sodes ã meu poder e que posso fazer de vos o que eu quiser.

Entõ pos as mãaos ãnos Avãgelhos e jurou de nunca hyr contra elle nẽ cõtra seu filho e de o ajudar contra todollos homẽes do mundo. E, despois que esto firmou, disse ao rei de Tolledo que, por o mal que el rey de Cordova estragara os pãaes e os outros fruitos ã Tolledo, que lhe queria hyr fazer guerra.

Muyto foy alegre el rey de Tolledo por todas estas nobrezas e boas condições que vyo em el rey dõ Afomso e por a muy grã lealdade que mostrava contra elle. E essa noyte dormyo el rei de Tolledo ãna hoste cõ el rei dom Afomso e falarõ ã muytas cousas de como hiriã correr a terra ao rey de Cordova. Mas logo ã outro dya de grande manhãa foyse o rey mouro pera Tolledo, por se guisar como fosse cõ el rey dõ Afomso.

⁴¹⁵ E el rei dom Afomso fez logo mover sua hoste de Olyas pera Cordova. E el rei de Tolledo foyse com elle e correrõ toda a terra do rey de Cordova. E guañharõ muytas villas e destroyrom muytos castellos e roubarõ e estragarõ toda aquella terra; e tornaronse cõ grandes roubos pera suas terras. E, des alli ã diante, nõ foi ousado rey de Cordova nẽ outro nẽ hũu fazer guerra ao rey de Toledo.

CAPÍTULO DXVI

Como el rey dom Affomso foy correr terra de mouros

Despois que el rei dõ Afomso tornou da yda de Tolledo, como avedes ouvydo, logo ã esse meesmo ãno, assi como estava apoderado de muyta jente e muy esforçada, sacou sua hoste muy grande e ãtrou ã terra de / [214a] mouros. E correulhes toda a terra e queymou e estragou e roubou quanto achou. E tan grande medo e spanto meteo em elles que todollos mouros d'Espanha lhe derom tributo, e esto por lhes nõ fazer mais mal.

E, des os tres ãnos do reynado de dom Afomso, nõ achamos cousa que de cõtar seja, se nõ que em este ãno morreo o papa Aleixandre e foi posto em seu logar Gregorio; e foron com elle cento e novẽeta e seis apostolligos.

Em este ãno lidou o Cide com hũu cavalleiro dos mayores de Navarra, que avya nome Symõ Garcia. E esta lide foy sobre hũu castello que ha nome Paz Longo e sobre outros dous castellos. E venceu o Cide e foi morto Symõ Garcia. E cobrou el rei dom Afomso os castellos. E, despois desto, lidou cõ o Cide hũu mouro que avya nome Faras e era muy bõo cavalleiro. E o Cide matouho. E foy esta lide ã Medina Celly.

⁴¹⁶ CAPÍTULO DXVII

Como el rey dom Afomso mandou o Cide por as parias a Sevyilha

Andados IIIº ãnos do reynado del rei dõ Afomso – que foy na era de myl e cento e doze ãnos – ãvyou el rey dom Afomso o Cide por as parias a el rey de Sevyilha. E elle avya entõ muy grande guerra cõ o rey de Graada. E este rey de Graada avya ã sua companhia ricos homẽes de Castella, assi como era o cõde dõ Garcia Ordonhez e Fernã Sanchez, jenro del rey de Navarra, e Lopo Sanchez, seu irmãao, e Diego Perez, hũu dos mayores de Castella. E foron sobre o rey de Sevyilha. E o Cide, quando o soube, pesoulhe muito, por que era vassallo del rei dõ Afomso, e mandoulhes que nõ quisessem vñr sobre o rey de Sevilha, nẽ lhe estragar a terra, ca soubessem por certo que era vassallo del rey dõ Afomso e que lho averyã por mal; e que, se ã outra guisa quisessẽ fazer, que el rey dõ Afomso / [214b] ajudaria seu vassallo.

E el rei de Graada nem os ricos homẽes nõ derom por esto nẽ hũa cousa e entrarom pella terra del rey de Sevyilha ataa Cabra, queymando e destroyndo quanto achavã. E o Cide, como vyo que elles nõ catavã rẽ por o que lhes ãviara dizer, ajũtou esses cristãaos que pôde aver e foi contra elles. El rey de Graada e os que cõ elle andavã ãviarõlhe dizer que nõ sairã por elle da terra. E o Cide ouve desto grande pesar e foi a elles e lidou cõ elles. E durou a batalha des hora de terça ataa vespera e morrerõ muitos da parte del rey de ⁴¹⁷ Graada. E venceu o Cide a batalha e fezeos fugir do campo. E foy preso o conde dom Garcia Ordonhez e Lopo Sanchez e Diego Perez e outros muitos cavalleiros e muyta outra jente. E os que morrerõ foron tantos que era hũa grande cousa de dizer. E o Cide mandou aos seus que roubassem o campo, ãno qual forõ achadas grandes riquezas. E teve o Cide aquelles ricos homẽes presos tres dias e despois mãdouhos soltar. E desy tomousse cõ grande hõrra e muyta riqueza pera el rey de Sevilha que o recebeo muy bẽ e deulhe muy ricas parias e muy compridas.

E o Cide tornou logo a Castella muy rico e honrrado. E el rey dom Afomso recebeuho muy bẽ e ficou delle muy pagado por aquello que fezera. E, por todas estas boas andanças que viinhã ao Cide ã cada hũu dya, muytos lhe queriam mal por ãveja. E mizcrarõno com el rey.

CAPÍTULO DXVIII

Como el rey dom Afonso foy outra vez correr terra de mouros

Depois desto, ajūtou el rey dō Afonso sua hoste muy grande e foi sobre os mouros. E o Cide, que ouvera dhyr cō elle, adoeceu e nō pode hyr allo e ficou ãa terra. E el rey dom Afonso ē trou per a terra dos mouros e destroyu delles muitos e tomoulhes muitas terras e fezlhes muyto mal. E andou enna Andaluzia, destroyndo e fazendo grande estragamēto.

Mas, em quanto elle ã/dava [214c] esto fazendo, ajuntousse hũa grãde companhia de mouros doutra parte e ētrarō pella terra e cercaron Sancto Estevō de Gormaz ⁴¹⁸ e fezerō muito mal ãa terra. Em todo esto, o Cide hya ja esforçado. E, quando ouvyo o que os mouros avyã feito, pesoulhe dello muito e ajuntou aquella jēte que pode aver e foi a elles. E os mouros, quando souberom como viinha ho Cide a elles, nō ho ousarō de atender e fugirō. Mas o Cide seguyos e foy empos elles ataa Augua d'Alffajara. E toda a terra queymou e estragou todo quanto achou ataa Tolledo, assi que nō ficou nem hũa cousa que todo nō estragasse; e cativou muytos mouros, ē guisa que forom bem seis mil antre barões e molheres. E desi tornou-se muito honrrado, elle e todollos que com elle forom.

CAPÍTULO DXIX

Como foy mizcrado o Cide com el rey dom Afonso; e como o deytou de toda sua terra

Depois que o Cide foy tornado donde fora ēpos os mouros, como ja ouvystes, el rey de Tolledo, vēdo o grande dampno que delle recebera, ēvyousse del querellar a el rey dom Afonso. E elle, quando o ouvyo, pesoulhe dello muito. Mas os ricos homēes que desamavã o Cide, quando aquello ouvyrō, ouverō aazo pera lhe buscar mal com el rei. E entō disseronlhe:

– Senhor! Roy Diaz, o Cide, quebrātou a vossa verdade e a paz que avedes cō el rei de Tolledo que vos tanto amava. E esto nō o fez por al, se nō que vos matassē aco os mouros.

⁴¹⁹ E el rei foy muy sanhudo cōtra o Cide. Ca el rey dom Afonso ainda nō avya olvydada a jura que lhe tomara afficadamēte por a morte del rei dō Sancho e queralhe por ello grande mal.

E veosse logo pera Castella. E, logo que chegou a Burgos, mandou logo por o Cide que se vehesse veer com elle. E o Cide sabya ja muy bē como era mizcra/do [214d] cō el rei. E, quando chegou aa corte e foy ante el rey e lhe quis beyjar a mǎao, elle nō lha quis dar; ante lhe disse mui sanhudamēte que se saisse de seu reyno. E o Cide deu das esporas a hũu muu em que estava e pôsesse em hũa sua herdade. E disse a el rey:

– Nō estou no vosso mais no meu!

E el rei lhe disse outra vez:

– Saydeme dos meus reynos sem outro delōgamēto nē hũu!

E o Cide disse:

– Senhor, dademe prazo de trinta dias a que me saya da terra, assy como he derecho dos filhos d'algo.

E el rei disse que o nō faria, mas que daquelle dia a nove dias se saisse da terra; se nō, que elle ho hyria catar.

E desto prougue muyto aos condes, mas pesou muito aos da terra. E a estas pallavras se partio el rei do Cide.

⁴²⁰ CAPÍTULO DXX

Como o Cide guysou como se fosse da terra del rey dom Afonso

Conta a estorya que, depois que o Cide se partio del rey, que ēvyou per suas cartas chamar seus parētes e amygos e vassallos e fezlhe queixume del rei dom Afonso como, sem nē hũu merecimēto, o mǎdava sayr da terra, dizendolhes assi:

– Amigos e parentes, de vos quaaes queredes hyr cōmygo. E os que cōmigo quiserdes hyr, Deus vos dê bōo gallardō! E os que ficar quiserdes, nō me pesara dello.

Entō dō Alvaro Fernandez disse:

– Certo vos digo de mǎy que cōvosco me quero hyr.

E, assy como elle disse, assi disserom todos os outros, e que o servirĩa muy de grado, que nē hũu nō se scusaria de o servyr.

Quando o Cide esto vyo, chamou hũu seu sobrinho, filho de Fernã Diaz, seu irmãao, que avya nome Martĩ Antoniiz, e disselhe ē puridade que fosse a Burges e fallasse cō os judeus, que se vehessē veer cō elle, ca avya de fallar cō elles algũas cousas de seu servyço.

Martí Antoniiz foyse a Burgos. E, equanto elle allo foy, mādou o Cide to/mar [215a] duas arcas cubertas de godomicil e bem ferradas e muy fremosas ⁴²¹ e mandouhas encher d'area. E, ã cima da arca que era dentro maravyllhosamēte cōcertada, poserom muytas pedras preciosas. E esto era feito por tanto e o Çide era homē mui entendido, e quis fazer aos judeus este ēgano por aver delles algo, por que era em tempo que lhe fazia mester pera dar aaquelles que se cō elle partiã da terra.

E, quando chegarō os judeus, fallou o Cide com elles en grãde segredo, fazendolhes entender ã como tiinha em aquellas arcas grande aver ã ouro e em pedras preciosas e ã aljoffar, e como o manda el rei sayr da terra e que as nō podya levar conssegio; e que lhes rogava que lhe emprestassem sobre elas algũu aver que avya mester. Os judeus eram muyto ricos e fiavam muyto do Cide, por que nũca ã elle acharō mēтира ã cousa que com elle ouvessem de fazer. E, veendo os judeus as fremossas palavras do Cide e como era homē de grande verdade, receberam ã sy as arcas, con tal cōdiçō que as guardassem ataa hũu ãno e, se as nō quitasse ataa este tēpo, que as abrissem e que se ētregassem do que lhe emprestavã e das gãaças que avyã d'aver; e o al que lho guardassē. E, a avēça feita e firmada, ēprestaronlhe IIIº marcos d'ouro e IIIº marcos de prata. E desto fizeram muy firmes cartas quaaes cōpriã. E, feito esto, levarō as arcas a Burgos e derō todo ho aver a Martí Antoniiz.

E, desde que o Cide ouve o aver, moveo logo de Vyvar camynho de Burgos. E, quando sayo dos seus paaços e vyo como ficavã hermos e todos seus lavradores desemparrados, tornousse ao oriente e pos os giolhos ã terra e fez sua oraçō ã esta guysa:

– Rogote, meu Senhor Jhesu Cristo, que, por tua mercee, me des poder e saber pera eu sempre defender a tua sancta fe catholica; e possa destroyr ⁴²² os inmiigos della. E esto me fa/ze, [215b] Senhor, por os mericimētos e rogos da tua santa madre e bēta virgem Maria. E possa delles aver per que faça os amigos. E guardame, Senhor, e estes que cōmigo vēe!

E, feita sua oraçō, levātousse. E chamou seu primo dō Alvaro Fernãdez e mādoulhe que castigasse as gentes que nō fezessē mal ãna terra, ca nō ham culpa os poboos do mal que faz o rey. E entō cavalgou. E, ã cavalgãdo, disse hũa velha:

– Vay em tal hora que, quanto achares ante ti, todo estragues!

E o Cide, cō este prenuço, cavalgou que se nō deteve mais.

E sairō de Vyvar e catou agoiro. E vyo hũa cornelha seestra, que mostrava que tornariã a sua terra com honrra. E disse entō o Cide:

– Quero, amigos, que saibhades tãto de nossa fazēda que, cō a mercee de Deus, tornaremos a Castella cō muy grande hōrra e cō grande gãaça.

E, desde que chegou a Burgos, el rey nē os que eram cō elle nō o foron receber, por que o defendeo el rei. E o Cide mandou ficar suas tendas enna grira. E esse dya deulhe de comer Martim Antoniiz, e todo o que ouve mester. E essa noyte albergou em esse logar.

⁴²³ CAPÍTULO DXXI

Como o Cide chegou a Sam Pedro de Cardena e como partio seu aver

Em outro dia grande manhã, mādou o Cide alçar suas tendas. E mādou tomar quanto gaado acharom fora da vylla e nas Ançaras e mandou mover ryjo pera passar o Passo das Ançaras. E assi chegarom a Sam Pedro de Cardena, onde ēvyara a molher e as filhas. E, quãdo vyo que nō saya nē hũu ēpos elles, mādou tornar apressa a Burgos.

E dona Symona e suas filhas e o abbade dom Sancho sairōno a receber; e as filhas beyjaronlhe a mãao.

E em outro dya fallou o Cide cō o abbade, que era homē de sancta vyda, e cōtoulhe toda sua fazenda e como queria leixar a molher e as filhas em sua ēcomenda. E / [215c] rogouho, como amigo, que lhe fizesse muita honrra. E o abbade prometeolhe de o fazer. E o Cide mandoulhe dar cincoēta marcos de prata e a dona Symhona cē marcos d'ouro pera sua despesa; e rogou o abbade que lhe desse o que ouvesse mester e elle lho pagaria muy bem. E o abbade prometeo de lho fazer assi.

CAPÍTULO DXXII

Como o Cide se sayo da terra del rei dom Afonso e dos feitos que fez

Muyto grande foy o pesar que ouverō os Castellãos por que el rei dom Afonso deitara o Cide do reyno. E, estando elle ãno moesteiro de Sam Pedro, forōno veer muytos honrrados homeens e muy filhos d'algo de Castella. E elle recebeuhos muy bē e prougelhe muyto com elles. E esse dia folgaram em ⁴²⁴ aquelle logar e partio o Cide todo o aver muy bem com todos, ca, segundo era cada hũu, assy lhe dava.

E em esto erã ja passados os VII dias. E em este dia se partio o Cide de sua molher e de suas filhas e andou toda a noyte. E ã outro dia foi jantar a Espinhaço de Cã. E partiosse dally e passou o Doyro per barcas e foi pousar sobre Frenola.

E essa noyte, em dormido, apareceolhe ã visom hũu angio que lhe disse:

– Vay avante e ão temas nada, ca sempre te hira bẽ ã quanto viveres, e cobraras o que quiseses e seeras sempre rico e honrrado!

E o Cide, como acordou, sayo da cama e posesse ã oraçom, gradecendo muito a Deus o ben que lhe fazia.

E, como foy manhã, passou a serra de Myedes, que jazia a deestro d’Ateença, que era dos mouros. E, ante que se o sol levantasse, fez alardo por saber que jente levava e achou que levava trezentos cavalleiros e tres mil peões. Entõ lhes disse Cide:

– Amigos! Cavalguemos e vaamos aalem da serra e sairemos da terra del rey dom Afonso, por que oje he o prazo / [215d] dos nove dias a que avemos de sayr da sua terra. E, depois, quẽ nos quiser buscar, enno campo nos achara.

CAPÍTULO DXXIII

Como o Cide guanhou Castrejo, deque foy fora da terra del rey dom Affonso

Despois que o Cide ouve feito o allardo, mādou passar a serra de noyte. E pousarom logo ao pee della, por ão seerem descubertos; e esteverõ hi todo o dya dando cevada e penssando de si. E, como foy noite, andarõ seu caminho, em tal guisa que chegarõ acerca dhũu castello que avya nome Castrejo; e jaz ⁴²⁵ sobre Fenares. E, como chegarõ, o Cide partio logo sua jente e mandou dom Alvaro Fernandez cõ duzentos cavalleiros que corresse Fita e Augua d’Alfajara e Alcalla e que trouxesse quanto achasse; e que esto ão leixasse de fazer por medo del rey dom Afonso ã dos mouros; e que, se ouvesse mester ajuda, que lho ãvyasse dizer. E dom Alvaro Fernandez fez como lhe o Cide mandou.

E o Cide esteve em aquelle logar ataa que foy manhã. E ãna manhã, logo que os mouros de Castrejo abrĩrõ as portas, ão se guardando de tal cousa, sayo o Cide donde estava ãna cillada e correo todo o logar. E matarõ muytos mouros e tomarõ muytos gaados. E aderençarõ aa porta do castello e entrarõ de volta cõ os da vylla, ferindo e matando em elles, ã tal guisa que guanharõ o castello e acharõ em elle muyto ouro e muyta prata.

E, em quanto o Cide fez esto que avedes ouvydo, dom Alvaro Fernandez correo todollos logares que lhe per o Cide forõ devysados e fez grande mortayndade ãnos mouros; e trouxe muytos gaados e muitos cativos. E o Cide sayoho a receber. E, deque foron assessegados, mādou ajũtar / [216a] todo o aver que fora achado ãno castello e outrossy todo o que trouxera Alvaro Fernandez e disselhe:

– Coymãao, tenho por bem que, de todo esto, vós tomedes o quinto, ca o merecedes muy bẽ.

Dom Alvaro Fernãdez gradeceulho muyto e ão o quis tomar. E disse ao Cide:

– Vos avedes esto mester pera mãteervos e nos.

E, depois que todo foi partido, o Cide mandou dizer a el rey que assy sabya elle desservyr senhor. Muy bem pagados foron os do Cide da sua partiçõ. Mas elle ão avya a quẽ vender o seu quinto; e mandou dizer aos mouros ⁴²⁶ dos logares que lhas vehessem comprar. E os mouros prougelhe dello muyto e veheronlho cõprar. E deronlhe por o seu quinto tres myl marcos de prata por os cativos e por os gaados. E pagaronlhe todo em tres dias. E deste roubo forom todos muy ricos.

CAPÍTULO DXXIV

Como o Cide fez muito mal ã terra de mouros e como lhes tomou Alconciel

Estando o Cide em aquelle castello, fez ajũtar todollos homẽes bõos que andavã ã sua companhia e disselhes:

– Amigos, ão me parece que em este logar podemos aver morada. E esto por duas cousas: a primeira, por que o castello ão tem augua; e a segunda, por que os mouros deste logar som vassallos del rei dõ Afonso; e, como souber que aqui somos, verra sobre nos cõ todo seu poder e dos mouros, e ão sera aguisado de o nos aqui atendermos. Porẽ vos rogo, amigo, que ão tenhades por mal esto que vos digo e, se por bẽ teverdes, leixemos este castello ã esta maneira: leixemos aqui algũs dos mouros que teemos cativos, que o tenham da nossa mãao. Ca ão he bẽ de levarmos mouros cativos ã nosso rastro, mas devemos de andar o mais aforrados que podermos andar, come aquelles que andã cõ ira de seu senhor e hã de vyver per suas armas com / [216b] grande perigoo dos corpos.

⁴²⁷ E, desto que o Cide disse, prouge muyto a todos e ordenarõ logo o feito do castello ã aquella maneira que dissemos. E desy mādou logo guisar como se fossẽ dalli. E os mouros ficarom ãno castello

com este preito e foram muy pagados delle. E teverã que lhes fezera grande mercee.

Em outro dia de grande manhã, cavalgou o Cide cō todos os seus cōtra Fenares acima, sua bandeira alçada, e chegarō aas Covas d'Ongria, a par do ryo de Sarazo. E forō albergar antre Refarga e Centina, estragando toda a terra e fazendo muyto mal e matãdo muytos mouros, como estava a terra segurada. E o outro dya moverō dally e foronsse a foz ajuso. E passarō per a par d'Urca e forō pousar sobre hũu outeiro redondo perto do ryo de Salon, por tal que lhes nō podessē vedar a agua, ca êtendeu o Cide dally guaanhhar Alconcier. E, despois que forō apousentados, forō veer Alconcier, se avya algũu logar per que se guaanhhar. E os mouros fallarom ao Cide que lhe dariã as parias e que lhes nō fizesse mal; e elle nō quis. E tomousse logo pera seu arreal.

E, estando alli, forō as novas pella terra como el rey dō Afomso avya deitado o Cide da terra e como andava fazendo muyto mal aos mouros. E, quando esto souberō os de Callataud e de Darota e das outras terras, pesoulhes muyto cō tal vizinho.

⁴²⁸ CAPÍTULO DXXV

Como o Cide guaanhhou Alcōcier per arte de fremoso saber de guerra

Esteve o Cide ã aquelle logar quynze somanas fazendo muyto mal aos mouros. E, desque vyo que desta guisa nō podia aver o castello, fezelho esta arte: mādou mover toda sua jente como que hya fugindo; e mandou leixar as tendas no real. E, elles hyndosse cō tal finta como dissemos, levãdo sua bandeira levãtada, os mouros do castello, quando esto virō, penssarō que fogiã e ouverō muy grande prazer. E começaronssse ã esto a volver muy fortemente, dizêdo:

– Fugĩdo vã aqueles, / [216c] ca lhes falleceo a vyanda e nō pode levar as tendas!

E ouverom seu acordo como fossem empos elles, dizendo:

– Vaxenos a gaaça! E, se o souberem de Turuel primeiro que nos, sua seera a prol e a honrra, e nos nō averemos porẽ nada nem cobraremos nẽ hũa cousa de quanto mal nos hã feito.

E, cō este alvoroço tã grande, sayron empos elles, quẽ mais podya correr, dando grandes vozes e fazendo grãde arroydo. E tanto o faziam de vōotade, que nom ficou nẽ hũu no castello, que armas podesse tomar, que nō saisse empos elles com grande pressa, doestando muy mal o Cide e suas cōpanhas. E o Cide hya fogĩdo todavya e defendendo aos seus e castigandoos que nō tomassem a elles, a menos que fossem bem alongados. E, desque o Cide entendeu que os mouros nō se poderiã acolher assy de ligeiro, mandou tomar a bandeira; e que os ferissem de ryjo. E os seus, como derom tornada, ferirō em os do ⁴²⁹ castello tam fortemẽte que os desbaratarō. E morrerō hy muytos delles e os que poderō, fugirō, e o Cide com os seus matando e ferindo em elles.

E o Cide cō os bem êcavalgados adyantarōssse e tomarō a porta do castello. E ã este logar foy feita grãde morte ã os mouros, ca os cristãaos entrarō cō os mouros ãno castello de volta. E Pero Vermuiz foi logo poer a bandeira ã o mais alto logar do castello. E o Cide pôsesse ã giolhos e deu muytas graças a Deus do ben e mercee que lhe avya feita. E despois disse aos seus:

– Amigos, ja melhoramos as pousadas e as camas. E, per como o eu cuydo, grande he o aver que jaz ã este castello. E hide todos filhar pousadas e cativade os mouros que hi achardes. E nō os matedes, ca melhor seera que nos servamos delles e elles mostrarnos ham os averes que tẽe escondidos.

E mādou logo por as tendas que ficarō no arreal.

CAPÍTULO DXXVI

Como el rey de Vallêça mādou cercar o Ci/de [216d] ã Alconcier e como se livrou

Conta a estorya que, quando esto souberon os de Tieca e de Callataud e de Darõca e de Molyna e dos logares acerca, que lhes pesou muito, temendosse de aquello meesmo. E êviarō logo seus mādadeiros a el rei de Vallença, que soubesse por certo que hũu homẽ a que chamavã Roy Diaz, o Cide, que o avya deitado de seu reyno el rei dō Afonso e que avya ja estragada toda a terra e guaanhara ja Alconcier e matara quãtos mouros hi achara; e que, se ã esto nō ouvesse consselho, que todos aquelles logares erã perdidos, por que tam mortalmente sabia fazer guerra que nō temya nẽ hũa cousa; e que avya ja estragada toda a ribeira do Salon d'ambalas partes.

⁴³⁰ E el rei de Vallêça, quando esto ouvyo, pesoulhe muyto. E mādou por dous reis que hi erã cō elle e mādoulhes que tomassē tres mil cavalleiros e jente de pee quanta quisessē e mais que levassē todollos frõteiros; e que fossem allo e que lhe levassem o Cide bem preso, ca elle queria delle tomar vyingãça do grãde mal que avya feito ã sua terra.

Os dous reis fizeram o que lhes mandou o rey de Vallença. E estes reis, hũu avya nome Fiziz e outro Galbe. E sairō de Vallêça cō suas cōpanhas e a primeira jornada veherom a Sogrove. E ã outro dia

chegarõ a Calffa de Canal. E dally ãvyarom por os cõcelhos e que fossem todos a certo dia, assi de cavalo como de pee, cõ elles ã Callataud; e que esto fosse ataa tercer dya. E por este mãdado ajuntaronse hy muy grandes cõpanhas a estes dous reis. E foron cercar o Cide em Alcõcier e ficarom suas tendas ã redor do castello. E os mouros erã tantos que era hũa grande maravylha; e ã cada hũu dia creciã.

E o Cide nõ sperava ajuda se nõ de Deus, em que se esforçava muyto. E assy o aficarõ que lhe vedarõ a agua. E os do / **[217a]** Cide queryã sayr a elles, mas elle nõ querya. E desta guisa o tenerõ cercado tres domaas. E, veendo o Cide o tempo da cerca Como durava muyto, mãdou chamar dõ Alvaro Fernãdez e todollos outros e disselhes:

– Amygos, ja vós bem veedes como os mouros nos tõe cercados e nos tolhem a agua; e, de vyanda, avemos pouca. E elles crecẽ e nós mÿguamos. E estamos em sua terra. E, se nos quisermos hyr, nõ nos leixarã, pois a furto nõ nos podemos hyr, e ao ceeo nõ podemos sobir, nẽ a terra nõ nos querra colher vyvos. E por estas cousas, se por bem teverdes, quero que lidemos cõ elles e ou os venceremos ou morreremos honrradamẽte.

E dom Alvaro Fernandez disse:

– Saydos somos cõvosco de Castella e postos em lugar ã que nos ⁴³¹ muyto faz mester esforço e bondade. E, se cõ os mouros nõ lidarmos, nõ nos querrã dar o que avemos mester. E, como quer que nõ somos poucos, pero somos todos de hũa coraçõ. Sayamos a elles cõ a mercee de Deus vencellos hemos. E vaamos em elles ferir muy sem medo, como homẽes de muy grande esforço. E, se o por bem teverdes, esto seja logo de manhã. E, se aquy ha algũs que nõ sejã confessados, logo vos confessade e arrependede de vossos pecados.

E todos tenerõ por bem o que dom Alvaro Fernãdez disera. E o Cide gradeceulho muyto e disse:

– Cuyrmãao, vos fallastes como eu queria.

E mandou logo deitar do castello todollos mouros por nõ saberẽ o que elles queriam fazer. E, depois que os ouverõ fora, concertarõ todallas cousas que lhes eram mester pera a batalha.

CAPÍTULO DXXVII

Como o Cide lidou com dous reis mouros que o veherrom cercar e como os venceu

[217b] Em outro dya de grãde manhã, sayo o Cide do castello com toda sua cõpanha, que nõ ficarom se nõ dous homẽes de pee a que elle mandou que çarrassem a porta e se fossem pera cima do muro pera as defẽder. E esto fazia elle por tãto que, se os mouros vẽcessem, o castello seu era e aquelles dous homẽes nõ lho podyã defender: e que, se elles vencessem, que terriam o castello guardado.

Entõ mandou o Cide a Pero Vermuiz que tomasse a sua bandeira e ⁴³² castigouho como fizesse; e que nõ movesse sem seu mandado. E Pero Vermuiz beyjoulhe a mãao e tomou a bandeira. E o Cide tornou-se entom a todos e faloulhes muytos exemplos de grande esforço e esforçandoos e castigandoos como fizessem ãna batalha.

E, depois que os teve bem ensynados e ordenados como ouvessẽ de fazer, entrarõ ãna batalha, chamãdo a grandes vozes: «Sanctiagio!» e «Vyvar!»: E, como saïrom sem sospeyta da vylla, fizeram grande dampno ãna hoste ante que se podessem perceber; e espargerõnos a todallas partes. Pero os mouros cobrarõ corações e ajuntaronse e poseron suas aazes. E tam grande era o arroydo das trombas e dos atambores que se nõ ouvya. E ã aquella batalha avya cem bandeiras afora as dos reis. E, como tenerõ regida sua batalha, moverõ logo cõtra o Cide, cuydando de tomar aas mãaos. E o Cide cõ os seus estavã muy bem regidos, esperandoos. E, como forõ preto delles, Pero Vermuiz nõ o pôde mais sofrer e disse ao Cide:

– Acorrede aa bandeira!

E, como ouve dita esta pallavra, ferio o cavallo das sporas e fuisse meter onde os mouros erã mais espessos, recebendo delles muytas feridas por lhe fazer abaixar a bandeira. Mas elle tragia nobres armas e nõ lhas podyã falssar nẽ lha levar das mãaos, ca elle era homẽ muy vallẽte e bem cavalgador e de grande coraçõ. Mas o Cide, que nõ era esqueecido / **[217c]** do sobrinho nẽ da sua bandeira, seguyoy muy esforçadamẽte, matãdo e ferindo e derribando, ã tal maneira que daquella vez matarõ passados de myl mouros e passarõ as aazes da outra parte. E, como derõ tornada, derribarõ outros tãtos. E tã de coraçõ os feriam os cristãaos que lhes nõ prestavã armas nẽ hũas. E o Cide, per onde hya, todos lhe faziã carreira; e assy os feria sem piedade que nõ hũu nõ ho ousava d'atender. E ã pouca d'ora fezerõ tanto per suas mãaos ⁴³³ que forõ dos mouros mortos, antre os de pee e de cavallo, passados dous myl e quinhẽtos. E aas vezes era o Cide e os seus ã mui grande pressa. Mas tã bem os escarmẽtavã que era hũa grande maravylha.

E, teendo elles em este ponto a batalha, matarõ o cavallo de dom Alvaro Fernãdez. E nõ tiinha ja lança e, ã estando assi a pee, defendiasse cõ a espada. E de tal força feria os mouros que acaçava, que todollos fazia cayr ante sy, assy que nem hũu nõ era atrevudo de se chegar a elle. E o Cide, quando o assi vyo estar, foy ferir hũa almocadẽ mouro que andava morto por prender Alvaro Fernãdez e deulhe tã

grande golpe golpe da spada que ho atravessou e cayo morto ã terra. E o Cide tomou o cavalo e deuho a dõ Alvaro Fernandez e disselhe, ã louvãdoo de seu bõo fazer:

– Cuyrmãao, cavalgade, ca vos sodes o meu braço deestro! E, louvado seja Deus, assy o mostrou oje aquy e o demonstrará ao dyante! Hora he mester que os comecemos muy esforçadamẽte, ca ainda os vejo estar muy fortes que se nõ querem vencer.

E, depois que dom Alvaro Fernandez cavalgou, começaram outra vez os mouros muy fortemẽte, em tal guisa que os forã arrancando do cãpo, ca os mouros estavã ja assi escarmẽtados de ferir dos cristãaos que os nõ ousavã de atender. E o Cide vyo hyr el rei Fariz que se hya da batalha; e foy ãpos elle, ferindo e derribando os que ante sy achava, assi que os desbaratou. E ãcontrou cõ el rei Fariz e deu/lhe [217d] tres golpes que lhe rompeu a loriga e o corpo, em tal guisa que se lhe hya o sãgue pellas pernas. E, desde⁴³⁴ se el rei sentio assy mal ferido, deu das sporas ao cavallo e começou de fugir. E Martim Antoniiz ferio rey Galbe da espada per cima do elmo, que lho cortou e chegou a espada aa carne. E quiseralhe dar outro golpe, mas el rei nõ o quis asperar. E desta guisa foron os mouros vençudos. E o Cide e os seus, ferindo e matãdo ã elles, e duroulhes o encalço VII legoas.

Desi tornou-se o Cide cõ os seus ao logar onde fora a batalha e tomarõ quanto acharõ ãno cãpo. E forã achadas muytas armas e grandes averes e muitos cavallos, ã tal guisa acõteceu ao Cide em seu quinto duzentos e sasẽta cavallos. E fez muy bem partir a guãça a todos comunalmẽte, ã guisa que todos forõ bem cõtentes. E, depois que ouverõ roubado o campo, ãtrarõ enno castello. E mandou entõ o Cide colher dentro os mouros que ante da batalha forõ fora.

Mas queremos aqui dizer quaaes foron aquelles que em esta batalha ouverõ avãtajem e per que ella foy vençuda, por que os seus nomes e bõos feitos nõ sejã esquecidos, ca, como quer que os corpos som mortos, vyvẽ as suas boas famas; e outrossi por que todos os que hã corações e desejo de bem fazer achem bõos exẽpros daquelles que esta batalha vencerõ. Primeiramẽte, foy o Cide, como mayor e melhor; e dom Alvaro Fernandez; e Martim Antoniiz; e Pero Vermuiz, sobrinho do Cide; e Nuno Gustiuz; e Alvaro Alvarez; e Marti Salvadorez; e Fellis Munhoz; e Guylhẽ Garcia, que teve Mõte Mayor. E estes principaaes e outros muytos que aquy nõ nomeamos foron tã bõos que, per o bem que elles fezerõ, foy vencida esta batalha.

⁴³⁵ CAPÍTULO DXXVIII

Como o Cide mandou o primeiro presente a el rei dom Affomso

[218a] Depois que o Cide partio todallas cousas da batalha cõ os seus, como ja ouvystes, fallou cõ dõ Alvaro Fernãdez e disselhe:

– Meu primo, tenho por bẽ que, do meu quynto, tomedes vós quãta for a vossa vootade, ca todo o tenho ã vos por bẽ empregado.

E dõ Alvaro Fernandez gradeceulho muito e disselhe que nõ tomaria dello nõ hũa cousa, ca assaz avya no que lhe a elle acontecera ãna sua parte. Entom lhe moveo o Cide outra razõ em esta guisa:

– Bem sabede, coyrmãao, como e por que me el rei dom Afomso deitou da terra. E Deus me fez muyta mercee, como vos bẽ sabedes. E por esto he mester que lho gradeçamos muy bem e desy que conheçamos senhorio a el rei dõ Afomso, por que nõ digam ã Castella que sempre nós dormymos. E porẽde teria eu por bem, se vos quisessedes, que fossedes a Castella e que levedes do meu aver quanto for mester e que façades cantar myl missas ãna igreja de Santa Maria de Burgos. E levaredes estas sinas dos reis mouros e poedeas ãna igreja muy hõrradamẽte. E levaredes a nosso senhor el rei cincoõta cavallos ã serviço, cõ suas espadas aos arçõoes; e beyjadelhe a mãao⁴³⁶ por mĩ e dizedelhe como sabemos aca passar antre os mouros. E saudarm’edes a minha molher dona Symona e meus filhos e dizeelhes como me vay muy bem, graças a Deus. E dadelhes vos o que ouverem mester. E saudademe o abbade dõ Sancho e dadelhe cincoõta marcos de prata, por tal que rogue a Deus por nos. E, por que toda esta terra he estragada e nós nõ poderemos ã ella vyver, segundo o que eu cuydo, yrnos emos logo daquy. E eu vos mãdarei dizer onde quer que nos formos.

E, depois que o Cide disse todas estas cousas, respondeu dõ Alvaro Fernandez e disse que de grado compriria todo o que elle mã/dava. [218b]

CAPÍTULO DXXIX

Como dõ Alvaro Fernandez levou o presente a el rey dom Affomso; e das cousas que o Cide ãtretãto fez

Conta a estorya que o Cide aparelhou a dõ Alvaro Fernãdez muy bẽ e muy cõpridamẽte todallas cousas que avia de levar, que lhe nõ falleceu nõ hũa cousa, e ãvyouho que se fosse pera Castella.

E, depois que se dõ Alvaro Fernandez foy, o Cide ficou ally cõ toda sua cõpanha, fazẽdo grãdes

cavalgadas e muyto mal aos mouros d'arredor de sy, por aver razõ de lhe os mouros ãprestarẽ algo sobre Alconcier, e que se hiria ende.

⁴³⁷ E o Cide chegou a hũu mõte que he sobre Monrreal e ficou hy suas tendas. E este lugar era muyto alto e muy forte, assi que o Cide nõ temya guerra nõ hũa. E dalli fazia muyto mal a Cupuel e a Medina e aos outros logares d'arredor, ataa que lhe conhecerõ senhorio, e outrossi Celfa do Canal e toda a outra terra ã redor.

Mas aqy leixa a estoria a fallar do Cide e torna a fallar de dõ Alvaro Fernandez.

CAPÍTULO DXXX

Como el rei dom Afonso recebeu o presente que lhe o Cide mãdou per dom Alvaro Fernandez

Despois que dõ Alvaro Fernandez partio do Cide, andou per suas jornadas tão que chegou a el rei dõ Afonso a Castella. E achouho ã Leon e apresentoulhe diante cincoẽta cavallos cõ senhas spadas aos arções; e erã ⁴³⁸ todas guarnidas de prata. E el rey dõ Afonso recebeu mui bẽ dõ Alvaro Fernãdez e sorrisse, dizendo:

– Quẽ me ãvya este presente?

E dõ Alvaro Fernãdez disse:

– O Cide, que vós deitastes da terra. E, do que elle despois guaanhou, ãvyavos este presente, conhecendo vosso senhorio, ca elle vyve per o trabalho das armas, como homẽ eixerdado. E guaanhou dos mouros Castrejo e Alcõcier. E el rei de Valença o mandou hy cercar cõ dous reis mouros e cõ todo seu poder. E, tẽdoo cercado, / **[218c]** lidou com elles e venceuuhos. E forõ mortos muytos mouros e os reis fugirõ muy mal feridos. E tam grande foy a gaança que o Cide fez ã cavallos e armas e ouro e prata e mouros cativos que, quãtos cõ elle andavã, todos som ricos. E, do seu quinto dos cavallos, mandouvos estes cinquenta, assi como vós veedes, como a senhor de que atende muita mercee.

E el rei disse:

– Muyto gradeço ao Cide este presente, e a vos que mho tragedes, e queroo delle tomar e fazerlhe muyto bem e muyta mercee, ca tal he o Cide que de cristãaos e de mouros avera o que lhe for mester. E, se nõ fosse o amor que hey com el rei de Tolledo, logo lhe perdoaria. Mas esto nõ poderia fazer tam asynha. Mas tenho por bem de perdoar a vos e de vos dar a terra que tiinhades de mỹ. E ydevos cõ a mynha graça e viindevos quando quiserdes. E mando e tenho por bem que todollos homẽes do meu senhorio, assy cavalleiros como peões, que se quiserem hyr pera elle, que o possam fazer; e eu receberei em guardar suas molheres e seus filhos e seus herdamentos, que nõ hũu nõ lhes faça desaguisado.

⁴³⁹ Entõ dom Alvaro Fernãdez beyjoulhe a mãao e disselhe:

– Senhor, seja vossa mercee que mandees entregar o seu aos que son com ho Cide.

E el rei mandoulho logo entregar.

E, quãdo esto foy, andava em XV ãnos que el rey dom Afonso reynava. E ã este ãno morreo Almançor, rey de Sevilha, e reynou em seu lugar Abed, seu filho. E este reinou ã Sevilha e ã Cordova e foi senhor de toda a Andaluzia XX ãnos e mãteve bem seu reyno, ataa que passarõ os mouros d'aalem mar ã Espanha, que lhe tolherom o senhorio.

Mas agora leixaremos esto e tornaremos ao Cide.

CAPÍTULO DXXXI

Dos feitos que o Cide fazia, estando ã aquelle monte

[218d] Quando forõ andados quinze annos do reynado del rey dõ Affonso, estava o Cide em aquelle mõte que vos ja avemos dicto: e esteve ã elle quatro meses, fazendo muytas cavalgadas e grandes roubos e apremando as terras arredor de sy; e tomou per força toda a ribeira de Evro. E estas novas forõ ao rey de Saragoça dos grandes feitos que o Cide fazia pesoulhe muyto.

E, despois que o Cide estouve em aquelle lugar o tempo que dissemos e vyo como nõ viinha dõ Alvaro Fernandez, anojousse de estar ally e foisse de sobre aquelle outeiro. E fez hũa trasnoytada e passou Tupuel e foy pousar ⁴⁴⁰ a Espinal de Coval. E correo logo Saragoça e fezелhe muito mal. E tanto os apremeu que lhe ouverõ de dar grande aver em ouro e ã prata. E entõ pos seu amor cõ o rey de Saragoça, que avya nome Almudafar, ã esta maneira: que lhe desse suas parias e ficasse por seu vassallo. Entom o recebeu na villa muito hõrradamẽte e fezелhe muito serviço.

E a esto chegou dõ Alvaro Fernãdez. E tragia conssigo trezẽtos cavalleiros filhos d'algo; e, d'escudeiros e peões, era muyta jente. E o Cide, quando o soube que viinhã, sayo a elles e recebeuhos muy bem e ouve cõ elles grande prazer. E dõ Alvaro Fernandez contoulhe todo o que passara cõ el rei dom Afonso e quanta mercee fizera a elle e aos outros que cõ o Cide erã e outrossi como dera lecença

aos outros que pera elle viinhã.

Muyto prougue ao Cide destas novas e com dō Alvaro Fernandez e cō a jente que tragia. E disselhe:

- Meu coyrmãao, muito gradeço a Deus e a vos esta messajê que tã bem recadastes. E êtō alçou as mãaos a Deus, dandolhe muytas graças por que tã bẽ adereçava seus feitos.

CAPÍTULO DXXXII

Como o conde de Barcellona ajūtou grãde poder cōtra o Cide

[219a] Ennos dez e seis ãnos do reynado del rei dō Affomso S. de myl e cento e XVI ãnos – cōprironsse os dias do rey de Saragoça e morreu, em estando hy o Cide. E ficaronlhe dous filhos, hũu que avya nome ⁴⁴¹ Çoleyma e outro Abenalfage. E avyã grande despeito do Cide, por que ajudava rey Çoleyma.

E fez o Cide hũa trasnoytada cō sua jente e foi correr Alcanis. E durou allo tres dias e trouve muy grande pressa. E destō pesou muyto aos mouros de Monçō e de Buerça. E o Cide chegou com seu roubo a Saragoça e fezeo muy bem partir cō todollos seus. E despois fallou cō elles e disselhes:

– Amigos, nós per armas avemos de vyver e guaanhar nosso pam. E, se morassemos muyto em hũu logar, descayriamos muito do nosso bẽfazer. Porẽ, cōpre de nos guisarmos que de manhã partamos daquy e vaamos buscar outras pousadas.

E, logo ẽ outro dia de grande manhã, sayo o Cide com sua jente e foi pousar no porto d’Elcha. E dally correo Huerca e Mõçon. E andou allo cincoõta dias.

E foram as novas destō ao conde de Barcellona e ao rey de Denya. E o ⁴⁴² conde, quando o ouvyo, pesoulhe muito, por que elle tiinha toda aquella terra ẽ sua ẽcomẽda. E disse suas pallavras sobejas ẽ esta guisa:

– Muy grandes tortos me faz o Cide de Vivar! Feryume meu sobrinho enna corte del rei, e agora correme a terra que tenho ẽ encomẽda. Mais, pois assi he, querolho demãdar.

E entō mãdou seu recado a el rei de Denya. E ajuntarō ambos grandes poderes de cristãaos e de mouros e forō despos o Cide tres dias e acalçarõno ẽ Tomar de Piver. E assi viinhã esforçados que o cuydavã tomar aas mãaos.

E o Cide viinha seu passo e tragia grande roubo. E descẽ/deu [219b] de hũa serra e entrou ẽ hũu valle. E chegoulhe mandado como viinha ẽpos elle el rei de Denya e o conde de Barcellona cō muytas cōpanhas. E o Cide, quando esto ouvyo, fez passar todo o roubo diante e elle tornou a elles cō sua gente. E mãdou logo dizer ao conde que nō avya nẽ hũa cousa de veer com elle por o mal que fazia aos mouros, ca elle nō levava do seu nem hũa cousa; e que o leixasse hyr em paz. E o conde disse que o nō faria, mas que lhe faria pagar quanto mal fezera e que elle saberia a quẽ fezera deshorrã.

Quando o Cide ouvyo esto, vyo que se nō podya scusar sem lide, mandou logo ordenar suas aazes e disse aos seus:

– Amigos, bem sabedes como o conde dom Reymon e el rei de Denya nos querem tomar o que cō muyto trabalho guaanhamos. E, a menos da batalha, nō nos podemos delles quitar. E, pois que nos per outra guisa delles nō podemos partir, melhor seera que o ajamos aquy com elles. E bem fio em Deus que nos dara delles a hõrra, ca cẽ cavalleiros de nos os vencerã. E, como chegarẽ ao chãao, vaamollos ferir sem nẽ hũa piedade, ante que elles nós, em tal guisa que elles entendam que o ham cō homẽes de fortes corações.

⁴⁴³ E, logo que os outros forō no campo, o Cide e os seus forõnos ferir de tã grande força e cō tanto ardimento que se lhe nō teve homẽ nẽ hũu ẽ sella de quantos ferirō de lança. E forō desta vez muitos mouros mortos e feridos, ẽ tal guisa que foram muy mal spãtados e começaram de fugir. E do conde tenerõsse hũu pouco cō seu senhor. E, quando o Cide vyo onde estava o conde, enderençou a elle, ferindo e derribando os que achava ante sy, e deulhe hũa tal ferida de lança que o derribou pellas ancas do cavallo ẽ terra. Os Franceses, quando virom seu senhor derribado, começarō de fugir e leixarõno ẽno cãpo. E foi preso o cõde. E seguirō o encalço tres legoas. E despois tornaronssse ao campo e acharō ẽ elle grande / [219c] aver, em tal guisa que o nō podyã levar.

Grãde foy o aver que o Cide e os seus ouverō ẽ esta batalha. E aqui ouve o Cide a sua spada, a que deziã Collada, ca a tragia o conde dō Reymõ.

Aquella noite folgou o Cide cō sua cōpanha em aquelle logar da batalha. E fez trager o conde pera a sua tenda e fezlhe muita honrra e mandoulhe dar muy bem de comer. Mas o conde nō quis comer.

CAPÍTULO DXXXIII

Como o Cide soltou o conde dom Reymõ da prison ã que fora na batalha

Em outro dya, estando o Cide em aquelle logar onde fora a batalha, mandou aparelhar de comer. E, quando foy tempo pera ello, mandou o Cide dar ao conde augua aas mãas. Mas o conde nõ queria prender nõ hũu conforto. E o ⁴⁴⁴ Cide, por lhe fazer prazer, fezeo poer conssigo aa mesa, ca elle nõ avya vōotade de o tãer preso; ãte o queria soltar. E, por lhe fazer prazer, disselhe:

– Conde, comede e bevede e seede seguro!

E o conde disse:

– Comede vos que sodes homẽ de boa vêtuir, ca eu nõ quero al se nõ morrer, come homẽ sem vêtuir.

E o Cide, como era homẽ muy mesurado, disselhe:

– Conde, comede e bevede, ca logo vos farey soltar e que vos vaades livre pera vossa terra. E darvos hey mais dous cavalleiros dos vossos, quaaes quiserdes.

E o conde, quando esto ouvyo, disselhe:

– Cide, esto seera verdade?

E elle disse:

– Eu vollo outorgo, salvo que vos nõ darei nem hũa cousa do que perdestes.

E o conde, quando esto ouvyo, foy muy alegre. E entõ mãdou por dous cavalleiros que foron presos com elle; e ho hũu avya nome Hugo e ho outro Guylhen Bernal.

E, deque ouverõ comido e fallado todo o que lhes era cōpridoiro, disse o conde ao Cide:

– Mandadenos hyr, se for vossa mesura.

E o Cide mãdoulhe trajar as bestas. E cavalgarõ e foy o Cide com elles muy grande peça. E, quando se ouverõ de partir, disse o Cide ao conde:

– Vos ydesvos agora a guisa de bõo franco. E gradeçovos muito / [219d] o ⁴⁴⁵ que nos destes. Pero, se quiserdes aco tornar outra vez, ãvyadenollo dizer e ou leixaredes o que trouxerdes, ou levaredes o que tevermos.

E o conde disse ao Cide:

– ã salvo dizedes vossos joguetes, ca bem pagado vos tenho por este ãno, vos e vossas cōpanhas. E porem nõ hei em coraçõ de vos buscar tam cedo.

Entõ se partirom ambos, cada hũu pera seu logar, o conde pera sua terra, e o Cide pera sua hoste.

E, depois que hi foi, fez alçar suas tendas e foisse pera Saragoça, onde foy muy bem recebido. E fez muy bem partir todo seu roubo cõ suas jentes, em tal guisa que todos forõ bem contentes e muy ricos. E os mouros da villa avyã grande prazer por a boa vêtuir do Cide, por que os tiinha muy bem defesos, que nõ recebiam mal nõ hũu.

CAPÍTULO DXXXIV

Como o Cide foy correr terra de mouros e das obras que allo fez

Andados XVII ãnos que el rei dom Affonso reynava, estando o Cide em Saragoça, guysou suas jentes pera hyr correr Orca e Monçom e Almenar. E soube esto el rei d’Aragon e pesoulhe muito. E mandou per toda sua terra que todollos que armas podessem tomar que vehessem a elle. E forom ajuntados em esto grandes poderes. E foy contra o Cide.

E elle, como era partido ja de Saragoça quanto hũa jornada e avya chegado ⁴⁴⁶ a hũa villa que a nome Pedra Alta, ficou ally suas tendas. E em outro dia trouxerom preytesya os do castello de Monçon cõ elle, ã tal maneira que entrou dentro, vendoo el rei d’Aragon, e nõ ousou lidar cõ elle. E, depois que foy no castello, sayu e foy a Tamerya e esteve hi hũus poucos de dias.

E hũu dia sayu o Cide da villa por folgar se nõ com XII cavalleiros, e achousse, em andando de fora, cõ cento e cinquenta / [220a] cavalleiros del rei d’Aragon. E lidou com elles e desbaratouhos e prendeo delles os sete e os outros fugirom. E estes pedirõ depois ao Cide por mercee que os mandasse soltar, e elle mandouhos logo soltar.

E, depois, partiosse dalli com sua companha e decendeu contra o mar por fazer suas cavalgadas. E roubou e estragou toda essa terra, em tanto que lhe ouverom os mouros de dar todallas outras terras a que dizem de Burriana.

E tam grandes eram as cōquistas e tam asynha feitas que o Cide fazia, que era hũa grande maravylha. E desto chegarõ as novas a Valença e foi soado per toda a terra os grandes feitos que o Cide fazia. E forom todos desto muy spantados e temyansse delle.

E o Cide, depois que esto ouve feito, tornou a Tamerya, onde era el rei de Saragoça, que avya nome Çoleyma.

⁴⁴⁷ **CAPÍTULO DXXXV**

Como o rey de Denya e o conde dom Reymō se ajūtārō ã conselho como fosse cercar o castello d'Almenar

Passados XVIII ãnos do rei dom Afomso que elle reynava, Benalfage, rey de Denya, ouve consselho cō o conde dō Reymō e com hũu irmãao do conde Rogel e cō outros muytos nobres barões, ã como cercassem o castello d'Almenar que o Cide avya tomado per mandado do rey de Saragoça. E, avydo consselho, ajuntarō suas companhas e forō cercar o castello e combaterōno muy grande tempo, ataa que lhe faleceu a vyanda e que lhes tolherō a augua. E o Cide aaquella sazón jazia sobre o castello d'Estarad, que he antre o rio de Singre e Sagre, e tomouho per força. E, ã estando hi, ãvioulhe el rei de Saragoça dizer que vehesse acorrer ao castello d'Almenar que era cercado. E o Cide, logo que o soube, veosse onde era el rei. E elle recebeuho muy bem e disselhe que lidassem cō aquella hoste que tiinha cercado o castello. E o Cide lhe disse:

– Melhor seeria que desses algũu aver a teu irmãao / **[220b]** e que descerque o castello, ca elles som tantos como as areas e nō poderemos cō elles.

⁴⁴⁸ E el rei disse ao Cide:

– Farey o que me tu mandares.

E o Cide mandou logo a el rey Benalfage e a todollos altos homẽes que hi erã cō elle dizer que tomassem o aver que lhe darya el rey de Saragoça e que se partissem do castello. E elles o nō quizerom fazer. E o Cide, quando vyo que, por cousa que lhe el rei de Saragoça desse, nō queriã descercar o castello, mandou mui bẽ armar sua companha e foi acorrer ao castello. E, quando foram preto hũus dos outros, o Cide pos suas aazes e foy ferir em elles. E a lide foy muy forte d'amballas partes e ouve hy muytos mortos. Em esta lide estavã muitos nobres cavalleiros, assi dhũa parte como da outra, pera fazerẽ todo seu dever. Pero ãfym ouveos de vencer o Cide; e fogio o rey mouro e o conde dō Reymō e os outros todos. E o Cide e os seus foram tres legoas per o ãcalço, ferindo e matando ã elles. E foron presos muitos e bõos cavalleiros cristãos.

E, feito todo esto, tornou-se o Cide cō grande honrra e muyta riqueza e deu os presos a el rei Çoleyma. E elle teveos oito dias e desi soltouhos a rogo do Cide. Feita a lide, veheron-se pera Saragoça e os da vylla sairōnos a receber con grande alegria. E el rei fez muyta honrra ao Cide e deulhe poder em seu reyno.

Mas agora leixa aquy a estoria a fallar desto e torna a el rey dom Affomso.

⁴⁴⁹ **CAPÍTULO DXXXVI**

Como forō mortos o iffãte dō Ramiro e o conde dō Garcia de Cabra; e como el rei dom Affomso perdohou ao Cide

Conta a estoria que se alçou cō o castello de Roda hũu mouro andaluz que avya nome Almoçolas. E esto fez elle por que Adaffir, tyo d'Almudafar, tiinha preso ã aquelle castello hũu seu irmãao. E Dafir ãvyou sobre esto seu recado a el rei dom Afomso, que o vehesse ajudar. E el rei mandou allo o iffante dō Ramiro e o conde dō Garcia de Cabra cō muitas / **[220c]** companhas. E elles, desde allo forō, ouverō consselho cō Adaffir ãvyarō por el rei dom Afomso, que fosse allo per seu corpo. E elle veeo logo. E, em esto, morreo Adaffir. E Almoçolas, que se alçara cō o castello, ouve sua falla com o iffante dom Ramiro, em como queria dar o castello a el rei dō Afomso. E pera esto foy fallar a el rei e cōvydouho que comesse enno castello. E el rei nō quis tomar o cōvyte, temendosse de seer algũa trayçom. Mas a esto foi o conde dom Garcia e o iffante dom Ramiro. E, como foron dentro do castello, começaramhes de dar mui grandes pedras, assi aos que eram dentro come aos de fora, em tal guisa que foy morto o iffante e o conde e muy bõos cavalleiros cristãos.

E el rei dom Affomso, quando esto vyo, ouve dello muy grande pesar ⁴⁵⁰ e õuvesse por muy scarnido de tal trayçom. E mandou logo por o Cide, que era preto dalli. E elle, quãdo vyo o mandado del rei e soube como fora aquela trayçō assi feita, foisas pera el rei dom Afomso cō muy grande cavallaria. E el rey sayo a receber com suas cōpanhas e contoulhe o grande mal que recebera daquelle mouro, por a grande trayçom que lhe avya feita, e que lhe rogava que lhe pesasse.

E, logo ã aquella ora, perdohou el rei ao Cide e rogoulhe que se vehesse com elle pera Castella. E o Cide beyjoulhe a mãao e agradeceulho muito e pediolhe por mercee que lhe outorgasse o que lhe queria pedyr. E el rei lho outorgou. E o Cide pediolhe que os filhos d'algo ouvessem privilegio que, quando algũu ouvesse de sair da terra, que ouvesse d'espaco XXX dias, assy como ãte avyã IX; e outrossy que se nō assanhasse contra nem hũu fidalgo nẽ cidadãao sem seer ouvydo como devya cō direito, nẽ passasse aas villas nẽ aos outros logares contra seus foros e seus privilegios, nẽ contra seus bõos costumes, nem deitasse peita nẽ hũa sem guisa e, se a lançasse, que se podesse por ello alçar a terra, ataa que o enmendasse.

E / [220d] el rey dom Afonso outorgoulhe todo o que lhe elle pedyo e rogouho que se vehesse cõ elle pera Castella. E o Cide disse que o nõ faria, a menos que lhe desse dereito daquelle mouro que lhe avya feita tam grãde traiçom e de todollos outros que com elle erã. E el rey gradeceulho muyto e partiosse logo e veosse pera Castella. E o Cide cercou o castello e ficou sobr'elle.

⁴⁵¹ CAPÍTULO DXXXVII

Como o Cide guanhou o castello de Roda e como mãdou Almoçolas preso a el rei dom Afonso

Despois que se el rey partio do Cide e se tornou pera Castella, o Cide ficou sobre o castello de Roda. E tanto os combateu e tanta guerra lhes fez que lhes ouve de mýguar o mantiimento. E foy em elles tal fraqueza que nõ podyã ja defêder o logar e querianlho de boamête dar, se lhes elle desse sayda. Mas elle nom queria se nõ os corpos delles, pera el rei dõ Afonso aver delles vingança. E elles, quando esto virõ, saironsse do castello poucos e poucos e os do areal cativavõnos. E, quando o Cide vyo esto, combateo o castello e entrouho per força. E prendeu Almoçolas e quantos eram cõ elle; e forõ mortos muytos delles. Em tal guisa o fez que, de mortos e presos, nõ lhe scapou nem hũu. E antõ mandou Almoçolas preso a el rei dõ Afonso cõ outros seus companheiros. E, quando os messejeiros do Cide chegarom com este presente a el rey, prouguelhe muito cõ elle e mãdou delles fazer justiça come de treedores.

Despois que o Cide ouve tomado o castello e mandado Almoçolas a el rei, tornou-se pera Saragoça cõ toda sua cõpanha. E el rey dom Affonso lhe gradeceulhe muyto o grande serviço que lhe avya feito e o aver assy vingado daquelles treedores.

⁴⁵² CAPÍTULO DXXXVIII

Como o Cide venceu e batalha el rey d'Aragõ e el rei de Denya

[221a] Andados XIX ãnos do reynado del rey dom Afonso – que foy na era de mil e cento e dez annos – o Cide e el rey de Saragoça saçaron sua hoste e entraron per terra d'Aragõ, fazendo muyto dãpno. E durarõ allo seis dias. E desi foron sobre o castello de Monçõ cõ muy grande roubo. E el rei tornou-se pera Saragoça. E o Cide foi correr a terra del rei Benalfage e fezlhe muy grande dampno. E entrou ãna montanha de Marselha e em todos seus termhos e quebrantou toda a terra; e combateu Morelha e fez muy grande dampno aos de dentro.

E, andando fazêdo esto, e vyou dizer a el rei de Saragoça que lavrasse hũu castello sobre Morelha, que ha nome Alcalá; e el rey fezeo assy. Mas el rey de Denya, quando o soube, pesoulhe muito e e vyou dizer a el rei d'Aragõ que o vehesse ajudar contra o Cide. E o rey d'Aragõ, quãdo o soube, cõ grande sanha que avya do Cide por que lhe corria a terra, ajũtou sua hoste cõ el rei de Denya e forõ sobre o Cide cõ grande poder. E albergarõ essa noyte na ribeira d'Evro. E el rei d'Aragõ e vyou suas cartas ao Cide que se partisse logo do castelo e que estava lavrando. Mas o Cide o nõ quis fazer e e vyoulhe dizer se quisesse per alli passar e paz, que lhe daria passada. E el rey vyo que se nõ queria partir do castello e foy dello sanhudo. E veherõ sobre elle ⁴⁵³ acerca do castello. E o Cide, logo que os vyo, poselhe a batalha. E os reis outrossi ordenarom suas aazes. E começarõ de lidar.

E durou a batalha grande peça e ouve hy muitos mortos. Pero, aacima, vëceu o Cide e forõ desbaratados o rey d'Aragõ e o de Denya e foy preso el rei d'Aragon e cõ elle muytos bõos homẽes. E forõ estes: o bispo dõ Ramõ Lucas; o conde dom Sancho Sanchez de Pampollona; e o conde dõ Nuno de / [221b] Portugal; Gustiuz Mẽedez; e Nuno Sãchez de Galliza; e Pero Soarez de Leon; e o abbade de Sãgorie; e Symõ Sanchez de Beruel; dõ Pero Ançores; dõ Garcia Açores; e o neto do conde dom Sancho; e Fernã Sanchez d'Aragõ; e Sancho Garcia d'Alcassar; e Vaasco Sanchez; e Sancho Gomez, moordo mayor del rei; e Garcia Diaz; e outros muytos de que nõ dizemos os nomes – mais de mil homẽes d'alto sãgue e muy honrrados.

E com esta presa tã grande se vëeo o Cide pera Saragoça e el rey sayo a receber cõ muytas alegrias. Entom o Cide ouve piedade del rei d'Aragon e dos seus e soltouhos e e vyouhos pera sua terra. E elle ficou e Saragoça algũus poucos de dias. E desi espediosse el rei do rey de Saragoça e veosse pera Castella muy rico e cõ grande honrra.

⁴⁵⁴ CAPÍTULO DXXXIX

Como se o Cide veo pera el rei dom Afonso e da grande hõrra que lhe fez

Conta a estoria que, despois que o Cide ouve feitas todas estas cousas que avemos contado, veosse pera Castella pera el rei dõ Afonso que o recebeu muy bẽ e lhe fez muita hõrra, ca lhe deu logo o

castello de Donas e o de Ordejõ e Amaya e Cãpou e Gama e Brevisca e Brelonga cõ todos seus termhos e deulhe dello bõos privilegios roborados e firmados do seu nome. E deulhe mais que, todallas villas e castellos que o Cide guaanhasse dos mouros ou doutro senhorio, que fossem seus pera todo sempre, livres e quites, e pera todolos que delle vehessem. E o Cide gradeceulho muyto, a grande mercee que lhe avya feita.

Em este anno que o Cide veeo ã Castella, nõ achamos outra cousa que de contar seja que aa estorya pertêça, se nõ tanto que em este anno morreu el rei d'Aragon e reynou ã seu logar seu irmão dom Afonso. E ã este ãno morreu dõ Alle Meymõ, rey de Tolledo, e reynou em seu logar seu filho.

Mas agora leixaremos aqui a fallar desto e tornaremos a el rei dõ Afonso.

³ **CAPÍTULO DXL**

[221c] Ora leixaremos aqui a fallar do Cide e dos seus feitos e queremos tornar a el rey dō Afomso, ã como casou suas filhas e cō quaaes homẽes e dos feitos que fez

Conta a estoria que el rey dom Affomso, que chamarō o quinto, foi seis vezes casado, como ja dissemos. E ouve da segunda molher, que ouve nome dona Costança, hũa filha que chamarō dona Orraca Afomso. E el, rei dom Afomso traudou casamẽto a esta sua filha cō o conde dō Reymō de Tollosa, que a esta sazom era o mais honrrado homẽ que se sabya enno mundo que rey nō fosse. E, despois que foron acordados em o feito do casamento, mandou el rei dō Affomso por elle e veeo a elle a Burgos. E veeo com este dō Reymō o conde dō Anrrique, que era homẽ muy fidalgo e parente bem chegado do conde dō Reymō; e era o melhor cavalleiro d'armas e mais guerreiro que homẽ sabya. Outrossi era hy com el rei o conde de Sam Gil de Proença, que outrossy avya nome dō Reymō; e era homẽ muy fidalgo e senhor de grande terra. Entō casou el rei todallas suas filhas ã esta guisa: primeyramente, dona Orraca Affomso con o conde dō Reymō de Tollosa – e esta era liidima; e casou, con o conde dō Reymō de Proença, dona Elvira; e, cō o conde dom Anrrique, casou dona Tareyja – e estas ambas erã suas filhas e de dona Symena Muniz, como ja dissemos. Estas filhas todas tres casou el rei ã hũu dya cō estes condes que ja dissemos e fezelhos tanta honrra que nom ⁴ podya mais seer, ca ã estas vodas foron feitos muytos trebelhos de justar e lançar a tavollado e outras muytas cousas que pertêecem a fazer aos cavalleiros. Outrossi forō em aquellas vodas todas maneiras de jograes, assi de boca como de pena.

E, feitas estas vodas muy ricamẽte e muyto honrradamente, como cōviinha [221d] a homẽes de taaes estados como elles erã, el rei dom Afomso departio logo aos condes seus jenrrros todo aquello que lhes avya de dar, segundo o que lhes avya prometudo ã seus casamẽtos. Ca ao cōde dom Reymō de Proença, deu muy grãde muy grãde algo ã movyl e muitas joyas e de grande vallor e fezelho muyta honrra ã quanto foy em Castella. E, quando se ouve d'yr, mandou cō elle ataa fora de sua terra muytos nobres fidalgos. Este conde ouve filhos de dona Elvira, como ja dissemos.

Outrossi ao conde dom Anrrique – que era casado cō dona Tareyja – deulhe el rey dō Affomso Coymbra cō toda a terra que elle avya ã Portugal ataa o castello de Lobeira, que he aalẽ de Ponte Vedra hũa legoa, e fezelho, de todo, condado. E deulho cō esta condiçom que, quando a elle comprisse serviço, que lho vehesse fazer cō trezẽtos cavalleiros que entō avya no condado de Portugal; e que fosse aas suas cortes cada que o elle mandasse chamar e, se allo nō podesse hyr por embargo d'algũa door, que entō lhe ãvyasse os cavalleiros e algũu homẽ bõo, dos melhores que ouvesse, por caudel; e que ficasse obrigado pera sempre, qualquer que fosse senhor do dicto condado de Portugal, a fazer este trebutio a todollos reis de Castella e de os servyr em algũas cõquistas, se as fezessem aos mouros. E outrossy assiinou el rei a este conde dom Anrrique ataa onde conqueresse. E, nō lhe querendo fazer o dicto trebutio, que qualquer que fosse rey de Castella podesse tomar e aver a dicta terra do condado, cō toda a outra que o conde e seus soccessores guaanhassem, e fazer della todo o que lhe aprouvesse.

Em aquelle tempo era custume que todallas filhas dos reis eram chamadas raynhas e / [222a] assi se chamava esta dona Tareyja. E, como quer que el rei dō Affomso desse este condado ao conde dom Anrrique con sua filha, a raynha dona Tareyja, como ja ouvistes, nunca se por ende chamou rei, nem seu filho dom Affomso, ataa o tempo que ouve a lyde em Ourique cō os V reis. E, ataa este tempo, nō se chamava se nō duque; e outros dizem que principe. Mas, quando foy ã aquella batalha, ally o alçaron por rei os Portugueses e os Gallegos daquella parte que era sua, segundo esto mais compridamẽte contaremos ã seu logar.

⁵ **CAPÍTULO DXLI**

Como e por qual razō chamarō o cõdado de Portugal

Contado avemos ja ã os prymeiros cadernos deste livro, onde falla das poboações das terras, como e por que razō foy chamado Portugal. Mas, por que os que leessem ã este logar e nō em aquelle outro ficariam dovidosos, porẽ queremos aqui dizer algũa cousa como foy achado este nome. E devedes de saber, que, quando se as terras começarō de pobrar, em as partes de Galiza foy logo pobrado acerca Doyro o castello de Gaya. E, por esto, os pescadores de Galliza e das outras partes d'arredor ãtravam per o Doiro em suas barcas e viinhã a Gaya vender o seu pescado. E despois passavansse da outra parte, por que era bõo logar e de boa area pera estender as redes e folgar. E por esto poserom nome, aaquelle logar em que assi aportavã, Porto. E, despois per tempo, foy ally pobrada hũa villa e chamaronlhe o Porto. E,

despois que hy aportarō os Gallases em suas naves, foy posto nome aa terra Portugal. E, quando el rei dom Afonso deu esta terra ao cōde dom Árrique ã casamêto com sua filha, mandou que lhe chamasse o condado de Portugal.

E este conde dō Árrique / [222b] ouve hũu filho desta sua molher dona Tareyja, que ouve nome dom Afonso que ouve nome dom Afonso e foy feito rey ãna batalha que ouve cō os V reis em o campo d'Ourique. E, despois da lide, mudou os synaes das suas bandeiras: ca, ante da lide, tragia as armas brancas como seu padre e, despois enna lide, pos ãno seu pendō V scudos azules, por memoria dos V reis que vēcera, e poseos ã cruz, por renembrancha da cruz ã que Nosso Senhor Jhesu Cristo teve as spadoas, e, em cada hũu scudo, pos XXX dinheiros brancos, representando os por que foy vendido, segundo adyante ouviredes.

Despois que todas estas cousas foron feitas, mãdou este rey dom Afonso seus messejeiros ao papa Honorio, em que lhe fez saber daquella batalha que ouvera cō os V reis, e como os seus ho feceram rey; e o vencimento que lhe Deus delles dera, e como e por qual razō mudara suas armas; e como em esta batalha foram ⁶ mortos grande companhia de mouros; e que elle outrossi avya hy perdida parte de sua companhia; e que porẽ lhe rogava que lhe outorgasse de lhe chamarẽ rey de Portugal, e que elle assy o chamasse ã suas cartas e privilegios; e que lhe daria ã cada hũu ãno hũa soma d'ouro pera todo sãpre. E o papa lho outorgou. E ã este ouro podia mōtar pouco mais ou menos de hũu marco. E este dō Afonso foy o primeiro rey de Portugal.

Mas leixaremos a fallar deisto e tornaremos a el rey dō Afonso, seu avoo.

CAPÍTULO DXLII

Como el rei dom Afonso foi fazer mal aos mouros ã terra de Tolledo e esto per cōsselho d'algũs mouros da cidade de Tolledo

Andados XVIII^o annos do reynado del rey dom Afonso o VII^o, despois que Ally Meymō e seus filhos forō mortos, e reynou empos elles em Tolledo Yahac Alcodyr, que era neto do dicto Alle Meymō. / [222c] Este, despois que reynou, foy muy maaoy rey e muy çujo; e foi quite de todallas muy boas manhas de seu avoo e de seu padre. Ca este, logo que começou de reynar, fêzesse muy esquyvo e bravo, assi aos seus como aos vizinhos, fazendolhes muytos nojos e muytas forças, em tal guisa que todos lhe cobiiçavam mais a morte que a vida, por que era muy maaoy e muy vil e sã ã hũu bem.

Quando el rei dom Afonso estivera em Tolledo cō Ally Meimō, deralhe elle dous logares, convem a saber: Olmos e Canalles. E el rei dom Afonso refezera estes logares e pobraraos de sua jente. E, quando hya em ajuda de Alle Meymō, requeria estes logares e repairavaos do que avyã mester. E, seendo assi el rey de Tolledo mal aviindo com os seus e querendolhe mal todos seus vizinhos d'arredor, e elle nom se trabalhando de defender sua terra ã se sentindo do seu mal, ajuntaronse todos e foram a elle e disseronlhe que ou elle defendesse a terra, se ã ⁷ que elles buscariam quẽ os defendesse. Mas elle, como era maaoy e lixoso, ã deu por ello nada. E elles, veendo esto, ãvyarom por o rey de Badalhouce e colherōno ãna cidade, a pesar de seu senhor el rei. E ãviaron dizer a el rei dom Afonso, em grande poridade, que lhes acorresse, ca eram postos ã grande coyta, e que cercasse a cidade, ca bem sabia elle que ã avya rey em Tolledo que fosse da postura que elle avya cō Alle Meymō. E esto faziã os mouros por duas cousas: a primeira, por o grande amor que avyã a el rei dom Afonso; e a segunda, por que el rey dom Afonso era tã verdadeiro e tanto leal e franco e liberal senhor, que elles ante queriã o seu senhorio que de nem hũu outro da sua ley.

El rey, quando vyo este recado, foy muito alegre, pero que lhe pesou por que receberã enna cidade el rey de Badalhouce. E ajuntou logo toda sua hoste e foi sobre Tolledo e correo toda / [222d] a terra. E tolheulhes aquelle ãno o pã e o vnyho e todollos outros fruytos e assy todallas outras terras em redor; e esto lhes fez quatro annos hũu empos outro. E, por que elle tiinha ja ã termo de Tolledo aquelles logares que dissemos, começou de pobrar ãna Estremadura as villas que estava hermas. E as villas forō estas: Sallamãca, Avilla, Medyna del Campo, Olmedo, e Hiscar, e Quelhar, e Segoyva, e Sopulvega. E, cō todo esto, cada dia lhes fazia a guerra.

E, ão embargando que a cidade de Tolledo era muy abastada, ão pode estar que ão vehesse ã grande mĩgua. E, em toda esta guerra, sempre o Cide Roy Diaz andou com el rei e servyo muy bem e muy lealmẽte.

E, despois que el rei esto ouve feito, tornou-se pera Leon muy ledo e cō grande prazer.

⁸ CAPÍTULO DXLIII

Como el rei dom Afonso lidou cō el rei Abenalfager e foy vençudo el rei dom Afonso

Andados XIX ãnos do reynado del rei dō Afonso, o VII^o, ouve hũa batalha cō el rei Abenalfager. E esta batalha foy ã Consogra. E foy vençudo el rei dō Afonso. E meteusse ã hũu castello que era acerca. E ã esta batalha morreo Diego Rodriguez, filho do Cide Roy Diaz.

Outrossi, ã este meesmo ãno, lidou Alvaro Fernandez Menaya cō aquelle rei Abenalfager em Almodouvar do Cãpo, segundo se conta ã a estoria d'Alvaro Fernandez. E tiinha este Alvaro Fernandez dous mil e quinhentos cavalleiros e tiinha el rei Abenalfager quinze mil cavalleiros. E deu Deus a vytoria da batalha a Alvaro Fernandez. E deu hũa ferida d'espada per o rostro a el rei Benalfager, de que elle foy muy mal tragido e fogio do cãpo. E ficou Alvaro Fernandez no campo, ledo e muy honrrado.

Mas dizem aqui os que screverō a estoria deste rei dō Afonso, que / [223a] catarō todallas cousas que elle fez e em quaaes ãnos, que em os XIII e XIII e XV annos do seu reynado nō fez nem hũa cousa que seja pera poer em livro, se nō tanto que, ennos XV ãnos, foy sobre Coira que era de mouros e tomouha.

⁹ CAPÍTULO DXLIV

Ora leixa aqui a estoria de fallar del rei dō Afonso e torna a contar del rei dom Garcia, seu irmãao, e como e ã qual ãno morreo ãna prison

Conta dom Lucas de Tuy que, ãnos dez e seis anos que el rei dom Afonso reynava, que el rei dō Garcia, estando preso em aquelle castello de Lũa de que ja dissemos, enfermou de muy forte enfermidade. E el rei dō Afonso, quando o soube, pesoulhe muyto, por que o amava do coraçom. Ca, como quer que o elle tevesse preso, nō era por mal que lhe quisesse, mas por que el rei dom Garcia era homen bolliçoso; e temiasse de o soltar por lhe nō fazer alvoroço enna terra. Ca el rei dom Afonso nō avya filho que herdasse o reyno, se elle morresse, e por esta razon o fazia guardar enna prisom que, se elle morresse, que ficasse o reyno a dom Garcia.

Mas elle, seendo enfermo, como ja dissemos, mandousse sangrar. El rei dom Afonso, avendo delle grande piedade, mandou que lhe tirassem os ferros. Mas el rei dom Garcia nō quis; ante disse que, pois deles nō saira quando era sãao, que nem agora queria sayr delles quando era enfermo, ca elle entendia bem que era acerca de sua morte, e que porẽ demandava que o soterrasẽ con seus ferros, que, pois os ouvera por companheiros em sua vida, que os queria em sua morte.

Entom mandou rogar ao irmãao que o mandasse levar a Leon e que lhe pedya por mercee que, se morresse, que o mandasse soterrar com el rei dom Fernando, seu padre. El rei dom Afonso mã/dou [223b] logo que o levassẽ allo. E, ã levandoo, morreo enno camynho e foy soterrado ã Leõ. E fez el rei dom Afonso muyta honrra em sua sepultura, ca forō em ella muitos bispos e abbades e veeo hy dō Reymō que era legado d'Espanha e despois foy papa.

Em este ãno cercou el rei dom Afonso Tolledo e pose sua hoste sobre a cidade em quatro partes; e tevea cercada quatro annos. E em este ãno nō achamos ¹⁰ outra cousa que aa estoria pertẽça, se nō tanto que morreo ã elle a muy nobre iffante dona Orraca e foi soterrada ã Leon, enna capella de seu padre, el rei dom Fernãdo.

CAPÍTULO DXLV

Como el rei dō Afonso cobrou a cidade de Tolledo per preitesia

Avendo XIX ãnos que reynava el rei dō Afonso, em este ãno, tẽdo elle ã grande angustia a cidade de Tolledo, por o longo cerco e grande destroymẽto dos fruytos que lhe avya feito ã os annos passados, ouverō os de Tolledo trager preytesya cō el rei dom Afonso de lhe dar a cidade, cō certas condiçōes, nō per prema de combatos ou destroymẽto de engenhos que lhe elle podesse fazer, ca Tolledo de todallas partes era muy forte e demais a mayor parte della he cercada do Tejo, mas por a grande fame que era ãtre elles, per mĩgua dos fruytos dos annos passados que lhes elle destroyra. El rei dom Afonso, quando vyo que os mouros lhe queriã dar a cidade, prougelhe muito e fez vĩir ãte si os que trautavã. E a demanda que os mouros fizeram a el rei foy esta: que elles ficassem por moradores na cidade nas suas casas e com todos seus herdamẽtos, e que ficassem por seus vassallos, e el rei dom Afonso que ouvesse o alcacer e a orta del rei, que he aalem da pōte d'Alcantara, e que ouvesse todallas rēdas / [223c] e dereitos e peitas que elles soyã dar aos seus reis mouros; outrossy que a mizquita mayor que hy avya que ficasse sempre cō os mouros. E el rei dom Afonso outorgoulhes todo esto que lhe demandarō por amor de cobrar Tolledo. E,

despois que esta preitesya foy outorgada per el rey e firmada de hũa e da outra parte per certas scripturas e grandes juramẽtos, ẽtregarõ os mouros Tolledo a el rey dom Affonso. E esto foy em XXIII dias de Mayo.

¹¹ Despois que el rey foy entregue da cidade em esta guisa que avedes ouvydo e a ouve assessegada, foisse a el rey com sua hoste cercar as serras em redor e tomou logo estas vyllas que se seguem: Talaveira, e Santa Olhalha, e Maqueda, e Almonazil, e Algamença, e Atalosna, e Olmos, e Canalles. E guaanhou outrossi Casatalfa, e Huzeda e Burgo, Osmã, e Ateença, e Brelonga, e Medyna Çale.

E, despois que todos estes logares ouve conquistados, tornousse pera Tolledo e esteve hy de morada, ataa que refez o alcacer pera estar sua jente seguramẽte. E esto cõtaremos adiante mais cõpridamente ẽ seu logar.

CAPÍTULO DXLVI

Como el rei dõ Afonso casou o cõde dõ Garcia de Cabra cõ sua irmãa, a iffante dona Elvira

Conta dõ Lucas de Tuy, que foy homẽ que screveo grande parte da cronica d'Espanha, que el rei dõ Afonso, estando em Tolledo, trouxe muy mal de pallavra o conde dõ Garcia de Cabra, por que lhe andava alvoraçando a terra. E, por o assessegar, casouho cõ a iffante dona Elvira, sua irmãa.

E outrossi, por que nõ avia filho que despois de sua morte herdasse e seu irmão dõ Garcia era ja morto, casou sua filha dona Orraca Affonso cõ o conde dõ Reymõ de Tollosa, que viinha dos Godos, por que era de muy alto sangue e ouvesse / [223d] delle linhagem em Castella. E o conde ouve della dona Sancha e dõ Affonso, que foy despois emperador d'Espanha. E este conde pobrou Sallamanca per outorgamẽto de seu sogro.

¹² E el rei era em grande duvyda se emlegeria o arcebispo em Tolledo ou nõ. E, por esta razom d'assessegarmos os mouros, ficou a enliçom por fazer daquella vez. E esto fez el rei por a razom que vos adiante contaremos.

CAPÍTULO DXLVII

Como el rei dom Afonso estava duvydoso se ẽlegeria arcebispo em Tolledo

Avendo XX annos que el rei dom Affonso reynava – e esto foy na era de mil e cento e XX annos – depois que ouve tomado Tolledo cõ muytas preitesyas, como vos ja dissemos, avendo grande cuydado de o guardar, eralhe muy forte trabalho. E, nõ embargando que elle avia a renda da cidade, estava ẽ grande duvyda se emlegeria arcebispo de Tolledo ou nõ. E os mouros alongarõ a enliçom pera o dyante. E el rei nõ lhes quis fazer força e foyos levando per bẽ, pouco e pouco, por se apoderar delles e da cidade e por aver compridamẽte della o senhorio. Pero estabeleceo hy a seeda real, ataa que fizesse segura morada cõ seu alcacer, ca nõ avia hy entõ se nõ hũu de taypa, segundo contavã os antigos, ataa que fosse pobrada a cidade dos cristãos, filhos da sancta igreja.

CAPÍTULO DXLVIII

Como foy feito arcebispo em Tolledo

Andados XXI ãnos do reynado del rei dom Afonso, veendo elle todollos bẽes que lhe Deus fazia, ordenou de fazer cortes em Tolledo. E forõ a ellas vĩdos arcebispos e bispos e outros muytos bõos homeens honrrados. E, segundo o que diz dõ Rodrigo, arcebispo de / [224a] Tolledo, foy esto aos XV dias do mes de Janeiro. E, em aquelle dia que el rei mãdou, foram todos ajuntados. E el rei ouve seu ¹³ consselho cõ elles, fazendolhes mençõ em como fora conquistada aquella cidade per mercee de Deus e cõ o trabalho que elle hy tomara, e como era sua voontade em toda guisa levar aquelle feito adyante, ẽ tal maneira que a cidade fosse dos cristãos. Entõ acharõ que hũa das cousas que a esto era muyto compridoira, assi era fazer hi arcebispo como fora ẽ outro tempo. E fezerõ logo hũu arcebispo que avia nome dom Bernaldo, que era homen bem letrado e de muy sancta vyda. E os mouros nõ se trabalharom de o contra dizer, segundo o que ja fezerõ outra vez.

E el rei, logo em presença de quantos homẽes honrrados hi estavã, dotou a igreja de Tolledo de muytos e bõos herdamentos, e esto por amor de Nosso Senhor Jhesu Cristo. Ca lhe deu logo a villa de Bruega, que lhe dera em outro tempo Ally Meymõ, como ja ouvistes, e deulhe Rodrigilhos e Canalles e ẽna Sagra Cõtina, a que agora chamã Melgar e Almonazil e Alprevega. E, ẽna villa, muytas mesas e muytas casas e rendas, que aqui nõ som contadas, e muynhos e ortas e outras cousas per que a igreja he muy rica e honrrada. E por esto se dizem ẽ ella, em cada hũu dia, muytas missas por a alma deste rey dom Afonso o VIIº, e por muitas franquezas e liberdades que lhe deu.

CAPÍTULO DXLIX

Como el rei dom Afonso fez mudar ho officio dos Godos em Espanha

Conta o arcebispo dō Rodrigo que, pella letera gotica, que he dicta letera dos Godos, fez traladar o salteiro, tornando ao officio de Roma e de França ¹⁴ que he todo hũu. E que o composera Santo Alexandre e era em aquella guisa [224b] guardado em toda a Espanha. E, por que a rainha dona Costança, sua mulher, era frances, quisera desfazer o costume gotico. E el rey mandou dizer este feito a Gregorio papa, VIIº, pera aver delle que o officio de Tolledo fosse leixado ã Espanha e recebido o de França.

Este dom Bernaldo, emleito de Tolledo, era natural de terra de mouros, de hũa terra que ha nome Agem, e de hũu castello que chamã Soldat, segundo cõta o arcebispo dom Rodrigo. Este dō Bernaldo era muyto letrado e grande clerigo, mas leixou a clerizia e husou de cavallaria. E depois adoeceu de forte ãfermidade e entom tomou ordẽ de religion de Sam Bẽeto. E, estando ã esto, ãvyou por elle dō Ugo, abbade de Sam Bẽeto, e fezerom ambos sua vida muy boa.

Despois desto, el rei dom Afonso, querendo honrrar e fazer rico o moesteiro de Sam Fagũdo e de Sã Premitivo, ãvyou rogar aquelle dō Hugo, abbade de Sam Bẽeto, que lhe ãviasse hũu homen sabedor e entendido ã as cousas que avya de fazer, e que fosse religioso, pera fazer o moesteiro de Sam Fagundo. E, quando o abbade vyo as letras del rei dō Afonso, ãvyoulhe entõ este dom Bernaldo, que elle amava muyto, por o mericimẽto de sua bondade e de sua boa vyda; e ãvyou cõ elle outros mōjes de que este dō Bernaldo depois foy abbade. E, depois que elle foy abbade, fez viver todos em paz, mostrandolhes muy bõ exẽplo, assi per vida como per doutrina, e, por as boas obras que fazia, amavãno todos muito, e el rei dō Afonso outrossi.

E, quando foy Tolledo de cristãaos, logo elle penssou de o fazer arcebispo, teendo que era homẽ pera ello, por a grande sanctidade que em elle avya. E fezeo logo ãleger por arcebispo e primado d'Espanha.

E, como vos ja dissemos que era vōotade da rainha de tirar o officio tolledãao que era dos Godos, os clerigos que servyã este oficio foram ante o papa com os messejeiros del rei que os acusava. E o papa fezeos officiar ante sy e achouos / [224c] por boos officios e mandou que husassẽ cada hũus de quaaes quisessem. E por esto ficarõ VII egrejas em Tolledo que som oje em dya deste costume.

¹⁵ CAPÍTULO DL

Como el rei dō Afonso ouve grande sanha da rainha e do ãleito dō Bernaldo

Despois que el rei ouve assessegada a enliõ de que vos avemos contado, foyse pera Leon. E a rainha e ho emleyto ficarõ em Tolledo. E tanto fez a rainha ao enleito e o amoestou per pallavras, que elle tomou de noyte hũa grande companhia de cavalleiros cristãaos e entrou ãna mizquita mayor de Tolledo e deitou de fora todallas çugidades que hy estavã, per que louvavã Maffomede; e conssagrouha e fez hũu altar de Sancta Maria, assi como ja fora ã outro tempo, e mandou poer na torre mayor, a que os mouros chamã «almudanos», as campãas pera chamar os filhos de Jhesu Cristo.

Os mouros, quando esto virõ, ouverõ dello muy grande pesar, por que lhes passarõ a postura que avyã com el rei dō Afonso, e ãviaronsselhe dello queixar. E elle, quando o soube, foy muy sanhudo cõtra a rainha e contra o enleyto e, com o grande pesar que ouve, veeosse logo da terra de Leõ, com tal aguça que em tres dias chegou a Tolledo, ca temya de perder a cidade. E elle tragia ã vōotade de queymar a rainha e o enleyto, por que britarõ a sua verdade. E os mouros, quando souberõ como el rei viinha sanhudo e que queria fazer mal aa rainha e ao emleyto, ãtenderõ que, se acabasse aquello que queria fazer, que se repeenderia depois e que ficaria ã grãde omizio por ella com aquelles que della vehessem. E ouverõ grande medo. E tomaronsse os melhores cõ suas mulheres e sairõ a o receber cõ grande alegria a hũa aldea que avya nome Ollyas. E el rei, quando vyo a multidom dos mouros, cuydou que se lhe viinhã querellar e disselles:

– Companhia boa, que foy esto? A mỹ fezerõ este mal que nõ a vos, os que ¹⁶ britarõ / [224d] a minha postura. Ca ja daqui en diante nõ me posso gabar de guardar fe ã lealdade! E poreu tomarei per mỹ a ãmẽda e a vos darei todo vosso dereito do que vos fezerõ, ca sabe Deus que nõ foy per mynha voontade! E porẽ vos cuydo dar tal vingança que por sempre seja sabudo.

Os mouros, catandosse do que lhes ao diante podya vïir, poseronsse ã gíolhos ante el rey, pedyndolhe por mercee que os ouvisse. E entom lhe disseron:

– Senhor, nos bẽ conhecemos que o emleito he principal regedor da vossa fe; e, se dissemos algũa cousa contra o consselho da ley, matarnos hyã depois os cristãaos. Outrossi, se a rainha se por esta razõ perdesse, sẽpre o seu linhagem nos buscariã mal, ã quanto o mũdo fosse, e, depois dos vossos dias, cõ grande crueldade se vingariã este feito. E porẽ vos beyjamos as mãas e pedimos por mercee que lhes

perdoedes e nós de boa mēte vos quitamos o preito que cōnosco avedes ã esta razom. E, se esto nõ queredes fazer, sabede que nõ tornaremos mais aa vylla.

Quando el rei dom Afonso esto vyo, perdeu a grande sanha que avya e ouve grande prazer e prougelhe muito por que assi avehera. E tornou-se aos mouros e agradeulhes muyto quãto diseron e disselhes que lhes faria por ello muytas mercees. Entõ se veherom todos pera a villa. E el rei pos amor antre os mouros e a rainha e o ãleyto.

CAPÍTULO DLI

Como veeo o legado a fazer cōcelho em Tolledo

Andados XXII ãnos do reynado del rei dõ Afonso, Gregorio papa, VIIº, depois que ouvyo a demanda que lhe este rey dom Afonso mãdara pedyr, ãvyo a Espanha por legado hũu cardeal que avya nome Ricardo e era abbade de Sã / [225a] Vitor ¹⁷ de Marselha, por que os clerigos d'Espanha eram desacordados por muytos constrangimentos e seguimentos que lhes faziam e por os concordar e traer ao officio da sancta igreja e, outrossi por que ordenasse ho officio de Roma per Spanha. E, aquelle Ricardo nõ comprindo religiosamēte o que devya ãno officio da santa igreja e andãdo sem regra e bõo ordenamēto, e ouvĩdo esto dom Bernaldo, o enleito e primado d'Espanha, foyse a Roma. E o papa Gregorio morrera. E era posto ã seu logar Urbano, o IIº, que o recebeo muy bem e deulhe logo a consagraçõ do palio e fezeo primado d'Espanha.

E elle tornou-se logo a Tolledo. E, como viinha primado, tragia grande poder e fez logo concelho ã a provincia de Gallia Gotica. E foy em este concelho o arcebispo de Narbona cõ todollos seus sofraganhos. E, desde que ouve cõ elles postado o que queria, veeo a Espanha, ca elle ãtrara de todallas igrejas d'Espanha. E, logo que entrou enna terra, mandou recado a todollos prelados seus sofraganhos que a certo dya fossem ã Tolledo. E, desde que hy forõ ajuntados, cõsagrou cõ elles a nova igreja de Sancta Maria de Tolledo. E esto foy em dya de Sã Crispini e Crispiniani, que he a VIIIº dias das kallãdas d'Octubro. E foy feita esta cõsagraçõ aa hõrra da Virgẽ Sancta Maria e de Santa Cruz e dos apostollos Sam Pedro e Sam Paulo e Sancto Estevõ, primeiro martir. E pos ãno altar muytas reliquias e pedras preciosas. E pos el rey e a rainha hy em offerta muytas boas joyas dos seus thesouros. E, ã este dya, foy grande allegria em o poboo.

¹⁸ CAPÍTULO DLII

Como el rey e a rainha queriã que fosse recebido ho officio de Roma em Espanha

Conta a estorya que aquelle Ricardo, de que ja ouvystes, que era legado em Spanha, cõtendya contra os cleri/gos, [225b] que recebessem ho officio de Roma. E sobre esto foram hũu dya ajuntados el rei e o legado e o primado, cõ muytos clerigos e todo o poboo da cidade, e contenderom sobre esto, poendosse os clerigos e o poboo contra el rei e contra o legado, por tal de se nõ mudar o officio d'Espanha do que era, e el rei amoestando e razoando e ameaçando os que o recebessem. E, aacima, veeo a esta preitesya: que se partisse per batalha. E esto fez a perffia dos cavalleiros, que quizeron que lidassem dous cavalleiros, convem a saber, hũu por o officio tolledãao, por elles, e outro por o romãao, por el rei. E, assi como estes cavalleiros entrarõ ãno cãpo, foy vēcido o que lidava por Roma. E o poboo fazia grande alegria por que vencera o cavalleiro que lidava por o officio tolledãao. Mas el rei, como era afficado da rainha, nõ se quis por aquello cõtentar, mas que fosse deitado o officio dos Godos e recebido o romãao, dizendo que nõ era derecho de meter a batalha feyto da ley. E desto naceu grande discordya antre el rei e o poboo e os clerigos.

E, fallando ã esto muitos bõos homẽes de religiõ com os bispos e arcebispos, acordaronsse em esto: que, pois que este feito era de santidade e serviço de Deus, que fizessem hũu grande fogo, em aquella praça em que lidarõ os cavalleiros e que trouxessem dous livros muy bõos, cada hũu de seu officio, e que os metessem ã meyo do fogo. E esto foi mãdado e outorgado per o legado e per o primado e outrossi per toda a creelizia; e poseron que todos jajũassem aquelle dya e que os bispos e clerigos estevessem ã oraçõ. E elles fezerõno assy e rogarom a Deus muy omildosamēte que fizesse a sua mercee. E ãtom deitarõ os livros no fogo. ¹⁹ E o livro do officio de Roma queixavasse com o fogo, por que se queria chegar a elle por o queymar, e deu hũu grande salto fora per cima das chamas, veendoo todos. E deron muitas graças a Deus por o milagre que lhes mostrou. E o livro do officio dos Godos ficou ãno fogo que lhe nõ / [225c] fez mal nẽ hũu nẽ no tãgeo ã nem hũa cousa.

Mas el rei, como era homẽ de grãde perfia, nõ tomou espanto por cousa que visse nem o poderõ desto mover por nem hũu rogo que o leixasse, mas todavya ameaçando os que lho contradissem.

CAPÍTULO DLIII

Como el rei dō Afomso fez per força receber ã Espanha o officio de Roma

Tam grande foy a perffia del rei dō Afomso em esto que hũus ameaçava de morte e os outros que os deitaria da terra, em tal guisa que mandou tomar ho officio romãao e que husassem delle. E, quãdo as jentes virõ que os el rei assy forçava e afficava tâto, ouverõno de fazer per força. E, des ally en dyante, ficou ho officio de Roma ã seu senhorio. Pero ficarõ VII igrejas em Tolledo que oje ã dya dam testemunho daquelle officio.

Muyto pesou aos da terra por esta força que lhes el rei fez e chorarõ muyto porẽ; e levantaram proverbio que dezia pallavras de façanha que dizẽ assy: «Hu querem reis, alla vãa lex». E, des entõ, o officio de Tolledo, assi salteiro como todallas outras leendas, nõ foy recebido ã Espanha e guardarõ o que nũca foy, como quer que algũs moesteiros guardarõ ja quanto tempo o officio dos Godos e ficou hy o trallado do salteiro e ainda o rezã em algũas igrejas cathedraes e nos moesteiros mayores.

²⁰ CAPÍTULO DLIV

Como o primado defendeu ao legado que nõ husasse da autoridade e como foy pera Roma

Por que aquelle Ricardo, que vos dissemos, nõ andava como devya ã o mandamẽto da santa igreja, o primado dom Bernaldo tolheulhe de fazer nem hũu ordenamẽto ãnas igrejas e tiroulhe a autoridade com que o fazia. E em esta sazõ o mandou chamar o papa Urbano, que se fosse logo pera Roma. E este dom Bernaldo, arcebispo de Tolledo, ordenou despois aas igrejas, / [225d] ca de dereito assy o devya de fazer por que era primado d'Espanha.

Mas agora leixa o conto a fallar desto e torna a dizer qual foy o cavalleiro que lidou por o officio tolledãao, ca nõ devem seer esquecidos os que bẽ fazẽ. E porẽ queremos que o saybades: o cavalleiro foy natural de Mençaça, que he preto do rio de Prisorga, a par da vylla de Torre Queymada, e ainda hy ha do seu linhagẽ; e avya nome Joham Rodriguez.

CAPÍTULO DLV

Como o papa Urbano preegou a cruzada e como o arcebispo dom Bernaldo foy a Roma

Conta a estorya que, doendosse muyto o papa Urbano por que Jherusalem era em poder dos mouros, começou de preegar per sua pessoa a cruzada. E o arcebispo dom Bernaldo, quando o soube, ordenou logo sua igreja de clerigos e officiaes o melhor que elle pode e, por servyr mais compridamẽte Deus, tomou todallas ²¹ cousas que lhe erã mester e pos o synal da cruz em seus panos e fõisse seu caminho, cuydando de passar o mar com os que allo hyã. E, elle nõ sendo alongado de Tolledo quanto tres jornadas, aquelles clerigos que elle leixara ãna igreja por officiaes, sãdo maaos e viis, diserom hũus cõ os outros:

– Este primado nõ tornará ja mais a esta terra. Pois façamos outro arcebispo.

Entõ, per conselheiro de Satanas, emlegerõ outro por arcebispo e deytarõ fora os moordomos e officiaes que elle leixara no arcebispado. E elles foram a elle e diseronlhe todo como passara. O arcebispo deu logo tornada per San Fagundo e trouxe entõ mõges e chegou a Tolledo. E deitou fora da igreja o ãleyto e os ãlejedores e ãcomẽdou a igreja aos mõges, ataa que elle vehesse. E por esto ficaram hy despois algũs costumes das oras dos mõges.

E o arcebispo, despois que esto fez, fõisse pera o papa. E elle, quando soube / [226a] o voto que fezera e soube o que lhe fezerã os seus creligos, quitoulhe o voto e deulhe o perdom e mandouho tornar a seu logar ante que mais mal lhe vehesse, por que era conquista nova. E elle tornou-se pera França e per Gasconha e trouxe conssego homeens d'alto sangue, especialmente: a Monsanto e Sam Giraldo, e Sam Pedro, que fez capiscol e foy despois arcebispo de Bragaa; e de Burgos, trouxe Sam Pedro, que foy o primeiro arcediano de Tolledo e despois foi bispo d'Osma; e do Gronho, trouxe dom Bernal, que foi despois capiscol de Tolledo e despois bispo de Segoyva. E trouxe outro a que diziam dom Pedro, que foi bispo de Pallença, e dom Reymon, da cidade de Sabydat, que foy bispo d'Osma e, despois da morte de dõ Bernaldo, foy arcebispo de Tolledo. E trouxe, da terra de Pratezoriata, dõ Jeronimo que foy bispo de Vallença ã vida do Cide; e, despois da morte do Cide, tornou-se a Tolledo e o arcebispo ãvyouho a Çamora que fizesse hy ho officio do bispo, ca ataa esse tempo nõ ouvera hy bispo nẽ igreja cathedral. ²² E trouxe, de Loandis, dom Bordim; e fezeo primeiramẽte arcedyano de Tolledo; e despois foy bispo de Coymbra e despois foy arcebispo de Bragaa.

E este dom Bordi foy muy sabedor e travesso e de maaõ conhocer, ca, despois que foi arcebispo, nõ se acordou do bem que recebera de dom Bernaldo, arcebispo de Tolledo. Mas, logo que soube que era morto o papa Urbano e posto em seu logar Pascalis, tomou grande aver e fõisse pera corte e prometeulhe grande

aver se desposesse o arcebispado dom Bernaldo, que o criara, e fez-lhe entender que era muy maa homẽ e que por esta razõ o podya bem fazer; e que fizesse elle arcebispo ã seu logar. E o papa, veendo a sua malicia, nõ lho quis fazer, ca vyo que demandava cõtra direito. E tornaron-lhe seu aver e elle tornou-se por scarnido.

E, ã estando ainda ã Roma, foi feita grande discórdya antre / [226b] o emperador e o papa. E o emperador prendeu o papa e os cardeaaes e deytouhos ã hũu carcer. E dom Bordy, com o despeito, foisse pẽra o ãperador, cuydando a fazer outro papa. E o emperador, quando vyo a sua agudeza, fezeo logo alçar por papa. E, desde o foy como nõ devya, entrou em Roma cõ o poder do emperador e assentou-se ãna cadeira de Sam Pedro, assy como apostoligo, e fez cantar missa muy alta e chamou-se Gregorio VIIIº.

E, em todo esto, livrou Deus do carcer o papa Pascal e os cardeaaes e fोगirom per mar a Pulha. E murou hy longa sazõ, sofrendo muyta lazeira. E assi morreo ãna cidade de Gayeta. E foy logo papa, per direita ãliçõ, Gollasyo, o segundo. E este ãvyou logo suas leteras ao arcebispo de Tolledo ã esta forma:

«Gollasyo, bispo de Roma, servo dos servos de Deus, ao amado filho Bernaldo, arcebispo de Tolledo e primado d'Espanha, saude e apostolical bẽeom: Bem sabedes ã como Bordym Mouris, arcebispo de Bragaa, leixou sua igreja e veosse pera o escumungado emperador. E elle he outrossy escumungado cõ elle do papa Pascal, nosso antecessor; e mandou que emlegessẽ outro por arcebispo, por que elle he papa contra direito e cõtra ley, cõ poder do emperador. Onde vos mãdamos que proveades a igreja de Bragaa d'arcebispo, e que scomũguedes e denuciedes por scomũgado o dicto Bordym. Dada ã Gayeta, VIIIº dias de Março».

²³ Este meesmo papa veeo a Leon do Rodõo e nõ comprio o ãno. E foy posto ã seu logar Collito, que era de Viana, irmão de dom Remõ que foy padre do emperador d'Espanha. E este papa Colito fez avẽeça cõ o emperador Octho e cobrou logo a cadeira de Sam Pedro e toda sua dignidade. E deytou da cõpanha do emperador este Bordym e correu cõ elle e ãçarrouho ã Sucro; e prendeuho meteuho ã Callavria em hũu moesteiro da Trindade ã hũa cova; e alli jouve preso e cativo ã toda sua vyda, ataa o tempo de Eugenio papa IIIº, que foy despois Aleixãdre, o quarto. E diz o arcebispo dõ Rodrigo que, enno / [226c] paaço do emperador Costantĩ, em hũa camara, stavã scriptos verssos em latim que diziam assy: «Recem Celestos, honor patrie, decus imperiale, nequam Bordim depremad petre reffertete». Esto quer assy dizer: «Cilo ãleito, honrra da terra e apostura imperial, como davã a dom Bordym e meteu paz antre sy e o emperador Octho».

E estes homẽes bõos que dissemos trouxe cõssigo o arcebispo dõ Bernaldo ã Spanha pera a sua igreja. E despois foram ende honrrados e foram nembros da santa igreja, ca fezerõ sãcta vida; e, per seu bõo exemplo, acrecentarõ os fiees de Deus e guaanhãrõ muy bem pera suas igrejas, que lhes derom os reis por honrra de sua santidade.

²⁴ CAPÍTULO DLVI

Como o arcebispo de Tolledo guaanhou o castello d'Alcalla de Fenalles

Este dom Bernaldo, arcebispo de Tolledo, per outorgamẽto del rei dõ Affonso, cercou o castello d'Alcalla de Fenares, que era de mouros. E, por que era muito forte e nõ o podyam combater e mandou fazer, em hũu cabeço que estava ã cima do castello, outro que era como cortigo. E tanta guerra lhes fez dally que nõ podiam aver vyanda e morriam de fame. E por esto leixarõ o castello e fogirõ. E assy o cobrou o arcebispo. E el rei dom Afonso lhe deu privilegios, que o ouvessem sem cõtenda os arcebispos de Tolledo. E despois pobraram ãno chãao a vylla que chamã Alcalla de Santa Justa, em que fazẽ as boas feiras.

CAPÍTULO DLVII

Como el rei dom Afonso fez fazer concelho ã Leõ por confirmar ho officio romãao

O muy nobre rey dõ Afonso, teendo que lhe fezera Deus muyta mercee ãna conquista de Tolledo e ãnas outras cousas que começara, foisse pera Castella e levou conssigo o arcebispo dom Bernaldo. / [226d] E, quãdo chegou a Leon, achou ja hy o legado dom Reynel, que era homẽ de santa vyda. E el rei teve por bem de fazer hy concelho por confirmar ho officio romãao em Espanha. E entõ o legado e o primado fezerõ hy concelho cõ muytos clerigos e stabellecerõ muitas nobres cousas sobre ho officio da igreja. E mandaron que dally en dyante husassem ho officio de Roma. E mandaron aos scriptores que nõ fizessem letra tolledãa. E esto por que dom Godilfos, que foy arcebispo dos Godos, fez no a b c romãao certas featuras de leteras por nõ husarẽ do a b c romãao.

²⁵ E, estando ã este concelho, adoeceu a iffante dona Elvyra e morreo dessa infirmitade e foy soterrada a par de dom Garcia, seu irmão, enna igreja de Santo Ysidoro, muy hõrradamente.

CAPÍTULO DLVIII

Como Ayhya cuydou de guaanhar Valêça e êvyou alla hũu mesejeiro

Despois que Ayhya Alcodyr, neto del rei Alle Meymõ, ouve sua preitesya cõ el rei dõ Afomso, quando mandou cercar Tolledo, que hy acolherom el rei de Badalhouce, segundo ja avedes ouvydo, este Ayhya fez todo seu poder por que el rei dõ Afomso cobrasse Tolledo, cõ tal cõdiçõ que lhe ajudasse a guaanhar Valença, que fora de seu padre e que de dereito devya de seer sua, e Sancta Maria d'Alvarazĩ e o reyno de Denya. E, por esforço del rei dom Afomso, Yahya foyse pera Valença. E el rei tiinha que, por a grande discordya que era antre os mouros, faria toda a terra sua. E, despois que aquelle Yahya foy ã Alvarazĩ, êvyou a Vallença hũu seu primo que avya nome Abem Alfaras, por saber se lha daria Audela / [227a] Hazis que a tiinha, ou que a tiinha em coraçõ de fazer, ca dovydava em elle por que casara sua filha com el rey de Saragoça.

Este messejeiro foy allo e pousou com hũu mouro que avya nome Abulurom. E esteve hi hũu grande tempo, ataa que foy feito o casamento daquella filha d'Abubetar com el rey de Saragoça. E, elle hi estando, adoeceu o senhor da vylla e morreo. E o mandadeiro, por saber a quem se daria o senhorio da villa, ficou hy. Mas os da villa andavom muy tristes por a morte delle. E elle avya dous filhos que eram muy mal avĩdos em vida do padre e forõno ainda despois peor.

²⁶ CAPÍTULO DLIX

Como Yahya cobrou o senhorio de Valença e foy recebido cõ grãde hõrra

Despois que foy morto aquelle senhor da villa, que dissemos, os filhos partirom todo o que lhes elle leixou, mostrando grande cobiiça em esso que avyam de partir, em tal guyssa que ataa mais pequena cousa partirom. E fezerõ de si dous bandos e partironse hũu do outro, cuydando cada hũu seer senhor. E outrossi a jente da villa partironse em outros dous bandos. E hũu delles queria dar o senhorio ao rey de Saragoça e outros a Yahya – e esto por medo del rei dom Afomso, ca bem sabyam elles o prometimento que antre elles avya por razom da tomada de Tolledo e bem sabyam como el rey de Badalhouce dhy fora malandante.

E, cõ as novas deste desacordo, se tornou Abenalfas a Yahya e contoulhe todo o feyto como era. E elle teve que, pois hy avya bandos, que poderia cobrar a cidade. Entõ mandou por dom Alvaro Fernandez, a que el rey dom Afonso mandara cõ elle cõ peça de companhia de cristãaos, e foyse pera Valêça. E mandou dizer aos da vylla / [227b] como hya e êvyoulhes dizer per vya d'afaagos que lhes faria muyto bem e mercee. E elle foy pousar perto da villa a hũu logar que avya nome Sepa. E os mayores da villa ouverõ seu consselho de lhe dar a villa e o receber por seu. E esto faziã elles mais por medo del rei dõ Afomso que por amor que lhe ouvessẽ. Entom lhe mãdarõ dizer que o receberyã cõ grande homildade. E logo em outro dia sayu o alcaide cõ elle todollos homẽes bõos de Vallença e receberõno muy bem e entregaronlhe o alcacer.

Mas, logo a poucos dias, morreo el rey de Saragoça. E Abueçã e Alurom e Audella Haris quiseronsse partir do preito de Vallença e hiresse pera Murvedro que era seu – e esto faziã elles por a grande discordia que era antre os da villa. E tomarõ conssigo hũu sabedor, que avya nome Mahomed Abuid, ²⁷ e disseronlhe o que queriam fazer. E, quando elle ouvyo o que diseron, disse que nõ era bem de ã tal tempo leixarem a villa. E fezeos ficar. Entõ fezerom preito de se ajudarem cõtra todollos homẽes do mundo com os corpos e averes. E Abueçã tiinha aquelle castello de Murvedro e outro que avya nome Castro e outro que avya nome Sancta Cruz; e êvyouuhos guardar a homẽes seus parentes de que fiava.

E, quando aquelle Albueçã, que era alcaide, saira a receber el rey Yahya com os outros, como ja ouvistes, prometeulhe fazer muyto serviço. E el rey, despois que ouve assessegado seu reyno, fezeo algazil mayor e deulhe poder em seu reyno. E, pero que lhe esto fazia, nõ era delle seguro, por que tevera sempre cõ elle. E por esto nõ sabia que fizesse, se se partira del rei ou nõ, por segurar tal duvida. Pero trabalhavassee quãto podia de servirr bem e lealmente, por amor de lhe perder a sospeita que delle avya.

CAPÍTULO DLX

Como o rey de Vallença nõ podia fazer a custa a dõ Alvaro Fernandez e como deytou peita ã Valêça

[227c] Quando el rey vyo que aquelle Abueçã tam de coraçõ lhe fazia serviço e assi lealmente, fezeo seu privado muy mais chegado e honrrouho e fezelho preito e jura, com cartas bem firmadas, que nũca lhe tolhesse aquella privãça nẽ fizesse ãno reyno cousa sem seu consselho. E por esto foy Abueçã mais seguro del rei e perdeu delle a duvyda que tiinha. E desy os que lhe tiinham os castellos adusserom muy grandes presentes e muytas doas a seu senhor el rei cõ grande homildade, assi como os mouros o sabẽ

fazer. E esto faziam elles por segurar el rei. E disserõlhe que êvyasse dom Alvaro Fernandez, ca lhe fazia muy grande ²⁸ custa, ca lhe custava cada dia VI^c marcos e el rey nõ avya nõ hũu nõ com que o mantêr e por esta razão queixavansse muyto as gentes.

E el rei tiinha que, se êvyasse dô Alvaro Fernãdez, que se lhe alçariam os mouros. E, pera o mantêr, lançou grande peita ã Vallença e êno termho, dizendolhes que o queria pera cevada. E foy tirada aquella peita do mayor ao mais pequeno. E esto teverõ todos por grande mal e por desaforamento ã lhes passar seus costumes e tiinhã que por esto se perderia Valença, assi como se perdera Tolledo. E assi lhes pesou desto que andavã dizendo pella villa, como por exemplo, hũus aos outros:

– Dá cá a cevada!

E dizê que avya hi hũu alãao na carneçaria, com que matavã as vacas, e quando lhe deziã: «Dá cá a cevada!», começava de ladrar e rêger. E disse hũu sabedor:

– Graças a Deus, por que á na villa muytos que semelhã aquelle alãao e dã braados e rêgem cõ elle!

E passarõ assi hũus poucos de dias.

CAPÍTULO DLXI

Como os dos castellos trouxerõ grandes serviços a el rey

Conta a estoria que, quando os dos castellos / [227d] trouxerõ seus presentes a el rey, que hũu mouro que avya nome Abũmator, que tiinha hũu castello que avya nome Xativa, que nõ quis hi vĩr nõ êvyar nõ hũu. E el rei êvyou por elle. Mas el nõ quis vĩr e êvioulhe hũu mandadeiro cõ seus presentes muy ricos e êvioulhe dizer que nõ podia hi vĩr, pero que lho nõ fazia por outra scusa e que sempre seeria a seu serviço; e que lhe pedia por mercee que lhe leixasse aquelle logar e ²⁹ que lhe daria as rendas delle; pero, se o quisesse pera poer hi outro, que lhe desse algũa cousa ã que vivesse e elle que terria sêpre cõ elle. E el rei ouve consselho como o seu alguazil Abueçã e el consselhoulhe que fizesse seu rogo e que lhe leixasse aquelle logar, como o tiinha; e que êvyasse dom Alvaro Fernandez, ca lhe fazia grande custa. E elle o cõsselhava muy bem. Mas el rei o nõ quis fazer e tomou consselho cõ os filhos de Bubecar que se davã por seus amigos e disselhes o consselho que lhe dera o alguazil. E elles disserom que o consselhava mal, mas que tirasse sua hoste e fosse sobr'elle e que lhe tomasse o castello. E elle teve que o cõsselhavã bem. E sacou logo sua hoste e foy sobre elle.

E, o primeiro dia que chegou, entrou o mais chãao da villa. E Abũmator alçousse ao alcacer e outras fortellezas que hi avya e defenderõ o mais da villa. E el rey teveo cercado quatro meses; e hyanlhe mĩguando as viandas e as auguas, aos de fora como aos de dentro. E os de Valença nõ podiã sofrer a custa del rei e de dom Alvaro Fernandez.

E, depois que el rey conheceu que fora mal consselhado, mãdou a hũu dos filhos de Bubecar que fezesse a custa a dô Alvaro Fernandez XXX dias, por que lhe dera maa cõsselho. E mãdou prender hũu judeu que era almoxarife da vila, e fezelle tomar quanto avia e, êquanto lhe durou aquele aver, folgarõ os de Valença.

CAPÍTULO DLXII

Como Abũmator pedio acorro a el rei de Denia e como elle quis aver Vallença

[228a] Quando aquelle Abũmator vyo o tallãte que el rey que avya pera o tomar e que o apremava quanto mais podia, mandou dizer a el rey de Denya e de Tortossa que lhe êvyasse acorro e que lhe daria Xativa e os outros castellos que tiinha. E el rey, quando o soube, prouguelhe muyto e êvyoulhe hũu mãdadeiro que era ³⁰ alcaide, que avya nome Esquerdo. E el rey guysou muy bẽ sua hoste de cristãaos e de mouros, ca nõ ousou vĩr sem cristãaos e de mouros por medo de dom Alvaro Fernandez, e trouxe conssigo Giraldo, o Romão, cõ muy grande hoste de Franceses, e veosse pera Xativa. E, quando esto soube el rei de Vallença, ouve tã grande medo que começou de fogir e meteusse na islla do mar e desy fuisse pera Vallença e tevesse por muy scarnydo.

El rei de Denya ouve entõ Xativa cõ os outros logares que tiinha Abũmator. E el rei de Vallença escapou assy muy deshonnrado, por que dô Alvaro Fernandez nõ o ajudou como devya. E os que tiinhã os castellos por elle forõlhe perdendo a vergonça e os da villa outrossy, em tal guisa que deziã que ante queriam seer del rey de Denya ca nõ delle, ca nõ podyã comprir a sua custa e dos cristãaos.

El rey de Denya partiosse de Xativa e foy sobre Vallença, cuydandoa de cobrar por o muy grande desamor que os da vylla avyã ao seu rey e outrossi por a grande prema que sofriam dos cristãaos. E foy pousar a hũu logar que era oratorio dos mouros ã suas festas, e avya nome ã aravygo Axerea. E andou arredor da vylla per hu quis, vendoo el rei e dô Alvaro Fernandez que estavã percebidos cõ suas jentes por

medo dos Franceses. E, despois que el rei de Denya vyo que nõ podya mais fazer, tornouse pera Tortossa.

E el rey de Valêça / [228b] era ã muy grande pressa cõ dom Alvaro Fernandez que lhe demandava sua despesa e, buscando carreira pera lha dar e prender hũu dos filhos de Bubecar e outros homens bõos da villa e levou delles grande aver.

³¹ **CAPÍTULO DLXIII**

Como dom Alvaro Fernandez foy correr terra de mouros

Conta a estorya que se aveherõ el rey e dõ Alvaro Fernandez em tal maneira que ficasse hy cõ elle; e deulhe muytas e boas herdades per que vivesse. E, quando os mouros virõ que tal poder avya dom Alvaro Fernandez, hyansse pera el quantos reffiãaes e malfeitores avya na villa. E era ja em poder dos cristãos a cidade, ã tal guisa que os mouros a desemparavã e nõ prezavam as herdades nõ hũa cousa, por que nõ erã seguros dos corpos nõ dos averes. E ã esto guyssousse dom Alvaro Fernandez e foy correr terra de Denya e ã trou villas e castellos e matou e prendeu muytos mouros e trouxe muitos gaados e grande aver ã ouro e prata e tornouse a Vallença cõ todo o roubo.

CAPÍTULO DLXIV

Como el rey dom Affomso ãvyou rogar o rey de Vallêça por o filho de Bubecar

Despois que o filho de Bubecar preytejou cõ el rei de Vallêça, soltouho da prisom. E desi pos seu amor cõ dõ Alvaro Fernandez e cõ o algazil del rey e cõ hũu judeu que era messejeiro del rei dom Affomso. E estes todos tres ãvyarõ rogar a el rey dõ Afomso que o recebesse em sua guarda cõ todo o seu, ã tal maneira que lhe nõ fizesse mal el rey de Valença nem lhe tomasse o seu, e elle que desse por esto a el rei dõ Affomso ã cada hũu anno XXX mil marcos. E el rei dom Afomso fez seu rogo e mãdou per suas cartas dizer a el rey de Vallença ³² que lhe nõ fizesse mal nõ lhe tomasse o seu, ca elle o recebera ã sua ãcomêda. E, quando foy o tempo do prazo, foy o judeu cõ o recado a el rey de Vallença. E entom / [228c] demandou os XXX mil marcos aaquelle filho de Bubecar.

CAPÍTULO DLXV

Como se foy pera Murvedro aquelle filho de Bubecar por que se nõ asegurava ã Vallença

Por o rogo del rei dom Affomso era aquelle filho de Bubecar guardado que lhe nõ faziam nõ hũu mal, pero estava em sua casa que nõ ousava de sayr. E dizem que hũu dya sayo fora da casa em vestiduras de molher e esteve todo esse dia em hũa orta. E, logo que foy noite, cavalgou ã hũu cavallo e foyse pera Murvedro. E, quando o soube o alguazil Abueça, prendeolhe hũu seu filho. Mas deuho logo por fiadores a hũu seu tyo que avya nome Abuagad – e esto lhe fez por amor del rey dom Affomso. E demandoulhe o judeu os XXX myl marcos; e mandarõ por elles a Murvedro. E deulhe a meatade ã vyandas e a outra meyatade ã ouro e prata. E o judeu tornouse logo pera el rey dom Afomso. E, ã esto, sayo da prison ho outro seu irmão per rogo del rey de Saragoça e foyse logo pera elle. E fogirõ entom muytos bõos homens da vylla e foronsse pera Murvedro.

Mas agora leixa a estorya a fallar desto e torna contar como passarõ os Allarves ã Espanha e como matarom Abenalfage.

CAPÍTULO DLXVI

Como e por qual razõ passarõ os Allarves em Espanha

Conta a estoria que a razõ por que os Allarves desta vez passarõ ã Espanha foy esta:

Dito vos avemos ja em esta estorya de como el rei dom Affomso ouvera ³³ cinco molheres, as quaaes avyã estes nomes: a primeira ouve nome dona Ynes; e a segunda, dona Costãça; e a terceira, dona Beatriz; e a quarta, dona Ysabel; e a quinta, dona Branca. E, despois da morte desta, estãdo / [228d] elle por casar, a esta sazõ reynava ã Sevilha hũu rey mouro que avya nome Abuhabed e era homen de boos costumes e muy poderoso; e avya no reyno de Tolledo as villas e castellos que vos cõtamos de suso, convem a saber: Conca e Hucres e Amassa Triigo e outros. E avya hũa filha muy fremosa donzella e de nobres costumes e avya nome Çayda. E amavaa muito o padre. E, por a mais honrrar e aver melhor

casamento, deulhe todollos logares do reyno de Tolledo que vos ja dissemos, cō muy boas cartas e cō bõo firmamêto.

CAPÍTULO DLXVII

Como el rey dom Afonso casou cō a Çayda, filha de el rey de Sevilha

El rey dom Affonso estando por casar, como dissemos, e seendo muy esforçado e bẽ aventurado em todos seus feitos, ca elle nõ leixava de contender cō mouros e cristãos e todos avyã d'elle muy grande medo, ouveo de saber a Çayda. E tanto bẽ ouvyo d'elle dizer que se namorou d'elle, e tanto foy sua namorada que ouve de buscar maneira per que ouvesse seu amor. E, como as molheres som sotiis ẽ as cousas que querẽ fazer, e el rei dom Affonso era hy preto que andava em sua cõquista, ẽvioulhe ella dizer per seus messejeiros que tevesse por bẽ de a veer e que, se quisesse casar cō ella, que lhe daria todallas villas e castellos que ella avya. E el rey dõ Afonso, quando esto ouvyo, prouguelhe muyto e mãdoulhe dizer que a hyria veer onde ella quisesse. E dizẽ algũs que a foy veer a Consogra e outros dizẽ que veeo ao camynho.

E, depois que a el rey vyo, foy muy pagado della, ca a vyo muito fremosa e de muy bõo doayro. E ouverõ seu fallamêto ẽ hũu ẽ que lhe ella disse que, se cõ ella quisesse casar, que o ẽtregaria / [229a] de todallas villas e castellos que ella avya.³⁴ E el rey lhe disse que lhe cõviinha de se tornar cristã e ella disse que o faria muy de grado. E el rei, veendo que lhe era grande ajuda pera sua cõquista, ouve seu conselheiro com seus ricos homẽes, mostrandolhes como lhe era grande ajuda aquelles logares pera sua conquista. E elles conselharonlhe que o fizesse. E elle fezea logo cristã e casou com ella. E foronlhe logo entregues as villas e os castellos. E, quando a baptizarõ, mãdou el rei que lhe posessem outro nome e poseronlhe nome dona Maria. E ouve della hũu filho que ouve nome dõ Sancho. E deuho el rey a criar ao conde de Cabra.

CAPÍTULO DLXVIII

Como os Allarves matarõ el rei de Sevilha

Veendo el rei dõ Afonso o bõo divydo que avya cõ el rei de Sevilha, por que era padre de sua molher, e o grande amor que por esta razom ẽtre elles era e veendo outrossy como ẽrã os melhores d'Espanha, ouverõ seu conselheiro ambos per que guisa metessẽ todollos mouros d'Espanha em trebuto. E acordarõsse em esto: que el rey dõ Afonso mandasse aalẽ mar por os Allarves, que ẽrã os melhores cavalleiros que os mouros avyã. E era a essa sazõ senhor de Marocos e de Bellamarĩ Juceff Abentaxaffĩ. E el rei dom Afonso mandoulhe rogar que mandasse os Allarves a Espanha. E foi allo por messejeiro hũu mouro que era alguazil del rei de Sevilha, que avya nome Ally Abunay.

E os Allarves passaram ẽ Espanha per mãdado del rey dom Afonso. E eram tantos que maravilha. E, depois forõ aaquẽ mar, cuydando el rei que seeriam ẽ sua ajuda cõtra os mouros d'aaquẽ, foy o contrairo, ca se acordarõ todos em hũu e alçarõ aquelle alguazil por / [229b] rey. E elle, como treedor, nõ guardando lealdade a seu senhor, fêzesse chamar Miraamolỹ. E acordarõsse todollos mouros que veherom d'aalem cõ os d'aaquẽ em hũu senhorio, ca ante destõ dous senhorios ẽrã, e partironsse do senhorio del rei dom Afonso, nõ lhe querendo dar o trebuto. Ante lhe buscarõ muyto mal.

³⁵ E el rei de Sevilha sayo a elles, cuydando que se nõ atreveryã cõ elle, e por esto nõ hya percebido pera lidar. E elles lidarõ cõ elle e matarõno por que cuydaron que era cristãõ emcubertamẽte, pois que sua filha era cristã e casada cõ el rey dom Affonso.

CAPÍTULO DLXIX

Como os Allarves lidarõ cõ as jẽtes del rei dõ Afonso e as vẽcerõ e matarõ o iffante dõ Sancho

Andados XXIII ẽnos que el rey dom Afonso reynava – que foy na era de myl e cento e XXIII ẽnos – jazendo elle muy doente em Tolledo, aquelle alguazil que se chamava Miraamolỹ, depois que matou ho rey de Sevilha, tornou da sua parte todollos mais honrrados da Andaluzia e veeo cõ grande hoste cercar Ores. E el rei dõ Afonso ouve muy grande pesar por que lhe nõ podya acorrer per seu corpo. E ẽvyo allo o iffante dõ Sancho, seu filho, e cõ elle o conde dom Garcia de Cabra e cõ muy grande jẽte do seu senhorio.

E, quando chegarom a Utile, levãtarõsse os mouros e poserom suas aazes e ajuntarõsse cõ os cristãos. Mas os cristãos nõ se acaudilharom bem e forom vencidos, maao o seu pecado. E ally hu estava o iffante em grãde pressa cõ os mouros, ferironlhe o cavallo e cayo logo ẽ terra. E o conde, como esto vyo, descendeu a elle e cobrio cõ o seu scudo e defendeuho quanto mais melhor pode cõ a espada, a guisa de

muy bõo cavalleiro. Mas os mouros erã tantos que os nõ pode sofrer, ca lhe cortarom hũu pee. E, desde se nõ pode tẽer, leixoussse cayr sobre o iffante por que morressem hy ambos, ca ja os cristãaos hyam fogindo.

Mas / [229c] o conde dom Garcia, que chamavõ o Crespo de Gravõ, e o conde dom Martĩ e outros condes e ricos homẽes que estavã acerca do iffante, como esto virõ, acorrerõlhe e fोगirom cõ elle e chegarõ com elle a hũu logar que ora ha ³⁶ nome Sete Condes, sayndosse da batalha e cuydando alli scapar cõ elle. Mas a multidom dos mouros passarõ dyante e cercarõno em aquelle logar. E, como nõ poderom fugir cõ o iffante, matarõno ally. E poserom nome aaquelle logar Sete Portas. Mas el rei dom Afomso mandou despois que lhe chamassem Sete Condes.

E os condes e ricos homẽes e a outra jente que scaparon da batalha chegarõ a Tolledo muy quebrãtados. E disselhes el rei, cõ muy grande sanha e pesar do filho, que lho dessem. E dezia aaquelles que viinhã da batalha:

– Dademe meu filho!

E esto dizia elle cõ o muy grande pesar que tiinha em seu coraçõ. E fazia tam grande doo por seu filho que esto era hũa grande maravilha. E a esto respondeo o conde dom Gomez e disselhe:

– Senhor, por que nos demandades vosso filho, ca o nõ destes a nos?

E el rei disse:

– Se o eu dei a outrẽ, vos ãvyei com elle por o guardar e defender o seu corpo. E aquelle a que o eu dey predeu morte por o defender e assi comprio seu dever.

Entõ respondeu dom Alvaro Fernandez que fora ãna batalha e disse:

– Senhor, desde vos reynastes, sempre vos trabalhastes de guerra e levastes grandes trabalhos por tomar villas e castellos e por esto espargestes muyto sangue. E agora, pois a boa andança foy dos mouros e a maa vossa, e vos veendo que per nos nõ se podia vencer o campo, ãtendemos que, se hy todos morressemos, que esto seeria grande vosso dãpno e que poderiades porem perder a terra e nõ terriades cõ que a defender e os vossos grandes feitos ficariã assi como mortos. E nos, veendo todo este mal, escolhemos o mais pequeno. E, pois que o filho perdestes, / [229d] que nõ perdessedes a terra. E esto nos fez viĩr aco. E, se Deus por os nossos peccados nos deu agora esta desavẽtuira, elle nos dará outra boa andança quando sua mercee for.

El rey ouvyo muy bem o que dom Alvaro Fernandez disse, pero nõ escaeceu ³⁷ de fazer doo por o filho. E perdeu el rei dom Afomso desta vez Conca e Amassa Triigo e Ote Velles.

E, quando elle vyo tal destroimẽto na terra e vyo outrossi como os fidalgos nõ podyã sofrer as armas e por esto viinha grãde dampno ao seu senhorio, por sua fraqueza e mĩgua, perguntou os físicos se sabyam por que os filhos d’algo nõ podyã soportar as armas. E elles lhe disserõ que por que entravã ameude ã os banhos e se davã muito aos viços. E el rei mãdou logo derribar os banhos da terra e fez trabalhar os cavalleiros em armas ennas guerras. E, como era de grande coraçõ, esforçoussse muy bem e guareceu mui cedo daquella infirmitade que avya.

CAPÍTULO DLXX

Como el rei dom Afomso ajuntou grande hoste e foy correr terra de mouros

Tam grande foy a sanha que el rey ouve dos mouros por a morte de seu filho e por a grande desonrra que delles recebera que, logo foy sãao e pode cavalgar, ajuntou grande poder dos seus reynos todos e foisse a terra de mouros, dereitamẽte pera onde estava aquelle mouro que se chamava Miraamolỹ. E cercouho ã Cordova. E, quãdo o mouro vyo o grande poder que el rei dõ Afomso tragia e que nõ podya lidar com elle, ãvyoulhe mover preytesya que queria seer seu vassallo e que lhe daria parias d’aaquẽ mar. E, ã andando ã esta preitesya, sayu de noyte o mouro cõ grande poder de gentes a dar na hoste del rey por a destroyr. Mas, como os cristãaos / [230a] estavã armados e percebidos delle, lidarõ com elles, ã tal guisa que matarõ os mais delles e prenderõ muytos, antre os quaaes prenderõ aquelle ³⁸ mouro que matara o rey de Sevilha, de que ja ouvistes. E mandouho el rei dõ Afomso trager ãte sy e mandouho todo cortar em peças a olho dos da vylla. E despois mãdou ajũtar as peças e fazer hũu grande fogo e queimallo. E mandou trager os mais honrrados mouros que ally forõ presos e queymarõnos com elle. E os da villa, quando aquello virõ, forõ mui spantados e firmarõ logo seu preito cõ elle e a el rei prougue, ca lhe derõ muito ouro e muyta prata e muytas doas de grande preço e ficarõ por seus vassallos.

Depois que esto ouve acabado, entẽdeu que leixava aquelle mouro bẽ pagado e entõ se tornou pera sua terra cõ muy grande honrra e muy rico. E desta guisa escarmẽtou os mouros desta vez.

Mas, logo acerca desto, passou d’aalem mar Juçaff Abetaxaffym Miraamolỹ de Marrocos e cortou a cabeça aaquelle mouro, segũdo vos adyante contaremos.

CAPÍTULO DLXXI

Como el rei dō Afomso sacou sua hoste e foi cercar Saragoça e como passou Miraamolym

Passados XXIII^o ãnos do reynado del rey dom Affomso, avendosse elle por muy viltado por que assy perdera Conca e toda a mais da terra que lhe dera a raynha sua molher, sacou sua hoste muy grande e foy cercar Saragoça. E, pero que os da villa lhe davã muy grande aver e que a descercasse, nõ queria se nõ que lhes dessem a villa, ca elle avya grande vōotade de a tomar por que era camara de Navarra, cõ que elle nõ estava bem. E, cuydando de aver a terra mais asynha, mandou que nõ roubassem os moradores das aldeas e assegurouhos; e que lavrassẽ e criassem e que / **[230b]** lhe dessem a peita que davã aos seus reis mouros. Ca bem sabya elle que, se os mouros passassem d'aalem mar, que a nõ poderia aver assy de ligeiro, ca elle bẽ certo era que Miraamolym estava ja em Cepta pera passar. E, por cobrar a terra ante que passasse, fazia entender aos mouros que nõ queria ³⁹ delles se nõ o senhorio e a peita que davõ aos seus reis e que lhes nõ faria outro mal nem desaforamẽto co lhes faziã os outros seus senhores.

Elle jazendo sobre Saragoça, como vos dizemos, soube como os da villa avyã mandado seu recado a Miraamolỹ que lhes acorresse e que se nõ perdesse a villa e que os tirasse da servydõ del rei dō Afomso. E, logo que Miraamolym ouve este recado, passou de Cepta ã Aljazira Talladara cõ tantos mouros que era hũa grande maravilha.

Mas aqui he de saber que mais passou aquelle Miraamolỹ o mar por se vingar daquelle mouro alguazil que fizera tãta traiçom e se chamara Miraamolỹ que por outra cousa. Mas, logo que elle foy ã Aljazira, foronsse pera elle todollos mais hõrrados mouros da Andaluzia. E acordaronsse todos de o servir segundo sua ley e partironse logo do senhorio del rei dom Afomso e fezerõlhe muy grandes guerras, correndolhe as terras. E Miraamolim foy sobre Sevilha e tomouha e achou hy aquelle mouro alguazil de que dissemos e cortoulhe a cabeça. E, depois que ouve Sevilha, mandou seu poder sobre Cordova e deronilha logo. E matarõ hi hũu filho del rei de Sevilha e matarõ hi el rei de Badalhouce que avya nome Abũmator. Quando os mouros andaluzes virõ como os matavã os mariis e lhe tomavã os senhores e tomavã as villas sã razõ, pesoulhes muyto do amor que cõ elles avyã, ca mais se temyã delles que dos cristãaos. E sobre esto ouverõ sua falla ã grande puridade: se terriã ante o senhorio dos cristãaos ou dos mouros mariis que lhe tanto mal faziã; e foram acordados que melhor era de ser/vyr **[230c]** os mouros, que eram da sua ley, que os cristãaos. Entõ se acordarom todos em hũu senhorio e ajuntarõsse delles mui grande poder e entrarom pella terra del rei dō Afomso, correndo e estragando quanto achavã.

⁴⁰ CAPÍTULO DLXXII

Como el rei dom Afomso lidou cõ Miraamolĩ e foy vençudo el rei dom Affomso

Andados XXV annos do reynado del rei dō Afomso, aquelle mouro Ajuçaff, desque foy senhor de Sevilha e de Cordova, ajuntou muy grande poder e êtrou pella terra del rei dom Afomso. E elle, logo que o soube, descercou Saragoça e êvyou por dom Alvaro Fernandez a Vallença e levou consseigo o Cide e foy cõtra aquelle mouro. E foram cõ elle muytos Franceses. E ajuntarõsse cõ os mouros apreto de Badalhouce, em hũu logar que em aravigo ha nome Gallaque. E foy a lide muy forte, pero que nõ foi em ella o Cide, ca o êvyou el rei a Tolledo por que entrou per allo grande hoste de mouros. Mas, por os peccados dos cristãaos, forõ vençudos e desepararõ seu senhor el rei dom Afomso ãno campo. Mas elle, commo foy esforçado cavaleiro, manteve o cãpo ataa a noite cõ esses poucos que com elle ficarõ. E tã ryjamẽte lydava el rei dō Afomso e os seus que os mouros nõ se lhe ousavã parar de diante, ã tal guisa que arrãcarom os mouros do cãpo e levarõnos ataa as tendas onde estava ho mouro Miraamolĩ, cercado de carcova, ferindoos muy esforçadamẽte e cuydandoos d'arrãcar daquelle logar. Mas nõ o pode fazer, ca lhe veherom dizer que os andaluzes lhe roubavã o areal. E el rei tornou logo sobre elles e lidou cõ elles e ouve hy muytos mortos d'amballas partes; mas ã fym foy el rei vẽçudo e ferido. E assi se partirom per noite.

E el rey, cõ esses poucos e bõos que lhe ficarõ, acolheusse a Coira. E os mouros tornaronsse logo pera seus logares. / **[230d]** E esta batalha foy em sexta feira, primeiro dia de Novembro, na era de mil e cento e XXV annos.

Depois que Miraamolỹ venceu esta batalha da maneira que ouvystes, foyse pera aalẽ mar, por que entendeu que era grande desacordo antre os andaluzes e os mariis. E, depois que allo foy, ajuntou muy mayor poder que antes ⁴¹ e passou aaquẽ mar e teve o senhorio, ataa que lho tirarõ os Almoades, assi como adyante ouviredes. Este mouro deffendeu muy bẽ sua terra e manteve seus poboos ã justiça.

CAPÍTULO DLXXIII

Como el rei dom Affomso foy correr terra de mouros

El rey dom Affomso, avendo XXVI annos que reynava, sacou sua hoste muy grande e entrou ã terra de mouros e estragou quanto achou ataa Sevilha. E, pero que hi estava aquelle Juçaff e com elle o conde dom Garcia Ordonhez cõ muytos cristãos e elle apoderado de muitos mouros, ñ foy ousado de sayr a lidar com elle. E el rei dom Afomso, depois que lhe correo a terra, tornou-se pera seu reyno cõ grande honrra e muyta guãça.

El rei dom Afomso era muyto era muyto cobiiçoso d'aver honrra e senhorio. E, cobiiçando de seer senhor de toda a terra d'Espanha, entendeu que, pera esto, lhe compria de sacar ã cada hũ anno sua hoste e aturar muy atrevudamẽte a guerra. E, por esto poder fazer mais seguramente, penssou ã qual maneira poderia meter discordya antre os mouros e ãvyou suas cartas aos alcaides e aos mais honrrados dos mouros que posessem os Allarves fora da terra. E elle que lhe ñ demãdaria villa nem castello, se ñ a meyatade do que sohyã a dar, e com esto outros muytos afaagos que lhes mandou dizer. Mas elles estavam / [231a] muy argulhosos por o vëcimẽto da batalha que delle ouverõ e outrossi por que ouverom hũa batalha cõ dom Alvaro Fernandez e cõ os filhos de Gomez Diaz e forom os mouros beadantes; e esto foi quando se el rei tornara da entrada que fizera. E por esto ñ tornarõ os mouros ao que lhes el rey mandava dizer.

⁴² E em este ãno ouve hũa lide Abenalfage cõ os da Estremadura ãno Spartal e forom os cristãos vençudos.

Mas agora deixa a estoria a fallar desto e torna a fallar de Yahya, rey de Valença.

CAPÍTULO DLXXIV

Como el rei de Denya veeo cercar el rey de Valença e do que hi aconteceu

Andando el rey dõ Affomso ã trabalho de sua guerra como vos dissemos, ñ foy nembrado del rei de Valença. E elle foy assi desamparado que os seus se lhe levantarõ com os castellos que delle tiinhã e ainda esses de que mais fiava o desampararõ primeiro, em tal maneira que el rei de Denya, vendoo assi desacorrado e que ñ avya esforço del rei dom Afomso, veeo sobre Valença, cuidando de tomar – e esto per conselheiro dos mouros da villa que lhe disserom que lha dariã ou lha fariã aver. E elle trouxe conssego grãde poder de Frãceses.

E, ante que elle hy vehesse, ãviou dyãte hũu alcaide, seu tyo, e lidou cõ el rey de Valença e venceuho e tomou hy muitas armas. E, quando esto soube el rei de Denya, trasnoytou hũa jornada e veeosse sobre Valença e cada dya avya torneio cõ os da villa. E el rei de Valença era em tal coita que queria dar a villa a el rei de Denia. E ouve sobre ello conselheiro com os homẽes bõos. E hũu mouro que avya nome Abuhuitizar conselhoulhe que o ñ fizesse / [231b] e deulhe aquelle mouro todo o aver que ouve mester. Entom el rei de Vallença ãvyou dizer a el rey dom Afomso que lhe acorresse que era ã grande coita.

E outrossy a el rei de Saragoça disse hũu alcaide que tiinha Molina que fosse com elle a Valença e que lha faria cobrar, ca mais pertẽcia a elle ca ao que a tiinha cercada. E este alcaide era irmãao do alcaide de Segoyvha e disse a el rei que tomasse logo aquelle castello e que elle faria com seu irmãao que lhe desse ho outro que elle tiinha.

Mas agora leixaremos aqui de fallar desto e tornaremos a contar do Cide.

⁴³ CAPÍTULO DLXXV

Como el rei dõ Affomso foy correr terra de mouros e mandou ao Cide que guardasse a terra

Andados XXVII ãnos do reinado del rei dõ Afomso, sacou elle muy grande hoste pera hyr correr terra de Hubeda e de Cabeça e mandou ao Cide que ficasse ã Castella e que guardasse a terra e sayosse aa frontaria. E o Cide ajũtou VII mil homẽes d'armas e sayo aa fronteira d'Aragõ e passou o Doyro e chegou a Gallamota e teve hy a quareesma. E, em estando hy, ãvyoulhe dizer el rei Alvarazim que queria seer seu vassallo e que se queria veer cõ elle. E entom ficou por seu vassallo e que lhe desse ã cada hũu ãno suas pareas. E sayusse dally e foyse pera Saragoça. E el rey recebeo mui bem e fezlhe muyta honrra. E, em estãdo hy, morreu el rei de Saragoça e reynou hũu seu filho que avya nome Abuhazẽ.

Este rey de Saragoça rogou ao Cide que fosse com elle sobre Valença e deulhe todo o que o Cide lhe demandou. E, por o grãde sabor que avya de hir sobre Valença, ñ esguardou a gẽte sua que levava como era pouca e como o Cide hya mais poderoso que elle, ca lhe crecia cada dya a jente, por que deziã que queria entrar ã terra de mouros. E, logo que foy prestes, foyse pera Valença.

E el rei de Denya que a tiinha cercada, quando o soube, pesoulhe muyto e ñ / [231c] o quis hy atender, com medo do Cide. Entom pos seu amor cõ el rey de Valença o melhor que pode e deulhe todo o

bastimêto das vyandas que tiinha e quanto aver ouve mester e rogoulhe que se tevesse forte e desy partiosse. E a el rei de Valença prougue muito, como quer que elle bem entendya a razõ por que era, e fezeo de todas suas preitesias muy firmes cartas. E, esto feito, fuisse el rey pera Tortossa.

⁴⁴ **CAPÍTULO DLXXVI**

Como o Cide e el rei de Saragoça descercarom el rei de Vallêça e da honrra que lhes elle fez

Quando o Cide e o rey de Saragoça chegarõ a Vallença, el rei os sayo a receber muy honrradamête e gradeceulhes muyto o que lhe avyã feito e fezeos apousentar ãna orta mayor, a que chamã Villa Nova, e mãdoulhes grandes serviços e cõvydouhos a comer ãno alcacer cõ quantos elles quisessem.

E el rey de Saragoça sperava que lhe dessem a villa, assy como posera cõ elle Abucanõ, aquelle mouro alcaide que dissemos que o hy fezera viir, e nõ viia fazer destõ nõ hũu movymêto nem razõ em como o elle cometesse. Ca el rei de Vallença posera seu amor com o Cide ãcubertamête, nõ o sabendo el rei de Saragoça. E elle fallou com o Cide ã como queria aver Vallêça, segundo o que lhe prometera Abucanũ que o hy fezera viir e que lhe rogava que o ajudasse. E o Cide lhe disse que nom podia seer e esto por que a villa era del rei dom Afonso, seu senhor, e que el rei de Vallença de sua mãao a tiinha, ca elle lha dera em que vyvesse, e que per nõ hũa guisa a nõ poderia aver se lha el rey nom desse, salvo se a guaanhasse del rei dom Affonso. E que entom lha ajudaria el a conquistar.

CAPÍTULO DLXXVII

Como se el rei de Saragoça se tornou, depois que vyo que nõ podya cobrar Vallença

[231d] Conta o autor da estoria que, depois que o rey de Saragoça ãtendeu como o Cide andava ã este preito, que se tornou pera Saragoça e leixou hy hũu alcaide com peça de cavalleiros que ajudassem el rei de Vallença. E leixouho hy cõ arte ⁴⁵ por tal de aver presa ãna vyla. E o Cide, por seu consello, foy cercar Xerca, por que tevesse a fronteira contra Murvedro e esto por fazer mal aos mouros por tal que dos castellos nõ ouvessem renda nem hũa e se ouvessem de perder. E que entom lhes cõverria de duas cousas fazer cada hũa dellas: ou se dariã a el rey de Saragoça ou ficariã em desemparo de nom seer del rei de Denya, e que por esto guaanharia Murvedro. Mas nõ fez como elle queria. E por esto rogou ao Cide que lhes fizesse todo o mal que podesse, ca elle bem sabia que o castello stava muy mĩguado d'armas e de vyandas; e esto era por maldade do que o tiinha. Mas hũu que avya nome Abueçam, quando soube como andava o preito, ãvyou dizer a el rei de Denya que lhe queria dar o castello que o vehesse logo tomar. E el rey veio hy e ouve o castello. E aquelle Bueçam tornouosse seu vassallo e deulhe el rey de Denya o seu castello em tẽça de sua mãao.

CAPÍTULO DLXXVIII

Como el rei de Saragoça pos seu amor com o conde dom Reymõ Biringel e se partio do Cide

Quando o Cide soube em como el rei de Denya fezera avença cõ Ababrõ sobre o perdimêto de Vallença, entendeu em seu coraçõ que, se a elle ouvesse, que faria cõ ella a Deus muito serviço e que poderia manteer grade custa. Entõ ãviou suas cartas a el rey dom Afonso ã que lhe pedia por mercee / [232a] que tevesse por bem de leixar ficar cõ elle aquella jente e que faria serviço a Deus cõ ella e que elle guaanharia dos mouros cõ que os mantevesse e que, cada que o ouvesse mester, que verria a seu serviço sem sua custa e que tanta guerra faria aos mouros e assi os combateria que toda a terra lhes estragaria. Desto prougue muyto a el rey e mandou que se fossem pera elle os que quisessem e que elle lhes faria por ello mercee. E, depois que o Cide ouve o recado del rey, ãvyou seus adaiis per toda a terra a ⁴⁶ guaanhar. E, quando o ãvyavã preguntar por que o fazia, dizia elle por tal que lhe dessem algũa cousa de comer.

E entanto o conde dom Reymõ de Barcellona veeo cõ muy grande hoste a Saragoça e el rei deulhe mui grande algo por aver seu amor, ca elle era ja partido do amor do Cide por que ãtendia que por elle perdera Vallença. E em esta sazom el rei dom Afonso mandara por o Cide. E era allo hido. E por esto el rei de Saragoça, esforçandosse no conde, foy cercar Vallença e fez logo fazer dous castellos, ho hũu em Lyria e outro em Pares d'Albuera, por que nõ podesse nõ hũu entrar nem sayr. E mandou muy bem renovar o castelo de Cembola em que se o conde acolhesse, se lhe mester fosse, e combatiã a vylla cada dia. E el rei de Vallença sperava cada dia acorro do Cide. E assi esteve hũu tempo cercado.

Logo que o Cide soube como o tiinham cercado os Franceses, espediosse del rei e fuisse pera Vallença. E tãto andou per suas jornadas que chegou a hũa aldeã que avya nome Novas, que era preto de Murvedro. E, quando o soube o cõde, pesoulhe muito por que o tiinha por seu amigo. E o Cide

mandoulhe logo dizer que descercasse Vallença e se fosse. E elle ouve sobre ello consselho com os Franceses e elles consselhavanlhe que lhe desse batalha. O Cide, com grande mesura, lhe mādou / [232b] dizer que nō queria lidar cō elle, mas que se fosse ende. E o conde entendeu que nō podia hi ficar pois viinha o Cide e fuisse logo camynho de Requena. E nō passou per Saragoça.

E o Cide se veeo pera Vallença e el rei o recebeu muy bem e fezелhe muy ta hōrra e preytejou com elle de lhe dar cada domaa mil marcos e que apremasse os dos castellos que lhes dessem suas rendas, assi como sohyam, e que o deffendesse dos cristãaos e que se acolhesse a Vallença e, o que roubasse das outras villas e logares, que o podesse hy vêder. E deulhe seus alfazes.

⁴⁷E, sua postura feita e firmada, entrou o Cide a correr a mota do Monte e correo toda a terra e fez grandes roubos e tornou-se cō grandes gaaças pera Requena.

CAPÍTULO DLXXIX

Como el rei de Saragoça e o conde de Barcellona se ajūtaram contra o Cide

Despois tornou-se o Cide a Vallença e mādou logo dizer aos dos castellos que dessem as rendas a el rey como sohyam fazer. E elles assy o fezeron e trabalharō por aver seu amor. E, desde esto ouve feito, foy sobre Denya e Xativa e morou hi todo o inverno, fazendolhes grãdes guerras, estragando toda a terra em redor, de guisa que, des Denya ataa Xativa, nō ficou parede alevantada. E levava os roubos a vender a Vallença.

E despois tornou queymar e estragar a terra. E, em passando per hūu logar que avya nome ã aravigo Moroil, cortou quanto hy achou, assy os pãaes como as vynhas. E, quando se o senhor de Tortosa vyo assy estragado e que lhe nō ficavã os gaados nem pam nẽ vinho, mādou seu recado ao conde dō Ramō Biringel que ajūtasse tantas jentes que deitassem o Cide fora da terra ou que lidassem cō elle e que elle lhe daria todo o aver que ouvesse mester. E o conde, cuydandosse de vingar do Cide, tomou o aver do senhor de Tortosa e ajūtou mui grande / [232c] hoste de cristãaos. E, desde forō de mestura cō os mouros, foron tantos que bem cuydaron que o Cide os nō ousasse sperar, ca os mouros se esforçavã muito nos Franceses.

E o Cide, quando soube que em todas as guisas queriã lidar com elle, penssou que, se todos vehessẽ ajuntados, que os nō poderia sofrer e buscou arte e maneira como os partisse em partes. E, pera esto fazer, tevesse em hūu valle ãtre duas ⁴⁸serras ã que avya muy pequena entrada e elle pos em ellas suas guardas e fez barreiras por nō poderem entrar a elle. E el rei de Saragoça mandou dizer ao Cide como queria lidar com elle. E o Cide confortou sua jente muy bem e esforçouhos.

O conde viinha per parte da serra acerca do passo, ã guisa que se viiam hūus com os outros. E, despois que foy noyte, ãvyarō suas ãculcas ao arreal do Cide. E, logo em outro dya, mandaronlhe dizer que saisse a lidar cō elles. E o Cide mādoulhes dizer que nō queria dar cō elles, mas que queria per ally andar cō suas jentes. E elles viinhãlhe dizer que saisse fora e elle nō fazia cuydado do que elles diziam. E elles por esto tomavã grande atrevymẽto, pero que os entendidos diziam que era muy sabedor de guerra.

CAPÍTULO DLXXX

Como o conde mādou sua carta ao Cide e da resposta que lhe o Cide ãviou

O conde, cō grande orgulho, ãvyou sua carta ao Cide ã estas pallavras:

«Eu, o conde dō Ramō de Barcellona, desũu com todos meus amigos e vasallos, a ty, Ruy Diaz de Vyvar! Tu ãvyaste carta a el rey em que lhe mādaste dizer que lidarias cōnosco. E, por tal que ouvessem mayor querella de ty, mandaste que nolla amostrassem e per muitas vezes nos fezeste pesar e nos tomaste o nosso, dizendo que taaes eramos como as molheres. E, por os muitos pesares que nos fezeste, nōs queremos muy grande mal e porẽ rogamos a Deus que nos dê poder sobre ti que en/tendas [232d] que nō somos taaes como as molheres. Outrossy mandaste dizer que ante nos fossemos a ty, verrias tu a nos. Por esto nō deceremos das bestas, ataa que tomemos ti aas mãaos. E veeremos os teus deuses, que som os corvos e as cornelhas em que tu crees, se te ajudarã. E, fiando tu ã elles, entendias de lidar cōnosco. E nōs nō creemos se nō em hūu verdadeiro Deus que nos vīgara de ti. E por verdade te dizemos que de boa madurgada seeremos cōtigo. E, se te partires do mōte e deceres ao valle, seeras Rodrigo de ⁴⁹Vivar, como dizẽ, e, se o nō fezeres, seeras, como dizẽ ao foro de Castella, alltivosso e, ao foro de França, abuzandor e ãganador. E que fiques enno mōte, nō te avera prol, ca nōs nō nos partiremos daquy ataa que tomemos aas mãaos, preso ou morto, e Deus por sua mercee nos vingue de ty».

Quando o Cide ouve leuda a carta, mandoulhe fazer outra que dizia assy:

«Eu, Ruy Diaz de Vyvar, desũu cō meus vassallos e amigos, salvenos Deus! Conde, vy vossa carta que dezia que vos mādara doestar, vós e vossos vassallos. Verdade he. E dizervos ey por qual razō: por que, ao tẽpo que vós erades com el rey dom Afonso, dissestes muyto mal de mỹ, doestandome, e dissestes que

nõ ousaria entrar ãna terra de Benalfage, cõ medo de vós. E outrossi vossos vassallos Reymõ Bernal e outros disserõ de mÿ muito mal perãte el rei dom Affomso. E vós dissestes que vós combatariedes cõmigo e que vos nõ ousaria d'atender ã terra e que, por o seu amor, me leixavades ã ella que doutra guisa que nõ ficaria hy hũu dia. E porẽ vos digo que vós me nõ leixedes por elle e vñde a mÿ, ca no lugar mais chãao desta terra me acharedes. Ca eu aparelhado estou pera vos receber. Mas sey que nõ ousaredes vñir, ca cristãaos e mouros sabẽ que vos vñci e vos tive preso e vos dei o que tragiades. E seede certo que, se a mÿ vñides, que vos darei / [233a] a soldada que vos sohya a dar e o que trouxerdes leixaredes. E o que dizes que soo abuzandor, dizedes grande mêtira, ca eu nunca fiz per que meos valha.

CAPÍTULO DLXXXI

Do cõsselho que ouve o cõde e da meestria que o Cide fez ante que entrasse a esta batalha que venceo

Quando o conde ouve leuda a carta, foy muy sanhudo e tomou conssigo seus vassallos e ouve cõ elles consselho. E, logo essa noite, tomarõ o monte que estava sobre a hoste do Cide, cuydando que por aquello o vñceria.

⁵⁰ E, em outro dia de boa manhã, ãviou o Cide seus homẽes cõ arte de meestria que fossem fogindo e que passassem per lugar que os visse o conde e enssynouhos como dissessem, se os prendessem. E os do conde, quando os assy virõ fogir, forom empos elles e prenderõnos e levarõnos ante o conde. E elle preguntoulhes como estava o Cide ou que cuydava fazer. E elles disseronlhe que queria fogir per essas serras, ca nõ cuidava que tam grande voontade ouvesse o conde de lhe buscar mal e por esto que o nõ atenderia hy. E que, se o quisesse prender, que lhe tomasse os passos per hu avya de passar e que assi o tomaria, se o avya ã coraçõ. E o conde, cõ estas novas, foy alegre e partio sua gente ã quatro partes e ãvyouhos aos logares per hu avya de passar o Cide. E o conde ficou com hũa peça de cavalleiros daquella parte onde jazia o Cide.

E os mouros, cõ estas novas, começaram de sobyr a serra. E o Cide, que estava muy bẽ guisado com sua jẽte, mandou que os ferissem muy sem piedade. E elles fezerõno assi e matarõ e cativarõ muytos a Gralae o Romãao. E o Cide foy contra o cõde e ferironssse muy sem piedade hũa grande peça. E o Cide foy derribado do cavallo mas foi logo acorrido dos seus. E en/tõ [233b] os mãdou feryr ryjamẽte e durou a batalha muyto. Pero aacima venceu o Cide e fogio o conde e perdeu hy muitos bõos cavalleiros. E o Cide foy ãno ãcalço, matãdo e ferindo em elles, ataa que encaçou os Frãceses e prendeu os melhores delles e meteos em ferros. E erã os presos bem cinco mil e os capitãaes delles eram estes: Dom Guysal Allemon, e Ramõ Romeiro, e Giral Guilhen. E ouve desta batalha mui grande aver em ouro e em prata e ã outras muitas joyas de grande preço e tomoulhe todallas tendas e armas que tragiam, em tal guisa que todollos do Cide forom muy ricos.

⁵¹ CAPÍTULO DLXXXII

Como o conde se veeo poer ãna mesura do Cide e como elle soltou os ricos homẽes que prendeu

Hyndo o conde fogĩdo da batalha, foy dicto como erã presos todollos seus ricos homẽes e, dos outros, muitos mortos. E, quando elle esto ouvyo, ouve grande pesar que cayo do cavallo bẽ como se fosse morto. E os que hyã cõ elle confortarõno o mais que poderom. E, quando entrou ã seu acordo, começou fazer planto de grande door, dizendo que por esso avya Deus irado e cõtra sy, por que hya contra o seu servo; e que, pois os seus eram presos, que elle o queria seer cõ elles, ante que tornar sem elles a sua terra, e que se queria poer nas mãaos do Cide. E os outros lhe diserom que o nõ fizesse mas elle nõ quis por aquello catar e fõisse meter ã poder do Cide muy homildosamẽte. E o Cide fezелhe muita honrra e preytejousse cõ elle por os presos por muy grande aver que lhe por elles deu mais as spadas prezadas que forõ doutro tempo. E, despois que o aver foy viindo ante o Cide, soltouhos e fezелhes muyto algo e elles fezeronlhe menajẽ de nũca hyr contra elle.

E, quando el rei de Denya soube estas novas, ouve tal pesar e tevesse assi por quebrã/tado [233c] que cõ nojo ãfermou e morreo. E o Cide foy muy alegre, gradecendo a Deus muito o bem e mercee que lhe avya feita em o livrar assy de seus inmiigos com tanta sua honrra. E desi tornoussse pera Vallẽça cõ muy grande riqueza e el rei sayuho a receber com grande honrra.

⁵² CAPÍTULO DLXXXIII

Como el rei dom Affomso mandou por o Cide que o vehesse ajudar cōtra os Almohades que tiinhã cercado o castello d’Allaedo e de como se o Cide se perdeu cō elle da segunda vez

Andados XXVIIIº annos do reynado del rey dō Affomso – que foy ena era de mil e cento e XXVIII annos e o ãno da encarnaçom de Nosso Senhor Jhesu Cristo ê mil e LXXXVIII e do emperio d’Anrique em XL – el rei dom Afomso, sabendo como os Almoades tiinhã cercado o castello d’Allaedo, mandou dizer ao Cide que o fosse ajudar. E el rei dom Afonso ajuntou logo sua hoste e foy pera allo. E o Cide esteve em Requena tres dias, cuydando que el rei dom Afonso nō hiria tam asynha e que lhe falleceria a vyanda. E el rey êvyoulhe dizer que o esperasse Vilhena, ca per hy avya d’hyr. E o Cide mandou dizer a Vilhena e a Chichilla que, logo que soubessem que el rei dom Afonso viinha, que lho mandassem dizer. E o Cide, estando ally sperando, foyse el rei per outra parte e veeo a Felim. E o Cide, quando o soube, foyse adyante com hũus poucos de cavalleiros e mandou a sua companhia que o seguisse. E elle passou ã Medina Çalle que he acerca de Murça. E aquelle mouro Juçaff cō todollos reis mouros que erã com elle, quando souberom como el rey dom Afonso viinha sobre elles, ouverom tal medo que descercarom o castello e fोगirom. E Garcia Xemenez, que era alcayde do castello, quando aquello vyo, foy êpos elles e matou delles muitos. E el rei / [233d] dom Affomso, quando soube como erã fogidos os mouros, tornou-se logo pera Tolledo. E, quando o Cide soube como el rei era tornado e vyo que o nō podya alcançar, foy delo muy nojoso e tornou-se pera Elchy.

⁵³ Mas aquelles que erã seus inmiigos mizcrarōno de muy maa guisa com el rey, dizendolhe:

– Senhor, por que o Cide cuydou que lidariã os mouros cōvosco e que os nō poderiades sofrer e que vos matariã e todollos vossos, por esso nō quis vñr ajudarvos.

E el rei, quãdo esto ouvyu, cuydando que lhe deziã verdade, foy muy sanhudo do Cide e mãdoulhe tomar quanto avya ã Castella e prenderlhe a molher e as filhas que tiinha no castello de Orzelho.

O Cide, quando o soube, pesoulhe muyto e êviou hũu cavalleiro a el rei que lhe dissesse em esta guisa:

– Senhor, Roy Diaz, o Cide, me mãdou a vos dissesse que elle foi mizcrado a torto cōvosco e que se quer salvar per seu corpo, se lhe derdes seu yqual, e se nō, per seu cavalleiro, e que o vosso seja seu par; que, quando vos hyades a Laedo que nō hya cōvosco conde nẽ rico homẽ nẽ cavalleiro que de melhor vōotade fosse ã vosso serviço e ajuda que elle; e que por esto nō foy elle a Laedo: por que soube que vós erades tornado, ca o nō fez por outro mal; e que se quer ende salvar em qual maneira vós teverdes por bem e mãdar vossa corte.

E el rey nō lhe quis tornar aa salva; ante quis creer seus louvamynheiros.

Mas leixaremos aquy de fallar del rei dom Afonso e diremos do Cide.

CAPÍTULO DLXXXIV

Como o conde de Barcellona e Benalfage foram pedir ajuda a el rei dom Afonso e do amor que ouve ãtre o cōde e o Cide

Benalfage era senhor daquella terra onde era o Cide. E o cōde, quando soube que ho Cide hi era, mãdoulhe dizer que queria com elle amor e paz. E o Cide, quando aquello ouvyo, moveosse dally / [234a] e foyse pera terra de Vallença. E o alcaide de Vallença, quando soube que o Cide queria fazer paz com Benalfage, pesoulhe ⁵⁴ muyto e êvyoulhe dizer que o nō fizesse e que lhe daria porẽ grande aver. E o Cide fez o que elle teve por bem e tomou os castellos que se alçarom cōtra el rei de Vallẽça e deulhos. E, quando esto soube o conde, ouve seu consselho com Benalfage como poderia hyr contra o Cide. E, feyto o acordo, ajuntou o conde quanta gente pode aver des o Gronho ataa Ebro. E desy ajuntarõsse elle e Benalfage e foronsse hu estava el rei de Saragoça. E Benalfage pos suas pazes com elle e deulhe grande aver. E, despois que esto ouverõ feito, forõsse a el rei dom Afonso que era entõ ã Mouro e rogaronlhe que lhes desse algũa ajuda de cavalleiros pera hyr sobre o Cide. E el rei dom Afonso nō o quis fazer e elles tornaronse bẽ arrependidos.

E o Cide era a essa sazom acerca de Saragoça em hũu logar que avya nome Xarvia e morou hy dous meses. E despois foyse pera Darota e êfermou hy. E êvyou suas leteras ao rey de Saragoça per algũs de seus vassallos. E elles hyndo pera allo, acharõ ãno camynho o conde dom Reymõ, cō muy grande cavallaria. E o conde disse aaquelles cavalleiros do Cide que queria aver amor e paz cō seu senhor se elle quisesse. E os cavalleiros, quando forõ ante o Cide, diseronlhe o que lhes o conde disera. E o Cide disselhes que nō queria com elle paz nẽ amor. Mas os cavalleiros lho rogarom tãto que lho outorgou de o fazer e os cavalleiros forõ ao conde cō estas novas. E o conde, logo que o soube, veeosse logo pera o Cide e firmarõ

suas pazes e foram muito amigos dally adyante. E o Cide partiosse entõ de Darota e fuisse pera Buriana e o conde fuisse pera riba de Ebro. E o Cide partiosse de Buriana e fuisse pera Vallença.

⁵⁵ **CAPÍTULO DLXXXV**

[234b] Como os Almohades tomarõ Murça e o castello de Laedo

A esta sazõ era adiãtado dos Almohades per mandado de Juçaff e era homẽ muy esforçado. Este Abenexa foy sobre Murça e çercoua. E os moradores de Murça estava entõ apremados de grande careza que avyam de pam. E dom Alvaro Fernandez avia postura cõ elles que os vehesse ajudar. Mas nõ o pode fazer e por esto ouverõ elles de dar a villa aos Almohades. E, tanto que elles forõ apoderados de Murça, forõ cercar o castello de Laedo, de que ja ouvystes, e tãto o tenerom cercado que o tomarõ per fame.

Em esto os de Vallença avyã grande medo do Cide por que el rei avya seu acordo com elles de se meter so o senhorio dos Almohades, por seerẽ mais seguros. E, quando virom que assy tomarõ Murça e Laedo e que aquelle Abenaxa era bõo homẽ e dereito e esforçado e que se tiinha cõ os condes e amava muito lidar cõ os cristãos, ouverõ mais ã coraçõ de se meter ã seu senhorio. Mas nõ ousava por medo do Cide. E, estando elles ã este penssamẽto, foi necessidade ao Cide d'yr a Saragoça e de estar allo hũu tempo.

⁵⁶ **CAPÍTULO DLXXXVI**

Como o Cide foy mizcrado a terceira vez cõ el rei dõ Afonso

Andados XXIX ãnos do reynado del rei dõ Afonso, estando o Cide em Saragoça, mãdoulhe dizer a raynha e outros seus amigos ã como el rei dom Afonso queria hyr lidar cõ os Almohades e que, se vehesse em sua ajuda, que lho agradeceria muito e que lhe perdoaria porẽ. E o Cide, logo que vyo o mandado da raynha, sayusse de Saragoça cõ grande hoste e achou el rei dom Afonso em Marcos, que o recebeu muy honrradamẽte, e foron desũu ataa Graada. E poussou el rey ãna serra d'Elvira e o Cide pousou em / **[234c]** fundo ãno chãao ante elle. E aquelles que desamavã o Cide disserom a el rei:

– Senhor, o Cide que vẽ oje empos vós, assi come canssado, e pousou ante vós.
E começarõ todos de fallar em esto.

El rey esteve em aquelle logar VII dias. E Juçaff, rey dos Almohades, nõ se atreveo de sayr a lidar com el rey dom Afonso e fuisse dally. E elle, quando vyo que os mouros nõ queriã lidar com elle, tornousse pera Hubeda. E de tal guisa mizcrarõ entom o Cide com el rei que o desamou muyto ademais. E o Cide, quando esto vyo, foy muy sanhudo e partiosse logo del rei e fuisse pera Vallença. E el rei tornousse pera Tolledo.

E o Cide começou logo de repairar o castello de Pena Tadiella que os mouros avyam derribado e desi basteceuho muy bem do que lhe era mester. E, despois que esto ouve feito, fuisse pera Saragoça. E, estãdo hy, rogouho el rei de Saragoça que o ajudasse contra el rei d'Aragom que o guerreava muy fortemẽte ⁵⁷ e o Cide lho outorgou. E, quando os da cidade souberõ como o Cide prometera ao seu rey de o ajudar, sairõ todos a elle e meterõsse em suas mãas. E outrossi el rei pos todo seu reyno em seu poder e em sua guarda e firmarõ antre sy preitesias de paz e grande amor. E, quando el rey d'Aragon soube ã como o rey de Saragoça e o Cide avyam antre si amor firmado com certas preitesias, ajũtou muy grãde hoste e veeo ataa hũu logar que chamã Geria e mandou dizer ao Cide que se queria veer cõ elle e aver com elle boo amor. E, depois que se virõ, firmarõ antre sy grãde amor e outrossy com el rey de Saragoça.

CAPÍTULO DLXXXVII

Como el rey dom Affonso foy sobre Vallẽça e como se tornou sem nẽ hũa cousa que fizesse

Em este ãno sobre dicto, foy el rei dom Afonso sobre Vallença cõ mui grande hoste e deitousse sobre o castello que chamã Juballa. E demandou aos que tiinhã os castellos que lhe dessem o peito que davã ao / **[234d]** Cide por cĩque anos. E, ãmentre que el rei dõ Affonso hya a Vallença, mandou hũa grande hoste a Cordova que lhe dessem o castello d'Almodovar e os cristãos que hy tiinhã presos. E elle ficou em Juballa.

E elle avya sua postura cõ os de Denya que fossem cercar Tortosa cõ el rei d'Aragom e que elles fossem per mar e elle per terra e que desta guisa a tomariã. E tardarom muyto os das naves e a el rei dõ Afonso falleceu a vyanda e nõ os pode atender. E tornousse e nõ pode nem hũa cousa acabar do que quiserã.

E, despois que elle foi partido, chegarom os outros das naves e os que eram daquella falla e combaterõ Tortosa per parte do mar e el rei d'Aragõ per terra. Mas nõ a poderõ tomar e partironsse ãde

muy perdidosos. E el rei d'Aragõ tornousse pera sua terra e o senhor de Lerida tevelhe hũu porto per que avya de passar e fezelle grande dampno.

⁵⁸ **CAPÍTULO DLXXXVIII**

Como o Cide correu a terra a el rei dom Affonso e de como entrarõ os Almohades em Vallença

Quando o Cide soube como el rei dom Afonso vehera sobre Vallẽça e sobre os outros castellos de que a elle davam rendas sabudas e que elle demandava que as dessẽ a elle, teveo por muy mal, ca entendeu que lho fazia por deshonna. E mãdoulhes dizer que os que o assy conselhavã que o nõ conselhavã bem ão conselharẽ que lhe fizesse deshõrra, a qual cousa lhe nem hũu outro nõ fezera, mas que elle tornaria a esto como elle bem poderia saber e que entõ veeria como aquelles que o cõsselhavã mal o defenderiam. E el rey, quando esto ouvyo, mãdou por todos os seus ricos homẽes como aquelle que bem conhecia o Cide e disselhes o que lhe mãdara dizer e que fossem delle avisados.

Mas / **[235a]** o Cide mãdou logo por todos os seus homẽes e ouve d'Abeuque, senhor de Lerida, e del rei de Saragoça muytos cavalleiros e homẽes de pee. E ajuntou muy grande hoste e foi correr a terra a el rey dom Afonso e entrou per Callaforra ataa Navarra, queymando e estragando quanto achava e fazendo quanto mal podya. E tomou o Gronho e achou hy grande aver. Desi tornousse a Alffaro e tomouha.

E, em estando ally, mandarõlhe dizer o conde dõ Garcia Ordonhez e todos os outros ricos homẽes de Castella e que os esperasse VII dias e que lidaria cõ elle. E o Cide sperouos doze dias e, aacima, receando elles a boa ventura do Cide, nõ quiserom lidar cõ elle. E elle, quando vyo que nõ queriã viir, tornousse pera Saragoça cõ muy grande roubo.

⁵⁹ E, elle estando ally, hũu alcaide de Vallença que avya nome Abemaff entendeu como Abenalfaras, alguazil do Cide, queria pasar contra elle e emvyou seus mandadeiros a Benaxa, aquelle adyantado dos Almohades de que ja ouvystes, que vehesse e que lhe daria Vallença. E pera esto ouve seu conselho com hũu que era alcaide d'Aljazira que avya nome Xucar, que o fizesse saber Abenaxa e que se acoytasse por se viir apressa. E Benaxa, logo que ouve o recado, nõ demorou mais. E, per todos os castellos que passava, todos se lhe davam.

E o senhor de Denya, quando soube como se os castellos davam a Benaxa, nõ ousou de ficar em Denya e Aljazira Juçar e pos ã Aljazira hũu seu alcaide. E os do Cide que estavam em Vallença, quando esto souberom, fogirom ende. E outrossi hũu bispo que hy avya per mandado del rey dom Afonso e hũu messejeiro que hy estava del rei d'Aragõ com LX cavalleiros e nõ ousou hy de ficar.

Mas leixaremos aquy fallar desto e tornaremos a el rey dom Affonso.

CAPÍTULO DLXXXIX

[235b] Como el rei dom Afonso mãdou recado ao Cide que lhe perdoava todo o que fezera

Veendo el rei dõ Afonso que os seus ricos homẽes nõ se ousaram embaratar con o Cide, ãtendeu que fora mal conselhado em se perder cõ o Cide, ca, quando com elle vyvya, era temudo de cristãos e de mouros. E por esto lhe ãvyou logo seu recado ã que lhe mandava dizer que lhe perdoava todo ho mal que em sua terra fezera e que o nõ avya por culpado em nõ hũa cousa, mas que elle conhecia ⁶⁰ bem a culpa deste feito seer sua. E, quando quisesse tornar pera Castella, que lhe prazia ende muyto e que acharia livre toda sua terra e seu desembargo. E o Cide, quando lhe este recado del rey chegou, foy muy ledo com elle e mandoulhe sua reposta de grandes medidas e tevelho em grande mercee, dizendolhe que dally en diante nõ creesse maaos conselheiros, ca elle sempre seeria a seu serviço.

CAPÍTULO DXC

Como os Almohades ãtrarõ em Vallença e do acordo que ouve el rei cõ Benalfaras

El rey de Vallença ouve seu acordo con Abenalfaras que tomassem todo o aver que tiinhã e que o ãviassẽ ao castello a que dizẽ Sobarve e ao outro que avya nome Esnalhaçab. E assy o fizeram. E desi mandarõ dizer ao Cide que se vehesse logo. Mas o Cide nõ pode viir tã toste, por cousas que avya de racadar e tardou XX dias. E o alcaide Benalxa, que estava em Aljazira Xuquer, hũa noite partiosse do castello com cento e XX cavalleiros dos Almohades e outros tãtos d'Aljazira, vestidos como Almohades, e amanheceu ã Vallença, aa porta que dizem de Todella. E tangerõ seus atambores e foi soado / **[235c]** pella vylla que veherõ passados de quinhẽtos cavalleiros almohades.

E Abenalfaras ouve muy grande medo. Pero ouverõ acordo de çarrar as portas da villa e de se nõ arreavatar, ataa que nõ vissem por que, e ãviarõ dizer a Bejahaffe que vehesse a elles. E elle nõ ousou. E,

estando hi em grande medo, chegoulhe grande ajuda de seus amigos que o esforçou. E sayo logo da villa e foyse pera elles contra o alcacer e fallarõ com Abenalfaras, alguazil del rei, e prenderõno. E desi foronsse pera a villa e deitarõ os homẽes del rei fora e poserom fogo aas portas da villa e queymarõnas e meterõ dentro os Almohades.⁶¹ E el rey de Vallẽça vestiosse em panos de molher e escondeusse em hũu banho. E os Almohades apoderaronsse do alcacer e matarõ os que acharõ dentro.

E esta foy a causa por que a guaanhou despois o Cide.

CAPÍTULO DXCI

Como foy morto Alcoadyr, rey de Vallẽça, e do que se fez despois que elle morreo

Despois que os Almohades forõ apoderados do alcacer, creceu o coraçõ tanto a Abefama que se prezava muyto e tanto que despezava os outros que erã tam bõos como elle. Pero diz a estoria que elle viinha dos bõos antigamẽte que erã ã Vallença e que os seus avoos forõ sempre alcades hũu empos outro ataa o seu tempo.

Este Abemaffa soube como el rei nõ era fora da villa e mandouho buscar e acharõno no banho, como ja dissemos. E tiinha conssigo grande aver ã ouro e prata e pedras preciosas e hũa sarta d'aljofar e de pedras de muy grande preço. E Abemaffa, quando soube do grande aver que tiinha el rei, creceulhe delle grande cobiiça e penssou em qual maneira o poderia aver que o nõ soubesse algũu. E etendeu que nõ podya seer emcuberto, se o nõ matasse. / [235d] E, quando foy noyte, mãdouho scabeçar e tomoulhe todo o que achou.

CAPÍTULO DXCII

Leixa a estoria aquy a fallar de como morreo Alcodyr, rey de Vallẽça, e torna a el rei de Saragoça, como deu grande aver ao Cide por aver seu amor

Conta a estoria que, despois que foy morto o rey de Denya, que ficou hũu seu filho pequeno ã guarda dos filhos d'Abuhagid. E hũu delles tiinha Tortosa e o outro Denya e o outro Xativa. E estes entenderõ que nõ poderiã vyver ã paz sã guerra, se nõ ouvessẽ amor cõ o Cide. E ãvyaronlhe dizer muy homildosamẽte que lhe daria ã cada hũu ãno o que tevesse por bẽ e que lhes nõ fizesse mal na terra. E o Cide mandoulhe dizer que lhe desse ã cada hũu ãno L mil marcos de prata. E elles derõlhos logo. E ficou toda a terra ataa Tudella em seu defendimẽto. E ficarõ que lhe dessem ã cada hũu ãno, de cada castello que tevesse cercado, algo pera seu mantiimento, como vos diremos: d'Alvarazim, X mil marcos; de Vallença, mil marcos, cada domaa; de Murvedro, X mil marcos; de Sobarve, VI mil marcos; d'Almenal, III mil marcos; de Xarca, III mil marcos; de Lipia, III mil marcos. E estes castellos erã de el rey de Saragoça e elle queria cõ elle aver guerra. E davanlhe mais de mil marcos Aoghajẽ; e outro que avya nome Azob, cẽ marcos. E todo o que o Cide mandava na villa era feito e o que elle defendia nõ se fazia.

E, por que el rei de Vallẽça era doente, ficou a vylla ã poder de Benalfarax que era seu alferez, per mãdado do Cide. E o Cide pos etom fiees por saber quanto rendia a villa e os portos do mar. E pos ã cada hũu logar seu cavalleiro que guardasse os mouros de guisa que nõ / [236a] recebessẽ mal nẽ torto nẽ lhes tomassem nem hũa cousa. E cada hũu cavalleiro avya seis marcos cada dya. E os mouros eram agravados cõ esta peita que davam a el rei e os cristiãos erã bem avondados de pam e de gaados que tragiã. E tiinhã muytos mouros cativos que lhes davã grandes rẽdas.

CAPÍTULO DXCIII

Como o Cide fez reparar hũu castello que ha nome Sã Martinho

O Cide ãviou a el rey de Saragoça que lhe desse as bastidas que fezera sobre Vallença. E el rei ãvyoulhe dizer que o nõ faria, salvo se lhe desse a custa que allo fezera quando foy ajudar el rey de Denya. E o Cide foi cercar Liria e mandou os seus corredores estragar toda a terra del rei de Saragoça e trouxerõ muy grande roubo pera Vallença. E o Cide nom pode tomar Lyria, pero a teve cercada, e tornousse pera Vallença.

⁶³ E em esta sazõ hũu dos filhos de Azed, que tiinha Xativa e muitos castellos, por razõ daquella custa da reteença que o queriam ante dar ao Cide, e aquelle mouro mãdou derribar hũu castello que avya nome Sã Martynho. Mas o Cide mandouho logo correger e ouve muy grande ajuda de Vallença e deuho a hũu cavalleiro que o tevesse, que avya nome dom Marti. E este castello foy pobrado por mal dos mouros e dos castellos de par de Vallença.

CAPÍTULO DXCIV

Leixa a estoria fallar desto e diz como os Almohades cobrarõ Murça e Laedo

Despois que se o Cide partio do castello de Laedo desavido de el rey dõ Affonso, como ja ouvystes, foyse pera Vallença. / [236b] E os da vylla ouverõ medo delle e del rey, ca tiverã que lhe demãdaria mais do que sohyam. E por esto era sua voutade de seerẽ dos Almohades, ca tiinhã que nõ averiã acorro se nõ em elles. E o dyantado dos Almohades, despois que ouve tomado Murça e o castello de Laedo, como vos ja dissemos ante desto, veeosse a Aljazira. E, quando os de Vallẽça souberõ como era ally, cobiiarõ seer do seu senhorio. E por que o Cide era ydo em Saragoça e nõ ficara ã Valença da sua jente se nõ os moordomos que recadavã o trebuto que lhe davã e hũu seu alguazil mouro que avya nome Abenalfarax e o bispo que hy mandara el rei dõ Afonso com hũus poucos de cristãos que pousavã no arravalde, mandarõlhe dizer ã segredo que lhe daria Vallẽça. E os cristãos, quando esto souberõ, fugirom.

E conta a estoria em este logar que aquelle Benaxa, adyantado dos Almohades, mãdou a Vallença hũu alcaide d'Aljazira e que lha derõ, assy como prometerõ; e que, quando el rey vyo a cidade entrada, que ouve muy grande medo e que se vestio ã panos de molher e sayo do alcacer ã volta com as molheres e meteusse ã hũa casa pequena que era a par do alcacer e jũto cõ hũu banho. E os da villa tomarõ o alcacer e derõno ao alcaide dos Almohades e roubarõ todo o que acharõ ⁶⁴ nas casas dos homens del rei. E matarõ hy hũu cristão que guardava hũa porta que era cõtra Alvarazim e guardava hũa das torres do mar. E diz que esta foy a principal cousa por que os mouros despois perderom Vallẽça e a cobrou o Cide.

E, despois que os de Vallẽça e aquelle Abemaffa, de que ja ouvystes, ouverõ apoderado aquelle alcaide enno castello, tornou-se o Abemaffa pera sua casa. E, quando vyo que todo o poboo tiinha cõ elle e o seguya e vyo ã como era preso o alguazil do Cide, emssoberveceu de tal guisa que nõ prezava os mouros da villa, pero que erã melhores homens que elle. / [236c] E, sabendo este Abemaffa como el rey era escondido na villa, buscouho tanto ataa que o achou. E el rei tiinha cõssigo hũa grande parte de seu thesouro em pedras preciosas e aljofar muy graado e todo esto estava em hũa arqueta pequena de ouro. E tiinha enna cinta hũu sartal que fora da raynha Colida, que fora molher del rei Arredroncho que foy califa de Baldac, que he em terra d'Ultramar. E despois passou aquelle sartal aos reis de Abuchanis que foram senhores da Andaluzia. E despois o cobrou Allymeymõ, rey de Tolledo, e deuho a sua molher, a raynha de Vallẽça. Este rey ouveo de sua madre. E todo este aver tomou Abemaffa a el rei e entendeu que o nõ podya emcubrir se nõ matasse el rey. E, logo que foy noite, mãdoulhe cortar a cabeça e mandoulho lançar em hũa lagoa. E ally jouve ataa ho outro dya que hũu homẽ pobre, doendosse delle por que fora seu senhor, tirouho da lagoa e deitouho em hũu leito e cobrio de hũa esteira velha e levouho a soterrar a hũu logar fora da villa hu jaziam os camelos. E nõ ouve hy mouro que chorasse por elle ã lhe fizesse ã hũa honrra.

⁶⁵ CAPÍTULO DXCV

Como se Abemaffa fazia hõrrar e servir como rey e da pouca despesa que dava ao alcaide

Abemaffa, despois que matou seu senhor, estava ã sua casa mui loução come rey e nõ se trabalhava d'outra cousa se nõ de tomar solaz e levar suas cousas adyante. E por esto pos guardas que o guardassẽ de dya e de noite e ordenou escriptvães na villa e homens bõos que o guardassem e esteve�ẽ com elle. E, quando cavalgava, levava conssigo muytos cavalleiros e mõiros e beesteiros que o guardassem come rey. E, quando ã/dava [236d] pella villa, as molheres cantavã e tomavã cõ elle grande prazer. E elle pagavasse muyto daquello e em todos seus feitos husava come rey. E elle fazia muito por abaixar hũu seu primo, que fora alcaide mayor da vila. E elle nõ prezava ã hũa cousa os Allarves nem se regia por seu conselheo e a despesa que lhes dava era muy pequena.

Mas leixaremos esto e tornaremos ao Cide.

CAPÍTULO DXCVI

Como o Cide soube novas da morte del rei de Vallẽça e como mãdou doestar Abemaffa, por que matara seu senhor

Os sergentes e os crastados del rei foronsse pera Jubala, que era hũu castello que tiinha hũu seu coyrmãao do alguazil do Cide, que tiinhã preso. E outros se forõ a Saragoça e contarõ ao Cide todo o feito de Vallença como passara. E o Cide, logo que o soube, veeosse a toda pressa e foyse a Jubala e receberõno enna villa cõ todollos que fogirõ de Vallença. E elles pedironlhe por mercee que os ajudasse a vyngar a morte del rei e que os recebesse em sua guarda. E elle recebeuhos e mandou logo sua carta a

Abemafa, em que lhe mandou dizer que jajũara boa quareesma, pois que matara seu senhor e o deitara na lagoa e o soterrara no muradal;⁶⁶ e que lhe mandasse o seu pã que leixara ãna villa. E Abemaffa mãdoulhe dizer que o pã, que o roubarã os Allarves que eram enna vylla. Mas, se quisesse, que hyria a seu mãdado e que lho mandasse dizer e elle que o ajudaria quanto podesse pera aver seu amor, ã guisa que tevesse que era bem ajudado delle.

E o Cide, quando vyo a carta que lhe mandava, teveo por neycio e por torpe, ca elle o ãvyara doestar e ele ãvioulhe / **[237a]** resposta do que lhe elle nõ mãdara dizer. E, por esta razom, entendeu que nõ era homẽ pera manteer aquelle estado que começara. E mandoulhe outra carta, em que lhe mandou dizer que era treedor e todollos de Vallença e que nũca quedaria de lhes fazer todo o mal que podesse, ataa que vingasse a morte del rei. E ãvyou logo suas cartas per todollos castellos d'arredor que trouxessẽ vyãdas quantas podessem aa hoste a vender e que, se o assi nõ fizessem, que os estragaria de quanto tevessem. E elles ãviarõlhe dizer que faria quãto elle mãdasse, salvo Abueçom e Aluberõ, que o nõ quiserom fazer por que eram homẽes que entendyam bẽ a que avya d'acodyr este feito, ca elles nõ queriã aver contenda cõ nem hũu se nõ viver em paz cõ suas companhas. E, quando o Cide vio este recado, prouguelhe muito e fuisse logo pera Murvedro e apoderousse do castello. E esto foy a XXVI dias despois da morte del rei de Vallença.

Estando Abemaffa ã Vallença, pos seu amor cõ dous cavalleiros da vylla que forõ vassallos del rei e mandou por outros que se foron pera Denya, ã guisa que ajuntou trezentos cavalleiros na villa; e mãteveos cõ o pã do Cide e com as rendas e algo que foron dos officiaaes del rey que erã fogidos do almoxarifado. E todo esto elle fazia sã consselho do alcaide dos Allarves nẽ de nẽ hũu outro. E, quando o alcaide vyo que elle era assy apoderado ãna vila e todallas cousas fazia sem seu acordo, pesoulhe muyto e aos filhos de Abugid outrossy e poserom seu amor em hũu cõtra elle. E fezerom bando cõtra elle, querendolhe muy grãde mal, e Abemaffa outrossy a elles, e tragiaos / **[237b]** mal e profaçava delles.

⁶⁷ O Cide tiinha Juballa e corrya cada hũu dya duas vezes Vallença ataa as portas. E Abemaffa saya a elles com sua jente e matavalhe muytos homẽes. E o Cide matava tantos dos da villa que em cada hũu dya avyam assaz de chantos. E, ã estas escaramuças, foy preso hũu rico homẽ da villa que era alcaide de hũu castello que avya nome Alcalla; e deu por sy X mil marcos e outras doas.

CAPÍTULO DXCVII

Como o Cide pos seu amor cõ Abemaffa ãcubertamẽte

Quando o Cide soube o grande desamor que era antre os filhos de Abuhagid e os Allarves cõ Abemaffa, buscou maneira pera os fazer malandantes. E mandou poer seu amor cõ Abemaffa muyto ã puridade, cõ tal preitesya que deitasse os Allarves fora da vylla; e que, se esto fizesse, que ficaria por senhor e que elle o deffenderia. E, quando Abemaffa esto ouvyo, prouguelhe muyto, ca elle cuydou ficar por rey. E fallou esto cõ o alguazil do Cide, que tiinha preso. E elle, por sayr da prisom, conselhoulhe que o fizesse e que cobrasse ã amor do Cide. E entom Abemaffa mandou dizer ao Cide que faria o que elle mandasse por aver seu amor.

E logo mĩgou a soldada aos cavalleiros e a dos Allarves, dizẽdo que nõ tiinha que lhes dar. E esto fazya elle por tal que se saissem da villa. E o diãtado dos Allarves estava ãtõ en Denya e mandoulhe dizer que lhe mandasse o aver que elle tomara a el rei de Vallẽça, pera o ãvyar aalẽ mar a Miraamolĩ, cõ que guisasse sua hoste pera passar aaquẽ mar pera vĩir sobre o Cide, por que lhes fazia muyto mal.

⁶⁸ CAPÍTULO DXCVIII

Como os de Vallença ãvyavã grande aver ao dyantado e como o cobrou o Cide

[237c] Sobre esta demãda ouve Abemaffa consselho cõ os da vylla que faria ã razõ d'aver que lhe mandava pedyr o adeantado. E hũus diziam que lho mãdassem e outros nõ. Pero acordarõ todos que lho mandasse. E Abemaffa tomou todo o melhor do aver pera sy, cuydando que nõ sabya nẽ hũu quanto era, e o al que ficara ãvyou cõ esses messejeiros. E sairõ da villa em grande poridade. Mas o alguazil do Cide, que era preso, ordenou de guysa que o soubesse o Cide. E elle, logo que o soube, mandou empos elles e prenderõnos e tomarõlhes quanto levava. E o Cide agradeceu muito ao alguazil aquelle serviço e fezlhe por ello muyta mercee, ca o fez despois mayor dos mouros seus sojeytos.

E o que tiinha Juballa ficou hy por alcaide. E o Cide foi sobre Vallença e pousou ã hũa aldeã que ha nome Derregada. E, por que era tempo de semẽteira, mandou queymar todallas aldeãs d'arredor e as ortas que erã preto da vylla e derribou quantas torres hy avya e as casas d'arredor da villa e mandou toda a madeira pera Juballa pera fazer hũa pobraçõ arredor do castello. E, desque foy tempo, mandou colher o pam e guardallo muy ben.

⁶⁹ CAPÍTULO DXCIX

Como o Cide tomou os arravaldes

Conta a estorya que o Cide combatendo Allatonha e despois tornou a combater o arravalde d'Alcudya. E tam grande pressa lhes deu que cuydarõ seer entrados per força e, cõ a mui grande coyta que ouverom, chamarõ: «Paz! Paz!». E o Cide mãdou que nõ combatessẽ. E etom sairõ a elle dos mais honrrados mouros da vylla cõ a melhor preitesia que poderõ e entregarõlhe o logar com esta cõdiçon: que elles ficassem em elle por mora/dores [237d]. E o Cide lho outorgou. E pos logo suas guardas hy e desi fuisse pera alla. E os mouros veherom a elle pedirlhe mercee e elle confortouhos cõ doces pallavras, prometendolhes de fazer muytas graças. E mandoulhes que lavrassẽ e criassem seguramẽte e que lhe dessem aquello que davã aos seus reys. E, pera esto, pos sobre elles seus recadadores das rendas e mandou que os mouros que hy quisesẽ morar que morassẽ seguros e que trouxessem as vyandas e todallas outras cousas que quisessem vender. E por esto que fazia, era a sua hoste muy avondada de vyandas e de todalas outras cousas, por que viinham de muytas partes seguramente.

E, despois que o Cide ouve os arravaldes de Vallença, vedou a sayda aos da vylla e a entrada aos de fora. E, por esta razõ, forõ os da vylla em tal pressa que nõ sabyã que fazer. E erã muyto arrependidos por que nõ fezerã o que lhes mandara dizer el rey de Saragoça, pois que nõ avyã que dar aos cavalleiros. E Abemefa estava esforçado por que avya emcubertamente amor cõ o Cide.

E, quando se virõ assy coyados, ouverom acordo os homẽes bõos ã como poderiã aver amor cõ o Cide per qual quer maneira que podessem, de guisa que ficassẽ na villa em paz, ataa que ouvessẽ recado d'aalem mar. E ãvyarõlhe dizer que, se lhe prouguesse, que se quieriam veer com elle. E o Cide os segurou ⁷⁰ e foron ante elle os melhores da villa. E elle disselhes que, se quierã seu amor, que deitassẽ os Allarves fora. E elles forõsse pera a vylla cõ este recado.

Quando os Allarves ouvyrom estas novas, prougelhe muyto de se partir, ca estavã hy com grande medo. E mandarõ rogar ao Cide que os mandasse poer em salvo. E elle disse que lhe desse quanto o pam vallya que lhe tomarõ e que lhe dessẽ / [238a] mais mil marcos cada domaa que lhe avyam de dar desque se alçarõ ataa entõ; e que lhe dessem este trebuto d'ally en diante. E elles comprironlhe todo. E emvyarõ os Allarves e mandoulhos poer em salvo. E ficaram os de Vallença ã paz.

CAPÍTULO DC

Como o Cide pos seu amor cõ os dos castelos

Despois que o Cide ouve esto feito, fuisse pera Juballa cõ toda sua hoste e nõ leixou ã Vallença se nõ os que lhe recadavã as rendas. E Abemaffa era ã grande pressa por o pã que avya de dar ao Cide. E por esto ouve sua postura cõ os dos castellos do senhorio de Vallença, que lhe dessem os dizimos dos fruytos e das outras cousas que ouvessem. E, despois que esto ouve feito, pos seus almoxariffes nos logares, por que o Cide ouvesse o seu trebuto bem pagado.

E, estando esto assy, chegou mandado aos da villa como viinha grande hoste dos Allarves e que se nõ detiinhã por al se nõ por que duvydavã de viir hy o adyantado. E o Cide, quando o soube, pensou como poderia fazer que nõ vehessẽ hy e, se vehessem, como lidasse cõ elles. E mandou dizer a Abemaffa que lhes mandasse dizer que se tornassem, ca, se ãstrassem na vylla, elles que lhe tolheriã o senhorio da villa. E a Abemaffa prougue desto e ouve sua falla cõ o alcaide de Xativa e cõ o de Farocho e jurarõ cõ elle de seerẽ de sua parte e teerem todos ⁷¹ hũa voz e ouverõ acordo de viirẽ a Vallença. E o Cide estava ã seus arravaldes e poseron cõ elle seu amor ã grande poridade. E o alcaide d'Aljazira nõ quis cõ elles seer ã esta falla e por esto o Cide correulhe a terra e fezlhe muito mal, ca foy sobre elle cõ sua hoste e mandoulhe segar o pã. E fezeo levar pera Jubala, [238b] onde o Çide avya feita hũa pobra cõ muytas igrejas e bem cercada de torres e ally fazia meter seu pã e todo o al que podya aver; e por esto era o logar muyto avondado de todallas cousas que erã mester.

E deste logar cuydava o Cide cobrar Valẽça, se nõ fosse estorvado dos Allarves, e por esto se trabalhava el d'estorvar a sua viida.

CAPÍTULO DCI

Como el rei Alvarazĩ quis aver Valẽça

Seendo el rey Alvarazĩ vassallo do Cide, fez avẽça cõ el rey dom Pedro d'Aragon que o ajudasse a cobrar Vallença e que lhe daria grande algo e deulhe logo em penhor hũu castello que avya nome Coaba. E desto nõ guanhou nada Alvarazĩ, ca perdeu o castello.

Este rey Alvarazim era vassallo do Cide e elle o tiinha muy defeso e guardado que lhe nõ faziã nõ hũu mal enna terra. E, por a postura que pos cõ el rei d'Aragõ, tẽvesse o Cide por enganado delle. Pero emcobrio de guisa que o nõ quis dizer a nõ hũu. E, despois que ouve apanhado o pã d'Aljazira e levado a Juballa, mandou guisar suas jentes, nõ lhes dizẽdo hu hya. E trasnoytou contra Alvarazim. E, como estavã as jentes seguras, nõ se temendo de tal cousa, mãdou os corredores apanhar pella terra quanto achassem. E elles forõ e matarõ e cativarõ muytos mouros e apanharõ muytos gaados e levarõ todo pera Juballa.

E o Cide estando sobre Alvarazĩ e andando folgando cõ V cavalleiros, sayrõ da vylla XIII cavalleiros de mouros e foram contra elle pollo matar. E elle, como os vyu, moveo muy rijamente contra elles, soo, e matou delles os dous e ⁷² derribou os outros dous e os outros, vencidos, fogirõ. E elle ficou ferido ãna gargãta de hũa lançada de que cuydarõ que morresse e duroulhe bẽ tres meses que nõ foy sãao.

CAPÍTULO DCII

[238c] Como os de Vallẽça avyã grande allegria cõ a vĩa da hoste dos Allarves

Estando o Cide sobre Alvarazĩ, chegou aos da villa de Vallença que viinha a hoste dos Allarves e que era ja ã Lorca. E com estas novas prazia muyto aos de Vallença e fallavã todos antre sy como se vĩgassem de Abemaffa. E elle, sabendo esto, era ã grade coita e mandou dizer ao Cide que se vehesse o mais toste que podesse. E o Cide, pero estava sobre Alvarazym, veeosse logo a Juballa. E veherõ a elle os alcaides de Xativa e de Bavyra e Abemaffa e firmarõ seu preito cõ o Cide como de primeiro, que se ajudassem a todallas cousas. E, despois que firmarõ seu preito, fezerõ hũa carta pera o capitã dos Allarves, em que soubesse que el rei d'Aragõ viinha ajudar o Cide, por amor que avya com elle, e que lhe cõsselhavã que nõ vehesse a Vallẽça. E, se hy vehesse, que lhe cõviinha de lidar cõ oito mil cavalleiros cristãaos, os mais guerreiros do mũdo. E que, se se atrevya a lidar com elles, que vehesse. E elle, quando esta carta vyo, pesoulhe muito, ca ouve mui grãde medo. Pero, cobrando coraçõ, veheo hi despois.

⁷³ **CAPÍTULO DCIII**

Como o Cide demandou a Abemaffa hũa orta em que folgasse e elle deulha

Conta a estoria que o Cide pedyo a Abemaffa hũa orta que era preto da vila, ã que folgasse. E esto fazia o Cide cõ sabedoria, por tal que os Allarves cuydassẽ que se pagavã mais delle os da villa ca delles, e que entendessẽ que por despeito delles o faziam. E esto todo era arte pera estorvar os Allarves que nõ vehessem. E Abemaffa outorgoulha. Mas o Cide nõ se acordou de entrar per aquelle logar hu tiinha a entrada e disselhe que lhe mandasse abrir a porta hu dizem o Quebrar, / **[238d]** ca nõ podya entrar per aquella estreita. E Abemaffa mandou abrir a porta ally onde lhe mandou o Cide. E, aquelle dia que o Cide avya de vĩr, mandou Abemaffa bem guisar de comer, pera o receber muito honrradamẽte. Mas o Cide nõ veeo em aquelle dya e mandousse scusar que ouvera outro negocio. Mas elle fezerao por saber se se queixariã os da vylla. E assi foy que se queixarõ muito os da villa e os filhos d'Abuhagid e quiseransse alçar contra Abemaffa, mas nõ ousarom, cõ medo do Cide, temendo que os estragariã de quanto avyã fora da vylla.

⁷⁴ **CAPÍTULO DCIV**

Como os de Valẽça erã ã desacordo cõ Abemaffa por a orta que dera ao Cide

Quando os Allarves cuydarõ de vĩr e os da villa os estavam sperando, passarõ em meyo algũs dias. Mas o arroydo era grande por a orta que Abemaffa dera ao Cide. E, desque o arroydo foy quedando, veeo o Cide de sospeita e meteuse ãna orta e apoderousse do arravalde d'Alcudia. E esto foy por os cristãaos que moravã cõ os mouros de mestura, por viverẽ ã paz.

Em esto, chegarõ certas novas aos de Vallença como a hoste dos Allarves era ja partida de Lorca e que nõ tardavã se nõ por que fora doente o seu capitam, mas que ja era sãao e que seeryã hy muy cedo. E cõ estas novas prougue muyto aos filhos d'Abuhagid e aos da villa e pesou muito a Abemafa. E começouhos de os affaagar, dizendo que nõ ouvessem querella delle por a orta que dera ao Cide, ca elle lha pedira por folgar em ella algũs dias, mas nõ que ella sẽpre fosse sua, e que, logo que lha pedisse, lha entregaria. Outrossi que, pois tomavã sospeita em elle, que buscassem quẽ recadasse os direitos do Cide e as rendas das / **[239a]** villas e todo o al, ca elle nõ queria com elles viver se nõ ã ygualdade e que nom ouvessem del queyxume. E esto todo era arte por perderem delle a sospeita. Mas elles entenderõno muy bem e começaram todos dizer em hũa voz que nõ queriam seu conselheo, mas que queriam os dos filhos de Habuagid e que fariam quanto elles mandassem. E mandarõ logo çarrar as portas da villa e guardar as

torres do muro. E Abemafa, quãdo esto vyo, leixou muyto de fazer com medo do poboo. E tomou mayor companhia por se guardar melhor que nõ fossem cõtra elle.

⁷⁵CAPÍTULO DCV

Como os de Vallença atendyã a oste dos Allarves e nõ lhes veeo

Estando os de Vallença esperando a hoste dos Allarves, como já ouvistes, renovousse a guerra antre elles e o Cide, de guisa que erã em grande desaveença. E, em esto, chegarom novas como era ja a hoste em Xativa. E os da villa, quando esto ouvirõ, tomaron grande prazer, ca tiinhã que eram fora da prema do Cide. E elle, logo que esto soube, foisse pera sua hoste e fez consselho se sperariã aquella hoste, por que era muy grande e de muytos Allarves. E ouverom seu acordo de os sperar ataa que vissem que poderia aquello seer. Entom mandou derribar as pontes e fez encher a veiga d'augua, por tal que nõ podessem os mouros viir a elle se nõ per certo logar que hy avya muy estreyto. E, em quanto elle esto fazia, chegarom novas aos da villa como eram ja os Allarves em Aljazira. E elles ouverom dello grande prazer.

CAPÍTULO DCVI

Do grande mylagre que Deus mostrou por os Allarves nõ viirem a Vallença

[239b] Os de Vallença faziã grandes alegrias por a viinda dos Allarves e rogavã a Deus e a Mafomede que os ajudasse contra o Cide. Mas o Nosso Senhor Jhesu Cristo ordenou ã outra guisa, nõ como elles queriam, mas segundo a sua mercee. Ca, em aquella noite, forom tantos torvõoes e fez tam grande tempestade e choveo tanta augua que ouverõ todos de seer mortos. E, quando os mouros virom tal cousa sobre si, ouverõ tal spanto que penssarõ que a hyra de ⁷⁶ Deus era sobre elles. E, quando enno outro dya virom como nõ podiã entrar ãna veiga, cõ grande medo que tiinham tornaronse pera donde viinhã.

Quando os de Vallença souberõ certamente como se os Allarves tornavã e nõ podyã viir aa villa por o estorvo das aguas e medo do Cide, o qual elles sabyã muy bem que estava prestes pera lidar com elles, ouverom tal pesar e quebrãto que nõ he homen que o podesse dizer; ca ficarõ assi como mortos, sem memorya e sê siso, e nõ fallavã hũus aos outros e erã assy come deseparados de todo bem, ca êtendyã que todos avyã de perecer ãnas mãaos do Cide. Mas o Cide e os seus tomarom grande prazer e corryam ataa os muros da villa, chamandolhes treedores e maaos. E elles nõ respondyam nem hũa cousa.

E o alguazil Abenalfarax escreveo entõ como vallyã os mãtiimentos, por veer que tempo se poderia teer a cidade. E achou que vallya o caffiz do triigo, XII marcos; e o do centeo, IX marcos; e o da cevada, VII marcos; e o das leguymas, V marcos; e a quarta do mel, meo marco; e a arrova do queyjo, II marcos e meo; e o arratal do carneiro, VI dinheiros; e o da cevada, III dinheiros de prata, ca antre elles nõ corrya outra moeda se nom de prata.

Os mouros dos arravalles nõ eram bem seguros do Cide e, cõ temor, tomarõ o melhor aver que / [239c] tiinhã e meterõno na villa. E o Cide, depois que vyo como se tornarã os Allarves, foisse sobre Vallença e mandou quebrantar e roubar os arravalles d'arredor da villa se nõ o d'Alcudia, por que o recebiã hy os mouros de boamête. E os mouros que poderom scapar acolheronsse aa villa. E o Cide mãdou tomar a madeira das casas pera fazer outras ennos arreaaes e os cristãaos acharom ally grãde algo de ouro e de prata e muyto pã. E o Cide chegousse mais aa villa e cercouha toda d'arredor e lidavã cada dya, dandosse grandes golpes de lanças e d'espadas a mantenêtes hũus cõ os outros.

E, estando os de Vallença assy cercados, chegoulhe hũa carta dos Allarves, em que dezia que se nom tornarõ por medo que ouvessem do Cide nem por outra cousa, se nõ por nõ aver viandas pera a hoste; mas que era sua võotade de lhes acorrer e que se guysavã quãto podyã e que se esforçassem e nõ desse a villa. Grãde alegria ouverõ os da villa cõ estas novas e ajuntaronse todos nos paaços dos filhos d'Abuhagid e acordarõ de se deffender e starem firmes. E disserom ⁷⁷ que Abemaffa fezera tornar os Allarves, fazendolhes entender o desacordo que avya antre elles ãna vylla. Mas Abemaffa stava bem percebido de sua jente e guardavasse o melhor que podya, pensando que se moveriã contra elle. E pojou entõ a vyanda o dobro do que vallya.

CAPÍTULO DCVII

Como o Cide fez grande prema aos de Vallença

Tanto se chegou o Cide aa villa que nom podia nẽ hũu sayr nẽ entrar que logo nõ fosse preso ou morto. E mandou lavar todallas herdades que erã preto da villa. E ãno arravalde d'Alcudia morava muita

jente; e esto por que o Cide os tiinha muy bem guardados. E todollos que viinhã algũa cousa vender aa hoste pousavã ã Alcudya, / [239d] por que eram bem guardados e não pagavam a dizima. E, por esta razão, era a hoste muy farta de todallas cousas que avyã mester, e por que o Cide lhes fazia muita justiça.

E, estando ã esto, chegou recado aos de Vallença como eram ydos os Allarves pera sua terra e que não ouvessem speranza ã elles. E os da villa ficaram desto muito quebrantados. E os dos castellos, quando esto souberõ, veherõ ao Cide muy homildosamête e poseronse ã seu deffendymêto e firmarõ com elle de lhe darem o seu trebuto certo. E elle mandouhos lavrar e criar seguros. E desta guisa creceu a hõrra e o aver ao Cide, em tal maneira que elle avya assaz que dar. E mãdou logo aos dos castellos recado que lhes ãvyassem beesteiros e homêes de pee pera cõbater a villa. E elles fizeram seu mandado, ca lhe ãviarõ muyta jente. E assi ficou Vallêça soo. E lidavã cada dya cõtynuadamente. E erã muy coitados, acerca da morte.

Em esta sazõ avya ã Vallêça hũu mouro sabedor. E pôsesse ãna mais alta ⁷⁸ torre da villa e disse a grandes vozes, que o ouvyã muytos, ã aravigo, estas palavras que querem dizer assy:

«Oo Vallença! Valença! veherõ sobre ti grandes pesares e estás ã tempo de te perder! E, se scapares desta, seerã maravilha aos que te sabem. E, se Deus fez mercee a algũu logar, façao a ty que te não percas assy de todo. Se não, seerã por os nossos peccados e por os teus atrevimêtos grandes. E aa tua infirmitade não lhe podem achar meezinha os fisicos e son desesperados de ti, de te poderem saar».

E, cõ estes quebrãtos e malles que avyã os da villa, prazia muito a Abemaffa, por que se partirom delle e se tornarõ cõ os filhos d'Abuhagid. E dizia que homẽ não deve de dar consselho a quẽ lho não demanda nẽ o quer, ca, se elle fora creudo, não ouverõ tã / [240a] grande mal nẽ forã vñidos ã tanta coyta, e que todo este mal era viindo per os filhos d'Abuhagid, por que eram sem conselho e de maaõ recado. Estas pallavras e outras muytas de reprehões e doestos dizia Abemaffa dos filhos de Abuhagid e que todo mal que era vñido sobre os de Vallença que todo fora por elles. E todollos que com elle fallavã em esta razom outorgavã que era verdade.

E os cristãaos combatiam a villa cada dya e emçarravãnos dentro e fazianlhes muito mal, ca lhes tolhyam as vyandas. E por esto se partirõ todos dos filhos d'Abuhagid e tiveram que foram mal conselhados ã se partir do conselho d'Abemaffa. E forõsse logo todos pera elle a sua casa e rogarõno que lhes perdoasse e que guysasse, se podesse, como os tirasse da prema do Cide. E elle disse que não queria con elles nem hũa cousa, se não viver com elles ã ygualdade; e que se tiinha por tal como hũu delles e que, se elles avyam coita, que assi fazia elle, e que assaz avya de veer enno seu; e que não saberia elle dar conselho a homeens desacordados, mas que se fizessem todos de hũu acordo e que se partissem dos feitos e cõsselhos dos filhos de Abuhagid e que tevessem bem cõ elle; e que, se el visse que o assi faziã, que o guisaria como vyvessem ã paz e ã folgança, ca bem sabyam elles como vyverã em quanto se regerã per seu conselho; e elle fiava em Deus que os tiraria da prema do Cide, e que não ouvessẽ guerra cõ elle nẽ cõ outro nẽ hũu. E entom responderõ todos a hũa voz que a elle queriam obedecer e que lhe não sayriam de mandado, por que sempre lhes fora bẽ em quanto andaram per seu conselho.

⁷⁹ CAPÍTULO DCVIII

Como os de Vallêça fezerõ seu adiantado Abemaffa e como fallava cõ o Cide

[240b] Conta a estoria que os de Vallença fizeram seu adyantado Abemaffa, prometẽdolhe que se guyarã per seu conselho. Pero esto não era muy ligeiro de fazer por que muitos do poboo tiinhã com os filhos d'Abuhagid. E, quando Abemaffa vyo que o faziam sem adyantado, disse que lhe fezessẽ ende carta e que a assiinassem os mais honrrados da villa. E todo o poboo outorgou de o fazer. E, logo que o fezerõ, ãviou mover preitesya ao Cide que lhe dariam seu trebuto e que lhes não fizesse mais mal. E o Cide mandoulhes dizer que, se queriam seu amor, que deitassem fora da villa os filhos d'Abuhagid, por que era bando dos Allarves. E que, depois que elles fossem fora e se guysassem per seu conselho delle, que entom averiam seu amor; e doutra guisa não. E elles ouverom seu acordo de rogar ao Cide que elle o dissesse aos da villa. E elle fez o que lhe rogarom, ca veeo fallar aos da villa e disselhes que, se queriam seu amor, que deitassem fora os filhos d'Abuhagid, ca por o seu maaõ siso lhes queria elle mal; e que, se esto não fizessem, que elle não quedaria de lhes fazer todo mal que podesse e que nũca ja mais averiã seu amor; mas que recebessem por seu adiantado Abemaffa, ca elle se dohya muito do seu mal e os amava muito; e que, se esto fizessem, que elle os defenderia como elles sabiam que ho elle sabya fazer.

Abemaffa dizia a todos os que cõ elle fallavã aquellas meesmas pallavras que dissera o Cide: por que se queriam perder per conselhe de dous moços loucos. E per taaes pallavras lho disse que elles [...] que dizia verdade. E / [240c] rogarõno que, pois era seu adyantado, que de tal guisa fizesse que nõ vivesses em aquella coita. E elle respondeulhes que o nõ tevesse õ pouco o que lhes dissera o Cide, ca bẽ jurava que nũca averiam seu amor. E os da villa fallarõ em esto algũus dias, nõ fazendo õ ello mais.

Quando Abemaffa vyo que elles nõ faziam em ello nem hũa cousa, ouve seu conselhe cõ os homẽes bõos que erã do seu bando, que lhes parecia, e elles disserom que os prendessem. Desi sayo logo das casas d'Abemaffa hũu dos mayores da villa com muitos homẽes armados pera hyr prender os filhos d'Abuhagid. E elles meteronsse em casa de hũu alfaque muy honrrado. E a casa era muy bem çarrada e elles cuydaronse hi a defender ataa que fosse sabudo pella villa, que lhes acorressẽ. Mas aquelles que forã pera os prender poserom fogo aas portas da casa e lançarom tantas pedras e cantos ataa que os entrarõ per força; e prenderõnos e levarõnos aa prisom. E, logo essa noite seguinte, levarõnos ao Cide, onde estava õ seu arreal.

Os da villa, logo ãna manhã que o souberõ, fezerõ muy grande arroido e ouverõ muy grande pesar por aquelle feito tam maaõ que Abemaffa avya acabado.

Em outro dia cavalgou Abemaffa cõ sua cõpanha por se hyr veer cõ o Cide. E sayo a o receber o bispo que se chamava d'Alvarazim, cõ muitos cavalleiros, e hõrrarõno muyto, cuydando que lhes tragia algo, e foram cõ elle ataa a pousada do Cide. E elle sayo a receber ataa a porta da orta e abraçouho e disselhe por que se nõ vestia como rey. E estiverom fallãdo de seus feitos ⁸¹ hũa peça. Mas o Cide estava atendendo se lhe tragia algo por que lhe fizera o que elle queria. E, quando vyo que lhe nõ trariam nada, disselhe chaamente que, se queria seu amor aver, que se partisse de todallas rendas da villa e do termho e que elle porrya quem as recadasse. Abemaffa dise / [240d] que o faria. E o Cide pediõho hũu seu filho que o tevesse em Juballa por arrefenas, ca doutra guisa nõ fiaria delle. E Abemaffa, prometendo de o fazer ãno outro dia, tornou-se pera a villa muy triste. E tẽvesse por enganado e por de maaõ siso.

E, logo em outro dya, mandou o Cide por elle, que fosse firmar a postura. E Abemafa mandoulhe dizer que lhe nom daria o filho, ainda que soubesse perder a cabeça. E o Cide mandoulhe dizer que, pois lhe fallecia do que posera com elle, que ja mais nũca averia seu amor nẽ creeria cousa que lhe dissesse. E creceu antre elles grande desamor. E o Cide mandou aaquelle mouro que prendera os filhos d'Abuhagid que se saísse da villa e se fosse a hũu castello que avya nome Alcalla; e o mouro fez seu mandado. E o Cide fez muita honrra aos filhos d'Abuhagid e a seus parentes e deulhes de vestir e prometeulhes de fazer ajuda.

E a esta sazom morrerom na villa tres mouros muito honrrados. E entõ ficou de todo Abemaffa por mayoral da villa, ca nõ era hy quem lhe contradizer. E o Cide começou come de cabo de fazer guerra aos de Vallença, a mais cruel que elle pode, de guisa que fez sobyr o pam tres tanto do que vallia em começo da cerca. E vallya a libra da carne das bestas hũu marco. E o Cide chegousse tanto aa villa que se feria a mãaoenẽte.

E Abemafa estava muito orgulhoso e desprezava os homẽes boos da villa. E, quando se lhe viinhã querellar d'algũa sem razõ, tragiaos mal ca elle se tiinha como por rey e tragia cõsigo trobadores e versificares e departia cõ elles em seus folgares e sabores. Mas os da vila passavam muy mal de fame, a hũa por a grande prema que avyam dos cristãos, e a outra por a grande carestia que avyã, em guisa que morryam. E Abemaffa mãdava tomar / [241a] os algos dos que assy morriã. E, de todollos que faziam doo, levava delles quanto podya. E os que lhe nõ davam algo mandavaos prender e açoutar. E nõ prezava amigo nem parente ⁸² e todos passavã per hũa regra. Nem hũu nõ prezava o que avya e todos queriam vender e nem hũu comprar. E, com toda esta pressa que os da villa avyã, pojarõ os mantiimẽtos dous tanto do que ante vallyã. Ca vallia o cafiz do triigo LX^a marcos e o da cevada, LXXX marcos e do peiço, LXXXV marcos. E todallas outras cousas vallyã dez tanto do que ãte vallya e avyã muy pouca carne de bestas. E, se algũa besta morrya, vallia a libra da carne della III marcos.

E cada dia se dobrava o seu mal, e esto por a grande fame e combatimẽto que avyam. E tanta era em elles a fraqueza que os cristãos se chegavã ao muro e deitavõ as pedras dentro e nõ avya quẽ os arredasse ende.

O Cide, com a grãde voontade que avya de tomar a cidade, pos hũu engenho aa porta da villa e fazia grande dampno aos mouros. Mas elles fezerõ logo outro e britarom o do Cide. E elle, com sanha, mandou fazer tres engenhos e poseos a tres portas da villa e fazialhes tam grande dampno que maravilha.

As vyandas erã mĩguadas e os pobres morriã de fame. E eram õ tal pressa que comyã os gatos e os ratos e os cãaes e ainda algũus comyã a carne dos homẽes mortos; e os mais ricos comyã as bestas mortas. E, cõ esta coita, os que podyã sayr da villa hyamsse meter em poder dos cristãos. E elles vedyãnos e davãno por hũu terço de vinho ou por hũu pã. E estes, logo que os fartavã, logo morriam. E, os

mais ryjos, vendyãnos aos mercadores que viinham hy per mar de muytas partes. E erã os da vylla assy desconfortados e desacorri / [241b] dos que nõ sabyã de si nem hũu consselho.

⁸³ CAPÍTULO DCX

Como os de Vallêça êviarõ recado a el rei de Saragoça que os acorresse

Com grande coyta de fome e prema dos combatos que os mouros de Vallêça recebyam do Cide, acordou Abemaffa de mandar recado a el rey de Saragoça que lhe acorresse. E chamou hũu mouro que sabya bem fallar a aljamy e castigouho como fizesse ã sayda da villa e como dissesse a el rey de Saragoça. E fezlhe entender que el rey lhe faria por ello mercee. E o messejeiro sayosse o mais emcubertamente que pode e fuisse sua vya.

E a esta sazõ estavam os da villa em grande lazeira por mingua de vianda, ca se nõ achava a vender cafiz nem fogaça, que quer dizer alqueire, de grãao, nem pã cozido, se nõ onças ou livras. Ca vallia a libra do triigo em grãao marco e meo; e o da cevada, marco e oitava; e o da peiço, hũu marco meos quarta; e a das leguimhas, hũu marco; e a da linhaça, hũu marco meos quarta; e a do queyjo, III dinheiros; e a das cebolas, hũu dinheiro; e a dos figos, II dinheiros; e a das verças, V dinheiros; a panella do azeite, VIII dinheiros; a libra da carne das bestas, VI marcos; a honça dos alhos, hũu dinheiro; e a libra do bugalho das huvas, meo dinheiro de prata, ca nõ corria entom outra moeda.

O messejeiro de que dissemos foy cõ sua carta a el rey de Saragoça e elle, desque a vyo, nõ catou por ella nem por o messejeiro nõ hũa cousa nem lhe fez bẽ nõ hũu; e elle foy porẽ muy triste.

CAPÍTULO DCXI

Como el rei de Saragoça êviou a resposta da carta aos de Vallêça

El rey de Saragoça, despois que ouve vysta aquella carta, mandou della a resposta aos de Vallêça / [241c] e a Abemaffa, em que lhes fazia saber que aquello que ⁸⁴ demandavã, que o nõ podia fazer, a menos de demandar ajuda a el rey dõ Affonso de Castella, ca doutra guisa nõ se atrevya de lidar cõ o Cide. E que, ãmentre, se defendessem o melhor que podessem e lhe êviassem dizer senpre como lhes hya. E o messejeiro tornou cõ sua carta muy lazerado. E, quando chegou a Vallença, achouhos ã grande tribulaçom, ca era enna villa tã grande fame que todollos pobres morriã e, com a lazeira, sayansse da villa e nõ davã nem hũa cousa por os matarẽ os cristãaos.

Entom mãdou Abemaffa tomar quãto mãtimẽto avya ãna villa e nõ leixou ao poboo vyãda se nõ pera hũu mes, ca lhes fazia entendente que ante lhes acorreria el rey de Saragoça e que tragiria muita vyanda. E, quanta vianda achavã pellas casas, tomavaa elle pera sy e pera as guardas da villa, e o mais que sobejava, mãdavaa vender; e defendia que nem hũu nõ comprasse mais que pera hũu mes. E, cõ este medo, os que tiinham algũu pã soterravãno por lhe nõ seer achado, ca se avyam por scarnydos dele. E por esta razõ nõ era achado nõ hũu pam a vender. E os que podiã aver verças ou hervas ou cardos mãtinhãsse ã ellas; e estas eram muy caras. E os pobres, que esto nõ podiã aver, comyam das carnes dos homẽs que morriã.

Estando Abemaffa e os de Vallença em esta presura e nõ avẽdo sperança de acorro em homẽ do mũdo se nõ em el rei de Saragoça, a que mandavã muy amehude suas cartas, e elle, por os confortar, mandavalhes dizer que os acorreria, ca el rei dom Afonso lhe mãdara muy grande cavallaria cõ Garcia Ordonhez, e que el rei dom Afonso viinha logo empos elle cõ grande gente e que os / [241d] sacaria da prema do Cide. E, cõ este recado, forõ os da villa algũu pouco confortados. E, quando el rey êvyava suas cartas aos de Vallêça, os seus privados êvyavãlhes suas cartas em que lhe mandavã dizer isso meesmo que lhes el rey mãdava dizer. Mas hũu privado, que se dohya muito do seu mal, mãdoulhe dizer per pallavras muy ãcubertas, percebendoos, que el rei de Saragoça queria fazer hũa torre enn' Alcudya de Tudela, dandolhes a entender que o que lhes el rey mandava dizer era alongamento. E Abemaffa nõ o entendeo e mandoulhe dizer que lhe rogava que lhe declarasse aquella emcuberta ou ã que logar faria aquella torre. E elle nõ lhe mandou resposta.

⁸⁵ CAPÍTULO DCXII

Como el rei de Saragoça mandou doas ao Cide e êviou confortar os da villa

O rey de Saragoça êvyou seus mãdadeiros ao Cide e mãdoulhe muytas doas e grande serviço e mandoulhe rogar que nõ apremasse tãto os de Vallença e que leixasse entrar os seus messejeiros ãna villa pera fallar cõ Abemaffa, como o servisse. Mas o Cide nõ quis que entrassẽ enna villa. E elles fizeram de

guisa que êvyarõ dentro a carta del rei, em que lhes fazia saber do grande aver que mandava ao Cide e que lhe mandava dizer que lhe nõ fizesse tão mal e que, se o nõ quisesse fazer, que êviaria sobre elle grande hoste, que o sacaria da terra. E todo esto erã pallavras êcubertas, ca dizem que o Cide e elle erã ambos de hũu conselheiro ã esta guisa: que o Cide guaanhasse Vallença e que lha desse por grãde aver.

CAPÍTULO DCXIII

Como o Cide mandou dizer a Abuhagid que se alçasse contra Abemaffa

[242a] Ho Cide, como homẽ arteiro e bem sabedor, mandou mover preitesya a hũu mouro alffaque e muy poderoso enna villa, que avya nome Abuhagid, que se alçasse contra Abemafa e que o matasse ou lho desse preso, e que o farya seer senhor de Vallença e do reyno de Denya. E o mouro, como ouve o recado do Cide, fallou cõ seus amigos e parentes. E elles conselharõlhe que o fizesse. Mas nõ fallarom elles em tanta puridade que o nõ ouve de saber Abemaffa e mandouhos prender e deuhos a guardar a homẽes certos. E o mouro fallou com elles toda sua fazenda e prometeulhes que, se acabasse aquella demanda, que lhes faria muito ⁸⁶ bem por ello, ca elle per mandado e conselheiro del rei de Saragoça o fazia. E os mouros prometeronlhe de o soltar e ajudar.

E, logo que foy noite, aquelles que guardavam Abuhagid soltarõno com todollos outros presos e alçaronse ão alcacer e fezerõ sobyr hũu pregoeiro ãna torre da mizquita e mandaronlhe que dissesse que se ajũtassem todos aa porta do alcacer. E, quãdo os da villa ouvirõ tal pregom, foram maravilhados e ouverõ muy grande medo e todos guardavã suas casas. E, quando Abemafa ouvyo este arroydo, ouve muy grãde medo por que nõ sabia o que era. Mas, logo que o soube, mandou suas gentes que fossem combater o alcacer e que prendessem quãtos achassẽ dentro. E elles foram allo cõ muy grande ardimẽto e prenderom Abuhagid cõ todollos outros que estavã com elle, ca elle penssou seer ajudado de seus amigos e elles fोगirom todos. E levarõnos presos a casa de Abemaffa. E elle / [242b] mandouho meter em prisõ e fez scabeçar os outros. E mãdouhos prender todos os em que avya sospeita e tomarlhes os bẽes.

CAPÍTULO DCXIV

Como Abemaffa êvyou seus messejeiros a el rei de Saragoça

Abemaffa mãdou dizer a el rei de Saragoça todo o feyto de Abuhagid como passara e mandouho preso. E mandou aos seus que se nõ partissem del rei nẽ vehessem aa vylla sã elle, ca el coy dava de seer acorrido per el rei. Pero mandou que lhes soubessem novas dos privados e que lhas mandassem dizer.

E ã esta sazom vallya antre elles a libra do triigo, IIII marcos; e a da cevada, II marcos e quarta; e a do peiço, II marcos e meo; e a onça do queyjo, hũu marco; e a dos figos, II marcos e meo; e a do mel, hũu marco; e a das alfarobas, II dinheiros meos quarta. E nõ avyã azeite nẽ hũu e comyã os coyros das vacas e bevyã o caldo delles. E os pobres comyã as carnes dos mortos. E era antre elles tal pestellença de fome que ajuntadamẽte metyã doze homẽes em hũa cova. E os que podyã fugyr da vila metiansse ã poder dos cristãaos. Mas o Cide penssou que o fazia cõ arte e mandava que os matassem.

⁸⁷ Em esta sazõ sairon quatro mouros honrrados da villa e fallarõ ao Cide e fezeronlhe entender a grande fame que avyã os da villa e que a combatesse, ca, se o fizesse, que a tomaria per força, ca os homẽes das arcas erã poucos e fracos cõ fome. E o Cide, quando esto ouvyo, prouguelhe muito e fallou a todallas suas jentes como combatessẽ a villa e castigouhos como se guardassẽ. E, despois que os avisou como ouvessẽ de fazer, ordenarõsse todos muy bẽ e moverõ pera a villa. E tã de coraçõ os cometerõ que chegarom ao muro.

E o Cide, / [242c] seguyndo os da vylla, entrou em hũu pequeno chãao que estava antre o muro e a barbacãa cõ muy pouca jente. E os da villa, quando virom que estava ã logar perigoso, ajuntaronse os mais que poderom e correrõ em aquelle logar e tantas tiravam de seetas e de pedras que os tragiã muy mal. E abrirom hũa porta e sayrom a elles e fezerõnos arredar. Mas o Cide ficou no chãao que nom podia sayr per hu entrara, tanto lhe davã grande pressa. E entom abrirom hũu portello per que sairõ o Cide e os que estavã com el muy perdidosos e com grande affam; e foy repreendido por que mandara combater, ca teve que a mayor guerra que lhes podia fazer matallos de fome.

E, desde se todos fastarõ affora e forõ apousentados, mandou o Cide apregoar per toda a hoste que todollos mouros que sayssẽ da villa, que fossem queymados e os que ja erã fora, que os matassem logo. Mas por todo esto nõ leixavam de sayr, esbarrondandosse do muro. E o Cide mandavaos todos queymar em face dos da villa, de guisa que todollos da villa os viiã, XVIII e XVIII ajuntados. E os outros mandava spedaçar e deitar aos cãaes. E os moços guardavã pera servir. E, se algũs eram bem aparentados, mandavanlhe dar muytos marteiros por levar delles algo.

⁸⁸ E esto durou tres meses, de guisa que nõ ficou na villa besta nem hũa pera cavalgar se nõ tres cavallos e hũa mua. E a jente era atam fraca que nom podiam achar quẽ sobisse ãno muro se nõ os ricos que avyam algo. E Abemafa e todollos seus parentes eram desesperados das vydas e de todo acorro assy dos Alarves come del rei de Saragoça e, cõ a grãde lazeira, cobiiçavã mais morrer que viver.

E aquelles poucos que ficarõ ãna vila foram a hũu alffaque muy honrrado que avia nome Abunax e rogaronlhe que os conselha/sse, [242d] ca bem viia o grãde perigoo em que eram postos e a myngua das vyandas que avyam; e que se visse com Abemaffa e soubesse delle o que cuydava de fazer. E Abemaffa e aquelle alfaque, cõ os mais honrrados da vylla, ouverom consselho de mandar recado a el rei de Saragoça e ao adiantado dos Allarves, que lhes vehessẽ acorrer ataa XV dias. E, se lhe nõ acorressem a este prazo, que dessem a villa ao Cide, cõ tal preito que fosse Abemaffa poderoso ãna villa, como era, e seguro do corpo e do aver com todas suas cousas e que fosse veedor das rêdas da villa, e que o almoxariffe do Cide fosse alguazil da villa. Mas devedes de saber que este que elles queryam que fosse alguazil era hũu mouro que avya nome Donũca; e este recadava todo o do Cide em tempo del rey e elle fiava muito delle, por que o achara sempre leal. E este queriam elles que tevesse as chaves da villa cõ jente de cristãaos; e que o Cide morasse em Juballa e que lhes nõ demandasse foros nõ costumes nõ a moeda.

E, depois que todos em esto forõ acordados, tiveram que seeriam bem ãdantes se lho o Cide quisesse outorgar. E mandarõ logo a elle os mais honrrados mouros que erã antre elles, que firmassem com elle esta preytesia. E elle, quando vyo as condições que demandavã, tirou as que quis e ãnhadeu ã outras, como lhe prougue.

CAPÍTULO DCXV

Como os de Vallẽça firmaram suas preitesias cõ o Cide e do recado que mãdarõ aos Allarves e a el rei de Saragoça

Conta a estoria que, depois que firmaram sua preitesya como melhor poderõ postar com o Cide, logo ã outro dia mandarõ V ho/mẽes [243a] bõos com seu recado a ⁸⁹ el rei de Saragoça. E outros tantos a Murça ao adiantado dos Allarves e mandavanlhe dizer a postura que avyã firmada com o Cide. E estes messejeiros nõ avyã de levar mais de L marcos pera sua despesa cada hũu; e que fossem per mar ataa Denya ã nave de cristãaos e que dalli se fossem per terra. E, depois que estes messejeiros foram entrados em nave, o Cide chegou aa ribeira e mandouhos buscar, por saber se levavã mais do que era contheudo na postura. E foilhes achado grande aver de ouro e prata e pedras preciosas. E o Cide mandoulhe todo tomar, salvo a despesa, segundo a postura.

E este dya pojou mais o mãtimẽto que ante. E toda a vylla nom avya mais que hũa mua que era d'Abemaffa, e hũu cavallo, que era de hũu seu filho, e outro cavallo, que tiinha hũu mouro; e vendeuho aos carneiros por trezẽtas e LXXX dobras d'ouro e que lhe dessem X libras de carne; e vallia a libra X marcos logo no começo e depois XII marcos e vallia a cabeça delle XX dobras d'ouro.

Os mouros da villa confortavãse algũu pouco, por que cuydavã seer acorridos del rei de Saragoça. E, pero que elles nõ lidavã hũus com os outros nõ faziã se nõ sperar o dia do prazo, eram sempre as guardas sobre a villa, de guisa que nõ saisse nem entrasse nõ hũu. E, quando foi viindo o dia do prazo, os mandadeiros nõ eram vĩidos. E Abemaffa mandou dizer ao Cide que os sperasse tres dias. E elle nõ quis, ante lhes mandou dizer que lhe dessem logo a villa, segundo era na postura, se nom que elle nõ seeria theudo de lha guardar, e demais que mataria os que tiinha em arrefenas. Pero, com todo esto, passou hũu dia.

Os da villa, quando virõ que nõ avyam remedio, sairõ a elle e rogarõno que fosse tomar / [243b] a villa. Mas o Cide disselhes que a nõ queria, pois era passado o termho, e elles poserõsse em sua mesura que fizesse o que lhe bem parecesse.

⁹⁰ CAPÍTULO DCXVI

Como o Cide cobrou Valẽça

Quando os mouros se poserõ enna mesura e poder do Cide, como avedes ouvydo, elle ouve delles piedade e mandoulhes que, logo ho outro dia, saisssem a firmar seu preito e lhe entregar a cidade. E a elles prougue muito. Entom sayo Abemaffa com todollos mais honrrados homẽes da villa e firmaram seu preito cõ o Cide o melhor e mais firme que elles poderõ. E desy abrirom as portas e receberõno dentro. E esto foy em hũa sesta feira do mes de Junho, despos a festa de Sam Joham.

E, quando os cristãaos entraram enna villa, stava Abemafa aa porta cõ grande companhia dos mouros que se hyã fora; e pareciã que veheram de fundo da terra. E os cristãaos entravã de dentro e os mouros sahyam de fora e comyam as hervas dos campos; e aviansse por ricos os que as podyam aver. E

os que moravam ã Alcudia, viinhã vender as viandas aa villa e os mouros entendidos guardavãsse das viandas, ca os que muito comyã morriam logo.

Depois que os cristãos foram apoderados enna cidade de Vallença e o Cide com sua cõpanha apousentados, viinhã ante elle os mouros e, saudandoo, beyjavãlhe as mãas e recebiãno por senhor. E elle recebiaos muy graciosamente. E, por amor delles, mandou çarrar todallas freestas das casas e torres que participavã cõ os mouros, e esto por que os cristãos nã vissem o que os mouros faziam em suas casas. E os mouros agradecerõlho muito aquella cousa, ca entenderõ que era homẽ justo e direito.

[243c] Mas Abemaffa, cõ grande desejo d'aver amor cõ o Cide, tomou muy grande aver e levoulho em presente. Mas o Cide, sabendo per certa enformaçõ como Abemaffa ouvera aquelle aver do que roubara aos pobres e, antre todos, a dous ⁹¹ homẽs bõos de Mayorgas, que lhes tomara o que avyã, nã o quis tomar. Mas mãdou logo apregoar per toda a cidade e seus termhos que a certo dia fossem ajuntados todollos honrrados homẽs em a sua orta de Villa Nova.

Quando o dia foy viindo e elles ajuntados, sayo a elles o Cide e recebeuhos muy graciosamẽte e fezelhos grande honrra e fezeos assẽetar. E, depois que foram apousentados, fezelhos seu fallamento, contandolhe das estorias antigas e dos exẽplos dos nobres barõoes e das boas façanhas dos poboos; e desi disselhes:

– Eu som homẽ que nũca ouve reyno, pero que som do linhagem dos reis, mas, des o dya que esta cidade vy, sempre me della paguei e cobiiceí de seer della senhor. E, pois que me Deus fez tanta mercee que mha deu, gradeçolho muyto. E, se eu fazer direito e o que devo, mãteerme á Deus em o senhorio della; e, se nã, tolherma ya muy cedo. E porem vos mãdo que vos vaades pera vossas herdades, segundo como as soyades d'aver, e o que ha achar vazia, metasse em posse della e o que a achar lavrada, pague a custa da semente e do lavor e fique cõ elle. E mando, aos que ham d'arrecadar por mỹ as rendas e direitos, que vos nã façam agravamẽto nẽ vos tomẽ mais do dizimo, segundo manda a vossa ley. E eu quero ouvyr os vossos preitos duas vezes na domaa, convem a saber, aa sexta feira e ao sabbado. E, se preitos apressados ouverdes, verredes a mỹ quando quiserdes e livrarvos hey, ca eu per mĩ quero esto veer e livrar. E guardarvos ey como amigos. / [243d] E eu quero seer vosso alcaide e alguazil e, quando algũa querella veher a mĩ, eu a farei logo ãmendar.

Outrossi me fizeram entender que Abemaffa ha feito muito mal a algũs de vos e que vos tomou os vossos averes pera os dar a mĩ e que esto fazia por que venderades as vossas vyandas caras enno tempo da cerca. Mas eu lhos nã quis tomar, por que entẽdi que vos faria torto, seendo vós meus; ca, se vollo eu tomar quisesse, nã mandaria a elle que mho tomasse, ca eu nã faria cousa tam desaguisada ã tomar a nẽ hũu o seu sem direito. E eu mãdo que o que algo guaanhou ã vender bem o seu que o logre. E, a quantos Abemaffa tomou o seu, mando que lho entreguẽ logo sem outro alongamẽto. ⁹² E quero que me façades preito e menajẽ do que vos disser, por que me nã falleçades nem vos tiredes afora, mas que obedeeçades a meu mandado, ca minha võotade he de vos amar e de tornar sobre vos, ca me pesa muito do mal que avedes passado ãna cerca, comprando o cafiz do triigo por mil marcos. Mas, prazẽdo a Deus, eu o farei tornar a hũu marco.

E, des aqui adyante, lavrade e criade seguros, ca eu tenho assi bẽ castigadas minhas jentes que vos nã farã nojo. E mãdo que nã entrem ã vossa villa a cõprar nẽ a vẽder, mas que entrem ã Alcudya, e esto por vos nã anojar. E mãdo que nã metã nem hũu catyvo na villa. E, se o hi meterẽ, mãdo que o matẽ e, se vollo algũu defender, matadeo logo. E eu meesmo nã quero ãtrar ã vossa villa nẽ morar em ella, mas quero fazer sobre a porta do alcacer hũu logar em que folgue.

Depois que lhes o Cide disse estas cousas que ouvystes, mãdou que se fossem. E os mouros partirõsse muy pagados delle, maravyllhandosse do que lhes prometera. E assessegarõ seus corações do / [244a] grande medo que avyã, ca bem cuydavã que todo o que lhes o Cide dissera era verdade. Mas elle nã lhe dissera esto se nom por os segurar e os fazer vỹr ao que elle queria. E, depois que esto ouve feyto, mandou ao seu almoxariffe que posesse homẽs nos officios, que recadassem as rendas da villa; e elle fez seu mandado.

E os mouros quiserom hyr a suas herdades, segundo o que o Cide lhes mandara. Mas os cristãos que as tiinhã nã lhas quiserom leixar, especialmente as que tiinhã lavradas, dizendo que o Cide lhas dera em preço de suas soldadas. E os mouros atenderõ ataa a sexta feira, a que o Cide avia de sayr a ouvyr os preitos, segundo lhes prometera.

⁹³ CAPÍTULO DCXVII

Como os mouros veherõ fallar ao Cide

Quando foy a sexta feira, veherõ todollos mouros honrrados ao Cide mas elle mandoulhes dizer que ho outro dia vehessem, ca elle era em desembargo doutras cousas. E esto fazia o Cide com arte. E,

logo em outro dia, ajūtaronse os mouros ãna orta de Villanova. E o Cide sayo a elles. E os mouros fizeramlhe suas querellas. Mas elle começoulhe de fallar em exemplos e dizer:

– Amigos, demandovos que me digades se he dereito que faça bẽ a mynhas jentes, ca, se eu sem elles ficar, seeria tal como o boo lidador que nõ tem lança nem spada ou como o que ha hũu braço e nõ outro ca e como a ave que nõ tem aas. Pois a primeira cousa que ey de fazer em feito de minhas jentes, ha de seer guysandolhes como vyvã honrrados, de guisa que me possã servir e guardar, pois me Deus deu a cidade de Vallença. E porem vos digo que, se queredes seer meus amigos e que vos faça sempre bẽ e mercee, guisade como metades ã / [244b] meu poder o treedor d’Abemaffa que matou vosso senhor el rey e fez a vos outros sofrer tanto trabalho e lazeira em esta cerca. E porem nõ he guisado que aquelle que matou seu senhor viva antre vos, ca a sua traiçom conffonderá a vossa lealdade. E porem guisade como se compra meu mãdado.

Quãdo os mouros ouvyrõ o que o Cide dizia, foram spantados, ca sabiã que todo era verdade o que dissera, mas pesoulhes muito por que lhes saya da postura que cõ elles avya. Entom lhe diseron que elles fallariam em esto e que lhes tornariam recado XXX dos mais honrrados.

Despois que todos em seu conselho forõ ajuntados, chamarõ a elle hũu mouro que avya nome Audella Auzis, alguazil do Cide, e diserõlhe:

– Rogamoste, amigo, por que es da nossa ley que nos conselhes o melhor ⁹⁴ que poderes, ca es theudo de o fazer. E a razõ he esta: o Cide nos prometeu outro dia muitas cousas e agora nos move outras razõoes novas com que tomamos mui grande pesar. E, por que tu sabes mais do seu coração, dynos o que te parecer.

E o mouro, despois que ouvyo o que lhe diseron, respondeo dizendo:

– Refece he de entender a muy grande trayçõ que Abemaffa fez ã matar el rei. Ca, como quer que com elle avyamos prema, nõ avyamos tanto mal como ouvemos despois que o elle matou. Mas, pois que o Deus a este tempo chegou, lazereo e guysade como o matedes em poder do Cide, ca eu sey que lhe faredes ã ello grande prazer. E nom catedes por al, ca, como quer que o Cide em algũa cousa compra võtade, melhor he de teer elle por senhor que o treedor que nos fez sofrer tâto mal. E as cousas deste mũdo cedo trespassam e porẽ o coração me diz que cedo sairemos da prema dos cristãaos, ca o Cide he ja ã cima de seus dias. E os que ficarmos vivos seeremos senhores de nossas terras e da nossa cidade.

Quando os mouros esto ouvirom forõsse e tiveronsse por bem conselhados.

CAPÍTULO DCXVIII

[244c] Como os de Vallença prenderõ Abemaffa e o levarom preso ao Cide

Despois que se os mouros partirõ do Cide e entrarõ enna villa, tomarõ muyta jente e foronsse aas casas d’Abemaffa e, combatendoas, britarom as portas e entrarõnos per força e prenderõ Abemaffa e seu filho e toda sua companha e levarõnos ante o Cide. E elle mandouhos meter em prisom e ⁹⁵ levallos a Juballa. E, despois que esto assy foi feito, disse o Cide aos homẽes honrrados:

– Pois que compristes meu mandado, tenho por ben de vos fazer mercee e pedide o que quiserdes. Pero quero que saybhades que a mynha morada seera enno alcacer e os meus terram todallas forças da villa.

E os mouros, quãdo esto ouvyrõ, ouverom muy grande pesar. Pero emcobrirõno e disseron ao Cide:

– Senhor, seja como vos quiserdes, ca nos ho outorgamos.

E o Cide lhes disse que lhes mãterria seus foros e custumes e que lavrassem e criassem seguros e que lhe dessem suas dizimas, ca nõ queria delles al. Mas, quanto era o senhorio, que el o queria pera si. E, quando os mouros esto ouvirõ, pesoulhes muito, pero, quando virom que ficavã ãna villa e que lhe ficavam suas mizquitas, confortaronse e pedirom ao Cide que lhes desse por alcaide hũu alfaque mouro muito honrrado que avya nome Abuhagid e que elle o posesse de sua mãao que julgasse o poboo dos mouros e que elle ficaria sem encarrego de os ouvyr se nõ em feitos carregados. E o Cide outorgoulho.

CAPÍTULO DCXIX

Como o Cide êtrou ã Vallẽça de morada

Conta a estoria que, des o primeiro dia que o Cide cercou Vallença ataa o dia que della foy êtregue, passarõ IX meses. E es/teve [244d] enna orta de Villa Nova em assesegar os mouros hũu mes. E assy passaram dez meses ataa aquelle dia que elle entrou enno alcacer de morada. E foy ãno prestumeiro dia do mes de Junho, ãna era de mil e cento e XXV ãnos e o anno de encarnaçõ do Nosso Senhor Jhesu Cristo em mil e LXXXVII ãnos.

E, quando ouve de entrar enna cidade, hyam todos muy ordenadamente e a sua bandeira alta e tendida e todos armados ã redor della muy honrradamẽte, fazendo grandes allegrias. E, despois que o Cide

foy apousentado enno alcacer ⁹⁶ e todollos outros pella villa em redor delle, mādou poer a bandeira enna mais alta torre do alcacer. E, des aquelle dia em diäte, foi o Cide apoderado de Vallença e de todallas suas fortellezas e de todollos castellos que erã do seu senhorio. E desta guisa que avedes ouvydo, cobrou o Cide Vallença e tevea em todollos dias da sua vyda.

CAPÍTULO DCXX

Como o Cide mādou traer Abemaffa de Jubala pera a sua orta de Vila Nova

O Cide, depois que mandou Abemaffa pera Juballa, como ja ouvystes, fezlhe dar grandes tormentos de guisa que foi chegado a ponte de morte. E depois mandouho traer pera Vallença a sua orta e mandoulhe que lhe desse em scripto todo o que avya. E elle screveo hũa carta per sua mão do que avya e ally screveo os sartaes que ouvera del rey, de que vos ja dissemos. Outrossi screveo todo ho ouro amoadado que avya e a prata. E, quando leerõ a carta ante o Cide, elle mādou chamar todollos mais honrrados mouros da villa e fez logo trager ante sy Abemaffa e disselhe se avya mais do / [245a] que ally dava em scripto e elle disse que nõ. E o Cide fez mui emcubertamente buscar as casas de todos seus amigos de Abemaffa, ameaçandoos que, se algũa cousa negassem que fosse sua e depois lhe fosse sabudo, que os mandaria porem matar e mandar lhes hya tomar os bẽes. E os mouros, quando esto ouvirom, cõ medo do Cide e por nõ estar mal cõ elle, trouxeronlhe muy grande aver que tiinha d'Abemaffa, dizendo que elle lho dera em guarda e lhes prometera que, se scapasse daquella coita, que o partiria cõ elles. E o Cide mandou logo cavar todallas cousas d'Abemafa por que lhe disse hũu seu servo que jazia hy grande thesouro. E acharõ hy muy grande aver ã ouro e prata e pedras preciosas.

E, depois que todo esto ouve feito, fez ante si vïir todollos mais honrrados ⁹⁷ mouros da villa, ante os quaaes elle jurara que nõ avya hy mais aver. Entõ elle asseentousse ã hũu estrado e fezeos asseentar a redor de sy e mandou traer Abemaffa e os outros presos com elle e mādou ao alcaide que, segundo sua ley, julgasse que morte merecia o que matara seu senhor e demais que jurou falso, dizendo que nõ avya mais que aquello que dava em scripto. E o alcaide, cõ todollos outros, julgarõ que o apedrassẽ, segundo o mandado da sua ley. E pedirõ ao Cide o filho por que era pequeno e nõ culpado. E o Cide outorgoulho e que se fosse logo da villa, ca nõ queria que filho de homẽ assi treedor hy vivesse. E mandou apedrar Abemafa e cõ elle XXX de seus parentes e cõsselheiros. E, feito esto, mandou aos mouros que em outro dya tornassem a elle, ca queria com elles ordenar sua fazenda.

CAPÍTULO DCXXI

Como o Cide ouve consselho ã ordenamẽto de sua fazenda com dom Alvaro Fernandez e cõ Pero Vermuiz

[245b] O Cide, logo essa noyte, ouve seu consselho cõ Alvaro Fernãdez e Pero Vermuiz e cõ todollos outros con que se elle conselhava e ordenarõ como vivessẽ antre os mouros. E, logo ã outro dia, veherõ os mais honrrados mouros ao alcacer e disselhes:

– Homẽes bõos de Vallẽça e de Juballa, bẽ sabedes quanta ajuda e defendimento eu fiz sempre a vosso senhor el rei e a vos ataa que foy morto e depois ⁹⁸ como o vïguey, vos o sabedes. E passey muyta lazeira por guaanhar Vallença e prougue a Deus de a dar a mỹ e aos meus e me fazer senhor della, reservando o senhorio real del rei dom Affonso de Castella, cujo vassallo eu som. E, pois me Deus fez tãta mercee de a meter ã meu poder e vos todos outrossi, porẽ tenho por ben que todollos mais honrrados de vos moredes ã vossas casas e ajades vossas herdades e que nẽ hũu de vos nõ tenha se nõ hũa besta muar e que nõ husedes d'armas nẽ as tenhades se nõ quando eu mandar; e toda a outra quero que se saya da villa e vaasse morar ao arravalde; e que ajades vossos alcaides e alguazil, assy como vos ey posto, e que me dedes o dizimo dos fruitos, e a justiça que seja minha e que eu mande lavrar moeda qual eu quiser. E os que quiserdes ficar cõmigo a esta condiçõ, fiquẽ e os que nõ, vãasse com seus corpos e eu os mandarei poer ã salvo.

E, quando os mouros esto ouvyrõ, forõ muy tristes e sayronsse d'ãte elle e começaram logo todos de se hirẽ da cidade e nõ ficarom se nõ os que o Cide mādou ficar. E foronsse morar ãna vylla todollos cristãos que morava em Alcudya. E tanta foy a jente que se foy da villa que dous dias poserom ã sayr. E, des ally em dyante, foy o Cide chamado senhor de Vallença.

CAPÍTULO DCXXII

[245c] Como el rei de Sevilha foy sobre o Cide e o cercou ã Vallêça

Despois que foi sabudo per todo Espanha como Roy Diaz, o Cide, era senhor de Vallêça, Alle Abunaxa, adiãtado dos Allarves, êvyou el rei de Sevyilha, que era seu jenrro, cõ XXX mil homens d'armas sobre o Cide. E elle veeosse a grande ⁹⁹pressa e cercouho ã Vallêça. Mas o Cide guysousse muy bẽ e sayu a lidar com elle a par da orta de Villa Nova e foi a batalha muy grande. E ṽceu o Cide e seguyos pello encalço ataa Xativa, matãdoos e ferindoos. E diz que, com o medo delle, morrerõ enno ryo de Xucar bẽ cinco mil mouros, de guisa que, antre os que morrerõ na batalha e os do encalço e os do ryo, ñ ficarõ endous mil. E el rei fugio con tres golpes muy grandes. E em este êcalço foy muy bõo Marti Paaez, o Esturãao, ã tanto que ñ ouve hy cavalleiro que daquella batalha tã grande prez ouvesse como elle.

E o Cide tornou-se ao cãpo e mandou colher o esbulho e as tendas dos mouros e tã grãde foy o aver que acharom que ouve cada pessoa em sua parte X marcos de prata. E, esto feito, tornou-se o Cide pera Vallença onde foy mui bem recebido.

CAPÍTULO DCXXIII

Como o Cide mãdou apregoar que se ñ partisse ñ hũu sem recado e como veeo a Vallença o bispo dom Jeronymo

Despois que se o Cide tornou da batalha, ouve seu cõsselho cõ Alvaro Fernandez e cõ os òutros da sua poridade, que maneira terria pera se lhe ñ hyr a jente por que estavã muito ricos. E acordarõ de mandar apregoar que ñ fosse nem hũu ousado de se yr sem mandado do Cide e, o que o contrairo fizesse, fosse certo de perder quanto levasse e demais o corpo. E, por seer mais seguro, mãdou scre/ver [245d] quanta jente hy avya. E acharõ que avya mil e quinhentos cavalleiros de linhagen e, da outra jente de cavallo, quinhentos e ciquoẽta, seus parẽtes, sem outra jẽte.

E, estando o Cide fazendo sua ordenaçõ, chegou a Vallença o bispo dom Jeronimo com grande cõpanha de clerigos. E o Cide sayuho a receber e prouguelhe cõ elle muyto, por que viinha bem acompanhado de clerigos. E, desque o bispo foy apousentado, ouverõ acordo de sagrarẽ as igrejas, que entõ eram mizqui ¹⁰⁰tas, pera sacrificar o corpo de Jhesu Cristo. E o Cide deu logo certas rẽdas ao bispo pera sy e pera seus coonigos. E fundarom logo duas igrejas, hũa em honrra de Santa Maria e a outra de Sam Pedro. E, desta guisa que avedes ouvydo, ordenou o Cide a cidade de Vallença, ca a fez bispado.

CAPÍTULO DCXXIV

Como o Cide mandou grãde presente a el rei dom Affomso e o mãdou rogar que lhe mandasse sua molher e suas filhas

Pois que o Cide ouve vencida aquella batalha del rei de Sevilha, como ja ouvystes, veolhe ã coraçom de mandar por sua molher e por suas filhas. E chamou Alvaro Fernandez, seu primo, e Marti Antoniiz e disselhes assy:

– Amigos, bem sabedes quanta mercee nos Deus fez, desque partimos de Castella, e quanta honrra nos deu ã todallas cousas que começamos. E, pois nos Deus fez tanta mercee e nos pos ã tanta honrra, quero que vaades a Castella e que digades a meu senhor el rei dõ Afomsso como me Deus ha feita tanta mercee que cobreí Vallêça; e que lhe levedes ã presente II^c cavallos e lhe beyjedes as mãaos por m̃y e lhe digades como sãõ a seu serviço cõ Vallença e cõ quãto ey; e que lhe peço por mercee que me mãde mynha molher e minhas filhas. Outrossy vos ro/go [246a] que levedes mil marcos de prata ao mosteiro de Sam Pedro de Cardena e os dedes ao abbade dom Sancho. E levade XXX marcos d'ouro a dona Symona, com que se guysse pera se ṽir.

E mandoulhes dar mais trezentos marcos d'ouro e trezẽtos de prata pera quitar as arcas que leixara aos judeus de Burgos cheas d'area, segũdo ja avedes ouvydo ã esta estorya, e mãdoulhes rogar que lhes perdoassem aquelle êgano que lhes fezera. E mandou que lhe dessem por as gaanças o que quisessem.

E mãdoulhes que levassem conssigo todallas suas jentes pera se ṽirẽ con dona Symona honrradamẽte. E a companha eram II^c cavalleiros de dom Alvaro Fernandez e, de Marti Antoniiz, L cavalleiros. E mandoulhes dar pera sua despesa o que ouvessem mester muy compridamente.

¹⁰¹ CAPÍTULO DCXXV

Como partio de Vallença dom Alvaro Fernandez e Marti Antoniiz cō o presête que o Cide mandava a el rei dō Afomso

Em outro dia, de grande manhã, partirom de Vallêça dō Alvaro Fernandez e Marti Antoniiz e andarō per suas jornadas ataa que chegarō a Pallença onde era el rei. E com grande reverença beyjaronlhe as mãaos por si e despois por o Cide, dizendolhe em esta guysa:

– Senhor, Roy Diaz, o Cide, ãvya beyjar vossas mãaos cō grande humildade e êcomendarsse ã vossa mercee come de seu senhor natural pera cujo serviço he prestes. E mãdavos dizer que, despois que se de vos partio, venceu tres lides campaaes de mouros e guaanhou delles estes castellos: Xerea; e Andacalffa; e Pêna e Cedelha; e Morcella; e Juballa; e, despois de todos, a muy nobre cidade de Vallença. E, das guãças que lhe Deus deu e a vossa boa ventuira, mandavos aqui duzentos cavallos sellados e emfreados, como vos veedes. / [246b] E mandavos dizer estas novas por que sabe que tomaredes em ello prazer.

E el rey recebeuhos muy bem e foy muy spantado da nobreza do Cide. E tornou-se aos ricos homêes e disse:

– Certo, o Cide he o mais honrrado cavaleiro que nũca foy armado ã Castella. E assy me ajude Sancto Isidoro que me praz muito da sua boa andança e recebo o seu dom muy de grado!

E dom Alvaro Fernandez e Marti Antoniiz beyjarō as mãaos a el rei e disseronlhe:

– Senhor, o Cide vos ãvya pedir por mercee que lhe mandedes sua molher e suas filhas.

¹⁰² E el rei disse que lhe prazia e disse mais:

– Eu mando que, em quanto fordes ã meu reyno, que vos dem todo o que ouverdes mester. E mando que vãa cō a molher do Cide toda a companhia que ouver mester, de guisa que vaa guardada e honrrada. E, por lhe fazer mercee, outorgolhe Vallença e o al que elle guaanhou e o que guaanhar daquy adyante; e que se chame ende senhor. E dou licença a todollos do meu reyno que quiserẽ hyr servir o Cide que vãa cō mynha graça sem nem hũa pena. E mãdo que de todo esto vos dê minhas cartas.

CAPÍTULO DCXXVI

Como os messejeiros do Cide se spedirō del rei e forō a Burgos quitar as arcas aos judeus

Despois que as cartas forō feitas, dō Alvaro Fernandez e Martym Antoniiz espedirōsse del rei e foronsse a Burgos e mandarō por os judeus que tiinhã as arcas. E derōlhe o III^c marcos d'ouro e os outros III^c de prata, como o Cide mandara, e rogarōnos que lhe perdoassẽ o êgano. E elles disserom que lhe perdoavam e que se avyã por muy bem pagados do que lhes o Cide mandara. E, quando a fama desto foy sabuda ã Burgos e pella terra, todos foram maravylhados da bondade e lealdade do Cide.

E, despois que aquello ouverō feito, forōsse a Sam Pedro de Cardena, onde forō muy bẽ recebidos de dona Symhona Gomez e de suas filhas, ca / [246c] muy grande foy o prazer que todos ouverom. E, desdeque todos forō apousentados e assessegados, perguntou dona Symhona por novas do Cide. E dō Alvaro Fernandez lhe cotou ordenadamẽte todallas cousas que per o Cide passara despois que se della partira, ¹⁰³ e as lides que vēcera e os castellos que tomara aos mouros, e como guaanhara Vallêça, onde ho elle leixara sãao com grande prazer, e que lhe mandava que logo se fosse pera allo com suas filhas. E, quando dona Symhona e suas filhas esto ouvyrō, agradecerō muito a Deus a mercee que lhes fezera.

E, em quanto dona Symhona e suas filhas se guisarō do que avyã mester pera seu caminho, mandou dō Alvaro Fernandez recado ao Cide, ã como os recebera muy bem el rei dō Afomso e lhes fezera muita hõrra e como recadarō cō elle todo o que quiseram e do grãde prazer que el rei ouvera cō o seu presente e como lhe prometia fazer muitas mercees e como lhes mãdava fazer a custa ã todo o seu reyno; e que elle tomasse prazer, ca elles cedo seeriã allo. E, feito esto, mandou dō Alvaro Fernandez por o abbafe dom Sancho e deulhe os mil marcos de prata que lhe o Cide mandara dar.

O são sayu pella terra, da grande hõrra que el rei dō Afomso fezera ao Cide e como dera lecença aos que se quisessem hyr pera elle. E por esta razom veherō a Sã Pedro cem cavalleiros, com muitos scudeiros, pera se hyrẽ com dona Symhona. E desto prougue muyto a dom Alvaro Fernandez e prometelhes de lhes aver graça cō o Cide.

E, despois que dona Symhona e suas filhas forō guarneçadas de todo o que lhes era mester, partirōsse de Sam Pedro de Cardena e andarō per suas jornadas ataa que chegarō a Medina Çalle; e cō elles o porteiro del rei, que lhes fazia dar o que avyam mester.

CAPÍTULO DCXXVII

Como chegarõ os mandadeiros de dom Alvaro Fernandez ao Cide e do grande prazer que elle ouve com as novas de Castella

[246d] Os messejeiros de dõ Alvaro Fernandez andarõ tanto que chegarõ a Vallêça ao Cide e diseronlhe todo o que lhes fora mãdado. E elle, cõ grande prazer disse:

– Quem boos messejeiros êvya, bõo mandado spera! Beento seja o nome de Nosso Senhor, por que praz a el rei dom Afonso do meu bem!

¹⁰⁴ E mãdou logo chamar Pero Vermuiz e Marti Paaez e cõtoulhes as novas de Castella e como el rei dõ Affonso estava seu amigo muyto e como tragiã sua molher e suas filhas. E elles ouverõ ende grande prazer. E o Cide mãdoulhes que tomassê cê cavalleiros e que se fossem pera Mollyna e dissessê a Abucanõ que era seu vassallo e que se fosse cõ elles e que levasse outros cê cavalleiros e que se fossem todos a Medyna Çalle e que atendessê hi sua molher e suas filhas.

E elles fezerõ logo como lhes elle mãdou. E, quando chegarõ a Mollyna, Abucanõ recebeuhos muy bem e fezelhos muita hõrra. E fuisse cõ elles e levou cõssigo II^c cavalleiros. E, quando chegarõ a Medyna Çalle, era ja hy dona Symhona e dõ Alvaro Fernandez, que os receberõ muy bẽ. Logo ã outro dia se partirõ e pasarõ o ryo de Salon e de Arbuxelho acima, per seu camynho, e atravessarõ o campo de Barahona e chegarõ a Mollyna, onde forõ bem recebidos. E Abucanõ lhes mãdou dar todo o que lhes era mester e ainda ferrarlhes as bestas.

Em outro dia partirõ de Mollyna. E o mouro fuisse cõ elles ataa tres legoas de Vallêça. E o Cide sayuhos a receber muy hõrradamẽte. E, quando vyo sua molher e suas filhas, tomou muy grande prazer. Mas dona Symhona e suas filhas, logo que virõ o Cide, decerõ das bestas e poseronse ante elle ã gíolhos com grande reverença. Mas tantas erã as alegrias ã seus olhos do grãde prazer que avyã que nõ / [247a] podiam fallar hũa pallavra. E o Cide tomouhas pellas mãaos e levantouhas e abraçouhas e ouve com ellas grande prazer. Mas, em quanto o Cide esto fazia, bispo Jeronymo ordenou seus creligos e sayos a receber cõ grande procissom. E desta maneira entrou ã Vallença dona Symhona cõ suas filhas.

E em aquelle dia foy ã Vallença feita grande allegria e muitos trebelhos por honrra de dona Simhona, assi de mouros como de cristãaos. E o Cide agradeceu muito a Abucanõ o serviço que lhe fizera, ã acompanhar assy sua molher e suas filhas, e fezlhe muyta hõrra e prometeulhe de lhe fazer muyta mercee e defendimẽto de seus amigos.

¹⁰⁵ CAPÍTULO DCXXVIII

Como el rey Unez passou d'aallẽ mar e veeo cercar o Cide ã Valêça

Conta a estoria que logo a cabo de tres meses que dona Symhona foy ã Vallêça, chegarõ novas ao Cide como era vido d'aallẽ mar el rei Unez, filho de Miraamolĩ de Marrocos, por lhe tomar Vallença; e que tragia cõssigo L mil homẽes de cavallo e de homẽes de pee que nõ podiã seer cõtados. E, logo que o Cide esto soube, mandou mui bẽ repairar e bastecer seus castellos; e outrossi mandou muy bẽ açaimar Vallença de todallas cousas que erã mester pera guerra. E desi percebeu muy bẽ toda sua jente, assi de cristãaos come de mouros, os que erã do seu senhorio.

Mas, ã quanto o Cide esto fazia, entrou el rei Unez ã sua terra. Mas, como ja estavã as jentes percebidas delles, nõ lhe poderõ fazer nojo. E o Cide, como soube que era preto de Vallêça, mandou todos viir ao alcacer. E, depois que forõ ajõtados, levantousse ãtre todos e disse:

– Amigos, parẽtes e vasallos e quantos aqui estades! Bẽ sabedes o muito [247b] trabalho e lazeira que sofremos por tomar Valêça. E Deus, por sua grande mercee, a deu ã nossas mãaos com muyta nossa honrra. Pois, se Deus por sua mesura nos deu tãta honrra ã todos nossos feitos e nos fez salvos sãpre dos nossos ãmiigos, dandonos grande esforço e ardimẽto pera os vẽcer, nõs agora por esta grande multidõ de mouros nõ ajamos medo nõ os temamos. Mas sairemos a elles e nõ os dovydemos, ca, cõ a mercee de Deus, vẽceros emos.

Quando todos esto ouvyrõ, foram mui esforçados e diserom todos em hũa voz que fariam quanto elle mãdasse.

Em outro dia tomou o Cide dona Symhona e suas filhas e levouhas ãna mais alta torre do alcacer, por lhes mostrar o grande poder dos mouros. E, quando ellas virõ tã grande multidom delles e as muytas tendas que poynhã arredor da ¹⁰⁶ villa e virõ o grande arroydo que faziã cõ suas trõbas e atambores, forõ fortemẽte temerosas. E o Cide, quando vyo que temyã, disselhes:

– Nom ajades medo nem temades, ã quanto eu for vivo, ca, cõ a mercee de Deus, eu vos cuydo todos a matar. E, cõ o grande aver que tragẽ, casarei vos minhas filhas muito honrradamẽte. E vós estade aquy e eu, cõ a mynha jente, yrei lidar cõ elles. E fio em Deus que, aquellas suas trõbas e atambores, ante vós os faça tanger.

O Cide, estando ã esto fallando, ex que os mouros entravã ãnas ortas muy ryjamête. E elle vyo acerca de sy estar Alvaro Salvadorez e disselhe:

– Decede, dõ Alvaro, e tomade II^c cavalleiros e fazedre hũa esporoada cõ aquelles mouros que entrarõ ãnas ortas, por que vejã agora dona Symhona e minhas filhas como avedes võotade de as servir.

E Alvaro Salvadorez, logo que deceu, fez logo repicar pella rua onde aviã onde se aviam d’ajũtar estes II^c cavalleiros. E dizẽ que o Cide, por que fora sempre husado ã guerra, era dello muy sabedor e avya ordenados / [247c] certos synaaes como se armassẽ os cavalleiros. E elles bem sabiam qual era o synal de cem cavalleiros e de qual de II^c e qual de III^c e assy dhy acima. E, logo que ouvirõ o synal, forom todos ajuntados onde se avyam d’ajuntar. E sairõ aos mouros que andavã nas ortas e ferirõnos tam fortemente que os sacarom fora de todallas ortas, ferindo e matando ã elles. E o Cide folgava muito, veendo como o elles faziam muy bẽ. E dona Symhona e suas filhas estavã muy spantadas do que viiã. E o Cide, quando as assy vyo estar temerosas, fezeas decender por nõ estarẽ anojadas. E dõ Alvaro Salvadorez levouhos vençudos ataa as tẽdas, fazendo em elles grande dampno. E, se se tornarõ cõ esto, bem se contentara o Cide, mas tã grande era o sabor que avyam de os matar, cuydando que os vya dona Symhona e suas filhas e que tomavã em ello prazer, que forõ muito adiante, ã tanto que foy preso dom Alvaro Salvadorez, por que ãtrou em tal lugar que nom pôde seer acorrido. E os outros tornaronse aa vylla muy bem acaudellados. E forom daquella saida mortos, dos mouros, passados de II^c e L. E o Cide descendeu da torre e recebeuhos mui bẽ, louvando muyto o que fizeram a guisa de boos cavalleiros. Pero pesavalhe muito por que ficava preso dom Alvaro Salvadorez.

¹⁰⁷ E mandou logo fazer synal a que se ajuntassem todos os da villa e, desque forom todos ante elle, começou de lhes dizer ã esta guisa:

– Amigos, vós muy bem veedes como este grande poder de mouros veem sobre nós por nos tomar Vallẽça, como ja dixẽ. E porem, se o vós por bem teverdes queria eu que sayessemos a elles de guisa que nom recebessemos delles mais dampno. E, por que elles som grande jente, compre que husemos cõ elles de grande meestria de / [247d] guerra.

A esto respondeu dom Alvaro Fernandez e disse:

– Graças a Deus e aa vossa boa ventuira, outros mayores feitos que este avedes vós acabados. E bem fyo eu ãna mercee de Deus que assi faredes este. Mas, se teverdes por bem, mandademe dar III^c cavalleiros mais que a minha companha e hynos hemos esta noite meter em cilada ãno valle de Abuhara. E, desque vós fordes com elles ãvultos ãna batalha, sairemos nós e daremos em elles e de tal maneira os feriremos que, prazẽdo a Deus, logo seerem vencidos.

E desto prougue muito ao Cide e mãdou que logo se apreitasse, de tal guisa que essa noite entrasse enna cilada. E mandou a todollos outros que de tal guisa estevessem prestes que, logo que ouvyssem fazer o synal, cavalgassem e todollos de pee com suas armas movessem pera a igreja de Sam Pedro. E ouvyríam hy missa e que entõ partiríam ã nome da Santa Triindade. E, despois que lhe esto disse, foronsse pera suas pousadas.

CAPÍTULO DCXXIX

Como o Cide lidou cõ el rey Unez e o venceu

Logo em outro dia, ante que fosse manhã, fezerõ o synal e logo todallas cõpanhas forõ ajuntadas enna igreja de sam Pedro. E confessaronse. E o bispo cantou missa e comũgouhos e abssolveos. E, acabado o officio, pedio o bispo ao Cide que lhe desse a dyãteira da batalha. E o Cide outorgoulha. Entõ cavalgarõ todos, ãcomendandosse a Deus, e sairõ per a porta que ha nome Collovra, por que era a parte da hoste dos mouros. E o Cide hya muy bem armado eno seu cavallo. E dom Alvaro Fernandez estava ja ãna cillada. E o Cide ¹⁰⁸ com toda sua companha hyam muy passo por que nõ / [248a] era ainda bẽ dia. E, despois que forom alongados da villa e ouverom passadas todallas estreituradas e maaos passos, foy o dia claro e passarom per a cillada. E o Cide ordenou suas aazes muy sabedormẽte e devisou a todos, como ouvesse de fazer. E desy mandou a Pero Vermuiz que tomasse a sua bandeira.

Mas os mouros, quando os virõ, forõ muy spantados e armarõse muy apressa e poseron suas aazes. E o Cide mãdou logo mover a sua bandeira e cõ ella o bispo dom Jeronymo. E forõ ferir os mouros de tã grande força que ã pequeno spaço forom mortos mais de cĩquo mil. Muyto era esta batalha bem ferida e cõ grande crueldade, ca os mouros erã muitos e muy esforçados. E estavã em hora de vẽcer os cristãaos. E o Cide começou de braadar e esforçallos fortemẽte e chamar o apostollo Santiago. Mas, ã esto, sayu dom Alvaro Fernandez da çilada per a parte do mar e tam bravamente os feria que esto era hũa grande maravylha. E os mouros cuydarom que era poder grande que viinha ao Cide em ajuda e começarõ de fogyr pera hũu castello que chamavã Tortuera. E o Cide e os seus seguyãnos mortalmente, matando em elles que lhes nõ davã vagar.

E o Cide êcalçou el rey Unez e ferio. Mas o mouro era bẽ armado e nõ lhe empeeceu, por que o cavallo do Cide adyantousse muito e caudilou contra hũa parte. E por esto o nõ pode alcançar. E el rei Unez meteusse êno castello. E ataa ally durou o êcalço, assy que, dos L mil cavalleiros mouros que elle tragia, forom alli mortos XV mil. E os mouros que estavã ênas naves, quando virõ seu senhor vencido, foronssse pera Denya. E tam grande foy a mortaydade que o Cide em aquelle dia fez ênos mouros que lhe corria o sangue delles pellas armas. E esto era por que o seu / [248b] cavallo era muy corredor e feito aa sua vootade.

E, despois que o Cide e sua companha ouverõ êçarrado el rey Unez no castello e mortos quantos mouros poderõ achar, tornarõsse ao campo. E fez o Cide levãtar as tendas, que erã muytas sem guisa. E, antre todas, foy achada ¹⁰⁹ a tenda del rei Unez, que nũca homẽ vyo melhor. E foy hy achado tam grande aver ã ouro e prata e joyas e cavallos e armas que esto foy hũa grande maravyilha, ca tres dias poserom êno colher. E acharõ, êna tenda del rey Unez, dõ Alvaro Salvadorez, cõ que prougue muyto ao Cide.

Mas quẽ poderia dizer o grande prazer que ouve dona Symhena e suas filhas, quando virõ entrar o Cide ã cima do seu cavallo per a porta do alcacer? Pero forõ maravilhadass como viinha emsangoentado. E as filhas foronlhe beyjar as mãaos. Em esta batalha del rei Unez guaanhou o Cide a sua nobre spada, que avya nome Tiçõ.

E el rei Unez partiosse do castello e foyssse a Denya meter ã suas naves, pera se yr pera sua terra muy triste e muy quebrãtado. E, despois que foy em Marrocos, cuydando todos dias em sua maa andãça, enfermou de morte. Mas, ãte que morresse, chamou hũu seu irmãao, que avya nome Bucar, e rogouho que, por o dyvido que cõ elle avya, que o fosse vingar da grãde deshonrra que recebera do Cide. E Bucar lho prometeo sobre o Alcarõ, que he o livro da sua ley. E el rey Unez morreo logo. E Bucar se guisou pera passar aaquẽ mar, como diremos adyante.

CAPÍTULO DCXXX

Como o Cide mandou muy grande presente a el rei dom Affonso

Logo a cabo de XV quinze dias que o Cide vẽceu el rei el rei Unez, segundo o que avedes ouvdydo, êvyou dom Alvaro Fernandez e Pedro Vermuiz cõ seu presente / [248c] a el rei dom Afonso. E o presente erã III^c cavallos seellados e emfreados, e, ã cada hũu cavallo, sua spada ao arçom da seella; e a muy nobre tenda que fora del rei Unez. E esto fazia ja o Cide, reconhecendo o senhorio del rei dom Affonso. ¹¹⁰ E dom Alvaro Fernandez e Pedro Vermuiz forom a Castella com este presente e acharom el rey ã Valhadolide. E elle, quando o soube como viinham, mandoulhes que nõ entrassem êna villa ataa ã outro dia.

E, logo que el rei ouvyo missa, cavalgou com todollos ricos homẽes de sua corte. E erã hi ã esta sazõ os iffantes de Carriõ, Diego Gonçallvez e Fernã Gonçallvez, filhos do conde dom Gonçalo, que forõ com el rey receber os messejeiros do Cide. E, quando el rei chegou a elles, era preto da villa quanto mea legoa. E elles viinhã em esta guisa: os III^c cavallos viinhã diante cõ suas espadas aos arções. E estes tragiãnos os donzees pellas redeas. E, empos elles, viinham os pajes de todollos cavalleiros, ã cima de seus cavallos, com lanças ênas mãaos. E, despois destes, viinham dom Alvaro Fernandez e Pedro Vermuiz, ambos a par. E, despos elles, toda sua companha. E, cõ esto, cem pares d'armas alçadas.

E, quando chegarõ ante el rei, dom Alvaro Fernandez e Pero Vermuiz beyjarõlhe as mãaos por o Cide e disseronlhe:

– Senhor! Roy Diaz, o Cide, se êvyã êcomendar ã vossa mercee, como de senhor natural, e tem que lhe fezestes muyta mercee em quanta honrra e bẽ mandastes fazer a sua molher e a suas filhas. E, despois que me eu de vos parti, vẽceu o Cide hũa batalha de mouros, de que era senhor el rei Unez, filho de Miraamolỹ de Marrocos, que o veeo cercar ã Vallença cõ L mil cavalleiros. E o Cide sayu a elle e venceuho ã cãpo. E, do seu quinto que elle hi guaanhou, êvyavos estes trezentos cavallos.

E el rei foi muy alegre por a boa vêtuirã do Cide e louvou / [248d] muito tam nobres doas como lhe êvyava e disse:

– Certo nunca foy ã Espanha vassallo que tantas boas doas mandasse a senhor.

E dom Alvaro Fernandez lhe disse:

– Senhor, ainda vos êvyã hũa tenda que foy del rei Unez, que nunca a homẽ vyo melhor.

E el rey mandouha logo armar e entrou dentro em ella com todos seus ricos homẽes. E el rei com todollos outros diserom que nunca virõ tenda tam nobre. E el rey louvou muito o Cide e todollos seus cavalleiros e gradeceolhe muyto o grande presente que lhe êviara. E mandou muy bẽ apousentar dom Alvaro Fernandez e Pero Vermuiz e darlhes todo o que era mester.

¹¹¹ CAPÍTULO DCXXXI

Como os iffantes de Carriom fallarõ com el rei dõ Affonso ã razõ dos casamẽtos cõ as filhas do Cide

Os iffantes de Carriõ, veendo como a hõrra do Cide crecia e todos seus feitos hyã adiante, como era rico e honrrado e temudo assy de mouros come de cristãaos e como era senhor de Valêça, ouverom seu consselho e disserõ que, se podessẽ aver suas filhas pera casarem cõ ellas, que seeriam dellas bem casados e que por esta razõ seeriam ricos e honrrados. E, avydo o consselho, acordaronse de o dizer a el rei. E entom forõ a elle e disseronlhe:

– Senhor, pedimosvos por mercee que nos ajudeades a hũa cousa que seera muyto vosso serviço e grande nossa prol e honrra, ca vossos naturaaes somos e, quanto nós mais ricos formos, melhor vos poderemos servir.

E el rei preguntoulhes que era. E elles cõtaronlhe todo seu feito. E el rei esteve hũu pouco cuydando ã ello e tornouse a elles e disse:

– Em o Cide he esso que nõ ã mĩ. Pero, pera vos ajudar, ãvyarlho ey dizer.

E elles beyjaronlhe a mãao.

E el rei mãdou por os messejeiros do Cide e disselhes como / [249a] como gradecia muyto ao Cide o grande serviço que lhe fazia; e que avya muy grande sabor de o veer e que porem lhe dissessem que lhe mandava elle rogar que o vehesse veer a Requena, ca queria com elle fallar algũas cousas de sua prol, ã razom de casamẽtos pera suas filhas, por que os iffantes de Carriõ lhe disserom que casariã com ellas, se elle quisesse, e que a elle parecia que seeriã muy bem casadas cõ elles. E os messejeiros do Cide disseronlhe:

– Senhor, nos bẽ entendemos que o Cide fara todo o que lhe vós mandardes. E, quando vos cõ elle virdes, ambos vos acordaredes no melhor.

E, despois que lhes el rei disse todo o que queria mandar dizer ao Cide, beyjarõlhe as mãaos e espedironse delle. E el rei mandou logo por os iffantes de Carriõ e disselhes todo o que fallara cõ os messejeiros do Cide. E elles disserom que lho tiinham em grande mercee.

¹¹² CAPÍTULO DCXXXII

Como os messejeiros do Cide se partirõ del rei dõ Afonso e se forom pera Valêça

Despois que dom Alvaro Fernãdez e Pedro Vermuiz se spedirõ del rei, ãdarõ per suas jornadas ataa que chegarõ a Vallença. E o Cide sayu a elles e recebeuhos muy bẽ e preguntoulhes por el rei dom Afonso. E elles contarõlhe todo muy ordenadamẽte quanto cõ elle passarõ e como lhe el rei mãdava rogar que o fosse veer a Requena, ca avya grande desejo de o veer, e outrossy por fallar cõ elle em razõ do casamẽto de suas filhas cõ os iffantes de Carriom.

Quando o Cide ouvyo dizer que el rei queria casar suas filhas cõ os iffantes de Carriõ, cuydou em ello hũa grande peça e disselhes:

– Que he o que vos dello parece?

E elles disserom:

– O que a vós prouver.

E o Cide disse:

– Os iffantes som d’alto sangue e muy / [249b] orgulhosos e ham grande parte ãna corte del rei. E, como quer que as mynhas filhas sejam delles muy bem casadas, pero a mỹ nõ me praz. Mas, pois que o meu senhor el rei tem por bẽ, faça o que for sua mercee.

E o Cide disse a dona Symhona todallas novas de Castella e o que lhe el rey mandava dizer em razõ do casamẽto de suas filhas com os iffantes de Carriom. E ella, quando o ouvyo, mostrou que lhe nõ prazia e disse:

– Faça hi Deus o que tiver por bẽ.

E o Cide mandou suas cartas a el rei do que lhe fora dicto per seus messeiros da sua parte; e que lhe mandasse dizer quando ou ã que tempo queria que o fosse veer, e compriria seu mandado. E a el rei prougue muito do que o Cide lhe mandara dizer e per suas cartas o fez certo do tempo e dia assiinado a que fosse em Requena. Despois que o Cide foi certo do tempo em que se avya d’hyr veer com el rey, guarneceusse de tam nobres cousas que esto era grande maravilha.

Como el rey dō Afonso esposou os iffantes de Carriō cō as filhas do Cide

El rei dom Afonso, despois que foy vīdo o dya que avya posto cō o Cide, foyse pera Requena e levou consigo condes e ricos homēes e os iffantes de Carriom cō muytas companhas e muy bem guarnidas. E, em esse dia, veeo da outra parte o Cide Roy Diaz muy bē guisado cō sua companha, ca hya com elle o bispo dō Jeronimo e dom Alvaro Fernandez e Pero Vermuiz e Marti Antoniiz e Alvaro Salvadorez e Alvaro Alvarez e Martym Paez, o Esturāao, e outras muytas companhas que passavā de mil cavalleiros, guisados assy de paz como de guerra. E el rei dom Affonso, quando o vyo vīr o Cide, sayu a receber quanto hūa legoa. E, quando o Cide chegou a el rei dom Afonso, fez sembrante que lhe queria beyjar / [249c] o pee. E el rei disse:

– A mǎao avonda, ca nō o pee!

E beyjoulhe entō a mǎao. E el rey abraçouhe e beyjouhe e fezlhe muy grande honrra.

Grande foi o prazer que todos ouverom, se nō se foi dom Alvaro Diaz e Garcia Ordonhez que desamavā o Cide. E el rei e o Cide, ē viiando pera a villa, apartaronse ambos a fallar em puridade. E, despois que fallarō, disse o Cide a el rei que comesse com elle e elle disse que nō era guisado, mas que comesse o Cide cō elle, que o tiinha ja prestes pera elle e pera suas jentes. E o Cide disse:

– Como for vossa mercee.

E ē esto veherom os iffantes e fezerō reverēça ao Cide. E elle recebeuhos muy bem.

Despois que chegarom a Requena, poserom as mesas a el rei pera comer. E elle travou do Cide, que se vehesse cō elle aa mesa, mas o Cide o nō quis fazer. E entom mandou el rei poer outra mesa alta pera o Cide e pera o conde dom ¹¹⁴ Gonçallo Gonçalvez, padre dos iffātes. E, em estando a comer, nō se fartava el rei de esguardar o Cide. E, despois que comerom, disse o Cide a el rei que em outro dia comeria com el com toda sua companha. E el rei lho outorgou. E logo ho outro dia comeo el rei com todos seus ricos homēes e todas suas companhas com o Cide. E elle deulhes muy compridamente de comer, de guisa que todos foram spantados da sua nobreza, ca el rei com todos seus ricos homēes nō comerō nem beberom se nom em baixella d’ouro fino e todollos outros em prata.

Em outro dia, de grande manhã, o bispo dom Jeronymo cantou missa ē a capella do Cide e foram hi ajuntados el rei com todos seus ricos homēes. E, despois que a missa foy acabada, disse el rei ao Cide perante quantos hy estavam:

– Dom Roy Diaz, o por que vos aqui mandei chamar pera me veer cō vosco e foy por duas cousas: a primeira, por vos veer, ca me prazia muito / [249d] e avya desejo de vos veer por os grandes e muy estremados serviços que fezeistes a meu padre e a mǎ, como quer que em começo de meu reynado vos ouvesse sanha e vos deitasse da terra per maa conselheiro d’algūus. Pero de guisa o fezeistes vós, que nunca de vós recebi deserviço, por a qual razō eu som theudo de vos fazer muita mercee e de vos amar sempre. A segunda cousa, he por que vos peço vossas filhas pera os iffantes de Carriom, ca me parece o casamento yqual.

E o Cide respondeu:

– Senhor, as minhas filhas som muy pequenas pera casar. E nō digo porem esto por que ellas nō fossem muy bem casadas dos iffantes.

E el rei disselhe que nom posesse outra scusa nem hūa, ca aquello lhe terria em grande serviço. E o Cide disse:

– Senhor, eu as geerei e vós as criastes; e eu e ellas somos ē vossa mercee. Dadeas a quē teverdes por bē.

E, quando el rey esto ouvyo, prouvelhe muito. E mandou aos iffantes que beyjassem as mǎaos ao Cide. E elles fezerom o que lhes el rei mandou. E logo, ¹¹⁵ ante quantos ricos homēes estavam presentes, lhe fezerō menagē, como fazē jenros a sogro. E el rei tornou-se ao Cide e disse:

– Muitas graças, Roi Diaz, por que me destes vossas filhas pera os iffantes ca eu as caso, ca vós nō. E Deus mǎde que ajades ende prazer.

E mandou que lhes dessem III^o marcos de prata pera as vodas. E o Cide disse a el rei:

– Senhor, pois foy vossa mercee de casar minhas filhas, que me dedes quem as tenha da vossa mǎao e lhas dê.

E el rei mǎdou ētom a dō Alvaro Fernandez, por que era tyo das donzellas, que, logo que fosse ē Vallença, as tomasse e as tevesse da sua mǎao e que as desse por molheres aos iffantes de Carryom.

Entō o Cide pedio por mercee a el rei que todollos que quisessē hyr aas vodas, que os leixasse allo hyr. E / [250a] el rey outorgoulho.

E, em oito dias que estas vistas durarō, sempre o Cide comeu hūu dia com el rey e elle outro cō o Cide. E conta a estoria que, quando se o Cide partyo del rei pera se yr pera Vallença, que muyto melhor acompanhado se foy o Cide que ficou el rei.

Despois que se o Cide espedio del rei, elle tornouse pera Castella e o Cide pera Vallença. E mandou logo a Pedro Vermuiz e a Munho Gustiuz que acõpanhassẽ os iffantes e se trabalhassẽ de saber suas manhas. E elles fezerom como lhes o Cide mandou. E muy cedo souberom as maas manhas dos iffantes, ca cõ elles hya o conde dom Sueiro Gonçalvez, que era irmão de seu padre, que os criara mal e os enssynara peor; ca elles todos desdenhã e eram muy orgulhosos, e de tal maneira faziã todos seus feitos que valliam per elles menos. E, quando o Cide soube dos seus as maas condições dos iffantes, bem partira o casamento, se podera, mas esto nõ podya seer.

E, quando forõ ã Vallença, o Cide mandou aos iffantes que pousassem ã Alcudya, e cõ elles todallas outras cõpanhas. E elle pousou ã seu alcacer, onde foi recebido cõ grande honrra e prazer.

Logo ãno outro dia, cavalgou o Cide e foi a Alcudia e trouxe os iffantes cõssigo. E levouhos ao alcacer, onde estava dona Symhena cõ suas filhas. E, aa entrada do alcacer, entrou o Cide primeiro e os iffantes logo cõ elle, que o levavam ¹¹⁶ ã meo; e, despos elles, todallas outras companhas. E chegarom ao paaço, onde estava dona Symhena cõ suas filhas. E, quando virõ vñr o Cide, receberõno muy bem. E o Cide asseentousse ãno estrado e os iffantes a cabo de sy e os outros homẽes asseentarõsse per outros muy ricos estrados, assi como cada hũu merecia. / **[250b]** E, despois que todos forõ asseentados, levaatousse o Cide e chamou dom Alvaro Fernandez e disselhe:

– Bem sabedes o que vos mandou el rei dom Afonso, meu senhor. E vós comprime seu mandado e tomade vossas sobrinhas e dadeas aos iffantes, ca elle as casa, ca eu nõ.

E dom Alvaro Fernandez levantousse e tomou as donzellas pellas mãaos e entregouas aos iffantes, dizendolhes assy:

– Iffantes de Carriom, eu vos ãtrego estas donzellas, filhas do Cide, assy como el rey dom Afonso mandou. E vós que as recebades por vossas molheres, assi como manda a ley de Nosso Senhor Jhesu Cristo.

E os iffantes receberõnas entom pellas mãaos e forom beyjar as mãaos ao Cide e a dona Symhona. E o bispo dom Jeronymo recebeuhos e fezelhos seu officio, segundo he ordenado per a Santa Igreja.

Despois que todo esto foy feito, tomou o Cide os iffantes pellas mãaos e asseentaronse em esta guisa: o Cide e dona Symhona ã meo e, a par do Cide, dona Elvira e, a par della, o iffante Diego Gonçalvez, seu sposo. E o Cide lhes esteve dizendo muytas e boas cousas de castigos e bõos exẽplos. E, despois que lhes acabou de dizer o que quis, tomouos pellas mãaos e forõ comer. E, logo em outro dia, levarõnos aa igreja de Santa Maria das Virtudes e o bispo dom Jeronymo cãtou missa e fezelhos as beenções.

Mas quẽ vos quisesse contar as grandes nobrezas e os muitos trebelhos e alegria que o Cide em aquellas vodas mandou fazer, nõ o poderia dizer. ¹¹⁷ E quem poderia esmar a muy grande custa que fez e os muitos dões que deu aos grandes fidalgos e aos cavalleiros e aos jograres e a todollos outros, segundo seus estados? E estas vodas durarom VIII^o dias que cada hũu dia se faziã grandes nobrezas. E, acabadas as vodas, os que eram hy de Castella espedirõsse do Cide e dos iffantes pera se tornar pera / **[250c]** el rey. E o Cide lhes fez muyta honrra e lhes deu grandes doas em ouro e prata e cavallos e outras cousas, assy aos grãdes como aas outras jentes, segundo o estado de cada hũu, como ja dissemos. Mas leixaremos aquy de fallar desto e tornaremos a fallar del rei Bucar, como veeo sobre o Cide.

CAPÍTULO DCXXXIV

Como el rei Bucar guisou sua hoste e se meteu em suas naves e veeo ã Vallença sobre o Cide

Conta Gilberto, o que escreveo as estorias dos reis africanos, que, despois da morte del rey Unez, nembrandosse el rei Bucar da jura que lhe fezera de o vñr vingar do Cide, mandou deitar prego per todo o senhorio de seu padre ã como queria hyr tomar Vallença. E ajuntou tã grande poder de mouros que esto foy grande maravilha, ca viinhã hy XXIX reis que erã capitães da hoste. E estas jentes podia el rei Bucar mui ligeiramẽte ajuntar, ca seu padre era Miraamolĩ de Marrocos, que quer tanto dizer come emperador dos mouros, ca era senhor d’Affrica.

E, despois que ouve todo seu poder ajuntado, meteusse ã naves e passou aaquẽ mar e aportou ã Vallença. Mas, de como lhe aconteceu, adiante ho ouviredes em seu logar, ca leixamos aqui de fallar dello por tornar aos iffães.

¹¹⁸ **CAPÍTULO DCXXXV**

Como os iffantes de Carriõ forõ desaviidos do Cide per aazo do leon que se soltou

Os iffantes de Carriõ, despois que forom casados, morarom cõ o Cide dous ãnos mui viçosos e a grande prazer; e, com elles, seu tio Sueiro Gonçalvez. Mas a desaventura guisa aos homẽes / **[250d]** como

percã todo o bem que ham, assy como fez a estes que per desaventura se perderom com o Cide, nã avendo elle culpa. E foy em esta guisa:

Em casa do Cide avya hũu muy grande e forte leon. E estava em hũu muy alto curral, em que avya hũa casa pequena. E dous homeens que avyam a guarda daquelle leom, quando lhe queriam alimpar o curral. E, depois que era limpo, sayansse e abrianlhe a porta e hya comer. E este curral era ão alcacer preto do paaço ã que o Cide comya. O Cide avya por costume comer sempre em aquelle paaço cõ sua cõpanha. E, depois que todos avyam comido, delles jugavã tavollas, outros eixedrez, outros departiam em feitos de cavallarias. E, assy fazendo esto, algũas vezes acontecia que adormecia o Cide em cima de hũu scano ã que estava a comer.

Ora aconteceu assi que hũu dia trouxerom novas ao Cide como parecia no mar aquella grande frota em que viinha el rei Bucar, filho de Miraamolym de Marrocos. E o Cide, quando estas novas ouvyo, prougelhe muyto, ca bẽ avya tres ãnos que nã lidara cõ mouros. E mandou logo fazer o synal a que se avyam d'ajuntar todollos da cidade. E, depois que todos foram ajuntados ão alcacer, e estando os iffantes hy presentes, cõtou o Cide ante todos as novas que lhe veherõ; e ouve cõ elles seu acordo em que maneira sairã a elles e como guardariam sua terra. E, depois que ouverõ feito seu acordo, foronsse todos a suas pousadas. E o Cide cõ os iffantes foram comer. E, depois que ouveron comydo, começarõ de fallar da viinda dos mouros. E os iffantes assẽetarõsse a jugar as tavollas. E tanto fallarom / [251a] desto que adormeceu o Cide ã cima do escano.

¹¹⁹ E, a esta sazom que o Cide assi dormya, os que alimpavam assy o curral ao leon ouviam o arroido dos que fallavã ão paaço e nã sabyam o que era. E, por o saber, quando derom de comer ao leom, escaeulhes a porta da casa aberta e foronsse pera o paaço onde estava o Cide. E, depois que o leon comeu, vio a porta aberta e foisse ao paaço onde estavã todos. E as companhas, quando o virom, ouverom delle muy grãde medo. E algũus delles fugirõ. Mas, antre todollos que em esto mostravã covardia, assy foram os iffantes. Ca dõ Diego Gonçalvez nã ouve vergonça do Cide nẽ de quantos hi estavã e foisse meter dejuuso do escano em que o Cide jazia, cõ tam grande pressa que rõpeo o mato e o brial pellas spadoas. E o outro, Fernã Gonçalvez, sayu per hũu postigoo que avya enno paaço. E saya a hũu curral que era de tres taipaaes ã alto; e o logar era çujo assaz. E elle, cõ grande medo que levava, saltou ajuso e nã se pôde tẽer e cayo; e encheronsselle os panos de maa çugidade. E todollos outros que ficarõ enno paaço sobraçarõ os matos e poseronssse ante o Cide por o guardar.

E, ao grande arroido que faziam, espertousse o Cide e vyo como o leom viinha contra elle e alçou a mão e disse:

– Filho, que he esso?

E o leom, quando o ouvyo, esteve muy quedo. E o Cide foyo tomar per o pescoço, bem como se fosse hũu muy mansso alãao, e meteuho em hũa gayolla de ferro em que fora criado e mandouho tormal ao curral. E, depois que esto fez, assẽetousse enno escano. E todollos que hy estavã forõ maravilhados de como lhe o leom conhecera senhorio.

E, a cabo de peça, ex que o iffante dom Diego Gonçalvez sayu dejuo do escano; e bem mostrava que ainda nom perdera o medo. E o outro, Fernam Gonçalvez, / [251b] sayo daquelle maa logar ã que jazia e desvestio seus panos e lavou seu rostro daquelle lixo fedorento ã que cayra. E depois mandou por seu irmão e fallaron ambos em grande poridade, dizẽdo:

– Vistes que deshonrra nos fez este infanço de nosso sogro que a sabendas mandou soltar o leon por nos deshonrrar? Mas nós desta deshõrra tomemos ¹²⁰ vingança ã suas filhas, das quaaes nós estamos muy mal casados. Mas, pera nós esto fazer, ha mester que emcobramos nossos coraçoões, de guisa que ellas nã possam entender que desto avemos queyxume. E desta guisa acabaremos o que quisermos. Ca, se o fizessemos ã outra maneira, nã nollas leixaria levar pera Castella. E demais tomarnos hya as nobres spadas Collada e Tiçom, que nos deu. E porem cõpre que o metamos ã riiso ante o Cide e que façamos de todo escarnho.

E, cõ este acordo de pouco siso, se foram pera o paaço, onde estava o Cide. E elle, quando os vyo vñir, disselhes como por spaço:

– Filhos, que foi esto por que mostrades tanta covardice por vista de hũa besta fera? Nã vos está bem. Devyades de seer nẽbrados como sodes de grande sangue e como sodes meus jenrrros e como vos dey duas nobres spadas. E, per todas estas cousas, devyades de perder grande parte do medo.

Destas pallavras ouverom elles mui grande vergonha e firmaron porẽ mais em seus coraçoões a maa entenço que avyã fallada. Pero meterõ o feito a jogo. E chamarõ seu tio Sueiro Gonçalvez e sairõ cõ elle do paaço. E elle disselhes:

– Que he esto ou como vñides assy tristes?

E elles disserom:

– Por que nos deshonrrou muy mal o Cide ã mandar soltar o leon.

Entom lhe cõtãrõ todo o que avyam cuydado. E disselhe:

– Calladedevos e fazed que nō dades nada porem, de guisa que nō entenda desto o Cide nem hũa cousa, e atendamos ataa que seja passado / [251c] este arroydo destes mouros que som viindos d’aalem mar. E, depois que esto ouver fym, demandaredes vossas molheres pera as levardes pera vossa terra. E elle nō avera scusa de vollar nō dar nem de vos tēer mais conssigo. E, depois que fordes bem alōgados desta terra, podedes em ellas fazer o que quiserdes. E assi vos vingaredes da deshonna que vos he feita.

Este muy diabolico consselho deu o conde dom Sueiro Gonçalvez aos iffantes seus sobrinhos.

¹²¹ CAPÍTULO DCXXXVI

Como el rey Bucar sayo das naves e pos suas tendas ãno campo de Quarto

Conta a estoria que el rey Bucar aportou com sua frota ã o porto de Vallença; e, ã quanto o Cide guisava sua fazenda, que sayo elle das naves e pos suas tendas em campo que era chamado de Quarto. E, estando o Cide ordenando ã como ho outro dia saisse a lidar cō elle e dando ordem a cada hũu como ouvesse de fazer, chegarõ ante elle Sueiro Gonçalvez cō os iffantes, seus sobrinhos, tragendo ja em seus corações determynado o maa consselho que ouvystes. E o Cide levantousse a elles e assentouhos a par de sy. E elles mostrarõ muy fremoso cōtanẽte e fizeram riiso do que lhes acōtecera. E, elles estando fallando no feito dos mouros, ouvyrã o arroydo que faziam os da villa por que os mouros poynham ja suas tendas em o campo de Quarto. E o Cide, quando soube o que era, tomou os iffantes pellas mãaos e Sueiro Gonçalvez e sobirom na mais alta torre do alcacer e mostroulhes o mui grande poder dos mouros que el rei Bucar tragia, ca pareciam estando enno campo V mil tendas cabedaaes, afora os tendilhões, que erã tantos que os nō podiam cōtar. E o Cide começou de riir e mostrar de sy muy grande prazer; mas Sueiro Gonçalvez e seus sobrinhos avyam / [251d] muy gram medo, como quer que o nō mostrassem.

E, ao decer da torre, disserom o tyo e os sobrinhos:

– Se em esta lide entrarmos, nunca jamais tornaremos a Castella.

E, elles nō se guardando, ouvios Munho Gustiuz e disseo ao Cide. E elle, quando o ho ouvyo, pesoulhe muito de coraçom; pero pos o feito em jogo. E tornou-se contra seus jenrros e disselhes:

– Vós, filhos, ficaredes na cidade e guardalla edes. E nós outros, que husamos este mester, hyremos aa batalha.

E elles, quando esto ouvyrõ, ficarõ muy avergonhados, ãtendendo que alguẽ lhes ouvira o que disseram, e responderom ao Cide, dizendo:

– Nom o tevesse Deus por bem que nos ficassemos ãna villa! Mas iremos cōvosco aa batalha e guardaremos o vosso corpo, assi como se fosse de nosso padre.

Muito prougue ao Cide destas pallavras.

¹²² CAPÍTULO DCXXXVII

Como o Cide ouve hũa grande batalha cō el rei Bucar, filho de Miraamolym

Estando o Cide fallando cō seus janrros ã feito da batalha, disseronlhe como estava aa porta da villa hũu messejeiro del rei Bucar. E o Cide mandou que vehesse ante elle. E este messeiro avya nome Xeme d’Aljazira. E dizem que o Cide avya tal virtude que nō avya mouro que o vysse primeiramẽte que delle nō ouvesse grande medo. E, quando o mouro veeo ãte o Cide, começou de lhe esguardar o rostro, nō dizendo nem hũa cousa por que nō podia fallar, do grãde medo que delle avya. E o Cide, que o bem entendya, disse que dissesse o que lhe seu senhor mandara e que nō ouvesse medo. E, quando o mouro esto ouvyo, esforçousse pera dizer sua messajẽ muy compridamente. E disse assi:

– Senhor Cide! Meu senhor, el rei Bucar, me ãvyou a ty e mãdate dizer que lhe tēes grande torto ã / [252a] lhe tēer Vallença que foy de seus avoos. E desbarataste el rei Unez, seu irmãao. E que agora elle he aquy cō muy grande hoste por vīgar seu irmãao e cobrar a villa, pessando a ty e quantos cōtigo som. Pero mandate dizer que, por que ouvyo fallar de ti, que es bõo homẽ, que te quer fazer mercee que lhe leixes Vallẽça com todo seu termho e que te vaas pera Castella e que leves todo ho teu aver e toda tua companhia. E, esto nō querendo tu fazer, ãvyate dizer que combaterã Vallẽça e prenderã ti e tua molher e tuas filhas e que te scarnecerã de maa maneira, de guisa que todollos que o ouvirẽ ajam que fallar. E esto he o que te manda dizer el rei Bucar.

¹²³ Quando o Cide ouvyo o que o mouro dissera, respondeu ã poucas pallavras, dizendo:

– Vay e dize a el rei Bucar que lhe nō darei Vallença, ca muito affam ouve polla guaanhar, e que a nō agradeço a homẽ do mundo se nō a meu senhor Jhesu Cristo e aos parentes e amigos que mha ajudarã a guaanhar. E trabalharei por a nō perder. E dizelhe que eu nō som homẽ pera jazer emçarrado. Mas que, quando se elle nō percuýdar, que allo me acharã conssigo a darlhe batalha. E, assi como elle traje XXIX

reis, se adusresse quantos mouros ha no mundo, cõ a mercee de Deus em que creio, todollos cuydaria de vencer.

E, depois que o mouro ouve a resposta do Cide, foisse pera el rei Bucar e contoulhe todo o que lhe dissera o Cide âte todollos reis. E elles forõ maravillados de taaes pallavras como o Cide dissera, ca elles bẽ cuydavã que se lhe nõ podesse defender nẽ dar batalha. E por esto começarõ de ordenar como cercassem a vylla ã redor.

E conta Guilhiberto ã este logar que este rey Bucar e seu irmão, el rei Unez, erã netos de Allymymõ, que fora rei de Tolledo e de Vallẽça, e que por esto dizia el rei Bucar que fora Valençã de seus avoos.

CAPÍTULO DCXXXVIII

[252b] Como o Cide ordenou sua jente pera entrar ãna batalha e venceu os mouros

Despois que se o messejeiro del rei Bucar partio de Vallẽça, o Cide mandou fazer o synal a que se todos aviam d'ajuntar. E, logo que foram ante elle, mandoulhes que de grande nhãa estevessem prestes e muy bem guisados, ca tiinha por bem de dar batalha aos mouros. E elles responderõ todos a hũa voz que lhes prazia.

Logo ã outro dya, ao primeiro gallo, mēefestarõsse e comũgarom, segundo avyam de costume. E, ãte que fosse a alva, saïrom todos da villa. E, desde ¹²⁴ foram saidos das ortas, o Cide ordenou suas aazes e deu a dyanteira a dõ Alvaro Fernandez e a bandeira a Pero Vermuiz. E deulhes quinhentos cavalleiros e mil e quinhẽtos homẽes de pee. E deu hũa costaneira ao bispo dom Jeronymo cõ quinhentos cavalleiros. E deu a outra costaneira a Alvaro Alvarez e Alvaro Salvadorez cõ outros V^c cavalleiros e mil e quinhẽtos homẽes de pee. E o Cide levava a reguarda cõ mil cavalleiros de lourigas e dous mil e V^c homẽes de pee.

E desy foronsse seu passo. E o Cide hya em o seu cavallo Baveca. E, quando virõ as tendas, passou o Cide per todallas aazes, avysandoos como fezessẽ; e, cõ elle, seus jenrros, os iffantes de Carryõ. E, quando os mouros virõ, regrarõ suas aazes a grande pressa e moverom pera os cristãaos, fazẽdo grandes allaridos e tangendo suas trombas e atambores. Pero nõ viinham bẽ acaudellados. E, quando o Cide vyo como viinhã, mandou mover a sua bandeira e que os ferissem muy de ryjo. E elle foy o primeiro que os começou, de tal guisa que em pequeno spaço matarom muitos mouros. E as aazes foram ajuntadas de tal guisa que ouve hy / [252c] muitos mortos e derribados d'amballas partes. E tanto era o arroido das feridas que em sy davam e outrossy dos atambores que se nõ ouvyã hũus cõ outros e ferianse muy sem piedade, de guisa que se nõ davam vagar.

Estando a batalha em tal estado como vos dizemos, o iffante dom Diego Gonçavez foy contra hũu mouro alfaque muy grande de corpo, que semelhava gigante. E o mouro, quando o vyo, foi a elle com grande ardimẽto. E o iffante, quando o vyo vñr assi, volveo as redeas ao cavallo e começou de fogir. E todo esto nõ vyo se nõ Ordonho, sobrinho do Cide. E, quando esto vyo, pos a lança de so o braço e ferio o cavallo das esporas e foy dar ao mouro tam grande lançada per os peitos que a lança com o pendom lhe sayo pellas spadoas e cayu em terra. E Ordonho tomoulhe o cavalo e chamou o iffante dom Diego Gonçavez e disselhe assy:

– Tomade este cavallo e dize de que vós matastes este mouro, ca per mñ nom seeredes descuberto, se nõ fezerdes por quẽ.

¹²⁵ E, estando em esto, virõ vñr o Cide empos hũu cavalleiro allarve; e, em chegando a elles, acalçouho cõ a espada e ferio per cima da cabeça que o fendeo ataa os dentes; e o mouro cayo morto ã terra. E entõ Ordonho disse ao Cide como o iffante dom Diego Gonçavez matara aquelle mouro e lhe tomara o cavallo. E prougue ende muyto ao Cide, cuydando que dizia verdade. E o Cide cõ elles ãbos foy ferir ãno mayor poder dos mouros. E de tam grande força os cometeu, derribando e matando em elles e fazendo golpes assiñados e grandes maravilhas em feyto d'armas.

Em esta batalha outrossi o fazia muy bem o bispo dõ Jeronymo e todollos outros, segundo como era cada hũu, e, sobre todos, o Cide. Pero tam grãde era o poder dos mouros que os nõ podyam arrãcar. E, estando a batalha em este ponto, durou ataa hora de / [252d] noa. Muitos cristãaos forõ mortos em aquelle dia e os mouros forõ tãtos que nõ podiã os cavallos passar per cima delles. Pero tanto os feriom aquelle dia o Cide e os seus que, des hora de noa ã diante, foronsse os mouros arrancando do cãpo. E prougue a Deus que tornarõ as espaldas e começarom de fugir e os cristãaos começarõ de os seguyr.

E o Cide vyo el rei Bucar e aderençou empos elle pollo ferir cõ a espada. Mas el rei conheceu muy bem e nõ ho ousou d'esperar e começou de fogir pera o mar pera se acolher aas naves. E o Cide empos elle pollo ãcalçar. Mas el rei Bucar tragia boo cavallo folgado e hyasse alongando. Mas o Cide feria o seu cavallo Baveca das sporas. E tanto o acoytou que se hya chegando aas spadoas del rei. Mas elle era ja preto do mar. E, quando o Cide vyo que se lhe hia e que o nõ podia alcançar, remediesse a espada e feriuho nas espadoas muy mal. E el rei Bucar, assi ferido, acolheusse a hũu batel. E o Cide deceu por sua spada.

E os seus outrossi que tragiã os mouros ãno emcalço viinham ferindo e matando ã elles. E os mouros, cõ a grande coita de fogyr pera as naves, entravã enno mar e morriã todos, ca os nõ podiã tomar os batees, tantos eram, de guisa que dous tantos e mais morrerõ no mar que ãna batalha. Pero foy achado que morrerõ ¹²⁶ na batalha XII mil homẽes; mas os que morrerõ no mar forõ sem cõta. E tantos forõ os que cativaram que foy maravyilha; e, dos XXIX reis que veherom cõ el rei Bucar, prenderõ os XVII. E, despois que os mouros forõ nas naves, os que as poderom aver, e os outros mortos e cativos, o Cide tornousse pera Vallença cõ muy grande honrra.

E, em se tornãdo, achousse cõ os iffantes. E, quando os vyo, prouguelhe muito cõ elles / [253a] por os honrrar ante todos, disse:

– Bem sejades vos viindos, meus filhos muito honrrados, que cõ o vosso esforço e ajuda vencemos esta batalha. E tenho esperãça em Deus que, em quanto me vós assy ajudardes, que deffenderemos Vallença.

Muy bẽ o dizia o Cide, mas elles tiinham al em seus corações.

Entõ mandou o Cide que roubassem o campo, ca elle tragia tal maneira que nõ roubavã nõ hũa cousa ataa que o elle mandava. E, despois que o roubo era apanhado, faziao elle partir igualmẽte, segundo era cada hũu. Mas quem poderia dizer o muy grande aver que ally foi achado em ouro e prata, aljofar e pedras preciosas, cavallos e armas e a grande multidom das tendas e os gaados e bestas de muytas maneiras, assi como cavallos e buffaros? Que vos direi, se nõ que o mais pobre dos cristãaos foi aquelle dia rico? Ca ouve o Cide em seu quinto VIII^c cavallos e mil e II^c mouros cativos; e, das outras cousas, quem lhe daria conta? Com tal vencimento e vitoria tornou o Cide pera Vallença, onde foy mui bẽ recebido cõ sollempne procissom e grandes allegrias.

E, logo em outro dya, mãdou muy bem partir seu essbulho e deu a cada hũu dos iffantes mil marcos de prata. E elles, nõ embargando o muyto bem e honrra que o Cide lhes fizesse, nõ se leixarõ de suas maas entenções, ante se firmarõ em ellas, segundo adyante ouviredes.

¹²⁷ CAPÍTULO DCXXXIX

Como os iffantes se cõselharõ cõ seu tyo Sueiro Gonçalvez

Conta a estoria que, estando o Cide em Vallẽça, despois do vencimẽto del rey Bucar, e fazendo mui/ta [253b] honrra a seus jenrros, os iffantes, que estavam elles enno paaço con outros muitos cavalleiros e começaram de fallar quaaes forõ boos per seus corpos ãna lide do Quarto. E avya hi algũus de que prasmavã e, por se nõ queixarem, diziãno hũus aos outros aa orelha. E os iffantes pensarõ que diziam delles. E chamarõ seu tyo, Sueiro Gonçalvez. E forõsse pera as pousadas e fallarom em aquelle muy maao consselho que avyã cuydado. E o tyo, como era homẽ de maao consselho, esforçouhos e avyvouhos ã toda maldade e dandolhes sempre todo maao cõsselho, que pedissem ao Cide suas molheres e que se fossem pera Castella, e entom se poderiam vingar.

Avido este consselho, foram os iffantes ao Cide a cabo de tres dias e diserõlhe:

– Senhor o Cide, bem sabedes o bõo divido que avemos cõvosco, ca somos vossos janrros e teemosvos ã logar de nosso padre. E, desde casamos cõ vossas filhas, sempre nos trabalhamos de vos servir e ficamos sãpre cõvosco. E, se algũa cousa ende mĩgou, nõ foy per nossa culpa, mas por o nõ saber. E, por que ha tempo que nõ vymos nosso padre e nossa madre nem sabemos como lhes vai nem sabem elles outrossy de nos, e, se o por bem teverdes, queriamos yr allo e levar comnosco nossas molheres, pera as veerẽ nossos padres e parentes e a muy grande hõrra e riqueza que nós cõ ellas de vós recebemos. E sempre seeremos prestes e aparelhados a todo vosso serviço.

Despois que acabarõ sua razom, o Cide, cuidando que fallavã com elle verdade e nõ se guardando de tal cousa como elles queriam fazer, respondeulhe:

– Meus filhos, ã vos hyrdes me pesa; mas, de levardes vossas molheres, tenho por bem. E gradeçovos muito o que me prometestes, de seer a meu serviço. E, quando vos quiserdes hyr, guysadevos pera vosso camynho.

E desta resposta / [253c] foram elles muy allegres.

¹²⁸ CAPÍTULO DCXL

Como o Cide guisou seus jẽrros e suas filhas pera se yrẽ a Castella

Despois que o Cide fallou cõ os iffantes e se elles foram pera suas pousadas, fuisse elle pera dona Symhena e fallou com ella e com dom Alvaro Fernandez todo o que lhe disserom os iffantes e resposta que lhes dera. Muyto pesou desto a dona Symhena e a dom Alvaro Fernandez. E disse entom dona Symhena:

– Certo, senhor, eu não tenho por boo siso de partirmos nós nossas filhas de nós, ca estes nossos jenrros som entolhadiços e andam achacados e feitos de maa vootade. E podênas ferir ou lhe fazer outra deshonna e não averam allo quẽ lho demãdar.

E esto meesmo disse dõ Alvaro Fernandez. Mas o Cide não se pagou de quanto diziam; e disse que não quisesse Deus que os iffantes quisessẽ fazer nẽ hũa villanya, ca não viinham de tal sangue, moormẽte que el rei dom Afonso os casara cõ ellas; e, que o por al não fizessem, que sollamẽte por esto não temptariam de fazer nem hũa cousa que lhes mal estevesse; e que, se o fizessem, que bẽ lhes custaria caro.

Entõ lhes postou muy nobre guisamẽto e foi este: primeiramẽte suas filhas bem guarnidas de muytos pares de panos d'ouro e de seda; e deulhe as nobres spadas Collada e Tiçom e, cõ ellas, cẽ cavallos seellados e emffreados e cẽ muas bem guarnidas e X copas d'ouro e cẽ vasos de prata e VI^c marcos de prata lavrada em bacios e escudellas. E deulhes cẽ cavalleyros bem guisados, de que eram capitãaes Martym Paez, o Esturãao, e Pero Sanchez. E os iffãtes fizeram menajẽ, ennas mãaos do Cide, que sempre amassẽ e servissem suas filhas e fizessem tanto por sua honrra e serviço delle come de seu senhor natural.

E, depois que de todo forõ guisados, partironsse de Valẽça. / [253d] E o Cide sayu cõ elles bem duas legoas. Mas, quando se as filhas spedirom da madre, quẽ poderia dizer os muy grandes choros que todas avyam? E o Cide cõfortavaas, dizendo que sempre se dellas nembraria. E desi deronlhe sua bẽeçom e forõsse seu camynho.

¹²⁹ CAPÍTULO DCXLI

Como o Cide ãviou Ordonho despos suas filhas por ãculca

Despois que se o Cide tornou donde fora com suas filhas, começou de se lhe agravar o coraçõ e cuydar no que lhe dissera dona Simhena e nembrousse como seus jenrros andavã achacados e poderia seer que as suas pallavras seeriam mesturadas cõ maa ãtençom; e penssou que se lhes poderia desto seguyr algũ mal. E chamou Ordonho, seu sobrinho, e fallou com elle ã puridade todo seu coraçõ e mãdoulhe que se fosse empos suas filhas, o mais ãcubertamẽte que podesse, de guisa que não soubessem delle parte, e que chegasse ataa Carriõ; e que, pera esto seer mais descaado, que mudasse seus panos e fosse de pee. E Ordonho fez como lhe o Cide mandou.

Os iffantes, depois que se partirõ do Cide, tomarõ seu camynho ã esta guisa: tomarõ per o campo do Quarto e dally a Chyna e a Bunyel e chegarõ a Requena; e dalli forom ao campo de Revores e desy ao porto de Chinar e forom pousar a Villa Tejo. E, no outro dia, forõ camynho de Moya. E leixarõ a villa aa mãao deestra e chegarom Adãnuz e passarõ per o Tear e forom pousar a Quintãa.

E Bucanũ, per cuja terra passavã, quando soube como viinhã per alli as filhas do Cide, cujo vassallo elle era, prougelhe muito e foyas receber e fez ficar suas tendas ã hũu / [254a] campo ã que avyã de pousar. E deulhes todo o que avyã mester e fezlhes muyta hõrra e deulhe muitas e muy ricas doas. E partiosse delles e tornousse pera Mollyna.

E elles foronsse per Val de Musco ajuso e passaram per Para e per o Bairrocal e per Val de Mus e leixarom Medyna Çalle e atravessarõ pello câpo de Barraona e entrarom enno camynho de Berlonga. E passaram per hũu valle, acerca ¹³⁰ da villa, e chegarom aos reworredos onde elles tragiam fallado de fazer tal traichom e deshonna aas filhas do Cide. E, quando chegarom em aquelle logar, fallarõ com seu tyo, que era sabedor da sua maldade, que se fosse adyante cõ os do Cide, ca elles queriam fazer sua obra. E elle, cõ falssa raposya, tomou os outros foyse adiante quanto pode, de guisa que os iffãtes ficarõ soos com suas molheres.

E as donas, quando se assi virõ ficar com elles todos soos em tal logar, bem entenderõ que por algũ mal era e disserõ:

– Por que queredes que fiquemos ã este logar?

E elles disseronlhe:

– Callade, que agora o veeredes.

E começarõ de se hyr com ellas dentro ao mato, desvyandosse dos caminhos, ataa que chegarõ a hũu valle ã que era hũa fonte. E ally as decerom e desvestirõnas dos panos que tragiã e tomarõnas pellos cabellos e andarõnas arrastando per elles. E depois deronlhe muytas sporadas, ca ellas erã de todo nuas se não das camisas. E, depois que se desto emfadarõ, tirarom as cinlhas das sellas e de tal guisa as açoutarõ com ellas que as chegarom a ponto de morte, de guisa que nom fallavam. Ca, pero que ellas muito braadassem, não podyam seer acorridas. E, depois que as assy ouverõ acerca de mortas e ãvoltas todas ã sangue, cavalgarõ e levarõ os panos dellas e as muas, / [254b] dizendo:

– Aqui ficaredes, filhas do Cide! Ca não era aguysado que fõssedes nossas molheres. E veeremos como vos vingará vosso padre, ca nós vingados somos da deshõrra que nos el fez em Vallença, quando mãdou soltar o leom.

E, depois que todo esto ouverom feito, foronsse, ca elles bem cuydarõ que mortas ficavam.

¹³¹ **CAPÍTULO DCXLII**
Como Ordonho achou as filhas do Cide

Despois que os iffantes ouverõ feita sua maa obra e se foron, Ordonho, sobrinho do Cide, de que ja avedes ouvido, viinha per seu camynho, êculcando e sabendo parte per onde hyã e como hyã. E, quãdo chegou em aquelle logar, ouvyo vozes dooridas, como de molheres fracas, e desvyousse do camynho por saber que poderia seer. E, quando chegou a ellas e as conheceu e as vyo assy aparelhadas, foy fortemente spantado e fora de si e fez com ellas grãde doo. E, temendo que per ventuira os treedores averiam despois acordo de tornar a ellas por as matar de todo, trabalhouse de as tirar dally. E tomou dona Elvira sobre seu collo e levouha hũa grande peça pello mato mais spesso que achou ataa que foy bem alongado daquelle logar. E desi tornou por dona Sol e levouha aaquelle logar. E, despois que as ally teve, fezlhe hũa cama de folhas de hervas e deytouhas em ella e cobryuhas cõ a capa que tragia, com que era demudado. E fazia por ellas muy grande doo e estava em tal coita que nom sabia que fazer, ca, se estevesse asi cõ ellas, nõ averiã de comer; e, se as leixasse por hyr catar algũu pobrado a que as levasse, que ficariã a muy grande avêtuira, por que jaziam feridas e emssangoentadas, que poderiã vïir algũas bestas feras e que as comeriã; e outrossi que o Cide nõ podya saber esta cousa se nõ per elle pera tomar vingança delles, como cõpria.

CAPÍTULO DCXLIII
[254c] Como os cavalleiros do Cide ouverõ seu acordo

Entretanto que Ordonho era em este pëssamento e grande coyta, os iffantes chegaram a suas companhas, cõ as mãaos cheas de sãgue, e outrossi as esporas, das feridas que deram a suas molheres. E, quando os seus os virom vïir sem suas ¹³² molheres, entenderõ que mal lhes avyã feito. E os que erã sesudos bem esmarõ que daquelle feito tal nõ podia vïir se nõ grande mal e por esto fêzesse âtre elles grande arroydo. E, quando Martym Paez e Pedro Sanchez souberõ o que os iffantes avyã feito a suas molheres, ouverõ mui grande pesar e tornaram a elles, donde hyam adyantados, muy sanhudamête. E elles avyã ja lavadas as mãaos e as esporas do sangue. Mas, quando os outros chegaram aos iffantes e nõ virom as donas e virõ os panos e as muas dellas, apartarõsse logo cõ cem cavalleiros seus e disserom antre sy:

– Estes iffãtes ham algũu grande mal feito aas filhas do Cide, suas molheres. E nós sabemos que elle nos fez cavalleiros e agora mãdounos cõ suas filhas por as honrrarmos e aguardarmos. E, pera nós fazermos o que devemos, cõpre que nos armemos e que nos matemos cõ elles ou nos dem as filhas do Cide, que nõ aja hy outra cousa, ca, se o assi nõ fezermos, nõ somos pera o mundo. E, fazendo esto, faremos direito. E, nõ o fazendo, estamos ha mal, ca a deshonrra do Cide nossa he e teernollo hya por mal, se o nõ demandassemos.

Esto que disse Marti Paez teverõno todos por bẽ. E os iffãtes, quando os assy virõ vïir, temerõsse delles e trabalharom escusarsse delles com pallavras e disseronlhe:

– Hyde aos revoredos de Torpes e hy as acharedes vyvas e sãas, ca lhe nõ fizemos outro mal nẽhũ se nõ / [254d] que as nõ queremos cõnosco levar. E, se quiserdes as muas e os panos, mandadeos tomar.

E elles disserom que os nõ queriam, ca muas e panos averiã.

– Mas vós – diserom elles – fezeistes grande mal e sem guisa em deshonrrar assy vossas molheres e filhas de tal padre. E nõ podedes escapar que vos nõ venha por ellas cedo grãde mal e deshonrra. E, des aquy adiante, desafiamosvos por parte do Cide e de todos aquelles que levarem a sua carreira; e tornamosvos a amizade.

E, a todo esto, nõ responderõ os iffantes. E, desque virom os outros que nõ respondiã, disseronlhes:

– Ydevos come alleyvosos e maaos! E nõ ha cousa por que vos possades salvar de treição nem desta nemiga que fezeistes!

Mas, por todallas pallavras, nom responderom os iffantes. Mas foronsse seu camynho.

¹³³ **CAPÍTULO DCXLIV**
Como os cavalleiros do Cide forõ catar as donas aos revoredos de Torpes

Despois que se partirõ os iffantes, Marty Paez e Pero Sanchez, com suas cõpanhas, tornarõsse ao revoredo a buscar as donas. E, quando chegarõ aa fonte, acharõ a terra chea de sãgue e nõ acharõ as donas, pero as andarom buscando per todallas partes e fazendo por ellas muy grãde doo.

E, elles assy andando em busca das donas, Ordonho e ellas ouvirõ as vozes que elles ãdavã dando e ouverõ muy grande medo e bem quiseram dalli seer mais alõgados, ca penssarõ que eram os iffantes, cõ sua cõpanha, que tornavã por as matar. E elles andarõnas buscando e nõ as poderom achar. E entõ hũu cavalleiro natural de Burgos, que avya nome Martĩ Fernandez, disse:

– Amigos, vaamos ãpos aquelles treedores e matemosnos cõ elles por este **[255a]** maaõ feito que fezerõ, ca nos nõ he hõrra tornar assy pera o Cide, se ante deste feito nõ tomassemos vingança. E, se os nõ podermos acalçar, vaamos o dizer a el rei dom Affonso e peçamoslhe por mercee que faça justiça qual deve em tal feito, ca certo he que lhe pesará dello, por que as pedio ao Cide pera lhas dar por molheres. E nõ nos partamos del rei ataa que o Cide aja comprimẽto de direito qual deve.

E outorgarõsse todos ã o que o cavalleiro disse, ca tomarõ logo seu camynho ãpos os iffantes. Mas elles erã ja muito alongados e nõ os poderom acalçar. E entom derom tornada pera el rey dom Afonso. E, quando chegarom a elle a Pallença, Martĩ Paez e Pedro Sanchez beyjarõlhe a maaõ e contaronlhe como os iffantes de Carriõ avyã deshonnradas as filhas do Cide, contandolhe todo per ordem o feito como passara e rogandoo que lhe pesasse. Quando ho el rei ouvyo, pesoulhe muyto de coraçõ, ca o teve por muy maaõ feito e que avya parte em aquella deshonnra, e respondeu assi:

– Nõ pode seer que muy cedo nõ ajamos recado do Cide sobre esto, por a qual querella averemos mais certa razõ d’entrar em este feito, ã guisa que cada hũa das partes aja compridamẽte seu derecho.

E elles beyjarõlhe a maaõ por o que dizia e ficarom ãna corte ataa que veherõ dom Alvaro Fernandez e Pedro Vermuiz, segundo vos cotaremos adyante.

¹³⁴ **CAPÍTULO DCXLV**

Como ho homẽ lavrador levou conssgo as filhas do Cide

Despois que Ordonho e as donas viron que o arroydo dos cavalleiros era quedado e que entẽderom que ja se forom, fuisse Ordonho a hũa aldeã, que era hy acerca buscar de comer pera / **[255b]** ellas. E desta guisa as mãteve II dias.

Mas diz a estorya que Ordonhez achou em aquella aldeã hũu homẽ lavrador que conhecia muy bem o Cide, ca ja pousara em sua casa muitas vezes. E Ordonho, por que o vyu de boa condiçõ e dizer muyto bem do Cide, ouvelhe de contar todo o feito das donas e como as tiinha em aquelle mõe. E, quando o lavrador ouvyo dizer tã maa couse que avyã feita os iffantes ã as filhas do Cide, pesoulhe muyto. E tomou logo hũa azemella bem guisada e fuisse com Ordonho ao mõe hu estavã as donas e levou conssgo dous filhos que avya. E as donas, quando virõ o lavrador e os filhos, ouverõ mui grande vergonça e quiseronsse emcobrir. E o lavrador fezelhos muy homildosa reverẽça, chorando muy fortemente cõ piedade dellas, e disselhes:

– Senhoras, eu som mercee do Cide, vosso padre, e elle pousou ja muitas vezes ã mynha casa. E acaeceu agora per ventuira que este mãcebo, que diz que ha nome Ordonho, me disse o mal e desonrra que vos fezerõ vossos maridos; e a mỹ pesou muyto. E, por o grande amor que ey cõ vosso padre e desejo de o servir, som aquy viindo com elle pera vos levar pera minha casa ã esta azemella, em que ambas bem podeis yr. E peçovos por mercee que o façades e nõ fiquedes mais em esta montanha, onde vos poderiã comer as bestas feras. E, despois que allo fordes, eu com toda mynha casa vos serviremos aa vossa guysa. E dally podeis mãdar este scudeiro a vosso padre. E eu, ãtretanto, guardarvos ey o mais honrradamẽte e emcuberto que eu poder.

Quãdo as donas virom tantas boas pallavras ã aquelle lavrador, outorgarom de se yr com elle, gradecendolhe muito quanta boa voontade lhes mostrava. Entõ ¹³⁵ as pos Ordonho ã cima da azemella e foronsse pera casa do lavrador. E entrarõ hy de noyte, / **[255c]** o mais ãcubertamẽte que poderõ, de guisa que o nõ soube nẽ hũu. E sua molher e suas filhas as receberõ muy bem e cõ muyto amor e caridade.

CAPÍTULO DCXLVI

Como o Cide mãdou muy grande presente a el rei dom Affonso

Conta a estoria que, despois que o Cide ouve ãvyados os iffantes e suas molheres, como ja ouvystes, guisou dom Alvaro Fernandez e Pedro Vermuiz e ãvyouhos a el rei dom Afonso com seu presente, convem a saber, II^c cavallos e cẽ mouroos cativos e muytas nobres spadas e seellas muy ricas.

E, elles hyndo per seu caminho pera Castella, Ordonho, que se partira da casa do lavrador, despois que leixara as donas alojadas, como ja avedes ouvydo, e levava hũa carta de creença scripta cõ seu sangue dellas pera o Cide, encontrou no camynho cõ elles. E, quando dõ Alvaro Fernandez e Pedro Vermuiz e todollos outros o conhecerom e lhes elle contou todo o feito que os iffantes fezerõ ennas filhas do Cide, quem poderia dizer o grande doo que todos fezerom? E, despois que o acabarom, ouverom seu

acordo de hirem todavya seu camynho a el rei dom Affonso e que lhe mostrassem este feito da parte do Cide e que lhe pedissem por mercee por elle, que lhe desse vyngança deste mal tam desaguisado.

E, desque esto ouverõ acordado, foisse Ordonho ao Cide cõ novas de suas filhas.

E dom Alvaro Fernandez e Pedro Vermuiz forõsse a el rei. E acharõno ã Valledolide. E elle recebeuhos mui bẽ e preguntouhos por o Cide. E elles beyjaronlhe as mãas e disseronlhe:

– Senhor, o Cide ouve agora hũa grande batalha muy grande cõ el rei Bucar de Marrocos e venceuho ã campo e cõ elle XXIX reis que conssigo tragia. E guaaanhou ¹³⁶ delle mui grande aver ã ouro / [255d] e em prata e en tendas e cavallos e armas e mouros catyvos. E, reconhecẽdo vosso senhorio natural, ãvyasse ãcomendar ã vossa mercee e mandavos este presente de II^c cavallos, cẽ mouros negros, sellas muy nobres e espadas aos arçõoes; e pedevos por mercee que o queirades delle tomar.

E el rey respondeu:

– O presente do Cide recebo eu muy de boamente, como do mais honrrado cavalleiro e leal vassallo que nũca ouve rey, e gradeçolho muito.

Entõ lhe disse dom Alvaro Fernandez:

– Senhor, ã vïdo nós per nosso camynho cõ este presente, antre Medina Çalle e Atença, achamos hũu scudeiro, sobrinho do que ha nome Ordonho, que nos cõtou o grande mal e deshonrra que os iffantes de Carriom fezerõ a suas molheres, filhas do Cide. E, desta deshõrra e maaõ feito, grande parte avedes, ca vós, senhor, os casastes com ellas e eu lhas dei per vosso mandado. E, por que Marti Paaez e Pedro Sanchez vos disserã que erã mortas, segundo seu cuydar, sabede que som vivas, ca nos sabemos o lugar onde estam mui mal aparelhadas, como aquellas que forõ cruelmente feridas cõ esporas e despois açoutadas cõ as cinhas das sellas. E levarõlhe os panos e as muas e nõ ouverõ vergonça de as leixarẽ desnudadas. E de tal feito como este somos certos que avorrecerã a Deus ãno ceo e a vós enna terra. E porẽ vos pedimos por mercee que tomedes pera vós o vosso derecho e dedes ao Cide o seu; e nõ queirades sofrer que elle ã vossos dias seja deshonrrado, a qual cousa elle nunca ouve, ca, despois que o vosso padre fez cavalleiro ãna cidade de Coymbra, sempre levou sua fazẽda em dyante de bẽ ã melhor.

Entõ respondeu el rey e disse:

– Bem sabe Deus que da deshõrra do Cide me pesa muyto / [256a] e, quãto delle mais ouço, tanto tenho mayor pesar ã meu coraçom, ca a desõrra do Cide e de suas filhas a mÿ tange. Mas, pois que som vyvas, nõ he tanto o mal; ca, se foron deshonrradas a torto, nõ o merecendo, seeram vingadas assi como minha corte mandar. E pesame outrossi muyto por que de meus vassallos e naturaaes os iffantes de Carriõ sayo erro tam laydo. Mas, pois que feito he, nõ ¹³⁷ posso estar que nõ faça derecho. E poren tenho por bẽ de os mandar emprazar pera cortes que sobre esto quero fazer em Tolledo. E o prazo seera d’oje a tres meses. E dizede ao Cide que venha hy cõ quantos tiver por bẽ de conssigo trager.

E dom Alvaro Fernandez e Pedro Vermuiz beyjarom a mãao a el rey e espedironsse delle. E elle mãdoulhes dar muas pera as donas, cõ muy nobres guarnymientos e panos d’ouro e de seda e de nobre lãa, todos forrados cõ muy boas penas veiras.

Despois que todo ouverõ arrecadado, foronsse seu camynho e, cõ elles, Martim Paaez e Pedro Sãchez. E chegarom a Gormaz e dally se forom aos revoredos de Torpes, onde as donas forom feridas e desonrradas. Desy forõsse aaquella aldea que Ordonho lhes dissera. E nõ quiserom hyr ao lugar hu ellas estavam se nõ de noite. E, logo que anoyteceu, dõ Alvaro Fernandez e Pedro Vermuiz foronsse aa casa do lavrador, hu as donas estavam, ambos soos. E, quãdo se todos virõ, fezerõ muy grande doo. E, despois que cessarom delle, fallarõ de muytas cousas e de todollos acõtencimẽtos que lhes avehera, despois que se partirõ de Vallença. Entõ as vestirom daquelles nobres panos que lhes el rei dom Afonso mãdara. E elles fezerõ muyto bem ao lavrador, ã guisa que elle foy bem pagado do boo serviço que fez. E as donas levarom cõssigo os filhos daquelle lavrador e duas filhas e despois / [256b] os casarom todos muy bem; e a elle fezerom sempre muito bem.

E essa noite guisaronssse de todo o que aas donas era mester. E, logo ã outro dia, madurgarõ caminho de Teença e desy a Medina Çalle e a Mollyna. E el rei Abũcanu recebeuhos muy bẽ e fezelhos quanta hõrra e serviço pôde. E elles ouverom acordo de ficar ally algũus dias, por razõ das donas, que eram fracas, e outrossi por o fazerem saber ao Cide, como faria. E desi foisse Pedro Vermuiz ao Cide e dom Alvaro Fernandez ficou com as donas. E Pedro Vermuiz, quando chegou ao Cide, contoulhe todo o que passarõ com el rei dõ Afonso, e da muyta honrra que mandara fazer a suas filhas, e como queria fazer cortes em Tolledo sobre este feito, a certo tempo de tres meses, e como mandara emprazar os iffantes que vehessem a ellas; cõ quãtos por ¹³⁸ bem tevesse e que lhe faria derecho dos iffantes. E contoulhe quantos e nobres panos e ricas muas lhes dera pera as donas. E o Cide, que era comprido de grande pesar das novas que lhe Ordonho contara e do mal e desonrra de suas filhas, foisse algũu pouco cõfortando cõ o que lhe disse Pedro Vermuiz. Entõ disse o Cide que, pois que el rei dom Afonso mãdava dizer que fosse aas cortes, que elle fiava ã mercee de Deus que averia derecho dos iffantes de Carriõ.

CAPÍTULO DCXLVII

Como o Cide mandou tornar Pedro Vermuiz a Molyna que trouxessem suas filhas

Despois que Pedro Vermuiz contou ao Cide perante dona Symhona todallas novas del rey dō Afonso e outrossi de suas filhas, como ja ouvystes, dona Symhona nō quedava chorando e fazendo grande planto por suas filhas. E Pedro Vermuiz confortavaa com doçes pallavras, dizendolhe que / [256c] nō tomasse tã grande quebrãto, ca cedo averya fremosa vîgãça dos treedores que tal torto fizeram, ou todollos parentes do Cide prenderã morte, salvo se per elle mÿguar. E a esto respondeu o Cide e disse:

– Pedro Vermuiz, nō sejades assy triigoso nẽ vos dedes aa queixia, ca o homẽ queyxoso muytas vezes cuida ben postar seu feito e postao porẽ pyor. E vós seede bem certo que nō ficará per mÿ. E fyó per Deus que nō morrerei ataa que del tal nemiga seja bem vîgado. Ca, assy como me el rei dom Afonso mādou dizer, eu yrei a suas cortes muy de grado e ã tal maneira percebido que pese muito a todollos que nos mal quiserem. E de tal guisa moveremos daqui que, quando for o dya do prazo, sejamos ã Tolledo. E vós torneade a Molyna e trajede mynhas filhas, ca quero per ellas seer sabedor da verdade, por tal que vaa aa corte cõ cousa certa.

E Pedro Vermuiz tornousse logo a Molyna e cõtou a dom Alvaro Fernandez todo o que lhe o Cide dissera e como mādava levar suas filhas pera Vallença. E guisaronse logo e partironse de Mollina e, cõ elles, el rei Abucanũ, que lhes fezera muita honrra e serviço.

¹³⁹ E, quando o Cide soube como viinhã, sayo a os receber ataa duas legoas. E, quando as vyo, fez cõ ellas muy grande doo. E, despois que chegarõ a Vallença e entrarõ pello alcacer, quẽ poderia dizer o plãto de dona Symhona e de suas filhas? Ca dizẽ que lhes durou tres dias.

O Cide agradeceo muyto a el rei Abucanũ a muita hõrra e serviço que fezera a suas filhas.

CAPÍTULO DCXLVIII

Como o Cide guisou pera yr aas cortes a Tolledo

Pois que todo esto foy feito, guysousse o Cide pera hyr aas cortes, como lhe el rei dom Afonso mandara dizer. E leixou / [256d] ã Vallença o bispo dom Jeronymo e Martĩ Paaez, o Esturãao, e, cõ elles, quinhentos cavalleiros filhos d’algo. E, quando se ouve de partir de Vallença, chamou ante sy suas filhas e mandoulhe que lhe dissessem a verdade de todo o feito como passara. E ellas disserõ todo o que lhe acõteceu, que lhe nō emcobrirom nẽ hũa cousa.

Partiosse o Cide de Vallença e foy com elle dō Alvaro Fernandez, cõ II^c cavalleiros; e Pedro Vermuiz, cõ cento; e Martym Fernandez, cõ L; e Felix Ferruz e Veco Sanchez, cõ outros cẽ cavalleiros; e Martim Garcia e Alvaro Salvadorez cõ outros cẽ cavalleiros; e Pedro Gõçallez e Martỹ Muniz, cõ LXX^a cavalleiros; Diego Sanchez d’Arlança, cõ L cavaleiros; e dom Munho, o que pobrou Alcubella; e Alvaro Vermuiz, o que pobrou Osma, cõ XL cavalleiros; Gonçallo Sanchez de Burueva e Nuno Panha e Yanes Cornelho, cõ LXX cavalleiros; e Martim Fer ¹⁴⁰ nandez, senhor de Mõforte; e Nuno Soarez, o que pobrou Pampigra, cõ LXX cavalleiros; e dom Garcia de Roa e Sarrazĩ, seu irmãao, senhores d’Eca, cõ LXX cavalleiros; e Antolym Sanchez de Soyra, cõ seus filhos, XL cavalleiros. E assy comprio o conto de IX centos cavalleiros. E levava V^c scudeiros de pee, filhos d’algo, sem os outros da criaçom de sua casa. E, afora estes, outros muytos homẽs de pee, e todos bẽ vestidos de nobres panos e muy bem cavalgados, e todos muy bẽ armados e de hũu coraçom pera ajudar o Cide de corte e de guerra. E o Cide tomou seu camynho pera Tolledo.

E, quando el rei soube como ja viinha preto, prouguelhe muito. E sayuho a receber duas legoas de Tolledo e fezelle muita hõrra, da qual pesou muyto aos iffantes e a todollos que lhe bem queriam. Quando o Cide chegou a el rei, beyjoulhe a mãao. E elle abraçouho muy bem / [257a] e mandou que pousassem em os paaços de Gallyana. E o Cide disselhe que nō cõviinha de pousar ã os seus paaços se nō elle; mas que fosse sua mercee de o leixar pousar ã os paaços de Sam Servãde. E a el rei prougue muito e fuisse com elle ataa sua pousada. Entom disse el rei a todos que, em outro dia, fossem ajûtados em os paaços de Gallyana e dizerlhes hya o por que os mandara chamar.

E, despois que se el rei foy pera seu alcacer, o Cide ficou ãna igreja de Sam Servãde e mādou logo ficar suas tendas pera os outros ã redor de si. E todo homẽ que visse a pousada do Cide bem podia dizer que parecia hũa muy grande hoste.

CAPÍTULO DCXLIX

Como o Cide mādou poer o seu scano ã os paaços de Galliana

El rey dō Affonso mandou a Beento Perez, seu resposteiro mayor, que emparamētassem os paaços de Gallyana. E elle aderēçouho ã esta guisa: todo o solhado era estrado de nobres tapetes e as paredes de muy ricos panos todas cubertas; ¹⁴¹ e poserom em o melhor logar a seeda del rey, a qual era muy rica, e elle a guanhara cō a cidade de Tolledo, e fora dos reis mouros; e, d'arredor della, fezerom muytos e nobres estrados pera os condes e ricos homēs. E, quando o Cide soube como enderēçavā os paaços de Gallyana, chamou hūu seu scudeiro, que era homē muy fidalgo e avya nome Fernād'Afonso, e mandoulhe que tomasse o seu scano e que o levasse ao paaço e o posesse a par da seeda del rei – e esto por que nē hūu nō podesse fazer mal nē deshorrā ãno scano que era muy nobre, ca era feito de marfym. E deulhe cēto scudeyros fidalgos que fossem cō elle e mandoulhe que se nō partissem do scano ataa ã / [257b] outro dya que elle alla fosse.

E elles tomarom logo o escano e levarōno aos paaços de Galliana e poserōno a par da seeda del rei e guardarōno, segundo lhes o Cide mandara. E, ecima do scano, siia hūu cabeçal de muy fino pano de syrgo e todo o escano cuberto de hūu pano d'ouro muy nobre.

CAPÍTULO DCL

Como cōtenderō ã pallavras Fernād'Afonso, escudeiro do Cide, e o cōde Sueiro Gonçalvez

Enno outro dya, depois que el rei dō Afonso ouvyo missa, fuisse pera os paaços de Gallyana e cō elle os condes de Carryom e outros muitos condes e ricos homēs. E, quando el rei entrou per a porta do paaço e virom todos o escano do Cide, começaram de scarnecer e profaçar delle todollos que lhe mal queriā. E o conde dō Sueiro Gonçalvez chegousse a el rei e disselhe:

– Peçovos por mercee que me digades pera qual dona poserom este scano aqui: se vem vestida d'almixias brancas ou alquimes ãna cabeça, ou em que modo verrā vestida. Certo, senhor, tal scano nō he razom que seja ã par da vossa seeda, nē compre se nō pera vós. Porē mandadeo tomar ou mandadeo dalli tirar.

¹⁴² E todo esto que elle disse, bem ho ouvyo Fernād'Afonso. E respondeo:

– Conde, vós dizedes mal daquelle que nō devedes, ca o que se ha d'assentar em este scano mais val que vós nē todo vosso linhajē. E, ataa o dya d'oje, a todos seus vizinhos pareceu cavalleiro e nō dona. E, se dizedes de nō, eu vollo farei conhecer, ca eu som de tal lugar que me nō podedes deitar de vosso par; e darvos ey ã avātajem a meyatade das armas.

E o cōde era homē de maa parte. E sobraçou o mātō e quis ferir Fernād'Afonso. E elle pos a mǎao ena spada e disse:

– Conde, se nom fosse por el rei, eu vos castigaria de vossa doudice.

Muyto pesou a el rei e a todollos altos / [257c] homēs das pallavras que o conde disera. Entom tornousse aos condes de Carryom e disselhes:

– Nem hūu de vos nom ha por que dizer mal do Cide nem do seu scano, ca elle o guanhou a guisa de muy esforçado cavalleiro. E nō sey eu no mūdo rey nē outro barom que bē mereça este scano como o Cide nem sey no mundo rey que tenha tam nobre vassallo como eu tenho ã elle. E, quanto elle he mais hōrrado, tanto eu per elle mais valho, ca este escano guanhou elle ã Vallença – que foy do neto del rey Allemeymō que foy senhor desta cidade de Tolledo – e, com elle, muito ouro e muyta prata e muytas pedras preciosas; e venceu muytas lides de cristāos e de mouros; e, de todas suas gaanças, sempre me ēviou muytos serviços, reconhecendo sempre meu senhorio, e taaes doas quaaes nūca ēvyou vassallo a senhor. E, pois vós outros profaçades delle, quaaes de vos fez taaes cousas e me ēvyou taaes serviços como elle? E, se lhe algūu de vos ha ēveja, faça tantos boos feytos como elle fez e eu por sua honrra ho assētarey a par de mǎy.

De todas estas cousas que passarō perante el rei, soubeas o Cide mui cedo e pesoulhe muyto de coraçom.

¹⁴³ CAPÍTULO DCLI

Como el rei fez muita honrra ao Cide

Passadas todas estas cousas, mandou o Cide chamar dom Alvaro Fernandez e Pedro Vermuiz cō todas suas cōpanhas e disselhe:

– Cavalguemos e vaamos aa corte, ca nós vehemos por fazer hūu reto e per vētuira seerā delles dous ou três; e esto por loucura dalgūus da corte que se movē contra nós. E hide percebidos todos pera

dizer e fazer, guardando a honrra e senhorio del rei, e seede avysados que nẽ hũu nõ diga torpe pallavra nẽ sobeja, nẽ / [257d] pellejedes.

E, despois que os castigou como fizessem, cavalgou cõ seus IX^c cavalleiros e fuisse ao paaço. E, despois que entrou pello paaço, levantousse el rei a elle e fezlhe grande honrra e recebeuo muy graciosamente. E o Cide lhe disse:

– Senhor, onde me mãdades asseẽtar cõ estes parentes e amigos que võe cõmigo?

E el rei respondeu:

– Cide, tal sodes vós e tanta mercee vos fez Deus ataa o dya d’oje que, se me quiserdes seer mandado, tenho eu por bem que vos asseentedes cõmigo, ca quẽ reis vence, cõ reis se deve asseentar. E eu assy o dou por sentẽça d’aqui en dyante.

E o Cide disse:

– Nõ prouguesse a Deus! Mas seerei aos vossos pees, ca feitura som del rei dom Fernãdo, vosso padre, e porem nõ seeria guisado de seer se nõ aos vossos pees.

E el rey mandouho asseentar em seu scano e disse assi:

– O dia d’oje dou eu por juizo que se nõ sente cõvosco se nõ rei ou prellado, ca tantos mouros reis e cristãaos avedes vos vẽcidos que nom he nẽ hũu vosso par nõ se deve cõvosco d’asseentar.

E o Cide beyjoulhe a mão e tevelhe em mercee quanto dissera. E entõ se foi assẽtar em seu escano e, enredor delle, todollos seus. E desi mandou el rei que todos se callassem.

¹⁴⁴ CAPÍTULO DCLII

Como o Cide prepos sua razõ cõtra os iffãtes e cobrou delles as spadas

Desque o Cide vyo que todos estava callados, levantousse em pee e disse:

– Senhor, peçovos por mercee que me ouçades e mãdedes que me nõ embargue nem hũu, ca eu nõ sãõ tam ben razoado como me compria e, se me torvarem, seello ey peor. Outrossy, senhor, mandade que nem hũu nõ se atreva de me dizer pallavra villãa / [258a] nẽ desaguizada per que despois venhamos ao pior.

E el rei levantousse e disse:

– Ouvyde todos quantos aqui estades, assy condes come iffantes, ricos homẽes e cavalleiros! Defendovos que nẽ hũu nõ falle sem meu mãdado nem diga pallavra contra o Cide que nõ deva de dizer. E, se o algũu disser, mandallo ey scarnecer de maa maneira, ca lhe mandarei porẽ dar morte de treedor.

Entom disse el rei ao Cide:

– Quero que vos sejam dados alcaides da mynha parte, que vos ouça cõ os iffantes e cõ os que algũa demanda quiserdes fazer. E escolhede quaaes quiserdes.

E o Cide disse a el rei que desse quaaes fosse sua mercee, ca elle era cõtente. E el rei deu por alcaides: primeiramẽte, seu jẽrro, o conde dom Reimõ de Tollosa; e o segũdo foi dõ Vella, senhor de Coscoya, que pobrou Sallamãca; e o terceiro foi o conde dom Sueiro de Castro; e o quarto foi o conde dõ Ossoyro de Campos – e deste vẽ o linhagẽ dos Villalobos e dos Ossoiros; e o quinto foi dom Rodrigo, o que pobrou Valledolide – e deste vem o lynhagẽ dos Girõoes; e o sexto foy o conde dom Nuno de Lara – e deste võe os de Lara. E a estes VI cõdes mãdou el rei que ouvissem o Cide com os iffantes de Carryõ e fezeos jurar sobre os santos Avãgelhos que guardassem o dereito d’amballas partes bem e verdadeiramẽte.

¹⁴⁵ E, despois que esto foi feito, mãdou el rei ao Cide que dissesse sua razõ. E o Cide disse em esta guisa:

– Senhor, poucas e certas pallavras em presença del rei e sua corte deve d’abastar. E porem, por eu nõ fazer longa demanda ante vos aos iffantes duas spadas que lhes ãpreste: a hũa ha nome Collada e a outra Tiçom. E peçovos que mas mãdedes dar, ca nõ hã por que as tẽer contra mynha võotade.

E el rei atendeo que se defendessem / [258b] cõ algũa razõ. E elles nõ responderam nẽ hũa pallavra. E o Cide demandoulhes outra vez as spadas. E el rei sperou outra vez se se deffenderiam, mas elles nõ disserõ nem hũa cousa. E el rei mandou aos juizes que julgassem o que achassem que era dereito. E elles julgaram que lhes dessem suas spadas. Mas os iffantes nõ o queriã fazer. E destõ foy el rei muy sanhudo e levãtousse e foi a elles onde estavã asseentados e tomoulhes as spadas de so os mantos e deuas ao Cide. E elle beyjoulhe a mão. E dizẽ algũus ã este logar que, despois que as teve em sua mão, que disse em voz que todos ho ouvyrõ:

– As mynhas spadas Collada e Tiçõ nõ eram pera os iffantes de Carriõ, ca vos digo ã verdade que estas som as melhores que ãno mũdo eu sei. E eu nõ as ouve por compra nẽ por scambho mas eu as guaanhei ã certas batalhas; ca a espada Tiçom guaanhei del rei Unez, que a tragia quando o vẽci a par da cidade de Vallẽça, e a espada Collada ouve o dia que venci el rei dom Pedro d’Aragõ e, cõ elle, o conde dõ Reymõ de Barcellona, que a tragia. E eu, por hõrrar minhas filhas, deyas em guarda aos iffantes de Carriõ. Mas elles nõ erã pera ellas. E fezelhos Deus mercee oje em este dia que as tirou das suas mãaos e as tornou aas minhas. E eu tenhome por bem andante ãnas cobrar.

Entõ se levãtou dom Alvaro Fernandez e disse ao Cide:

– Teende por bem de me dardes Collada, cõ que vos guarde em quanto estas cortes durarẽ.

E o Cide deulha. E levantousse Pedro Vermuiz e fez essa meesma demanda por a espada Tiçom. E o Cide deulha. E Pedro Vermuiz beyjoulhe a mão.

¹⁴⁶ E o Cide pos a mão pella barba, segundo avya ã custume. Mas os iffantes e todollos que erã da sua parte ouverõ muy grande medo, ca pensarõ que, pois ja tiinha as espadas, que queria avolver a corte.

CAPÍTULO DCLIII

[258c] Como os juizes derõ a sentença contra os ifãtes de Carriõ

Levantousse o Cide em pee e disse a el rei:

– Senhor, bẽ sabedes ã como foy vossa mercee de me mandar dizer que vehesse a vosso mandado a Requena. E eu, por o comprir, vñ hi. E vos me pedistes minhas filhas pera os iffantes de Carriom. E bem sabedes que compri todo vosso mãdado. E vos, senhor, mandastesme que as desse a dom Alvaro Fernandez. E elle deulhas por molheres, segundo manda a lei da Sancta Igreja. E vos as casastes e eu nõ. E vos fezeistello por bem; mas elles entẽderõno ã outra maneira. Ca, como quer que elles som hõrrados e de grande sangue, nõ lhes dera eu mynhas filhas. E vos sabedes bem que volle dixeu eu. E, quando se partirõ de Valença cõ mynhas filhas, deilhes cavallos e muas, talhadores, scudellas d’ouro fino e outras de prata e muytos panos e grande aver e muitas outras boas doas, como a filhas que muyto amava. E, pois assy he que me desonrrarõ mynhas filhas e se nõ tẽe por pagados dellas, mandade que me dẽ o meu ou se me defendam cõ razõ.

A esto se levantarõ os iffantes e pedirõ a el rei por mercee que lhe desse prazo e averiã conselho. E el rei mãdou que o ouvesse logo. E elles sairõ logo fora e, cõ elles, XII antre condes e ricos homẽes. E nõ acharõ razom cõ que se podessem scusar. E tornarem logo a el rei. E o conde Garcia Ordonhez disse por elles a el rei:

– Senhor, o aver que o Cide demanda, que diz que lhes deu, verdade he. Mas elles o despenderõ em vosso serviço. Pero, se achardes per derecho que lho devẽ ¹⁴⁷ tornar, dadelhe prazo pera hirẽ a suas herdades e farã a entrega assy como vos mãdardes.

E, como esto disse, asseentousse. E o Cide disse a el rei:

– Senhor, se os iffantes algo des/penderõ [258c] em vosso serviço, nõ tenho eu hy culpa. Mas, pois que conheçẽ que lhes dei o meu, peçovos por mercee que mho mandees entregar.

E el rei tornou-se ao conde Garcia Ordonhez e disselhe que tal scusa nõ era boa, ca o Cide nõ avya culpa em as suas despesas, ca elle avya derecho de lho ãmẽdar a elles, mas que o Cide nõ avya por que perder o seu. E mandou logo aos juizes que julgassem o que vissem que era derecho. E elles julgarom que, pois os iffantes conhociã que lhes o Cide dera o seu aver cõ suas filhas e lhas leixarom, que lho entregassem alli logo sem outro prazo nõ hũu. E esta sãtença deu por todollos outros o conde dom Nuno de Lara. E el rei confirmou seu juizo.

E deisto pesou muyto aos iffantes e pedirõ por mercee a el rei que lhes desse algũu prazo a que pagassem. E os condes e ricos homẽes que erã da sua parte todos rogarõ por elles a el rei que lhes desse algũu tempo a que podessem pagar. E el rei rogou o Cide que lhes desse prazo de XV dias a que pagassem; e que fizessem menajẽ de nõ partir pera nõ hũa parte ataa que elle fosse pagado. E o Cide fez o rogo del rei. E elles fezerõ menajẽ nas mãaos del rei de o comprir. E elles fezerom cõto cõ el rei e acharom que mõtava ã esto IX^c marcos de prata. E o Cide lhes cõtou ainda, sem esto, mais mil e quinhentos marcos de prata. Mas quem vos poderia contar a muy grãde coita que avyã os iffantes e todos seus parẽtes por pagar esta quantidade deste aver ao Cide? Ca lhes era muy maaõ de cõprir, ca tomavã cavallos e muas emprestados e prata lavrada e doas; e, como lhes emprestavã, assy o pagavã ao Cide. E mãdarõ dizer a seu padre a grãde pressa em que estavã, e que lhes acorresse. E elles baratarõ quanto poderõ e mãdarõlhes grande aver ã guisa que se comprio a ãtrega ã XV dias, ca bẽ cuydarõ elles que ja o Cide lhes nõ demã/dasse [259a] outra cousa.

¹⁴⁸ CAPÍTULO DCLIV

Como o Cide fez a demanda aos iffantes de Carriom

Depois que a entrega foy feita, estando el rei em sua corte, levãtousse o Cide e disse a el rei:

– Senhor, muytas graças a Deus e aa vossa mercee! Eu som entregue de mynhas spadas e de todo meu aver. Ora teende por bem de ouvyr a demanda que quero fazer aos iffantes de Carriõ, como quer que me he grave de fazer. E porẽ vos peço por mercee que me digades por qual razõ vos pedirom por mercee os

iffantes de Carriom que os casásedes com mynhas filhas, pois tiinham em coração de as assi desonrrar, quando as elles tirarão de Valença e as ferirõ e desonrrarõ enno revoredo de Torpes, onde as leixarõ. E veede ora, senhor, que deshonra lhe fizeram: desvestirõnas e levaronlhes os panos e as muas e leixarõnas, como se fossem maas mulheres. Senhor, bem lhes devera de nembrar como as vós pedistes pera elles e como os casastes com ellas e como lhas eu dei honrradamẽte por mulheres por vosso mandado. E nõ conhecerã a Deus nõ a vós a boa avêtuirança em que eram. E porẽ vos peço, senhor, por mercee, que me mandedes dar delles dereito e da deshõrra que me fezerõ. E certo, senhor, se vós esto bem vyrdes, a vós fezerõ mayor deshõrra que a mÿ. E, se me vós e vossa corte nõ quiseredes delles dar dereito, seja vossa mercee que o leixedes vós a mÿ tomar, ca, com a mercee de Deus e vossa, eu os decerei da hõrra em que som postos, ã tal maneira que eu e mynhas filhas ficaremos honrrados, ca melhores homens que elles ei eu vençudos. E, se o vós teverdes por bẽ, dentro ã Carriõ, por que he sua herdade, os yrei cercar / [259b] e tomar presos pellas gargantas. E levallõs ei cõmigo a Vallença e tomarã peendẽça do pecado que fizeram. E, senhor, se eu esto nõ comprir, dademe por treedor.

Quando el rei ouvyo as pallavras que o Cide dissera, mostrando que lhe pesava, levantousse e disse:

– Certamente, eu volla pedi pera os iffantes, por que mho elles pedirom por mercee, como elles sabem. E porem tenho grande parte da deshonra de vossas filhas. Mas, pois vós em mynha corte stades, demandadeos per dereito. E elles salvansse cõ sua razõ, se poderem. E, de como o feito passar, os juizes daram tal sentença como virem que he dereito.

¹⁴⁹ **CAPÍTULO DCLV**

Como o Cide retou os iffantes de Carriom

Conta a estoria que se levantou o Cide e agradeceo muyto a el rei as pallavras que dissera. E entõ tornou contra os iffantes e disselhes:

– A vós digo, Diego Gonçalvez e Fernam Gonçalvez, digovos que sodes alleyvossos e que fezeistes grande aleyve em leixar vossas mulheres mal feridas e deshonradas ã meatade de hũu monte hermo, sem outra nõ hũa companha, como se fossem maas mulheres ou viis ou filhas de maaõ homẽ. E por esto vos digo aleyvossos. E darvos ei vosso par, que vos metam a esto as mãaos: ou vos matarã ou vos faram desdizer pellas gargantas.

E el rei mandoulhes que respondessem. Entõ se levantou Diego Gonçalvez e disse:

– Vossos naturaaes somos e dos melhores de Castella e, homens de tal logar como nós, teemos que nõ eramos bem casados com as filhas do Cide. E por esto as leixamos, ca nõ erã de sãgue pera seerẽ nossas parelhas, ca estremado he o seu sangue do nosso. E, ao que diz que as leixamos, verdade he. E teemos que nõ [259c] erramos ãnas leixar, mas que vallemos porẽ mais. E por esto nõ avemos por que meter as mãaos a nem hũu.

E, depois que se callou, levantousse Fernã Gonçalvez e disse:

– Senhor, bem sabeis como somos acabados ã linhagem e porẽ nõ pertẽce de casar comnosco filhas do Cide de Vivar.

E desi asseentousse. E os do Cide callarõ todos por medo del rei e do Cide. Mas el rei levantousse e disse aos iffantes:

– Pois que vós dizedes que as filhas do Cide nõ eram pera seer vossas mulheres nõ vossas parelhas, por que me pedistes por mercee que vos casasse com ellas? ¹⁵⁰ Bem deveis de entender que errastes, pois que tiinhades em coração de as desonrrar e leixar. Ca a outrẽ deverades de dizer que vos andasse ã tal corretajẽ, ca nõ era eu pera vos buscar taaes barregãas, nõ seeria cousa aguisada de me eu ãtremeter de tã maaos feitos. E porẽ mando agora aos do Cide que vos metã ã culpa quanto poderẽ com razõ. E vós trabalhadevos defender com dereito. E eu mando aos juizes que vos julguẽ, segundo o foro dos filhos d’algo. Mais, ao que dizedes que sodes mais fidalgos que o Cide, nõ o aprendestes bem e sodes enganados, ca Roi Diaz, o Cide, he filho de Diego Layndez, que foi neto de Laym Calvo. E este foi hũu dos alcaides que forõ scolheitos pera manteer Castella. E o outro foi Nuno Rossoira, que foy padre de dona Tareyja Nunez, que foy molher de Laym Calvo, seu bisaboo. E deste Nuno Rossoira viimos os reis de Castella e, assy, somos de hũu lynhagẽ. E pois seu padre, Diego Laynez, foy casado com dona Elvira Nunez, que foi filha do conde Nun’Alvarez d’Amaya. E assi vẽ do mais alto sangue de Castella. E, demais, que o Cide he homen mais hõrrado que nunca ouve ã nosso linhagẽ. E porẽ veeremos como vos defendedes, ca cõ taaes / [259d] o avedes que todo vos he mester quãto sabeis, vós e os que vos conselharom.

E, esto dito, asseentousse el rei. E o Cide foilhe beyjar a mãao.

CAPÍTULO DCLVI

Como Ordonho disse cōtra os iffantes

O Cide fezera aquelle dia cavalleiro Ordonho, seu sobrinho, irmão de Pedro Vermuiz. E este sabia muy bem a grande deshonrra que os iffantes fezerō aas filhas do Cide. E, quando ouvyo as pallavras que diziam, nō o pôde sofrer. E sobraçou o manto que tiinha ao collo, com que fora feito cavalleiro, e foi contra elles e disse:

– Calla, Diego Gonçalvez, boca sem verdade, ca tu es hũu grande covardo e maaos e nō as coraçom. E, por que entendā os que aqui estam que te digo ¹⁵¹ verdade, sabes que enna lide do Quarto disseste que te provarias cō hũu mouro boo cavalleiro. E foste contra hũu que hy andava. E elle, quando te vyo hyr assy, adiantousse a guisa de boo. E tu nō ousaste de hyr a elle. E ho mouro enderençou a ti. E tu tornaste as spadoas e fogiste. E pesou a mỹ muyto da tua covardice grande e foyo ferir cō minha lança e dei com elle morto ã terra. E tomeilhe o cavallo e deyo a ti e fiz entender ao Cide que tu mataras o mouro e cobraras delle o cavallo. E esto nũca o cuydei de dizer. Mas a tua grande maldade que fezeste contra o Cide me fez descobrir a tua covardia. Pois, homen tão maaos e assi covardo como pode dizer que he mal casado cō a filha do Cide? Outrossi sabes que, quando se soltou o leão Vallêça, como te mitiste de fundo do escano do Cide e rompiste o manto e brial pellas spadoas. E teu irmão, Fernā Gonçalvez, em fogindo, saltou em hũu curral e, quando delle sayo, elle nẽ seus panos nō cheiravā a musgo. Pois vos, que assi / **[260a]** sodes esforçados aqui ante el rei, mester ouverades esforço em aquelle dia e melhor ardimento que o que mostrastes ãnos revoredes de Torpes hu deshonnastes duas donas que tiinhades em vosso poder. E porem vos mostrastes por maaos, que nom ha em vós prez de cavallaria. E porem vos arreto por alleivosos.

E a todas estas pallavras nō responderō os iffantes nem hũa cousa. Mas o conde dom Garcia Ordonhez levantousse e disse estas pallavras:

– Leixade estar o Cide asseentado em seu scano com sua barba longa, ca nos cuyda d’espantar! Tornesse pera Mollina, hu lhe sōe de dar as parias aquelles mouros vençudos com que elle aduba sua prol. E vaasse pera ryo d’Uvierna e adube seus moynhos, ca cedo os avera mester! Ca elle nō he nosso par nem trará ã nos.

E os do Cide começaramse de catar hũus os outros; mas nō ousavam de fallar ataa que o Cide mandasse, ca assi os avya elle castigados.

CAPÍTULO DCLVII

Como o Cide mandou fallar Pedro Vermuiz

Quando o Cide vyo o que lhe dissera o conde dom Garcia Ordonhez e que nem hũu dos seus nō fallava, tornou-se contra Pedro Vermuiz e disselle:

– Falla, Pedro Mudo, por que estás assi callado? Nō sabes que as mynhas ¹⁵² filhas son tuas primas e ãna sua deshonrra e ãna minha grande parte as tu, ca tu o devyas de demandar?

E, desto que o Cide disse, pesou muito a Pedro Vermuiz, por que o aficava de taaes pallavras ã tam grande peça, chamandolhe Pedro Vermudo. E o Cide dizialhe assi por que Pedro Vermuiz era ja quanto gago e, quando queria fallar, travavalhe a lingua. E, estando assi triste por que o Cide o doestara, vyo da parte dos iffantes estar XI condes, antre os quaaes era Garcia Ordonhez. E, cō o grande pesar que tiinha, nō se recordou do que o Cide lhes mandara, que nō fezessẽ arroido ãte el rei. / **[260b]** Entō sobraçou o mātō e aderêçou ao conde dom Garcia Ordonhez e deulhe hũa tal punhada que deu cō elle em terra. E por esto foi a corte toda avolta. E hũus chamavā «Cabra!» e os outros «Carriom!»; e todollos do Cide chamavā «Vallença!» e «Vivar!».

E el rei, quando esto vyo, deu grandes vozes que nō pellejassem ante elle. E foi mui sanhudo contra Pedro Vermuiz e tomouho pello cabeça e pediolhe a espada. E o Cide cuidou que o queria ferir cō ella e disselle:

– Senhor, nō façades, ca nembrar vos deve as batalhas em que vos foi boo!

E êtom lhe cōtou tres, ã que matarom os cavallos a el rei e que Pedro Vermuiz lhe dera os seus e o livrara da grande pressa em que estava. E êtō lançou o Cide mãao por Pedro Vermuiz e tiroulho das maaos. E tomoulhe a espada e deulha e disse:

– Senhor! Ex aquy a espada! Nō o culpedes, ca cam cō rayva ã seu dono trava.

E entom o Cide fez quanto pôde por assessegar sua cōpanha, dizendo a el rei:

– Senhor, esto nō posso ja mais sofrer. E, se ante vos nō fosse, eu lhes daria o que elles merecẽ.

Entō mandou el rei chamar os cōdes que estava todos fora do paaço. E elles veherom ante elle, queixandosse muito da grande deshonrra que receberā. E el rei disselles que se defendessem com dereito

ou cō mesura e que nō dissessem nē hũa pallavra de vylanya ao Cide, ca el guardaria a cada hũu o seu dereito. E entom os fez assēetar.

¹⁵³ CAPÍTULO DCLVIII

Das razões que Pedro Vermuiz disse ao cōde Garcia Ordonhez perâte el rei

Disse Pedro Vermuiz ao conde Garcia Ordonhez:

– Oo boca maa, ã que nō ha verdade! Como foste ousado fallar enna barba do Cide, a qual he muito hōrrada e nũa foi vēcuda nē viltada? E nēbrarvos hya quando lidastes ã Cabra cē cavalleiros por cēto e elle derriboute do cavallo e prendeote pella barba e prendeu e matou / [260c] todollos teus cavalleiros e levou ti preso em hũa rocī d'albarda. E todollos seus cavalleiros depenarō a tua barva. E eu, que aqui esto, te demessei ende hũa grãde pollegada; e, se te for buscada, bem creo que ainda nō he yguada. Pois, barba demessada, como podes dizer mal da que sempre foy honrrada? E, se dizes que nō, eu tho farei conhocer aqui ãte el rei.

Entom se levantou o conde dom Sueiro Gonçalvez e disse:

– Tirade vos aca, meus sobrinhos, leixade essas companhas do Cide, villãas e deshonoradas! Ca, se sabor hã de lidar, bem os fartaremos dello, se nosso senhor el rei o tiver por bem, como quer que nō som pera nós.

E dom Alvaro Fernãdez respondeulhe, dizendo:

– Calla, conde Sueiro Gonçalvez! Parece ã vossas pallavras que ja oje almoçastes, ca mais parecedes estando bevedo que bē acordado. E, se nō fosse por el rei, eu vos castigaria em tal maneira que nunca fossedes ousado fallar tal razão.

E, quando el rei vyo que as pallavras creciam cada vez peores, mandou que se callassē, ca elle queria livrar o feito deste reto com os seus alcades como achassem que era dereito.

CAPÍTULO DCLIX

Como el rei dō Afonso deu a sētença cōtra os ifantes de Carriō

Levantousse el rei e chamou os juizes e apartousse com elles ã hũa camara, ficando ãno paaço o Cide cō todollos outros. E, despois que el rei e os juizes se ouverom acordados, segundo entenderō que era dereito, sairō ao paaço. E fuisse ¹⁵⁴ el rei a sua seeda e os juizes cada hũu aa sua. E, despois que todos forom assentados, disse el rei:

– Eu, avydo conselheiro cō os condes que eu dei em este feito por juizes ãtre o Cide Roy Diaz da hũa parte e os ifantes de Carriō e seu tyo Sueiro Gonçalvez da outra – por que me fizeram entendente que elle foy conselhador da des/honrra [260d] das filhas do Cide – e, por salvarē seu dereito, lidem cō outros tres cavalleiros quaaes o Cide der de sua casa. E salvensse, se poderē.

E, despois que el rei ouve dada a sentença, levantousse o Cide e foilhe beyjar a mão. E disse:

– Senhor, muitas mercees! Recebo vosso juizo. E por esta razom seerei sempre a vosso serviço.

Entom se levãtou Pedro Vermuiz e disse ao Cide:

– Senhor, peçovos por mercee que seja eu hũu dos que ham de lidar por vós, ca tam feo feito fizeram elles que fio ãna mercee de Deus que eu tomarei ende dereito.

E o Cide disse que lhe prazia; e mandou que lidasse com Diego Gonçalvez, o mayor. E Pedro Vermuiz beyjoulhe a mão. Levãtousse entō Martym Ātoniiz e pediolhe por mercee que fosse elle ho outro. E o Cide lho outorgou; e mandou que lidasse cō Fernã Gonçalvez, o meor. E levantousse Munho Gustiuz e pediu ao Cide que fosse elle o terceiro. E elle prougelhe muyto; e mãdou que lidasse com o conde Sueiro Gonçalvez.

E, despois que o Cide deu quē lidasse por elle, mãdou el rei que lidassem logo em outro dia. E os ifantes disserom que nō tiinham guisado e pedironlhe por mercee que lhes desse algũu prazo pera hyr a Carriom e trageriã guisamento pera lidar. E el rei nom o quisera fazer, se nō que lho rogarō muito o conde dom Reymō e o conde dom Anrrique, seus jenros, e o conde dom Pedro. E el rei, por seu rogo, fezeo e deulhe prazo de tres domaas, poēdoo primeiro em prazimento ao Cide.

¹⁵⁵ CAPÍTULO DCLX

Como el rei dō Affonso sposou as filhas do Cide

Despois que todo foi posto em recado, como vos contamos, e estando o Cide enno paaço fallando de muytas cousas, ãtrarom pello paaço juntamēte os embaixadores del rei / [261a] d'Aragō e del

rei de Navarra, os quaaes tragiã cartas a el rei e ao Cide, em que lhe êvyavã pedir as filhas do Cide pera seus filhos mayores, que eram herdeiros dos reynos. Quando os embaixadores chegarõ a el rei, beyjaronlhe a mão e disseronlhe o por que eram vīdos a elle, e outrossy ao Cide. E el rei recebeuhos mui bẽ e prougelhe muyto com elles. E, despois que el rei ouve vistas as cartas, disse ao Cide que era o que lhe prazia em tal feito como aquelle. E o Cide disse:

– Senhor, eu e mynhas filhas ã vossa mercee somos. Fazed o que tiverdes por bem.

E el rei disse:

– Pois tenho eu por bem que casem cõ estes iffantes. E, por filhos do conde que as leixarom a sem razom, ajã por maridos filhos de reys, que as honrrarã e cõ que seerã raynhas honrradas.

E o Cide beyjou a mão a el rei, e desi todollos seus. O iffante herdeiro d’Aragõ avya nome Ienygo Ximenez; e o de Navarra, Garcia Ramirez. E el rei mādoulhes dar [...] de feito de casamento e o [...]. Elles fezerõ menajẽ que, daquelle dia a tres meses, fossem ã Vallença os iffantes a fazer as vodas cõ as filhas do Cide. E destes casamentos prouge muyto ao Cide e a todollos seus amigos e parentes. E ouverõ dello grãde nojo e quebranto ¹⁵⁶ os iffantes de Carryom e todollos da sua parte, por que viinha dello grande honrra e proveito ao Cide e a todo seu linhagẽ.

E el rei disse ao Cide, em presença de quãtos condes e ricos homẽes eram ãa corte:

– Muytas graças sejam dadas a Deus por que quis que a deshonrra que foi feita a vossas filhas se lhe tornasse em grande hõrra, ca donde erã casadas com filhas de conde, agora seerã casadas com filhos de bõs reis.

Muyto ouve grande prazer / [261b] o Cide e os seus das pallavras que el rei disera. E os iffantes de Carriom saïrom do paaço muy tristes e quebrantados. E guisarom como se fossem a Carriõ pera se guarnecerẽ pera o reto.

CAPÍTULO DCLXI

Como o Cide êcomendou os seus cavalleiros a el rei

Despois desto, disse o Cide a el rei:

– Senhor, eu assiinei perante vós quaaes de minha casa fizessem a lide cõ os iffantes e cõ seu tio. E, por que me eu quero hyr pera Vallença pera requerer meus castellos e postar mynha fazenda, leixo os meus cavalleiros ã vossa guarda, que sejam per vós guardados e defesos. Outrossi compre de me yr por guisar as cousas que som perteecentes pera os casamẽtos de minhas filhas que vós, senhor, agora fezeistes.

E el rei disse que lhe prazia e que fosse postar o que lhe era mester e que, dos cavalleiros, nã tomasse cuydado, ca elle os tomava ã sua guarda e lhes faria comprir todo o seu derecho, em tal maneira que elle nã faria hi mīgua nẽ hũa cousa. E entõ mandou el rey [...] e fuisse pera seu alcacer.

¹⁵⁷ E o Cide tornousse aos condes que erã dados por juizes e gradeceulhes muyto o que lhe fizeram em lhe guardar o seu derecho. E o Cide lhes deu suas doas muy graadamente. E taes forõ que as tomarom e outros que nã. E quẽ poderia esmar as grandes doas e muito aver que o Cide deu em Tolledo?

CAPÍTULO DCLXII

Como o Cide partio de Tolledo e se foi pera Vallẽça

Em outro dia, de grãde manhã, foy o Cide ao paaço por veer el rei e se spedyr delle. E el recebeuho muy bem / [261c] e sayu cõ elle hũa grande peça da villa com quãtos honrrados homeens erã na corte, os quaaes fezerom mui grande hõrra ao Cide. E, quando se el rei ouve de partir delle, abraçouho e fezelho grande honrra. E o Cide lhe quitou duzentos marcos de prata, em que lhe era obrigado el rei por os iffantes de Carriom, e disselho:

– Senhor, eu tenho que nã fuy bem enssynado contra vós ã levar cõmigo o meu cavallo Baveca e nã o dar a vós. Porem vos peço por mercee que o mandedes tomar, ca elle he tal que pertẽce pera vós. E porem vos quero mostrar que tal he.

Entom lhe derom o cavallo e cavalgou em elle, dizendo a el rei:

– Senhor, perdoademe por poer sporas ante vós.

E, depois que teve as sporas, começou de se hyr pello campo. Mas quẽ poderia contar as nobrezas do cavallo e o boo fazer do cavalleiro, como o fazia fazer maravilhosamente? E, fazendo assi pello campo, quebroulhe as redeas de hũa das partes. E veeo parar ante el rei tã cordamente como se ambas tevesse sãas.

Muyto se maravilhou el rei e quãtos hi estavã do cavalleiro, dizendo que nũca virom outro tal. E o Cide disse a el rei que o tomasse. E el rei disse que nom queria, ca nã era no mundo homen a que mais

perteeceesse que a elle, ca, ã cima daquelle cavallo, hõrrava elle Deus e a cristaidade, fazendo ã cima delle tantos boos feitos.

Entom se spedyo o Cide del rei e foisse. E elle tornousse pera Toledo.

¹⁵⁸ **CAPÍTULO DCLXIII**

Como o Cide castigou seus cavalleiros

Despois que se o Cide spedio del rei, tomou seu camynho pera Vallença. E foram cõ elle hũa peça Pedro Vermuiz e Martĩ Antoniiz e Munho Gustiuz. E o Cide foyos castigando e ãssinando como ouvessem de fazer e que fizessem a guisa de esforçados cavalleiros, tomando / **[261d]** vigança dos treedores. E elles tomarom muy bem seu castigo e comprirõnos per obra. E, quando se spedirõ delle, disseronlhe:

– Certo seede, senhor, que nós faremos em tal maneira, cõ a ajuda de Deus, que sem vergonça pareçamos ante vós; ca, se os nossos pecados nos tanto fossem em contraio, mortos poderemos seer, mas não vençudos.

E o Cide deu entom a espada Collada a Martĩ Antoniiz e mādouhos tornar pera el rei. E elle foisse pera Valença.

CAPÍTULO DCLXIV

Como el rey foy a Carriom por se cumprir o reto dos iffantes cõ os cavalleiros do Cide

Donta a estoria que el rei dom Affonso duvydou que os iffãtes que não quisessem vñr ao prazo fazer a lide; tomou seu camynho pera Carriom e levou consigo os cavalleiros do Cide e os condes que foram dados por juizes; pero que não pode allo chegar ao prazo, por que foi doente ãno camynho, e por esta razom se alongou o prazo a seis domaaas. E, logo que el rei foy sãao, chegou a Carrion e mandou aos iffantes que se percebessẽ pera lidar. E assiinarõ o dya. E fizeramhes o campo enna veiga de Carriom.

¹⁵⁹ E, o dya que foi posto, chegarom hi os iffantes, muy bem acompanhados de seus parẽtes e amigos que os avyã de guardar. E todos viinham de hũu acordo pera matar os cavalleiros do Cide e catar maneira per que não entrassem em campo. Mas, pero que se em esto acordarõ, não ho ousarom cometer por medo del rei.

Essa noite vellarõ todas suas armas ãnas igrejas, segundo he costume dos que ham de fazer em armas. E, logo que foy manhã, foy grande jente ajuntada arredor do campo. E el rei mandou que se armassem os que avyam de lidar. E mādou / **[262a]** armar os condes dom Reymõ e dõ Anrrique, seus jenrros, e todollos condes que eram juizes, por tal que os iffantes nẽ os da sua parte não fizessem volta.

Mas quem poderia dizer o muy grande doo que fazia o conde dom Gonçalo, padre dos iffantes? Ca maldizia si e o dia em que nacera, ca elle bem entendia que, de mortos ou de vençudos, seus filhos não podiam scapar.

Grandes jentes de todallas partes d’Espanha foram ally ajuntadas por veer aquella lide. E el rei mādou armar a par do campo hũa tenda. E armarõsse alli os cavalleiros do Cide; e armouos o conde dõ Reymõ e castigouhos como fizessem e como andassem pello campo. E, da outra parte, armarõsse os iffantes e seu tyo Sueiro Gonçalvez. E ãvyarom pedir por mercee a el rey que mandasse tirar da lide as spadas Collada e Tiçom. E el rei não o teve por bem; ãte lhes mandou dizer que não avya elle de veer cõ ellas se não que metesse cada hũu a melhor espada e as melhores armas que tevesse, se não que não metesse hũu mais armas que o outro. Muyto pesou desta resposta aos iffantes e a seu tio, ca temyã muito as spadas. E foram muy repreendidos do que fezerõ e por que forõ aas cortes, mas a sua repreensom ja não avya logar. [...]. Que aquy não vos compre de o dizer. E não digades estas pallavras ¹⁶⁰ sobejas, mas fazee por seer fortes pera vos defender, ca cõ taaes o avedes que todo vos he mester quanto sabedes.

E desi partiosse delles e tornousse pera sua tenda. E dally adiante bẽ mostrarõ os iffantes e seu tyo, ã gesto e sembrante, que lhes pesava do que fizeram.

E el rei foi ally onde ja erã armados os cavalleiros do Cide. E elles beyjaronlhe as / **[262b]** mãaos e disserõlhe:

– Senhor, nẽbrevos como nos leixou o Cide ã vossa guarda! Pedimosvos por mercee que não consentades que recebamos força nẽ torto.

E el rei disselhes que não ouvessem receo dello, ca não seeria nẽ hũu, por honrrado que fosse, que tal cousa tẽptasse, que o não mandasse matar porẽ; ca disse el que, ãna deshonrra que ao Cide fora feita, grande parte avya elle.

E os cavalleiros cavalgarõ logo em seus cavallos. E el rei mandou logo apregoar que nõ fosse nõ hũu tam ousado de fazer força nõ torto aos cavalleiros do Cide ã nem hũa maneira, ca aquelle que o fezesse, madallo hya matar.

CAPÍTULO DCLXV

Como os cavalleiros do Cide ãtrarõ ã campo cõ os ifantes de Carriom

El rei dom Afonso foi cõ os cavalleiros do Cide ataa que chegarõ ao campo. E, da outra parte, veherõ os iffantes e Sueiro Gonçalvez, seu tyo, e, com elles, todos seus parentes e amigos e todos armados. E el rei disse ante todos:

– Eu quisera que esta lide fora em Tolledo. Mas vós me disestes que nõ tiinhades guisado de o fazer hi. E por esso vos dei prazo e vñ aqui. E trouxe cõmigo estes cavalleiros do Cide e elles ã mynha fe e verdade ficarem aqui. E porẽ vos desẽgano, vós e vossos parẽtes, que nõ ajades com elles de veer nõ hũa cousa se nõ com dereito; se nõ, qualquer que o fezer, mandallo ei matar porẽ come treedor.

E desto pesou muito aos iffãtes. E el rei meteus ãno cãpo e mandou aos fiees que lhes mostrassẽ o campo donde se ouvessem de guardar. E desi partironlhes o sol. Entõ sayo el rei do campo e mãdou arredar a jente sete passadas.

¹⁶¹ E, depois que os fiees lhes ouverõ partido o sol, elles enderẽçarõ suas capellinas, ca cada hũu delles conhecia muy bem o seu cõtrairo. E foronsse ferir das lanças tã fortemẽte que, dos primeiros / [262c] golpes, foram os iffantes mal feridos, e outrossy seu tio, de senhas lançadas ennos corpos. E, dos do Cide, nõ ouve nõ hũu ferido.

Mas Pedro Vermuiz ajudousse com Diego Gonçalvez. E deulhe Diego Gonçalvez hũu golpe de lança que lhe falssou o escudo d'amballas partes. Mas nõ prendeu ãna carne. E Pedro Vermuiz esteve firme ãna sella e nõ teve o golpe ã nemigalha. Mas o golpe que elle deu a Diego Gonçalvez foi tal que lhe falssou o escudo e o perpõto e a loriga e meteulhe a lança pellos peitos, em guisa que lhe chegou preto do coraçom; e quebrantoulhe as cinlhas e o peitoral. E elle cõ a sella cairõ pellas ancas do cavallo, de tal guisa que penssaram que era morto, ca lhe ficou a lança enno corpo. Pero levantousse Diego Gonçalvez e começou de deitar sangue pella boca. E Pedro Vermuiz meteu mãao aa espada Tiçom. E, quando Diego Gonçalvez a vyo sobre si, conheceua muy bẽ. E, ante que della recebesse o golpe, conheceu que era vençudo e que era verdade o que lhe Pedro Vermuiz dissera. E, quãdo os fiees esto virõ, disserom a Pedro Vermuiz que estevesse quedo e que lhe nõ fezesse mais mal, pois conhecia que era vencido. E esto fez elle cuydando de vyver; mas o golpe era mortal.

Martĩ Antoniiz e Fernã Gonçalvez avyam sua fazenda muy forte e duroulhes em quanto teverõ lanças. E, des que as britarõ, meterõ mãao aas spadas. Martĩ Aatoniiz meteu mãao aa Collada, que era maravilhosa spada, e deu cõ ella hũu golpe a Fernã Gonçalvez en travesso per cima da cabeça que lhe cortou o almofre da loriga com hũa grande peça do casco, em guisa que ficou tã mal ferido que nom soube de si parte. E, pero tiinha a espada ãna mãao e nõ ousava de ferir cõ ella. E Martĩ Antoniiz veeo outra vez sobre elle e deulhe outra ferida ãno ¹⁶²rosto cõ a ponta da espada e Fernã Gonçalvez, cõ a grande coita das feridas, começou de hyr fogindo. E Martĩ Antoniiz empos elle, dizendo: « – Fora, dõ aleivoso! », ataa que o deitou fora do campo.

[262d] Outrossi Munho Gustiuz e Sueiro Gonçalvez ferironse de grandes forças fazendo golpes assiinados. Ca Sueiro Gonçalvez era cavalleiro muy forte e esforçado e muy valẽte ferio Munho Gustiuz ãno scudo que lho partio per meo. Mas o golpe nõ lhe chegou aa carne. Mas fezelle perder as estribeiras. E elle cobrouas logo muyto asinha e foi cõtra Sueiro Gonçalvez e deulhe hũu golpe da lança pellos peitos que lhe passou todallas armas e sayu o ferro cõ o pendom pellas spadoas. E Sueiro Gonçalvez cayu pellas ancas do cavallo. E todos cuydarõ que era morto. E Munho Gustiuz volveo logo por o ferir outra vez e passou per cima delle.

E, quando esto vyo Gonçallo Açores, começou de dizer:

– Nom o feirades mais, Munho Gustiuz, ca vencido he.

E Munho Gustiuz era homẽ bem avisado e preguntou os fiees se era vencido por o que dizia o padre. E elles disserom que nõ. E elle tornou logo por o matar. Mas Sueiro Gonçalvez, quando o vyo vñir sobre sy, ouve muy grande medo e disse:

– Nom me feirades, Munho Gustiuz, ca vençudo soo e todo he verdade quanto vos dissestes.

E os fiees veherom logo e disseromlhe que o nõ ferisse mais. E foram os fiees a el rei e disseronlhe que entrasse enno campo a fazer dereito.

¹⁶³ CAPÍTULO DCLXVI

Como el rei dō Afonso entrou ão câpo e deu sentença contra os iffantes

El rei entrou ão campo e entrarõ cō elle muitos nobres fidalgos. E el rei preguntou os fiees como avyam de fazer os cavalleiros do Cide pera comprir seu dereyto. E elles disserom que nõ avyam mais de fazer, ca avyam o campo vencido e comprido todo seu dereito. Entom el rei dom Affonso deu por sentença, por alleivosos conhoci/dos, [263a] os iffantes de Carriõ e seu tio Sueiro Gonçalves; e mandou ao seu moordomo que tomasse os seus cavallos e as suas armas.

E, despois que esta lide foy feita e a sentença dada, nunca ja mais o seu linhagem alçou cabeça nẽ valleo nem hũa cousa em Castella. E por esto ficou Carriom aos reis de Castella, despois da morte do conde dom Gonçallo Gonçalves, padre dos iffantes.

Despois que el rei deu a sentença, tirou do campo os cavalleiros do Cide; e deuhos por bõos e leaaes e que comprirá todo seu dereito. E, logo que esto ouve feito, foy comer e levou conssigo os cavalleiros do Cide. Muyto era a grande companhia que hia em pos elles, louvandoos da boa andança que ouverom.

E el rei, logo em outro dia, deu muy grande algo aos cavalleiros do Cide. E deulhes muitos homẽes d'armas que fossem com elles ataa que os posessem em salvo. E entom se spedirom del rei e foronsse pera Vallença.

E o Cide, quando soube como viinha, sayos a receber e fezелhes muita honrra. E elles contaronlhe todo o feito do reto, como pasara, e a sentença que el rei dera contra os iffantes e seu tyo. Grande foi o prazer que o Cide ouve cō os cavalleiros!

E, quando foron ante dona Symhona e suas filhas, mandoulhes o Cide que lhe contassem as novas. E elles contaronlhe o feito ordenadamẽte, como passara, e quanta honrra lhes fizera el rei dom Affonso. Dona Symhona e suas filhas ouverom desto grande prazer e louvarom muyto Deus por lhes dar tanta honrra e vitoria de seus inmiigos.

¹⁶⁴ Oyto dias durou o muito prazer e grandes alegrias que o Cide mandou fazer ã Vallença por a boa andança e grande honrra que Deus dera aos seus cavalleiros. E entõ disse a dona Symhona:

– Des oy podemos, sem nẽ hũu embargo, casar nossas filhas cō os / [263b] iffantes d'Aragon e de Navarra.

CAPÍTULO DCLXVII

Como o grande soldom de Perssia mandou grande presente ao Cide

Conta a estoria que, acabadas todas estas cousas que avedes ouvydo, que o grãde soldom de Perssia, por que ouvira dizer a grande bondade em feito d'armas que o Cide fazia e como nũca fora vencido de mouros nem de cristãaos – ante vēcera elle muitos reis, assy de mouros como de cristãaos – e como guanhara Vallença de mouros, cō outros muytos castellos, e ouve sabor de seer seu amigo. E ãviou a elle seus messejeiros cō muy grande presente e muitas nobres doas. E, sobre todos, mandou hũu mouro muy honrrado, que era seu parente, cō suas cartas de muy homildosas pallavras e de grande amor. E, quando chegarom ao porto de Vallença, mãdarom dizer ao Cide como eram alli messejeiros do grande soldom de Perssia, que lhe trariam seu recado. E o Cide mandoulhes dizer que no outro dia verriã ante elle.

Logo em outro dia, cavalgou o Cide cō toda sua jente, muy nobremente vestidos, seus cavallos ante sy e suas armas altas; e hyam hy passados de mil e quinhẽtos cavalleiros e mil pares d'armas. E, quando chegarõ quanto hũa legoa da villa e os messejeiros que viinhã ja pera Vallença, e, quando aquelle mouro, parente do soldom, vyo todos nobremẽte vestidos e assy ãcavalgados e cō tantas armas, entendeo que era muy nobre homen o Cide.

E, quando foram preto delles, esteve o Cide ão campo ã cima de seu cavallo Baveca por o esperar. Mas o mouro, como chegou ante elle, começou / [263c] de lhe ¹⁶⁵ tremer a carne e tolheusselhe a falla, de tal guisa que nõ pode fallar; e desto foy elle muy spantado. E o Cide recebeuho mui graciosamente e foi contra elle por o abraçar. Mas o mouro assi estava torvado que nõ podya fallar. E, des que foi em seu acordo, quiselhe beyjar a mãao; mas o Cide nõ lha quis dar. E o mouro penssou que o fazia em desdem; mas fezerõlhe entender que era por honrralo. Entom disse o mouro:

– Omilhome, Cide, vēcedor de batalhas, o mais honrrado cristãao que cingeu spada nẽ cavalgou em cavallo de mil anos aca! Meu senhor, o grande soldom de Perssia, ouvyndo a grande fama da nobreza da tua cavallaria e bẽes que ha em ti, ãvyate muito saudar e recebete por seu amigo, assy como o mais chegado amigo que ha e que mais preça. E porem te manda suas doas per mỹ, que som do seu sangue, e te manda rogar que as recebas delle como de amigo.

E o Cide lhe disse que lho agradecia muyto.

CAPÍTULO DCLXVIII

Das muitas nobrezas que o soldo ãvyou ao Cide

Entom mandou o Cide que fizessem camynho per meo, per que passassem as azemellas e os camellos e todallas outras anymalias que hy viinhã. Desi tornousse pera a cidade e aquelle parente do soldom a par conssgio. E, quando fallava cõ elle, viinhalhe ã mente como lhe tremera o corpo e perdera a falla. E bem o preguntara ao Cide, mas teve que era maaõ recado.

Despois que entraron pella villa, foy grãde jente a que viinha veer as anymallias e cousas estranhas d'aalem mar. E o Cide levou conssgio o mouro ao ¹⁶⁶ alcacer. E, quando entraron no grande paaço onde estava dona Symhona e suas filhas, o mouro lhe quis beyjar as mãaos; mas ella nõ lha quis dar. E, logo alli ante elles, fez o mouro descarregar as azemellas das arcas e das / [263d] outras cousas que tragiã. E começou a tirar dellas muytas nobres cousas e poer ante o Cide. Primeiramẽte, tirou grande aver amoedado em ouro e em prata, que viinha em çarrões de coiros enteyros que tragiam muy fremosas çarraduras. Despois desto, muita prata em baixella lavrada, convem a saber, escudellas, talhadores e bacios e ollas pera fazer de comer – e todo esto era de muy fina prata e nobres labores, e esta prata pesava dez mil marcos. Depois desto, sacou seis copas de muy fino ouro que, em cada hũa, avya X marcos e, emcastoada em ellas, muytas nobres pedras preciosas; e tres barriis de prata muy grandes e bem çarrados e todos cheos de muy graado aljoffar e de pedras preciosas. Outrossi lhe apresentou muytos panos d'ouro e de seda; e cem libras de mirra e de balssamo em hũa arqueta d'ouro – esto he cousa muy preçada, ca desto se faz hũu ingoento com que hungẽ os corpos mortos em terra d'ultramar por nõ apodrecerẽ nõ os degastar a terra; cõ tal ingoento foy despois ungido o corpo do Cide. Outrossi lhe trouxe hũu tavoleiro de marfim, todo pregado com pregos d'ouro, e per elle muytas pedras preciosas em redor; e as tavollas e os jogos todos eram d'ouro e de prata, muy ricamẽte obrado com pedras de muytas collores. Muyto forom grandes e nobres estas doas!

Despois que todo foi assi tirado e visto, disselhe o mouro:

– Senhor, todo esto, cõ aquellas anymalias que viste, te ãvyu meu senhor, o grande soldom de Persia; e esto por a muy grande nobreza que ouvyo dizer de ti. E mandate rogar que o tomes por o seu amor.

E o Cide disse que lho gradecia muyto e que, se soubesse cousa em que lhe fazer hõrra, que lha faria tal qual nũca fizera a nem hũu homẽ. Entõ o abraçou ã nome do soldom e disse que, se fosse cristãao, que lhe daria paz. Mas preguntoulhe se, antre aquellas cousas, / [264a] era algũa que fosse do corpo do soldon; e que, por honrra delle, que a beyjaria, ã sinal que, se elle estevesse presente, que lhe daria ¹⁶⁷ paz enno ombro, segundo o custume dos mouros, por que elle era o mais honrrado homẽ antre todollos mouros, segundo sua ley.

Quando esto ouvyo o parente do soldom, ouve muy grande prazer por quanta medida o Cide dezia e entendeu muy ben que era nobre homen. Entom lhe disse:

– Senhor Cide, se vos fossedes presente ante meu senhor, o soldom, por vos hõrrar, darvos hya a comer a cabeça do seu cavallo, segũdo o custume dos mouros. Mas, por que vos outros cristãaos nõ avedes tal custume, douvos eu este cavallo, que seede seguro que he o melhor que ha ã nossa terra. E vos mandadeo tomar por honrra do soldom, que val mais que nõ a cabeça cozida. E a vos, senhor, beyjarei a mãao e terreyne dello por honrrado.

E o Cide tomou o cavallo e consentio ao mouro que lhe beyjasse a mãao. E mandou logo ao seu almoxarife que levasse conssgio aquelle mouro, parẽte do soldom, e que o servisse e o levasse pera a orta de Villa Nova e lhe fizesse tanta hõrra e prazer como faria a elle meesmo.

CAPÍTULO DCLXIX

Como e por qual razõ ãvyou o soldo as doas ao Cide

O almoxariffe do Cide levou conssgio aquelle mouro, segundo lhe fora mandado, e servyao e honrravao tanto como se fosse o Cide. E, estando hũu dya fallando em seu prazer de muytas cousas, assi de mouros como de cristãaos, começou o messejeiro do soldom pregũtar por o Cide, de que manhas era. E o almoxariffe lhe disse como era o mais esforçado homẽ do mundo e que melhor guardava sua ley; e que em sua pallavra nunca mẽtia; e que era muyto amigo do seu amigo; e que aas cousas / [264b] vencidas era muyto piadoso e avya grande mercee; «e he muito entendido e grande sabedor em todallas artes – disse el – specialmente ã feito d'armas. E ha hũa muy grande virtude ã sua catadura, ca todo o mouro, quãdo o primeiramẽte vee, toma tal medo que fica fora de seu acôrdo. E esto vejo em cada hũu dia que, quando algũs messejeiros mouros vẽe a elle, ¹⁶⁸ primeiramẽte que lhe falem ficam esmoridos.

Quando aquelle mouro, parente do soldom, esto ouvyo, foy maravylhado, ca lhe veeo ã mente que assi avehera a elle. E entõ disse ao almoxarife que o rogava que lhe tevesse puridade, e dizerlhe hya o que

lhe acôtecera. E o almoxarife lho prometeu assi. Entõ lhe disse o mouro o muy grande medo e spãto que delle ouvera na primeira vista que o vira, tremendolhe o corpo e torvandosse a falla, e que, segundo o que elle cuydava, que nom era outra cousa se nõ graça que lhe Deus dava cõtra seus inniigos.

E, depois que esto disse, o almoxarife, por que vyo que era homẽ sabedor e bem entendido e fernençava as cousas que viia, rogoulhe que, daquella cousa que lhe queria preguntar, lhe dissesse dello a verdade. E o mouro lho prometeo. E o almoxarife lhe disse que lhe dissesse qual fora a razom por que se movera o soldom de ãvyar tam nobre presente ao Cide, seendo delle tão alongado. O mouro penssou que o almoxarife lho preguntava per mandado do Cide, por saber parte do estado da terra d'ultramar. E entom lhe disse, falando cõ cautella, ã como ã terra d'ultramar era tam grande fama do prez da cavallaria e feito d'armas do Cide que esto era grande maravilha. E que por esta razõ se movera o soldom por lhe mandar seu presente, por aver seu amor. E o almoxarife lhe disse que ãtendia que por outra razõ mui mais certa se moveria o soldom que por esta. E o mouro, veendo como o almoxarife / [264c] avya grande sabor de o saber, rogoulhe que tevesse dello segredo, pois que era mouro e da sua lei, e que lho diria. E elle prometeolho. Entom lhe contou o mouro ã como a terra d'ultramar estava ã tal estado que todos cuydavã que se perderia e que a cobriariam os cristãaos; e que tanta era a jente cruzada que allo passava d'Alemanha e de França e de Lombardy e de Cezillya e de Callabria, que ja aviã guanhado a cidade d'Antiochia ¹⁶⁹ e muy grande peça de terra e que jazia sobre a cidade de Jherusalem. E, ouvyn do soldom a muy grande nomeada do Cide, penssou que passaria allo. E por esto lhe ãviou suas doas: por o aver por amigo que, se acontecesse de passar allo, que o tevesse offerecido pera fazer por elle. E o almoxarife entendeo que esto era verdade.

CAPÍTULO DCLXX

Como o Cide foy receber os iffantes d'Aragõ e de Navarra

Estando o messejeiro do soldom ã Vallẽça, chegarõ novas ao Cide como viinhã os iffantes d'Aragõ e de Navarra, que avyã de casar cõ suas filhas, segundo o que fora ordenado ãnas cortes de Tolledo, como ja ouvistes. E estes iffãtes avyã de casar ã esta guisa cõ as filhas do Cide: o ifante dom Sancho, filho del rei dõ Pedro d'Aragom, cõ dona Sol; e o ifante de Navarra, com dona Elvira.

Este rei dom Pedro era o que o Cide venceu na batalha cõ o conde dõ Reymõ de Barcellona. E, por a grande cortesia que recebera do Cide enno soltar e lhe dar o seu, e vẽdo outrossi os grandes feitos que fazia, teve por bem de casar seu filho, dõ Sancho, cõ dona Sol. E esto, por que linhajẽ de tã nobre homẽ como era o Cide ficasse ã Aragõ. Mas dõ Sancho morreo primeiro que reynasse nõ ouvesse filho nõ filha de dona Sol.

E, quando o Cide soube como viinhã os iffantes, sayos a receber a VI legoas, cõ todallas suas jentes bẽ guisadas de paz e de / [264d] guerra, e mandou poer suas tendas ã hũu prado onde os atendeo. E, depois que chegarom, trouxeos pera Vallença. E o bispo dom Jeronimo sayos a receber muy honrradamẽte, cõ grande procissom, e cantoulhes missa. E foi feita grande festa e muitas alegrias ã Vallença por a vïda dos iffantes. E esto durou VIII dias, ante que fizessem as vodas. E o Cide mandou apousentar os iffantes em a sua orta de Vylla Nova e darlhes todo o que era mester.

¹⁷⁰ CAPÍTULO DCLXXI

Da muita hõrra que o Cide fez aas vodas de suas filhas

Despois que os iffantes chegarom a Valẽça a VIIIº dias, o bispo dom Jeronimo recebeu cõ as filhas do Cide, convem a saber, dom Ramiro de Navarra cõ dona Elvira, e dom Sancho d'Aragõ com dona Sol. E, depois que forom sposados, logo ho outro dia lhe fizeram suas vodas, segũdo mãda a ley de Jhesu Christo.

Se vos quisessemos per meudo cõtãr as grandes nobrezas e allegrias que em aquellas vodas forom feitas, seeria muy longo de dizer e fariamos grande estoria. Mas vos sabede esto em certo que, ã VIIIº dias que a festa durou, o Cide deu grandes dõoes e fez muitos cõvites, ca forõ ajũtados ã ella muitos e nobres fidalgos. Outrossi forom ajuntados hy muytos jograres e de muitas guisas. E fez o Cide em estas vodas tã grande despesa que o mais rico rey d'Espanha se averia por bẽ contento fazendo outra tamanha, ca forom hi achados VIIIº mil corpos de homẽes fidalgos.

Despois que as vodas forom acabadas, hũu dia tomou o Cide seus jenrrs e levouhos ante dona Symhona e mostroulhes todallas nobrezas que lhe mandara o soldom de Perssia e outras muitas riquezas de ouro e de prata e de pedras preciosas. [265a] E elles forom maravilhados de tanta riqueza e bem disserom antre si que este era o mais rico homen d'Espanha. E o Cide tornou a elles cõ fremoso contanẽte e dissellhes:

– Filhos, todas estas cousas quero pera vós e vossas molheres, ca quero vos dar a meatade de todo este aver.

E os ifantes, como erã homêes bem ensynados e muy corteses, renderonlhe muytas graças cõ grande reverença e agradeceronlhe muito o que dizia.

¹⁷¹ **CAPÍTULO DCLXXII**

Como se os iffâtes partirõ de Vallença e levarõ suas molheres

Tres meses morarõ os iffantes ã Vallêça despois das vodas a muy grande viço e sabor de si. E, acabado este tempo, spedironse do Cide e de dona Symhona pera se hirẽ pera suas terras. E o Cide deulhes grande riqueza e muitas doas, muy mais cõpridamẽte que lhes prometera, e das anymalias estranhas que lhes ãviara o soldom. E fõisse com elles ataa XII legoas de Vallêça. E, quando se ouverõ de partir, deu o Cide muito aver e grandes doas a todollos ricos homêes e fidalgos que veherõ cõ os iffantes, ã tal guisa que todos forõ delle muy pagados. E, despois que todo esto ouve feito, deitou a beençõ a suas filhas e ãcomendouhos todos a Deus. E desy tornousse pera Valêça e os iffantes forõse pera suas terras.

E conta a estoria que, a cabo de hũu ãno que o iffante dõ Ramiro chegou a Navarra, matarõ el rei dom Sancho ã Roda e foi alçado por rei de Navarra aquelle dom Ramiro. E ouve ã sua molher dona Elvira hũu filho que ouve nome dõ Garcia Ramirez. E este reynou despois ã Navarra.

Mas aquella sazõ que este dõ Garcia Ramirez reynou, erã os Navarros ã mui grande perigoo, por que aviã guerra cõ Castella e cõ Aragõ e passavã muito mal d’amballas partes. E, despois / [265b] da morte de dõ Pedro e del rei dõ Afonso, veherõ os Navarros a cortes a Castella, que eram feitas ã Môçõ. E, por que estes dous reis nõ leixarõ nem hũu, fizeram os Aragoeses seu rei dõ Ramiro, o que era mõe. E os Navarros, que estavã sã rei per morte del rei dõ Ramiro, foram muy ã puridade a Aragon por o iffante dõ Garcia Ramirez, por que o criava allo sua tyã, a rainha dona Sol, e fezerõno rei de Navarra. E este era neto do Cide. E foi muy bõ rei e aderẽçou muy bem o reyno de Navarra.

¹⁷² **CAPÍTULO DCLXXIII**

Como o Cide mãdou o messejeiro do soldom

Despois que o Cide mãdou seus jenros assi hõrradamente como avedes ouvdydo, mãdou chamar o messejeiro, parẽte do soldom, e deulhe muitas cousas das que ã sua terra nõ avya; e deulhe hũa loriga e hũa spada guarnida e hũas brafaneiras e hũu prepondo muy nobre; e suas cartas de resposta pera o soldom, de grande amizade. E fez muito d’algo ao messejeiro, de tal guisa que elle foy muy pagado do Cide por a grande honrra que delle recebera. E espediusse delle e fõisse ao porto de Vallença e meteusse em hũu navyo e fõisse pera sua terra.

O Cide ficou ã Vallença e trabalhouse d’assessegar os mouros da villa e castellos do seu senhorio, em tal guisa que lhe davã seu trebuto mui compridamente des Ouriolla ataa Tortosa, ca toda esta terra era a seu mandado e su ho seu defendimento. E, des alli adeante, sempre o Cide morou ã Valêça muito a seu sabor e trabalhandosi de servir a Deus em todallas cousas que elle podia e ãmẽdar os erros que fezera em sua mancebia.

CAPÍTULO DCLXXIV

Como Gil Diaz foi feito cristãao e mais privado do Cide

Conta a estoria que, estãdo hũu dia o Cide em seu alcacer, que veeo ãte elle hũu mouro alffaque que elle fezera alcaide; e avya nome / [265c] Abucax. E este alffaque servia muito o Cide em aquella alcaidaria, ca elle era assi sesudo e de tam bõ entender que se sabia avĩr cõ os mouros, de guisa que o Cide avya as suas parias muy bem paradas. E em todo seu feito parecia cristãao e por esto fiava delle o Cide e amavao muyto. E, quando o vyo ante sy, preguntoulhe que era o que queria. E elle lhe disse:

– Senhor, eu são natural desta cidade e meus avoos forõ daqui sempre alfaqueques. E eu, seendo moço pequeno, cativarõme cristãaos. E fezme Deus ¹⁷³ tanta mercee e deume tal engenho que aprendi a aljamyã e toda a leenda dos mouros. E a minha vootade fora de seer cristãao e ficar ãna terra dos cristãaos. Mas meu padre e minha madre, por que erã ricos, quitarõme, ca erã dos mais honrrados desta cidade. E, despois, senhor, que Deus meteu Vallença ã vosso poder e vos fez della senhor, fezeistesme tanta honrra e mercee quanta eu nõ mereci, ca me fezeistes alcaide. E agora, senhor, cuydando eu ã meu coraçom enna ley em que ataa agora vyvy, acho que fiz vyda de grande erro, por que todo o que aquelle falsso enganador de Mafomede enssynou, todo he falssidade. E porẽ, senhor, quero seer cristãao e creer a santa fe catholica, ca

entendo que todo o que Jhesu Christo enssynou, todo he verdade. E porem vos peço por mercee que me mãdees baptizar.

O Cide, quando esto ouvyo, tomou muy grande prazer e foyse pera dona Symhona e disselhe:

– Vedes aqui o nosso alcaide que quer seer cristão e nosso irmão ãna fe do nosso senhor Jhesu Christo: rogovos que vos praza ende e que façades guisar todo o que he mester pera esto. E ella, quando o ouvyo, prougelhe muyto e mandou guisar muy bem o que era mester. E logo em outro dia foy baptizado per mãos do bispo dom Jeronymo [...].

²⁰³ [266a] Veendo os nobres barões de Castella e de Leon o que o conde dō Pedro de Lara fazia e como sua senhora era por elle cayda en desonrrada fama, querendo casar cō seu vassalo, foron todos contra elle e nō quiseron consentir que se fizesse tal casamento. E os principaaes que esto fezerō foron dom Gomez de Maçanedo e dom Goterre Fernandez de Castro. E ouveron logo seu acordo con todollos outros ricos homẽs, que alçassem por rey o iffante dom Afõso, filho do conde dom Reymon e da reynha sua senhora. E alçarõno logo por rey, nō o consentindo a reynha sua madre nẽ o conde dom Pedro de Lara; ante o contradiziam muito.

²⁰⁴ Depois que o iffante foy alçado por rey, temendosse de o desherdar do reyno o conde dom Pedro falou cō seus vassalos e disselhes en que maneira poderia prender seu padraστο. E Guter Fernãdez de Castro antre todos speçialmente lhe disse:

– Senhor, prendeeo en estas cortes que hora vossa madre faz em Valen e ella con elle.

E el rey disse:

– Non ey cavaleiros cō que o possa fazer.

E Guter Fernandez lhe respondeo:

– Eu vos darey trinta e cinco cavaleyros e trezentos homẽs de pee, se o quiserdes fazer. E, se o non fizerdes, nũca serees senhor da terra.

Logo aquela noite, depois que se todos foron pera suas pousadas, ficou o conde soo con a reynha muy seguramẽte. E, depois que ouverõ çeado, non se guardãdo de tal cousa, entrou el rey dom Affonso per o paaço e prendeu logo sua madre e seu padraστο; e mandou logo levar sua madre / [266b] pera as torres de Leon. E o conde, cuydãdo logo seer morto, fezlhe preito e menagem de nunca curar mais de sua madre e se partir logo de sua terra e nũca a ella mais vñir em toda sa vida. E enton se foy pera Aragõ.

E, pero que el rey era muy moço, ajuntou muy grande hoste e foy sobre os Aragoeses que tiñham algũas fortalezas que eram suas e combataios muy esforçadamẽte. El rey d’Aragon soube esto e sayu logo con sua hoste contra Castella e veo per terra de Navarra. E aly ouveram de lydar ambos en campo. Mas os prelados e os outros senhores ²⁰⁵ veendo o grande perigoo que desto podia vñir aa terra e como os mouros podiam tomar tal ousança per que se outra vez poderia perder a Espanha, trabalharon de os poer en paz e pedironlhe por merçee que non lidassem. Entom tiveram que era razon aguisada que el rey dom Afonso de Castella, por que era moço, que rogasse a el rey d’Aragon que lhe leyxasse seu reyno en paz, ca per dereito nō lho devya de teer e elle aparelhado era de lhe obedeeçer e o ajudar assi como a padre. E el rey d’Aragon, quando vyo tã mesuradas palavras, respondeo a ellas con grande cortesia dizendo:

– Agradeço muyto a Deus e a meu filho el rey a mesura que me envya dizer. E, se esto ante ouvera feito, nũca me ouvera por enmiigo mas ajudador. E, pois que me demanda graça, non lhe quero teer do seu nenhũa cousa.

Entom mandou el rey dom Afonso d’Aragon mandou que todalas villas e castellos que estavon por elle, que as entregassem a el rey dom Afonso de Castella. E aly firmaron suas pazes e daly adeante nō ouveron mais guerra. E, depois que todo esto foy feito, tornousse cada hũu pera seu reyno. E, logo a poucos dias, sacou el rey d’Aragon sua hoste e foy sobre Bayona e ouve hy muy grande batalha, enna qual morreo Afonso Jordam / [266c] e o conde dom Pedro de Lara. E dizẽ que a morte do conde foy per esta guisa que, andando na batalha, cayu o cavallo con elle e deulhe o arçon da sella no estamago e morreo logo. E trouverõno a soterrar a Santa Maria de Burgos.

Depois que se el rey partyo de Bayona, chegaronlhe novas que lhe entrara grande hoste de mouros pella terra. E elle foy logo pera alla e achousse con elles en hũu logar que chaman Fraga e aly ouve sua lide con elles e foy vencido. Mas ²⁰⁶ aquy desacordam os estoriadores, dizendo algũus que esta maa ventuyra lhe veo por que consentyo en Leon britar as egrejas e tomar o que achavon dentro. Outros contam que quis Deus delle tomar vingança por que leixou sua molher soltar a todo mal e que porem foy vencido e morto en aquella lide. Outros dizem que nō morreo hy mas que se foy a perder como el rey Rodrigo. Outros affirmam que se fez romeu e que depois a grande tempo se mostrou a muytos en Castella e que o conhecerom e que depois se mostrou en Aragon a algũus, dizendolhe algũas cousas que ouvera con elles per que o conhecerõ. Mas el rey dom Afõso, filho do conde dom Reymon de Barçellona, que reynava empos elle, quando ouvyo dizer como era vivo o rey seu anteeçessor e que era no reyno e que muytos o criiam, pesoulhe muyto e, temendosse delle, mandouho prender e matar. E dizem que o enforçaron como falsairo que se fazia quem nō era. E o arcebispo dom Rodrigo diz en sua estoria que morreo dependurado. Mas hora leixaremos aquy de falar desto e tornaremos a el rey dom Afonso de Castella.

CAPÍTULO DCC

Como el rey dom Afonso de Castela soltou sua madre e da guerra que antr'elles ouve depois

Depois que el rey dō Afonso reynou en Castella e Lëo mandou tyrar de prison sua madre. / [266d] E ouveron ambos antre sy tal avêça que retevesse ella pera sy o que lhe prouvesse e que o al ficasse a elle. Mas esta avêça non durou muyto, ca logo a reynha começou de fazer muyto mal na terra do filho, de tal guisa que ouve antr'elles grande guerra, ca ella, por as terras que tiinha, ajuntou a sy muy grandes companhas. E, por teer que lhes dar, mandava tomar todollos ornamentos dos ²⁰⁷ moesteiros e egrejas, assi como cruces e calezes e outros ornamêtos con que servem os santuarios.

E chegou aa çidade de Leon e demandou aos monges de sancto Ysidro que lhe fizessem ajuda. E elles disseron que non tiinham que lhe dar. E ella, con grande sanha, mandou a seus cavaleiros que entrassem no moesterio e tomassen quanto achassen. E os cavaleiros lhe disseron:

– Senhora, entrade vós allo e dadenolo aca.

E ella, como molher endiabrada e chea de soberva, entrou dentro con suas donas e tomou quanto achou. E, en saindo con todo pella porta da egreja e teendo hũu pee fora e outro dentro, quebrou per meo do corpo e morreo maa morte. E dizem algũs que esto non foy por o tesouro que ella tomava, mas por que o queria pera maaos husos e o degastar en desonrra de Deus, ca Deus mais se paga da alma de hũu justo que de todos os metaaes que son sobre a terra. Mas, por que ella cometeo grande soberva, deulhe Deus muy grande pena.

E desta guisa morreo a raynha dona Orraca e soterrarõna logo hy. E, quando cobriron o muymento, quebrou a cobertoira de cima per meo e nũca Deus quis que se aquelle muymêto mais çarrasse e asy está.

CAPÍTULO DCCI

Das conquistas que el rey dō Affonso fez

Este rey dom Afõso começou de reynar nos reynos de Castella e de Leon na era de mil e çento e çincoenta e sete annos e reynou quareenta e hũu anno; e sua madre reynou quatro annos depois / [267a] da morte de seu padre. Este rey dom Afonso foy muy bõo rey e muy graado e ardido e muy esforçado. E, no tempo ²⁰⁸ do seu reynado, ouve elle muitos e nobres vassalos con que vêçeo muitas batalhas e fez muytos e boos feitos.

Logo en começo de seu reynado, ouve guerra con Aragon, como ja ouvistes, e depois con os mouros e guaanhou deles Coira.

Este fez apostolar a egreja de Toledo ao arcebispo dom Bernaldo.

Este rey quebrantou muytas vezes os mouros de Merida e de seus termos.

E, aos treze dias que este rey começou de reynar, morreo o primado dō Bernaldo, tres dias do mes d'Abril e foy soterrado na egreja de Toledo. E foy posto en seu logar dom Reymon, que era bispo d'Osma. E foy dom Bernaldo arcebispo quareenta e quatro annos.

En aquel tempo, Calatrava fazia muyto dampno a Toledo. E el rey dom Afonso foy sobr'ela con sua hoste e conbateuha con engenhos e tomouha. E deuha ao arcebispo dom Reimon con outros herdamentos de muytas rendas pera a egreja de Toledo. E tomou outrossi todolos castellos que eram en termo de Calatrava; e deles derribou e algũs leixou pera sy. E os castellos eram estes: Allatos, Carbuye, Pedruch, Sancta Eufemea e Matança, Alcudya, Almodouvar. E de tal guisa quebrantou os mouros dessa vez que todos lhe davam paryas e lhe conheçiã senhorio em toda Espanha. E elle, por honrrar seu senhorio, en suas cartas se chamava rey d'Espanha.

²⁰⁹ CAPÍTULO DCCII

Como o emperador partyo os reynos a seus filhos e do que ouve con el rey d'Aragon

Conta a estoria que, quando morreo el rey dom Afonso d'Aragon, qu reynou seu yrmãao dom Ramyro que era monge. / [267b] E el rey dom Affonso de Castella começou de guerrear con el rey d'Aragon e guaanhou delle muytas villas e castellos que son aaquem do ryo d'Evro. E depois se acordaron en esta guisa que el rey d'Aragon tevesse aquella terra de m̃ao del rey dom Afonso de Castella e fosse seu vassallo e veesse a suas cortes. E el rey d'Aragon assy o fez sêpre ataa o tempo que çercarõ Conca, em que el rey dom Afonso de Castella lhe quitou o tributo que lhe avia de fazer, por muyto serviço que lhe el rey d'Aragon fez en aquel çerco.

Depois que el rey dom Afonso tornou pera Leon, pos coroa en sua cabeça e fêzesse chamar emperador. E foy casado con hũa filha do conde de Barcellona que avya nome dona Biringuella. E ouve della dous filhos: hũu delles ouve nome dom Sancho e outro dom Fernando. E ouve mais duas filhas

cõvem a saber dona Beatriz e dona Ysabel. Esta dona Beatriz foy casada con el rey dom Luys de França e ouve della hũa filha que chamaron Adelys, que foy molher do conde de Pontis. E este conde ouve della hũa filha que ouve nome dona Maria madre de dona Joana que foy rainha de Castella e de Leon. A outra dona Ysabel ²¹⁰ foy casada con el rey dom Sancho de Navarra e ouve della dous filhos e tres filhas.

O emperador, per conselho do conde dom Anrique de Lara e do conde dom Fernão de Trastamara, partyo os reynos a seus filhos e deu a dom Sancho, que era o mayor, Castella ataa Sam Fagundo e ataa Moral da Raynha e ataa Outeiro de Fumus e ataa Bruẽna e ataa Covylas e ataa Medyna e ataa o Revedo, con todo termo d'Avilla, e daly adeante como parte a Calçada de Quinea ataa as Esturas e ataa o mar. E, todo o que guanhara en Portugal con o reyno de Galiza deu a dom Fernando que era o meor.

Depois que / [267c] o emperador esto ouve feito, sacou sua hoste e foy sobre Cordova e quiseraa cercar. Mas tanto que o soube Abencanõ, que era senhor della, sayuho a receber e fizesse seu vassallo e entregoulhe as chaves da villa por que entendeo que lha non podia defender. E o emperador entrou na cidade e o arcebispo de Tolledo cantou missa na mizquita mayor. E, por que Cordova era bem pobrada, non quis o emperador leyxar en ella nen hũa gente, ca temeu de se apoderarẽ os mouros della, se mester fosse. E por esto leixou en ella aquelle Abencanon que lha dera que a tevesse em fieldade. E elle juroulhe enno livro Alcorõ e demais fez por ella menagen que a desse a elle ou a seu filho dom Sancho. Mas, depois que o emperador e os seus forõ fora nunca mais quis regeber na villa nem seer seu vassallo. E dessa vez tomou o eperador Montero e leixou o castello muy ben guardado.

²¹¹ CAPÍTULO DCCIII

Como se levantarõ os mouros a que chamarõ Almohades e das cousas que fezeron

En tempo deste emperador dõ Afõso, se levantou aalen mar hũu mouro muy sabedor en arte d'astronomya e nas naturezas d'outras cousas que avia nome Abentumero. Este falou con outro mouro mancebo que avia nome Aldemon e disselhe como avia de seer rey dos mouros. E o mancebo, por que o ja achara certo en outras cousas creio esto que lhe disse. Aquel mouro sabedor tiinha nome Abentumero e tiinha consigo hũu companheyro que avia nome Almohady e era mui letrado na ley de Mafomede. Este começou de preegar e declarar o Alcorõ. E o califfa, que os mouros ham en lugar de Papa, ajudouho a preegar antre os Almohades que entom eram reis e senhores d'Africa. Estes dous, con suas preegações, tantas gentes tornaron a sy que / [267d] el rey Abohahy que era senhor dos Alarves lydou con eles muitas vezes e venceuhos. Mas tam grande foy o poder deles que en fim foy elle vençido.

E aquelle mancebo Aldemon que dissemos andava antr'elles a guisa de rey e esto por a falsa preegaçon d'Almohady e per conselho d'Abentumero. E, depois que vëceo el rey Abuhahy, matouho e ficou ele por senhor de todolos mouros d'Africa. E pos sua seeda en Marrocos e honrrava Almohady como propheta por que ouvera Affrica per sua preegaçon. E depois passou en ²¹² Espanha e foy senhor de todolos mouros della. Desy tornousse aalẽ mar. E entom morreo Almohady. E el rey Aldemon soterrouho a par de Marrocos e os mouros o ham por sancto e en suas pressas chamanse a elle. E deste Almohady levarõ nome os Almoades.

E morreo aquelle rey Aldemon que era filho de hũu oleyro e reynou seu filho Abuhamad. Este passou en Espanha con gram poder e hũu homen de pee o matou en Portugal. Empos este reynou hũu seu yrmão que venceo a batalha de Lharcos. E, depois deste, reynou hũu seu filho que avia nome Abũhanad que foy vençido ãnas veigas de Tollosa.

CAPÍTULO DCCIV

Como el rey de França veo en romaria a Santiago e do que lhe aveo cõ o eperador

El rey dom Luys de França estava casado con dona Beatriz, filha do emperador d'Espanha, como dissemos. E algũus maldizentes por poer discordia antr'elles, disseron a el rey que sua molher nõ era filha lydema do emperador e de sua molher mas que elle a ouvera de hũa barregã que era molher refece. E a el rey pesou muyto desto e, por se fazer dello certo, fingeo que queria hir a Santiago en romarya.

Quando o emperador soube como / [268a] viinha el rey de França seu gërro foisse pera Burgos e atendeuho a hy. E, quando el rey foy preto, sayuho a receber muy hõrradamente el rey de Navarra que era hy con elle e con muytos ²¹³ condes e ricos homẽes e con el rey de Navarra que era hy con elle. E foisse el rey a Sanctiago e o emperador cõ elle desy tornaronse pera Tolledo. E o emperador teve hy muy gram corte, assi de cristãaos come de mouros. E veo hy o conde dom Reymon de Barçellona. E tantas gentes foron juntas en Tolledo que todos os campos de fora eram cheos de tendas. E tam grande ajuntamento ouve hy de nobres homẽes que el rey de França disse que non avia no mundo tam nobre gente nem tam guisada. E o

emperador deu muytas nobres doas a el rey de Frãça e aos seus mas el rey non quis tomar nen hũa cousa pera sy, salvo hũu [...] que levou a Sam Denis de França e poseo sobre a coroa dos spinhos de Nosso Senhor Jhesu Cristo.

Entom disse o emperador a el rey que o rogava que lhe dissesse por que razon vehera en Spanha. E el rey disse que por duas: a primeira, por hir a Santiago e a outra, por lhe preguntar do feito de sua molher. Entom lhe contou todo o que lhe fora dito de sua filha segundo ja ouvistes. Quando o emperador ouvyo o que el rey dizia, maravilhou-se e disse:

– Bẽ deveeres d’entender que vos non disserõ verdade, ca certa cousa he que ella he minha filha e de minha molher e neta do conde dom Reymon que aquy esta.

Entom disse o conde a el rey:

– Rogovos, senhor, que honrrees e amees vossa molher e non ponhaes duvyda en esto, ca non ha no mundo rey nem emperador que al quisesse dizer que lho eu non acooymasse muy caramente cõ a ajuda de Deus e de meu senhor o emperador. E, se vos dizees de nõ, eu vos darey lide campal ã Paris.

E el rey foy muy contẽte de quanto lhe / **[268b]** o emperador e o conde disseron.²¹⁴ E gradeçeo muyto a Deus por lhe dar molher filha e neta de tam nobres homẽes como era o emperador dom Afonso e o conde dom Reymon. Desy tornouse pera sua terra cõ muy gram prazer e en toda sua vida sempre amou e prezou muyto sua molher. Onde sabe que en este logar jaz scripto en muitos livros donde deçendẽ os reys de Portugal e suas estorias delles, cõvem a saber: como o conde dõ Anrrique, que era casado con dona Tareyja, filha del rey dom Afonso, o que tomou Tolledo a mouros, como ja dissemos, tiinha aprazada a villa de Leon que, se a quatro meses lhe nõ acorresse o emperador, que fosse sua con todas suas perteeças e como o conde morreo ante que o prazo fosse acabado. E da contenda que o emperador depois ouve con dom Afonso, seu filho; e foy vẽçido o emperador en hũa batalha que ambos ouverõ. E per que guisa dõ Afonso depois foy cercado dele en Guimarães e se o emperador alçou do çerco. E como, depois, este dom Afonso pelejou cõ çinco reis mouros e, ante que entrasse aa batalha, foy alçado por rey. Mas, desto e das cousas que acontecerom en sua vida, con todalas outras estorias dos reys de Portugal que depos el veherõ, nõs nõ diremos aquy nada mas contallas emos en fim deste livro por se entenderem melhor, posto que muitas cousas dellas fossem feitas en este tempo e as algũas estorias contem en este logar.

²⁶² **CAPÍTULO DCCXXVIII**

[268b] Como o emperador mandou ãforçar hũu infançõ

En Galiza avya hũu infançõ que avya nome dom Fernando. Este tomou per força a hũu lavrador hũa sua herdade. E o lavrador foyse querelar ao emperador daquela força. O emperador, como era homem de grande justiça, / **[268c]** mandou logo sua carta a esse infançon per aquelle meesmo lavrador en que lhe mandou dizer que tanto que visse, lhe entregasse sua herdade e lhe fizesse emenda do mal que lhe avya feito. E mandou outra carta ao²⁶³ meirinho da terra que fosse con aquelle lavrador e visse a emenda que lhe fazia e sy lho ãvyasse dizer.

O infançõ, como era poderoso, quando vyo as cartas do emperador, foy muy sanhudo contra o lavrador, dizendo que o matarya, e non quis fazer emenda. Quando o lavrador vyo que non podya delle aver dereito, tornouse ao emperador con cartas de testemunho e con outras do meirinho. O emperador quando vyo que el tam pouco curara de seu mandado falou cõ seus privados e mandoulhes que dissessem que jazia doente e que non leixassem nen hũu entrar en sua camara. E disselhes en gram puridade que se guisassem pera hyr con elle. Logo a poucos dias partiosse o emperador muy encubertamente pera Galiza. E quando chegou onde morava o infançõ mandou chamar o meyrinho e os homẽes bõos da terra por lhe dizerem a verdade daquel feito. E entanto bateron aa porta. Quando o infançon soube como o emperador aly estava, ouve muy gram medo e quisera fugir mas logo foy preso. E o emperador mãdouho enforçar aa sua porta.

E enton andou descubertamente per terra de Galiza, fazendo justiça. E tam grande foy o espanto que todos tomaron del por aquel feito que non eram ousados de fazer mal nem força hũus aos outros.

²⁶⁴ **CAPÍTULO DCCXXIX**

Como o emperador foy a terra de mouros e lhes tomou Beeça e Almarya e de sua morte delle

Depois que se o emperador tornou de Galiza de fazer suas justiças ajuntou sua hoste e foy correr / **[268d]** terra de mouros. E cercou Beeça e jouve sobr’ella tanto tempo que os cristãos nõ o podiam soffrer e fugiam do arreal. E, quando os mouros esto souberõ tomarõ conselho que dessen batalha ao emperador.

E, elle jazendo essa noite dormindo, apareceulhe Sancto Ysidro e disselhe que logo en outro dia entrasse aa batalha e que elle seria en sua ajuda e vêceria os mouros.

En outro dia, entrou o emperador con os mouros en batalha e foron vençidos os mouros e mortos muytos deles e seguyrõ o encalço apos os que fugyam çinco legoas. E, quando os mouros virõ que non podyam con ele, deronlhe a villa per preitesia que ficassen en ella por moradores. E, depois que lhe entregarõ o alcacer, pos elle hy suas gentes que o guardassem e os mouros ficaron por seus peiteyros. Mas, depois que o emperador morreo, alçaronse os mouros cõ a villa e cobrarõ o alcacer. E, por aquelle milagre que ouvistes, pos depois o emperador na egreja de Santo Ysidro coonigos e raçoeyros.

Depois que o emperador tomou Beeça, foy adeante per terra de mouros ataa que chegou a Almarya. E, tẽdoa cercada, veo en sua ajuda o conde dom Reymon de Barcellona, seu sogro, e os Genoeses; e, cõ a ajuda delles, tomou o lugar. E, depois que foy tomada, acharon en ella muy grande aver e foy hy achada hũa escudella verde d'esmeralda. E o emperador partyo todo en tres partes ²⁶⁵ a villa tomou pera sy e do aver todo fez hũa parte e da escudella outra. E entõ mãdou aos Genoeses que escolhessem. E elles escolheron a escudella verde, pero que o aver era muy grande, e teveronse della por bem pagados. E o conde dom Reymõ tomou o aver.

Tornousse entõ o emperador pera Beeça e leixou hy seu filho, o infante dom Sancho, por guarda da terra. / [269a] E elle passou o porto de Muradal e chegou a hũu logar que chaman as Fresnedas. E hy enfermou de morte e morreo so hũa azinheira. E levarõno a Tolledo e foy soterrado na egreja de Santa Marya. E esto foy na era de mil e cento e novẽeta e çinco annos.

CAPÍTULO

Como reynou dom Sancho e dom Fernando, filhos deste emperador

Morto o emperador soubeo seu filho dom Fernando e temendosse de seu yrmãao dõ Sancho foisse pera Leon reçeber o reyno que lhe dera seu padre. Outrossy dom Sancho tanto que o soube foisse de Beeça pera Tolledo e foy logo alçado por rey de Castella.

Este dõ Sancho, filho do emperador, en vivendo seu padre, foy casado con dona Branca, filha del rey de Navarra, e ouve della hũu filho que chamarõ dom Afonso. E logo ã começo de seu reynado demandou aos reys d'Aragon e de Navarra que lhe fizessem vassalagen, como faziam a seu padre. E elles disseron que lhe prazia e fizeramno assy. ²⁶⁶ Desy começou de andar per sua terra muy amado de seus vassalos.

Este rey en sua vida non quis meirinho ã sua terra. Ca, se algũu mal era feito ã algũu logar, a esse cuja a tẽça da terra era se tornava elle de muy maa guisa, en tal maneyra que cada hũu guardava sua terra de dampno, assy que non avya mester meirinho. Os concelhos outrossy de tal guisa eram avysados que non avyam mester outros juizes se non elles meesmos.

CAPÍTULO DCCXXX

Como el rey dom Fernando de Leon se foy poer en poder del rey dom Sancho, seu yrmãao, e do que ambos ouverom

[269b] Conta a estoria que el rey dõ Fernando de Leon sayu muy bõo rey mas tragia maaos conselheiros, a qual cousa he muito empeençivel aos reis, ca muytos delles foron perdidos per maaos conselheiros como este ouvera de seer, que mizcraron con elle o conde dom Põço e outros muy bõos fidalgos do seu senhorio. E elle, per maaos conselho, tomoulhes as terras que avyã. Quando se o conde dom Põço e os outros vyron desherdados foronse pera ell rey dom Sancho e contaronlhe como seu yrmãao lhes tomara as terras que lhes dera seu padre, o emperador. A el rey ²⁶⁷ dom Sancho pesou desto muyto e sacou logo sua hoste e foisse pera Sam Fagundo e fez screver o que el rey tomara ao cõde e aos outros fidalgos. E deulhes el rey en tanto viinte mil maraviidiis en que se mantevessem. Quando el rey dõ soube como viinha seu yrmãao, ouve delle muy gram medo e tomou conselho con seus ricos homẽes que maneira teerya en ello. E elles disseronlhe que se fosse poer en poder de seu yrmãao e fizesse todo o que el quisesse. E el rey dom Fernando fezeo assy, ca veo hy con muy pouca companhia. Estando el rey dom Sancho pera se asseentar aa mesa, entrou el rey dom Fernando de sospeita pello paço. E el rey dom Sancho, quando o vyo, recebeuho muy ben. E el rey dom Fernando viinha mal vestido e a cabeça apolvorada. E a ell rey dom Sancho pesou dello muyto. E fezeo logo entrar em banho e lavar a cabeça e vestyr outros panos e sperouho ataa que foy corregido de todo. Desy assẽetouho a par de sy aa mesa.

Depois que os reis ambos comeron, apartaronse en hũa camara. E preguntou el rey dõ Sancho a seu yrmãao qual fora a razon por que assy vehera encubertamẽte. E el rey dom / [269c] Fernando lhe disse que lhe fezeron entẽder que lhe querya entrar ãna terra por lha tomar e que o rogava que o nõ

quisesse fazer, ca elle prestes e aparelhado ²⁶⁸ era pera fazer todo o que el mandasse e que pera esso era hy viindo em aquella guysa. E el rey dom Sancho, quando esto ouvyo, foy movydo com piedade e disselhe assy:

– Não prougesse a Deus, meu irmãoo, que a terra que vos nosso padre deu queira eu pera mÿ nem que filho de meu padre como vos sodes faça menagen della a nê hũu homẽ. Mas, em aquello que nos elles leixou, vós aos vossos vassallos e eu aos meus, somos theudos de lhes fazer muito bem e muyta mercee. Ca, con a ajuda delles, cobraron nossos avoos e nosso padre a terra e quebrantarõ os mouros. Porem vos rogo que tornedes logo a terra ao conde dom Ponço e a todollos outros fydalgos a que tomastes e que nõ queirades creer maaos conselheiros, ca nom he vossa prol nem vossa honrra, ca muy lealmente servyron o emperador vosso padre e de mais son ja velhos e nõ he guysado que andem desterrados pella terra por mizcramentos de maaos conselheyros. E eu, por guardar nossa honrra, vÿi aquy ca nõ por vos fazer outro mal. E vos fazed logo esto que vos digo e eu logo daquy me torno.

E el rey dom Fernando comprio logo todo o que lhe seu irmãoo disse; e enton se partirom ambos, cada hũu pera sua terra, muy bem aviindos.

CAPÍTULO DCCXXXI

Como el rey dom Sancho deu Calatrava ao abbade de Fyteyro e de sua morte del rey

Estando el rey don Sancho em Tolledo, chegaronlhe novas como viinha grande hoste de mouros sobre Callatrava. E aaquella sazõ tiinhãna os freyres do Temple. E, avendo grande medo de a nõ poderen defender, frontarom a el rey que / [269d] a mandasse receber. E el quissea dar a algũu tal que lha tevesse mas nõ ho achou. Entõ estava hy, com el rey, dom Reymõ, ho abbade de Fyteiro, e con elle hũu seu monge que avya nome Diego Vaasquez e era cavalleiro muy ardido e homẽ muy fidalgo e era natural de Burueva. E, quãdo vyo estar el rey em tal cuydado que faria de Calatrava, conselhou ao abbade que lha pidisse. E o abbade nõ ho ouve por bõo recado. Mas tanto o aficou o mõge que se levantou o abbade ²⁶⁹ e pedio a el rey Calatrava. E algũus ouve hy que o tiverõ por maaõ siso. E el rey deulha.

E desi o abbade con seu monge fuisse pera o arcebispo de Tolledo e contoulhe como lhe el rey dera Calatrava e o arcebispo agradeceuhõ muyto a Deus e mandou logo apregoar cruzada per toda a terra que fossem perdoados de todos seus pecados quantos fossem ou mandassen acorrer a Calatrava. E por esto foy allo muy grande jente. E o abbade con seu monge foronssẽ cõ aquellas jentes pera Callatrava e derõlha logo. E prougue a Deus que nõ veerõ hy os mouros dessa vez.

E muytos dos que allo foron tomaron avyto de monges, segundo cõviinha a cavalleyros, e ficarõ hy por defenssores e ouverom muytas batalhas con os mouros e sempre os venceron. E o abbade veosse ao moesteyro e tomou todollos gaados e as riquezas que hy tiinha e fuisse pera Calatrava e nõ leixou no moesteyro se nõ os velhos. E, segundo conta a estorya em este logar, diz que se forom dessa vez com o abbade mais que vynte myl homẽs d'armas. E este foy o primeiro abbade que ouve ã Fiteiro. E, quando morreo, foy soterrado ã o moesteyro de Cipuelos, que he a par de Tolledo, e faz Deus por el muytos mylagres. E Diego Vaasquez vyveo despois grãde tempo, fazendo muyto bem per suas mãaos / [270a] ataa fim de sua vida.

Depois que el rey dom Sancho deu Calatrava, como ouvistes, estando en Tolledo, adoeceo dhũa enfermydade de que logo morreo e foy soterrado na egreja mayor a par do emperador, seu padre. Este dom Sancho nõ reynou mais de hũu ãno e por esso lhe chamarõ dom Sancho, o Desejado. E este pouco tempo que reynou aderençou muy bem seu reyno comprindo justiça, ca era homem muy entendido.

CAPÍTULO DCCXXXII

Como el rey dom Sancho leixou seu filho dom Afonso en guarda de dom Goterre Fernandez

Conta a estoria que el rey dom Sancho morreo na era de mil e cento e noventa e seis annos e ficoulhe hũu filho pequeno de quatro annos que avya nome dom Afonso. E algũus de seus vassallos, por fazer desacordo antre os reynos, foronse ²⁷⁰ pera el rey dom Fernando de Leon que era seu tyo e conselharõno que, en quanto o moço era pequeno, que lhe tomasse o reyno. E elle trabalhousse de o fazer quanto pode e tomoulhe villas e castellos e falava aaqueles que os tiinhãna palavras d'encuberta dizendo que o non fazia por al se nõ por que el rey dom Sancho fezera fazer menagem aos que tiinhãna as fortalezas que as nõ dessem a seu filho se non quando ouvesse quinze ãnos.

E el rey dom Sancho leixara o filho en guarda de dom Goterre Fernandez de Castro, que o criou muy bem e o guardou muy lealmente. E, depois que el rey dom Sancho morreo, veo a elle Garcia Garciz d'Aça e o conde dom Anrrique e dom Nuno, seu yrmãao, filhos do conde dom Pedro de Lara e da condessa dona Ana. E Garcia Garciz era seu yrmãao de parte da madre e era filho do conde dom Garcia,

o Crespo de Granõ. Todos este veherõ a dom Goterre Fernandez con palabras de meestria que desse o moço a guardar ao conde dõ Anrrique por que era poderoso e muyto amado dos da Stremadura. E que por esta razõ non [270b] seeria desacordo na terra e elles seeriã sempre a seu mandado e o hõrraryã como a seu mayor.

Dom Goterre Fernandez era homen muy honrrado e de simprez condiçon pero era de coração muy esforçado e non se catava de nen hũa arteiriçe. E, como como criara o iffante de sua nacença, eralhe muy grave de o dar. Pero, por partir contenda e por a grande segurança que lhe fazia o conde dom Anrrique e seus yrmãaos, entregoulhes o moço. E elles receberõno e derõno en guarda a Garcia Garcĩiz. Mas, por que elle nõ era homẽ graado nem despendedor, disse aos yrmãaos que elle non averia pera dar ao iffante o que ouvesse mester. E elles disseronlhe que o desse ao conde dom Anrrique e que elle lhe catarya o que ouvesse mester. E elle deulho.

Aquelle dom Goterre Fernandez foy homen muy honrrado e nõ ouve filho nõ hũu. Este armou per sua mãao duzẽtos cavaleiros e ouve hũu yrmãao que ouve ²⁷¹ nome Ruy Fernandez, o Calvo. E este ouve quatro filhos, cõvem a saber: Fernam Rodriguez, e Alvaro Rodriguez, e Pero Rodriguez, e Goterre Rodriguez e hũa filha que ouve nome dona Sancha Rodriguez e foy casada con Alvaro Rodriguez de Gozmã.

CAPÍTULO DCCXXXIII

Como dom Goterre Fernandez contendeo con os condes de Lara por que faziam o que non devyam

Os condes de Lara, depois que tiveron o iffante en seu poder, largaronse a fazer o que nõ devyam. Quando esto vyo dom Goterre Fernandez, pediulhes que lhe entregassem o iffante como antr'elles era posto. E elles escarnecerõ delle e tiinhãno por sandeu. E sobr'esto entrou antr'elles tal contenda por que depois ouverõ muytas lides os de Crasto con os de Lara e ouve hy muytos mortos, de guisa que se ouvera de perder o reyno por este aazo. E o conde dom Anrrique e seus yrmãaos, / [270c] temendosse dos de Castro, deron o iffãte aos de Sorya na Collaçõ de Santa Cruz. E a esta sazõ morreo dom Goterre Fernãdez e foy soterrado en Sam Cristovã Duneas.

Tanto que ele foy morto, o conde dom Anrrique demandou logo a terra aos sobrinhos de dom Goterre Fernandez, mas elles non lha quiseron dar ataa que o iffante ouvesse quinze annos como seu padre mandara. E por esto o conde dom Anrrique e seus yrmãaos dessoterrarom o corpo de dom Goterre Fernandez, dizendo que era treedor se non entregassen os sobrinhos a terra. Mas os sobrinhos salvaronse dizendo que nunca lha o iffãte demandara; e assy ficarõ sen culpa e foy depois julgado per corte que lhes nõ podiam dizer mal. E foy o corpo de dom Goterre Fernandez tornado a seu logar.

E elles ainda outra vez quiseron deitar a culpa aos sobrinhos de dom Goterre Fernandez, mas elles disseron que lhe non daryam nenhũa cousa ataa ²⁷² que o moço ouvesse quinze annos e que a este tempo daryam a terra a el rey come a seu senhor.

E sobr'esto foy antr'elles tanto desvayro e mal querença que se perdyã toda a terra, ca elles que a avyam de guardar a estragavam. E tanto creceo o mal antr'elles que el rey dom Fernando de Leon levou a renda do reyno bem dous annos e todolos outros dereitos. E o conde dom Anrique vyosse en tal afronta con el rey dom Fernãdo que lhe ouve de fazer menagen que lhe desse el rey dom Afonso, seu sobrinho, por vassallo.

E el rey dom Fernando veosse logo a Sorya pera receber o moço por vassallo, segundo lhe prometera o conde. E os de Sorya disseron ao conde dom Anrrique e a todollos outros homẽes bõos que queryam levar o moço a seu tyo, el rey de Leon. Entõ o deron a elles dizendo:

– Ex aquy nosso senhor el rey livre e sen nõ hũa prema. E vós / [270d] assy o guardaæ.

Elles tomarõno entõ e levaronno a seu tyo. E elle, quando o vyo, começou de o afaagar; e o moço chorava muy fortemente. Disse entõ o conde dom Anrrique:

– Senhor, o moço chora por mamar. Levalo ey a sua ama. E, depois que o acallentar, tragervollo ham.

E elle tomouho entõ nos braços e levouho a sua ama.

CAPÍTULO DCCXXXIV

Como el rey dom Fernando de Leon foy sanhudo por que non pode aver seu sobrinho

Depois que a ama acallentou o moço veo hũu cavaleyro de Fonte Almexi que avya nome Pero Meendez o tomouho per mandado dos condes e cobriuho de seu manto e cavalgou en çima dhũu ca cavallo ²⁷³ e foisse con elle quanto mais pode, en guisa que esse dya chegou a Sancto Stevam de Gormaz.

E el rey de Leon cõ todollos ricos homẽes estavam atendendo enno concelho de Sorya que, depois que o moço mamasse, que lho levassem. E, quando vyron que tardava e que estava el rey anojado,

mandaron por elle. E, quando foron aama, disse ella que hũu cavaleyro o levara a seu tyo. E, quando esto foy dito a el rey, foy muy sanhudo e fezesse alvoroço grande e volta na villa. E os condes vironse en grande vergõça e disseron a el rey que o hiryam buscar e que lho trageryam, como con elle avyam posto. E partironse logo delle e foronse essa noite e chegaron a Sancto Stevam de Gormaz. E o conde dom Nuno adeantousse dos outros e foy tomar o moço e foisse con elle pera Têça. E, por livrar seu senhor, nõ esguardou aa menagen que fezera.

El rey tevesse por enganado e ouve muy gram pesar e mandou hũu seu cavaleiro que fosse retar o conde e lhe chamasse aleyvoso. E o conde non lhe respondeo nen hũa cousa. E assi se tornou o cavaleyro a el rey sen nõ hũa reposta. Mas o conde veo depois / [271a] per ante el rey e elle doestouho e chamoulhe treedor. E o conde respondeo que dissesse o que tevesse por ben, ca o que elle fezera fora por livrar seu senhor de servidon, mas que elle tomasse en seu corpo qual emenda por ben tevesse. El rey pos este feito ã conselho. E respondeo Fernam Rodriguez Castelãao, dizendo:

– Senhor, non o podees prender a dereito nem lhe dizer mal por esta razon, ca elle fez ben e aguizado e grande lealdade. E daquy adeante non tenhaes femẽça por cobrar el rey, ca a lealdade dos Castelãaos vollo defendeo.

Entõ todos os condes e ricos homẽes que hy estavon outorgaron que Fernam Rodriguez dizia verdade. E por esto o deu el rey por quite da menagem que lhe fezera.

²⁷⁴ CAPÍTULO DCCXXXV

Como se el rey dom Fernando tornou pera sua terra e como dom Fernam lidou com conde dom Anrrique e o matou

Veendo el rey dom Fernando como non podia aver o moço en seu poder, tornousse pera sua terra e todallas villas e castellos que pôde tomar todallas tomou, se nõ algũas poucas que estiveron por o menyno e nõ muy seguramente, ca elle non era aynda partido de tẽça. E assi o guardavã os seus de seu tyo como o poderiam guardar da morte ou de seu enmiigo que o quisesse desherdar.

Depois que el rey dom Fernando foi en Leon, tomaron os condes o moço e forõsse con elle pera Coyra e steveron hy hũu tẽpo e daly foronse pera Hote que tiinha dom Fernam Rodriguez de Castro. E elles cuidavam de lhe tolher a terra, por que tragiam o menino consigo. E dom Fernam Rodriguez non lha quis dar, dizendo que el rey dõ Sancho mandara que lhe nom dessem nenhũa terra ataa que ouvesse quinze annos. E o conde dom Anrrique desafiouho pera lydar con elle, ca o cuydou de vençer e lhe tomar a terra. Mandou entom a / [271b] Garcia Garcĩiz que levasse el rey longe da villa e que o guardasse muy ben e que, se vencesse, que se vĩryam pera elle e que, se d'outra guisa fosse, que o levassem pera Coira.

²⁷⁵ Dom Fernam Rodriguez de Castro, seendo assi desafiado dos condes e sentindosse delles por muito agravado, sayu a lidar con elles en campo. En esta lide cambou dom Fernam Rodriguez suas armas com hũu cavaleiro de Portugal, natural de Riba de Payva, que vivia con elle e avya nome Ruy Paez e era morador en Tavaneira, hũa aldea que jaz a so Castro Exarez. E esto fez elle por que o conde dom Anrrique avya hũa virtude que qual quer a que desse con sua lança, cõviinha de morrer daquella ferida. E dom Fernam Rodriguez avya outra virtude que en todallas lides en que entrava avya de vençer.

Depois que o conde dom Anrrique ouve postas suas aazes, começaronlhe de tremer as pernas, assi como avya de costume. E, nom embargando esto, era muy boon cavaleiro d'armas. Quando o assi vyo tremer o conde dom Nuno, seu yrmãao, disselhe:

– Irmãao, que pode esso seer que vos assi tremen as pernas, estando en tal logar?

Respondeo elle e disse:

– Irmãao, a carne he cousa mezquinha e recea a morte e toda cousa de pavor. Mas o coraçõ firme está en seu logar pera fazer o que deve.

Depois que as aazes foron ajuntadas de hũa e da outra parte, o conde nõ catava por outro se non por dom Fernam Rodriguez. E, logo que vyo aquelle que tragia suas armas, aderençou a elle e deulhe hũa tal lançada que lhe non teverõ prol as armas que logo non caesse morto en terra. Entõ disse a grandes vozes:

– Ferideos, ca morto he dom Fernam Rodriguez!

E dom Fernã Rodriguez sayu de traves e disse:

– Certamente vos mentiis, ca eu son Fernam Rodriguez.

²⁷⁶ E deulhe tam grande golpe de lança que o / [271c] deitou em terra. E, quando foy sobr'elle, disselhe o conde:

– Arteiro sooes, mas nom boon cavaleiro.

E, ante que se o conde dõ Anrrique levantasse foy morto. E foy preso seu yrmãao dom Nuno. E Garcia Garcĩiz fugyo con el rey dom Afonso pera Coyra. E os da villa receberam ben seu senhor e ouveron con el gram prazer e esteve hy tres annos.

Depois que el rey dō Afonso ouve dez annos, veeronse pera elle os ricos homēes e os outros homēes bōos da terra pera andarem con elle per cada logar, cobrando o que lhe tiinha forçado seu tyo, el rey dom Fernando. E hyam con elle cēto e çincoenta cavaleiros da vila que o aguardavam e andavam sempre con elle.

Dom Fernam Rodriguez de Castro tiinha preso o conde dom Nuno, ca o prendera na batalha, como ja ouvistes. E envioulhe o conde dom Nuno mover preitesya que o soltasse e levarya seu yrmāao a soterrar e que, depois que fosse soterrado, que se tornarya a sua prison e que desto lhe farya menagen, elle e outros con elle. Dom Fernam Rodriguez, non se catando de nen hũu engano, teveo por bem e soltouho. E o conde fezlhe menagen e outros con elle e levou logo seu irmāao. Mas nunca o quis soterrar por nō vīir aa menagem²⁷⁷ que fizera. Ante o meteo ē hũu ataud e poseo en çima dhũa torre. Quando dom Fernam Rodriguez vyo que non queria tornar aa prison como prometera, envyoulhe dizer que se tornasse aa prison se non que lhe mandarya dizer mal porem. E o conde envyoulhe dizer que non era theudo de tornar a sua prison ataa que soterrasse seu yrmāao, o que elle non entendia de fazer por nō tornar a sua prison. E que, se sobr'esto o quisesse desafiar, / [271d] que elle lhe responderya a ello cada vez que el quisesse. E dom Fernam Rodriguez tevesse por enganado.

CAPÍTULO DCCXXXVIII

Como el rey dom Afonso foy sobre Lopo d'Arenas que se levantou con Çorita e do que lhe aveo cō Domīguelho

Andando el rey dom Afonso pello reyno por cobrar os logares que lhe tomara seu tio el rey dom Fernando, outrossy por seer conhecido por rey e senhor da terra, chegoulhe mandado como se alçara Lopo d'Arenas con Çorita. E el rey sacou logo sua hoste e foy sobr'elle. E o conde dom Lopo, quando o soube, veosse pera el rey muy ben aconpanhado e assiinoulhe el rey logar de que combatesse. E o castello estava muy ben bastecido d'armas e de viandas.

Estādo Lopo d'Arenas assy cercado mandou dizer a el rey que se querya vīir pera sua mercee. E que pera esto mandasse ao castello dous condes con que fallasse sua preitesya, convem a saber: dom Moninho e dom Osterio. Os²⁷⁸ condes foron ao castello per mandado del rey. Mas, dentro logo foron presos. E el rey tēvesse por muy escarnido delle.

Mas sayu do castello hũu homem que avya nome Dominguelho e veosse pera el rey dizendo que se lhe fizesse merçee, que el lhe guisarya como tomasse o castello. E el rey lho prometeo. Enton lhe disse Dominguelho:

– Senhor, daaeme hũu homen a que dê hũa ferida de que saya sangue. E, desque o ferir, fugirey pera a villa e vos mandaae apos mỹ braadando dizendo: «Prendeo!». E eu direy a Lopo d'Arenas que fery hũu homē honrrado que estava falādo cōvosco e dizendo muito mal delle. E per esta guisa tornarey en sua privança. E entom guisarey como vos dê o castello.

A el rey pareceo esta razon boa mas disse onde poderya eu aver homen que se assi leixasse feryr. E estava ant'el hũu cavaleiro de Tolledo que avya nome Pero / [272a] Diaz e disse:

– Senhor, por vós cobrardes o castello, eu sperarei hũa ferida.

Entom Dominguelho feryuho, con hũu cuitello astroso que tragia, de guisa que nō morresse. E, logo que lhe deu, fugyo pera o castello. E muytos da hoste empos delle braadando que o prendessem ataa que o ençarrarō no castello. E Lopo d'Arenas quando o assy vyo vīir pregūtoulhe que fizera ou por que viinha assy. E Dominguelho disse que matara hũu cavaleiro honrrado que estava falando con el rey e dizendo muito mal delle. Desto prougue muito a Lopo d'Arenas e amouho muyto por ello daly adeante e fezeo guarda moor sobre os velladores todos.

²⁷⁹ CAPÍTULO DCCXXXIX

Como el rey dom Afonso cobrou Çorita

Stando hũu dia Lopo d'Arenas fazendo a barba e non estando hy outro nen hũu se nō o alfageme que lhe fazia entrou Dominguelho con seu venabre enna mãao. E Lopo d'Arenas lhe preguntou como andava assy. E el disselhe que essa noite caera hũa vella e que a fazia adubar. E, en dizendo esto, deulhe do venabre tam gram golpe que non falou mais. E sayusse logo do castelo per hũu furado que no muro tiinha feito. E foyse pera el rey e disse:

– Senhor, cumprido he o que vos prometi e mandaae logo entrar o castello, ca non ha hi quem o defenda e seede certo que ja nunca vos mais desservirá Lopo d'Arenas, ca eu lhe dey tal golpe deste venabre que logo foy morto.

En esta sazón era con el rey en este cerco o conde dom Lopo, segundo ja dissemos. E, desde el rey teve o castello, espediosse del pera se hir pera sua terra. E el rey lhe gradeceo muito por que o vehera ajudar per seu corpo e con seus vassallos e disse:

– Conde, vos me avees feito tanto serviço, por que eu soon muy theudo de vos fazer ben e merçee. E porem quero que tenhaes de m̃y mais terra que a que tevestes atãqui.

Respondeo / [272b] o conde e disse:

– Senhor, tenhovos ã gram merçee quanto me dizees e por que avees conhecimento do serviço que vos fiz. Eu, senhor, pera vosso serviço non devo seer chamado,²⁸⁰ ca o dereito chama todo vassallo leal cada que o seu senhor ha mester pera seu serviço. E eu, senhor, non ṽi aquy por me vós peitardes, se nõ por comprir meu dever e ṽi guardar meu dereito. E poren seede certo que desta vez non tomarei de vos nen hũa cousa, ca meu serviço seria logo prasmado. Mas outra vez ṽiurey a vos e vos farey moor serviço. E enton tomarey de vos o que me quiserdes dar.

E, depois que o conde disse estas razões, foyse seu caminho.

Este rey dom Afonso depois que foy crecido en idade foy de bõo entendimento e de boas manhas. Este cobrou todalas villas e castellos que lhe tiinha seu tyo el rey de Leon e ouveron ambos muitas cõtendas e batalhas. Pero a estoria non devisa que algũu delles fosse vençido, se nõ diz que el rey dom Afonso cobrou todolos logares que lhe tomara seu tyo en quãto era pequeno e esto por que os que os tiinhã logo lhos entregavon, pero ouvessem feitas as menagẽes a el rey de Leon, porque este era seu senhor natural.

Depois que el rey cobrou toda sua terra, como ja dissemos, mandou aos das villas que consigo tragia que se fossen pera seus logares e õuvesse deles por ben servido. E en este tempo veeron a el rey dom Afonso todolos ricos homẽes do reyno e deromlhe os logares que tiinhã. E esto foy ante do prazo que el rey dom Sancho mandou en seu testamento.

CAPÍTULO DCCXL

Como el rey dom Afonso casou con a filha del rey d’Ingraterra

Depois que el rey dõ Afonso ouve assessegado seu reyno, fez cortes en Burgos e foron en ellas juntos e todolos altos homẽes de seu / [272c] senhorio e todollos²⁸¹ prellados e homẽes bõos dos concelhos. E foy en ellas acordado que, pois ja el rey era homen de doze annos, que o casassem. Enton mandarõ per seus embaxadores pedir a el rey d’Îgraterra hũa sua filha que avya nome dona Lyonor e era moça de nove annos. E estes embaxadores foron dous ricos homens e con elles dous bispos.

Quando estes messegeiros chegaron a el rey d’Ingraterra el os recebeu muy ben e lhes fez muita honrra. E depois que falaron aquello por que hyam, a el rey prougue e deulhes sua filha. E elles veheronse con ella e chegarõ a Burgos, onde foron muy ben recebidos. E el rey dom Afonso fez hy suas vodas muy nobres e con grande hõrra. E veheron a ellas muitos nobres cavaleiros de França e d’Aragon e de Leon e doutras partes. E deu el rey en suas vodas muytas joyas e grandes nobrezas.

Esta raynha sayu muy noble senhora e foy muy fremosa molher. Esta foy yrmãa del rey Richarte, que foy muy boon rey e de grande esforço, e do duque de Bretanha e del rey Johã Sen Terra. E ouve duas yrmãas: hũa foy raynha de Cezilya e a outra duquesa de Sãsonha.

CAPÍTULO DCCXLI

Como el rey dom Afonso se namorou dhũa judia e se ençarrou con ella e como lha mataron seus vassallos

Seendo el rey dom Afonso casado como ouvistes, esteve en Burgos quanto tempo lhe prouve e depois foyse pera Tolledo con sua molher. E, estando hy, vyo hũa judya que era mui fremosa e pagousse tanto della que leixou a raynha, sua molher, e eçarrouse cõ a judya hũu grande tempo, en tal guisa que o non podyam²⁸² della partir nem se pagava tãto doutra cousa como della. E, segundo conta o arcebispo dom Rodrigo en sua estorya esteve ençarrado con ella sete meses, assi que se non nembrava de sy nem de seu / [272d] reyno nem de nenhũa outra cousa. E diziam algũus que este amor tam grande que elle avya a esta judya que non era se non por feitiços que lhe ela sabya fazer.

Veendo os condes e ricos homeens como o reyno estava en grande perigoo por esta razom, ouveron seu acordo como posessem recado sobr’este feito pois que era tam maa e tanto contra cõciencia. E o acordo foy que a matassen. Este conselho avudo entraron hũu dia onde el rey estava, fazendo finta que lhe queriam falar. E, depois que todos foron ante el rey em quanto hũus falavõ con elle, os outros entraron onde estava aquela judya e acharõna seer en muy nobres estrados e degolaron ella e quantos con ella estavam. Desy foronse logo.

E, quando el rey esto soube, foy tam coitado que non sabia que fazer, ca tanto a amava que se queria perder por ella. Entõ o tomarõ algũs de seus vassalos e levarõno fora de Tolledo a hũu logar que chamã Yliescus que son seis legoas da cidade.

Estando el rey en aquel logar e jazendo hũa noite cuydando en feito daquela judia, apareceulhe hũu angio e disse:

– E como, Afonso, ainda estás cuidando no mal que has feito, do qual Deus recebeu gram desserviço? Mal fazes, ca sabe por certo que caramente o demandará a ty e a teu reyno.

²⁸³ El rey quando esto ouvyo, foy muy maravilhado e preguntoulhe quẽ era. E elle lhe disse que era angio de Deus que fora envyado a elle con aquella messagen. El rey, quando esto ouvyo, pos os geolhos en terra e pediolhe por mercee que rogasse a Deus por elle. E o angio lhe disse:

– Sey certo que tam gram sanha ha Deus de ty por este pecado que o demandara nõ soamente a ty mas ao poboo de teu reyno por que to consentyo. E, por este pecado que tu fezeste, non ficará de ty filho que reyne / [273a] no logar que tu reynas, mas ficará do linhagen de tua filha. E, daquy adeante, partete de mal obrar e non faças cousa por que Nosso Senhor tome de ty mayor sanha.

E, logo que lhe esto ouve dito, desapareceo e ficou a camara comprida de maravilhoso odor e con grande claridade.

El rey ficou muy triste por o que lhe disse o angio e des aly adeante andou nos caminhos de Deus e fez boas obras e emendou muito en sua fazenda, como adeãte ouvirees.

CAPÍTULO DCCXLII

Como el rey dom Fernando de Leon pobrou Cidade e Salamanca e outros logares

Contam as estorias que el rey dom Fernando de Leon, filho do emperador, era muy esforçado cavaleiro en armas e ben aventuyrado en todos seus feitos. Este fez muyto ben aas hordeens e as dotou de muitos herdamentos; mas depois que ²⁸⁴ seu filho dom Afonso reynou tomoulhe muitos destes herdamentos por que vyo que seu padre as dotara sen razon.

Este dom Fernando era mais amado dos seus que temudo. Elle foy casado cõ dona Orraca, filha del rey dom Afonso de Portugal, e ouve della hũu filho que ouve nome dom Afonso. E, pero que eram sogro e genrro, nũca avyam paz.

El rey dom Fernando, per conselho dhũu rico homen de Portugal que avya nome dom Rodrigo que se veera pera el, pobrou Cidade Rodrigo e daly fazia muito mal a Portugal. Outrossy pobrou, en termo de Sallamanca, Ledesma e pobrou, en termo de Coira, Graada. E pobrou Valença e Benavête e Villarando e Mayorga e Manselha e Crasto Tarafe.

En esta sazõ era Sallamanca muy ben pobrada e tiinha muy grandes termos, mayores que nen hũa outra villa que ouvesse en termo de Leõ. E pesoulhe muyto por que lhe el rey to/mava [273b] os seus termos. E alçaronse cõtra elle e lydaron con elle en Val de Musgo e foy seu caudel Munho Aranha e foron vençudos. E el rey tomou preso este seu caudel e mandoulhe cortar a cabeça. E os de Sallamanca pediron por mercee a el rey que lhes perdoasse. E elle fezeo por cobrar a villa.

CAPÍTULO DCCXLIII

Como el rey dom Afonso de Castella deitou do reyno dom Fernam Rodriguez de Castro e como el rei de Leon lidou con os mouros e de sua morte

El rey dom Afonso de Castela, per enduzimento dos condes de Lara, tomou a terra a dõ Fernam Rodriguez de Castro e deitouho fora do reyno. E elle foisse logo pera os mouros e ajuntou gram poder delles pera hir sobre Cidade Rodrigo ãte que se del percebessen.

Mas o glorioso Santo Ysidro pareceu ao tesoureyro da egreja e disselhe como hũu principe cristãao con gram poder de mouros viinha sobre aquella cidade e que mandasse logo dizer a el rey dom [...] que lhe acorresse. E desy desapareceu. E o tesoureyro disse logo aos da villa. E, por que ella nõ era ben cercada, ²⁸⁵ poseron muyta madeira e arcas e escanos per onde o nõ era. E assi se defenderõ ataa que foron acorridos del rey dom Fernando a que o logo mãdaron dizer.

E, quando elle chegou, lydou cõ os mouros e matou delles muytos e os outros foron vencidos. Mas dom Fernam Rodriguez posesse en tal logar con toda sua gente que se nõ quis vencer. El rey dom Fernando, vêedo como dom Fernam Rodriguez era mui nobre fidalgo e de gram coraçõ e que, andando elle cõ os mouros, podiasse delo seguyr grande mal aos cristãaos, moveolhe preitesia que se veesse pera elle e que lhe daria muy boa terra que del tevesse. E dom Fernam Rodriguez / [273c] ficou con elle.

Este dom Fernam Rodriguez era homen de forte coraçõ e sentiasse muito do mal que lhe buscaron os condes de Lara, moveo sua contenda con elles. E lidou con elles en campo en hũu logar que

chaman Lobrega e venceuuhos e matou seu sogro, o conde dom Ossoyro, por que viinha contra elle. E matou Alvaro Goterrez e prendeo o conde don Nuno e muitos outros cavaleiros. E dom Fernam Rodriguez disse ao conde dom Nuno:

– Certamente, conde, preso vos tenho agora, nom embargando que outra vez saistes de minha prisõ per vossa menagen e nõ quisesstes hy tornar.

E o conde lhe disse que non era theudo pois nom soterrara seu yrmãao. Dom Fernam Rodriguez, teendoo en pouco e querendosse delle hõrrar, disselhe:

– Se me outra vez fezerdes menagen que a certo dia tornees a mynha prison, leixarvos ey hir soterrar vosso yrmãao Alvaro Goterrez e pensar de vossas feridas.

E o conde dom Nuno pensou que lho dizia d’escarnho; mas dom Fernam Rodriguez compriolhe o que disse. E elle fezlhe menagen e entom o soltou e o conde fuisse pera Castella. Quando foy o dia do prazo a que o cõde avya de ²⁸⁶ tornar aa prison, soube como dom Fernam Rodriguez era en hũu logar que chaman Donas a par de Palença con pouca companhia. E veu hy a elle con seis centos cavaleiros e disse:

– Dom Fernam Rodriguez exme aquy en vossa prison. Mandaame prender.

E dom Fernã Rodriguez, vêedo que aquello era arte maliciosa, nõ curou delle, ca entendeo que, se o quisesse prender, que lho defenderia. E o conde frontoulhe que o prendessem e tomou testemunhas como se offerecia a [273d] sua prison e nõ o querya prender. E desy fuisse.

Dom Fernam Rodriguez, depois que matou o conde seu sogro, leixou a filha con que estava casado. E ela casousse logo con Pedrayras e ouve dela hũu filho a que chamarõ dom Rodrigo Perez de Villa Lobos. E el rey dom Fernando casou dom Fernam Rodriguez con dona Stevayna, sua yrmãa de gaança. E ouve dela hũu filho que ouve nome dõ Pero Fernandez, o Castelãao, que foy homẽ de grande estado e muy honrrado.

²⁸⁷ Depois desto ouve el rey dom Fernando hũa batalha con el rey dom Afonso de Portugal porque el rey dom Afonso, con pesar que ouve porquanto el rey dom Fernando pobrara Cidade Rodrigo, donde lhe viinha muyto dampno, e especialmente por que lhe lei ²⁸⁸ xara sua filha, foy cercar Badalhouce, que era da conquista del rey dom Fernãdo. E foy el rey dom Afonso preso en essa batalha e fez menagen a el rey dom Fernãdo que, tanto que cavalgasse en besta, que se tornasse a sua prison. E el nunca depois quis cavalgar por non aver razon de tornar a ella. E cobrou el rey dom Fernando a villa e depois a perdeu. E, sabendo os mouros como el rey dom Afonso de Portugal nõ cavalgava en cavalo, o vederõ cercar a Santarem. E este rey dom Fernãdo foy con sua hoste pera o decercar e os mouros fugiron. Depois de todas estas cousas as quaaes vos contaremos cõpridamente quando falarmos das estorias dos reis de Portugal ²⁸⁹ [273d] por que ja era morta a raynha dona Orraca, filha del rey de Portugal que el leixara casou este rey dom Fernando con dona Tareyja, filha do conde dom Fer ²⁹⁰ nando de Trava, que fora molher do conde dom Nuno de Lara. E, depois que morreo esta dona Tareyja, casou el rey con dona Orraca Lopez, filha do conde dom Lopo de Navarra, / [294a] e ouve della dous filhos: dom Sancho e dom Garcia.

E este rey dom Fernãdo reynou en Leon triinta e hũu annos e morreu en Benavente na era de mil e II^o e viinte e seis annos. E foy soterrado na egreja de Sanctiago.

CAPÍTULO DCCXLVI

Como reynou dõ Afonso, filho deste rey dom Fernando

Depois da morte de el rey don Fernando, reynou seu filho dõ Afonso. Este dõ Afonso era neto del rey dom Afonso Anriquez de Portugal. E, en quanto seu padre era vivo, sua madrastra dona Orraca buscavalhe todo o mal que podya, de guisa que nõ podya viver no reyno e hyasse a Portugal pera seu avoo que lhe mandara dizer que se fosse pera elle e que lhe darya en seu reyno en que vivesse. E, el hĩdo pera alla e passando o Tejo en hũu batel, chegoulhe recado como era morto seu padre. E el tornousse logo pera Leon.

Em esto dom Diego Lopez, que fora alferez del rey dom Fernando, depois que el rey foy soterrado, disselhe a rainha dona Orraca, sua yrmãa:

– Irmãao, vos podees fazer que reyne meu filho dom Sancho, con tanto que vos tomees con elle voz e lhe dees o pendom do reyno que teendes.

E dom Diego lhe disse:

– Irmãa, nõ farey tal cousa como essa, ca non he aguisado porque dom Afonso he mayor e el deve de reynar. E a el darey eu o pendom, ca el o deve d’aver. ²⁹¹ Eu ajudarvos ey como yrmãa a guardar todo vosso dereito, se vos alguem quizer tolher algũa cousa de vossas arras. Mas guardam’ey / [274b] de fazer tal erro ão qual me poderiam travar os homeens con dereito.

Tanto que dom Diego soube como viinha dõ Afonso, sayuho a receber muy ben e deulhe o pendom e a terra que tiinha de seu padre e fezeo loga alçar por rey. E el rey quiseralhe logo dar o pendom e a terra como a tiinha de seu padre. Mas elle nõ a quis e fuisse logo pera a raynha sua yrmãa e

basteceolhe muy ben os seus castellos d'Aguyar e Monte Agudo, por que ouve medo de lhe fazer mal el rey dom Afonso, por a sen razon e desterramento que lhe ella buscara con seu padre.

CAPÍTULO DCCXLVII

Da grande guerra que faziam a el rey dom Afonso en começo de seu reynado e do que sobr'ello aveo

Depois que el rey dom Afonso foy alçado por rey de Leon, foy muy boo rey e muy piedoso e muy forte cavaleiro en armas. E logo nos primeiros anos do seu reynado, fezlhe grande guerra el rey dom Afonso de Castella e outrossy el rey dom Afonso de Portugal. E elles, con o grande aficamento da guerra, ve[...]se pera el rey de Castella que fazia cortes en Carryon e ficarõ [...] por seus vassalos e beyjaronlhe a mão e elle os fez cavaleiros.

²⁹² E fez outrossy cavaleiros el rey d'Ingraterra e Corrado, filho do emperador de Roma, e esposouho cõ sua filha, a iffante dona Biringuella. E ella contradisse o casamento quanto pode. E dom Gregorio, que era cardeal e legado da Espanha, partyuhos per dereito de tal casamento. E Corrado foisse pera sua terra e a yfante ficou por casar. E, depois que as cortes foron feitas, foronse cada hũu pera suas terras e desta guisa ficou a terra en paz per longo tempo.

Este dom Afonso, rey de Leon, era homen que se movya ligeiramente per dito de seus conselheiros. E, per conselho delles, casou con / [274c] dona Tareyja, filha del rey de Portugal. E ouve della hũa filha que chamarõ dona Aldonça e dom Fernando, o que morreo sen filhos. E este casamento lhe conselharon fazer por despeito del rey dom Afonso de Castela, ca non se tiinha por hõrrado por que recebera a cavalaria de sua mão. Pero õuvesse de partir depois daquel casamento per mandado da egreja.

Depois desto entrou antr'elle e el rey de Castella tal desavêça que ouverom muy gram guerra. E, por averem paz, casou el rey dom Afonso de Leon con dona Biringuella, filha del rey de Castella. E por esta razon ouve antr'elles paz. E, depois que se el rey de Leon vyo sem guerra, entendeo que podia bẽ acoomyar a sua madrasta dona Orraca quanto mal lhe fezera.

CAPÍTULO DCCXLVIII

Como el rey dõ Afõso de Leon cercou Aguyar e Mõte Agudo

Conta a estoria que el rey don Afonso de Leon mandou dizer a seu sogro como queria hyr cercar os castelos de sua madrasta e que o rogava que lhe mandasse ²⁹³ algũa ajuda pera ello. E elle envyoulha muy de grado. E el foy logo cercar os castellos d'Aguyar e Monte Agudo. E por esta razon se partyo del rey de Castella, desaviindo, dom Diego e foisse pera Navarra. E daly começou de fazer guerra a Castella e a Leon. El rey de Castella quando esto vyo, pesoulhe muyto e el rey de Leon foisse logo pera elle e leixou os castellos cercados. Desy moverõ logo anbos e foron sobre dom Diego. E ally ouve hũu muy nobre torneio e muy forte que foy assaz bem fallado, no qual se provaron en armas muytos e bõos cavaleiros. Mas en fim foron os Navarros arrancados aquel dya do campo.

E foron ajuntados en hũu os reys de Castella e de Leon e de Navarra e d'Aragõ, / [274d] fazendo suas vistas en Alfaro. E ally foron acordados todos en hũu per conselho da raynha dona Sancha, sa madre del rey d'Aragon, que os soube todos muy ben concordar. E, depois que todollos reys foron concordados e poseron antre si seu amor, ficou dom Diego deseparado fora da mercee destes reis. E el foisse a Valêça pera os mouros e fazia grande guerra a Aragon.

El rey, quando esto soube, veo sobre Valença e combateuha tam fortemente que chegou aas barreiras. Os mouros deron a dom Diego certo lugar que guardasse. E el rey dom Pedro foy combater aquele lugar e mataronlhe aly o cavallo e ficou a pee. Quando dom Diego vyo el rey assy a pee, deulhe hũu cavallo en que se saisse e os mouros teveronlhe por mal por que o non prendeo, ca o podera muy ben fazer. E el lhes disse que o nõ mandasse Deus que o el en tal maneira prendesse, ca era neto do emperador. E, por esta sanha que os mouros del ouverom, foisse dom Diego pera Marrocos.

²⁹⁴ **CAPÍTULO DCCXLIX**

Como el rey de Leon cobrou os castellos de sua madrasta

El rey dom Afonso de Leom ouve da raynha dona Biringuella dous filhos: dom Fernando e dom Afõso. E ouve mais duas filhas: dona Costança, que foy mõiça e senhora das Olgas de Burgos, e dona Biringuella, que foy casada con dom Joham de Bretanha.

Este dom Joham de Bretanha, da parte doutra molher que ouvera, fora rey de Jerusalem; e ouvera daquella molher hũa filha que esposara con dom Valdovim, emperador de Costantinopla. E, por que este don

Valdovim era ainda moço muy pequeno / [275a] e nõ podia defender o reyno aos Turcos encomendou o Papa o imperyo a este don Joham de Bretanha que o tevesse. E elle recebeuho. E, en quanto viveo, sempre foy emperador e sua molher emperatriz e defendeo muy ben o imperyo. E, quando este dom Joham morreo, Baldovym e sua molher ouverom o imperyo.

Depois que el rey dom Afonso mandou cercar os castellos de que vos ja contamos, os cavaleiros que os tiñham defendiãnos muy ben e non os queryam dar per nenhũa maneira. E foy morto o alcaide de Monte Agudo de hũa seetada e por esta razon cobrou el rey aquelle castello. O alcaide que tiñha Aguyar defendeuho muy ben sete annos, seendo sempre cercado. E a cabo de sete annos, faleceulhe o mantiimento e a gête, ca hũus morryam, outros fugiam cõ fame, en tal guisa que ficou o alcaide soo no castello. E, defendendoo, comya as bestas e os coiros e ratos e todalas outras cousas que podia aver e ainda as hervas.

E, depois que lhe todo faleceo, tomou as chaves na mǎao e foyse aa porta do castello e, con a grande fraqueza, caeo atravessado en meo das portas non ²⁹⁵ avendo de sy acordo, pero que comungou da terra. E jouve assy desemparedado que passava de meo dya. E os de fora foron combater como soyam e non acharon homen nẽhũu que lhes defẽdesse o castello. Entom chegaron a porta e traballharonse de a abrir mas non poderon. Entom sobiron per cima do muro. E, depois que foron dentro, chegaron aa porta por a abrir e acharõ jazer aquel cavaleiro alcaide atrevessado ante a porta sen acordo nenhũu. E tiñha as chaves na mǎao. E elles, cuydando que era esforçado, travarõ delle. E, quando vyron que non avya en elle acordo nẽhũu, non lhe fezeron mal, ante se doyam muito delle. Tomarõno entom ãnos braços / [275b] e deitarõno en hũa cama e deitaronlhe da agua pelo rosto. E elle abryo os olhos e enton lhe fezeron todallas cousas per que mais toste poderya seer guarido. E, depois que foy esforçado, fezlhe el rey dom Afonso muyto ben e muyta honrra polla boa façanha que fezera. Este cavaleyro avya nome dom Marcos Goterrez de Bunhate e era rico homen non por esso dos mais fidalgos. E foy muy nomeada pella terra esta façanha e louvada sua bondade. Pasado gram tempo depois daquesto veo dom Diego d'aalen mar e o cavaleyro foyse pera elle. E dom Diego recebeuho muy ben e começarõno muyto de louvar os fidalgos, dizendo ante dom Diego como era nobre cavaleiro e como fezera muy estremada façanha en defender aquel castello. E dom Diego disse:

– Certamente he verdade que elle he boon cavaleiro; mas pero querya eu meu castello se mo el desse.

Quando o cavaleiro esto ouvyo, tẽvesse por doestado e veosse logo pera el rey de Leon. E, quando hy chegou, non se quis asseentar a comer con os cavaleiros nen escudeiros mas asseentousse a comer vestido en burel negro cõ os cǎaes. ²⁹⁶ E os do paaço, que o assy viron seer, forõno dizer a el rey. E elle mandouho hir ante sy e preguntoulhe por que fezera aquello:

– Senhor, eu fuy en outro tempo Marcos Goterrez de Bunhate, vosso natural.

Entom lhe contou todo o que ouvera con dom Diego. E pedioulhe por mercee que non quisesse que el andasse treedor pello mundo. E el rey disse que desto o livrarya elle muy bem. E deulhe logo sua carta e hũu porteiro que lhe fosse entregar o castello e mandoulho muy ben açalmar. E, depois que fosse açalnado, que o desse a dom Diego e salvasse sua verdade. E entom disse ante todos que se dava por maaoy rey, tanto que dom Diego fosse entregue do castello, se lho / [275c] tevesse dous meses.

E o cavaleiro chegou ao castello. E, depois que foy entregue delle mandou dizer a dom Diego que veesse receber seu castello. E elle mandoulhe seu certo recado que o desse a el rey de Leon e que lhe quitava a menagen que lhe delle fezera. E dom Marcos Goterrez entregou logo o castello a el rey, segundo lhe foy mandado. E desta guisa salvou sua verdade e cõpryo todo seu dereito.

Depois desto partiosse el rey dom Afonso da raynha dona Biringuella por o grande parentesco que avya antr'elles, ca os mandou partir o papa Innocẽcio terceiro. E por esto ouve grande contenda depois antre el rey de Castella e este dom Afonso, rey de Leom. E tomoulhe el rey de Castella algũas villas e castellos, mas todo o que elle tomava, todo o querya pera seu neto, o iffante dom Fernando, filho deste rey don Afonso de Leon.

Este rey dom Afonso, seendo ja velho, sacou sua hoste e foy sobre mouros e lidou con Aluhabud, que era senhor da Andaluzia. E este era o que tolhera o poder aos almohades. E foy feita esta lide a par de Merida e foy o mouro vençido e tomoulhe el rey dom Afonso Merida e Montanches e Bada ²⁹⁷ lhouçee Caçeres e Alcantara. E pobrou Salvaleõ e Salvaterra e o Sabugal e outros muitos logares per que o seu reyno valya muyto mais.

Mas hora leixaremos aquy a falar desto e tornaremos a el rey dom Afõso de Castella.

CAPÍTULO DCCL

Como el rey dom Afonso de Castella pedyu a peita aos fidalgos

Conta a estoria que o muy boo rey dom Afonso de Castella que soube sempre guaanhar prez e hõrra sobre os reys seus vizinhos e quis emendar en sua vida e en seu estado como homen de grande

entendimento. E foy muy graado e muy ardido e muy temudo na sua terra e na / **[275d]** alhea e muy comprido de justiça e dava muy grandes doas. E tanta foy a fama boa delle pellas terras que viinham a sua corte muytos altos homêes doutras provêcias por veer os beens que delle ouvyam dizer, e outros por receber de sua mão a cavalaria. Ca el fez cavaleiro Baldovin, emperador de Constantinopla, e dom Afonso, rey de Leon, e dom Afonso, rey de Portugal, e el rey d'Inglaterra, segundo ja ouvistes. E depois armou en Qualhar Ramo Fluzada, conde de Tolosa, e dom Luis, conde de Chartes, e outros nobres homêes d'Alemanha e de França e de Ingraterra e de Gasconha e d'Aragon e de Proença e doutras terras. E tam comprido foy en todas bondades que en todo o mundo não avia a el semelhavenl.

²⁹⁸ E os reys d'Aragon e de Navarra viinham a suas cortes e conhecianlhe senhoryo muy compridamente e elle fazialhes muyta hõrra e davalhes muitas doas.

Este rey dom Afonso, estando en Burgos en suas cortes, veo a falar cõ dom Diego, o Boon, e disselhe como querya hyr cercar Cõca e fazer mal a mouros per onde quer que podesse, mas que era minguado d'aver. E que, se podessem poer cõ os fidalgos que lhe dessem todos çinquo maravidiis de cada casa, que per tanto farya elle muyto daquello que queria. E rogou muyto a dõ Diego que fizesse quanto podesse pera lhe ajudar a aver estes dinheiros.

E dom Diego disse que faria quanto podesse por lhe fazer serviço e que, outro dia na manhã, mandasse chamar aqueles fidalgos e homêes bõos que hy eram e que lhes promettesse muytas mercees. E, depois, que lhe contasse a mingua que avya e ã como tiinha en voontade de fazer mal a mouros, a hũ por serviço de Deus, a outra por não minguar daquello que fezerõ aqueles donde elle viinha, que foron reis e senhores de Castella; desy por acrecentar en sua / **[276a]** honrra e delles e do seu senhorio; e que todo esto não podya fazer sen a sua ajuda e que porem lhes rogava que tevessem ²⁹⁹ por bem de lhe fazerem serviço cada hũ fidalgo per sy de çinquo maravidiis cada ano e que per tanto averya elle como fazer serviço a Deus e ben a elles.

E dom Diego disse esto, porque era a voz sua pera primeiro falar e que os outros todos outorgavam no que el dissesse. E que elle teeria seus çinco maravidiis na ponta do manto pera lhos dar. E, quando os outros esto vissem, que não averyam razon de dizer contra ello nada.

E el rey lhe prometeo a fazer por ello mercee e disse que outro dya na manhã mandaria chamar todos. E assi o fez, ca mandou logo a todos esse dya que en outro pella manhã fossen todos con elle no paaço. En outro dia foron todos juntos e aseentousse el rey en seu estrado e começou sua razão en esta guisa:

– Amigos senhores, vassalos e naturaas, minha voontade he de fazer serviço a Deus e e mal aos ãmiigos da fe. E agora cõvême de vos mostrar como meu feito está. Eu, como quer que, louvado Deus, seja muyto hõrrado con a vossa ajuda que me ajudastes sempre muy bem e muy lealmente, pero estou pobre e muy minguado d'aver, ca ouve muytas razões porquẽ. Ca, quando meu padre morreo, fiquey eu moço muy pequeno. Desi levantaronse per minha terra muytas contendas antre os homêes bõos que hy avya e outrossi algũas cousas que recrecerõ a Castella ³⁰⁰ dos vezinhos que avyamos, per que ouve a terra a seer mais minguada e perdeosse e gastousse hy o mais do aver que en ella avya, tam ben do meu come do vosso. E porem ficou a terra pobre **[276b]** e estragada. Hora, amigos, por esto eu sen a vossa ajuda non posso fazer o que a mÿ compria. E por esto vos rogo que tenhaes por ben de me fazer serviço de cinco maravidiis cada ano cada hũ per pessoa. E per tanto averey eu como possa fazer serviço a Deus e parta cõvosco. E a myn compre de fazer mal a mouros por tres cousas: a primeyra, por honrra e serviço de Deus; a segũda, por manteermos aquello que mãteverõ aqueles donde nos viimos; a terceira, por acrecentar en nossa terra e en nossa hõrra e vossa e de todo nosso senhorio.

E, esto dito, calousse. Entõ se levantou dõ Diego, o Boon, en pee e disse:

– Senhor, vos nos cometees muytas e boas razões a que todos somos theudos por fazer a vos serviço pera acrecentamento de vossa hõrra por que he muy grande razon. E porem, senhor, vedes aquy os meus cinco maravidiis.

E el rey disse que lho gradecia muyto.

³⁰¹ Entõ se alçou o conde dom Nuno de Lara e disse:

– Quanto perteece a esta razon, nos nen aquelles donde nos viimos nũca peitarõ nẽ nos faremos. E esto digo eu por mÿ e por aqueles que o fazer quiserem comigo.

Entõ se sayu pella porta do paaço e disse:

– Aquelles que quiserem ser vilãaos fiquẽ. E os outros vaanse comigo.

Cavalgou entõ don Nuno de Lara. E de tres mil cavaleiros que estavõ no paaço, não ficarõ con el rey se non tres e dom Diego. E todolos outros se foron con dom Nuno e disseron que lhes mandava fazer. E dom Nuno lhe disse:

– Ydevos todos pera as pousadas e armaaeos. E colheevos todos a vossos cavallos e tomaae cada hũ cinco maravidiis e poedeos en senhos trapos e ataaeos nos alvados das lâças e saídevos todos aaquel agro e ally me acharees.

Como o conde dom Nuno livrou os fidalgos da peita e como se aveo el rey con elles

[276c] Os cavaleiros se foron pera suas pousadas e guisaron seus cavallos e armas. E cada hũu seus cinco dinheiros atados nos alvados das lanças, como lhes o conde dom Nuno mandara. E foronse pera elle aaquel agro onde ja el estava armado en çima de seu cavallo e seus cinco maravidiis no alvado da lança. E, depois que ally foron todos juntos, disseron:

– Conde senhor, todos aqui somos a vosso mandado. Como nos mandaaes fazer?

E elle disse:

– Vos fezeistes come cavaleiros fidalgos que vos quiseistes estremar de villãos, assi como fezerõ senpre aquelles donde vos viindes. E, se por ben tevessees, pareceme que seria bem de hyrem a el rey dous de vos e de lhe dizerdes assi: que o conde dom Nuno e os fidalgos de Castella a que elle oge demandou a peita estam en este agro e que teem aquelles çinco dinheiros que lhe demandava; e que envye aquelle recebedor que os ha de colher e que nos lhe daremos esta peita como sempre derom aquelles donde nos viimos.

³⁰³ E, quãto he ao seu corpo, que este quedo e non venha aca, que, onde elle veer, faremoslhe sempre conhecimẽto como a nosso senhor e guardaremos sua hõrra. Mas aqueles que lhe esto conselharõ ou querem seer colhedores desta peita venham aca e acharam tal recado qual compre a nos de lhe dar e qual sempre derõ aquelles donde nos viimos.

Os cavaleiros disseron que era ben o que o conde dizia. E escolheron dous quaaes virõ que compria pera esto e enviarõnos a el rey cõ aquela messagen. E os cavaleiros foron a el rey e disseronlhe sua messagen assi como lhe mandara o conde e os outros castellãos. Quando el rey esto ouvyo disse que se fossem hũu pouco pera fora e que lhes / [276d] daria reposta aaquella cousa. E elles se sayron fora do paaço. Falou entõ el rey con dom Diego e disse:

– Dom Diego, que vos semelha deste feito? Ca a myn parece que non podemos fazer nada do que queryamos.

E dom Diego disse:

– Senhor, ante vollo eu dixe. Mas vos tanto me aficastes que ouve a seguir vossa võotade. Mas, senhor, o que a myn parece por melhor he esto: seerdes vos escusado e lâçar a culpa a myn. E a maneira seera esta: vos envyarees dizer ao conde dom Nuno e aaquelles cavaleiros que aly estam que eu nõ vos conselhei ben e que vos assi o entendees e que por esto me tiraas a terra que de vos tenho. E vos assi o fazee. E mandaae logo fazer cartas per que me nõ conheçam senhorio en ellas e mandaae a myn que me saya logo de vossa terra.

³⁰⁴ E dizee a elles que lhes agradecees muyto o que fezeron e que fezeron come muy bõos que eram, ca fidalgos nunca peitaron nem eram pera peitar. E por esta cousa, senhor, que vos façaaes, ficarees sen culpa e elles pagados e seram theudos a vos servir.

Disse entom el rey a dõ Diego:

– Pois que será do vosso, se vos ouverdes dhir fora da terra e do reyno de Castella?

– Senhor, disse elle, de myn nõ ajaaes cuidado, ca eu tal soon e tamanho poder ey na casa de Castella que tam mingrados se acharon elles depois que eu hy nõ for que elles meesmos vos rogaron por myn.

Mandou entom el rey chamar os cavaleiros e disselhes esta reposta que dissessen ao conde dom Nuno. E envyrou con elles hũu seu cavaleiro pera os fazer mais certos de sua reposta. E elles se foron aaquel logar onde estava o conde e as outras companhas e disseronlhe a reposta que lhes el rey mandava. E o conde e os outros se teverõ per muy contentos e disserõ que desse Deus a el rey muita vida / [277a] e saude que entendera muy ben este feito e dava tal reposta qual compria.

³⁰⁵ E, depois que esto disseron, tornouusse o conde dom Nuno pera a pousada e elles todos con elle. Ficou entom elle e elles foronse desarmar. Depois tornaronse a comer cõ elle aquelles que quiseron.

Em outro dya tomou el rey a terra a dom Diego, assi como avya prometido, e disse que se fosse fora de seu reyno. E envyrou apos elle suas gentes que, se el e os seus quisessem fazer mal na terra, que o ouvessem con elle, pera dar a entender aos outros que o fazia de voontade. Mas don Diego, que sabia todo como era, foy seu passo e non quis fazer mal na terra e foisse a Navarra. E ben como elle disse a el rey assi foy, ca non durou allo seis domaas que lhe ante toda sua terra non fosse entregue e que elle non veesse a el rey e a sua mercee. E esto foy por rogo do conde dom Nuno e dos outros fidalgos de Castella, que disseron a el rey que tal homem como dom Diego nõ era pera andar fora da terra nem o podia elle escusar na casa de Castella.

³⁰⁶ CAPÍTULO DCCLI

[277a] Como os fidalgos de Castella deron os jantares ao conde dō Nuno de Lara e aos que delle decenderō e da morte do conde dom Nuno

Os fidalgos de Castella, veendo quanto por elles fazia o cōde dom Nuno, fallaron antre sy que homem tam boon e de tam nobre linhagem que lhe nō minguava outra cousa se non que comesse por que quanto elle e os de sua linhagē ouveron, todo o avyam dado aos fidalgos en guisa que ficaron pobres. E, pois que tanto por elles avya feito, que lhe dessem jantares per suas herdades, a el e aos que delle decendessem, pera sempre, assi como davam a el rey per toda sua terra; e que a elles nō montava / [277b] esto muyto e a elle e aos que del decendessem seeria acorrimento; e que os fidalgos por esta razon averyam sempre emparamento, quando os reys quisessem seer contra elles a fazer o que non devyam. E por esta razon ficaron os de Lara deviseiros de mar a mar en Castella.

Mas, logo a poucos dias que hi chegou dom Diego e soube o que os fidalgos fizeram por elle e como outrossi fora muy ajudador o conde dom Nuno pera elle seer tornado a sua terra e honrra, pos con elle seu amor e ajuntaron casamentos dos filhos do conde dom Nuno con as filhas de dō Diego, cōvem a saber: dona ³⁰⁷ Orraca, que era a mayor con o conde dom Alvaro, que era o mayor filho do conde dom Nuno; e dona Marya con o conde dō Gonçallo, seu yrmão. A poucos dias morreosse o conde dom Nuno en Cōca e foy tragido ao moesteiro de Petalles hu jaz. E, des Conca ataaly nūca veo ã besta nem en collo d'escudeiros mas sempre en collo de cavaleiros d'espada çinta.

Mas hora leixa o conto a fallar desto e torna a fallar del rey dom Afonso como foy sobre Conca.

CAPÍTULO DCCLII

Como el rey dom Afonso tomou Conca e o castello d'Alarcom

Passados viinte e dous annos do reynado del rey dō Afonso ajuntou sua hoste e foy cercar Conca que os mouros avyam tomada, segundo segundo ja ouvistes. E jouve sobr'ella nove meses e guaaanhua e quitou a el rey d'Aragō o tributo que lhe en cada hūu ãno fazia por serviço que lhe fez en este cerco. Desi guaaanhou o castello d'Alarcō. E tomou dous homēes bōos da Estremadura e fezeos pobrar Conca e Alarcon. E Conca fez bispado e o primeiro bispo que hi ouve avya nome dom Yvanes.

Depois que esto fez, pos suas frontaryas. E foy / [277c] logo sobre el rey de Navarra que se alçou contra elle e non lhe querya conhecer senhoryo. E tomoulhe, antre ³⁰⁸ villas e castellos, viinte e cinco. E el rey de Navarra veosse poer en sua mesura, conhecendo que errara. E perdooulhe el rey dom Afonso e deulhe os quinze castellos e os dez tomou pera sy os quaaes foron estes: Fonterabya, Bitoirra, Huempuena e Cabeço e Sancta Cruz e toda Alava e toda Lipuzca e Trevinho e Portella Dervida, e Portella de Corres. E pobrou mais enton Castro d'Ordyalles, e San Vicente da Barqueira, e Sanct'Andre, e Guiteria e Alaredo e Motrico. E todas estas villas de riba do mar tomou pera sy. E pobrou Aguyar de Campos enna Estremadura e pobrou Vivar e Palença e Monfremendo e Mirabel e Segura. E, con todo esto, non quedava de fazer mal a mouros.

Este rey fez a hordem de Sanctiago e deulhes por cabeça a villa d'Ocres. E deulhes Çorita e outros muytos logares na riba do Tejo. E deulhes mais Orelha e Moura e outros herdamentos per que os tirou de pobreza ã que viviam, como quer que ãno seu tēpo deron Callatrava. Mas depois a cobrou este meesmo rey. E, por guardar sua frontarya, fez lavrar o castello de Larcos.

CAPÍTULO DCCLIII

Como el rey dom Afonso lidou con Miraamolin e foy el rey dom Afonso vençido

En tempo deste rey dom Afonso reinava en Africa hūu mouro que avya nome Miraamolin Juçaf Mazebid. Este con grande orgulho passou o mar e veo en Espanha e chegou a Sevilha e foy ³⁰⁹ pella campina de Cordova e passou o porto de Muradal. E el rey dō Afonso, que sabya ja muy ben como el viinha, foy contra el con a mais gente que aver pode e foy poreu pouca ca el, cō grade trigamento e esforço do seu coração, nō quis sperar muitas gentes que viinham / [277d] en sua ajuda. E por esta razon nō estavō hy con elle se non os ricos homēes e algūos concelhos que pôde aver dos de mais preto e con estes o atendeo aly. Mas dom Diego Lopez d'Alfaro con todolos outros fidalgos non estavam ben cō el rey por que elle hūu dya, estando falando com elles en seus spaços, disse que tam bōos eram os cavaleiros da Stremadura como os fidalgos de Castella e que tanto ben farya con elles. E elles tenerōse desto por muy desonrrados e poreu non o ajudaron ben en esta lide nem tiinham ben con elle.

Estando el rey dom Afonso en Larcos, chegou aquel rey mouro con tam gram poder que se non poderya contar. E el rey entrou logo con el na batalha a guisa de muy esforçado cavaleiro. E foy a lide muy

forte d'ambalas partes mas nõ prouve a Jesu Cristo que os cristãaos saíssem cõ honrra della por que non eram todos de hũu coraçõ nem ajudarõ seu senhor como devyã. E por esto foron vençidos e mortos muitos delles. E el rey sayu da batalha con muy grandes feridas, tirando ainda per força, ca elle hi quisera morrer, mas non o leixarõ os seus. E fugiron con elle pera Tolledo.

³¹⁰ Mas, non embargando que elle era mãcebo, entendeo muy ben que Deus lhe dera aquel quebranto por o seu pecado e erro que fezera contra elle, segundo lhe fora dicto pello angio, como ja ouvistes. E, depois daquella batalha, obrou tam ben que se ouve Deus delle por ben servido e esto lhe mostrou depois en çima de seus dias, ca lhe deu grande vingança como adeante ouvirees, ca nõca depois começou cousa que a ben non acabasse e con muyto sua hõrra. E esto foy por a grande humildade en que se pos ante Deus. Ca este depois ouve guerra cõ el rey / [278a] de Leon e com el rey de [...] e com el rey d'Aragon e con Miraamolim de Marrocos e todos os venceo. Desta vez que el foy vencido en esta lide, foy perdida Calatrava e Larcos e outros castelos d'arredor e cobraron os mouros grande argulho por que venceron os cristãaos.

CAPÍTULO DCCLIV

Como dom Diego se acolheo ao castello de Larcos con o pendom del rey Afõso

Conta a storia en este logar que dom Diego e os outros fydalgos de Castella non quiseron entrar con el rey na lide, ante se tiraron afora e esto por as pallavras que el rey dissera, segundo ja ouvistes, teendo que os despreçara e tevera en pouco. E por esta razon foron delle assi queixosos que o leixaron no campo con os Stremadãaos, por a qual cousa ouve el rey dom Afonso de seer vençido, segundo vos ja dissemos. Mas dom Diego que algũas vezes avya dito, presumindo de sy, que quatro cousas nunca cuidava fazer: a primeira, leixar seu senhor en campo e arredarse afora con o seu pendõ a segunda, que nunca darya villa nõ castello de seu senhor; a terceira, que nõca lâçaria arrefeens que non tirasse; e a quarta, que, depois que ferisse o cavallo das sporas pera fazer algũa sporoadã, que nõ ³¹¹ tornaria o rosto atras; mas Deus, cuja he toda nobreza e senhorio e alteza quis quebrantar a sua presumpçõ, ca todas aquellas quatro cousas passaram aquel dia por elle. Ca esse dia fugio do campo con o pendõ del rey e se acolheo con elle a Larcos. E en esse dia deu o castello de Larcos a Miraamolin. E en esse dia quis fazer hũa sporoadã por veer se se poderya sayr do castello por que non avyã vianda. E, quando foy guisado pera ello con todolos seus, foronse aa porta do castello pera hir dar ennos mouros. Entom dõ Diego / [278b] deu das esporas ao cavallo pera os hir ferir. Mas nenhũu dos seus non quis mover con elle. E, quando sentio que o nenhũu non seguya, tornou a cabeça. E entom se tornou seu passo con grande vergonça. E, en esse meesmo dya, deu doze cavaleiros a Miraamolin en arrefeens que a certo dia fosse a Marrocos meterse en sua prisõ. E nunca alla foy nõ os tyrou, pero que lho veo depois frontou hũu daqueles cavaleiros per muytas vezes per ante el rey dõ Afonso e perante muytos nobres fidalgos de Castella. E dom Diego lhe disse que o non andasse mais afrontando, ca o nõ podia fazer en nenhũa guisa. E o cavaleiro disse que, pois assi era, que se queria tornar pera seus companheiros aa prison de Miraamolin e que daryam as carnes a elle e as almas a Deus. E, depois que o cavaleiro foy em Marrocos e Miraamolin vyo que dom Diego non queria hir a sua prison, mandoulhe cortar as cabeças. Este cavaleiro que veo a dom Diego era dos d'Escano. Todas estas quatro minguas passaram per dom Diego en hũu dia.

³¹² Mas, quando el quis fazer sua esporoadã e os seus o nõ quiseron seguir, como ja ouvistes, e estando muy triste aa porta do castello, vyo vñr os pendões de seus genrros, o cõde dom Alvaro e o conde dom Gonçalo, ca elles non foron na lide. E elle, quando os assy vyo vñr, disse aos seus:

– Vaamos acorrer a meus filhos que vñe pera nos.

Entom sayu con os seus. E os condes, quando chegaron aa hoste, veerõ per aquela parte onde pousava dom Pero Fernandez de Castro que a essa sazõ andava cõ Miraamolin. E fezeron sua esporoadã muy boa, de guisa que se avolveo toda a hoste. E a esto chegou dom Diego que os hya acorrer e tyrouhos daly e veosse con elles pera o castello. E, depois que foron dentro, tirou dom Diego todos os seus / [278c] das pousadas e deuhas aos que viinham con os condes, dizendo que aquelles as mereçiam e non elles por que o nõ quiserõ seguir en fazer sua sporoadã.

CAPÍTULO DCCLV

Como dom Diego preitejou de dar o castello por sayr en salvo

Conta a estoria que, quando Miraamolin vyo como se dom Diego metera no castello con o pendom del rey, teve firmemente que el rey era dentro. E falou con dom Pero Fernandez de Castro que o soubesse certamente. Entom foy dom Pero Fernandez ao castello e falou con dom Diego que era muyto seu amigo e preguntoulhe se era el rey no castello. E elle lhe disse que non, mas que se fora pera Tolledo e que

elle se colhera aly con o seu pendõ. E Pero Fernandez lhe preguntou quaaes eram hy con elle e se era hy o conde dom Alvaro e o conde dom Gonçallo de Lara. E dõ Diego disse que sy. Respondeo Pero Fernãdez, dizendo:

– Eu lhe cuydo oge tornar revidada a mal querença que me querem.

³¹³Entom se tornou a Miraamolin e disselhe como el rey non era no cãstello mas que era hido pera Tolledo. E Miraamolin non o quis creer. Ante disse que se non levantara de sobre o castello ataa que tomasse el rey e dom Diego e os condes. Mandou entom a dom Pero Fernandez que tornasse allo e dissesse a dom Diego que lhe desse o castello e vesse entrar em sua prison, el e todollos que hy eram, se nõ que a todos mandarya cortar as cabeças.

Foy el entom a dom Diego e disse o que lhe Miraamolin mandava dizer e outrossi como sospeitava que el rey era no castelo. E dom Diego lhe disse que fosse certo que nõ era hy. E, pera seer certo desto que lhe desse dous cavaleiros e que lhe farya mostrar todo o castello, fazendolhe elles primeiro menagem que, de cousa que allo vissẽ, non dissessem nada se non soo del rey. / [278d] Entom mandou dom Pero Fernandez a dous cavaleiros que lhe fizessem menagem e que fossem ao castello. E dõ Diego mandou con elles outro cavaleiro que lhes mostrasse o castello. E, en quanto elles allo foron, ficaron fallando dom Pero Fernandez e dom Diego. E dom Pero Fernandez lhe disse que en toda guisa desse o castello que melhor era de o dar ca morrerem quantos hi jaziam.

Elles en esto falando, tornaram os cavaleiros que foron ao cãstello e disserom como nõ era hy el rey. E entom se tornou dom Pero Fernandez pera Miraamolin e disselhe todo o que lhe aveera con dom Diego.

Quãdo Miramolin soube certamente como hy non era el rey dom Afonso, jurou sua cabeça e sobre o livro Alcoron que, se lhe logo dom Diego non desse o cãstello, que el seeria escabeçado e quantos con el estavam. Pero, se lhe logo desse o castello e doze cavaleiros en arrefeens que a certo dya fosse a Marrocos entrar ³¹⁴en sua prison, que lhe quitaria todollos outros, tirando ambos os condes. E esto fez elle por amor de dom Pero Fernandez, por que eram seus ãmiigos.

Tornou entom dom Pero Fernandez con este recado a dom Diego e disselhe todo o que Miraamolin dizia e o juramento que fizera e que logo en outro dya entendia de tomar o castello, ca bem sabya elle que nõ avya hi vianda. E a dõ Diego pesou muyto desta cousa e ouve acordo con os condes e con todollos outros sobresto. E elles todos disserõ que o fizesse, se non o feito dos condes.

Entom escolheo dom Diego doze cavaleiros que desse en arrefẽes. Desy foy a dom Pero Fernandez e disse:

– Todo o que me dissesstes quero fazer, se non que me leixees os condes meus gẽrros.

E dom Pero Fernandez disse que esto non podia seer, ca eram seus ãmiigos.

Entom lhe moveo dom Diego outra / [279a] razon, dizendo que elle nõ querya veer a entrada do castello e que lhe leixasse levar outros dous cavaleiros quaaes el quisesse e que nõ fosse assi soo. E elle disse que lho outorgava. E entom mandou dom Diego viir aquelles doze cavaleiros e mandouhos que se fossem meter en prison de Miraamolin. E elles fezerõno assi. E entom fez menagen dom Pero Fernandez a dom Diego que, depois que se elle fosse con aquelles dous cavaleiros e o castello fosse entregue a Miraamolin, que logo envyaria quantos no castello ficavam se nõ os condes. Rogou entom dom Diego a dom Pero Fernandez que o sperasse aly. Desi foyse ao castello e disse aos seus toda a maneyra que tiinha hordenada con dom Pedro Fernandez e que lhes mandava que nõ partissem do castello ataa que elle passasse hũa legoa e que, se algũ de fora preguntasse por os condes, que dissessem que dentro stavon no castello.

³¹⁵Entom se armou elle e fez armar os condes en armas doutros dous cavaleiros. Desy cavalgarõ e foronse onde estava dom Pero Fernandez. E dom Diego o tomou pella mãao e foy con elle falando ataa fora do arreal. Entom lhe disse dom Diego que se tornasse e fosse nembrado da fe de Jesu Christo e da menagen que lhe fizera. Dom Pero Fernandez era muy nobre fidalgo e simprez e muy verdadeiro e disse que todo o que lhe prometera guardarya muy cõpridamente. Entom se spediron hũu do outro e dom Diego foyse con seus genrros. E, antre a noite e o dia, andaron tanto que foron en salvo.

Tornousse entom dom Pero Fernandez pera Miraamolin e disse que fosse receber o castello e contoulhe entom como ficara cõ dom Diego e a menagẽ que lhe fizera. E Miraamolin disse que de todo lhe prazia.

Entom se foy ao castello e entregaronlho. E dom Pero Fernandez posesse aa porta veendo como sahiam os / [279b] cristãaos; e esto por prender os condes e poer os outros en salvo. E, quando todos foron fora e elle non achou os condes, preguntou que fora delles e disseronlhe que os dous cavaleiros que foron armados con dom Diego que esses eram. Quando elle esto ouvyo, pesoulhe muyto de coraçõ e disse:

– Certo, enganoume dõ Diego e pesame ende muito. Pero por todo esto nõ leixarey de guardar a menagen que lhe fiz.

³¹⁶Entom os levou consigo pera sua tẽda e fez muy ben pensar delles. E, logo en outro dia, os pos todos en salvo.

Mas leixaremos aquy de fallar desto e tornaremos a contar del rey dom Afonso.

CAPÍTULO DCCLVI

Dos filhos que el rey dom Afonso ouve de sua mulher e do que fez depois que foi vencido na lide de Larcos

Conta a estoria que, depois que el rey dom Afonso foy vencido en aquella lide de Larcos, sempre foy muy triste e quebrantado, teendo e creendo que por o seu pecado lhe dera Deus aquella penitência. E por esto se trabalhou de emendar sua vida e fazer serviço a Deus en toda cousa que podya, fazendo grandes esmollas e reconçiliandosse con todollos que entendia que lhe nõ queryam bem, specialmente cõ os fidalgos, por que entendeo que erã delle escandelezados das palavras que lhe dissera. E fez-lhes muitas merções, de tal guisa que lhes guañhou os corações pera seu serviço.

E este rey dom Afonso ouve da rainha sua mulher estes filhos que se seguẽ: dom Sancho, que viveo pouco; e dona Branca, que foi casada com el rey dom Luis de França, padre de Sam Luis e de dom Karlo, o que matou el rey Monfreu e prendeo o infante dom Anrique de Castella; e ouve outra filha que chamaron dona Biringuella que foy casada con el rey dom Afonso de Leon; e dona Orraca que foi casada con el rey / [279c] dom Afonso de Portugal; e dona Mafalda que morreu en Salamãca; e dona Lyonor que foy casada con dom James d' Aragon; e dona Costança que foy mōja nas Olgas de Burgos; e o iffante dom Fernando, o Graado.³¹⁷ Este iffante, quando foy en hidade de dez e seis annos, sentindosse da desonrra que recebera seu padre na lide de Larcos, envyou pedir cruzada ao Papa e mandou desafiar Miraamolin que lhe daria batalha daquelle dia a hũu ãno onde el quisesse. E, teendoo assi postado, morreo esse ãno. E o postumeiro filho foi dom Anrique, o que depois foy rey de Castella.

E este rey dom Afonso mandou fazer o moesteiro de Sancta Maria das Olgas de Burgos e herdouho de muitas possiões. E mandou logo acerca delle fazer hũu espital a que deu muy grandes riquezas; e aos pobres que hy vãa danlhes de comer e boas camas, e pensam dos enfermos ataa que son sãaos, e os que hy morren, soterrãnos honrradamente.

Este rey mandou a outras terras por meestres das sçiencias e fez en Palença muy nobres scollas. E pagava grandes soldadas aos meestres por que os scolares non ouvessem scusa d' aprender.

CAPÍTULO DCCLVII

Como el rey dom Afonso foy sobre Gasconha e cercou logo Bayona

Depois que el rey dom Afonso ouve pobrada a villa d' Amaya, veolhe en mente como en outro tempo Gasconha fora do senhorio de Castella e que por esta razon devia de seer sua. E sacou logo sua hoste e foy cercar Bayona.³¹⁸ E teendo cercados os que dentro jaziam preitejaron con elle de lhe pagar a custa que avya feita en aquella viinda e que os decercasse e fosse sobre Bordeeo e sobre os outros logares e que lhe faryam menagen que tanto que ele tomasse Bordeeo, lhe dessem Bayona. / [279d] E el rey teveo por bem e decercouhos e foisse sobre Bordeeo e correo e estragou toda a terra de Gasconha. E os da villa e de toda a terra esso meesmo vironse en grande perigoo por que non speravõ acorro de nem hũa parte. E por esto demovya a el rey muytas preitesias, ca lhe dava muy grande aver. E elle non queria se nõ a villa.

E conta a estoria en este logar que, estando el rey en esto, que lhe chegou recado como Miraamolin de Marrocos era passado aaquẽ mar e viinha cõ gram poder por lhe estragar a terra. E elle, quando o ouvyo, pesoulhe muyto. E entom preitejou cõ os de Bordeeo que lhe pagassem a custa que avya feita e que os descercaria. E elles teveronno por bem e derõlhe muy grande aver. E tornou-se pera Castella, ca elle pensava de lydar cõ os mouros. E, depois que os deitasse da terra, que entõ tornaria sobre Gasconha e que, se lha el rey d' Ingraterra non defendesse per batalha, que lha tomaria toda.

CAPÍTULO DCCLVIII

Como el rey dom Afonso mandou seu filho o iffante dõ Fernando correr a terra de mouros

Depois que el rey dom Afonso veo de Gasconha, mandou logo seu filho, o iffante dom Fernando, con grande hoste correr e estragar terra de mouros. E o iffante foy allo e correo Beeça e Hubeda e Geen e Andujar e Sancto Estevam; e cercou³¹⁹ Mõtãchas, mas nõ a pode tomar. E tornou-se pera seu padre a Talaveira muy rico e muy hõrrado.

Miraamolin, quando aquelo soube, veo con muy gram poder e cercou Salvaterra e esteve sobr' ella tres meses e combateuha muy fortemente con engenhos em guisa que a tomou. E morrerõ hy muitos.

E quando el rey soube como era perdido o castello, temeusse de os mouros quererem hyr mais adeante por que eram muitos sen conta e el non tiinha logo guisado pera lidar con elles.

E mandou perçeber toda / [280a] a terra e elle sobiosse aa serra de Sam Vicente e esteve ally hũu mes. E os mouros tornaronse pera sua terra. Tanto que o el rey soube, deceu da serra e veo a Maqueda e,

quando vyo que lavravam o castello, mandou que o non fizessem. Entom ouve conselho con seus ricos homens e con os prellados en razon dos mouros e acordaron que melhor era de lidarem con elles que sofrer cada dya tanto estragamento na terra. E o iffante dom Fernando, que avya grande voontade de aver a batalha, afficou tanto o padre que o fez jurar que daly a hũu anno darya batalha a quantos creessem en Mafomede que a ella quisessem viir.

Feito este conselho, veosse el rey a Madride. E chegou hy a rainha dona Biringuella que estava en Segovia. E, estando hy, morreo o iffante dom Fernão, na era de mil e duzentos e quareenta annos. E el rey ficou muy quebrantado da ³²⁰ sua morte. E tomouho logo essa rainha dona Biringuella que era sua yrmãa e levouho a soterrar a Burgos ao moesteiro das Olgas.

Estando el rey en Madrid muy anojado por a morte do iffante seu filho, nõ se esqueceo poren da batalha que avya prometida. E mandou pedir ao Papa per o arcebispo dom Rodrigo a cruzada. E elle outorgoulha e mandouha logo apregoar per todallas terras. E veeron a ella muytas gentes. E foisse el rey en tanto pella ribeira do Tejo e tomou aos mouros o castello d'Alcalla e o castello de Cerceira e tomou as Covas d'Algarante e levou grande aver que os mouros hy tiinhã guardado. Desy tornouse muy rico e cõ grande hõrra. E poren poupava muito ã sua terra e dava aas gentes grande spaço pera os teer guardados pera o dya da batalha.

Quando el rey dom Pedro d'Aragon soube como el rey dom Afonso queria lidar con Miraamolin, veo a elle a Cõca / **[280b]** e prometeulhe de o ajudar per seu corpo en aquella batalha.

E el rey tiinha a esta sazõ muy grande algo en Tolledo en ouro amoedado e muitas armas e grande soma de mantiimentos guardados pera quãdo lhe veesem as companhas. E entom se veo pera Tolledo con dous mil e trezentos cavaleiros de linhagen e con outras gentes dos concelhos que eram per todos quatorze mil cavaleiros.

CAPÍTULO DCCLIX

[...]

Estando el rey dom Afonso en Tolledo, chegou o arcebispo dom Rodrigo que fora demandar a cruzada. E começaram de viir a Tolledo muitas cõpanhas de cruzados de todallas partes de Europa. E, quanto a companhia era mais, ³²¹ tanto era a cidade mais abastada. E el rey davalhes muy largamente. E todos os que viinhãm pousavam dentro na villa. E, por que eram de muitas languageens, faziam muito mal, ca matavon os judeus e faziam outras muitas travessuras. E el rey ouve receo de se levantar antr'elles algũa volta periigosa. E por esto se trabalhou de os tirar da çidade per arte. E mandou apregoar que todolos cruzados fossẽ pousar fora da villa aa orta por os nõ tomar a queentura. E a elles prougue muyto e foronse pera ella e poseron suas tẽdas pella orta e cortaron todallas arvores que non leixaron nenhũa. E aly lhes dava el rey todo o que avyãm mester.

Oito dias depois da Pascoa, chegou el rey d'Aragon a Tolledo e foy recebido com muy grande hõrra. E pos suas tendas na orta del rey. Outrossy lhe veeron muitas companhas d'aalen dos portos d'Aspa, antre os quaaes veerõ barõoes de muy gram linhagen assi como condes e bizcondes e prelados e homens de grande guisa, convem a saber: o arcebispo de Bordel, e o arcebispo de Narbona, / **[280c]** e o abade de Cistel, e Jufreu d'Ançarãte, e Jufreu d'Aragon, e dom Reynel de Pirante, e o Tiblante de Blascon, e o conde de Correna, e Hugo d'Aragon, e Jufreu de Morcal, e Mouriz d'Ebron, e Hugo de Loffarte, e o conde de Benavabante, e Saus da Barca e outros ricos homeens de Piteeos. E el rey d'Aragon trouve, de seus ricos homens e doutra companhia, mil e trezentos cavaleiros muy bem guisados. E el rey dom Sancho de Navarra veo hy con outros mil e trezentos cavaleiros.

E, pera cumprir todas estas companhas, avya mester el rey dom Afonso cada dia doze mil maravidiis da moeda que entom corrya que era muy boa; e esto pera os strangeiros afora a grande custa do seu senhorio. Ca eram hy, d'estrãgeiros, trinta mil homens de cavallo e homens de pee sen conta.

³²² E foron a esta batalha muytos prelados de Castella, convem a saber: o arcebispo de Tolledo, dom Rodrigo, e dom Tello, bispo de Palença, e dom Sancho, bispo de Segoyva, e dom Meendo, bispo d'Osma e dom Pedro, bispo d'Avilla. E foron hy outrossi, d'Aragom, o bispo de Saragoça e dom Biringuel, bispo de Barcelona.

E foron hy mais estes ricos homens de Castella dom Diego Lopez d'Alfaro, e os cõdes de Lara, e dom Alvaro e dom Fernando e dom Gonçallo; e Lopo Diaz; e Ruy Diaz dos Carneiros e Alvaro Diaz, seu yrmãao; e dõ Gonçallo Rodriguez Giron e seus yrmãaos; e outros muy nobres fidalgos que seria longa estorya contar os seus nomes delles, assi como dom Pedr'Ayras, mestre de Sanctiago e dom Goterre e Arnal Diaz, prior de Sam Joham, e dõ Ruy Diaz, mestre de Callatrava, e dom Gomez Ramirez, mestre do Tenple.

CAPÍTULO DCCLX

Como el rey dom Afonso partyo de Tolledo pera hir aa batalha e cercarõ Calatrava

Partiosse el rey dom Afonso de Tolledo tres dias depois de Sam Joham con toda sua hoste. E os daalem dos portos avyam por seu capitam dom Diego Lopez. / [280d] E el rey de Navarra hya en sua parte con os seus e el rey d'Aragon esso meesmo e el rei dom Afonso a sua parte con os seus. E assi foron seu caminho ataa que chegaron a Malon. E cercaron o castello en que jazian muitos mouros e o castello foy logo tomado e elles presos todos e mortos e queimados.

³²³ Desy foron logo sobre Callatrava e estava hy Habuhabuz con duzentos cavaleiros e muita outra gente. E, quando souberom como viinham os cristãos sobr'elles deitarõ nos passos e nos caminhos per onde os cristãos avyam de passar muitos abrolhos. Mas elles como os sentirõ, apanharõnos e passaram en salvo. E foron cercar o castello que os mouros tiinham muy ben basteçido de homens d'armas e suas torres apendoadas de muitas bandeiras e steveron sobr'elle algũus dyas. E, por que vyron que era muy forte de toda parte ouveron acordo de se hyrem aa batalha e nõ estarem alli. E, ante que se partissem, fizeram de sy quatro partes e combaterõna tam fortemẽte que era maravilha de veer ca tantas erã as seetas que nenhũ mouro nõ ousava de parecer no muro. E assy foy o combate forte que, da parte donde combatia el rei dom Afonso, foy guanhada hũa torre e da parte del rey d'Aragon, outra. E os mouros, quando se assi viron entrados moveron preitesia que os leixassem hir en salvo e daryam o castello con todallas cousas que dentro eram. E aos reys prougue desto e receberam o castello. E mandaron a dõ Diego Lopez que os posesse en salvo. E el rey dom Afonso mandou dar todo o aver que hi foy achado a el rey d'Aragon e a el rey de Navarra e aos outros de fora do reyno.

Feito esto, disseronlhe os estrangeiros que nõ avyam viandas. E el rey mandoulhe dar mil carregas de mantiimẽtos e çincoenta mil maravidiis. Pero, con todo ³²⁴ esto, non os pode teer que se non tornassem pera / [281a] suas terras. E ficaram hi dom Giraldo, arcebispo de Narbona, con cento e trinta cavaleiros e o abade de Blascon, que era de muy nobre linhagem de Castella. E el rey don Afonso mandoulhes rogar que se nõ fossẽ, mas elles nõ o quiseron fazer. E el ouve dello gram pesar, non tanto por a mĩgua que lhe avyam de fazer como por nõ cuydarem que os perdia per sua culpa assi que non ficaram con ele se nõ os reys d'Aragõ e de Navarra.

Depois que se forom os d'aalen dos portos d'Aspa, que era muy gram gente, ficaram todos os d'Espanha ã seu cabo e moveron de Calatrava pera onde avya de seer a batalha. E, quando chegarõ a Alarcos, acharon o lugar desemparado e outrossi Benavente e Caratuel. Desi passaram arredor de Salvaterra e fizeram hy alardo todollos tres reis cada hũu con sua companhia. E, quando se vyron con tam nobre gente, non deron nen hũa cousa por os que se tornarõ, ca entenderõ que lhes nõ faziam mingua, ca tanta e tam boa gẽte era a que estes reys tiinham que non ha no mundo rey que outra tanta e tam boa tevesse pera hũa batalha que se della non ouvesse por muy contente.

E, logo en outro dya que o alardo foy feito, moveron daly e foronse apousentar aa Freneda e en outro dia ao pee do Muradal.

Mas hora leixaremos a falar dos reis e tornaremos a contar de Miraamolin.

CAPÍTULO DCCLXI

Como Miraamolin se fez prestes pera a batalha

Conta a estoria que Miraamolin de Marrocos tiinha suas gentes arredor de Geen e estava atendendo a hoste dos cristãos, non con entẽcom de lidar cõ elles, ca se temya das muitas gentes que veherõ en ajuda a el rey dom Afonso, pero ³²⁵ cuidava que os estrangeiros enfermaryam e morreriã muytos delles cõ as maas aguas que nõ avyam husadas e cõ o provamento da / [281b] terra, demais que lhe faleceriã as viandas e que se tornariam delles a mayor parte; e que, se assi fosse, que lidarya cõ os outros e os venceria. E, se os Franceses se nõ tornaron, assi acontecera como el cuydava, por que muitos delles foron enfermos e mortos, ca os provava a terra e a agua d'Odyana.

Quãdo o mouro soube como se tornarõ os Françeses entendeu que tiinha muy bõo tempo pera dos outros que ficavon se poder vingar. E enton se lhe mudou o coraçõ do que tiinha ã proposito. E tomou grande esforço e foyse logo pera Baeça e mandou muitas gentes que guardassem os portos do castello que chaman das Naves, por tal que os cristãos non podessem passar. Entom sobiron na serra por a guardar melhor, ca os mouros pensavon que os cristãos avyam mĩgua de viandas e que por esso os venceryam mais ligeiramente. Mas Nosso Senhor Jhesu Christo fezeo melhor, de guisa que recebeo grande serviço.

El rey dom Afonso mandou a Lopo Diaz e a Martin Anes e a Sueiro Fernãdez que fossen açima ao porto e mandou cõ elles muita companhia. E elles, quando foron en çima da serra, acharon en ella dez mil cavaleiros d'Alarves e feriron en elles mui esforçadamente, de guisa que os fizeram decender da serra. E, logo en outro dya, cavalgarõ os reis e chegaram con sua hoste ao pee do Muradal. E en outro dya sobiron

ao porto e ficaron hi suas tendas. E, en esse dia, tomaron logo o castello de Ferral. A fundo deste castello ha muy maaos caminhos e vales muy estreitos e fortes. E os mouros tiñham guardados todollos passos maaos, ³²⁶ en guisa que nõ podessem os cristãos passar sen receberem muy gram dampno. E por esta razon estavon os reys en gram pensamẽto como ou en que maneira poderiam passar aos mouros.

CAPÍTULO DCCLXII

Como o pastor veo aos reis e lhes mostrou per onde fossen aos mouros

[281c] Estando os reys en tal pensamento como avees ouvydo, chegou hũu homen en semelhança de pastor que buscava os reis a muy gram pressa. Mas, como quer que el pastor semelhasse, certamente angio de Deus era. E, logo como foy ante os reis, disselhes:

– Non estees mais ã este cuidado, ca eu vos mostrarey muy bõo logar per hu passees aos mouros por que sey muy ben esta terra e muytas vezes andey per aquy con meu gaado. E per tal logar vos guiarey que vaades sen embargo nõ hũu e ajaaes boas aguas e sãas.

Quando os reis esto ouvyron, prouguelhes muyto, pero duvidavõ de poer seu feito ã hũu homen nõ conhecido. Mas en fin acordaron de mandar con elle dous ricos homẽes muy ben guisados, por sabermos se era verdade o que o pastor dizia. E hũu destes foy dom Diego Lopez que levava o pẽdon del rey dom Afonso. E o outro, foy dõ Garcçia Romeu que levava o pendõ del rei d’Aragon. E guyouhos muy bem o pastor per hũa costa ladeira e desy per çima dhũa serra en que acharõ hũu grande chãao como o pastor dissera. E acharõ hy muytos ³²⁷ e boos prados e dormyrõ essa noite ã aquelle logar. E mandaron recado aos reys que muy ben os guyara o pastor. E hũu sabado, grande manhã, partirõ os reys de Ferral e leixaron o castello derribado e foronse pello logar per onde foron os seus ricos homẽes. E dizen aaquelle logar «a seeda do emperador». E o pastor os guyou sẽpre, de tal guisa que os levou onde eram os mouros e poseos deante antr’elles e a sua terra.

Quando os mouros vyron os cristãos e que passaram ante elles, pesoulhes muyto e ouveron grande medo. E os reys, como chegaram, mandarõ logo poer suas tendas en fronte dos mouros. E Miraamolin mandou armar a sua / [281d] tenda en dereito da del rey de Castella e pos logo suas aazes de muitos mouros e ben acaudelladas de reys e de muitos altos homẽes. Mas os cristãos nõ tiveron por ben de averem esse dya a batalha por que tragiã os cavallos cansados e por veerem o ardil dos mouros. E todo aquelle dia esteve o mouro con suas aazes postas, sperando a batalha. E, quando vyo que non queryam esse dya lidar, mandou levantar a tenda e tornousse onde estava e esto ouveron os cristãos por bõo synal. E dom Rodrigo, arcebispo de Tolledo, con todollos outros prellados andavam pella hoste, preegando e outorgando os perdões a todos aquelles que de bõo coraçõ entrassem na batalha e percebiam todos que comungassem, ca en outro dia que era segunda feyra avyam d’entrar a ella.

CAPÍTULO DCCLXIII

Como se os reys fizeram prestes pera a batalha e como repartirõ suas gẽtes

En outro dya, aa segunda feira, deitarõ pregon pella hoste que de grande manhã se fizessem todos prestes pera a batalha. Os prellados disseron suas missas e deron o Sancto Sacramento. E, ante de sol saydo, foron todos prestes no campo.

³²⁸ E el rey deu a deanteira a dom Diego d’Alpharo. E, quando seu filho Lopo Diaz esto vyo, posesse ante elle e disse:

– Padre senhor, pois vos el rey da a deanteira, peçovos por mercee que façaes en guisa que me nõ chamen filho de treedor; e seede nembrado do boon prez que perdeste na lide de Larcos. Poren vos rogo, padre senhor, que queiraes oge en esta batalha cobrar o que na outra perdestes.

Estonce dõ Diego tornousse ao filho e disse:

– Chamar poden fideputa mas nõ de treedor, ca fio na mercee de Deus que taaes obras farey eu oge que per todo o mundo sera falado. / [282a] Mas eu veerey como en este dya aguardaaes vosso padre en este logar.

E Lopo Diaz beyjoulhe a mãao e disse:

– Certamente eu vos cuydo oge aguardar tam ben como en tal logar filho deve aguardar padre.

E dom Diego Lopez tiinha consigo quinhẽtos cavaleiros bem guisados e seus filhos, Lopo Diaz e Pero Diaz, e seu coyrmãao, dom Diego de Mendoça e seus sobrinhos, Sueyro Fernandez e Martin Nunez de Fenojosa. E foy en aquelle dia alferez do seu pendon dom Pedr’Airas. E hya mais con elle o cõcelho de Madrid.

Deu mais el rey hũa costaneira a dom Diego dos Cameiros e a seu yrmãao, Alvaro Diaz. E hyam con elles dom Diego Perez, o Esturaãao, e dõ Garcia Ordonhez e Joham Gonçalvez de Ozedo e dom

Gonçallo Gomez. E con elles, o concelho de Soria e o d'Almaça e o de Berlonga e o d'Ateença e o de Sant'Estevam e o de Medina Çalle.

A outra costaneira deu el rey ao conde dom Gonçalo de Lara. E hyam con elle as hordeens de Santiago e de Sam Joham e a de Callatrava. E hyam con elle os concelhos de Conca e o do Lepte e o d'Alarcon e todollos cõcelhos dessa frontaria ataa Tolledo.

³²⁹ E el rey dom Afonso hya na aaz postumeira e cõ elle o arcebispo dom Rodrigo de Tolledo e o conde dom Alvaro Nunez de Lara, que aquele dia teve a sua bandeira, e o conde dom Fernando e Gonçallo Rodriguez Girom e seus yrmãos Nuno Rodriguez e Ruy Rodriguez e Pero Rodriguez e Alvaro Rodriguez; e dom Gil Anrrique e dom Gomez Anrrique; e dom Afonso Tellez; e Fernam Garçia e Abril Garçia e Rodrigo Garcia; e dom Rodrigo Pirez de Villalobos e dom Guilhem Gomez e dom Gonçallo Yvanes, que depois foy mestre de Callatrava; e dom Guilhẽ Perez e dom Munho Perez de Gozman e o abade de Bascon e outros muitos e nobres fidalgos que aquy non dizemos. / [282b] Hyam hi outrossi os concelhos de Medina del Campo e o de Valhadolide e o de Olmedo e o de Arrevol e o de Cõca e o de Qualhar e o de Palença e o de Bejar.

El rey de Navarra hya aa parte deestra e con elle seus ricos homens, dom Almenque e dõ Pero Nunez d'Acha e Pero Garcia de Ponez e Gomez Garcia d'Angozilho, que levava a sua signa. E hia con elle o concelho de Segoiva e o d'Avilla.

E el rey d'Aragon hya da parte seestra con todos seus ricos homens. E deu a deanteira a dom Garcia Romeyro. E en hũa costaneira hya dom Symõ Coronel e Dato Ferzes e dom Alvaro Pardo. E na outra costaneira hya dom Pero Maça de Qualhar.

Enna aaz postumeira, hya el rey como já dissemos con todos seus ricos homens, cõvem a saber: o conde dom Sueyro e Munho Sanchez, que esse dia foy cavaleiro novel, e o conde dõ Petrei; e dom Guilhen de Cordova, con seus filhos e parentes, e dom Guilhem de Cerveira e o conde dom Urgel de Sanctos de Barca e dom Cenal d'Estarad e dom Giral de Qualhar e Guilhen Migueel de Loysa, que levava o pendom del rey, e dom Symon Ayvar e dom Guilhen de Çallema.

E, depois que desta guisa foron acaudellados e as aazes moveron pello campo, apareceo ão ceo hũa cruz muy fremosa e de muitas coores e esto tiveram os cristãos por bõo signal. E per onde hya el rey dõ Afonso, era logar chãao e per onde hya el rey d'Aragon, era logar streito e nõ avya per hu se estender; pero hyam todos ben acaudelados como compria.

³³⁰ CAPÍTULO DCCLXIV

Como os reys entraron em batalha con Miraamolin

Miraamolin tragia suas aazes muy ben ordenadas de muitos mouros e ben acaudelados como as elle ordenara e fornidas de / [282c] muy nobres capitães. E viinha da outra parte. E, ally onde estava a sua tenda, mādou fazer hũu curral d'homens armados a pee, escudados e legados todos hũus con os outros con cadeas de ferro por non poderem fugir ainda que quisessem. E estes que assi eram legados foron per conto çem mil mouros negros e todos tiinham lanças e espadas e adargas. En aquelle curral eram muitos beesteiros e outros que tiravã con arcos. E arredor delles postos muitos arcos e seetas hũus sobre outros. E estavõ dentro no curral muitos reys e altos homens. E, afora estes, eram dentro no curral trinta mil cavaleiros pera guardar o corpo de Miraamolin. E ante o curral eram todallas aazes postas de cavaleiros ben guisados e feitas per grande meestria. E fora das aazes andavam tantos beesteiros e arqueiros que non avyam conta e outros con dardos e gurguzes que tam bem feryam fugido como tornando. E destes e doutros eram tantos que non ha homen que o podesse osmar nem dar conta. Pero souberõ os reis en certo que eram oiteenta mil cavaleyros. Mas a outra gente era tanta que non pode seer contada.

E en meo do curral, descavalgou Miraamolin e con elle muytos reis e altos homens. Ally estavam os velhos da sua ley, orando e rogando a Mafomede que os ajudasse. E Miraamolin estava muy ben armado e tiinha en cima hũa almexia negra de xamete e, sobre aquella, outra sen costura e sua espada ao collo. E tiinha o livro do Alcoron ante sy que he livro dos mandamẽtos de sua ley.

³³¹ Quando as aazes dos cristãos foron preto das dos mouros, don Diego Lopez, que avya a deanteira da batalha, foy ferir os mouros de tam grã força e con tanto ardimento que britou todas as aazes e sayu da outra parte do curral. E ficou hy con muy poucos dos seus, / [282d] ca o poo era tam grande que os cavaleiros non o podiam veer pera o aguardar; ante aguardavon hũu que avya nome Sueiro Fernandez que tragia a signa de Madride, cuidando que era o pendom de dom Diego. Mas elle estava en muy gram pressa, ca nõ tiinha consigo mais de quareenta cavaleiros. E, pero que os mouros eram muitos e o seguyam muy fortemente, nũca o poderon arrancar. Ante custava ben caro ao mouro que se queria chegar a elle.

Outrossy dom Garçia Romeyro que tiinha a deanteira del rey d'Aragon foy ferir ãnos mouros. E de tal guisa os quebrantou que passou todallas aazes.

Desy foron chegando as costaneiras e fezerō esso meesmo. En todo esto, chegou el rey d’Aragon e tam ryjamente feryo en elles que ben parecia homen de grande esforço, ca, per onde elle hya, semelhava fogo que queimava. Mas o poo era tam grande que pojava en çima das serras. E foy feito ennos mouros muy grande estrago.

E, quando chegaram as costaneiras del rey dom Afonso, vironse os mouros en tam gram pressa que começarō de fugir e desarranjar a toda parte. Mas Miraamolin, como homẽ muy esforçado e de grande brio, quando aquello vyo, cavalgou en hũu cavallo de muitas coores e fez tanger as trombas e atabaques e começou de dar muy grãdes vozes, dizendo que fossen bõos e tornassem aa batalha e que o non leixassem en poder dos cristãaos. E, dizendo estas pallavras e outras de grande esforço, fezeos tornar. E, quando tornarō os que hyam fugindo, cõ o grãde esforço que lhes deu, começarō de lidar e ferir tam ryjamente nos cristãaos que per força os fezeron tornar.

³³² E taes ouve hy que assi como vençidos levavõ as bandeiras arrastando tras sy, pero non dos nobres homẽes. E, antre os que fugiã, era a signa de Madride. E, por que ella tem / [283a] campo branco e en meo hũu husso preto, cuidou el rey dom Afonso que era o pendon de dom Diego e disse ao arcebispo dom Rodrigo:

– Vedes como torna a signa de dom Diego.

E hũu cidadãao que estava acerca del rey disse:

– Certamente, senhor, non he aquella a signa de dom Diego. Mas esguardaae adeante e verees hir a vossa signa e logo a par della a de dom Diego. Outrossi verees as caldeiras pretas en campo branco do conde dom Alvaro de Lara que vão fervendo a par da vossa signa. E, por que o husso de Madride he preto en campo branco, cuidaaes que he a signa de dom Diego. Certo os que fogem, nos outros villãaos somos, ca os fidalgos non.

Este cidadãao que esto disse era natural de Medina del Campo e avya nome Andre Bocas e, por esta pallavra que disse, o apedrarōn depois os villãaos de Medina. E matou el rey todollos que soube que o apedrarō.

Entom esguardou el rey e vyo as signas como lhe Andre Bocas dissera. E entom tomou hũa lança nas mãaos e fezeos tornar, dizêdolhes:

– Oo vassallos e amigos, que he esto? Tornae aa batalha, ca este he o bõo dia de grande victoria que vos Deus quer dar.

Entom os fez tornar muy ryjamente aa batalha. En esto mandoulhe dom Diego dizer que fosse tomar a honrra da batalha que lhe Deus querya dar e que logo seria vençida como el chegasse. Mandou entõ el rey a dom Gonçallo Rodriguez Giron que fosse acorrer a dom Diego que non tiinha mais de trinta cavaleiros. E elle foy logo alla.

³³³ E en aquella hora estava a batalha en tal ponto que se non vençia de nenhũa das partes. E el rey, quando esto vyo, foy adeante muy ardidamente e esforçava os seus dizendo:

– Ferideos, amigos e vassallos, ca este he o nosso bõo dia. E agora guanharemos prez pera sempre e ficaremos ricos e hõrrados.

E, como el rey dom Afonso era muy valente cavaleiro e de grande esforço e levava todollos seus muy esforçados, começaram de os ferir con tanta força que, per onde passavam, sahiam fogos que açendiã as hervas, ca era no mes meado de Julho. E os valles e as serras ressoavã todos dos grandes golpes que se davam.

E, quando chegaram a par do curral, acharõno tam çercado de mouros atados hũus cõ os outros, que nõ podyam achar logar per hu entrassen. E entom dom Alvaro Nunez, que tragia o pendon del rey, quando vyo que non avya logar per hu entrassen ao curral, fastousse afora e feryo ryjamente o cavallo das sporas e saltou dentro sobre os mouros. E os outros cavaleiros, quando esto vyron, saltaron dentro cõ elle. E el rey d’Aragon quebrantou o curral per outra parte e el rey de Navarra per outra. E desta guisa foy entrado o curral.

E enton foy a batalha mais forte e mais cruevel e ouve hi feitos muy grandes golpes e muy assiinados. E foi feita tal mortiindade nos mouros que esto foy hũa grande maravilha, ca tam gram pressa lhe davam os cristãaos que os mouros non avyam aazo de se defender. E Miraamolin, cõ muy gram pressa en que estava, mãdou tanger hũu atambor e disse que cada hũu ouvesse cuidado de se poer en salvo.

³³⁴ CAPÍTULO DCCLXV

Como Miraamolin fugio da batalha

Quando Miraamolin vyo o curral quebrantado e os seus desbaratados, começou de fugir e os muy nobres reys cristãaos, seguindo o encalço matando ennos mouros e nomeando cada hũu seu apellido. E tam grande foy a mortiindade que fezeron ennos mouros que non podyam sayr d’antr’elles, tam bastos jazia no campo. Ca, depois que elles viron que Miraamolin fugira, non pensarō se non de guareçer.

E Miraamolin chegou a Baeça e os mouros preguntaronlhe que faryã. E el disselhe que fizessem o melhor que / [283c] entendessem que elle nõ era por sy nõ por elles. E entom lhe deron outro cavallo e chegou essa noite a Geen.

Os mouros, seendo vencidos e hindo fugindo quãto podyam nõ os seguyó el rey dom Afonso, por que era cansado do gram trabalho que levava mas ficou enna tenda de Miraamolin e reteve en sy o campo. E el rey de Navarra e el rey d'Aragon con muitas companhas seguiron o encalço. E muitos dos mouros se acolherõ a hũa muy alta pena pensãdo ally d'escapar. E tanto que os cristãos chegarõ aa Pena, leixousse cayr con os mouros e morrerõ todos. Os cristãos seguirõ o êcalço ataa Bilches e daly se tornarõ pera o câpo onde os estava sperando el rey dõ Afõso, muy alegre da victoria que lhe Deus dera.

³³⁵ E el rey de Navarra tragia hũu golpe de lança pellos peitos non que lhe chegasse aa carne mas sahialhe per ally o algodõ do preponito. E quando el rey dom Afõso vyo aquelle signal de ferida disse:

– Certo, coymãao, quem vos esse golpe deu nõ avya sabor de criar rey.

Mandou entom desarmar elle e el rey de Navarra e esteverõ ally dous dias en quãto os seus ajuntavã o algo que jazia no campo. E en esses dias mataron muitos mouros que jaziam escondidos antre as azinheiras e os sovereiros. E, segundo conta o arcebispo dom Rodrigo, de oitêta mil cavaleiros que os mouros erã, ficarõ ally mortos triinta e çinquo mil e os de pee passarõ per duzentos mil. E dos cristãos morrerõ cêto e cinquoenta homẽes, por que assi prougue a Deus.

Mas quem poderia cõtãr o grande aver que no campo foi achado en ouro e prata e aljoffar e pedras preciosas e panos de seda e cavallos e panos d'ouro e armas e outras muitas cousas sen conto? E diz a estoria que, aqueles dous dias que os cristãos esteverõ no campo, nõ queymarõ outra lenha se nõ astas de lâças [283d] e de seetas das que os mouros tragiã. E tamanha era a multidon das tendas e a grandeza do areal que os mouros tiinhã, que os cristãos non poderon poboar a meatade.

³³⁶ CAPÍTULO DCCLXVI

Como el rey dom Afonso mãdou a dom Diego Lopez que partisse o esbulho

A tenda de Miraamolin era de seda vermelha e muy ricamente obrada. E deuha el rey dom Afonso a el rey d'Aragon. E mandou a dõ Diego Lopez d'Alfaro que partisse todo o esbulho do campo, como el quisesse. E don Diego lhe disse:

– Senhor, todo o aver que vós e nós outros, filhos d'algo avemos d'aver desta batalha, convem a saber o que está dentro no curral, seja todo dos reis d'Aragon e de Navarra. E a vós, senhor, dou a honrra da batalha que a vós he devida. E todo o aver que he de fora do curral este ajam pera sy cada hũu como o percalçou.

E el rey teve que dizia mui ben e confirmou o que el fizera. E os reis d'Aragon e de Navarra tiveram que dom Diego fora muy discreto en fazer esta partiçon e que soubera muy ben guardar a hõrra del rey dom Afonso. E assi foron todos contentes do que dom Diego mandou.

En outro dya, partironse os reis daquel logar das Naves de Tollosa e forõ a Bilches e cercaron o castello. E os mouros deronlho e que os leixassem hir en salvo. E tomaron o castello das Naves de Tollosa. E desy foron sobre Beeça e acharõna herma que non estavam hy se nõ hũus poucos de mouros doentes que acharõ na mezquita e queimarõnos todos. E foron logo sobre Hubeda que estava chea de mouros que se acolheram hy de muitas partes, tantos que eram cinquenta mil. E os mouros, con grande medo, desêpararon a villa e acolheronse ³³⁷ ao castello. E preitejarõ dar a el rey hũu conto de maravidiis de prata e que os leixasse na villa / [284a] por seus vassallos e que lhe daryam en cada hũu anno seu tributo. E con esta preitesya, a hũus prazia e a outros pesava. En esto mandaron os prellados, so pena d'escomunhõ, que non ouvesse hy preitesia se nõ que tomassen a villa per força. E assi foy. E mataron todollos mouros e tomaron quanto aver hy estava.

El rey dom Afonso quisera hir mais adeante, mas os reys d'Aragon e de Navarra non lho quiseron cõsentir, por que enfermavã as gentes de maa guisa e os reys querianse tornar a suas terras. Entom se tornarõ pera Tolledo. E, ã hũdo, acharon o duque d'Astarique a que pesou muyto por que non pôde chegar aa batalha e tornousse con elles pera Tolledo onde foron recebidos muy ben e con grande hõrra. E ally deu el rey dom Afonso aos reis e a seus vassallos muytas e boas doas e partio con elles muy graadamente, em tal guisa que todos foron delle muy pagados. E deu entom a el rey de Navarra XIII villas e castellos que lhe tiinha tomados, segundo ouvistes en esta estorya. Desy partironse os reys muyto amigos e foronsse pera suas terras muy ricos e honrrados.

CAPÍTULO DCCLXVII

Como el rey dom Afonso foy tomar os castellos aos mouros e da grande fame que en esse anno veo en Espanha

El rey dom Afonso, depois que ficou en seu reyno, esguardou o muyto e leal serviço que lhe avyam feito os condes e ricos homens de sua terra e, por lhes dar galardón, herdouhos muy ben de muitas terras aalen das que tiñham e mandouhos hyr pera suas casas muy ricos e honrrados.

³³⁸ Esta batalla das Naves de Tollosa foy feita na era de mil e duzentos e cincoenta ãnos, hũa segunda feira, XIII dias de Julho.

Estando assi el rey dom Afonso en Tolledo por folgar, por que estava fraco do muy / [284b] gram trabalho que levara sacou sua hoste en ese anno en meo do inverno e foy tomar o castello de Donas e deuho aos freires cujo ante fora. E tomou o castello d'Alcaraz, que era muy forte e ben lavrado, ca daly lhe viinha muyto dampno na terra. E tomou outro castello que avya nome Ruipa e deitou os mouros fora. Desy tornouse pera Tolledo onde estava sua molher e sua filha dona Biriguella e seus netos dom Fernando e dom Afonso.

En esta sazón veo a yra de Deus en Spanha e foy o anno tam maa e assi minguido de pam que cahiam os homens mortos de fame con mingua de mantiimento. E pero lhes el rey dava grandes esmollas por o amor de Deus e fazia muito ben nõ lhe podya poer conselho. E, pero que os ricos homens e prellados e os çidadãos da terra faziam por Deus muito bem aos pobres; nõ os podyam avondar tanta era a multidõ delles. E non tam soomẽte en este anno falleceo o fruyto da terra, mas ainda o das animalyas e das aves que non ³³⁹ fructificarõ como soham. E morreron en aquelle anno muitos cavallos e outras bestas de servir per mingua de mantiimentos que non avyam. E, pero tanta fosse a mingua do mantiimento e mortiindade na terra nõca o bõo rey cansou de ben fazer.

E, por se recõçiliar cõ el rey dom Afonso de Leon, mandoulhe dizer que veesse a hũu logar que chamã Abalinte, ca queria hy fallar con elle. E chegarõ hy ambos e fezeron suas vistas e firmarõ antre sy muy grande amor. Entom tornou el rey de Castella a el rey de Leon dous castelos, convem a saber: Carpo e Mõrreal, con condiçõ que os derribasse logo. E, pera esto comprir, envyou con elle dom Diego Lopez d'Alfaro. E forõ os castellos derribados. E ficaron os reys ã acordo de fazer guerra aos mouros.

E desta vez guaanhou el rey de Leon Alcantara. E, por que Callatrava era cabeça da horden de Castella, teve por ben de aver en seu reyno outra / [284c] cabeça da dita horden. E por esta razon fezeron meestre en Callatrava Alcantara pero que fosse a Callatrava.

CAPÍTULO DCCLXVIII

Como el rey dom Afonso foy cercar Beeça

Andando a era en mil e duzẽtos e çincoẽta e hũu annos, no mes de Novembro, sacou el rey dom Afonso sua hoste e foy sobre Baeça. E, teendoa cercada, foy tam grande a mingua da vianda nos da hoste que comyan as carnes ³⁴⁰ dos homens. Pero tevea cercada gram tempo, mas por a grande fame pos tregoas cõ os mouros e tornouse pera sua terra. E, quando chegou a Callatrava, achou as gentes muy lazeradas de fame e os ricos homeens partiron con elles dos mantiimentos que tragiam. E o arcebispo don Rodrigo deu grande algo aos freires en dinheiros e muitas viandas, por tal que non ficasse o logar deseparado. Ca elle ficou por defender a frontarya e davalhes cada dia de comer. E esto durou des a quareesma ataa Sam Joham que Deus deu fruito na terra.

En este tempo, pobrou el rey dõ Afonso Mirangelo, por que viñham per aly os mouros fazer mal a Tolledo mas, tanto que os mouros souberõ como era pobrado, pesoulhes muyto. E veeron sobr'elle seteçentos cavaleiros e dous mil homens de pee e combateron o castello todo hũu dia, ã tal guisa que poucos ficaron no castello que non fossen mortos ou feridos; pero nõ poderõ tomar o castello. Ante morrerõ hy muitos delles de pedras e seetas que lhe ãvyavõ os cristãos. E, quando se os mouros assi viron maltreitos, foronse e o arcebispo dom Rodrigo mandou logo ao castello gẽte e viandas. E, depois que o castello foy fornido de gente e do que avya mester, foisse o arcebispo pera Burgos. E deu el rey dom Afonso aa egreja de Tolledo vñte aldeas por herdamento.

CAPÍTULO DCCLXIX

Como morreo el rey dom Afonso de Castella

[284d] Conta a estoria que el rey dom Afonso mandara dizer per suas cartas a el rey de Portugal, seu genro, que veesse a sua cortes como era theudo, ca el rey dom Afonso querya fazer cortes pera em ellas aver conselho como fosse sobre Gasconha. E el hindo pera fazer as ditas cortes en Burgos, enfermou

en hũa aldea ³⁴¹ que chaman Gilmus que he en termo d'Arrevol. E, el estando assi doente, disseronlhe algũs que, assi como el rey de Portugal o non quisera hir ajudar aa batalha das Naves de Tollosa, que ben assy nõ querya vïr a suas cortes. Mas el rey de Portugal non era en esto culpado, ca estando el de caminho con sua hoste pera o hir ajudar aaquella batalha deulhe hũa tal enfermidade que o teve lõgo tempo, en guisa que, quando lhe mandarõ que fosse aas cortes, ainda non podya ben cavalgar, pero que o fezeron entender a el rey dom Afonso doutra guisa. E elle foy dello muy sanhudo e disse que, se o Deus daquela door guarecesse, que logo dereitamente hiria a Portugal e que tomaria a terra a seu genrro e quanto avya.

E con este pesar acrecentouxelhe a enfermidade. E el, quando se assy vyo, confessousse e recebeo o Sancto Sacramento do corpo de Jhesu Cristo da mũa do arcebispo dom Rodrigo, estando hy dona Leonor, sua molher, e dona Biringuella, sua filha, e seu filho, dom Anrique e seus netos, dom Fernando e dõ Afonso, e o bispo de Palença e o bispo d'Avilla. E, jazendo assi, creceolhe a enfermidade e morreo logo. E esto foy no mes de Setembro en dia de Santa Cruz, na era de mil e duzentos e cinquoenta e dous anos. E foy soterrado nas Olgas de Burgos.

CAPÍTULO DCCLXX

Como alçaron por rey de Castella dom Anrique, filho do muy nobre rey dõ Afõso

[285a] D[...] da morte del rey dom Afonso, alçaron por rey seu filho dom Anrique, que era moço de doze annos. E reynou dous annos e dez meses e meo.

E, quando foy alçado por rey, ficou en poder da raynha dona Lyonor, sua madre. Mas, logo a pouco tempo, morreo a raynha dona Lyonor e encomendou seu filho a el rey de Leon e aa raynha dona Biringuella. E mandou a seu filho ³⁴² que lhe nõ saisse de mandado nem fezesse nenhũa cousa sen seu conselho. E el rey prometeolho.

Morta a raynha dona Lyonor, foy soterrada nas Olgas de Burgos a par de seu marido. E ficou a raynha dona Biringuella por guarda do reyno e de seu yrmãao el rey dom Anrique. Mas os filhos do conde don Nuno de Lara trabalhavõ de lho tirar das mãaos, por mal que lhe queriam. E estes eram o conde dom Alvaro e dom Fernãdo e dom Gonçallo. E avya hy hũu cavaleyro de que a raynha dona Biringuella muito fiava. E el trabalhavasse de se avïr bẽ cõ os condes. E avya nome Garcia Lopez de Palença. E este era guarda del rey por a rainha dona Biringuella. E o conde don Alvaro ouve con el sua falla que guisasse como ouvesse el rey e que lhe darya por herdamento hũa aldea que avya nome Calçada. O cavaleiro, por aver a aldeea, conselhava / [285b] aa raynha que desse el rey ao conde dõ Alvaro.

Mas a raynha era muy entendida. E mandou por todollos ricos homẽes do reyno e por os prellados e ouve com elles conselho a quem daria seu yrmãao el rey en guarda, ca ella nõ o querya dar a nenhũu sen seu conselho delles. E elles conselharonlhe que o desse ao conde dom Alvaro, que era homen bem aparentado e pera se poer a grandes feitos, se mester fosse. Quando a raynha vyo o conselho que lhe davam, mandou logo chamar todollos homẽes bõos dos concelhos que veessem logo a Burgos a cortes. E, depois que hy foron juntos, disselhes se tiinham por bem de seer dado el rey, seu yrmãao, ao conde dom Alvaro en guarda e que lhe rogava que lhe conselhassem como fezesse, ca ella non farya nenhũa cousa sem seu conselho delles. E todavya, temendosse do conde, pero dizia ella que ao conde perteeçia teer el rey mais que a outro nenhũu. E todos disserõ que era bem de o darem ao cõde en guarda, salvo o conde dom Fernando, que o quisera pera sy; mas non o quiserõ escuitar. E entom outorgaron todos que fosse dado ao conde dom Alvaro.

³⁴³ E a rainha, temendosse do que depois aveo, fezlhe tomar juramento que verdadeiramente fosse amigo del rey e lhe fosse leal vassallo e sempre o bem conselhasse e acreçentasse en sua hõrra e lhe guardasse o corpo de dampno e que non tomasse a terra a nenhũu rico homen, sen seendo ouvydo sobr'ella; e que mantevesse a terra dereitamente e os poboos en seus foros e que non tomasse nem desse herdamento nenhũu sem ella nem fezesse nenhũu grande feito sem seu conselho e del rey e do reyno. E este juramento lhe tomou o arcebispo dom Rodrigo de Tolledo e dom Tello, bispo de Palença, e dõ Mouriz, bispo de Burgos, que, se non tevesse aquello que prometia, que ouvesse a maldiçõ de Deus. / [285c] Prometeo outrossi aa rainha dona Biringuella que non fosse contra ella e que todo o seu fosse guardado e, assiinadamente, antre todallas outras cousas, as arras que lhe sua madre leixara que eram estas: o castello de Burgos, Valhadolide, Munhõ e os portos de mar e seus celeiros e todallas outras suas rendas e que sempre a amasse e servisse.

CAPÍTULO DCCLXXI

Como el rey dom Anrique foy entregue ao cõde dom Alvaro

Depois que el rey dõ Anrique foy entregue ao conde dom Alvaro de Lara, sayusse logo con elle de Burgos e hyam con elle Gonçallo Rodriguez Giron e seus yrmãos que eram muy speciaaes amigos da rainha dona Biringuella. E elles chegavanse a el rey o mais que podyam e a sua privança e esto por alongar o conde, se podessem. Mas o conde, como esto sentyto, mandou a dom Gonçalo Rodriguez e a todollos outros ricos homens da corte que nõ veessem hy se non quando os elle mandasse chamar.

³⁴⁴Depois que esto fez, lançou logo pedido pello reyno e mādou tomar a terça das egrejas, per que el rey podesse passar honrradamente contra os mouros e pera poder pagar seus vassallos por defendimento da terra. Quādo esto vyo o arcebispo dom Rodrigo pôs interdito enno reyno e esto por as terças das egrejas que tomara, ataa que as tornou e prometeo de as mais nõ tomar.

E el rey dom Anrique, per seu conselho, fez cortes en Valhadolide e nõ foy a ellas chamada a rainha dona Biringuella. Entom dom Lopo Diaz d'Alfaro e dom Gonçalo Rodriguez Giron e seus yrmãos e Alvaro Diaz de Cameiros e dom Afonso Tellez de Meneses e dom Rodrigo, arcebispo de Tolledo, e muitos outros ricos homens que eran do bando da rainha, quando vyron que nõ avyam de vñir a casa del rey, ouveron / [285d] seu conselho como se podessem defender do mal que recebiam do conde. Enton foron todos aa rainha dona Biringuella e disseronlhe o mal e sen razon que recebiam do conde don Alvaro e que a rogavon que lhe pesasse dello.

En esta sazõ levou o conde el rey pera Medina del Campo. E desy foyse pera Avilla e hi foy feito cavaleyro o conde dom Alvaro, ca ainda o non era. Entom lhe mandou a rainha per sua carta dizer que esguardasse a jura que fezera e nõ a quisesse passar nem ouvessem del querella os ricos homens e fidalgos que non andassem em casa del rey, quando lhes prouvesse, nem fizesse mal aos das villas sen razon; e que esto lhe mandava dizer por sua honrra e por que travaron en seus feitos os bõos homens.

³⁴⁵ CAPÍTULO DCCLXXII

Como o conde dom Alvaro tolheo o moordomado del rey a dom Gõçallo Rodriguez Girõ

Quando o conde vyo a carta que lhe a rainha mandara, foy muy sanhudo e disse que grande mal seeria se el rey en seu reyno non fizesse o que quisesse. E tolheu logo o moordomado del rey a dom Gonçallo Rodriguez Giron e deuho ao conde dom Fernando, seu yrmão; e tolheo a terra a dom Ruy Diaz dos Cameyros e a Alvaro Diaz, seu yrmão. E mādou logo dizer aa rainha dona Biringuella que desse logo a el rey o castello de Burgos e o de Valhadolide e os portos do mar. A rainha, quando vyo a carta de seu yrmão en que lhe pedia os castellos, pesoulhe muito. E mandoulhe dizer que, quando se ella con el visse, que dos castellos e do al farya quanto el mandasse come de yrmão e senhor.

Quando el rey vyo a carta, pesoulhe muyto e mandoulhe dizer ã puridade que lhe nõ mandara pedir os castellos nem sabia dello parte e que, se elle / [286a] podesse, que de grado vñiria a ella como a sua yrmã que muito amava. Mas que lhe rogava que lhe mandasse hñu homen de que fiasse, a que elle contasse sua puridade. E a rainha mandoulhe hñu cavaleiro que avya nome Ruy Gonçalvez de Valverde con que fallasse. Mas esto non foy tanto en puridade que o o conde non soube e mandouho prender e levar Alarcõ.

En esta sazõ andava o conde con el rey pella estremadura, comendo e tirando serviços. E destõ pesou muito ao arcebispo dom Rodrigo que lhe queria mal por os seus feitos que eram maaos; e mandoulhe dizer que se saisse logo de todo o arcebispado de Tolledo e pos interdicto en elle. E o conde foyse con el rey pera Huote.

³⁴⁶ CAPÍTULO DCCLXXIII

Como o conde dom Alvaro de Lara casou el rey dom Anrique cõ a filha del rey de Portugal

Conta a estoria que o conde entendeo muy ben que el rey avya gram sabor de sayr de suas mãas e esto per conselho da rainha sua yrmã. E, por esta razon, guardavao de tal guisa que se non fizesse. E, por o assessegalo, disse que o queria casar. Desi foyse con elle pera Pallença e leixou hy el rey e foyse a Portugal. E pedio a el rey sua filha que era muy fremosa e avya nome dona Mafalda. E el rey de Portugal deulha muy de grado. E elle levouha e foyse con ella pera Pallença. Desi partiosse el rey dhi e foyse pera Medina del Campo e fez hy suas vodas muy honrradamente.

E, depois que foron feitas, partiosse daly e foy tomar a terra a don Lopo Diaz d'Alfaro. E, pero que pousou preto de Burgos, nõ quis veer sua yrmã por nõ anojár o conde. E foyse a Callaforra e tomou o castello que tiinha Garçia Çapata. E tomou logo a terra a Ruy Diaz dos Cameiros e a Alvaro Diaz, seu yrmão. Desy tornousse a Burgos e cõ todo esto nõ quis veer sua yrmã.

A rainha mandou dizer ao conde que fizera / [286b] muy mal de casar seu yrmãao per tal guisa, ca non era o casamento aguisado nem conviinha por o gram parentesco que avya antre elles. E o conde, como era homen de forte condiçon respondeulhe por desonestas palavras. A raynha, con despecto do conde, mandou dizer todo este feito ao Papa Inocêcio IIIº e como eram muy chegados en parentesco. O papa quando vyo o recado da raynha, mandou suas cartas a dom³⁴⁷ Tello, bispo de Pallença, e a dom Mouriz, bispo de Burgos, que desto fez executores que amoestassem el rey que se partisse logo da raynha, sua molher, por que estava con ella en pecado mortal. E, se della nõ se quisesse partir, que possessẽ interdicto no reyno. E desta guisa foy partido aquel casamento.

CAPÍTULO DCCLXXIV

Como o conde dom Alvaro buscava muyto mal aa raynha dona Biringuela

O conde dom Alvaro trabalhavasse de buscar todo mal que podia aa raynha dona Biringuella. E, por esta razon, mandou a ella Martin Mẽedez de Finojosa con cartas aficadas en que lhe envyava demandar os castellos e os portos do mar. E ella, quando vyo as cartas, disse:

– Certo, esto non demanda meu yrmãao nem lhe praz dello. Mas pois a sua voz mos demanda, querolhos dar. E rogo a Deus que veja esto e o torto e sen razõ que me o conde faz, passando a jura que prometeu.

E mãdoulhe enton entregar todo se non Valhadolide que leixou pera sy por que era de suas arras.

Depois desto, moveo o conde preitesia a el rey dom Afonso de Leon que casasse el rey dom Anrrique con sua filha dona Sancha, con cõdiçon que aa sua morte ficasse o reyno de Leõ a el rey dom Anrrique e que, por fiança desto, lhe desse logo Santivanhes da Mota. E derõlho logo e apoderaron do alcaçer Sancho Fernandez que o tevesse en fieldade. E esto fazia o conde por partir Sancho Fernandez da raynha que non fosse en sua ajuda. Todas estas / [286c] maneiras e outras muitas buscava o cõde por empeezer aa rainha e por que seus filhos non herdassem³⁴⁸ o reyno de Leon. E, quando viron que erraron en dar o castello a Sancho Fernandez, por que era da parte da raynha, moveron outra preitesia a el rey de Leon que lhe leixariam o castello de Santivanhes e que lhe desse o castello de Tedra e con elle dez mil maraviidiis. E el rey teveo por ben. El rey dom Anrrique fuisse pera a raynha, sua yrmãa, que estava en Leon e pediolhe o castello de Tedra que eram suas arras que lhe dera el rey de Leon. E ella deulho logo. E tornouusse ao conde don Alvaro e disse:

– Certo, conde, vos fazees maa obra en poer desvairo antre mỹ e meu yrmãao.

Feito esto, partiosse el rey da rainha sua yrmãa. Pero, ante que se fosse, pediolhe o iffante dom Fernando pera o levar consigo e ella deulho. Depois que foron feitas vistas antre el rey de Leon e el rey dom Anrrique, tornouusse pera Castella. E ajuntou logo sua hoste e foy cercar Otielha. E a rainha sua yrmãa fuisse a Pallêça e veerõ a ella dom Gõçallo Rodriguez Giron e seus irmãaos e disseronlhe o que lhes avya feito o conde dom Alvaro en lhes estragar seus herdamentos. E aa raynha pesou dello muyto, mas non pôde hy al fazer. Enton se foy meter en Otielha por a defender.

E, estando en esto, soube o conde dõ Alvaro como dom Lopo Diaz estava en Miranda e mandou allo o conde dom Gõçallo, seu yrmãao, que o deitasse da terra. E, pera esto, lhe deu trezentos e çinqueenta cavaleiros e muyta gente de pee. Dom Lopo Diaz, quando esto soube, mandoulhe dizer que non trabalhasse por allo hyr, ca elle o vïria receber. E passou logo o ryo d'Ebro com duzentos cavaleiros e dous mil homẽes de pee escudados. E o conde, quando o vyo, acolheosse a hũu cabeço e dom Lopo Diaz sperouho enno chãao. E elles estando pera lydarem, veheron hy abbades religiosos e aveherõnos. / [286d] E tornouusse o conde dom Gonçallo pera el rey e dom Lopo Diaz fuisse pera Otielha, onde estava a raynha e con ella dom Gonçallo Rodriguez Giron e seus yrmãaos e don Garçia Fernandez de Villa Mayor e dõ Guilhem Perez de Gozmã e dom Gil Anrriquez e outros muitos bõos fidalgos.

³⁴⁹ CAPÍTULO DCCLXXV

Como el rei dom Anrrique mandou cercar dom Afonso Tellez en Villalva e do al que se fez

Conta a estoria que el rey dom Anrrique, viindo cõ sua hoste muy grande sobre Otielha, que chegou a Pallença. E viinha con elle o conde dõ Alvaro e seus yrmãaos e Martin Meendez de Finojosa e seus filhos e Garçia Ordonhez e Guilhem Gonçalvez e dom Gomez Anrriquez e dom Ynego de Mendoza e Pero Gõçalvez de Manho. E entom Ruy Diaz dos Cameiros e Alvaro Diaz, seu yrmãao, e Joham Gõçalvez de Huzedo viinhãse pera Utiella hu estava a raynha. E chegaram a Monçõ. E, estando hy e non sabendo parte da viinda del rey, viron grandes poos cõtra Pallêça. E armaronse logo e cavalgarõ en seus cavallos e eram per todos trezentos cavaleiros. E sayron da villa. En esto chegou o conde dom Fernando e Martin Meendez de Finojosa e dom Gomez Anrriquez e dom Garçia Ordonhez e trãgiam trezentos e triinta

cavaleiros. E, logo que se encontraron, começaron de se ferir de tal guisa que en pequeno espaço foron muitos mortos e derribados d'amballas partes e outros presos; e fora feito muito mal, se non por a bandeira del rey que pareceo. Entom elles nõ a quizeron atender, ca virom que nõ era razõ, e tornaronse pera o castello e albergarõ hy essa noite. E el rey foyse pera Pallença.

E, estando hy, soube como dom Afonso Tellez era en Villalva e mandou trasnoitar sobre elle e que o matassen ou prendessẽ. E, quando chegaron a Villalva, acolheosse elle a hũa / [287a] torre con oito cavaleiros e con muy pouca companhia. E aa entrada lhe mataron hũu cavaleiro e elle foy ferido mas logo lhe veeron em ajuda sessenta cavaleiros que se meteron dentro con elle. E, estando assi cercados, logo en outro dya chegou hi el rey e mandouhos combater tam fortemente que os tiveron muy aficados grã peça. Mas quem poderia dizer o gram pesar que avyam os ricos homẽes que estavõ en Utiella por que non podyam acorrer a dom Afonso Tellez?

³⁵⁰ CAPÍTULO DCCLXXVI

Como a rainha dona Biringuella mandou pedir ajuda a el rey dom Afonso de Leon e como lhe veo

Levantousse el rey dõ Anrrique de sobre Villalva e foy sobre Utiella e pousou preto do castello. Mas os ricos homeens que hy eram nõ quiserõ sayr a elle. E envyaron dizer ao conde dõ Alvaro que fosse certo que por elle non leixavõ de sayr mas que os costringia a lealdade de non hirem contra seu senhor. Mas que lidaryam con elle e con quanto poder avya. E o conde disse que o non faria mas que os teeria assi cercados. E el rei non teve por ben de teer cercada sua irmã e levantousse logo daly e foyse pera Frechelha e derribou as casas a Ruy Diaz Giron.

A rainha avya envyados dom Lopo Diaz e Gonçallo Rodriguez con seu recado a el rey de Leon que lhe enviasse ajuda per seu filho o iffante dom Fernando, ca elle estava entom con seu padre. E el rey disse que agradeceria muito a quãtos con el fossem en ajuda da rainha. E foy logo feito en tal guisa que veeron con elle quinhentos cavaleiros. E elles viindo pera lhes acorrer, chegou dom Afonso Tellez e disselhes como ja era decercada a rainha e todo o al que acontecera e como se el rey fora a Palêça. E entõ se tornarõ.

CAPÍTULO DCCLXXVII

Como morreo el rey dõ Anrrique e do que aconteceu da sua morte

[287b] El rey dom Anrrique, estando en Pallença e andando hũu dia jogando o tegelo con seus donzees, hũu do linhagem de Mendoça lançou hũu ³⁵¹ tegello e deu con elle no telhado e caeo hũa telha que deu a el rey na cabeça tam grande golpe que o fez caer en terra e nõ durou mais daquela ferida que onze dias. E morreo na era de mil e duzentos e çinquoeenta e tres annos.

Estas novas souberõ logo dom Gonçallo Rodriguez Giron e dõ Lopo Diaz e dom Afonso Tellez e ouverõ seu conselho que fossem por o iffante dom Fernando e o trouvessem pera Castella e que, depois que o hi tevessem, que o alçaryam por rey. E con este acordo se foron pera el rey de Leon e disseronlhe como el rey dom Anrrique hya outra vez sobre Utiella hu estava a rainha e que lhe pediam por mercee que lhes desse o iffante dom Fernando que fosse cõ elles en acorro aa rainha, sua madre. E el rey deulho. E elles que se queriam partir con o iffante, hũa dona que avya nome dona Aldonça e outra dona Sancha foron a el rey e disseronlhe que non leixasse hir o iffante, ca fosse certo que el rey de Castella era morto e que tiinha tempo pera seer emperador. E el rey mandou aos ricos homẽes que se non fossem e a elles pesou desto muyto.

Estando elles en esto, chegou hũu cavaleiro que avya nome Fernam Soarez que lhes tragia mandado da rainha que se fossem con o iffante. E elles castigaron muy ben o cavaleiro como dissesse a el rey. E, depois que o tiveron bẽ avisado, foron a el rey cõ aquelle cavaleiro e el disselhe como era vivo el rey dom Anrrique e que comya ja carne. Enton mandou el rey que se fossen con o iffante. As donas foron outra vez a el rey e afirmaron como el rey de Castella era morto. E el rey mandou outra vez que se non fossen. / [287c] Foronse elles enton outra vez a el rey e fezeronlhe entender que el rey dom Anrrique era vivo e sãao e que non creesse que era morto. E tanto lhe disserõ esto per boas pallavras que os mandou hir.

E elles cavalgaron a gram pressa e foronse sua via e andaron tanto que aquel dia chegarõ a hũa aldea que ha nome Villacide Alfer. E, depois que comerõ, ³⁵² virõ grandes poos escontra Touro e cavalgaron e foron a Villarparando; e en outro dia foron a Aguyllar e en outro foron a Quelhar hu estava a rainha. E ally tomaron logo voz cõ o iffante e alçarõno por rey so hũu olmo.

Desi partironse daly e foronsse a Pallêça onde os receberam con grande allegria. E daly foron sobre o castello de Donas que estava por o conde dom Alvaro e tomarõno per força e prenderõ dom Gil

que o tiinha. E partironse daly e foron a Valhadolide e dali foron albergar a hũa aldea que ha nome Santa Justa. E, estando hy, chegaron novas como el rey de Leon viinha con grande hoste estragando a terra e con elle o conde dom Alvaro e seus yrmãos.

CAPÍTULO DCCLXXVIII

Como alçaron por rey de Castella dom Fernando, filho del rey dom Afonso de Leon e da rainha dona Biringuella

Conta a estorya que, estando el rey don Fernando en Valhadolide que veeron a elle os homens boos das villas da Estremadura d'aalen da Serra e esto por que a rainha dona Biringuella lhes mandara dizer que esguardassem os muitos e bõos divedos que con ella avyam. E elles / [287d] por esta razõ veeronse a Valhadolide e disseron todos per hũa voz que nõca seeriam so o senhorio dos Franceses nen dos Leoneses mas que sempre averyam rey e senhor da linha dos reys que forom de Castella. E, depois que todos foron juntos, derom o reyno a dona Biringuella. E ella rogouhos que recebessem seu filho por rey e a elles prouve muyto. E partiron logo con elle pera hũa egreja de Sancta Marya e ally o alçaron todos geeralmente por rey. E, quando esto foy avya elle dezooito ãnos de sua idade. E toda a clerizia cõtava: «Te Deum laudamus».

³⁵³ E feito esto, chegaron novas do grande dampno que el rey de Leon fazia no reyno e elles, tãto que o souberõ, acordaron todos en hũu de yr lidar con elle e que o deitassem da terra, ca elles tiñham que o podiam ben fazer por que estavam hy dous mil cavaleiros muy bem guisados. Mas a rainha nõ o quis consentir, dizendo que non quisesse Deus que o filho lidasse contra seu padre.

En esto el rey de Leon passou o rio de Pisorga e foy a hũa aldea que chaman Lagoa que he hũa legoa de Valhadolide. E el rey don Fernando mandoulhe dizer que lhe non corresse a terra nem lhe fizesse mais mal mas que devya aver gram prazer por lhe Deus fazer tanta mercee en querer dar o reyno e terra a hũu seu filho e specialmente tal reyno donde lhe viinha muito mal e guerra; e que, dally adeante, non lhe viiria del se non muyto serviço e ajuda. E el rey de Leon mandoulhe dizer que o non fazya se non por que se veera sen seu mandado; mas que o rogava que ouvesse com a rainha que se tornasse pera elle e que desta guisa seeriam ambos senhores de Castella e de Leon e que, pera esto, que lhe mandarya guaanhar despensacõ do papa e que, depois da sua morte, que ficassem todollos reynos a elle.

Dom / [288a] Afonso Tellez, que fora o messegeiro desto tornou con este recado a el rey dõ Fernando e a sua madre e contoulhes todo o recado que achara en el rey dom Afonso, seu padre. E a rainha disse entom que ja a Deus nõca mais prazeria que ella tornasse pera elle; mas quanto o reyno de Castella, que o queria pera seu filho a que o Deus dera e os homens bõos da terra.

Quando el rey de Leon soube o que a rainha dizia, ouve mui grande pesar e disse que queria hyr a Burgos. E el rey don Fernando ouve medo de cobrar seu padre o castello de Donas e mandou alla dom Lopo Diaz d'Alfaro e dom Alvaro Diaz dos Cameiros e outros boos cavaleiros. E, quando o soube el rey de Leon, ³⁵⁴ non quis hy estar e foyse pera Torre Queimada e estragouha toda. E passou o ryo d'Arlança e foyse pera Cardena e aa Torre de Mouriente e queimou todallas villas que erã de Garcia Fernandez de Villa Mayor, as quaaes lhe mostrava o conde dom Alvaro, e esso meesmo fazia a todollos outros ricos homens que eram da parte del rey don Fernando, seu filho. Desi tomou caminho de Burgos. Mas, ante que alla chegasse, mandara ja hy el rey don Fernando muitos bõos homens en guarda do logar. E el rey de Leon, quando o soube, queimou Villar de Miro e Vascones e Villar Quira e passou per Castro Exarez e foy antre Pallença e Carriõ e per terra de Campos ajuso. E, en tornandosse, quanto achou do bispo de Pallença todo estragou. E assi entrou en seu reyno.

CAPÍTULO DCCLXXIX

Como e por qual razõ foy a contenda que ouve a rainha dona Biringuella e el rey don Fernando, seu filho, con os cõdes de Lara

Deves de saber que, depois da morte del rey don Anrique, foy movida gram contenda antre a rainha dona Biringuella e seu filho el rey don Fernando con o cõde / [288b] dom Alvaro e seus yrmãos. E esta contẽda durou longo tempo. Mas a razõ por que foy he esta: El rey don Afonso, o que venceu a lide das Naves de Tollosa, ouve por filho el rey don Anrique e mais quatro filhas: a primeira foy dona Branca, que foy casada con el rey don Luis de França, o que foy padre de Sam Luis; a segunda foy esta dona Biringuella que foy casada cõ el rey don Afonso de Leon; a terceira foi dona Orraca que foy casada con el rey don Afonso de Portugal; a quarta foy dona Lyonor que foy casada con el rey don James d'Aragon. E, por que a rainha dona Branca era a mayor, teveron os condes de Lara que era mais razõ, pois el rey don Anrique

era morto, dar os castellos a ella que aa rainha dona Biringuella, por que era meor. E sobresto se moveo a guerra antr'elles.

³⁵⁵ Os condes envyaron dizer aa rainha dona Brâca que veesse receber seus castellos por que a esta sazón avya ainda muy poucos dias que morrera el rey dom Luis, seu marido, e ficarõ seus filhos muy pequenos, convem a saber dô Luis, o que foy canonizado por sancto, e dô Carlo, que foy rey de Cezilia e de Proêça e de Neapoli con toda Pulha e Calabria. E toda a casa de França andava enton en muy grande alvoroço contra el rey, por que era pequeno, e contra sua madre. E por esta razón mandou dizer a rainha dona Brâca aos condes que dessem os castellos que tiñham a sua yrmãa a raynha dona Biringuella e que lhes quitava a menagem que por elles tiñham feita a el rey dom Anrrique, seu yrmãao, ca Deus poeria assesego na casa de França e que enton seu filho demandaria o seu. E esto lhes mandou dizer quatro vezes e outrossi lho mandarõ dizer os doze pares. Mas, por todo esto, nõ leixaron os condes de teer os castellos ataa que non poderom mais fazer, cuidando que Deus ordenarya / [288c] algũa maneira per que a rainha dona Branca veesse aa terra e que lhe dariam os castellos.

CAPÍTULO DCCLXXX

Como a rainha dona Biringuella mandou dizer ao conde dom Alvaro que veesse a vistas con el rey e con ella

Seendo hũu dia a rainha dona Biringuella cõ seu filho el rey dom Fernando e con outros muitos ricos homeens en hũa aldea acerca de Palêça, mandou per sua carta dizer ao conde dô Alvaro que se veesse veer con el rey e cõ ella, ca queriam con elle fallar muito de sua prol e que veesse sen receo nem hũu. O conde veo a elles con muy pouca companhia, como homen que se non temya. E veeronlhe teer o caminho en hũu valle preto de Pallença dom Gonçallo Rodriguez Giron e dom Lopo Diaz d'Alpharo e dom Afonso Tellez e prenderõno muy refeçemente.

³⁵⁶ Depois que o conde assi foy preso, tornou-se el rey e a raynha pera Pallença e dally se foron pera Valhadolide e leixaron o conde preso ão alcaçer. E, estando ally foron ajuntados os mais dos homẽes bõos da terra e deron a el rey Monte Ferreira. E mandou logo a rainha por o corpo de seu yrmãao que estava en Carriego en hũu ataude e derõno logo a dous bispos que foron por elle, ca assy o mandara o conde dom Alvaro que lho dessem, se por elle mandasse. E ella levouho aas Olgas de Burgos e soterrerrouho a par do iffante dom Fernando, o Graado.

E feito esto, foy el rey sobre o castello de Mõçon e os que o tiñham por o conde defenderõno muy bem. E dally se foy el rey a Lerma e a Lara que eram herdade do conde dom Alvaro e foy o sobre o castello de Belfurado que estava por o conde dô Gõçalo. E daly foron en na egreja e en Navarrete e deronlhos logo. Desi tornou-se el rey outra vez a Belfurado e as suas cõpanhas / [288d] foron combater o castello. Mas dom Gonçallo Rodriguez Giron e Ramiro Froles que eram ricos homeens e ben mancebos, por se provarem en armas, tomaron a deanteira do combato e os do castello prenderõnos. Depois que el rey vyo que nõ podia tomar Belfurado, tornou-se pera Burgos e daly a Torre Queymada e desy a Pallença e daly se foy pera Valhadolide.

Entom lhe foi outorgado todo o reyno geeralmente con outorgamento de sua madre. E entom mandarõ por o conde dom Alvaro, a que era dada muy maa prisõ. Quando elle foy ant'el rey, preguntou aa raynha dona Biringuella por que lhe mandava dar tam maa prison. E ella disse que por que a davam os seus muy maa a dom Gonçallo Rodriguez Giron e a dom Ramiro Frolles e que, se queria seer solto, que lhos mandasse dar. E elle disse que nunca Deus quisesse que elle fosse dado por tam maaos empregos, mas que lhe non dessem a prisom tam maa e que lhe dessem hũu par de capõoes e que logo lhos mãdaria dar. E assi ³⁵⁷ foi feito, ca lhe mandou a raynha os capõoes e elle mandouhos soltar. Entom lhe deron bem pequena prison e foylhe logo movida pretesia que desse os castellos e que o mandaria el rey soltar. E firmaron en esta guisa que se fosse el rey a Burgos e que fosse allo o conde dom Alvaro preso en guarda de dom Gonçallo Rodriguez Giron e de cen cavaleiros e que tâto que el rey fosse entregue dos castellos, que o mandasse soltar. E entom se foy el rey a Burgos e con elle o conde preso. E os castellos foron entregues aa rainha dona Biriguella, segundo mandara per suas cartas a rainha dona Branca, como ja ouvistes. E os castellos que lhe foron entregues sã estes: Canhete, Alarcõ, Tariego, Testipheo, Villa Franca de Monte d'Oca.

Depois que o conde foy solto, foyse pera Belfurado e, como / [289a] tiñha o castello seu yrmãao o conde dom Goncallo, quebrantarõ a villa e mataron muytos homẽes. E depois que estragou toda a villa, foronse pera Lutrones. E o cõde dom Fernando ficou en Castro Exarez e o cõde dom Alvaro foyse pera Fornella. E el rey e sua madre partironse de Burgos e forõse pera Valença. E o conde dom Fernando foyse pera Vilella de Salga con duzentos cavaleiros pera dar d'arrevato na companhia de el rey mas non pode. Estando el rey en Pallença, chegou hy o bispo d'Ovedo cõ mandado del rey de Leon, seu padre, en que se queria veer con elle e con a rainha e que elle lhes guaanharia tregoa do conde dô Alvaro que

andasse pella terra seguros e lhe non fizessem mal nen hũu. A raynha, quando esto ouvyo, ouve tam gram pesar que pos os geolhos en terra e alçou as mãaos ao ceo e disse chorando:

– Oo senhor Deus, vee tu tal sem razon como esta: dizer que el rey aja de demandar tregoa pera andar per sua terra!

En esto o conde dom Alvaro foyse pera Val de Nebro e começou de fazer guerra a el rey dom Fernão, cuidando de cobrar os castellos que perdera.³⁵⁸ Mas el rey dom Fernando tanto que o soube, foy sobr'ell e cercouhe e cortoulhe as vinhas e as ortas. E, estando o conde assi cercado, os ricos homens del rey foronlhe correr a terra que tiinha del rey de Leon e mataronlhe muitas gentes e fezeron ã ella grande dampno. Desi colheronse a Castrelho. E os ricos homens eram estes: Lopo Diaz e Alvaro Diaz d'Alpharo e Johã Gonçalves de Uzedo e dom Garçia Fernãdez de Villa Mayor.

Quando el rey de Leon soube que os ricos homens lhe entrarõ em sua terra, foy sobre elles e entroulhes a villa e elles acolherõse ao castello e tiinhaos el rey de Leon cercados. Mas quem poderia osmar o grande despeito que avya el rey dom Fernando por que lhes nõ podia acorrer? / [289b] E esto por reverença de seu padre e por lhe non seer desobediente nem lhe tornar mãaos iradas. E por esta razon mandou per sua carta dizer a seu padre en esta guisa:

– Oo padre e senhor dom Afonso, rey de Leon, que sanha ou desaventura he esta ou por que me fazees tal sen razon, non vollo merecendo eu? Bẽ parece que vos pesa do meu bem e de eu seer rei, pero muito vos devya prazer por averdes hũu filho rey en Castella que sempre sera a vosso serviço e a vossa honrra. E non ha cristãao ñẽ mouro que, receando myn, nõ reçe vós. Pois donde vos vem esta sanha tam avivada? Ca de Castella, en todollos meus dias, nõ vos viĩra se non hõrra e bem, donde vos suya viĩr tanto mal. Ben vos devia de nembrar que, onde erades guerreado, sooes agora preçado e honrrado. E bem devees entender que fazees vosso dampno no mal que a mĩ fazees. E, se o vos bem vissees, ja hy mesura devya a aver, ca eu vedarvollo poderia e a quãtos reys ouvesse en Leon. Mas a vos, que sooes meu padre, non seeria cousa aguisada. Mas eu quero esto soffrer ataa que vos entendaaes o que fazees.

Depois que el rey de Leon vyo a carta, mandoulhe dizer que o non fezera por al se non por o mal que lhe fizeram en sua terra os seus vassallos e por dez³⁵⁹ mil maravidiis que lhe avya de dar el rey dom Anrique do cambo de Santivanes da Mota e que, se lhos desse, que lhe nõ fariam mais guerra e demais que lhe perdoaria o que lhe fizeram os seus. E el rei dõ Fernando, logo que vyo seu recado, mandoulhos dar. E el rey de Leon decercou logo o castello e foyse pera sua terra. E assi ficaron aviindos daquela vez.

CAPÍTULO DCCLXXXI

Como el rey don Afonso de Leon ouvera de lidar con seu filho, el rey dom Fernando, e por que se non fez

Conta a estoria en este logar que o conde dom Alvaro e seus yrmãaos, veendo como o reyno de / [289c] Castella era en poder da rainha dona Biringuella, que era a cousa do mundo a que elles moor mal queriam, começaram de guerrear e roubar en Val de Pero que he preto de Pallença. Ma el rey dom Fernando tanto que o soube, veosse a Auter de Fumos e a Medina de Ryo Seco. Quando os condes souberõ a viinda del rey e o gram poder que tragia, foronse da terra pera el rey de Leon, cujos vassallos eram. E entom começaram de mizcrar cõ el rei a raynha dona Biringuella dizendo que ella fezera que elle non fosse rey de Castella. E tanto lhe disseron esto e outras cousas que o fezerom mover con sua hoste cõtra Castella.

E el rey dom Fernando, quando esto soube, foy en muy gram coita, ca el bem sabia que seu padre nõ era movydo a tal obra se non per enduzimento dos condes. E, como quer que lhe fosse grave cousa de fazer, por a desobediencia do padre, ouve de sacar sua hoste muy grande cõtra elle. E, estando ja as hostes acerca³⁶⁰ hũu da outra, ajuntaronse os prellados e muitos religiosos de boa vida e disseron e a el rey dom Afonso que fazia muy gram torto e sen razon a seu filho, ca bem sabia como lhe sempre fora obediente e que fosse certo, se con elle entrasse en lide, que Deus seeria cõtra elle. E tantas boas razões lhe disserõ que foy partida a batalha e tornaronse os reys cada hũu pera sua terra.

E quãdo o conde dom Alvaro vyo que se assi partia a batalha, mandou dizer a dom Gonçallo Rodriguez Giron e a dom Lopo Diaz d'Alpharo e aos ricos homens que foron en sua prison que ajuntassem seis centos cavaleiros e que elle cõ trezentos lidaria cõ elles e, a quem Deus quisesse dar a honrra, que a tomasse. E os outros disserõ que lhes prazia e assinaron dia certo a que fosse a lide. E, quando foy o dia, foron todos juntos no campo e poseron suas aazes e começaram a lide. Mas aaçima foron arrancados do / [289d] campo os Girões e dom Lopo Diaz e os Tellos. E o conde dom Alvaro e os seus correron empos elles ataa que os ençarraron en Castrelhon. E, quando os hy ençarrarõ, o conde dom

Alvaro deu con o conto da lãça na porta e disse:

– Ja pello mundo saberam que o conde dom Alvaro con trezẽtos cavaleiros ençarrou os Girões e os Tellos e dom Lopo Diaz d'Alpharo con seiscentos cavaleiros en Castrelhon.

E el en dizendo esto lançaron de çima da porta hũu canto e deulhe no ombro tam gran golpe que lhe maçoas as tripas, en tal guisa que daquello morreo depois a poucos dias.

Desi tiraronno os seus afora e deitarõno en hũa herba verde, assi como por morto, e cobrirõno con hũu manto. E, quando chegou a elle o conde dom Gonçallo, seu yrmãao, que viinha do encalço e o vyo assi jazer, preguntouho por que jazia assi. E o conde mostrouxelhe e disse:

– Bem sabees vos que nunca eu dey a deanteira a vos nem a outro nenhũu en quanto eu pude. E esto mo fez fazer. E vos nõ leixees de seguir o encalço, ataa que os matees ou ençarrees.

³⁶¹ E dom Gonçallo assi o fez. E teveron cercado o castello dous dias. E dom Lopo Diaz que era dentro, quando vyo que se non podia sayr, tomou hũu froque e hũa aguilhada e, descalço come lavrador, e assi se sayu da villa e se foy per antr’elles que o non conheceo nõ hũu. E, depois que o conde dom Alvaro soube como era hido e vyo que o acoitava a door, fezesse levar en andes a Touro. E, quando entendeo que era acerca de morte, tomou o avito de Santiago e morreo en elle. E foy soterrado no castello d’Ocres.

Depois desto a poucos dias, veo o conde dõ Fernando a el rey e aveosse con elle per esta guisa, que lhe daria o castello de Castro Exarez e o de Monçon que elle tiinha e que elle ficasse por vassallo del rey e que ouvesse / [290a] certa contia e que os logares tevesse ã terra del rey con sua contia. E esta avêça foi feita antr’elles. Mas o conde dom Gõçalo non se aveo con el rey; pero mandoulhe entregar o castello de Belfurado depois que vyo que seu yrmãao era aviindo con elle, ca entendeo que o non podya manteer. Desi fuisse pera os mouros.

E, logo a pouco tempo, se desaveo o conde dom Fernando del rey e o por quẽ foy esto: dous cavaleiros castellãaos eran culpados en muitos maaos feitos e o cõde foy pedir por merçee a el rey que lhes perdoasse. E elle non o quis fazer; ante lhe disse que lhes guardaria o foro e dereito, segundo seu mereçer. E o conde vyo que non podiam escapar de morte e fuisse con elles pera aalen mar pera Miraamolin de Marrocos que o recebeu muy ben e lhe fez muita honrra. E ally viveo con elle gram tempo muy honrradamente ataa o tẽpo de sua morte. E os cavaleiros do Espital e aquelles dous que se con elle foram que avyan tomado o avito, e outros que con elle ãdavam o ajudaron a trazer aa ponte de Fiteiros hu jaz.

³⁶² CAPÍTULO DCCLXXXII

Como casou el rey dõ Fernando de Castella con dona Beatriz, filha del rey dom Philippe d’Alemanha

Depois que os condes de Lara foron mortos como avees ouvido ficou el rey dom Fernando ã seu reyno livre de toda contenda e ã paz e temperança de todo ben, ca elle regia o reyno segundo o costume de seu avoo el rey dom Afonso. E todo boo regimento que elle fazia e todos os boos costumes que avya, todo era per conselho da rainha dona Biringuela sua madre, ca ella o husava en nobres costumes e o guardava con grande cuidado. Ca diz o arcebispo dom Rodrigo que XXV annos / [290b] regeo el rey dom Fernando o reyno per conselho de sua madre.

E, veendo ella como elle era en hidade pera aver molher, pẽsou de o casar con hũa filha de dom Filipe, rey d’Alemanha, que avya nome dona Beatriz. E este rey dom Phillippe foy eleito pera seer emperador dos Romãaos; e foi casado con hũa filha do emperador de Costantinopla que avya nome dona Maria.

E pera recadar este casamento que dizemos mãdou alla a rainha dona Biringuella por embaxadores dom Mouriz, o bispo de Burgos, e dom Pedro, abbade de Ryo Seco e dom Pedro, prior da hordem do Espital. Estes forõ cõ sua embaxada a dom Fraderique, rey d’Alemanha, [...] cujo poder e guarda estava a donzella, ca seu padre era ja morto e reynava este que era seu yrmãao. E elle recebeuhos muy ben. E elles disseronlhe a rason por que eram viindos a elle, segundo lhe fora mandado. E el rey dom ³⁶³ Fraderique, avido conselho con seus ricos homeens, outorgoulhe a iffante porque entendeo que o casamento era ygual. E envyounha con os messegeiros muy honrradamente. E, quando veeron en França, passaram muy escusamente per alla por non seeren conhecidos, en tanto que a iffante veo en trajo d’escudeiro ataa que sayron do seu senhorio.

Quando foy sabudo na corte como viinham os messegeiros e trariam a muy nobre iffante dona Beatriz, sayuha a receber a rainha dona Biringuella acompanhada de muitos e nobres fidalgos e de muitas ricas donas e donzellas aalen de Burgos a [...] aldea que ha nome Bitaira. E, en viindo pera Burgos, sayuhos a receber el rey dom Fernando con todos seus ricos homẽes e cõ muitos das villas e das cidades. E depois que assi foy recebida honrradamente en Burgos, logo ao terceiro dia casou el rey con ella na igreja catedral de Santa Maria de Burgos. / [290c] E disse missa o bispo dom Mouriz e beenzeuhos daquellas beenções que a Sãta Igreja manda fazer aos casados. En estas vodas foy ajuntada toda a frol da cavallaria de Castella, ca eram hy con a rainha dona Biringuella todallas ricas donas e molheres filhas d’algo. Outrossi foram en estas vodas todollos nobres fidalgos e ricos homẽes de Castella e muitos homẽs boos das cidades e villas do reyno.

³⁶⁴ Feitas e acabadas estas vodas, foy movida grande contenda antre os Franceses e os Castellãaos, dizendo os Franceses que a rainha dona Branca era a mayor filha del rey dom Afonso e que por esta razõ

devya de herdar o reyno de Castella e que elles por a mayor das yrmãas a levarõ pera França. E con esta parte e entençon eram os côdes de Lara. Mas algũs dos Castellãaos diziam que a rainha dona Biringuella era a mayor e sobr'esto ouverõ grãdes departamentos. Outros algũs er dizian que, en caso que a rainha dona Biringuella nã fosse a mayor, que elles receberõ ella e seu filho por senhores de Castella, mayormente que ella era a mayor e que avya hy privilegios do tempo de seu padre. E os Franceses diziam que as scripturas e os seelos ben os podiam fazer quaaes quisessem, mas que a rainha dona Branca lhes fora dada por mayor. E esta contenda durou muito tempo e por esta razon esteve en ponto de aver hy reto de hũu cavaleiro por outro, hũu por parte del rey de França e outro por parte del rey de Castella.

Mas de como se estorvou e como passarõ todas estas cousas ou per qual guisa foy, nos nã queremos agora dello mais dizer por nã fazer longa estoria desto, se nã tam soamente que depois, per espaço de gram tempo, durando esta contenda, ouveronse d'avĩr el rei dom Afonso de Castella, filho del rey dom Fernando, con el rey de França en esta guisa: / [290d] que casassen o iffante dom Fernando, filho primeiro deste rey dom Afonso e herdeiro de Castella con a iffante dona Brãca, filha del rey dom Luis e neta da rainha dona Branca de que ja ouvistes e que o primeiro filho que delles saisse, que lhe fizesse el rey dom Afonso fazer menagen de todallas villas e castellos do senhorio de Castella, en guisa que, ainda que el rei dom Afonso outros filhos ouvesse, se morresse o iffante dom Fernando e dona Brãca, que ficasse o reino de Castella ao seu filho. E assi o fez el rey dom Afonso, ca fez fazer menagen a dom Afonso de Lacerda, filho do iffante dom Fernando e de dona Branca, quando se foy a Roma por seer emperador. E, en este comeos, morreo o iffante dom Fernando. Depois tornousse el rey dom Afonso a Castella e fez fazer menagem ao iffante dom Sancho, seu filho mayor depois do iffante dom Fernando, de todallas villas e castellos de Castella e de Leon. E depois per tempo quise el rey dom Afonso tornar esta menagen a dom Afonso de Lacerda,³⁶⁵ seu neto, mas non o pode fazer por que o iffante dõ Sancho alçousse contra elle con todollos mais da terra e desherdouho do reyno. E assi morreo el rey dom Afonso desherdado en Sevilha.

Mas depois, a cabo de gram tempo, el rey dom Denis de Portugal e neto del rey dom Afonso de Castela, filho da rainha dona Beatriz, sua filha, foy a Aragon partir a contenda que era antre el rey dom Fernando de Castella, seu genro, e el rey dom James d'Aragon, seu cunhado, e aveos muy bem. E entõ trouve preitesia con dom Afonso de Lacerda que se chamava rey de Castella e cõ el rey dom Fernando que o era. E a preitesia foy firmada en esta guisa: que dom Afonso renũciasse o nome de rey e quebrasse o seelo e que se nã chama/sse [291a] rey en sua casa nem trouvesse pendon con os signaaes de Castella e que por esto lhe dessem villas e castellos e grandes rendas ão reyno as quaaes lhe logo foron assiinadas e entregues per certa sentença que el rey dom Denis sobr'esto deu, ãna qual foy posto que, se dom Afonso trouvesse en seu pendon os signaaes de Castella ou se chamasse rey en sua casa, que perdesse todo aquello que lhe davam no reyno de Castella e todo outro derecho ou senhorio se o hi avia e que ficasse sem nenhũa contenda quite e livre pera todo sempre a el rey don Fernando e aaquelles que del decendessẽ. E depois per tempo, foy achado a dom Afonso os signaaes de Castella no seu pendom e chamavasse rey en sua casa. E por esto perdeu a herdade e todo o derecho que avya en Castella. E per el rey dom Denis recebeo muyta honrra a casa de Castella, segundo aquy dizemos e adeante mais compridamente ouvirees. Mas hora leixaremos a falar desto e tornaremos a falar del rey dõ Fernãdo.

³⁶⁶ CAPÍTULO DCCLXXXIII

Como el rey dom Fernando fez a primeira entrada en terra de mouros

Ajuntaronse os concelhos de Cõca e o d'Orte e d'Allarco e d'Amaya e entrarõ a correr terra de mouros e queymaron muytas aldeas e matarõ muytos mouros e trouveron grande roubo.

El rey dom Fernando, quando o soube, prouguelhe muito e partio logo con sua hoste e foy sobre mouros. E, quãdo foy ao pee do porto de Muradal, mãdou os corredores que fossem deante diante a correr a terra. E foy con elles dom Lopo Diaz e dom Gonçallo Rodriguez Giron e dom Affonso Tellez con quinhentos cavaleiros muy bem guisados. E el rey de Beeça, quando o soube, veo a el rey dõ Fernãdo / [291b] e ficou por seu vassallo con toda sua terra. E el rey dom Fernando foy sobre Queyjada e tomouha per força e morrerõ hy muitos mouros e foron presos sete mil. Desy foisse pella terra e achou desamparados estes castellos: Letra, Tena, Pollos. E foy sobre Asmadrar e sobre Estuvel e sobre Espelim. E preitejarom con elle que lhe leixasse os corpos e que lhe dariam os castellos. E el rey teveo por bem e mandouhos logo derribar.

E, estando ally soube novas de hũa gram companha d'alarves que andavam en hũu logar que chamam Burores con seus gaados. E mandou logo allo dom Lopo Diaz e o meestre de Santiago e o de Callatrava con muitos cavaleiros. E elles foron alla e acharom os mouros que eram cinco mil e quinhẽtos cavaleiros d'allarves. E lidaron cõ elles e mataron e prenderon delles muitos e outros fugirõ. E os cristãaos, por seguir o encalço, leixaron todollos presos ã guarda de hũa peça de homens de pee. E os mouros que hyam fugindo, ajuntousse delles hũa gram companha³⁶⁷ e derom tornada sobre os que

guardavõ os presos e matarõnos todos. Mas, ante que chegassen a elles, mataron elles todos los mouros presos que guardavõ. E os cristãos que seguyã o encalço deron sobre os mouros e matarõnos todos e guañharõ delles as tendas e os gaados e todallas outras cousas que os mouros tiñham e ainda algũs castellos. Desy tornaronse pera el rey cõ grande honrra. E esta foy a primeira entrada que el rey dom Fernando fez en terra de mouros.

Desy tornouse pera Tolledo, onde estavam as rainhas sua madre e sua molher. E, depois que hy folgou algũs dias, partiosse dhi e foyse pera Conca. E ally começou de guisar sua hoste pera hyr sobre Vallença e sobre Murça. Mas el rey de Vallêça, logo que o soube, veosse pera el rey / [291c] dom Fernando e fizesse seu vassallo e obedeceolhe con toda sua terra.

Em este tempo era grande desamor antre el rey dom Fernando e el rey d'Aragon por que lhe corrya hũas aldeas que erã a par de Sorya; mas depois lhe fez emenda e perdooulhe el rey dom Fernando.

CAPÍTULO DCCLXXXIV

Como el rey dom Fernando foy sobre mouros e da grande conquista que fez

Conta a estoria que, ãno mes de Março ajuntou el rey dõ Fernando sua hoste ã Tolledo e dally partio pera correr terra de mouros. E chegou aas Naves de Tollosa. E ally veo a elle el rey de Valença pera o servir come seu vassallo que era. Desy passou Beeça e foyse a Geen. E, no caminho, poseron fogo a hũa torre en que queymaron muytos mouros. E, quando passou preto de Geen, defendeo que se nõ chegasse nenhũ aa villa nõ aas barreyras. E os mouros, quando virõ que se os cristãos nõ chegavon aa villa, cuidaron que o faziã con ³⁶⁸ medo e atreveronse muyto a elles, ca viñham ataa as tendas e matavon os homẽes e as bestas. E el rey mandou a certos cavaleiros que fossem empos elles e a outros que lhes acorressem. E os mouros sayron aos do arreal como suyam. E os cavaleiros meteronse antr'elles e a villa; e eram duzentos. E acudiron doutra parte outros duzentos cõ outra gente da hoste, ferindo e matando en elles, de tal guisa que os meterõ pella porta da villa. E morrerõ daquella vez cento e oitẽta mouros dos mais hõrrados e, dos outros, passaram per dous mil. E de tal guisa os escarmẽtarõ que nõ ousavõ de sayr.

Entõ os cristãos cortaron todollos arvoredos que eram arredor da villa. E el rey mandou chegar as tendas acerca do logar. E os concelhos d'Avilla e de Quelhar e de Serulga e outros pousarõ da outra parte da villa acerca / [291d] da carreira que vay pera Graada. Enton foy toda a companha alvoraçada pera combater, de guisa que os nõ podiam assessegar. E foy antr'elles dito que os ricos homẽes da hoste tomarõ algo dos mouros por tal que nõ combatesẽ.

E el rey, quando soube o que diziã, mandou combater a villa mais por o que se dizia que por al, ca a villa era muy forte e bem cercada. E jazia dentro dom Alvaro Perez con sesseenta cavaleiros cristãos e eram dentro tres mil cavaleiros mouros e çincoenta mil homẽes de pee. E combaterõna os cristãos con tam gram võtade que chegaron aas barreiras, como quer que as cavas erã muy fundas. E furaron a barbacãa e ferianse hũos cõ os outros. E morryã hy muitos mouros e os cristãos perdiã hy muitos cavallos. En esto mandou el rey que nõ combatessem. E, depois que se todos fezerõ afora e foron apousentados, viron os mouros estar a hũa parte todollos quatrocentos cavaleiros que vos dissemos que estavam apartados como en cellada. E sayron os mouros a elles e combaterõnos muy fortemente. E elles defendianse muy bem. E, pero os mouros eram muytos, ³⁶⁹ vçerõnos os cristãos per duas vezes. Mas tantos eram os mouros que lhes faziam gram dãpno, ca lhe matarõ algũs cavaleiros e queriam os outros prender aas mãas. E en esto fizesse grande arroido no arreal e acorreronlhes e ante que os mouros se acolhessem aa villa, matarõ muytos delles.

E, estando assi el rey dõ Fernando sobre Geen, chamou todos seus ricos homeens e disselhes como nõ tiñha guisado de cercar a villa pois que non tragia engenhos e que lhe parecia melhor andar pella terra que jazer ally. / [292a] E elles acordaron que era ben.

Entom se partiron dally e estragaron toda a terra ataa Gudabulhon e ataa Gudahynar e ataa a serra de Susana. Desi foy el rey sobre Martos e el rey de Beeça pediolhe por mercee que lhes nõ fizesse mal e que, de tornada que veesse, fariam quanto el mandasse. E el rey dom Fernando fez seu rogo. E foy logo sobre Byvoras e el rey de Beeça pediolha como fezera Martos; e el deulha. E partiosse daly e foi sobre Alcaudete e el rey de Beeça pediolho e ajudarõno os ricos homẽes. E el deulho con tal condiçõ que lhe non pedisse mais.

Desi partiosse daly e foy sobre Prego que era logar muy forte e ben pobrado e de forte alcacer. E folgarom hy dous dias por amor das boas aguas. E cercaron a villa e tam fortemente a combateron que, logo en esse dia, a ãtraron per força. E morrerõ hy todollos mouros se nõ os que se acolherõ ao alcacer. E guañharõ hy os cristãos muy grande algo, ca a villa era de cavaleyros almohades de linhagem e de gran guisa. Desi combateron o alcacer. E os mouros, veendose muyto afficados moverõ preitesia per el rey de Beeça que dariam a el rey dom Fernando quanto aver avya na villa e no alcaçer e que lhe leixasse os corpos; e que lhe daryam mais oiteenta mil maravidiis de prata. E el rey teveo por bem. E deronlhe ã arrefẽes

cinquoeenta cavaleiros dos mais hōrrados e cinquoeenta e çinco donas muy fremosas. E deronlhe noveçtos mouros. E el ³⁷⁰ rey partiuohos pellos ricos homēes da hoste. E pediolhe el rey de Beeça as donas pera as aver en guarda ataa que lhe dessem o aver.

Feito esto, partiosse el rey dally e foy pousar a hũu valle muy fremoso antre hũas penas. E, aa mea noite, partiosse daly pera Alexa. / [292b] E el rey errou o caminho e foyse per outra parte. E hya con elle dom Gonçallo Rodiiguez Giron e dom Garçia Fernandez de Villa Mayor e os cavaleiros de sua mesnada e eram per todos quatrocentos. E a hoste foyse dereitamente a Alexa e cercaronna. E el rey e os que hyam con elle viianse ã grande pressa, por que non avyam que comer. E prouve a Deus que acharon hũa alcarya muy boa e ben castellada e combaterōna e entrarōna per força. E matarō hy muitos mouros. E acharon muyta vianda e jantaron ally muy bem. E quiseron hy albergar mas era logar de muytas biveras en tãto que lhe mataron dous homēes. E por esto se foron albergar a outra parte.

CAPÍTULO DCCLXXXV

Como el rey dom Fernando tomou Alexa e como el rey de Graada ficou por seu vassallo

Logo en outro dya, cavalgou el rey pera se hyr pera sua hoste e, hindo per seu caminho, passaram per hũu logar onde jaziam sete homēes dormentes que dormyan de longos tempos e foyos el rey veer. E chegaronlhe novas como a sua hoste tiinha cercada Alexa. E el rey chegou a ella hora de vespera. E logo ao terceiro dia combateron a villa tam fortemente que a entraron per força e mataron todollos mouros se non os que se colheron ao alcacer e tomaron hy muy grande ³⁷¹ algo. E o que cada hũu percalçava era seu. E foron logo combater o alcacer e tanto os aficaron que elles disseron que queryam dar o castello e que os leixassen sayr con os corpos. E el rey mandou poer o seu pendom na mayor torre do castello e, os mouros reprenderonse e non quiserom. E el rey ouve desto gram sanha e mādouhos combater. E os mouros con a grã coyta, disseron que daryam o castello e el rey non quis, por o que ante avyam dito, mas os ricos homēes lhe fezeron entender que / [292c] era bem e que escusarya gram dampno de sua companha. E, quando el rey quis, non quiseron os mouros. E el, con gram sanha, mandouhos fortemente combater; e os mouros, veendosse muy afficados, disseron que de todo queryam dar o castello. Mas el rey non quis se nō que os tomassen per força. E tam fortemente os combateron que os entraron. E todos foron mortos e cativos. E, segundo foy dito per algũs mouros cativos, foron ally mortos quatorze mil homēes e tomaron hy os cristãaos muy grande algo. E el rey mandou logo destruyr o logar todo.

Desy partiosse daly e foyse pera Lhandra e acharōna despobrada ca, pero o logar era muy defensavel porque estava en hũa pena muy forte e cavada, non ousaron os mouros hy de ficar, temendosse do que acontecera aos de Allexa. E poren leixaron o logar con todo o aver e mantiimentos que tiinham. E os cristãaos roubaron o logar de quanto en el acharon e derribarōno.

Feito esto partiosse el rey dally e entrou per a veiga de Graada que enton era muy rica. E cortaron todallas arvores e derribaron as torres que hy eram e estragaron toda essa terra e mataron muytos mouros e guanharon grande algo, antre os quaaes mataron hũu mouro andaluz muy forte cavaleiro e que fazia muyto mal na terra dos cristãaos. E el rey dom Fernando foyse chegando aa villa e os mouros, quando esto viron, ouverō muy grande medo e rogarō a dom Alvaro Perez, que era hy con elles, que preitejasse con el rey que lhes nō fizesse mais mal e que ficarya el rey de Graada por seu vassallo e que lhe darya cada ano paryas. ³⁷² E que lhe non cortassen hũa orta muy nobre que hy avya e que lhe daryam todollos cristãaos cativos que tiinhã. E dom Alvaro Perez foy con esta messagen a el rey e outorgoulhe el rey todo o que lhe / [292d] demandou, por amor de cobrar os cristãaos cativos, os quaaes lhe logo entregaron que eram mil e quinhentos. E, feita esta preitesia, partiosse el rey de sobre Graada e foy sobre Monte Sicar e sobre Cathena e derribouhas ambas. Mas dom Alvaro Perez, en estas preitesias que andou, cobrou a mercee del rey dom Fernando e veosse logo pera elle. E guyouho per Agua d'Alfajara e per Mentixa e estragouhas e derribouhas todas, de guisa que en toda aquella terra non ficou logar que nō fosse derribado.

CAPÍTULO DCCLXXXVI

Como el rey de Beeça entregou os castellos a el rey dom Fernãdo

Conta a estorya que, depois que se el rey dom Fernando partio de sobre Graada, que lhe entregou el rey dom Fernando o castello de Martos e o d'Andujar. E elle deuhos a dom Alvaro Perez que os tevesse e poselhe con elles de contya cinquoeenta mil maravidiis. E leixou hy con elle o meestre de Callatrava e outros fidalgos por fronteiros. E el rey pos con elles que, ao Março meado, tornasse aa frontaria. Desi tornousse pera Tolledo onde estavam sua madre e sua molher e deulhe muitas e nobres doas que ouvera dos mouros e deu aas egrejas muitos panos de sirgo pera ornamentos. Depois que esteve en Tolledo algũs dias, partiosse dhi e passou a serra fazendo justiça e boon regimento na terra.

³⁷³ Mas dom Alvaro Perez e os outros fronteiros e el rey de Beeça con elles foron correr a terra a el rey de Sevilha. E sairon a elles os de Sevilha e os de Exarez e os de Carmona e os de Telhada e os de toda aquela comarca de guisa que eram gram poder de mouros e foron lidar con os cristãos. E foron os mouros vencidos e seguiron os cristãos o encalço çinco / [293a] legoas, en tal guisa que morrerõ vñte mil mouros e os cristãos tornaronse muy hõrrados e con muito proveito.

E elles vñdo con esta honrra, chegoulhe recado como os mouros tiñham cercado Martin Gordilho en Guas e foron alla pera lhe acorrer e passaram Aguadalquivir. E el rey, vñdo aa postura que avya con dom Alvaro Perez, ouvyo dizer esso meesmo como era cercado aquelle castello e foy pera allo. Mas, ante que a el chegasse, foi perdido o castello. Foisie entom el rey pera Andujar con toda sua hoste, e hya con elle dom Lopo Diaz e dom Gonçallo Rodriguez Giron e dom Afonso Tellez e dõ Guilhem Perez de Gosmã e outros muitos ricos homẽes. E pousou en Xandella. E el rey de Beeça veo a elle con tres mil cavaleiros d'Almohades e con trinta mil homẽes de pee. E el rey dom Fernando recebeuho mui bem e fezlhe muy ta hõrra. E veo hy dom Alvaro Perez e Tello Affonso e todollos outros cavaleiros que ficaron na frõtaria. E el rey lhes fez muyta hõrra.

E estando ally moveron preytesia antre el rey dom Fernando e el rey de Beeça tres castellos, convem a saber, Salvaterra e Biezmar e Capella. E, por segurança da entrega, deulhe en arrefens o alcacer de Beeça que o tevesse ataa que fosse entregue dos castellos, ca os cristãos recebiam destes castellos muyto dampno. ³⁷⁴ E el rey dom Fernando deu o castello de Beeça ao meestre de Callatrava e ao meestre d'Ocres. E el rey de Beeça mandou ao filho d'Abueça que entregasse os castellos a el rey dõ Fernando e elle foy logo pera os receber. E, quando chegaron a Biezmar, deronlho logo; depois foron a Salvaterra e refertaronlha bem quinze dias, pero deronlha desi foron a Capella e non lha quiseron dar. E por esta razon ficou o alcacer de Beeça cõ el rey dom Fernando. E, feito esto, asseste/gou [293b] sua frontarya toda e tornouse pera Tolledo.

CAPÍTULO DCCLXXXVII

Como el rey dom Fernando foy cercar Capella e como se os mouros alçaron contra el rey de Beeça e el fugo

Logo que el rey dom Fernando foy en Tolledo, a poucos dyas partio dhi con sua hoste e foy cercar Capella e jouve sobr'ella gram tempo. E el rey de Beeça envioulhe muyta farinha e trigo e ferro e cordas pera os engenhos. E o castello era cercado de tres muros e estava sobre hũa muy alta pena e avia muy altas torres e o alcacer muy forte. E el rey dom Fernando poselhe seus engenhos e combateuha tam fortemente que a entrou per força. E combateu o alcacer. E os mouros quando virom que o non podiam defender, preitejarõ con el rey de lhe dar o alcacer e que os leixasse ³⁷⁵ hir en salvo. E el outorgoulho. E, ante que se el rey dally partisse, deronlhe Sancto Estevam e Aznotora.

E, en quanto el rey teve cercado aquel castello, el rey de Beeça jazia ã Cordova. E, quando os mouros viron como el envyara mantiimẽto aa hoste dos cristãos, alçaronse contra elle por o matar. E elle con medo sayu da villa per hũa porta que era contra as ortas por se acolher ao castello d'Almodouvar. E os mouros foram empos elle e encalçarõno ante que se colhesse aa pena e matarõno e cortarõlhe a cabeça e mandarõna a el rey de Sevilha en serviço. Mas el por a treição que elles fezerom, mandou cortar as cabeças aos mandadeiros que lha levarõ e deitallas aos cãaes.

Quando esto virõ os da villa e os d'Andujar, alçaronse. E os d'Andujar combaterõ o castello que tiñhã os cristãos mas nõ o poderon tomar.

CAPÍTULO DCCLXXXVIII

Como os mouros desempararõ o castello de Martos e o d'Andujar e como ficou o alcacer de Beeça a el rey dom Fernando

Avendo ja seis annos que reynava el rey dom Fernando, ajũtou sua hoste e foisie aa frontaria. E, quando chegou a Andujar, pousou fora da villa a riba do ryo e chegoulhe logo recado del rey de Sevilha en que lhe mandava prometer ³⁷⁶ que lhe darya trezentos mil maravidiis por tregoa de hũu anno que lhe nõ fizesse mal na terra. E el rey teveo por ben e recebeu logo o aver.

En esta sazom avya no reyno de Murça hũu mouro de gram guisa. E alçousse contra os Almohades por o maa senhorio que faziã aos mouros d'aaquem mar. E os mouros alçaronse cõ aquelle mouro que avia nome Abuhabud e receberõno por senhor ãno reyno de Murça e en outros logares. E todollos Almohades que tomava, mandavalhes cortar a cabeça. E tiñhã que as mezquitas eram ençujadas per elles e porem as alimpavon cõ aguas, segundo fazem os cristãos quando lavõ os altares, e pos en ellas os seus signaaes. E en pouco tempo guanhou toda a Ádaluzia e foy della senhor. Mas nõ pôde

guaanhar Vallença nem a terra que lhe pertecia por que lha defendeu Cahen que era do linhagem de Benalfaras e dos reys de Valença.

Este Abuhabad foy muy bõo rey e muy esforçado e justiçoso. E hũu dia o convidou hũu seu vassallo en Almarya que avya nome Yhuda Romã e cortoulhe a cabeça. E, depois que este rey foy morto, levantousse outro mouro que avya nome Yhuda Rama Homad Hymar, o qual, pouco tempo ante que reynasse, andava sempre armado con os biveros. Este foy rey d'Arryona e de Geen e de Graada e doutros muytos logares. E, depois que elle morreo, partiosse a terra per muytos senhores e esto ajudou muyto os cristãos pera / [293d] a guaanhar.

Mas leixaremos aquy a fallar desto e tornaremos a el rey dõ Fernando.

³⁷⁷ CAPÍTULO DCCLXXXIX

Como el rey dom Fernando tomou a terra a Ruy Diaz dos Cameiros

El rey dom Fernando, depois que recebeu o aver del rey de Sevilha, tornousse pera Tolledo. E, estãdo ally veheron fazer muytas querelas do mal que fazia Ruy Diaz dos Cameiros. E elle mandouho chamar que vesse a sua corte responder aas cousas que diziam contra elle e que emendasse o mal que fazia na terra que del tiinha. E Ruy Diaz veo aa corte del rey. Mas, per conselho de falsos amigos e pouco siso e muita sanha, partiosse da corte sen falando a el rey nem se espedindo delle. Quando el rey dom Fernando soube como se fora Ruy Diaz sanhudamente sen sua lecença, tolheulhe a terra que del tiinha per corte. E Ruy Diaz non queria dar as fortellezas; pero ouveas de dar con esta cõdiçon que lhe desse el rey quatorze mil maravidiis en ouro. E, depois que foy êtregue do aver, deu os castellos.

Mas logo a cabo de hũu anno, Gonçallo Perez, senhor de Mollyna, per conselho do cõde dom Gonçalo de Lara, começou de aver malquerença con el rey dom Fernando como non devya. E corria e roubavalhe a terra daquela parte que comarcava con Molyna. E el rey tanto que o soube, mandoulhe dizer que se castigasse de fazer taaes cousas e emendasse o mal que avya feito. E elle nõ o quis fazer. E el rey partyo logo con sua hoste e foy sobre elle. E, por que el rey non podia ³⁷⁸ cõbater o castello de Çafra por que era muy forte, trabalhousse a raynha dona Biringuella de poer antr'elles avêça per cartas que lhes envyo. E, feitas as avêças, partiosse el rey dom Fernando / [294a] de Molina.

Quando o conde dõ Gõçallo aquello vyo tornousse outra vez aos mouros e esto por que non podia aver bem fazer del rey dom Fernando como el queria. E por esta razon foisse pera Cordova e os mouros fezeronlhe muita honrra. E, el estando en Beeça, enfermou de muy grande enfermidade de que morreo. E, depois que foy morto, levaronno os seus a hũu logar que chaman Çafiros.

CAPÍTULO DCCXC

Como e quantos filhos ouve el rey dõ Fernando

O muy boon e bem aventurado el rey dõ Fernando, depois da morte dos condes de Lara, os quaaes eram muy contrairos a elle e a seu senhoryo, ficou en paz en seu reyno e ã muita boa andança e hordenouho muy ben e apostamente con muitos bõos foros e costumes, como aquelle que se regia per conselho da muy sisuda rainha dona Biringuella, sua madre. Este rey dom Fernando era casado con a raynha dona Beatriz, como ja ouvistes, a qual era muy fremosa e de boas condições e ouve della estes filhos que aquy diremos: o primeiro foy dom Afonso; o segundo dom Fraderique; o terceiro dom Anrrique; o quarto ³⁷⁹ dom Philippe. Este deu a rainha dona Biringuella ao arcebispo dom Rodrigo e elle o ensynou a leer e ouve muytos beneficios; o quinto foy dõ Sancho: este outrossi foy clerigo como dom Phillippe e foy beneficiado na egreja de Toledo. O sexto foy dom Manuel. E ouve mais duas filhas: hũa que ouve nome dona Lyonor e outra dona Biringuella. Dona Lyonor morreo moça pequena e dona Biringuella meterõ virgen nas Olgas de Burgos. E dom Sancho, o postumeiro filho, morreo mancebo.

Mas dom Afonso, o primeiro filho e herdeiro, era homen muy aposto e de grande fremosura. E hũu dia aconteceo que elrey / [294b] dom Fernando e a raynha sua molher, depois que se levantaron de dormir a sesta, demandou el rey vinho e fruta ã sua camara. E o iffante dom Afonso tomou a copa e servyo a seu padre e a sua madre, dandolhes o vinho muy apostamente. E a raynha pos os olhos en el, esguardandoo con grande femença, e deu hũu grande sospiro e começou de chorar. E el rey, quando tal sospiro vyo, nõ o teve en pouco. E, depois que o iffante e todollos outros foron fora da camara, preguntou el rey aa rainha que lhe dissesse por que dera aquelle sospiro quando vira seu filho o iffante servir de copa. E a rainha disse que o non fezera por outra nenhũa cousa se nõ por que lhe veera assi aa voontade. E el rey disse que aquello non podia seer, mas que a rogava que en toda guisa lho dissesse, se non que tomarya della tal sospeita que non seria sua prol. E a raynha, ³⁸⁰ quando vyo que a el rey assi afficava, disse que lho dirya, pois sua voontade era de o saber. Entom começou sua razon en esta guisa:

– Senhor, eu seendo moça en casa de meu padre e outra minha yrmãa que avya menos hũu ãno que eu e avya nome dona Margarida, chegou hy hũa molher natural de Grecia donde era mynha madre. E era molher muy sabedor e preguntavaa minha madre muyto amehude por cousas de sua fazenda e de meu padre. E ela lhe dizia cousas muy certas. E eu e minha yrmãa, quando esto ouvymos, apartamolla e rogamoslhe que nos dissesse algũa cousa de nossa fazenda e que esto nõ soubesse nossa madre. E ella nos disse que se temya de a descobrirmos por que eramos muy moças. E nos lhe prometemos de a non descobrir. E ella dissenos que nos sofressemos ataa hũu dya certo a que viinrya a nos. Quãdo veo aquel dya chegou ella a nos a hũa camara e dissenos primeiramẽte que nosso / [294c] padre avya de morrer ante que nenhũa de nos ouvesse casamẽto. E depois per tempo prelados honrrados do occidente viiriam a me demandar pera casamento pera hũu rey desta terra que seria o mais honrrado e poderoso que nunca fora en Espanha, depois que a os Godos perderõ. E disseme que avya d’aver delle seis filhos barõoes e duas filhas. E disse que o primeiro filho que avyamos d’aver que avya de seer das fremosas criaturas do mundo. E disse mais que aquel rey con que eu avya de casar avia de viver longa vida e morrer morte honrrada e que, depois da sua morte, aquel primeiro filho avya de seer rey e que seria ainda mais poderoso e honrrado que seu padre; e assi durarya gram tempo; e que, por hũa palavra de soberva que diria contra Deus, averya de seer deserdado de toda sua terra, salvo de hũa cidade en que avya de morrer. E todallas cousas, senhor, per que eu ataa hora passey daquello ³⁸¹ que me ella disse, todo foy verdade, ca foron por myn vossos messegeiros e trouverõme pera vos que sooes rey no poente e ouve de vos os filhos que ella disse. E agora, senhor, vejo que soon prenhe e cuydo que hey de morrer como me ella disse. E, quando hora vy dom Afonso, nosso filho, servir ãte nos tam apostamẽte e assi fremoso como he, nembroume como avya de seer deserdado por hũa palavra. E por esto foi dado aquel sospiro que ouvistes.

Outrossi disse a minha yrmãa que, depois que eu casasse a pouco tempo, avya ella de casar preto desta terra con hũu duque e passarya bem sua vida con elle. E assi foy que casou con o duque d’Esterlique e passou con elle bem e honrradamente.

E el rey entendeo que dizia verdade e disse que a võotade de Deus fosse comprida, ca doutra guisa non podia seer.

A raynha, quando foy o tempo do parto, morreo delle, assi como ante dissera. / [294d] E el rey guardou sempre esta puridade que nunca o disse a nehũu ataa o tempo que teve cercada Sevilha que, estando na tenda de dom Rodrigo Affonso, cujo hospede era esse dya, chegou a elle hũu escudeiro de dom Nuno e disselhe da sua parte como os dinheiros que lhe mandara dar en Castella pera elle e pera os que estavam con elle por fronteiros en Geen que lhos tomara o iffante dõ Afonso, seu filho, e ainda outros dinheiros que viinham pera elle. E ainda o escudeiro non acabava de fallar esto a el rey quando chegou dom Nuno e querelousse a el rey daquelo meesmo per ante dom Rodrigo Afonso. Entom se apartou el rey com elles e chorando lhes contou todallas cousas que lhe a raynha dissera, segundo ja avedes ouvido. E como, per aquela palavra que avya de dizer contra Deus, ³⁸² avya de seer deserdado do reyno, por que lhe farya mayor pesar que nũca lhe outro homen fezera deque prendera morte na cruz ataa entom. E que esto parecia muy bem seer verdade pelas obras que el fazia contra elle e contra aqueles que estavom en serviço de Deus.

CAPÍTULO DCCXCI

Das palavras que el rey dom Afonso disse contra a võotade de Deus, per que depois foi deserdado do reyno

Ja ouvistes como a rainha contou a el rey dom Fernando todallas cousas que lhe dissera a dona de Grecia. Saibades qual foy aquella pallavra que el rey dom Afonso disse, per que encorreo en sanha de Deus, quemolla aquy dizer por que convẽ en este logar. Onde devees de saber que, depois que este iffante dom Afonso foy rey, dizia muytas vezes palavras de grande soberva, antre as quaaes disse que, se elle con Deus estivera ou fora seu conselheiro quando elle criara o mundo, que algũas cousas, se o Deus cree/ra, [295a] foron melhor feitas que como as elle fezera.

Depois a grande tempo que este iffante dom Afonso reynava, aconteceo que hũu cavaleiro de Panpigra, que avya nome Pero Martiiz e criara o iffante dõ Manuel, vyo en vison hũu homẽ muy fremoso en vestiduras brancas e disselhe como no ceo era dada sentença per que morresse el rey dom Afonso deserdado e ouvesse maaõ acabamento. E o cavaleiro lhe preguntou por que avya Deus delle ³⁸³ tal sanha. E elle disse as pallavras que el rey dom Afonso dissera e que por aquilo era Deus yrado contra elle. Preguntou entom o cavaleyro se avya hy algũa cousa per que Deus perdoasse este pecado. E el disse que, se se arrependesse do que dissera, que logo a sentença seria revogada e que lhe farya Deus mercee.

O cavaleiro, depois que foy manhã, partiosse de Pampigra e fuisse a Pena Fiel, onde o iffante dom Manuel estava, e contoulhe todo o que vyra e ouvya. E o iffante mandoulhe que o fosse dizer a el rey que era en Burgos. E o cavaleiro foy alla e, depois que contou a el rey todo o que lhe acontecera, disse el rey que assy era verdade que o dissera e o dizia ainda que, se elle fora con Deus na criaçom do mundo, que muytas cousas per seu cõselho se fora crehudo foron muy melhor feitas que o que estavã. Logo a poucos

dias depois desto, andando el rey dom Afonso pella terra, chegou a Segoyva e avya hy hũu frade meor, homen de santa vida, ao qual Deus revelara aquella meesma vison que fora mostrada ao cavaleiro. Este frade veo a el rey e disselhe que fizesse peendença dos pecados que avya feytos e farya sua prol e estremadamẽte daquellas malditas palavras, compridas de muyta soberva as quaaes dissera muitas vezes ³⁸⁴ en praça se nõ que Deus mostraria sobr'elle o seu poder. E el rey respondeolhe / **[295b]** con vultu yrado e palavras de sanha e disse:

– Eu digo verdade no que digo e, por o que me vos dizees, tenhovos por neição e sen saber.

O frade partiosse d'ant'ele e foisse. E, logo essa noite seguinte, envyyou Deus tam gram tempestade de torvõoes e lampados que foy gram maravilha. E, enna camara onde el rey jazia con a raynha cayu hũu corisco que queymou as toucas aa raynha e gram parte das outras cousas que estavam na camara. Quando el rey e a raynha esto vyo se elles ouverom grande medo, esto non he de preguntar, ca sayrõ da camara tam espantados que de todo pensarõ seer mortos. E el rey começou de dar grandes vozes e dizer que lhe fossem por aquelle frade. Mas a tempestade era tam grande que nõ avya hy homẽ que ousasse sayr da casa. E hũa das guardas del rey cavalgou en hũu cavallo e foilhe por elle. E o frade nõ queria viir. E o guardyam lhe mandou que veesse. Mas en todo esto nõ quedava a tempestade. Depois que o frade chegou a el rey, apartousse con elle a fallar de confisson. E, assi como se elle hya arrependendo e tomando peendença, assi se hya o ceeo çarrando e quedando tempestade. En outro dya, cõfessou el rey pubricamente aquele pecado de brasfemya que dissera contra Deus. E tal medo ouve el rey daquella tempestade que, por fazer emenda de seus pecados, envyyou aalẽ mar seus messegeiros cõ grande aver por lhe tragerem o corpo de Sancta Barbora; pero nõ o pôde aver.

En este anno que esto aconteceo, se começou a el rey dom Afonso todo seu mal ataa que morreo, segundo ouvyyrees en sua estorya. Mas leixaremos aquy a fallar desto e tornaremos a contar dos feitos del rey dom Fernando.

³⁸⁵ CAPÍTULO DCCXCII

Como el rey dom Fernando ajuntou sua hoste e foy correr terra de mouros e do que en ella fez

[295c] Conta a estoria que a rainha dona Biringuella fez alõgar as tregoas a el rey dom Fernãdo que avya cõ os Alarves e esto por o reteer que non fosse tantas vezes aa guerra. Ca ella, por o grande amor que lhe avya, nõ queria que fizesse guerra aos mouros por non tomar muyto trabalho. Pero non o pôde en esto muito teer que nõ ajuntasse sua hoste muy grande e foy sobre mouros e correolhes a terra. E passou per Hubeda e Beeça e chegou a Queyjada e tomouha logo per força e forom mortos e cativos todollos mouros. E, depois que tomou Queyjada, foisse pella Ribeyra d'Alquivir ajuso e chegou a Geen e destruyu hũas fortellezas que hy avya. E, por que era ja chegado o inverno e as companhas da hoste se queixavam, tornouisse pera sua terra con muy grande hõrra e riqueza.

Passado o inverno logo no anno seguinte ajuntou el rey dom Fernando sua hoste e tornou outra vez a terra de mouros e tomou Beeça e Andujar e o castello de Martos. E deulhe estes logares hũu mouro que avya nome Abẽmahomar, que era principal dos Alarves. ³⁸⁶ E destruyu el rey desta vez en terra de mouros outros castellos e fortellezas. Desy tornouisse pera sua terra.

Ao terceiro anno, entrou en terra de mouros e correa per onde quis e tomou Canhatanacor e Alberche e Santo Estevam e Escalon e fez outras muytas boas cousas. E tornouisse pera sua terra.

Logo no outro anno, ajuntou muy grande hoste e foy a terra de mouros e cercou Geem e tevea cercada ataa o Sam Joham. E, porque Geem nõ se pode combater por a gran fortaleza della, destruyolhe todollos fruitos e partiosse dally. Desi foy sobre Prego e tomouha per força e matou todollos moradores e derribou a fortelleza. Enton se foy sobre o castello d'Alhambra e entrouho per força e matou os mouros que hy achou e / **[295d]** derribou o castello. Desy tornouisse pera seu reyno con grande honrra. E desta vez nõ foy allo o arcebispo dom Rodrigo por grande enfermidade que ouve. Mas mãdou allo dom Diego, seu capellam, cõ toda sua gente e o bispo de Pallença que compria en seu logar o officio do arcebispo.

³⁸⁷ CAPÍTULO DCCXCIII

Como el rey dom Fernando e o arcebispo dom Rodrigo renovarõ a egreja de Tolledo. E como Abetihem mouro se levantou contra os Almohades e como foy morto per treyçom

M muy bem aventuyrado rey dom Fernando ajuntou sua hoste muy grande e foy a terra de mouros e cercou Capella que he hũu muy forte castello ãno arcebispado de Tolledo e jouve sobr'elle quatorze somanas ataa que o tomou. Desi tornouisse pera Toledo.

E, andando el rey dom Fernando e o arcebispo dom Rodrigo hũu dia pella egreja de Tolledo, esguardando as antiguidades dos edifficios e lavores della, disse el rey que avya mester de seer renovada

e bem repairada e que, assi como lhe Deus dava hõrra e victorya fazendo tantas boas conquistas que bem assy era compridoyro de reconhecer a Deus os beneficios que dele recebya e, das gaanças que lhe elle dava, seer muy bem corregida a egreja de Sãcta Maria de Tolledo. E esta razon ouveron todos por muy boa e devota. Entom el rei dom Fernando e o arcebispo mandaron logo catar quantos bõos mestearraes cõprias pera tal obra e fezeron lavar a dita egreja a husança dos cristãaos, ca ante era feita come mezquita, segundo fora tomada aos mouros per el rey dom Affonso, o que tomou Tolledo, e consagrada pelo enleito dom Bernaldo, segundo ja ouvistes en sua estorya.

³⁸⁸ En esta sazõ se levantou ãno reyno de Murça hũu mouro que avya nome Abethien e come / [296a] çou de guerrear contra os Almohades, por que apremavõ os Allarves d'aaquẽ mar con maaõ senhorio. E por esto todollos da terra ouverõ por bem e consẽtiron o que aquelle mouro fazia. Onde aconteeço assi que, depois que elle tomou Murça e todollos castellos d'arredor, fez cortar as cabeças a quantos Almohades pôde aver. E ouve por çujas todallas mezquitas que elles tiinham e fezeas alimpar aos seus almodõos e lavallas con agua e fez ã ellas pintar de negro os signaaes das suas armas con que entrava ãnas batalhas. E, segundo conta a estoria, profetizavalhe aquella pintura do negro, destruymento de sua gente. E assi acõteeço depois a pouco tempo, ca, logo a pouca de sazõ, lhe tomou el rey dom Fernando a Andaluzia, donde elle era senhor, con toda a terra que os mouros tiinham aaquẽ mar, salvo Valença con seus termos que era defesa per hũu mouro que avya nome Sahen e era do linhagem dos reis de Valença.

Aquelle mouro Abetihen era homẽ muy forte e defendia ben a terra, ca elle era do linhagem d'Abohayet que fora rey de Saragoça. E, seendo elle senhor da ãdaluzia, con toda a terra que os mouros tiinham aaquẽ mar, como ja dissemos, por que era mais vallente e esforçado que nenhũu outro mouro demais era liberal e justiçoso e verdadeiro. Pero cõ todo esto assi como a deslealdade daquelles mouros o sofreu, assi per deslealdade foy morto; por que hũu seu vassalo que avya nome Aberõman, mostrandosse por muyto seu amigo, cõvidouho hũu dia pera jantar, estando en Almaria. E elle, non se temendo de nenhũa cousa, meterõno per arte en hũa camara e / [296b] matarõno ally. E, depois que assi foy morto per treijõn, apoderousse da terra hũu Alarve que avya nome Mahoma Abenalginar que, pouco tempo ante destõ, era lavrador e nõ sabia outro mester se nõ seguyr os bois e o arado. E depois foy senhor d'Arryona e de Geen e de Graada e d'Etiga que he dita Eciga. E todo esto foy nos dias do reynado del rey dõ Fernãdo.

³⁸⁹ Depois da morte daquelle Mahoma Abenalginar, partiosse a terra dos mouros en muitos e pequenos senhorios. E esto foy aos cristãaos grande ajuda pera averen de guanhar a terra aos mouros.

Mas agora leixa aquy a estoria de falar destõ e dos feitos del rey dom Fernando e torna a contar da morte del rey dom Afonso de Leon e como el rey dom Fernando cobrou o reyno de seu padre.

CAPÍTULO DCCXCIV

Como el rei dom Fernando soube novas da morte de el rey dom Afonso, seu padre, e do que sobre ello fez

Conta a estoria que, tornando el rey dom Fernando de terra de mouros donde fora cercar Geem e estragarlhes toda essa terra e chegando a Agua dalfajara, chegaronlhe novas como era morto el rey dom Afonso de Leon, seu padre. E que morrera en Villa Nova de Maçõ e fora soterrado na egreja de Santiago e que leixa o reyno a suas filhas que ouvera de dona Tareyja. E vos sabede que, quando morreo este rey dom Afonso de Leon, andava a era ã mil e duzentos e seteenta e dous ãnos.

Tanto que el rey dom Fernando soube novas da morte de seu padre, foyse o mais apressa que pode pera Tolledo por aver conselho sobr'esto con a raynha dona Biringuella, sua madre. Ella quando soube como viinha seu filho, sayuho [296c] a receber fora de Tolledo a hũu lugar que chamã Orga.

Depois que el rey esteve en Tolledo algũs dias, partiosse dhi e foyse pera o reyno de Leon. E hia con elle o arcebispo dom Rodrigo e dom Lopo Diaz d'Alfaro e dom Alvaro Perez de Castro e dom Gonçallo Rodriguez Girom e dom Garcia Fernandez e dom Afonso Telez e dom Guilhem Gõçalvez e dom Diego Meendez ³⁹⁰ e outros muitos ricos homeens e cavaleiros. E elrey dom Fernando levava cõsigo sua madre. E chegaron a Outer de Silhas e daly foron ao castello de Sam Cibrãao de Mõçõ e deronlho logo. Outro dya foron aa Villa e a Lote e deronlho logo e ally veherõ os de Touro e receberõno por seu senhor e rey natural e rogaronlhe que, logo en outro dia, fosse receber a villa. E todas estas cousas hordenava muy sisudamente a raynha dona Biringuella. E conta en este lugar o arcebispo dom Rodrigo que en outro dya entrarõ en Touro el rey dom Fernando e sua madre. E ally, outorgandoo todollos cavaleiros e o outro poboo que hy era, foy el rey don Fernando recebido por rey e fezeronlhe destõ menagen os que hy eram. E dally foram andar pellos castellos da raynha e cada dia el rey recebia messegeiros das outras cidades do reyno.

As filhas del rey dom Afonso e de dona Tareyja, que aviã nome dona Sancha e dona Doce, de que ja dissemos, trabalhavãse quanto podiam con seus amigos e conselheiros de se alçarem con o reyno e de o defender a el rey dõ Fernando. Mas os prelados a que perteeçia de guardar o reyno, quando ouvyrõ dizer como viinha el rey, sayrõno a receber muy hõrradamente e outorgaronlhe logo o reyno. E os prelados

forom estes: dō Migueel, bispo de Lugo, e dom Martinho, bispo de Mōdanhedo, e dom Migueel, bispo de Coyra. Feito e outorgado esto per esses bispos e outros muitos homeens bōos, fuisse el rey a Manselha e a Mayorga.

E, logo que / [296d] hy chegou, receberōno por rey e senhor.

CAPÍTULO DCCXCV

Como el rey dom Fernando foy recebido na cidade de Leom e o alçarom por rey

En outro dia na manhã, partiosse el rey dom Fernando de Manselha cō sua madre e con todos seus ricos homēes e fuisse pera Leon, onde foy recebido muy ³⁹¹ honrradamente de cavaleiros e de cidadāos e de toda a clerezia en grande procissom, cantando «Te Deum laudamus». E con esta procisson o levarō aa egreja de Santa Maria da Regra e o poseron na cadeira dos reis e o fezerō todos geeralmente rey de Leon. E, des aquel dya en deante, foy el rey dom Fernādo senhor de Castella e de Leon, ca lhe veheron per dereita herança do padre e da madre. E, desta guisa que avees ouvido, foron ajuntados os reynos de Castella e de Leon en hũu senhorio.

CAPÍTULO DCCXCVI

Como el rey dō Fernando, per conselho de sua madre, foy aviindo con a raynha dona Tareyja e cō suas filhas

Estando el rey dom Fernando en Leom, veerom a elle messegeiros da raynha dona Tareyja, sua madrastra, cometer avêça da parte das iffantes suas yrmāas. E a raynha dona Biringuella, tanto que o soube, prouvelhe muyto e trabalhou quanto pôde por seer feita antr'elles boa avêça. E foy en esta guisa: que el rey dō Fernando desse aas iffantes suas yrmāas boas terras e rendas per que ellas podessen aver seguramente triinta mil maravidiis d'ouro cada ano en toda sa vida. E assi ficou a el rey dom Fernando todo o reyno de Leon con todallas cidades e villas e fortelezas sen nenhũa contenda. Todas estas cousas e outras muitas de gram siso e boon regimento hordena/va [297a] e fazia aquella muy sabedor rainha dona Biringuella, en tal guisa que os poboos vivessem bem e alegremente cō boos foros e costumes, en tal guisa que todos amassen e servissen seu filho ca assi o soube ella fazer que os reynos que de ³⁹² longos tempos eram departidos em dous reis, ella os ajuntou em hũu senhorio sem nenhũa contenda nẽ espargimento de sangue teendo en ello tal maneira que todos forom contentes, assi os fidalgos come os outros poboos.

CAPÍTULO DCCXCVII

Como el rey dō Fernando mandou seu filho o iffante dom Afonso correr terra de mouros

Depois que el rey dom Fernando foy apoderado e firme no reyno, partiosse da cidade de Leon e fuisse ao Sabugal pera fazer hy vistas con el rey de Portugal sobre cousas que ambos avyam de fallar por regimēto dos reynos. Depois que as vistas forom feitas, fuisse el rey de Portugal pera sua terra e el rey dom Fernando tornousse pera seu reyno e andou per elle fazendo todo bõo regimento e livrando suas cousas.

E, quando foy en Salamanca, mandou ao iffante dom Afonso, seu filho, que fosse correr terra de mouros. E mandou con elle, pera o aguardar e reger e acaudellar a hoste, dō Alvaro Perez de Castro, por que o iffante era muy moço e non sabia tam bem reger a hoste. E esto fazia el rey dom Fernando por quebrantar Abethien a que se novamente dera a terra, por que Miraamolin se fora pera Marrocos.

Depois que el rey dō Fernando ouve envyado o iffante e dom Alvaro Perez de Castro pera hyrem en sua cavalgada a terra de mouros, sayusse de Salamanca e fuisse andar pello reyno, hordenandoo muy bem e fazendo suas justiças. E deu en esta sazón el rey dom Fernando ao ar/cebispo [297b] dom Rodrigo a villa de Queyjada por herdade pera a egreja de Tolledo. E o arcebispo ³⁹³ passados tres meses depois que lha el rey dom Fernando deu, ajuntou suas jentes e foy allo e deitou dhi os mouros fora e repairou muy bem os muros da villa e do castello e todo o al que lhe era conpridoiro e defendeoa muy bem aos mouros en toda sua vida, e os outros castellos que tiinha en essa terra, convem a saber Pilos, Toya, Laera, Agrayso, a fonte de Juliam, Torres d'Alêto, Sigura, Anlala, Ervella, Duas Irmāas, Villa Moçin, Nubla, Caçorla, Conca, Achellas.

Mas agora leixaremos aquy de falar do arcebispo e de seus castellos e tornaremos a contar do iffante dom Afonso e de dom Alvaro Perez de Castro como lhes aveo en terra de mouros.

CAPÍTULO DCCXCVIII

Como o iffante dō Afonso e dom Alvaro Perez correrō terra de mouros

O iffante dō Afonso e dom Alvaro Perez de Castro depois que en Sallamanca se partirō del rey dom Fernando foronse a Tolledo e guisarō sua hoste e partiron logo dhy. E foron con elles quareenta cavaleiros de Tolledo. E passaram o porto do Muradal e chegarom a Andujar. E, depois que hy forom, dom Alvaro Perez fez mover a hoste pera Cordova. E mandou os corredores per toda a terra e que trouvessem quãto achassem. E, elles hindo queymando e estragando todo o que achavam, chegarom a Palma e combaterōna tam fortemente que a entrarō per força e matarō todos os mouros que dentro acharom. Desi ³⁹⁴ foronse daly contra Sevilha, fazendo todo destruymento que podiam. E, passãdo per Sevilha, foron a Exarez e estenderonse os corredores per Bejar e per toda essa terra e roubaram quanto acharō e tomarōsse pera sua hoste. E o iffante mandou ficar suas tendas en Guadalente a par de Exarez e fez / [297c] chegar todo o roubo arredor de sy.

Mas leixaremos agora de falar desto que o iffante fez e do feito dos cristãaos e tornaremos a fallar del rey Abethien.

CAPÍTULO DCCXCIX

Como el rey Abetihen ajuntou grande companhia pera lidar con o iffante dom Afonso

El rey Abetihen, de que ja cotamos en esta estoria, quando soube novas do grande estrago que os cristãaos avyam feito en toda a Andaluzia, mandou a gram pressa per toda a terra que todollos mouros que armas podessem tomar vehessē a elle o mais toste e melhor armados que podessem. E, quando o seu mandado foy sabido, veeron tantos mouros de todas partes que foy gram maravilha.

El rey Abetihen, quando vyo o seu poder muy grande e o dos cristãaos muy pequeno, começou de os esmar. E, depois que entendeo bem quantos podiam seer, cuidou que se non poderiam teer nem defender en campo. E certamente, segundo a razon dos homēes, quem visse o gram poder dos mouros, que eram tantos que cobriam os campos e os montes, e visse hũus poucos de cristãaos estar todos juntos, que faziam muy pequena soma, bem poderia dizer que aas mãaos os tomariam os mouros. Mas o nosso Senhor Jhesu Christo que acorre e esforça os seus ênos grandes medos, deu esforço e poder a estes, como adeante ouvirees.

³⁹⁵ El rei Abetihen mandou ficar suas tendas ē hũu olival antre os cristãaos e a villa e mandou aos homēes de pee que fizessem trãbolhos e levassem baraços en que legassen os cristãaos. Mas a vontade de Deus hordenou que en aquello que elles fezeron, os levaron depois presos.

CAPÍTULO DCCC

Como lidou o iffante dom Afonso e dom Alvaro Perez de Castro con el rey Abetihem e o vencerō e das boas façanhas que os cristãaos fezeron ē aquella batalha

[297d] Depois que el rey Abetihem ouve bē afemençada aquella pouca companhia dos cristãaos, ordenou sua batalha e fez de suas gentes sete aazes muy bem ordenadas e cada hũa era de dous mil cavaleiros.

Quando o iffante dom Afonso e dom Alvaro Perez virō que os mouros regiam sua batalha, começaram de hordenar sua companhia. Mas elles eram tam poucos en comparaçō dos mouros que non sabiam que posessem na avãguarda nem na reguarda. E elles todos ajuntados nō podiam de sy fazer hũa aaz tamanha como cada hũa das dos mouros, ca elles nō eram mais de mil cavaleiros e dous mil e quinhentos homēes de pee, pero que era hy con elles hũu filho del rey de Beeça con duzentos cavaleiros e trezentos homēes de pee e eram hi outrossi os freires de Santiago e os de Calatrava. Mas todo esto era muy pouco en respeito da gram multidon dos mouros.

Quando don Alvaro Perez vyo que non eram tantos de que podessem hordenar aazes, fezeron todos conselho que maneira poderiam teer pera entrar en aquella batalha. E ouveron acordo que todollos homēes de pee apartassem ³⁹⁶ dos cavaleiros, ca assi estavam os dos mouros. E que todollos cavaleiros fizessem de sy hũu tropel, pois que nō eram tantos que de sy podessem fazer aazes.

Feito este acordo mandou dom Alvaro Perez chegar totalas azemelas e fez sobir en ellas os peões e hordenou delles hũu tropel, o mayor que pode; e a estes deu que guardassen o roubo. Mas os cristãaos, como erã muy poucos, estavam muy temerosos e o medo os compreendia a toda parte.

Quan/do [298a] dom Alvaro Perez os vyo assi todos acovardados, começou de os esforçar, dizendolhe muitos bōos exemplos de nobres cavalarias dos feitos antigos, tragendolhes aa memoria como os nobres cavaleiros godos muitas vezes, sendo poucos, venciam muytos e como o cōde dom Femam Gonçalvez con seiscētos cavaleiros vencera Almãçor cō todo seu poder e como Ruy Diaz Cide com poucos

cavaleiros vëcera muitos reys. Estes exemplos e outros muytos de grandes façanhas lhe disse dom Alvaro Perez, en tanto que os fez cobrar corações e seer muy esforçados, en tal guisa que nõ temyam nenhũa cousa os mouros, como quer que os alaridos e braados e tanger dos anafiis e atambores que elles faziam era tam grande que parecia que se querya juntar o ceo con a terra. E, porque dom Alvaro Perez era grande e grosso e a queentura fazia muy grande, vestyo esse dia hũa falifa bem delgada e tomou hũa vara na mũa. E cõ taaes armas entrou na batalha muy esforçadamente, acaudelando e esforçando os seus, dizendolhe que o poder de Deus era muy grande e o d'Abetihem muy pequeno.

Depois que os cristãos foron confessados e prestes pera a batalha, dom ³⁹⁷ Alvaro Perez fez cavaleiro Diego Perez de Vargas. E deste conta a estoria muytas boas façanhas e diz qual começo ouve sua cavalaria en esta lide.

Entom o iffante e dom Alvaro Perez con todollos outros cavaleiros fezerõ de sy hũu tropel. E dom Alvaro Perez ante elles, com sua faliffa vestida e hũu traço de pao nas mũaos, andava dhũa parte aa outra acaudelandos e dizendolhes palavras de grande esforço, con que lhes fazia perder todo temor. Entom os forõ ferir con tam gram força, chamando todos / [298b] a hũa voz o apostolo Santiago, que britaron todallas aazes e sairon da outra parte, matando e derribando en elles. E de tal guisa os seguyam que os mouros nõ podiam aver acordo pera se teerẽ hũus com os outros.

E foy dito per algũus bõos homens que aparecera en aquella batalha o apostolo Santiago en hũu cavallo branco. E os mouros meesmos derõ testemunho que o vyron con hũa bandeira brãca na mũa e hũa espada na outra e que andavõ hy con elle hũa gram companha de cavaleiros brancos. E dizia ainda mais que vyron andar angios no aar sobr'elles e que estes cavaleiros brãcos lhes semelhava que os destruyam mais que outra gente. E ainda algũus cristãos vyrõ estes angios.

Os mouros, quando esto vyron, começaram de fugir e os cristãos seguyãnos pelo encalço, matando e cativando en elles. E tantos matarõ que os homens de pee non podyam passar per antre os mortos que ante sy achavom. E seguiron o encalço ataa Exarez, onde morrerõ muytos mouros aa entrada da vila, con a gram pressa que avyam de se acolher. En esta batalha morreo hũu rey que passara d'aalen mar como ã romarya e serviço de Mafomede e tragia consigo seteenta cavaleiros ³⁹⁸ gazulos e por esto era chamado rey dos gazulos. E, depois que elle foy da outra parte do mar, deulhe Abetihen Alcalla. E do nome e senhorio destes gazulos ouve depois sempre o logar nome Alcala dos Gazulos. Este rey matou Diego Perez de Bargas, o que vos dissemos que fora feito cavaleiro na entrada da batalha.

E, depois que aquelle rey Abetihen vyo como era vençido e todollos seus mortos e presos, fugiu e nõ se ousou de meter en Exarez. Mas foyse aa outra parte onde o non poderõ alcãçar.

Depois que se os cristãos tornarõ / [298c] do encalço, acharon no campo muy grande algo. E, depois que colheron todo o que no campo acharon, foron pousar nas tendas dos mouros nas quaaes acharon grande aver en ouro e prata e cousas de gram preço. E, en quanto estiveron no campo, diz a estoria que nõ queymarõ se non astas de lanças britadas. E os baraços e trambolhos que os mouros fezeron, en esses os levaron presos e cativos. Mas, en quanto os cristãos estavõ no câpo, espargerõse os homens de pee pellos olivaaes e acharon tantos mouros ã çima das oliveyras que esto era grã maravilha. E matarõnos todos e forõ tãtos que, ainda que hy outros nõ morrerom, aquelles eram muytos.

En aquele dia da batalha foron muytos cavaleiros que se estremaron antre os outros pera fazer per suas mũaos de que ouvessẽ nomeada, mas muyto foy o bem que dõ Alvaro Perez fez, pero que entrou desarmado enna lide. E muyto se estremo hy dom Gil Rodriguez e dom Tello Afonso e Ruy Gonçalvez por muy bõos, fazendo estremados golpes de lanças e d'espadas. Mostrarõse outrossy por muy bõos os cavaleiros tolledãos que fezeron tanto que seria grave cousa de creer. E os freires o faziam muy bem. E todos geeralmente o fezerom tam bem que foram dello muyto de louvar.

³⁹⁹ Mas antre todos assiinadamente foy hy hũu cavaleiro que avya nome Diego Perez de Bargas e era yrmãao de Garcia Perez de Bargas e estes eram naturaes de Toledo. A este Diego Perez aqueceo en esta lide perder todallas armas de ferir, cõvem a saber: lança e espada e maça. E, quando vyo que non avya a que se tornar nem cõ que ferir, foyse a hũa oliveyra e britou hũu ramo que tiinha no fundo hũu çepo a maneira de porra. E con tal arma se meteo na mayor pressa / [298d] da peleja e começou de ferir dhũa e da outra parte, de tal guisa que qualquer a que elle dava hũa paancada nõ avia mester mais ferida. E fez con aquelle cepo tal façanha que seria muyto de a fazer con todallas armas que trager podesse. E dom Alvaro Perez, quando o assy vyo, con o gram prazer que ouve das pãacadas que el dava con aquel cepo tãto aa sua vontade, cada vez que lhe ouvya dar o golpe, dizialhe:

– Assi, Diego, machoca! Assi!

E, por esto que lhe assy disse, des aquel dia en deante sempre lhe chamaron Diego Machoca. E este sobre nome ouveron depois todollos do seu linhagem e en esto pareceo que elle era homem de gram coraçõ.

Mas o outro seu yrmãao que vos dissemos que avya nome Garcia Perez de Vargas fez outrossi en aquel dya gram façanha ã feito d'armas, ca tres cavallos lhe matarõ esse dya e tres vezes foy en terra e cada vez tomava outro cavallo e fazia golpes muy assiinados como aquel que era muy valente cavaleiro e de

gram coração. Ca este foy depois muy provado en muytos logares de grandes medos, segundo ouvirees adeante ê seu logar. Ca muyto he de louvar a bondade dos bôos cavaleiros que fizeram per suas mãaos os grandes feitos.

Otrossy en esta batalha aconteceo outra façanha que he muyto de notar: Diego Perez de Bargas, que depois ouve nome Machoca como ja dissemos,⁴⁰⁰ e hũu cavaleiro que avya nome Pero Migueel eram ambos de Tolledo e eram grãdes êmiigos. E, depois que foron confessados, mandaronlhes que se pdoassê. E o Diego Perez, que avya razon de pedir a outro perdom, foilho demandar; mas elle non lhe quis perdoar e, pero que lho rogaron frades e clerigos, nom o quis fazer. / [299a] E rogaronlho o iffante e dom Alvaro Perez; ou que ao menos fossem perdoados en quanto durasse a batalha. E el disse que nem por Deus nem por rogo de nêhũu homen que o non faria, salvo per hũa condiçon que, se elle se lhe leixasse abraçar, que lhe perdoaria por sempre. E esto fazia elle por o matar, ca era homen de tam gram força que non avya homem que abraçasse que o logo non matasse. E o outro non se quis meter en tal avêtuira, ante escolheu de entrar na lide e morrer en serviço de Deus. E aconteceo assi que, de todollos cavaleiros cristãaos que na lide entraron, que non morreo hy se non aquel que perdoar non quis. E foy maravilha que nũca o poderon achar morto nem vivo, pero que o viron andar na lide fazêdo gram morte en mouros, como aquel que era muy valente cavaleiro e de grande esforço. E disseron algũus que, con o grã coração que avya de ferir e hir por deante, que fora en volta con os mouros dentro aa villa e que o matarõ allo; pero desto non foron certos. E esto he exemplo pera todos os homêes que querem seer perdoados e guardados de mal que devem de perdoar a todo homen que lhe pedir perdom; ca tãta graça e mercee fez Deus aos cristãaos en aquel dya que entraron en aquela lide confessados e perdoados que nõ morreron delles mais de dez homêes per todos.

Depois que a lide foy vençida e partido todo o aver que en ella acharon, como ja ouvistes, o iffante dom Afonso êvyou o filho del rey de Beeça pera seu padre, gradecendolhe muyto o serviço que lhe fizera. E el con dom Alvaro Perez foronse pera Palença onde estava el rey dom Fernando que os recebeu muy bem.⁴⁰¹ Mas he de saber que hũa das cousas que mais quebrãtou os mouros pera perderem a Andaluzia, esta / [299b] batalha foy, ca assi ficaron quebrãtados e escarmentados que nũca depois ouverom atrevimento nem esforço cõtra os cristãaos.

CAPÍTULO DCCCCI

Como el rey dom Fernando foi cercar Hubeda e a tomou

No segundo anno que el rey dom Fernãdo foy apoderado do reyno de Leom ajuntou sua hoste e foi cercar Hubeda que he logar muy forte e de grande defensom. Mas tam fortemente a combateo el rey dom Fernando que os de dentro lhe ouveron de dar a villa per força, pero con tal preitesia que saíssem con seus corpos en salvo.

Depois que el rey tomou Hubeda e a pos en recado, tornousse pera Tolledo. E foy tomada Hubeda na era de mil duzentos e sesseenta e dous anos. E en este anno morreo a muy nobre rainha dona Beatriz na villa de Touro e foy soterrada nas Olgas de Burgos acerca del rey dom Anrrique.

Mas agora leixaremos aquy de falar desto e tornaremos a cõtar das conquistas que depois fez el rey dõ Fernando.

CAPÍTULO DCCCCII

Como el rey dom Fernando foi cercar Cordova e a tomou e do que lhe aveo con el rey mouro Abetihen depois da tomada della

Andados tres annos que o muy nobre rey dom Fernando cobrara o reyno de Leon – que foy na era de mil e duzentos e sessêta e tres annos e o anno⁴⁰² da encarnaçõ en mil e II^c XXXVI – estando el rey na villa de Benavête depois da tomada de Hubeda, aconteceo que os cristãaos assi cavaleiros come escudeiros filhos d’algo que estavõ na frõtaria e adaiis e almogavares, assi de pee come de cavallo, ajuntaronse en Andujar que era ja de cristãaos e fizeram sua cavalgada contra Cordova. E cativarõ algũus mouros que viviam cõ os mayores da villa. / [299c] E daquelles souberon como os de Cordova estavam muy seguros e nõ se velavom nem avyam temor dos cristãaos e disseronlhe que lhe fariam cobrar hũu pedaço do muro. Os cristãaos preitejaron con elles de os soltar e lhes fazer muyto bem se lhe dessem maneira e aazo como podessem furtar o arravalde a que en aravigo chamavõ Exequia, ca bem cuydavam os cristãaos que, se aquello podessem aver, que per ally poderiam cobrar a çidade. Aos mouros prougue desto e disseronlhe a maneyra que en ello teeriam e elles soltarõnos e foronse. Entom falaron os cristãaos antre sy como fezessem escaadas pera o muro e outras pera as torres e assiinarõ logo hũa noite certa pera fazer esta obra.

Feita esta falla antre os mouros e os cristãaos, como e quando se fizesse, meteron en ella Pero Rodriguez e Martin Rodriguez d’Orgas. E envyarõ recado do acordo que avyam feito a dõ Pero Rodriguez

e a dom Alvaro Perez, seu yrmãao, que estavom en Martos, qual noite avyam posto de o fazer e que os rogavõ que ⁴⁰³ estevessem prestes cõ suas companhas pera lhes acorrer, se lhes fosse mester. Quando esto souberom dom Pero Rodriguez e dom Alvaro Perez, seu yrmãao, ajuntarõ quantas gentes poderom aver e foronse pera elles. Entom guisarom suas escallas e fezeronse tã prestes que, aquella noite que antre elles era posta, chegarõ ao pee do muro. E foy esto oito dias por andar do mes de Janeyro. Elles prestes ao pee do muro escuitarõ se o velavõ os mouros ou as torres e non ouvyrõ nenhũu que vellasse, ca dormyã todos ẽ sono primeiro. E, depois que andarom arredor das torres e do muro e vyrõ que nenhũu nõ vela/va, [299d] acordaron como fizessem. Entõ lhes disse hũu adayl que hy estava, que avya nome Domingos Munhoz, que, pois ally eram juntos, que fizessem o signal da cruz e que se encomendassem a Deus e a Santa Maria e ao apostolo Santiago e que trabalhassem por cõprir aquello por que ally veerõ e que posessem logo as escaadas ao muro e sobissem açima. Este conselho ouverom todos por boon e poseron tres escaadas a hũa torre. E os primeiros que per ellas foron açima sabiam muy ben a aravya, e estes eram Alvaro Coladro e Beento dos Banhos; e estes hyam vestidos come mouros. E, como foron em çima, tomaron logo hũa torre, a qual hora chamon a Torre d'Alvaro Colladro. E acharon en ella quatro mouros que dormyam e hũu delles era daquelles que avyam ⁴⁰⁴ fallado. E, quando os sentirom, preguntaronlhe que andavom buscando e elles responderom pella aravya que eram as sobreguardas e que andavam requerendo as vellas. E aquel mouro que vos dissemos conheceo na falla Alvaro Colladro e apertoulhe a mãao cõ a saya e disselhe aa orelha:

– Eu soon daqueles que tu sabes. Trabalha de te vingar destes outros, ca eu te ajudarey.

Desi tomarõnos logo e afogarõnos e deytarõnos da torre a fundo. Os que estavõ ao pee da torre, quando os assy virõ, começaram de sobir a gram pressa. E, depois que a mayor parte delles foron dentro na torre, estenderonse pello muro e tomaron todallas torres e guanharon a porta de Martos.

Quando foy o dya claro, ja os cristãaos eram apoderados das torres e do muro de todo o arravalde con aquella porta. E entrou per ella Pero Rodriguez con outros de cava/lo [300a] que hy estavon. Depois que os mouros viron os cristãaos apoderados do arravalde desemparrarõ e fugiron pera a villa. E os cristãaos corriam depos elles e matavõ muytos daquelles Alarves. Depois, trancarom as ruas do arravalde que non leixaron se non hũa ⁴⁰⁵ que hya direita aa porta per que os podessem seguir. Os mouros, veendo como os matavõ os cristãaos, tornarõ a elles muy rijamẽte e trẽs vezes correrõ con elles ataa o muro. E os cristãaos, veendosse muyto afficados dos mouros, por que eram muitos mandaron recado a el rey dom Fernãdo que lhes veesse acorrer. E envyarõ dizer a dom Alvaro Perez que era em Martos e a outro cavaleiro que avya nome Adam Alvarez que lhes acorressem.

El rey dom Fernando que estava en Benavẽte tanto que vyo este recado, partiosse logo cõ esses que con el estavon que se nõ quis mais deteer por outras gentes e mandou a seus vassalos que se fossen ẽpos el, e outrossy os concelhos. E, quando se elle partio de Benavẽte, nõ hyam cõ elle mais de cem cavaleiros. E o tempo era muy forte e as aguas muytas e hyam os ryos cheos; e por esto foy el detehudo algũus dyas que non pode chegar a Cordova tam cedo como el quiseria. Pero ainda chegou a tempo que fez gram proveito.

E o caminho que elle levou foy este: partiosse de Benavẽte e foy a Cidade Rodrigo e dhi a Alcantara; desi passou Guadiana aa barca de Medelin e foisse a Magazella e a Benquerença, que era de mouros. E avya hy hũu alcaide mouro mui boon cavaleiro e, quando soube como viinha el rey dom Fernando, mandou ⁴⁰⁶ poer acerca do castello en hũu campo hũa sua tenda preto dhũa fonte. Desi foy receber. E, depois que el rey este/ve [300b] pousado na tenda, levoulhe presentes de pam e vinho e carne e cevada. E el rey agradeceulho muyto e fezlhe muyta hõrra. E, en falando con elle, pediolhe o castelo. E o mouro respondeo e disse:

– Tu vaas agora guanhar Cordova e, ataa que tu ajas acabado aquello, nõ te compre este castelo. Mas, depois que o acabares, eu to darey e te servirey con quanto tenho.

E esto dizia o mouro como por escarnho, teendo que non podia seer o que el rey queria. E, quando el rey per ally passou, hya cõ elle dom Fernam Rodriguez Cabeça de Vaca e dom Diego Lopez de Bayam que entã era escudeyro e Martin Gonçalvez Majanços e Sancho Lopez d'Ayelos e dõ Johã Ayras Mexira e outros. E todos estes nõ levavõ mais de trinta pares d'armas. E foisse a hũu lugar que chamã Duas Yrmãas a Doralbaçar. E leixou Cordova aa mãao direita e foy aa ponte d'Alcolea e fez aly ficar suas tendas. Quãdo os cristãaos que jaziam no arravalde souberom como era viindo el rey dom Fernando, prouguelhes muyto ca entenderom que podiam acabar o que avyam começado.

Estando el rey en este lugar que avemos dito, soube novas como Abetihen, rey dos mouros d'aaquẽ mar, estava en Eceja con muy gram gente de cavallo e de pee. E era hy con elle dõ Lourenço Soarez, o qual el rey dom Fernando deitara fora da terra por mal que fizera en Castella. E, sabendo el rey don Fernando ⁴⁰⁷ como Abetien era aly, chegousse mais pera Cordova, pero que cada dia lhe crecia a companha que se viinha pera el de todas partes. Mas toda era mui pouca em comparaçõ da del rey Abetihen.

Sabendo este rey mouro como el rey dom Fernando estava con pouca companha, quisera viir sobr'ele / [300c] con todo seu poder. Mas Deus todo poderoso, que guarda os seus servos de todo contrairo, guardou el rey dom Fernãdo en esta guisa que ouvirees: este rey mouro Abetihen era homen de gram coraçõ e boon entender, pero estava muy escarmentado daquella batalha que ouvera con o iffante dom

Afonso e com dom Alvaro Perez de Castro, de guisa que non ousava de cometer tal feito sen avendo sobr'ello boon conselho, ca bem cuidava elle que tam poderoso rey como era el rey dom Fernando que non vñria a tal logar como era Cordova sen muyta companha. E, en caso que muyta nō fosse, que seria boa. E pera esto ouve conselho cō seus ricos homeens e antre todos ẽ special con dom Lourenço Soares, ca pēsava elle que, por que elle querya mal a el rey dom Fernando, que o conselharía dereitamente. E entom lhe disse:

– Dom Lourçõ Soares, que me conselhas que faça en tal feito como quero fazer?

E disselhe toda sua entẽçon. E dom Lourçõ Soares lhe disse:

– Senhor, pois me demandaaes conselho, se vos prouver, fazee assi: leixaaeme hir con tres de cavallo que levarey comigo e hirey de noite enculcar a hoste del rey dom Fernando, ca eu saberey entrar en ella que me nō veja nenhũ nẽ conheça. Desi tornarey a vos con certo recado por que vaades sobre cousa certa. Mas prometeeme que vos nō partaaes deste logar ataa que eu torne a vos. Desta razon foy Abetihem muy pagado e outorgoulhe de o fazer assi. E dom Lourçõ Soares partiosse logo con tres de cavallo e foisse a Cordova o mais ⁴⁰⁸ escusamente que pôde. E, quando chegou aos visos altos que son aalem da pôte, descavalgou e con elle hũu dos seus. E elle foisse e entrou pella hoste ataa que / [300d] chegou aa tenda del rey que nenhũ nũca lhe fez pergunta quem era ou que demandava. E, quando foy a par da tenda del rey, achou hũu monteiro que velava e disselhe que lhe chamasse hũa das guardas del rey. E o monteiro entrou na tenda e chamou hũu que avya nome Martin de Telha. E elle sayu fora da tenda. E dom Lourenço Soares, logo que o vyo chamou adeparte e disselhe:

– Martinho, conhecesme?

E el disse que nō.

– Eu soon dom Lourenço Soares – disse ele – Entra onde el rey esta e dilhe que estou eu aquy que lhe quero falar.

E Martĩ de Telha entrou na tenda e espertou el rei e disselhe como estava ally Lourçõ Soares. E elle mandou que entrasse. E, quando foy ant'elle, disselhe:

– Aquy hes, Lourçõ Soares? Como fuste ousado vñr ante mỹ?

E elle disse:

– Certo, senhor, vos me deitastes en terra de mouros por meu mal. Mas Deus quis que aquel mal se tornasse en ben pera vos.

Entom lhe contou todo o que el rey Abetihem tiinha hordenado pera fazer e o por que elle era viindo. E el rey gradeceulho muyto e disse:

– Pois, Lourenço, que me cõselhas que faça?

E elle respondeo:

⁴⁰⁹ – Senhor, o meu conselho he que estees en este logar e trabalhees en guardar vossa hoste melhor que se guarda. E sabee que gente teendes na Exequia e, a que pode manteer o logar, fique, e a que mais for, mandaae que se venha pera vos. E estaae bẽ percebido. E eu tornarm'ey pera Abetihen e farei muito pollo torvar do que tem en coraçõ pera fazer, ca lhe farey entender que lhe mentirõ e dirh'ey que envye toda sua companha. E de duas cousas farey hũa: ou o partirei do dampno que vos quer fazer ou vos prometo que con meu corpo e con quantos cristãaos tenho me venha logo pera vos. E, de qual quer destas que se melhor possa fazer, / [301a] daquy a certo dia a tal hora como esta averees meu certo recado per este scudeiro que vem comigo.

E el rey lhe gradeceo muyto o que dizia e perdooulhe e recebeuho por seu vassallo. Entom se se espedyo dom Lourenço del rey. E, en se hindo, tornou a elle e disse:

– Senhor, ainda venho a vos por vos avisar do que vos compre: poreu mandaae logo fazer esta noite e as outras duas ou tres seguintes muytos fogos en vossa hoste, por tal que, se Abetihen mandar algũs de noite veer o arreal, que, pellos fogos que virem, entendam que grande cõpanha ha en elle.

Depois que elle esto disse, foisse e andou toda essa noite en guisa que amanheceo en Castro e daly se foy pera Ecyja. E chegou hy ao primeyro sono. Desy foisse pera el rey Abetihen e el recebeuho muy ben e disselhe:

– Pois que viste, Lourenço Soares?

⁴¹⁰ E el respondeo:

– Senhor, eu receo de vollo dizer por que cuydo que mo nō creerees. Mas envyaae allo outro que o veja e achara el rey dom Fernando con muy gram gente e muy boa, ca mais cedo fora eu aquy se non que me detive por vos saber dizer o certo.

E el rey Abetihen lhe disse:

– Pois que me conselhas que faça?

E dom Lourenço respondeo:

– A myn nō he dado de vos conselhar. Mas eyvos de servyr e comprir vosso mandado.

E Abetihen disse:

– Pois leixemos este conselho pera outro dya.

Logo na manhã chegaram a el rey dous mouros a cavalo que lhe trariam recado do rey de Valêça que lhe mandava dizer que soubesse en certo que el rey dom James d'Aragon viinha con todo seu poder sobre Valença e que lhe rogava que lhe acorresse. Quando el rey vyo as cartas, mandou chamar os de seu conselho e / **[301b]** dom Lourêço Soarez con elles e demandoulhes conselho sobr'esto. E elles disseronlhe que, como quer que os cristãos tomassem o arravalde de Cordova, que não poderiam tam aginha guaanhar a villa e que fosse lidar con el rey dō James que era de mais pequeno poder; e que, se o vêcesse, que bem poderia depois acorrer a Cordova. Aquel conselho teve el rey Abetihen por boon e moveo logo con toda sua hoste e foyse pera Almarya por levar dhy suas ⁴¹¹naves con que tomasse o porto de Valença. E, elle estando en Almarya, hũu mouro seu privado que avya nome Abenarra Maymỹ, convidouho e fezeo bevedo e afogouho en hũa pya d'augua que tiinha en sua casa.

Quãdo os da hoste souberom como el rey era morto, foronse cada hũus pera suas terras. E dom Lourenço Soarez tornou-se con todollos cristãos que consigo tragia pera el rey dom Fernando e a elle prouge muyto con elle e gradeceulhe quanto serviço lhe fizera.

Morto Abetihem foy o senhorio dos mouros d'aaquẽ mar departido en muitas partes e non teverõ rey de tanto poderio como ataaly ouveron. E esto foy aos cristãos grande ajuda pera cobrar a terra. E desta guisa que avees ouvydo quis Deus guardar el rey dō Fernãdo pera el poder acabar o que avya começado.

En esta sazõ foy el rey dō James d'Aragon cercar Valença e tomouha, segundo ouvirees en sua estoria.

Jazendo el rey dom Fernando sobre Cordova, como dissemos, veeronlhe grandes companhas de Castella e de Leon, assi de fidalgos come de concelhos. Quando os mouros vyron o gram poder das companhas del rey e como Abetihen era morto, entenderom que non podyam de nenhũa parte aver acorrimento e forom por esto muy / **[301c]** quebrantados en seus corações, por que cada dia eram combatidos e nom avyã mantiimentos. E por esta razõ, moveron preitesya a el rey de lhe darem a cidade e que os leixasse hir con seus corpos en salvo. E prouve a el rey desto. E foilhe ⁴¹²entregue a cidade en dia Sam Pedro e Sam Paulo. E, en aquelle dya, foron na cidade de Cordova alimpadas as çugidades de Mafomede.

Depois que el rey dom Fernando foy entregue da cidade, mandou logo poer na mais alta torre da mezquita hũa grande cruz. E, ajuso della, a sua bandeira. Por que, assi como ally era louvado o nome escomũgado de Mafomede, que assi e muyto mais fosse louvado o nome de Jhesu Cristo. Depois que esto foy feito, entrou el rey ãna cidade con gram procisson cantado todos: «Te Deum laudamus».

CAPÍTULO DCCCIII

Como el rey dom Fernando fez da grande mezquita de Cordova egreja de Santa Maria e mandou levar as campãas a Sanctiago

Depois que el rey dom Fernando foy apoderado da cidade de Cordova, mandou fazer da mezquita mayor egreja de Santa Marya. Entom don Joham, bispo d'Osma e o bispo de Conca e o bispo de Beeça con o bispo de Palença e con o bispo de Coyra, entraron dentro en essa mezquita e alimparõna de todallas çugidades de Mafomede ⁴¹³com orações e agua beenta e com outras santas cerimonias que a igreja manda. Depois que ordenaron todallas cousas a serviço de Deus e alçarõ altar en hõrra da beenta virgen Maria, cantou logo missa aquel bispo dom Johã e preegou muy solennemente e deron todos graças a Deus que lhe tanta mercee avya feita em aquello e nas outras cousas. / **[301d]** Feitas todas estas cousas, mandou el rey tomar as campãas de Santiago que hy achou, as quaaes en outro tempo trouvera dallo el rey Almãçor e poseraas na mezquita por lampadas en renembrancha da victorya que ouvera, segundo ja ouvistes. E mandouhas alla tornar.

Depois que o arcebispo dom Rodrigo veo de corte onde entom era consagrou por bispo desta cidade de Cordova mestre Lopo de Fiteiro, natural de Pisorga. E deu el rey dom Fernando aa egreja de Cordova grandes offertas e herdouha de muitas herdades e grandes rendas.

⁴¹⁴Quãdo a fama soou per toda a Espanha como a cidade de Cordova era de cristãos, veheron de todallas partes pobradores pera ella. E foron tantos que não achavã casas en que morar. Depois que as campãas que suso dissemos forõ en Santiago, foy con ellas feita grande alegria e poserõnas nos logares que en outro tempo suyam d'estar. E os romeus que hi viinham, quando as ouviam tanger, louvavõ muyto Deus e rogavalhe por el rey dom Fernando que o ajudasse contra os ãmiigos da fe.

A cidade de Cordova, depois que foy pobrada dos cristãos e bastecida d'homẽes d'armas e posta en recado como se mãtevesse, tornou-se el rey dom Fernando pera Tolledo, onde estava sua madre, a raynha dona Biringuella, que o sperava con gram desejo de o veer, como aquella que o criara e guardara con grande dilligencia e era muy alegre por as muytas ben aventuirações que lhe Deus sempre dera contra os mouros e specialmente en lhes tomar Cordova, que era a melhor cidade que elles tiinham e de que se os reys mouros mais preçavõ.

[302a] Mas hora leixaremos aquy a falar desto e diremos como casou el rey dō Fernando.

⁴¹⁵ CAPÍTULO DCCCIV

Como el rey dom Fernando casou con a filha de dom Symon, conde de Pontis, e dos filhos que della ouve

El rey dom Fernando depois que tomou Cordova e fez as outras cousas que vos dissemos e que se tornou a Tolledo, como ja ouvistes, a raynha dona Biringuella, sua madre, que todo seu cuidado poinha en el rey guardar seus bõos costumes e non danar sua fama. Veendo como ja era morta a rainha dona Beatriz, segundo ja dissemos, e que lhe nõ cõviinha a el rey estar sen molher por o perigoo a que por tal razõ poderia vïir, trabalhou de lhe buscar molher con que casasse. E soube como dom Symon, conde de Pontis, tiinha hũa filha muy fremosa, sobrinha del rey dom Luys de França, e mandoulhe pedir pera a casar con seu filho, el rey dom Fernando. E o conde, quando vyo seu recado, mandoulha muy honrradamente. E esta dõzella avya nome dona Johanna. E a raynha dona Biringuella casouha cõ seu filho el rey dom Fernando e fizeram suas vodas muy honrradamẽte.

⁴¹⁶ E conta o arcebispo dom Rodrigo que assi como esta raynha dona Joanna era grande e fremosa mais que outra dona que ella visse assi era a mais ensynada e comprida de bõos costumes que homẽ a essa sazõ podia saber. E tal foy en todollos dias de sua vida.

E ouve el rey dom Fernando della estes filhos: o primeiro ouve nome dom Fernando e poseronlhe por sobre nome Fernã Põtis; o segundo foy dom Luis; e hũa filha que ouve nome dona Lyonor come sua bisavoo, que foy molher del rey dõ Afonso, o que venceu a batalha / [302b] acerca do castello que chaman das Naves.

Depois foy compridoiro a el rey dom Fernãdo de tornar a Cordova e foron con elle dõ Afonso e dom Fradarique, seus filhos, que a essa sazõ começavam de seer mancebos e avyam võotade de fazer grandes feitos. E tanto que foy en Cordova, os iffantes foron correr terra de mouros e quebrantarãnos e fizeramhes grande dampno. Desy tornou-se pera o padre. E el rey afortellegou e basteçeo muy bem Cordova. Desi tornou-se con seus filhos ⁴¹⁷ pera Tolledo con muy gram prazer e, en se tornando, derõlhe os mouros estes castellos: Ecyja, Almodouvar, Stepã, Sete Filhas e outros cujos nomes aquy non dizemos. E esto fizeram os mouros por que nõ podyam viver en elles por o grande dampno que recebyã dos cristãaos. E, por viverem en paz e lograrem seus herdamentos, derom os logares a el rey que os ouvesse e fizeram con elle suas pretesias do que lhe avyam de dar en cada hũu anno e receberõno por seu rey e senhor. Depois que el rey dom Fernãdo foy apoderado das fortellezas, forneceoas dos cristãaos e açalmouhas de todo o que avyam mester, assi como fazia aos outros logares da sua conquista. E des entõ lhe deron os mouros daqueles logares seus tributos compridamente.

CAPÍTULO DCCCIV

Como o arcebispo dom Rodrigo dá testemunho do acabamentoo de sua estorya

Conta o arcebispo don Rodrigo, que screveo as estoryas d'Espanha, tomandoas onde as leixara Ysidro, o mancebo, e os outros estoriadores, que elle, assi como pôde e soube, acabou sua estoria en este logar, quãdo andava o anno da encarnaçõ de Jhesu Cristo en mil e duzentos e quarenta e tres annos, andados viinte e seis que reynava el rey dom Fernando e trinta e tres que elle / [302c] era arcebispo e a era de Cesar en mil e duzentos e oiteenta e hũu en tempo do papa Gregorio nono, enno qual reynava esse rey dom Fernando. E, segundo parece, en essa sazõ morreo aquel arcebispo dõ Rodrigo, por que elle diz que acabou d'escrever esta estoria e chegou ao tempo de toda carne, en que se entende a morte que dessolve toda carne. E demais que el rey dom Fernãdo reynou depois muytos dias.

⁴¹⁸ Outro estoriador dá testemunho d'escrever sua estoria e diz assi: «Como quer que este arcebispo dom Rodrigo fallou muyto das cronicas e feitos dos reys e de suas vidas e quaaes foron e como husaron de seus poderes e como acabaron, departindo todo en suas estorias pero non foron per el acabados os feitos del rey dom Fernando. Porem cõvem a nos de tomarmos a estoria onde a el leixou e contarmos todollos feitos que el depois fez. E por que he maneira de todollos estoriadores que fazẽ livros d'estorias, en que contan algũs grandes feitos, de os fazerem de boas e nobres razõoes. E os que acham feitos corregẽnos con boas e fremosas pallavras, non desfalecendo na verdade da estoria mas comprindo as razõoes mingradas e tirando as sobejas, en tal guisa que os que leerem pellos livros aprendam a ben falar e venham en conhecimento das cousas antigas. ⁴¹⁹ Porem por que o arcebispo dom Rodrigo non acabou a estoria del rey dom Fernando nem disse por qual razon tornou aa frontarya de tam gram pressa depois que casou cõ a raynha dona Johana, porem cõvem a nos de acabar a sua estoria e assiinarmos algũas razõoes que el non deu por dar fim aos feitos del rey dom Fernando segundo depois acõtecerõ.

CAPÍTULO DCCCVII

Como el rey dom Fernando mādou proveer algũus castellos que avyã mingua

[302d] El rey dom Fernando, depois que foy casado con a raynha dona Johana, começou d'andar pellas cidades e villas e castellos de Leon, aderencandoas en bõo regimento e repayrandoas do que era mester, fazendo a todos dereito e justiça. E, quando chegou a Tolledo, veeronlhe novas como os de Cordova eram muy minguados e sofriam grande lazeira. E el rey ouve dello gram pesar e mandoulhes logo vñite e cinco mil maraviidiis de que comprassem mantiimentos e outros tantos aos outros castellos da frontarya pera os partiren antre sy, segundo o mester que cada hũu castello avya. Desy tornousse pera Castella.

E, estando en Valhadolide cõ as rainhas sua madre e sua molher, chegaronlhe novas outra vez como os de Cordova estavam en grande afrõta de fame. E esto era na domaa de Ramos. E elle tanto ⁴²⁰ que o soube, foyse a Toledo e tyrou do seu tesouro muy grande aver e mandoulho per dom Alvaro Perez de Castro que lhes envyrou en acorro. E elle como era homen de grandes feitos acorreolhes a gram pressa e basteceo muy ben todollos castellos e fortellezas. Desy fez muy gram cavalgada en terra de mouros con que os quebrantou e estragou muyto. E tornousse con grandes roubos pera Martos.

CAPÍTULO DCCCVIII

Como el rey d'Arriona veo cercar a condessa en Martos e como foi acorrida e decercado o castello

Depois que dom Alvaro Perez açalmou Cordova como dissemos e os outros castellos foyse pera el rey dom Fernando a Tolledo, por lhe fazer que mandasse as arracovas cõ os mñtiimentos aa frontarya por que [303a] estavam apertados de fame. E leixara en Martos a condessa sua molher e dom Tello, seu sobrinho, con quarẽta e çinco cavaleiros seus vassallos.

El rey d'Arriona, sabendo como dom Alvaro era en Castella, foy sobre Martos e cercou hy a condessa e combateo o castello muy de ryjo en guisa que ouvera d'entrar a pena. Mas Deus non lhe quis dar tal poder, ca hy non estavam entom homeens que a defendessem, por que eram hidos con dom Tello correr terra de mouros, e en Martos nõ avya entom a forteleza que hora hi ha.

⁴²¹ A condessa, quando aquelo vyo, ella e todas suas donas, tiraron as toucas e vestironse en armas e tomarõ lâças nas mãaos e andavom pellos andaymos. Desto foy recado a dom Tello onde fora en sua cavalgada e elle veosse o mais apressa que pôde. E, quando forom preto de Martos virom tam gram poder de mouros arredor da pena que a estavõ combatendo que se elles foron en grã coita e ouverom gram pesar por que nõ estavam dentro pera a defender, esto nõ he de preguntar por que elles eram em gram temor, se a pena se perdesse, por duas razões: a primeira, por que a pena era chave de toda aquella terra; a segunda, por que levaryam a condessa cativa con todas suas donas, por que viiã que de nen hũa parte nom podyam seer acorridas que ante a pena non fosse perdida, ca elles non podyam entrar dentro pera as defender, por que a pena estava de tal guisa cercada que elles non se ousavã de meter a tal perigoo.

Estando elles en esta duvyda, disse Diego Perez de Bargas, o que guaanhou por sobre nome Machoca na lide d'Exarez, segũdo ja ouvistes:

– Cavaleiros que estaaes assi pesando, façamos de nos hũu tropel e metamonos per meo dos mouros e provemos / [303b] se poderemos acorrer aa pena. E bem fyo per Deus que o acabaremos. E, se o começarmos, non pode seer que algũus de nos nõ passẽ da outra parte. E, se aa pena poderem sobir, defendella ham aos mouros. E os que nõ podermos passar e morrermos, salvaremos nossas almas e compriremos nosso dever e aquello que todo cavaleiro fidalgo deve de cumprir. Ca, se nos non provamos hy mais de fazer, perderse hia a pena que he chave de toda esta terra e per onde el rei dom Fernando tem speranza de guaanhar toda a ⁴²² terra aos mouros. Demays tomaryã cativa a condessa con todallas donas filhas d'algo que con ella son, a qual cousa nos seria gram quebranto e desonrra e seriamos por ello menos preçados. E de mñ vos digo que ante aquy queria morrer a mãao destes mouros ca veer perder a pena de Martos e levar cativa a condessa por que se assi fosse eu nũca pareceria ãte el rey dom Fernando nẽ ante dom Alvaro Perez. E vos todos sooes cavaleiros fidalgos e bem veedes o que devees de fazer en tal feito como este, ca nos de morrer avemos e da morte nenhũu de nos nõ se pode escusar. Pois non ajamos della medo que posto que agora acalce vñir nos ha della grande honrra leixando de nos boa fama, fazendo dereito e lealdade, o que todo fidalgo deve fazer. E, se vos outros en esto sooes acordados, logo seja feito; se non espeçome de vos todos.

Quando esto ouvyo dom Tello gradeceulhe muyto quanto dizia e disse:

– Certamente, Diego Perez, vos dizẽs come bõo cavaleiro. E os que o assi quiserem fazer faram o que devem e guaanharã prez de bõos fidalgos se non, eu e vos façamos hy todo nosso poder.

⁴²³ Entom se acordaron ã esto aqueles quarẽta e çinco cavaleiros e fezeron de sy hũu tropel e disserõ que nenhũu nõ catasse por outra cousa se non / [303c] por passar pellos mouros e chegar aa porta do castello. Entom se atropellaron todos e entraron per meyo da hoste dos mouros e fezerom de tal guisa que

passaron per elles e chegarom aa porta do castello que nũca os mouros poderom delles matar se nõ hũu que se desvyou dos outros. E, depois que ally foron e lhes abrirõ as portas, sobiron pella pena e entraron no castello.

Quando el rey d'Arryona vyo que aquelles cavaleiros se poseron a tal perigoo por acorrer ao castello e que erã ja dentro, entendeo que eram tam boos que lho defenderyam e non ouve por sua prol de estar hy mais e decercou o castello e fuisse. E o primeiro que esto começou e que primeiro chegou aa porta, foy aquelle Diego Perez Machoca. E, desta guisa que avees ouvdyo, foy livre a condessa e defeso o castello de Martos que se non perdeo; e esto per esforço de dom Diego Perez Machoca. E dizem algũus, pero he cousa muy duvidosa de creer, que hũus synaaes que estam na sobida da pena que son dos pees do cavallo de Diego Perez Machoca que fez en aquelle dya.

CAPÍTULO DCCCIX

Como veo recado a el rey que era morto dom Diego Lopez d'Alfaro e dom Alvaro Perez de Castro

Passadas estas cousas que dissemos, estando el rey dõ Fernando en Leon, chegou a elle dom Alvaro Perez de Castro ⁴²⁴ que viinha da frontaria. E el rey o desembargou logo e lhe deu muy grande aver pera os moradores de Cordova e dos outros castellos da frontaria e fezeo logo tornar. E dom Alvaro Perez tornousse logo, ca elle avya a guarda de Cordova e de todollos outros castellos fronteiros e todollos alcaides tiinham mandado de lhe obedeeceer. Depois que se dom Alvaro Perez partio del rey, fuisse a Tolledo, desy a Orgas e aly lhe deu hũa door de que / [303d] morreo. E en este tempo se finou Diego Lopes d'Alfaro. E, estando el rey en Tolledo, chegaronlhe novas como era morto dom Diego Lopez e el rey ouve por ello gram pesar. E, estando con o nojo da morte delle trouveronlhe recado como era morto dom Alvaro Perez de Castro. Quando o el rey ouvyo pesoulhe tâto que esto era grande maravilha, ca era muy nobre fidalgo e escusava muy bẽ el rey da frontarya.

⁴²⁵ CAPÍTULO DCCCX

Como se el rey dõ Fernando foy pera Cordova depois da morte de dom Alvaro Perez e como entrou en terra de mouros e dos logares que tomou

Depois que el rei dom Fernando soube como dom Alvaro Perez era morto partiosse de Tolledo con sua hoste e fuisse pera Cordova o mais apressa que pode por guardar a frontarya. E esta foy a primeira vez que el foy a Cordova depois que casou cõ a raynha dona Johana. Depois que el rey foy en Cordova, assessegou toda a frontarya e pobrou os logares que nõ eram bem pobrados. E tornousse a Cordova depois que todo ouve corregido. E esteve hy treze meses que non partyo se nõ quando hya fazer algũas cavalgadas, as quaaes fez muytas e boas que diremos en seu logar. E herdou muy bem en Cordova todos aquelles que foron na primeira tomada da Exequya; e antre todos assiinadamẽte Domingos Munhoz, o adayl de que ja ouvistes.

Partiosse el rey dom Fernãdo de Cordova e foy fazer hũa cavalgada a terra de mouros e prendeo daquella hida hũu rey mouro que era viindo d'aalen mar ⁴²⁶ por reger a Ádaluzia. Mas non se lhe guisou como el quisera. E tomou el rey desta vez estes logares per preitesya, convem a saber: quatro, non embargando que / [304a] na estoria do arcebispo dom Rodrigo delles non faça mençõ, os quaaes son estes: o primeiro he Ecyja, o segundo Stepã, o III^o Almodouvar, o quarto Sete Filhas. Depois, tomou el rey outros que se seguem: convem a saber Sancta Ella, Mouraciella, Fornacholos, Mirabel, Fonte Comiel, Çafra, Pardal, Mouron, Ehũte, Bellamente, Aguillar, Benamixi, Zambra, Ossuna, Bitena, Castellar, Marchena, Coiros, Cucherete, Luth, Portunam, Coth. E outros muytos logares cujos nomes aquy non dizemos. Todos estes cobrou el rey dom Fernando en pouco tempo.

Mas dizem que Mourõ, que hũu muy forte castello, tomou elle por esta guisa: hũu infançõ que era sobrinho de Lourẽço Soarez, que avya nome Mẽe Rodriguez Galmado era muy provado cavaleyro en armas. Este tomou hũa torre aos mouros en hũu logar que avya nome Margazara e era a hũu quarto de legoa de Mouron. E dally o corrya tres vezes no dia e viinhalhe ataa as portas do logar. E tal guerra lhes fazia que lhes non leixava nenhũa cousa. E tomaron os mouros delle tal medo que, quando os meninos choravon, se lhes diziam: «Callate, ca vem Meendo», logo se callavã. E tanto mal lhes fez este Meen Rodriguez e assi os apremou que se ouveron de preitejar con el rey dom Fernando e darlhe o castello.

⁴²⁷ Depois que el rei ouve tomados todos estes logares deu delles aas hordẽes da cavalaria e outros aos bispos. E, depois que os teve repartidos, afortellezou e basteceo muy bem todos seus logares. E entom se partio de Cordova e fuisse pera Tolledo, onde estava sua madre e sua molher. Desy esteve algũus dias, e fuisse pera Burgos.

CAPÍTULO DCCCXI

Como foy desaviindo dom Diego Lopez, senhor de Bizcaya, del rey dom Fernando e como depois foram amigos

[304b] Estando el rey dom Fernão em Burgos, desaveosse delle dom Diego Lopez, senhor de Bizcaya. E el rey tomoulhe a terra que del tiinha. E dom Diego fuisse pera Bizcaya. E el rey foy empos elle por lhe non fazer dampno na terra.

Dom Diego Lopez, depois que foy en sua terra, mandousse espedir del rey. Desi começou de lhe correr a terra e fazer en ella gram dampno. E el rey, como o soube, moveo logo com sua hoste pera onde elle era. Dom Diego, como soube que viinha el rey sobr'elle, acolheosse a hũas serras muy esquivas. E el rey achou hũas poucos dos seus cavaleiros e prendeuos e tomoulhe o castello que avya nome Briones e outros castellos de que entendeo que lhe non podya vñir algũ dampno e derriboulhos todos. E, depois que os ouve derribados, fuisse pera Miranda e leixou hi por fronteiro seu filho, o iffante dom Afonso.

⁴²⁸ Quando dom Diego Lopez soube como o iffante dom Afonso ficara por fronteiro, veosse logo pera elle. E o iffante levouho consigo e fuisse pera seu padre que estava em Miranda. E el recebeuho muy bem.

E partiosse logo dally e fuisse pera Burgos; desy a Valhadolide, onde estavam sua madre e sua molher, e esteve hy algũs dias e fuisse pera Olmedo. Dally se partio dom Diego Lopez e fuisse pera sua terra. Mas algũs fezeron entender a el rey que dom Diego lhe querya outra vez fazer guerra. E por esta razon se tornou logo a Valhadolide e mandou o iffante por fronteiro a Bitoria. E elle guisou sua hoste para hir sobr'el.

Dom Diego Lopez, quando esto soube, veosse logo a gram pressa pera el rey e disselhe que non quisesse Deus que lhe elle mais guerra fizesse nem deserviço e os que lhe tal cousa fezeram entender que lhe mentira falssamente. A el rey prouge deste muyto. / [304c] E tornou-se pera Burgos e dom Diego Lopez con elle. E a rainha dona Biringuella ouve con el rey que perdoasse a dom Diego todo erro que lhe avya feito e lhe tornasse a terra. E el rey, a rogo de sua madre, tornoulha e deulhe mais Allacres que ante non avya.

CAPÍTULO DCCCXII

Como el rey dom Fernando mandou o iffante dom Afonso, por fronteiro a ãdaluzia e do que lhe aconteceo

Apacificada aquella cõtenda que era ante el rey dom Fernando e dõ Diego Lopez, estando elle en Burgos como dissemos, veolhe hũa door de que ouve de jazer ⁴²⁹ en cama. E, porque enton sayam as treguas que eram antr'elle e el rey de Graada, guisou muy ben o iffante dom Afonso e mandouho a ãdaluzia por fronteiro e con elle Ruy Gõçalvez Giron.

Depois que o iffante partyo de seu padre, fuisse a Tolledo. E, en se querendo partir dhi pera a frontarya, chegaram messegeiros de Abehudiel, rey de Murça, e hyam con embaixada a el rey dom Fernando, em que lhe mandava dizer que lhe darya o reyno de Murça con todas suas villas e castellos con certa preitesia. O iffante, quando vyo os messegeiros e soube a razõ por que hyam, non os leixou hir mais adeante. E outorgoulhes a preitesia en nome del rey seu padre e fezeos logo tornar. E quando foron en Alcara, tornarõ aquelles messegeiros a el con sua preitesya firmada per el rey Abehudiel e outorgada per todos seus sogeitos. Enton firmaron ben seu preito e fuisse o iffante dom Affonso con elles e hya en sua companhia o meestre dom Paae Correa e Ruy Gonçalvez Girom e outros muytos fidalgos. E os mouros entregaron o alcacer de Murça ao iffante con todallas outras fortellezas e cousas que lhe prometeron, segundo en suas / [304d] preitesias era conhudo. E o iffante leixou a el rey Abehudiel e aos outros que preitejarõ todallas cousas que lhe prometeo, assi das rendas come de senhorio, con todallas outras liberdades e condições que antr'elles eram postas. Depois que o iffante foy apoderado de todallas fortellezas do reyno de Murça, entom el rey con todos seus mouros receberam por senhor el rey dom Fernando e ⁴³⁰ fezeron menagem ao iffante dom Afonso, en nome de seu padre, de lhe obedeceren e seerem sempre a seu serviço.

En esta preitesia non quiseron entrar os de Lorca nem os de Cartagenya nẽ os de Mulla, polla qual razon lhes foy depois feito tão dampno que per força lhes cõveo de se someterem ao senhorio del rey dom Fernando, segundo adeante ouvirees.

Mas hora leixaremos aquy de fallar desto que o iffante fez no reyno de Murça, e tornaremos a el rey dom Fernando e diremos o que fez depois que foy sãao.

CAPÍTULO DCCCXIII

Como el rey dō Fernando mandou grande aver aa frõtaria

Depois que el rey dō Fernando foy sãao daquela door, fuisse pella terra por fazer justiça e a corregger d'algũas cousas que lhe compriam. E, quando foy en Palença chagoulhe recado de Cordova e de toda frontarya como estavam muy minguados de mâtimentos e que lhes acorresse cõ viandas, ca nã avyam que comer. A el rey pesou desto muyto e fuisse logo a Tolledo e tomou grande aver do seu tesouro e mādouho a Cordova e a todolos outros logares da frontarya.

E, estando ally, chegou o iffante dom Afonso que viinha do reyno de Murça onde fora, segundo dissemos. E el rey ouve con elle gram prazer. E partiosse ⁴³¹ logo dhi e o iffante / [305a] con elle. E foronse pera Burgos e fez enton poer veeo preto a sua filha dona Biringuella nas Olgas de Burgos.

Feito esto, mandou el rey guisar o iffante dom Affonso e envyhouo ao reyno de Murça cõ grandes arracovas de viandas e con el o meestre dom Paae Correa. E dom Ruy Gõçalvez Giron ficou con el rey. Mas, tâto que se o iffante foy pera Murça, guisousse el rey con sua hoste e fuisse pera Cordova. E, quando chegou aa calçada, sperou hy a raynha sua molher. E, depois que ella veo partiosse dally e passou o porto do Muradal. E aquella terra estava entõ muy amedorentada del rey de Graada por hũa lide que ouvera con dom Rodrigo Afonso, filho del rey dom Afonso de Leom e yrmãao del rey dom Fernando, a qual el vençera. E por esta victoria estava el rey de Graada muy orgulhoso. En esta lide foy morto hũu muy bõo cavaleyro comendador da hordem de Callatrava que estava en Martos, ca en essa sazõ ja el rey dera este castello aos freires de Callatrava. E morreron con elle outros muy bõos freires. E morreo hy Martin Rodriguez d'Aragon, o que o fez muyto ben na tomada de Cordova. E morrerõ en esta lide muytos homẽes e almogavares de pee e de cavallo, de guisa que foy muy gram gente morta. E o mouro, con este atrevymto, estendiasse pella terra e fazia muyto mal.

CAPÍTULO DCCCXIV

Como el rey dom Fernando tomou Arryona e foi cercar Graada

Conta a estoria que, depois que el rey dom Fernando passou Andujar, chegou a elle dom Afonso, seu yrmãao, e Nuno Gonçalvez, filho do conde dom ⁴³² Gonçallo, con muitas companhas de pee e de cavallo. E el rey, logo que elles hy foron, partiosse e foy sobre Arryona / [305b] e destruyolhes os pãaes e as ortas e cortoulhe as vinhas e as arvores. Desi fuisse pera Geen e fez esso meesmo e a Alcabdete outrossy.

E daly mandou Nuno Gonçalvez e dom Rodrigo, filho da condessa, que se tornassem sobre Arryona e que a cercassem e combatessem fortemente e mandou con elles gram parte de sua hoste. E elles foron allo e cercaron o logar e combaterõno muy fortemente, de guisa que os tiinhã muyto aficados. E, teendoos assy, amanheeceo el rey dom Fernando hũu dia con elles. Os mouros, quando souberõ como era vïido el rey, ouveronse por perdidos e sayron logo a el con preitesya. E outorgada d'ambas as partes, entregaron a villa e o castello a el rey. E elle entrou dentro e esteve hy dous dias. E, depois que teve o logar posto en recado, partiosse daly e foy tomar Pegalatar e Mentixa e Marchena.

Esto feyto mandou el rey dom Afonso, seu irmãao, sobre Graada e mandou con elle os concelhos de Ubeda e de Beeça e de Queyjada e Sancho Martiiz de Xodar con outros muytos cavaleiros. Dom Afonso partiosse logo e fuisse caminho de Graada e entrou na veiga e queymou e estragou quanto achou. El rey dom Fernando, depois que envyhou seu yrmãao, tornou-se logo pera Andujar e levou a raynha pera Cordova. Desi tornou-se pera Graada, onde seu yrmãao estava ja avya dez dias en muy gram perigoo, ca el rey de Graada estava dentro ⁴³³ con toda sua cavalaria. Pero con todo esso nõ lhe leixavã os cristãaos de queymar e estragar quanto achavon. E depois que el rey dō Fernando chegou, non ficou aos mouros nenhũa cousa que lhes todo non estragassem.

Viinte dias esteve el rey sobre Graada, teendo os mouros en grande angostura. E el rey con todollos seus mouros veendosse tam afficados sayron fora / [305c] da villa muy ben percebidos de fazer sporoda contra a hoste dos cristãaos. Mas, logo que el rey dom Fernando con sua cavalaria os ouveron vistos, feriron en elles tam fortemente que per força os fezerõ recolher aa villa. E, ferindo e matando ã elles, meterõnos pellas portas adentro e de tal guisa os castigaron que outra vez nõ foron ousados de sayr fora.

Estando el rey dom Fernando en Graada como dizemos, chegoulhe recado que hũa gẽte de mouros que chamavõ gazullos sayrõ a correr a terra e jaziam sobre Martos. El rey tanto que o soube, mandou alla dom Afonso, seu yrmãao, e cõ el o meestre de Calatrava e todos seus freires. E elles, quando chegaron a Martos, ja os hy nõ acharon, por que os cavaleyros da hordem que hy estavom e outra gente que lhes veio em acorro lidaron con elles e desbarataronnos e prenderom delles muytos e tomarõlhe quanto trariam.

Depois que el rey dom Fernando esteve sobre Graada quanto lhe prouve, tornou-se pera Cordova onde estava sua mulher.

Mas hora leixaremos aquy a falar del rey e tornaremos a cōtar do iffante dom Afonso, seu filho.

⁴³⁴ **CAPÍTULO DCCCXV**

Como o iffante dom Afonso tomou Mulla e fez outras cousas no reyno de Murça

Dito avemos como el rey dō Fernando mandou seu filho, o iffante dom Afonso, com grandes arracovas de mātimentos ao reyno de Murça. Hora sabe que, depois que el hy foy, começou de repartir as viandas pellas fortellezas e dar-lhes do seu muy graadamente, assessegandoos o melhor que pode. E desta guisa andou o iffante per todo o reyno de Murça. E, depois que teve bastecidos todollos castellos, foy correr Mulla e Lorca e Cartagenya. E, depois que as estragou, ouve conselho con / [305d] o meestre dom Paae Correa e con outros cavaleiros que andavon con elle se hyria cercar Mulla e acordaron todos que sy, ca elles sabyam bem como o logar estava minguado de mantiimētos. O acordo avudo, foy o iffante cercar Mulla e teve-a cercada muitos dias. E tanto os cōbateo e afficou e por a gram fame que os de dentro avyam, que se ouveron de dar e meter en poder dos cristãos.

Mulla he hũa villa de gram forteleza e muy ben çercada con muy forte castello e ben bastecido de torres e he logar muy avondado de todolos labores da terra, assi como pã e vinho e frutas e todas caças de monte e de ribeyra e grandes termos e boas aguas. Mas hora leixaremos aquy a fallar das bondades de Mulla e do iffante dom Afonso e tornaremos a dizer dos feitos del rey dom Fernando.

⁴³⁵ **CAPÍTULO DCCCXVI**

Como el rey dom Fernando mandou seu yrmão teer o caminho a arracova del rey d'Arriona

Partido el rey dom Fernando de sobre Graada como dissemos e estando en Cordova con sua mulher e suas gentes, chegaron-lhe novas do iffante dom Afonso como tomara Mulla e fezera grande estrago nos mouros de Lorca e de Cartagenia. E a el prougue muyto da boa andança que lhe Deus dera.

E, el estando desto muy ledo chegaron novas como el rey d'Arriona queria mandar grande arracova con mantiimentos a Geem e que esta arracova era de mil e quinhentas bestas. El rey como esto soube mandou logo alla dom Afonso, seu yrmão, e con el o concelho d'Ubeda e de Beeça. E mandoulhe que tomasse o passo ante que a arracova chegasse. Dom Affonso foyse logo seu caminho e fez como lhe el rey / [306a] mandou. Mas el rey, temendo que con a arracova hyria grande cōpanha, tomou consigo dom Rodrigo de Valdorna e dom Ruy Gomez e dom Affonso Lopez de Bayam. E, pero que era pouca gente, foyse depos seu yrmão e levou o caminho d'Arriona e foyse dereitamēte a Geem e sperou hy a arracova dous dias. E os mouros souberon esto e non quizeron partir con a arracova. Quando el rey vyo que non viinha, correo todo o reyno de Geem e estragou e fez-lhe muyto mal. Desi tornou-se a Cordova.

⁴³⁶ Estando aly el rey, chegaron-lhe novas da rainha dona Biringuela, sua madre, como se viinha veer con elle e que partira ja de Touro. El rey partiosse de Cordova e levou consigo sua mulher e passou o porto e chegou a hũa logar que avya nome Poçollo e agora lhe chaman Villa Real, ca o iffante dō Affonso depois que foy rey, fez aly hũa muy nobre villa. En este logar achou el rey dom Fernando sua madre e ouveron muy gram prazer en suas vistas. E estiveron ally seis domaas, ordenādo suas cousas. E, acabado este tempo, partironse daly e tornou-se a rainha pera Tolledo e el rey pera a frontarya. E daly adeante nunca mais se virō.

Depois que el rey foy en Cordova, leixou hy a raynha e el con sua hoste foi sobre Jeem. E cortoulhe as vinhas e estragoulhe todollos mantiimētos. Desi foy sobre Alcala de Bençaide e fez-lhe esso meesmo e prendeu hy peça de mouros. E foy logo sobre Yllora e quebrātou o arravalde e entrou per força a villa e queimouha toda e matou e cativou todollos mouros e morrerō hy muitos cristãos. E acharon en este logar muy gram roubo.

Feito esto, foyse el / [306b] sobre Graada e esteve sobr'ella algũs dias. E mandou seus corredores per todallas partes a roubar e estragar quanto achassem. E, pero que os mouros erã muytos na villa, non ousavō de sair fora. Quando el rey vyo que os mouros nō queriam sayr fora, partiosse daly e foyse pera Martos. E, en estando hy, chegou o meestre dom Paae Correa que viinha do reyno de Murça, onde o leixara o iffante dō Afonso, segundo ja ouvistes, e prougue muyto a el rey con sua viinda. E ouve con elle conselho que maneyra teerya en sua guerra, ou qual logar cercaryam primeiro. E o meestre lhe aconselhou que ⁴³⁷ fosse cercar Geem. E el rey teveo por boon conselho e acordarō logo a maneira que teeryam no cerco della, assy dos artefficios pera a tomar, como e quaaes ricos homeens stevessem continuadamente no cerco e quanto tempo cada hũus.

Feito este compartimêto, mandou el rey cercar Gêe. Mas, veendo el que se nō fazia tam bem como elle mandara nē estavam hy assi continuadamente como elle queria, fuisse pera allo e cercouha e esteve sobrella per espaço de tempo muy forte e de gram frio e chuvas, ca era en meo do inverno. E por esta razom se perdyam muytas bestas e os homêes eram en grande afronta de frio e de lazeira, em guisa que, se contassemos todolos trabalhos e males e afâaes e fames que os cristâaos padecerō en aquella cerca, seria longo de dizer a nos e enfadamento aos que o ouvissem.

Mas esto he de saber que, quando o rey d'Arriona, que se ja chamava rey de Graada, vyo que el rey dō Fernando co tam grande vōotade se lāçara sobre Geen, entendeo que era homê de tal coraçom que se non levantaria de sobr'ella ataa que a tomasse per força. / [306c] E, veendo outrossy como os de dentro estavam coitados de fame e apressados de muyta lazeira, en tal guisa que se nō sabyam dar a conselho, temeusse de se perder de todo, ca elles nō podyam ja defender a villa nē avyam acorro de nenhũa parte. E porem acordousse de trazer preitesia con el ⁴³⁸ rey dom Fernando e darlhe a villa e meterse en seu poder, ca non tiinha que fazia sua prol d'outra guisa pois se dele defender non podya.

CAPÍTULO DCCCXVII

Como se el rey de Graada pos en poder del rey dom Fernādo con toda sua terra e se fez seu vassallo

Avendo acordo el rey de Graada e d'Arryona con seus mouros sobr'esto que ja dito avemos, acharon que non avya hi outro tam boo conselho pera ficar en sua hōrra e senhorio e livrar seus mouros e sua terra de destruymento como de se poer en poder del rey dom Fernando e fazerse seu vassalo. E, logo que ouveron este acordo veosse el rey de Graada pera el rey dō Fernando e beyjoulhe a mǎao e fizesse seu vasalo con condiçom que fizesse delle e de toda sua terra como por bem tevesse. E entregoulhe logo Geem. E el rey dom Fernando, como era muy mesurado, esguardando como se o rey mouro poinha ã sua mercee con toda sua terra, recebeuho mui graciosamente e fezlhe muyta hōrra. E non quis delle outra cousa se nō que ficasse por seu vassallo con toda sua terra e que a tevesse ⁴³⁹ como ante tiinha com todo seu senhorio e lhe fizesse della ã cada hũu ano de tributo cento e quarenta mil maravidiis e lhe fizesse della guerra e paz e veesse cada hũu āno a suas cortes; e que en esto se nō entendesse Gêe que el ja tiinha guaanhada, da qual logo foy entregue, como ja ouvistes.

E conta a estoria en este logar que / [306d] Jeem he villa real e bem pobrada e de grande forteleza, assi de muro come de torres, e muy fremoso castello e ha muytas aguas e grande avondança de mantiimentos. E foy sempre muy guerreira e donde viinha muyto mal e dano aos cristâaos. E, depois que ao muy nobre rey dom Fernando ouve tomada, sempre foy a frontaria della muy bem defesa e segura.

CAPÍTULO DCCCXVIII

Como el rey dom Fernando pobrou Geem de cristâaos e estabeleceo en ella bispado e acordou de cercar Sevilha

Depois que el rey dō Fernando ouve cobrada a cidade de Geen da guisa que ja ouvistes, entrou en ella con gram proçissom de toda a clerezia. E foy logo aa mezquita mayor, na qual logo estabeleceo altar en honrra de Santa Maria. E fez a dom Goterre, bispo de Cordova, cantar missa en elle e ordenou hy seeda bispal. E, depois que todo esto ouve feito dotou aquella egreja de muytos e bōos herdamentos.

Desi mandou per todas partes por pobradores, fazendolhes saber que lhes daria grandes franquezas e liberdades. E por esto veeron muytos de toda parte. E elle partiolhes os herdamentos e compriolhes todo o que lhes prometera e esteve con elles oito meses na cidade.

⁴⁴⁰ E, depois que todo ouve bẽ ordenado e reparados os logares da forteleza onde era mester, ouve conselho con seus ricos homêes sobre qual logar hiria ou que maneira teerya na guerra. E a esto cada hũu dava sua divisa, segundo seu entender. E o meestre dom Paae Correa e outros boos cavaleiros e muy sabedores de guerra disseron a el rey que fosse cercar Sevilha e que, se a cobrasse, que per ella cobrarya todo o al e seria mais / [307a] sen trabalho e con mais pequena custa e sem muyta lazeira d'algũus. Mas esto contradisseron outros, dizendo que Sevilha era logar grande e muy pobrado e que non seria muy ligeiro de cercar mas que pero se el rey tal cousa quisesse cometer, que primeiro compria correr e estragar a terra per algũas vezes e, depois que a bem quebrantada tevessem e os mouros bem apremados, que entō seria bem de a hir cercar. O meestre dō Paae Correa e os outros que primeiro conselharon a el rey o cerco de Sevilha disserō que o tempo que posesse en corrimentos e fazer cavalgadas ou cercar outros pequenos logares que melhor era de o poer sobre Sevilha e que, tomandoa, cobrava todo o al e que, por esta razom, melhor era de acabar todo per hũu tempo que per muytos. Demais que poderia seer, se lhes dessem tal vagar, que elles se avisaria de guisa que seria depois muy forte cousa de começar e que por esto melhor começar cedo que tarde. Ditas estas palavras e outras muytas, acordousse el rey con todolos outros en este cōselho.

⁴⁴¹ CAPÍTULO DCCCXIX

Como el rey dom Fernando partio de Geem e se foy pera Cordova e das cousas que fez

Logo que o conselho foy acordado, deu el rey a alcaidarya e guarda de Geem a hũu gram cavaleiro que avya nome dom Ordonho. E, depois que lhe disse toda a maneira que avya de teer, partiosse de Geem e foyse a Cordova e esteve hy algũus dias por guisar ben sua hoste. E tanto que a ouve guisada, foy sobre Carmona e cortoulhe as arvores e estragoulhes quanto achou fora do cerco e prendeu hy muytos mouros e fezlhes muy gram dano.

El rey dom Fernãdo era homẽ / [307b] de grande trabalho e por esto fazia grandes cõquistas, ca logo que hũa tiinha acabada logo cuydava outra.

Em esta sazom eram en sua hoste estes capytãaes, convem a saber: dom Afonso, seu yrmãao, e seu filho, dom Anrique, e o meestre d'Ocres e o de Callatrava e Diogo Sanchez e dõ Goterre Soares. E todos estes con outros non passavã per trezentos cavaleiros. Mas hya con elle o concelho de Cordova que era muy boa cavalaria.

Estando el rey en Carmona, commo dissemos, veosse pera elle el rey de Graada, seu vassalo pera o servyr con quinhentos cavaleiros.

Depois que el rey dom Fernando estragou Carmona, foyse pera Alcalla. E os da villa, quando souberon que el rey de Graada viinha con el rey dom Fernando, ⁴⁴² sairon a elle e deronselhe. E elle deu logo o castello a el rey dom Fernando. Esteveron entõ aly algũus dias e mandou el rey correr o Exarafe a dom Afonso, seu yrmãao, e ao meestre dõ Paae Correa. E mandou a el rey de Graada e a seu filho, dom Árrique, e ao meestre de Callatrava que fossem correr Exarez. E elle ficou en Alcala afortelegando o lugar e bastecendo o castello.

Estando el rey ally, chegaronlhe novas como era morta a raynha dona Biringuella, sua madre. E el ouve dello grande pesar, ca amavaa muyto de coração. Mas, por quanto aos grandes senhores non he dado de mostrar, presente os seus, os grandes pesares, specialmente aos reys, porem el se trabalhou o melhor que pôde por encubrir seu nojo, ca ella o escusava en Castella e Leon de todolos encarregos que elle avya d'aver.

Esta raynha dona Biringuella he muy louvada nas estoryas d'Espanha antre as outras raynhas, ca a louvam de muy sisuda e de bõo recado que, per seu bõo entendimẽto se regiã / [307c] os reynos de Castella e de Leon. E era molher de gram coração e de muyta caridade e muyto comunal a todos, assi aos pobres como aos fidalgos. Esta ouve ã sy tantas virtudes e nobrezas quãtas hũa nobre raynha devya d'aver; aa qual Deus aja mercee. Amen.

CAPÍTULO DCCCXX

Como el rey dom Fernando tomar tornar el rey de Graada pera sua terra

Depois que el rey dõ Fernando soube novas da morte de sua madre, como ja ouvistes, mandou logo a el rey de Graada que se tornasse pera sua terra e gradeceulhe muyto quanto serviço lhe fizera. E foyse entõ el rey dom Fernando pera Cordova ⁴⁴³ e pensou de se hir a Castella, ca el ben sabia as muytas querelas e malfeitorias que el acharia se ala fosse depois da morte de sua madre. E, por o tempo que era forte e por que entendeo que tardarya se ala fosse pera fazer sua cõquista desi que a frontarya que elle tiĩ muy ben defesa e os mouros quebrantados e apremados que, se allo fosse, que elles en tanto colheryam seu pam e bastecers'yã; e, avendo tal esforço, que lhe seriã depois muy maaos de tornar ao ponto em que os entom tiinha; e, por todas estas razões, entendeo que era melhor de ficar que de hir a Castella; e por dar çima a sua conquista e reparar ben sua frontarya. E con este pensamento partyo de Cordova e se foy pera Geem.

CAPÍTULO DCCCXXI

Como el rey dom Fernando mandou a Reymon Bonifaz guisar a frota pera hir cercar Sevilha e como lhe derom Costãtina e outros logares

Estando el rey dom Fernando en Geem, veo hy ao veer hũu nobre burges de Burgos que avya nome Reymõ Bonifaz. E a el rey prougue muyto con elle e mandouho tornar logo a grande / [307d] pressa e que fosse guisar a mayor frota que podesse de naves e galees e que se vesse con ella sobre Sevilha, ca el a queria hyr cercar per mar e per terra.

Depois que esto ouverom falado, foyse Reymon Bonifaz. E el rey partiosse de Geem e foyse pera Cordova. E aly chegaram a elle os ricos homẽes e meestres das hordẽes con muytas gentes. E, logo que el rey teve sua hoste concertada, ⁴⁴⁴ guisousse pera hyr outra vez sobre Carmona. E mandou ante sy o concelho de Cordova. Desi partyosse el rey e foyse sobre Carmona. E, quando hy chegou, ja avya çinquo dias que os de

Cordova hy eram e, depois que el chegou, todo foy estragado. E, estando aly, chegaronlhe muytas conpanhas dos concelhos do reyno de Leon e de Coira e de Graada e de Mõtanchas e de Medelin e de Caceres e doutros muytos logares. Quando os mouros de Carmona esto vyrõ, temeronse de os querer el rey cercar. E moveron con elle preitesia en esta guisa: que ataa seis meses lhe daryam certo tributo e que en elles se acordaryam de lhe dar a villa. E, por que el rey nõ tiinha en voontade de os cercar, outorgoulhe a preitesia.

Os mouros de Costantina e de Reyna, quando esto souberon, veeronse logo aly preitejar. E os alcaides veeron a el rey e entregaronlhe os alcaceres. E el rey deu logo Costantina a Cordova e Reyna aa hordem d'Ocres e que ficassem hy os mouros por moradores.

Feito esto, mandou el rey ao prior do Espital, que avya nome dom Fernã Rodriguez, que fosse sobre Lora. E pera esto deulhe algũas gentes dos concelhos. E elle foy allo. Mas os mouros, como o sou/berom, [308a] sayron a elle con preitesia e deronse a el rey dom Fernando e entregarõlhe logo o castello. E el rey deu a villa e o castello ao Espital.

E partiosse de Carmona e passou o vaao de Guadalquivir con muyto affam e gram perigoo, pero mandou fazer muytos sarzos e poelos na entrada pellos tremedaaes. E foy logo el rey sobre Cantilhana em que estavam muytos mouros e tam fortemente a fez combater que a entraron per força e mataron hy setecêtos mouros. Partiosse el rey daly e foy sobre Guilhena en que jaziam muytos mouros.⁴⁴⁵ Mas elles, temendo o que acontecera aos de Cantilhana, sayrõ a el rei e deronlhe o alcacer e elle leixouhos ficar en elle por lhe fazer mercee. E os mouros, como vyron que se el rey partya, trabalharon de se defender. Quando el rey esto soube, tornou sobr'elles e combateuhos e mandou fazer sargos e gatas pera lhe fazer cavas. Os mouros, como aquello vyron, quiseron dar o castello; mas el rey nõ quis se nõ que os entrassem per força e que os matassê todos. Mas os seus ricos homẽes o conselharon que se non detevesse en esto e que os leixasse hir con seus corpos e nõ al. E elle outorgoulho e mandoulhes mais dar tres pares d'armas. E assy cobrou o castello.

CAPÍTULO DCCCXXII

Como adoeceu el rey dom Fernando e como mandou cercar Alcala del Ryo e de que guisa a cobrou

Conta a estoria ã este logar que, depois que el rey dom Fernãdo deitou os mouros fora de Guilhena como ja ouvistes, que adoeceu hy de muy forte enfermidade; pero con todo esso, mandou logo sua hoste sobre Alcala del Ryo e que a cercassem e comba/tessem. [308b] Tanto que a hoste allo foy, fizeram engenhos e gatas pera a cõbater. E el rey, depois que foy guarecendo, fuisse pera alla e mandou combater a villa muy fortemente; mas nõ lhe podyam muyto empecer por que lhe quebravam os engenhos, en guisa que mais se detiinha ennos adubar que en outra cousa e por esta razon lhes non podyam fazer gram dampno. E Axaçaf, que jazia dentro con trezentos cavaleiros mouros, sahia ao arreal con grande esforço e fazia dampno nos cristãaos.⁴⁴⁶ Mas castigarõno de tal guisa que nõ ousou mais de sayr. Desi cortaronlhe as vinhas e estragaronlhe todollos mãtiimentos. E de tal guisa os apertaron que Xaçaf non se atreveo hy d'estar e fuisse pera Sevilha. E os que hy ficaron moveron preitesia a el rey e deronlhe a villa.

CAPÍTULO DCCCXXIII

Como chegou recado a el rey dõ Fernando que mandasse acorrer aa frota

Estando el rey dom Fernando en Alcala del Ryo, como dissemos, chegoulhe recado como viinha Reymon Bonifaz con a frota e que viinha muy ben guisado de muy boas naves e de galees e doutros navyos pequenos quaaes compriam pera ally. E que viinha ben guarnido d'armas e bastecido de mantiimêtos, segũdo cõpria a tal feito, mas que fosse certo que viinha sobr'ella gram poder de Tamar e de Cepta e de Sevilha per mar e per terra e que lhes mandasse acorrer.

Quãdo el rey ouvyo novas que viinha a sua frota, ouve muy gram prazer. E mandoulhes logo en acorro dom Rodrigo Froles e Afonso Telez e Fernã Yvanes con grande cavalaria, sua e dos cõcelhos. E elles chegaron ao mar e non / [308c] viron as naves e porende se tornaron logo, ca pensaron que nõ eram viindas. E tanto que se partiron, chegou a frota. E veeron os mouros da outra parte e ouverom⁴⁴⁷ gram batalha con os cristãaos. E, por que os cristãaos eram poucos, forõ postos en grande aventuyra. Pero esforçaronse enno Senhor Jhesu Christo, en cujo serviço andavam, e venceron os mouros e tomaronlhe tres galees e queymaronlhe hũa e quebraron duas. As galees e naves de Reymon Bonifaz eram treze e as dos mouros triinta afora lenhos pequenos que eram muytos.

CAPÍTULO DCCCXXIV

Como Rodrig' Alvarez desbaratou os mouros de Sevilha que sayrõ aa frota dos cristãaos e pousou o
meestre açerca do ryo

Quando os mouros de Sevilha souberon como Reymon Bonifaz desbaratara a sua frota, sayron gram companhia delles pera hyr contra Reymõ Bonifaz onde viinha pello ryo açima. Mas Rodrigo Alvarez, que sayra do arreal ã cavalgada, soube esto e foyse allo por acorrer aa frota. E encontrou con os mouros e lidou con elles e venceuhos e matou muytos delles e seguyuhos pello encalço grande peça, fazendo en elles muyto dano.

El rey dom Fernando partiosse logo d'Alcala, tanto que ouve envyados os que fossem acorrer aa frota. E foy essa noite dormyr hu chaman o Vaao ⁴⁴⁸ das Estacas e era en dya de Sancta Maria d'Agosto. En outro dya, chegou aa Torre do Cabo e pousou hy e foy aas naves onde estavam e mandou que se fossem pera acerca donde elle pousava.

O meestre dom Paae Correa con seus freires e outros segraaes que con elle acõpanhavõ eram per todos duzentos e oiteenta cavaleiros e passou o ryo da outra parte e pousou so Esnalfarag [...] grande perigoo / [308d] de sy e de suas gentes, ca mayor perigoo era daquella parte que da outra de que pousava el rey, ca Abenafon, que a essa sazõ era rey de Nevra, estava daquella parte e trabalhava quanto podya por os embargar. E estavam con elle todollos mouros dessa terra e eram tantos, antre os que hy estavam e os que lhe viinham en ajuda da parte do Exarafe, que era maravilha de veer. E por esta razon eram os cristãaos en grande afronta, ca nõca podyam folgar se nõ pellejar sempre con elles. E, pero que os cristãaos os vençiam e matavon deles muytos, os que ficavõ e os outros que creciam nunca os leixavã folgar.

Veendo el rey dom Fernando o gram perigoo en que estava o meestre dom Paae Correa e todollos que con el erã, mandou allo passar dom Rodrigo Frolles e Afonso Tellez e Fernand'Yvanes. E estes tres levarom cen cavaleiros con os quaaes foron muy bõos ajudadores ao meestre e seus freires.

⁴⁴⁹ CAPÍTULO DCCCXXVI

Como el rey dom Fernando foy pousar a Tablada e como pelejou con os mouros Gomez Rodriguez
Maçanedo e os vençeo

Daquella parte do ryo onde el rey pousava, viinham os mouros cada dia e fazia grande dampno ãna hoste, por que non era logar en que lhes podessen deitar çelada; e por esta razon estavam sempre armados. E, veendo el rey esto, ouve acõrdo de hyr pousar a Tablada, pero que receava o gram poder dos mouros, por que lhe non eram vīdas todas suas companhassy de fidalgos come dos concelhos. E, depois que allo foy apousentado, por non viirem a elle os mouros de sospeita, mandou fazer arredor / [309a] donde pousava hũa grande carcova.

E, quando se el rey hya apousentar a Tablada, Gomez Rodriguez Maçanedo levava hũa costaneira con os de Madride. E veheron a elle muy gram poder de mouros e lidaron con elle e foron os cristãaos en grande coita. Pero açima vēcero e forom cõ os mouros pello êcalço preto da villa, matando delles muitos. E tomaronlhe muitos cavallos e tornaronse muy ledos.

CAPÍTULO DCCCXXVII

Como Garçia Pirez de Bargas tornou polla coifa d'armar

Logo en outro dya que el rey dom, Fernando foi apousentado ã Tablada, mandou aos cavaleiros da sua mesnada que fossem en guarda dos que hyam aa ⁴⁵⁰ herva. E era Garçia Pirez de Bargas e outro cavaleiro dous daquelles que alla avyam d'hir e deteveronse tanto no arreal que nõ sayron quando os outros. E, hindo empos elles, vyron ante sy per hu avyam de passar sete cavaleiros mouros. E disse o outro cavaleiro a Garçia Pirez que se tornassem, dizendo assi:

– Aquelles son sete cavaleiros e nos dous; non me parece razon de os cometermos.

Respondeo Garcia Pirez:

– Certo, non façamos. Mas vaamos per nosso caminho, ca nos nõ atenderam.

Disse o outro:

– Eu nõ farey esso, ca me seria grande loucura.

Enton se tornou arredor do arreal por non seer conhecido.

No logar onde estava a tenda del rey era hũu outeiro pequeno e per onde elles hyam era chãao; e vyo el rey aquello e todollos que con el estavam. E, quando vyo que Garcia Perez hya por deante, nõ embargãdo

que se tornara o parceiro e vyo como lhe aquelles sete cavaleiros mouros tiñham o caminho, e mandou que lhe acorressem. Dom Lourenço Soarez / [309b] quando esto vyo, disse a el rey:

– Senhor, aquel cavaleiro que ficou con aqueles mouros he Garcia Perez de Bargas. E, pera tantos como elles son, non ha mester ajuda. Ca, se o os mouros conhecerem nas armas, nõ ousaron de o cometer e, se o cometerẽ, vos verees as maravilhas que el fará.

Esto dizia Lourẽço Soarez por que ben o vyra el partir do arreal.

⁴⁵¹ E Garcia Pirez tomou as armas que lhe trazia seu scudeiro e mandoulhe que non desviasse a nenhũa parte. E, quando enlaçou a capellina, cayulhe a coifa en terra e nõ a vyo. E foy adeante per seu caminho e seu scudeiro empos ele. Os mouros, como o vyrõ, conhecerõ nas armas, ca muitas vezes o vyram con ellas e non ousaron de o cometer. Mas hyam preto delle dũa parte e da outra, fazendolhe ademãaes e algareando arredor. E, quando vyron que non tornava a nenhũa parte por cousa que elles fizessem, tornaronse e foronse pera aquelle logar onde lhe cayra a coifa.

Quando se Garcia Perez vyo desembargado dos mouros, deu as armas ao seu scudeiro. E, quãdo desenlaçou a capellina, non achou a coifa e preguntou por ella. E o scudeiro disse que lha non dera. E, depois que entẽdeo que lhe caera, tomou outra vez suas armas e disselhe que o seguisse e que tevesse mentes polla coifa onde lhe caera. E o scudeiro lhe disse:

– Como, dom Garçia Perez? Por hũa coifa, querees vos tornar a tal perigoo e non teendes que estaaes bem, pois tam sen dampno vos partistes daquelles mouros, seendo elles sete e vos soo.

E Garcia Perez lhe disse:

– Nõ me falles en esto mais, ca ben vees que nõ ey cabeça pera andar sen coifa.

E esto dizia elle por que era muy calvo. Entom se tornou pera o logar onde primeiro tomara as armas. Quando dõ Lourenço Soarez o / [309c] vyo tornar, disse a el rey:

– Hora podees veer como torna aos mouros ca, porque Garçia Perez vyo que os mouros o nõ queriam cometer, vayos elle demandar e verees agora o que el fará, se o elles ousarem d’atender.

Mas os mouros, quãdo vyron que se tornava, pensaron que se querya embaratar con elles e foronse logo d’aly.

⁴⁵² Quando Lourenço Soarez vyo como se os mouros foron d’aly e nõ ousaron d’atender Garcia Perez, disse:

– Senhor, vedes o que vos eu disse, que o nõ atenderyam. Eu soon Lourenço Soarez que conheço ben os boos cavaleiros desta hoste.

Garcia Perez chegou ao logar onde lhe caera a coifa e achouha e mãdou ao scudeiro que decesse por ella. E el deceu e tomouha e deulha e elle posea na cabeça. Desi foyse pera os que guardavõ a herva.

E, depois que se tornarõ pera o arreal, preguntou dom Lourẽço Soarez a Garçia Perez perante el rey quem fora aquelle cavaleiro que con elle sayra do arreal. E a Garcia Perez pesou muyto por que lho preguntava per ante el rey, ca entẽdeo que o vyram elle e el rey o que lhe acontecera com aquelle cavaleiro. E elle era de condiçõ que lhe non prazia de lhe louvarem algũ bõ feito, quando o fazia. Pero, con gram vergonça, disse que o non conhecera. E dom Lourenço Soarez lho preguntou depois per vezes quem fora aquelle cavaleiro. E sempre disse que o nõ conhecia, pero que o elle bem conhecesse e o viia cada dia. Mas nõ queria que per el perdesse sua fama. E defendeu ao seu scudeiro que o non dissesse. E o escudeiro assi o fez, que nõca o disse, pero que lho muytos preguntavon.

⁴⁵³ CAPÍTULO DCCCXXVIII

Como os meestres de Callatrava e o de Ocrez vẽcerõ os mouros. E como o meestre dom Paae Correa pellejou con elles e os desbaratou e o arraiz que partia de Sevilha

[309d] Estando el rey dom Fernãdo en Tablada con sua hoste, veeron os mouros onde pousava o meestre de Calatrava e o d’Alcantara e o d’Alcaniz e levaron dally carneiros. E os meestres, con toda sua companhia, foron empos elles. E en chegando a elles, feriron en hũa cilada en que estavam quinhẽtos cavaleiros. E, passando aquella, ferirõ en outra en que estavom trezentos homẽes de pee. Desi recudiron os mouros de todalas partes e cercarõnos e ouverõ con elles grande batalha, de guisa que os cristãaos se virõ en coita, ca erã muito afrontados. Pero esforçaronse ã Deus e começaram de os ferir con tam grãde ardimento que os fezeron fugir do campo e levarãnos assy arrancados hũa gran peça, fazendo en elles gram mortiindade. E durou esta batalha des pella manhãa ataa hora de noa. E el rey avya ja cavalgado pera lhes hir acorrer e encõtrou con elles no caminho onde ja viinham con sua boa andança.

Em quanto esto aconteeo a el rey e aos da sua parte, o meestre dom Paae Correa e os outros ricos homẽes que con el estavon da outra parte do ryo, segundo ja ouvistes, cavalgaron sobre Golles e cõbaterõna e entrarõna per força e mataron todollos mouros que dentro acharom e levarõ muy grande algo que hy estava.

⁴⁵⁴ E, en se tornando per Tyriana, sayu a elles gram cavalaria de mouros e muitos peões con elles e

ouverõ gram batalha. E foron os mortos vencidos e mortos muytos delles e os cristãaos tornarõsse muy hõrrados pera seu arreal.

Os mouros con todo esto sahiam a elles cada dia e seguyãnos muyto e fazianlhes grande dano en bestas / [310a] e homẽes de pee. Mas o meestre e os outros ricos homeens deitaronlhe hũa cilada. E os mouros, sayndo como suyam, passaram per ella ante que fossem longe della, descobrirõna. Entom trabalharon por se poer ã salvo. Mas, ante que se acolhessem, ficarõ hy trezentos mortos e muytos presos. E seguirõnos ataa o castello. E, des aquel dya en deante, foron os mouros escarmentados de non seguir tanto a hoste dos cristãaos.

O meestre dom Paae Correa, estando sobre Esnalfarag en seu arreal, ouve novas como sayra de Sevyilha hũu arraiz e passara Tyriana por ⁴⁵⁵ se meter en aquel castello. E tanto que foy dello certo foisse lançar en çilada. E o arraiz, en passando, sayu o meestre a elle. Pero non se lhe guisou assi como el cuydava, ca fazia a çilada muyto longe do logar per onde o arraiz passava. E, depois que o meestre foy descuberto, o arraiz foisse acolhendo o melhor que pôde pero non tam ben que o meestre o nõ encaçasse. Mas era ja preto do castello. E matoulhe nove cavaleiros e derribou elle do cavallo e per pouco nõ foy preso, ca se nõ fora o gram poder dos mouros que lhe acorrerõ, assi dos que estavã no castelo como dos que viinham con elle, todavia el fora preso. Mas desta guisa escapou e meteosse no castello. Mas hora leixaremos a falar desto e diremos o que fezerõ os mouros por queymar a frota dos cristãaos.

CAPÍTULO DCCCXXX

Como os mouros quiseron queimar a frota dos cristãaos e como os cristãaos pelejaron con elles e os vëceron

Fazendo el rey dom Fernando sobre Sevilha, como ouvistes, e teendo os mouros en grande streitura e combatidos de dia e de noite per terra e per mar, ouverõ os mouros seu conselho en que maneyra poderiam queimar as naves dos cris/tãaos [310b] e despachar a entrada do ryo, ca per elle entendyam de seer acorridos, se acorro ouvessem d'aver, assi como de Cebta e dos outros logares d'Africa onde avya galees. E acordaron de fazer hũa balsa de madeira tam larga que atravessasse o ryo dhũa parte aa outra e que fosse chea de tynas con muyto pez e rezina e estopas e toda outra cousa que se bem podesse acender e que lhe posessem fogo e o levassem aa frota.

Feito este conselho, fezeron logo sua balsa bem fornida de todo o que avya mester e muita gente armada en ella. ⁴⁵⁶ E na balsa avia cinco braças en ancho. E poseron as naves que tiinham muy bem guisadas ant'ella. Desy moveron con ella seu passo contra as naves dos cristãaos pera lhas queymar. E, depois que foron preto, poseronlhe o fogo e começaram de a chegar e de os combater muy fortemente. E, como estes faziã per mar, assi os combatiam outros per terra. E era o arroydo tam grande trombas e d'atabaques e doutras cousas, que era grande maravilha d'ouvyr.

Os cristãaos estavom en suas naves muy ben percebidos e prestes pera os receber. Desi começaram de pelejar os do mar hũus cõ os outros e os da terra outrossi de d'ambalas partes do ryo. E de tal guysa se defenderõ os cristãaos que os fezeron tornar atras e estar en sy e perder o grande orgulho e esforço que tragyam. Os das galees pelejaron hũa gram parte do dia e enfy vencerom os cristãaos e apagarõ o fogo que lhes non empeenceo en nẽhũa cousa e matarõ delles muytos e cayrõ grã parte na agua. Os outros mouros que viinham per terra en guarda della acharonse con os cristãaos e lidaron con elles e foron os mouros vencidos. E tornaron costas e começarõ de fugir e os cristãaos empos elles, matando e derribando de / [310c] cada parte do ryo. E hũus entrarõ pellas portas da villa, outros per o castello de Tiriana. E, desta guisa sayron os mouros daquella arte que fezeron.

⁴⁵⁷ CAPÍTULO DCCCXXXI

Como os mouros deron Carmona a el rey dõ Fernãdo

Quando esto aconteceo que avees ouvido, era acabado o prazo dos seis meses que os mouros de Carmona pediron a el rey, segundo ja ouvistes en seu logar. E, veendo elles como o feito dos mouros hya pera mal e como nõ poderiam aver acorro de nenhũa parte, posto que se dar nõ quisessem e, veendo como os feitos del rey dom Fernando hyam de bem en melhor todos e como tiinha cercada Sevilha, que era a melhor cousa que os mouros avyam ã Espanha e nõ podya seer acorrida, entenderõ que esto meesmo avĩria a elles, se non quisesse teer a postura que prometerõ. Entõ se acordaron de trager algũa boa preitesia e foy esta: que lhe daryam o alcacer e o senhorio de toda a villa e que os leixasse em ella morar. E assi lhe foy outorgado. Entom mandou el rey a dom Rodrigo que fosse receber o alcacer de Carmona. E elle foy alla e pos hy por guarda viite cavaleiros e dez beesteiros.

CAPÍTULO DCCCXXXII

Como sayu o cavaleiro mouro de Sevilha e foy enculcar a hoste del rey dom Fernando

Hũu dia estava el rey dõ Fernando en sua tenda con muy poucos cavaleiros e no arreal estava pouca gente, por que hũus eram hidos en guarda das ⁴⁵⁸ arracovas que os mouros non metessem vyandas na villa, outros eram en cavalgadas, e desta guisa erã hidos cada hũus a sua parte, assi que ficaram poucos ãna hoste. E, estando assi el rey con aquelles poucos cavaleiros, sayu da villa hũu cavaleiro mouro que viinha / **[310d]** por enculca ao arreal e disse a el rey que o queria servir e que lhe cuidara de dar hũu castello, mas que se lhe nõ guisara aa sua vontade e que ante se veera se por aquello nõ fora. E el rey recebeuho muy bem e disse que lhe farya mercee.

O mouro andoa per todo o arreal oolhando a companhia que en elle era. E, depois que o bem afemençou, vyo en elle tam pouca gente que entendeo que os poderyam os mouros desbaratar dando en elles assi como estavon. Enton revatou hũa lança e começou de fugir pera a villa. En fugindo, encontrou cõ hũu beesteiro del rey e matouho. E acolheosse aa villa dando grandes vozes aos mouros, dizendo que saissen a gram pressa e ferissem no arreal dos cristãaos, ca non eram tanta companhia que se lhes podessem teer. Os mouros sayron fora e fezeron algũus geitos de o provar mas non se atreveron de o cometer.

⁴⁵⁹ CAPÍTULO DCCCXXXIII

Como o iffante dom Anrrique e dom Lourenço Soarez e Ayras Gomez Queixada pelejaron con os mouros e os vëcerõ

Hũu dya aveo que el rei dom Fernando passou o ryo e foy veer o meestre dom Paae Correa. E ficou enna hoste o iffante dom Anrrique, seu filho, e dom Lourenço Soarez e Airas Gomez Queixada; e estes todos ficaram con muy pouca mpanha. Quando esto soube Eixacaf, tomou todo o poder de Sevilha que era muy grande e sayron contra o arreal dos cristãaos con suas signas tendidas, fazendo grandes arroidos e chegarõ mui preto do arreal.

O iffante dom Anrrique e os outros cavalleiros cõ essas cõpanhas que consigo tiinhã, fezeron cõ elles sua esporoad e forõnos ferir de tal força e con tanto ardimento que lhes fezerõ tornar costas e fugir. E seguirõnos ma/tando **[311a]** e derribando en elles. E morreron dos mouros en aquelle encalço çinquoëta cavaleiros e quinhentos peões, afora os que se meteron no ryo por escapar, que morreron hi todos, ca os cristãaos que andavõ nas barcas os matavõ. E desta guisa fezeron en elles gram mortiindade.

Os mouros avyam en costume de seguir muyto amehude en suas barquetas e lenhos aly onde os cristãaos tiinhã as naves. Mas os da frota meteronse ã cilada en hũas espessuras que avya antre a hoste e a villa. E os mouros sayron ⁴⁶⁰ e viinhã ao lugar que avyam husado. E os cristãaos sayron da cilada e forõ ferir en elles de guisa que os mouros ouveron de fugir. E os cristãaos foron empos elles e matarõ quareenta mouros. E assi se partirõ desta vez.

Os da frota dos mouros sëtindosse desto magoados meteronsse en çilada en aquelle meesmo lugar. E, hindo os cristãaos contra os mouros como suhyam, por escaramuçar cõ elles e nõ se guardando da cilada, derõ os mouros ã elles de tal guisa que os cristãaos nõ ouverõ outro acordo nem percebimento se nõ fugir. E os mouros, seguindoos, matarõ deles trinta.

CAPÍTULO DCCCXXXIV

Como el rey dom Fernãdo mandou poer os madeiros no rio por guarda da frota

Reymon Bonifaz e os outros capitãaes das naves e das gallees temendosse muito doutro tal fogo como o outro de que ja ouvistes, disseron a el rey como compria de fazer algũa cousa como se delle podessem guardar. E el rey mandou logo ficar dous madeiros muy altos e grossos en meo do ryo, per aquelle lugar per onde as naves dos mouros avyam de passar ou, quando os mouros quisessem vñir con outro fogo, que nõ podessem. Aos mouros pesou desto muyto, ca tiveram que lhes era / **[311b]** grande embargo pera o que elles cuidavã fazer. E por esto veeron sobre os madeiros pera os arrancar. Mas os cristãaos defendyannos muy ben. E sobr'esto avyam cada dia contenda.

⁴⁶¹ Hũu dya aconteceu que, estando os das naves assessegados e non se temendo de nen hũa cousa, veeron os mouros en zavras que trãgiam muy ben guisadas e chegaram aos madeiros. E, ante que lhe os cristãaos podessem acorrer, legaron os mouros muy fortes cordas a hũu dos madeiros e arrancarõno e foronse cõ el a muy gram pressa, en guisa que os nõ poderon encalçar os cristãaos.

A Reymon Bonifaz pesou muyto por que lhe os mouros assi levaron o madeiro e, por lho acooymar, guisou muy ben suas gallees e foy muy rijamête contra as naves dos mouros. E nõ as achou tam

ben percebidas como lhes compria e tomoulhes hũa carraca e quatro barcas e matou muitos mouros. E tornou-se ã salvo.

CAPÍTULO DCCCXXXV

Como el rey dom Fernando mandou que fizessem cilada aos mouros das naves

Desta guisa que avees ouvido, vezinhavõ os cristãos e os mouros, contendêdo e escaramucando hũus con os outros e guanhando cada hũus o melhor que podyam de seus enmiigos.

Hũu dya, aveo que os mouros viinhã escaramuçar con os cristãos e os cristãos correrõ con elles. E, depois que os eçarraron, tornaronse. Entom mandou el rey a Reymon Bonifaz que lhes deitasse ciada em algũu lugar, de guisa que os escarmentassẽ ben. Dom Reymon fez muy ben guisar dous batees cubertos e ben escudados e pos em elles homẽes bem armados e fezeos meter en hũa orta ⁴⁶² que era de Axaçaf e estavam en hũu esteiro de so hũas arvões que nõ parecã. Desi fez muy ben correger suas galees que podessem acorrer aos batees quando compriese.

Feito esto começaram os mouros / [311c] de viir, como suyam, nas zavras, non se guardando da cilada. E, quando chegaron a ella, os cristãos que estavam nas galees, temendo que nõ quisessem passar, tomaron hũu homen dos seus que sabya ben a aravya e deitarõno no ryo por cuidarem que era mouro e que lhes fugia dando grandes vozes per aravigo e chamandoos que lhe acorressem. Os mouros, quando o ouvyrõ, cuydaron que era mouro e moveron por diante por lhe acorrer. E como os da çuada os virõ passar, sayron nos batees e foron empos elles muy ryjamẽte e os das galees outrossi que lhes viinham por diante. Quãdo os mouros viron a cilada, deron volta por se acolher aa villa. Mas os dos batees non lhe derom esse vagar, ca os atalharõ dũa parte e as galees de Reymon Bonifaz doutra, de guisa que se non poderõ revolver. E foy logo tomada hũa zavra e os mouros della todos mortos. Desi foron empos a outra. E, logo que os encalçarõ, saltaron con elles dentro en ella e matarõ a moor parte dos mouros. Desi tornarõse sem nenhũu dampno e muy ledo pera suas naves.

⁴⁶³ CAPÍTULO DCCCXXXVI

Como os mouros levaron as vacas do prior do Espital e lidou el com elles e, posto en grande coita, os venceo

Conta a estoria que os cavaleiros da hoste eram hidos, hũus en cavalgada, outros en guarda da herva, outros das arracovas e algũus receber o iffante dom Afonso que viinha do reyno de Murça, ca seu padre mandara por el per conselho de Ruy Gonçalvez Giron segundo diremos en seu lugar. E estando assi o arreal sen cavaleiros, veeron dez mouros gazulos, cavaleiros ben guisados e eñtraron no arreal da parte hu pousava o prior do Espital e nõ poderon fazer outro dano se non que levarõ hũas poucas de vacas. / [311d] O prior e os outros freires e dous cavaleiros segraaes que hy estavõ, quãdo aquelo viron, armaronse o mais toste que poderon e sayron empos eles e começaram de os seguir. Os mouros, depois que se vyron aficados deles, desemparrõ as vacas e começaram de fugir. Entom hũu scudeiro do prior tornou-se cõ as vacas.

E o prior, querendosse tornar, vyo passar adeante escudeiros de pee e, temendosse que os matariã os mouros, foilhes sair diante. E, em hindo, foy dar en hũa cilada en que estavõ cento e çincoenta cavaleiros e muytos peões. ⁴⁶⁴ E, quando se quis acolher, non pode. Entom o prior e todollos que con el estavom foron ferir en elles ca nõ poderõ al fazer. E eram todollos que cõ el estavom dez e nove con çinco que partirõ primeiro empos as vacas. E o prior foi ally en muy grande coita, ca o tenerõ os mouros assi apertado que pouco lhe mingou de seer morto ou preso, se non foron algũus dos que con elle sayron que lhe acorrerõ e ferirõ os mouros muy de ryjo. E morreo hy hũu freire que era comendador de Sete Filha. E morreron sete escudeiros e homẽes de pee que foron per todos vñte, e morreron muytos mais dos mouros ca, pero os cristãos erã poucos, feriãnos muy esforçadamente. E assi estiveron pelejando ataa que lhes acorreron do arreal.

CAPÍTULO DCCCXXXVII

Como foy acorrido o prior do Espital e como o iffante dom Anrrique entrou o arravalde de Benajofar

Quando foy sabudo pello o arreal como os mouros tiinham cercado o prior e que era morto ou preso, logo dom Goterre, bispo de Cordova, e dom Sancho, ⁴⁶⁵ bispo de Coyra, con todas suas companhas lhes foron acorrer. E os mouros veendo o / [312a] acorro que viinha ao prior, fugiron e foronse e os cristãos mataron delles muitos.

En outro dya, o iffante por fazer nojo aos mouros, elle con o meestre d'Alcantara e dom Lourenço Soarez e o prior do Espital foron quebrantar o arravalde de Benajofar e entrarõno per força e tomaron en elle grande roubo de gaados e bestas e outras cousas e queimaram gram parte delle.

Depois logo a poucos dias, o iffante dom Árrique con estes que ditos son foron hũa noite cõbater o arravalde de Maçarena e êtrarõno per força e matarõ muytos mouros e prenderom muitos e sacaron grãde algo e muitos gaados e bestas e outras cousas. Desi queymaron delle grã parte. Muitas cousas semelhavees a estas se fezeron en quanto aquel cerco durou.

CAPÍTULO DCCCXXXVIII

Como el rey dom Fernando se levantou de Tablada e foy pousar açerca da villa

El rey dom Fernando, por poer os mouros en mayor angostura e os teer mais apremados no cerco, levantousse de Tablada onde pousava e foy pousar perto da villa. E mandou a seu filho, o iffante dom Afonso, que fosse pousar a hũu ⁴⁶⁶ olival que era preto da cerca do logar. Os mouros, quando esto viron, dobrouxelhe o quebranto que ante avyam, ca ja non speravom acorro de nẽhũa parte.

O iffante dom Afonso, logo que foy apousentado, mandou a toda sua companha que guisassem como fizessem toda maa obra aos mouros. E fezlhes entom deitar cilada o mais preto da villa que pôde. E andavam con o iffante todos los cavaleiros d'Aragon que el rey dom James mandara en ajuda a el rey dom Fernando.

A çillada posta como dissemos, sayrõ / [312b] muitos mouros per aquella parte onde estava o arreal do iffante. Entõ sayrõ os da cilada, pero mais cedo que deverom, e forom ferir en elles. Os mouros, quãdo viron a cilada, começaram de fugir e os cristãaos foron empos elles, matando e ferindo, ataa que os meteron pellas portas da villa. Desi tornaronse muy ledos pera o arreal.

CAPÍTULO DCCCXXXIX

Como dom Diego Lopez d'Alfaro e dom Rodrigo Gomez de Galiza desbaratarõ os mouros

Passados dous meses que o iffante veera do reyno de Murça, chegou a Sevilha dom Diego Lopez d'Alfaro e dom Ruy Gomez de Galiza que viinham servir el rey en aquel cerco. E el rey mandou que pousassen contra Macerena. E elles fezerõno assi.

Os mouros, quando viron que elles pousavõ apartados dos outros e que nõ eram muyta cõpanha, hyãnos cada dia seguir e aficavãnos muy fortemente.

⁴⁶⁷ Hũu dya, sairõ hũa gram companha de cavaleiros gazulos e con elles muytos peões contra os cristãaos. E, quando foron preto do arreal, fezeron semelhança de poer aazes pera lydar. Mas dom Diego Lopez e Ruy Gomez non lhes deron vagar ca, logo que forom armados, sayron a eles e ferirõnos tam ryjamente que os fezerõ tornar atras. E, pero que se os mouros quiseron teer, nõ poderõ e tornaron as espadoas e começaram de fugir, pero recolhendosse e tornando o melhor que podyam. E, nom embargando que os mouros eram muitos e os cristãaos poucos, assi os foron levando de vencida que os meteron pellas portas da villa, fazendo en elles gram mortiindade. Desi tornaronse pera seu arreal.

En outro dya, sayu todo o poder de Sevilha onde aqueles dous ricos homẽes pousavõ. E os mouros viinham con suas aazes de tal guisa ordenadas, que os cristãaos pẽsarõ / [312c] que queriam aver batalha. E, depois que forom armados e sayron a elles esteverõnos sperando.

O iffante dom Afonso, que pousava da outra parte do ryo quando aquello vyo, meteosse en barcas a grande pressa e passou da outra parte por lhes acorrer. Desi esteveron spando os mouros gram parte do dia e elles nõ quiseron viir. Quando os cristãaos esto virõ, começaram de hir contra elles e os mouros nõ os quiserõ atẽder e seguirõnos ataa que os meteron pelas portas da villa. E en esto nẽ ouve dãpno dũa parte nem da outra que de cõtar seja.

⁴⁶⁸ CAPÍTULO DCCCXL

Como forõ desbaratados os almogavares dos cristãaos e como o meestre do Temple deitou a cilada aos mouros

Na hoste del rey dõ Fernãdo avya muytos almogavares, os quaaes saham a todas partes onde entendyam que poderiam tomar algũus mouros. E cada dia faziam suas cavalgadas que non quedavam. E guardavon darredor da villa, hora hũus hora outros, ã guisa que os do logar eram deles muy perseguidos.

Hũu dia aconteeo a hũa gram parte destes almogavares estar en hũa cilada sperando os mouros que per hi passassen. Mas os mouros envyaron suas enculcas deante e ouverõ sabedoria delles. E derõ de

sospeita gram poder de mouros sobre os cristãos pero que os vyrõ ante que a elles chegassem e começaram de fugir. Mas por que os mouros eram delles preto hyãnos êcalçando e mataron deles viite e correrõ cõ os outros ataa que foron postos en salvo.

⁴⁶⁹ Os mouros seguyam muyto o meestre do Temple; e el, por se vingar deles cavalgou hũa grande madurgada e deitou-se en cilada bem preto da villa, daquela parte per onde elles suhyam de sayr. Depois que foy o dia ben claro, começaram de sayr da villa muy grã compa/nha [312d] de mouros. E os que hyam deante foron dar na cilada e tornaronse logo e começaram de fugir. Os cristãos forõ empos elles e mataron sete cavaleiros e dos de pee ben cento. E desta guisa os foron escarmentando de cada parte.

CAPÍTULO DCCCXLII

Como dom Lourenço Soarez fez a sporoadã cõ os mouros e como levou delles a melhor

Os mouros costumavõ de sayr pella porta do alcacer daquela parte onde hora he a judaria. E passavam per hũa ponte pequena que hy estava sobre Gadayra ⁴⁷⁰ e fazian suas sporoadas enno arreal e matavã muytos homeens e faziam grande dano. Veendo esto dom Lourenço Soarez pensou como os podesse escarmentar. E disse a Garcia Perez de Vargas e a outros cavaleiros bõos que hy estavam con ele:

– Façamos hũa sporoadã con aquelles mouros de que recebemos tam grã dano como veeades. Mas cataae que nẽ hũu de vos non entre na ponte nem chegue a ella, ca nos seria gram perigoo, por que os mouros son tantos que os non poderiamos soffrer.

E esto dizia dom Lourenço Soarez por provar Garcia Perez que faria e por que antre a villa e a ponte, estava muita gente, ca passavam de dez mil homẽes. Entom se encobrirõ o melhor que poderom e, quando os mouros sayron fora a fazer sua esporoadã ao arreal como avyam de costume dom Lourẽço Soarez e os que cõ elle hyam viron o tempo prestes e poserõ as sporas aos cavallos e feriron en elles ataa entrada da ponte. E ally se deteverõ os mouros. E dom Lourenço Soarez foy ferir en elles con tam grande esforço que os arrancou da ponte e caeron muytos delles no ryo. E el foy ferindo e derribando en elles ataa o meo da ponte. Desy tornou-se dizendo:

– Eu / [313a] son Lourenço Soarez!

E, en se viindo, oolhou de tras sy e vyo Garcia Perez de Vargas en meo ⁴⁷¹ dos mouros, que passara a ponte e estava en muy gram pressa e derribara ja quatro cavaleiros delles. Entom disse dom Lourẽço Soarez:

– Certamẽte, cavaleiros, enganados nos ha Garcia Perez. Vedes como passou a ponte aalem. Elle nos fara oge entrar en tal logar en que todos averemos mester o ajudoiro de Deus. E, por que me eu delle receava dixe que nẽhũu non passasse a pôte. Mas, pois assy he, vaamoslhe acorrer, ca esto nos convẽ, ca en outra guisa mal nos estarya, se tal cavaleiro se perdesse per nossa mingua.

Logo que esto ouveron falado, derõ volta e foron ferir nos mouros que estavõ na ponte e matarõ muitos delles, en tanto que os mouros começaram de fugir pera a villa. E tal pressa ouverõ por se acolher que muytos delles cayrõ da ponte no ryo. Os cristãos passaram entõ a pôte e foron derribando e matando ã elles ataa a porta do alcacer. E foy depois sabudo por certo que morrerõ en aquella escaramuça mais de tres mil mouros.

Dom Lourenço Soarez tornou-se cõ esta boa andança pera o arreal, dizendo per ante el rey e en toda praça que nũca achara cavaleiro que o d'ardimento vencesse senõ Garcia Perez de Vargas e que elle os fezera aquel dia seer bõos. E sabe que, des ally adeante, nũca os mouros mais ousaron de fazer esporoadã assi ficarõ escarmentados daquela vez.

⁴⁷² CAPÍTULO DCCCXLIII

Como el rei dom Fernando mandou a Reymõ Bonifaz que quebrantasse a ponte de Tyriana

En Sevilha avya hũa pôte feita sobre barcas muy ryjas e muy fortemẽte travadas con cadeas de ferro muy grossas e ben ryjas. / [313b] E per ally passavõ a Tiriana e a todallos outros logares hu queryam hir; e per ally avyam gram governo e acorro a seu cerco, ca toda a sua mayor guarda per ally a avyam. E os que estavon en Tiriana per esta ponte avyam seu acorro e quem lhes esta ponte tirasse, tiravalhes a vida. E el rey dom Fernando entendeo que, se lhes aquella ponte nõ tirasse, que seu feito era nada e que estava en grande avẽtuira de se poder tomar Sevilha. E por esto ouve conselho con todos seus ricos homẽes en que maneira a poderiam briter e acordarõ que nõ poderia seer britada se nõ cõ naves armadas. Entom mandou el rey a Reimõ Bonifaz que tomasse duas naaos, as melhores e mais fortes que hy ouvesse e que as guisasse bem de todo o que era mester. Reimon Bonifaz guisou muy ben as naaos e entrou ã hũa dellas con muy boa companhia e todos muy ben armados. E na outra entrarõ todollos que el pera esto escolheu.

Depois que as naaos foron ben guisadas, levantaron as ancoras a hora de meo dia e deron as vellas e foronse ajuso hũa boa peça. E esto por viirem mais avyadas e cõ mayor força. E el rey dom Fernando, por honrra de Jhesu Christo, mandou poer en çima das arcas das naaos senhas cruces bem altas.⁴⁷³ E, elles hindo assy avyados, acalmoulhes o vento por que era pouco. E os das naaos forõ porem muy tristes, ca ben entenderon que nõ poderiam dar çima ao que começado avyam. E, elles estãdo assy anojados, prougue a Deus de lhes dar muyto vêto. Desy moveron ryjamente. Mas he de saber que estas naaos e os que en ellas hyam eram postos en grande perigoo dos engenhos e trabuquetes e algarradas que os mouros tiinham postos, con os quaaes lhe tiravon a gram pressa; e outrossi con beestas de torno e doutras guisas / [313c] e con dardos empenados e con todallas outras cousas con que lhe dano fazer podiam. E da outra parte de Tyriana lhes faziam esso meesmo. Mas prouve a Deus que lhe non foy dampno feito de que se muyto sentissem. A naao que hya da parte do arreal foy dar hũu golpe muy grande na ponte, en guisa que a amolgou mas nõ a pôde quebrantar. A outra nave, en que hya Reymon Bonifaz, pos tam gram golpe na ponte que a quebrantou e passou da outra parte. El rey, quãdo aquelo vyo, mandou combater a villa de toda parte, por tal que, os mouros acodindo aos combatos, podessem as naaos sayr en salvo. E esto foy en dia de Santa Cruz, tres dias andados de Mayo⁴⁷⁴ da era de mil e duzentos e oiteenta e seis annos. Quando os mouros vyron quebrãtada a ponte, desesperaron de seerem acorridos. El rey, logo en outro dia grande manhã, mandou a todollos senhores e capitãaes de sua hoste que combatessem Tiriana e mandou a Reymon Bonifaz que veesse da parte do ryo cõ as naaos. E, como se todos fezeron prestes, forom combater Tyriana, assi per terra come per mar. E cõbaterõna tam fortemête que era maravilha de veer. Mas, por que non tiinham escallas con que sobissem ao muro nõ picõoes con que o romper nem outras nenhũas cousas de quantas nos combates fazem mester, receberam gram dano de pedras e de viratõoes, assi os da terra come os das naaos. Veendo el rey esto, como non aproveitava nada o combate, ante era perda, mandou que se afastassen todos afora e leixassem de combater.

⁴⁷⁵ **CAPÍTULO DCCCXLV**

Como el rey mandou fazer cava a Tiriana

Quando el rey dõ Fernando vyo que non podia tomar a Tiriana per combate que lhe / [313d] fizesse, pensou de lhe fazer cava ou algũa outra arte con que a podesse tomar. E ouve conselho con seus ricos homens e acordaron de lhe fazer cava. Entom mandou el rey fazer sarzes e gatas pera acostar ao muro con que os combatessem e que en tanto lhes fizessem a cava. O conselho feito, foy logo posto en obra e foron feitos os sarzes e as gatas. E mãdou el rey toda a gente da hoste, hũus a combater, outros a fazer a cava o mais encubertamente que podessem. Pero nõ a poderon tanto encubrir que o os mouros non ouvessem de saber. E atalharõna logo e trabalharõ de se guardar dally en deante da cava o melhor que poderõ. E os cristãaos non lhe quiseron fazer mais cavas, pois que viron que nõ prestavõ.

Os mouros de Tiriana, quando se assi vyron combatidos e que el rey dõ Fernando tal vootade avya de os tomar e vyron a ponte britada per hu avyam grande acorrimêto, se elles gran medo ouveron, esto non he de preguntar. E porem se perceberom de vyandas e d'armas e de todallas outras cousas que poderon aver pera seu defendimento. E os mouros sahiam aos cristãaos aas barreiras con beestas muy fortes e fundas e outras armas, con que matavõ muytos cristãaos e lhe faziam muito dano.

Quando el rey vyo que lhes non podia doutra guisa empeeecer, mandou fazer engenhos. E, logo que foron feitos, começaram de cõbater o castello muy aficadamête cõ elles. Os mouros, quando esto vyron, adubarõ suas alcarradas⁴⁷⁶ e começarõ de tirar aos engenhos pera os britar. E sabiam fora e faziam muyto dampno, ca as beestas que tiinham eram tam fortes que algũus tiros foron hi vistos que passavan o cavallo armado dhũa / [314a] parte aa outra. Todollos dias estavõ en escaramuças e contendas os mouros cõ os cristãaos, fazendosse muito dãpno hũus aos outros, pero que os cristãaos o passavam peor por que se chegavam aas barreyras e morriam hy muitos delles.

CAPÍTULO DCCCXLVI

Como disse hũu infançõ que mandaria tomar as armas a Garcia Pirez de Vargas

No arreal del rey dom Fernando andava hũu infançõ que veera aa hoste pouco avia e dizem algũus que era natural de Galiza, da linhagem dos Marinhos. E, quãdo vyo trager a Garcia Pirez taaes signaaes como os seus, que eram ondas brancas e cardeas, disse a outros cavaleiros que con el estavon que hi avya hũu cavaleiro que tragia os signaaes de suas armas e que lhas queria mandar tomar, ca non perteeçiam as ondas a tal homem como elle. E os outros cavaleiros lhe disseron:

– Vos cataae o que querees fazer ante que o provees, ca esse cavaleiro que vos dizees he Garcia Pirez de Vargas. E, pero que el non seja louçãao nem brioso, seede certo que volas defendera. E non ha en

esta hoste cavaleiro que con el ousasse provar o que vos dizees. E seede certo, se elle soubesse que vos tal cousa disserees, que vos non poderiees del partir sen vosso dampno, ca el he tam provado cavaleiro en armas que todo homen o deve de recear.

O infançõ, quando aquello ouvyo, calousse e repreendeosse do que dissera. E esto soube depois Garcia Pirez e non lhe disse nada.

⁴⁷⁷ E, estando hũu dia sobre Tiriana, sayron os mouros aas barreiras como suyam. E este infançõ e Garcia Pirez e outros cavaleiros estavon en tal lugar que ben po/diam **[314b]** acorrer aos cristãaos, se passassem mal con os mouros. Os mouros sayron do castello e fezeron sua esporoad e chegarem ataa o lugar hu estes cavaleiros estavon e mataron hi algũus homẽes. Quando Garcia Pirez aquello vyo deu d'esperas ao cavallo e foy ferir hũu cavaleiro mouro que viinha deante e deu cõ elle morto en terra. E os mouros tornarõ costas e começaram de fugir e os cristãaos empos elles, matando e derribando ataa as portas do castello. Quando os mouros vyron que tam poucos cristãaos os levavon assi daquella guisa derõ a volta a elles. E ally se faziam maravilhosos golpes de lanças e d'espadas e de maças. E esto lhes durou hũa gram peça do dia. E, en esta escaramuça, foy Garcia Pirez de Vargas muy esforçado cavaleiro. E tão sofreu hi d'afam e de trabalho e tã firme esteve ante as portas do castello que esto era gram maravilha, en tanto que, per seu ardimento, foron os mouros vençidos e mortos muytos delles. E foron dos cristãaos muitos feridos, ca de çima das torres e do muro viinham tantas pedras e seetas que parecia manada de passaros.

Depois que os mouros foron vençidos, tornaronse os cristãaos ao lugar onde se partiron. E Garcia Pirez parou mentes pollo infançon que de suso dissemos e vyuho en aquelle lugar onde o leixara que nunca se dally partira e disselhe:

– Senhor cavaleiro, assi trago eu os signaaes das ondas e en taaes logares os meto como vos agora vistes e desta guisa os tiro como veeades. ⁴⁷⁸ E, se quiserdes, vaamos agora, vos e eu fazer hũa esporoad cõ os mouros que hora sayrã e veeremos qual de nos mereçe melhor de as trazer.

Ao infançõ pesou muyto quando lhe aquello ouvyo dizer, / **[314c]** ca ben entendeo que lhe non compria con el aver arroido. E respondeo con boas pallavras en esta guisa:

– Cavaleiro senhor, vos trazee as ondas e fazee com ellas como agora fezeistes, ca ben empregadas som e muito honrradas per vos. E rogovos, como a muy boon cavaleiro e cortes que vós sooes, que, se eu algũa cousa dixee contra vós que pareça seer erro ou desaguisado, que mo perdoees.

E Garcia Perez lhe perdoou logo. E o infançon se teve dello por beadante.

Quando esto soube dom Lourenço Soarez, disseo a el rey, estando hi muitos ricos homẽes. E el rey disse que ben sabia que Garcia Perez era muy boon cavaleiro e pera grandes feitos. E esta cousa foi sabuda per toda a hoste e o infançon foy muy avergonhado, ca todos o olhavon en desdem e lho avyam por mal. E o que peor era, que lhe preguntavon os ricos homẽes, riindose delle en maneira d'escarnho, como lhe acontecera con Garcia Perez de Vargas.

CAPÍTULO DCCCXLVII

Como foy ao cerco de Sevilha o arcebispo de Santiago e da cilada que os cristãaos lançaron aos mouros e do que sobr'ello aveo

En esta sazõ chegou o arcebispo don Ayras de Santiago ao cerco de Sevilha. E el rey mândou que fosse pousar a Altagrente. E tanto que foy apousentado, ⁴⁷⁹ adoeceo logo e a mais de sua gente. E os mouros, por que os viiã pousar longe, seguyãnos muy amehude e fazianlhes muito dampno.

Vẽendo esto, dom Pero Põço e dom Rodrigo Frolles e Afonso Tellez ouveron seu conselho de lhe yr lançar hũa çilada, pois que o arcebispo era doente. E levarõ consigo Diego Munhos, o adail, e outros homẽes bõos per seus corpos. E foronse poer en çilada e deitaron ante sy hũus poucos de carneiros / **[314d]** a que os mouros saysem. E os mouros tanto que vyrõ os carneiros, sayron a elles passando a cilada e começaram de os apanhar. Os da cilada meteronse antr'elles e a villa e os mouros veendo esto começaram de fugir e os cristãaos seguiãnos matando muitos delles, ca morreron hi cinquoenta cavaleiros gazullos muy fortes e passarõ de quinhẽtos homẽes de pee.

En este dya aconteceo que dous ricos homẽes da hoste, hũu que avya nome Diego Sanchez e outro Sabastiam Goterrez, avyam a guarda dos da herva e foron alla cõ viinte cavaleiros. E ouveron delles vista cento e cinquoenta cavaleiros mouros d'Exarez e sayron a elles e tenerõnos mui apertados en hũu outeiro pequeno. E ally se estiveron defendendo con muito trabalho hũa gram parte do dya. Mas os mouros cercaronnos d'arredor tirandolhe fortemente con muytas azagayas ⁴⁸⁰ e tragazeites, fazendolhes grã dampno ca lhes matavon os cavallos. E ã esto ouverõ os cristãaos muy bõo acordo, ca todallas armas que lhe os mouros lâçavõ todallas britavõ. E esto foy cousa que os muito guareceo. E foy ally morto Sebastiam Goterrez e ferido Diego Sanchez. E sen duvida todos foron mortos se non fora a gram bondade delles ã feito d'armas e por que lhe acorreron do arreal. Mas, quando lhes o acorro chegou, eram ja elles muito

cansados. E, os mouros como esto viron começaram de fugir. E os cristãos foron empos elles ataa Librixa e morrerõ aos cristãos viinte cavallos no encalço.

CAPÍTULO DCCCXLVIII

Como Oryas ouve conselho que matassen per treição o iffãte dom Afonso

Hũu dia aconteeo que os cavaleiros que avyam a guarda / [315a] dos da herua nã sayrõ ao tempo que deverã. E, quando partiram, hyam ja os da herua longe. E sayrõ os mouros a elles e mataron duzentos homẽes e levaron muytas azemelas e outras bestas e foronse en salvo.

E en esta sazõ aconteeo outra cousa que ouvera de seer gram perigoo aos cristãos. Ca Oryas que era hũu mouro de grande estado e veera d'aalen mar a Sevilha como ã romaria, ouve conselho cõ os mais hõrrados do logar en que maneira poderyã matar o iffante dom Afonso. E ⁴⁸¹ veeron a elle enganosa mẽte e disseronlhe que lhe dariam duas torres que tiinham e que elle as fosse receber, dizendo que, depois que el ouvesse aquelas torres, que fosse certo de seer apoderado de toda a villa; e que nã se detevesse nenhũa cousa que elles bõo tempo tiinham de o acabar.

O iffante, receando seus enganos, nã se quis poer en tal perigoo. Mas mãdou alla dom Pero Gozman cõ hũus poucos de muy bõos cavaleiros. E, quando foron en aquelle logar que avyam posto, cuydarõ os mouros como matassen dõ Pero Gozman. Mas el entendeuho muy bẽ e colheusse ao cavallo e sayusse d'antre elles e os outros con el. Mas hũu que se tã aginha non pôde sayr, fezerõno todo en pedaços.

CAPÍTULO DCCCXLIX

Como el rey mandou ao arcebispo de Santiago que se tornasse e como veo o concelho de Cordova ao cerco

Veendo el rey como o arcebispo era doẽte e nã podia seer sãao, mãdoulhe que se fosse pera sua terra. E, pero o arcebispo non quisesse, ouveo de fazer. E, logo que elle foy partido, chegou o concelho de Cordova e foy pousar acerca da villa.

Os mouros eram postos en grande angostura / [315b] ca ja nã avyam saida nen entrada se nã pela agua e esto con muy gram perigoo. Mas homen nã poderia poer en scripto todollos feitos que en aquel cerco aconteciron, ca os mouros, por a deffender, ⁴⁸² e os cristãos, por a cobrar, passaram tantos affãaes e trabalhos que seria lõgo de dizer. Pero con todo esso, non podia el rey vedar aos mouros a passajen de Tiriana, per a qual se acoriã hũus aos outros cada vez que lhes era mester. E el rey avia desto gram pesar por que nã podia tomar Tiriana per conbatos de gentes nẽ d'ẽgenhos nem per arte nenhũa que lhe fizesse nẽ lhes podia vedar aquel passo.

E sobr'esto ouve conselho don Reimon Bonifaz e cõ outros mareantes en que maneira lhe poderiam tolher aquel passo. E acordaron que guisassem galees e batees quãtos pera ello fossen mester e que provassem se lho poderiam vedar. E, depois que tiveron todo concertado, provaron de passar pera tomar terra. Mas tanto foy o poder dos mouros que os seguyõ e assi esforçadamente que lhes non teve prol toda sua obra. E se el rey posou desto muito e prometeulhes que se trabalhassem por lhes vedar aquel passo, que lhes faria poren muytas mercees.

⁴⁸³ CAPÍTULO DCCCCL

Como Oryas e outros mouros honrrados passaram a Tiriana e como lhes tomou o passo Reimõ Bonifaz

Aquel cavaleiro Oryas, con outros mouros dos mais honrrados de Sevilha, passaram a Tiriana por esforçar os outros mouros. E ouverõ a passajen aa sua võotade. Mas a tornada non foy tal, ca Reymõ Bonifaz con as galees e con naaos armadas de muitos e bõos homẽes se foy poer ão passo, da qual cousa elles ouveron muy gram nojo e temor.

E, quando se assy viron / [315c] apremados de toda parte e desesperados de todo acorrimiento, nã souberon que fazer ca elles nã podiam tornar aa villa nẽ hir a nẽhũa parte nẽ ficar no castello ca nã avyam que comer. E, quando se ⁴⁸⁴ vyrõ en tamanha coita moveron preitesia de seguro. Desi forõ falar a el rey. E, depois que con el faliron, passaram a veer os da outra parte e entraron aa villa. E a primeira preitesia que moveron a el rey da parte d'Axaçaf e do arraiz e de todollos nobres de Sevilha foi esta: que lhe dariam o alcacer da villa que el tevesse e que ouvesse as rendas todas, assi como as avya Miraamolin nã lhe mingando nenhũa cousa quanto el avya e que elles nã ouvessem delo salvo algũa mercee se lha quisesse fazer. E en esto se acordavon todolos mouros de Sevilha. Mas el rey non quis consentir en esto nem lho quis mais ouvyr.

Quando os mouros vyrõ que el non queria esto fazer, moveronlhe outra preitesia que lhe daryam o terço da villa con seu alcacer e con todollos dereitos do senhorio. Mas el rey nã quis. Entom disseron que lhe

daryam a meatade da villa e que faryam hũu muro âtre sy e os cristãaos e que lhe dariam o alcacer con todo o senhorio, como ja dissemos. E el rey non lho quis outorgar. Mas disse que toda lha leixarian livre e quite, pero a muitos ricos homeens da hoste del rey prazia desto e conselhavõno que o fizesse. Mas el non quis.

⁴⁸⁵ CAPÍTULO DCCCLI

Como el rey dom Fernando foy entregue da cidade de Sevilha e entrou en ella

Quando os mouros virõ que nen hũa outra cousa podiam postar de quantas elles assiinavon, salvo / [315d] o que el rey queria ouveron d'outorgar todo o que ele quis. E esto foy que lhe leixassem a villa livre e quite; e que desse el rey a Axaçaf e ao arraiz Abenxue, Esnalfaras e Nebra, quando a guaanhasse, e que os mouros tirassem seus averes e suas armas e todas suas cousas e leixassem o logar e se fossem.

Esta aveença feita e firmada mandou logo el rey poer a sua bandeira na mais alta torre da villa, dando todos muitas graças ao Nosso Senhor Jhesu Christo. E foi tomada essa cidade de Sevilha en dia de Sam Clemente, quando a era de Cesar andava em mil e duzentos e oiteenta e seis anos e o ãno da encarnaçõ en mil e duzentos e quareenta e oito.

Outorgadas as preitesias e feita a entrega da cidade e el rey apoderado do alcacer, pedironlhe os mouros prazo pera vender suas cousas e postar sua fazenda d'espaco dhũu mes e elle outorgoulho. E, quando foi o ⁴⁸⁶prazo cumprido, entregaronlhe os mouros as chaves da cidade. E el rey madou dar aos que se quiserom hir per mar çinquo naaos e oito gallees; e foron os que passaram en ellas a Cepta çen mil mouros. E aos que se quiseron hir per terra, deulhe bestas e o que mester aviam pera sua hida e foronse per terra trezentos mil con os quaaes mandou o meestre de Callatrava que os pos em salvo.

Depois que el rey ouve a preitesia firmada como dissemos e foy entregue do alcacer logo en outro dia entrou na cidade per esta guisa: ajuntaronse os bispos e a creeleza que eram na hoste e ordenaronse en procisson. ⁴⁸⁷Depos elles hyam os meestres das hordeens con todollos ricos ho/mões, [316a] en meo delles el rey. E detras hyam todollos cavaleiros e escudeiros muy ben armados e percebidos. E assy foron todos louvando o senhor Deus por tanta mercee como lhes avya feita. Desi chegaron aa mezquita mayor e alinparonna os bispos das çugidades, segundo costume da egreja, e consagraronna en honrra de Sancta Marya. E disseron logo en ella missa e preegaron.

CAPÍTULO DCCCLIII

Quanto tempo el rey dom Fernando teve cercada Sevilha e das bondades do seu asseentamento

Deves de saber que o muy nobre rey dom Fernando teve cercada Sevilha dez e seis meses. E depois que a cercou nũca se quis levantar de sobr'ella ataa que a tomou enno qual cerco el passou muytos trabalhos e grandes perigoos, sofrendo muyto afam, ca muytas vezes el per seu corpo velava e roldava o arreal con suas guardas e entrava nos combatos e torneos e esporoadas que faziam con os mouros. En este cerco ouve muyto sangue espargido, tam ben dos cristãaos come dos mouros, ⁴⁸⁸en muytas pellejas e esporoadas que com elles ouverõ. Ouve mais en aquel cerco grani pestelença por as grandes calmas e maas aguas e aares corruptos e desvairados.

Outrossi sabe que o arreal que el rey dom Fernãdo teve sobre Sevilha era feito como hũa nobre cidade; ca en elle avya muitas e boas praças e ruas de todollos officios que homen mester ouvesse. En el avya rua de mercadores e de cambadores e d'armeiros e de buffõoes e todas ordenadas e compassadas per certa medida. Ally eram todallas maneiras de mercadorias que en hũa cidade pode aver. E esto por que os homões sabyam / [316b] certamente que el rey avya jurado que nuca se levantarya de sobr'ella ataa que a tomasse.

El rey dom Fernando trabalhou muyto por tomar Sevilha por as muitas nobrezas que en ella ha, ca ella he mui chãa e murada de muy altos muros e ben fortes torres e muy boa barvacãa. En ella esta a Torre do Ouro que he fundada no mar e composta e feita de tam sotil obra que he maravilhosa cousa; e a torre de Santa Marya que he de tanta altura e nobreza qual outra non ha en Espanha, ca en cada quadra della ha sessêeta braças e en alto quatro, tanto que son duzêtas e quareenta braças. Esta foy feita per tal meestria e a escaada per hu a ella soben assi compassada que os homões podem hir de cavallo acima della. En çima desta torre estam quatro maçãas tam grãdes hũa sobre outra de tanta obra e de tal nobreza que en todo o mundo non son achadas outras taaes. A que está en cima he mais pequena e a de fundo della he mayor e a terceira ja mais grande; mas a quarta he tam grande e de tam stranha obra que he grave cousa de creer, ca ela tem doze caalles e a anchura de cada hũa son çinquo palmos. E dizem que, quando a trouverõ a Sevilha, que non pôde caber pella porta e ante a tirarõ e fezerõ a êtrada mais larga. E, quando o sol fere ã ella, resplandeçe come rayos muy luzentes mais de hũa legoa.

Outras muytas nobrezas ha en esta cidade, as quaaes vos ja contamos no começo deste livro, onde fallamos das nobrezas das villas e castellos d’Espanha.

⁴⁸⁹ CAPÍTULO DCCCLIV

Como el rey dom Fernando refez a See de Sevilha e a fez arcebispado

Contado avemos como el rey tomou Sevilha na era de mil e duzentos e LXXX / [316c] e seis annos, en dya de Sam Clemête XXIII dias de Novembro, e como entrou en ella en dya da trelladaçõ de Sancto Ysidro. Ora sabe que, depois que el foy assessegado na cidade, recordousse como no tẽpo dos Godos fora en ella nobre arcebispado. E, por honrra de Jhesu Christo e da sua beenta Madre, começou de refazer a see na mayor mezquita dos mouros e poselhe nome Sancta Maria. E herdouha logo de muitos e boos herdamentos e grandes riquezas. E fez logo della arcebispo hũu que avya nome dom Reymõ que foy o primeiro arcebispo depois daquela cõquista.

E, depois que a see ouve dotada, pobrou a cidade de muy boas companhas e herdou en ella hordẽes e cavaleiros e ricos homẽes e deulhes grandes riquezas e muy ricas moradas. E fez a ella viinr muy nobres meestres de todos offiços e deulhes grandes liberdades e franquezas. E, desque esto ouve feito, fez pobrar o Exarafe que he hũa das grandes nobrezas que ha en Spanha.

⁴⁹⁰ CAPÍTULO DCCCLV

Como el rey dõ Fernãdo tomou Exarez e outros logares depois que tomou Sevilha

Depois que el rey tomou Sevilha e a pobrou e a ouve assessegada como cõpria a serviço de Deus e honrra do seu senhorio foy sobre Exarez e tomouho logo. Depois tomou Medina e Alcalla e Bejer e Sancta Marya del Porto e Calez e Sam Lucar d’Alperchen e Arcos e Librixa e muitos outros logares que aquy nõ dizemos delles per cõbatos e outros que se davam per preitesia. E esto por que andavã cõ el Abemafõ e Axaçaf mouros a que el rey dõ Fernando prometera Esnalfarag e Nebra segundo era contheudo na preitesia antr’elles feita [316d] a qual lhe el rey teve cõpridamẽte.

Oito annos durou o muy nobre rey dom Fernando na frontaria dos mouros, fazendo estas cõquistas que avees ouvidas, passando en ellas muytos trabalhos e grandes ⁴⁹¹ affãaes. E viveo tres annos e cinco meses depois que tomou Sevilha. E nũca mais tornou a Castella.

Quem poderia dizer as boas manhas e condições e as grandes nobrezas deste rey e o seu grande esforço e boas aventuras ã feito de cavalarya? Ca el sempre trabalhou de tomar a terra aos mouros e poboalla de cristãaos. E, se mais longamente vivera, quisera passar en Cepta pera conquistar os mouros d’aalen mar. E, pera esto, tiinha ja feitos muitos navyose galees polla qual razon se os mouros temyam del muyto veendo o seu grande ardimento e boa ventuira e ouvido a fama das suas grandes conquistas.

Este rey deu en seus reynos muytos e bõos foros e grandes franquezas e liberdades. Elle foy muy justiçoso e verdadeiro e grande catolico e verdadeiro cristãao. Este guaanhou dos mouros gram parte da terra que el rey don Rodrigo perdera.

⁴⁹² CAPÍTULO DCCCLVI

Quanto tempo reynou ã Castella e Leon el rey dom Fernando e de sua morte

Conta o autor desta estoria en este logar que o muy nobre rey don Fernando reynou en Castella e Leon trinta e çinquo annos. E estando en Sevilha, adoeceo e fez ante sy viir seu filho dom Fillippe, que depois foy enleito pera seer arcebispo dessa cidade, e outros bispos que hi erã. E mandou que lhe trouessem o sancto sacramento de Jhesu Cristo e hũa cruz. E, quando lho trouveron, deçeosse do leite en que estava e pos os geolhos ã terra [317a] e tomou hũu baraço e deitouho ao collo. E enton pedio a cruz. E, depois que lha deron, abaixousse con muyta humildade e tomouha nas mãaos con gram devaçõ e, chorando fortemente, con grande contriçõ, adorou o Senhor Jhesu Cristo que en ella padeceo tantos tormentos por nossos pecados, recontando todollos tormentos cada hũu per seu nome e beyjando a cruz cada vez con muitas lagrimas e culpãdosse en muitos pecados e dizendo muytas palavras devotas recebeu o corpo de Jesu Cristo con gram devaçõ.

⁴⁹³ E, depois que o recebeo, tyrou de sy os panos reaaes e fez ante sy viir todos seus filhos convem a saber: dom Afonso que era o primeiro e herdeiro no reyno; e dõ Fradarique que era o segundo; e o IIIº, dom Anrrique; e dom Filippe, que era o IIIIº; e dom Manuel, o quinto. Mas dom Sancho que era o arcebispo de Tolledo e dona Biringuella que era mõja nas Olgas de Burgos nõ se acertaron en esto. E estes s

todos eram os filhos da primeira mulher que ouve nome dona Beatriz. E dom Fernando e dona Lyonor e dom Luys eram filhos da segunda mulher que ouve nome dona Johana.

Depois que todos estes seus filhos foron ant'elle e com elles a raynha sua mulher e todos seus ricos homens, fez chegar a sy dom Afonso e alçou a mão e deytoulhe a beenço; e desi a todos os outros. Entom lhe disse assi:

– Filho, rogote que achegues teus yrmãos e crie os que son pequenos e os mantinhas e leves adeante. E rogote que ajas a raynha por tua madre e a hōrres e mantinhas hōrradamente, como lhe cōvem. E ajas en tua encomenda / **[317b]** dom Afonso de Molina, meu irmão, e minhas yrmãs. E rogote que hōrres os ⁴⁹⁴ricos homens e cavaleiros de meus reynos e que lhes faças bem e mercee e lhes guardalhes bem seus foros e suas frāquezas. E esso meesmo faze a todollos poboos. E, se tu fezeres esto que te eu mado, ajas a a minha beençon compridamente. E, se o non fezeres assi, ajas a minha maldiço. E elle respondeo:

– Amen.

E disselhe mais:

– Filho, rico ficas de terra e de muitos bōos vassallos mais que outro rey que na cristandade aja: e porem trabalha por seeres bōo cavaleiro e esforçado, ca ben teens con que o sejas. Senhor te leixo de toda a terra, des o grande mar Oceano ataa o mar Mediterraneo, assi como a perdeo el rey Rodrigo. En teu poder fica Espanha, delia cōquistada e a outra tributaria. E, se a en este estado souberes governar que ta eu leixo, seras tam boon rey como eu; e, se conquistares mais per ty, seras melhor rey que eu. E, se desto minguares, nō seras tam bōo como eu.

Depois que ouve ditas todas estas cousas que dissemos e outras que aquy non dizemos, chegavasse o tempo en que a sua alma se avya de partir do corpo. E elle, sentindo que desfaleciam suas forças alçou as mãos e os olhos ao ceo e disse:

– Senhor Jhesu Cristo, rey dos reys e senhor de toda a terra, desteme reyno a mandar que eu nō avia e exalçasteme en hōrra e poder mais que eu nō merecia. ⁴⁹⁵ E hora, Senhor, te entrego o reyno que me deste con aquelle aproveitamento que eu hy puyde fazer e peçote por mercee que recebas minha alma e a leves pera a tua gloria.

E, depois que esto disse, tornousse pera os filhos e pera todollos outros e disse:

– Rogovos, / **[317c]** amigos, que, se de mñ avees algũ queixume de cousa que vos fizesse por mingua que por myn passasse, que me perdoees.

E elles todos a hũa voz disseron que lhe perdoavam de boa vontade e que Deus se amerceasse de sua alma. Enton pedio a candeia. E, depois que lha derō, tomouha cō ambalas mãos e alçouha pera o ceo e disse assi:

– Senhor, nuu sahy do ventre de minha madre e nuu me tornarey aa terra. Senhor Deus, nas tuas mãos encomendo a minha alma.

Entom mandou a todollos clerigos que hy estavō que rezassem a ladyinha e o «Te Deum laudamus». E, acabado todo esto, o muy bōo rey dō Fernando muy simprezmente enclinou os olhos e deu o spritu. Deus aja con elle piedade. Amen.

E morreo triinta dias de Mayo, na era de mil e duzentos e noventa annos.

⁴⁹⁶ **CAPÍTULO DCCCLVIII**

Como foy sepultado o corpo del rey dō Fernando

Morto el rey dom Fernão foy feito por elle grã doo en guisa que non ha homen a que verdadeiramente podesse seer creudo o gram planto que por elle fezerom todollos dos reynos de Castela e de Leon?! E outrossy o muy gram prazer que ouverō os mouros d'aalēmar, como aquelles que esperavō per elle seer destruidos. E bem assy como no tempo da morte de Espam, aquel bōo rey que pobrou e afortelegou Spanha, foi feito gram doo e planto per toda a terra, assi foy feito gram doo por el rey dom Fernando, en guisa que nũca os poboos dos reynos de Castella e de Leon tal planto fezeron por nenhũu rey que lhes ante nem depois morresse. Ca / ben assi como Espam pobrou Espanha de gentes de Grecia e doutras muytas partes, bem assi este muy nobre rey dom Fernando pobrou grande parte d'Espanha, tirando della os mouros e dandoa aos cristãos.

En quinta feira foy o passamento deste rey dom Fernando, aos viinte e oito dias de Mayo. E foy sepultado no sabado seguinte na egreja de Sancta Maria onde jaz o seu corpo, por o qual a dicta egreja he muy honrrada. E dizem algũs que Deus faz muytos milagres por elle ally onde jaz o seu corpo.

E aquy se acaba a sua estoria.

Do reynado del rey dom Afonso, filho deste rey dom Fernando, e das parias que lhe dava el rey de Graada. E como mudou as moedas en começo de seu reynado e doutras cousas que fez

Morto el rey dom Fernando, alçaron por rey de Castela e de Leom, na muy nobre çidade de Sevilha, onde el finou, o iffante dom Afonso, seu filho, primeiro herdeiro. E começou de reynar aos XXIX dias do mes de Mayo da era de mil e duzêtos e novêeta annos; e andava a era de Adam en çinquo mil e XXVII ãnos ebraicos e duzentos e oiteenta e sete dias mais; e a era do diluvyo ã mil e trezentos e çinquoenta e tres annos romãaos e cento e çinquo dias mais; e a era del rey Nabucodonosor en mil e novecentos e novêeta e oito annos romãaos e mais XXII dias; e a era do grande Phillipe, rey de Greçia, en mil e quinhentos e seteenta e tres annos romãaos e XXII dias mais; e a era do grande rey Alexandre de Macedonia en mil e quinhentos e sesseenta e dous annos romãaos e duzentos e quarêeta e quatro dias mais; e a era de Cesar en mil e duzentos e LXXXIX ãnos romãaos e cento e çinquoêeta dias mais; e a era da nacença de Jhesu Cristo en mil e duzentos e LII annos; e a era de Gallizanos, o Egiptiãao, en oitocentos e LXVIII^o ãnos; e a era dos aravigos en seisçêtos e viinte e nove annos; e a era de Sparsiano, segundo a era dos Persiãaos, en seis centos e XX ãnos. E reinou este rey dom Afonso XXXII anos e foy / **[318b]** o dezeno rey de Castela e de Leon que per este nome foy chamado.

Este rey dom Afonso, en começo de seu reynado, firmou por tempo certo as posturas e avêças que el rey dom Fernando, seu padre, avya posto con el rey de Graada; e que lhe desse aquellas parias que dava a el, pero que lhas non derom tam compridamente como as davam a el rey dom Fernando, seu padre. Ca, en tempo del rey dom Fernando, lhe dava el rey de Graada a meatade de todas suas rendas que eram apreçadas a seis centos mil maravidiis da moeda de Castela. E esta ⁵⁰⁰ moeda era de tantos dinheiros o maravidil que chegava a valer o maravidil tanto como hũu maravidil d'ouro, por que, en aquel tempo del rey dom Fernando, corria en Castella a moeda dos pipiões e no regnado de Leon a moeda dos leoneses; e, daqueles pipiões, valia cento e oiteenta o maravidil. E as compras pequenas faziãnas a metaaes e a meos metaaes que faziam XVIII^o pipiões o metal e dez metaaez o maravidi. E destes maravidiis eram apreçadas as rendas do reyno de Graada en seiscentos mil. E davam a el rey dõ Fernãdo a meatade daquelas rendas.

E, como quer que el rey de Graada desse estas parias a el rey dom Fernando, por que o leixasse viver em paz, pero mais lhas dava por maneyra de reconhecimento, por que este rey dom Fernando deu ajuda de gentes e doutros logares do reyno a este rey de Graada contra hũu linhagen de mouros que eram seus cõtrairos muy poderosos e chamavanlhes os d'Escabuvela.

Este rey de Graada foy o primeiro rey a que chamaron Abenalhamar. E ajudouho sempre el rey dom Fernando en toda sua vida, de guisa / **[318c]** que nũca se lhe poderon alçar os mouros daquel reyno. E por estas razões avya el rey dom Fernando dos mouros tã grãde contia d'aver en parias.

El rey dõ Afonso, seu filho, no começo de seu reynado, mandou desfazer a moeda dos pipiões e fez lavrar a moeda dos burgaleses que valiam novêeta dinheiros o maravidil. E as compras pequenas fazianse a soldos; e seis dinheiros daqueles valiã hũu soldo; e quinze soldos valiam hũu maravidil. E destes lhe dava cada ano el rey de Graada duzentos e çincoeenta mil maravidiis.

En este tempo, per os mudamêtos destas moedas, ãcarecerõ totalas cousas nos reynos de Castella e de Leon e pojaron a muy grandes cotias.

En aquel primeiro ano, se trabalhou el rey de fazer as cousas que entendeo que eram prol de seus reynos. E basteçeo e requerio as villas e logares e castellos que erã fronteiros dos mouros e esso meesmo as villas e logares do reyno de Murça que elle guaanhara en vida del rey dom Fernãdo, seu padre, sendo iffante, as quaaes erã pobradas de mouros.

E, como quer que os ricos homẽes e cavaleiros e infanções e filhos d'algo de seus reynos vivyam cõ elle en paz e en assesego, pero elle con grãdeza de coraçõ e por os teer mais prestes pera seu serviço quando os mester ouvesse, acrecentoulhes nas contias muyto mais do que avyam no tempo del rey dom Fernando, seu padre. E outrossy, das suas rendas, deu a algũus delles mais terras das que tiĩham e outros que as ataaly non ouveron deulhes terras novamente. E, por que a estoria trage o conto dos anos deste rey des o mes de Janeiro, poserom estas cousas sobreditas nos primeiros sete meses deste anno de mil e duzentos e noventa annos.

[318d] Como el rey dom Afonso envyrou pedir a el rey de Noruega sua filha pera casar con ella e como tomou Telhada aos mouros

Enno primeiro anno do reynado deste rey dom Afonso, que foy na era de mil e duzentos e novêeta e hũu annos, quando andava o ãno da nacẽça de Jesu Cristo en mil e duzentos LIII, era elle ja

entom casado. Ca, ante que finasse el rey dom Fernando, seu padre, casou elle con dona Violante, filha del rey dom James d’Aragon e yrmãao del rey dom Pedro. E avya el rey dom Afonso muy gram pesar por que non avya della filho. E, veendo que esto viinha da parte della, mandou seus messegeiros a el rey de Norega, per que lhe envyou rogar que lhe envyasse sua filha pera casar con ella.

E, en quanto os messegeiros ala foron, por que avya muy pouco tempo que el rey dom Fernando, seu padre, guanhara a cidade de Sevilha e a conquista era muy nova, avya hi muytos mouros vezinhos acerca da çidade. E, como quer que se contem na estoria del rey dom Fernando que elle guanhou Exarez, pero non foy assy. Mas correuho algũas vezes de Sevilha e ficou a villa con os mouros, ca en aquel tempo os mouros tiinhan Nebla e Telhada e o Algarve. E porem aquella çidade de Sevilha estava muy guerreyra e nõ segura e os pobradores della eram corridos dos mouros muy amehude e recebiam delles muytos danos. E el rey dom Afonso, por arredar daly algũs daqueles mouros, foy sobre Telhada, a qual tiinha hũu mouro que se chamava della rey. Este rey mouro, veendo como era de tam pequeno poder que se nõ podia defender a el rey dom Afonso, / [319a] a pouco tempo que foy cercado, envyou pedyr a el rey por mercee que o leixasse sayr a salvo e todollos que con el estavam na villa e que lha entregaria. E el rey teveo por bem. E aquel mouro sayu a el rey don Afonso e entregoulhe a villa. E el rey mandou poer en salvo todollos mouros dally. E o rey mouro passousse aalen mar.

Depois que el rey dom Afonso cobrou esta villa de Telhada, foi a outros logares que os mouros tiinham hy acerca e tomouhos. E fuisse pera Sevilha. E deulhe este logar de Telhada e outros que avya guaanhados por termo e partio daly e veosse a Tolledo.

[CAPÍTULO 3]

Como el rey dom Afonso casou a filha del rey de Norega con o iffante dom Philippe, seu yrmãao, e dos filhos que el rey dom Afonso ouve

No segundo anno do reynado deste rey dom Afonso – que foy na era de mil e duzêtos e novêeta e dous annos, andando o ãno da nacêça de Jesu Christo en mil e duzentos e çinquoêta e quatro – el rey de Graada, por aver a boa voontade e amizade del rey dom Afonso mais do que a avya, veo a el a Tolledo. E a el rey prougue muyto con sua viinda e fezелhe muyta hõrra. E pousou el rey de Graada na orta del rey, que he acerca de Toledo, e firmou con elle seus preitos e posturas que ante ambos avyam.

Estando os reys en esto, veeron os messegeiros que el rey dom Afonso mandara a el rey de Norega e trouverom a iffante, sua filha, pera casar con ella el rey dom Afonso. E chamavanlhe dona Cristina. E, quando estes mandadeiros chegaron a Castella cõ esta iffante, era ja prenhe a raynha dona Violante dhũa filha, a que depois chamarõ a iffante dona Biringuela de Guadalfajara. E, a poucos dias que a iffante dona Cristina chegou, paryo a rainha a iffante / [319b] dona Biringuela e foy esto no começo do ãno. E el rey ouve muy gram vergonça por que mandara por a iffante dona Cristina.

E, por que o iffante dom Filippe, seu yrmãao, que era enleito pera seer arcebispo de Sevilha e era abade de Valhadolide e abade de Covas Ruyvas avya falado con el rey muytas vezes que queria leixar a clerezia, como quer que el rey non lho louvasse por ben, ante lho estranhava, pedio a el rey por mercee que o casasse con esta iffante. E el rey outorgou que o avya por bem. E fezeronlhe logo suas vodas. E deu el rey ao iffante dom Filippe parte de suas rendas en que se mantevesse, convem a saber: a martinega de Avilla e o portadigo e a judaria e todallas outras cousas que el rey avya na vila e en seu termo. Outrossi lhe deu el rey en cada hũu anno todallas terças do arcebispado de Tolledo e dos bispados de Avilla e de Segovya. E en outros logares lhe deu algũas de suas rendas. E deulhe por herdamento Val de Corneja e Valpurchena, como quer que o tiinham os mouros; mas davalhe el rey as rendas della. E assi foi o iffante dom Philippe casado.

El rei de Graada, depois que livrou con el rey dõ Afonso as cousas por que aly veera, partiosse delle contente e bem pagado.

A cabo de dez meses que naceo a iffante dona Biringuela, ouve el rey outro filho da raynha dona Violante, a que chamaron o iffante dom Fernando, filho primeiro deste rey dom Afonso. E depois ouve el rey mais filhos desta raynha, convem a saber: o iffante dom Sancho e o iffante dom Pedro e o iffante dom Joham e o iffante dom James; e hũa filha a que disseron dona Ysabel e outra que chamaron ⁵⁰³ dona Lyonor, que casou ã Murça cõ o Marques de Monferrara; e outra que / [319c] ouve nome dona Violante.

E ouve mais el rey dhũa dona hũu filho que chamaron dom Afonso, o Ninho. E ouve doutra dona, a que diziam dona Mayor Guilhem, que foy filha de dom Pedro Gozmã, hũa filha que chamaron dona Beatriz, que foy casada con el rey dom Afonso de Portugal que foy conde de Bolonha, segundo adeante ouvirees.

[CAPÍTULO 4]

Como el rey dom Afonso cobrou a villa d'Exarez. E o iffante don Henrrique, seu yrmãao, a villa d'Arcos e Librixa

Avendo tres annos que este rey dom Afonso reynava, convem a saber, na era de mil e duzêtos e novêeta e tres annos, quando andava o ãno da nacêça de Jesu Cristo en mil e duzentos e çincoeenta e çinquo – avendo el grande vootade de servir a Deus, fazendo muyto mal e dano aos mouros, pensou que era ben de cõquerer a terra que tiinhã, speçialmente a que era acerca da çidade de Sevilha, que era muy junta con elles, ca esta çidade tiinha muy cercãaos el rey de Nevra e do Algarve, a que diziam Abenmafomad, e outro mouro senhor de Exarez que chamavõ Abenaabite.

E porem ouve el rey seu conselho a qual logar hiria primeiro. E achou que era melhor hir primeiramête conquerer a villa d'Exarez. E sacou sua hoste e foya cercar. E, tẽdoa cercada, os mouros da villa, por desvyar os da hoste, que lhes nõ talhassem os olyvaaes nem destruisssem as ortas, cuydando ficar na villa en suas herdades e que depois en algũu tempo poderia sayr de prema e de poder dos cristãaos, e outrossy por que eram despagados daquel seu senhor Abenaabite, ante que el rey dom Afonso mandasse armar as gentes nõ lhes fizesse dano nas herdades nõ en outras cousas, enviaronlhe dizer que tevesse / [319d] por bem de os leixar en suas casas con todas suas herdades e que lhe entregariam a villa e lhe dariam cada ano o tributo que davam a seu senhor.

El rey, veendo que a conquista desta villa poderia durar longo tempo, demais que a villa era iam grande que nõ poderia aver cristãaos que a logo pobrassem, por que Sevilha non era aynda bem pobrada, teveo por ben e outorgou aos mouros o que lhe pedyam. Quãdo elles viron este outorgamento, disseron ao mouro, senhor da villa, que estava no alcacer que se aveesse con el rey dõ Afonso ou que se posesse en salvo e lhe leixasse o alcacer. Abenaabite, quãdo esto vyo, fez aveença con el rey dom Afonso que o leixasse sayr en salvo con todo o seu e entregoulhe o alcacer.

El rey, depois que ouve o alcacer en seu poder, basteceuho de viandas e d'armas e entregouho a dom Nuno de Lara, que o tevesse por elle. E dom Nuno entregouho ⁵⁰⁴ a hũu cavaleiro que diziam Garçia Gomez Carrilho. E el rey leixou todolos mouros na villa en suas casas e herdades.

Enquanto el rey dom Afonso teve cercada esta villa, mandou o iffante dõ Henrrique, seu yrmãao, que fosse cercar a villa d'Arcos e outrossi Librixa, que era dhũa moura. Os mouros destes logares, desque souberom que el rey avya cobrado Exarez, entregaron estes logares ao iffante dom Anrrique, con condiçõ que ficassem en elles en suas herdades. E entregaronlhe a forteleza d'Arcos pera el rey dom Afonso, ca Librixa nõ avya nenhũa forteleza.

Feitas estas cousas, partiosse el rey daly e veosse a Sevilha, por cousas algũas, que tiinha de fazer en aderençamento de seus reynos.

[CAPÍTULO 5]

Como el rey pos almotaçarias en totalas cousas e as tirou depois

[320a] Enno quarto anno do reynado del rey dom Afonso, lhe veerom muytas querelas de todallas partes de seus reynos, que as cousas eram assy caras e postas en tã grandes contias que as gentes as non podiam aver. E por esta razom pos el rey almotaçarias en todallas cousas, quanto cada hũa ouvesse de valer. E, como quer que, ante que el rey esto fizesse aos homẽes era muy grave de as poderem aver, muyto peor as ouveron depois por que os mercadores e os outros que as tiinhã pera vender guardavãnas que as non queriã mostrar. E por esto se viron as gentes en tam grande afficamento que el rey ouve de tyrar as almotaçarias e mandou que se vendessem as cousas livremête por os preços que se as partes aveessem.

E non se acha en este anno outra cousa que de contar seja que a esta estoria perteeça.

[CAPÍTULO 6]

Como el rey dom Afonso foy cercar a villa de Nebla e como a ouve per preitesia

No quinto ãno do reynado deste rey dom Afonso, depois que ouve feitas as cousas que a estoria ha contado, pensou maneira como fizesse serviço a Deus por exalçamento de sua fe e acrecêtamento de seus regnos. E, por que os mouros tiinhã todo o Algarve, de que era cabeça Nebla, cujo senhor era entom hũu mouro que chamavõ Abenmafomad, mandou el rey chamar os homẽes de seus reynos e todollos fidalgos e concelhos e sacou hoste e foy cercar a villa de Nebla. E, como hi chegou, mandou asseentar seus arreaaes e muytos engenhos d'arredor pera destruyr os muros da villa que era / [320b] muy forte e bem cercada de muro e de boas torres, ⁵⁰⁵ todas lavradas de pedra. E estava na villa o dicto rey Abenmafomad que a tiinha bem basteçida de muytas viandas e muy boas gentes. Mas el rey, por todo esto, non leixou de a teer

cercada muyto tempo, tyrandolhe muy ameude con engenhos e avendo os seus muytas pelepas con os de dentro.

Estando el rey en aquel cerco, veo nas gentes do arreal dos cristãos tam gram tẽpestade de moscas que nenhũ dos da hoste nõ podia comer cousa en que ellas non caissem. E con esto avyam menaçõ de ventre, de que se morriam muytos homẽes. E porem acordou el tey con os da hoste que era ben de se partir daquel cerco en que ja avya sete meses que estavõ.

Quando esto ouvyrõ dous frades que andavõ na hoste, hũu que avya nome frey Andre e outro frey Pedro, veeron a el rey e disseron que, no tempo que tiinha a vila acerca de guanhada se queria partir daly e que fazia mal en esto, por que os mouros bastecers'yam en tanto do que mester ouvessem e lavranyam todo o que lhe el avya derribado cõ os engenhos, en guisa que, quando a outra vez quisesse vïr tomar, non a poderya trager ao estado en que a entom tiinha. E el rey disse que nom sabia que fazer aaquella tempestade de moscas que assi atormentavõ as gentes. Disseron entom os frades que elles daryam conselho aaquelo. E mãdaron logo apregoar pella hoste que qualquer que trouvesse hũu almude de moscas aa tenda daqueles frades, que lhe daryam por cada almude dous torneses de prata. Entõ as gentes mehudadas tomarõ omezio con as moscas e, por guanhar aqueles dous torneses, trouverõ muytas delas, de guisa que encherõ / [320c] duas grandes covas velhas que hy estavon doutro tempo. E per esta guisa mingou aquella tempestade das moscas.

Mandou entom el rey a suas gentes que se trigassem ryjamente a combater a villa pera a tomar. E Abẽmafomad, rey de Nebla, foy chegado a tal aficamento de non teer vianda pera sy nem pera os que con el estava. E, veendo como el rey e os da hoste aperfiavam por tomar a villa e se non queriam alçar do cerco ataa que a filhassem, acabados nove meses e meo que el rey cercara o lugar, envyou el rey Abẽmafomad pedir a el rey dom Afonso por mercee que leixasse sayr a salvo el e os que com el estavom con todo o seu e que lhe desse a el herdades chãas en que se podesse manteer em toda sua vida e que lhe entregaria a villa de Nebla con seus termos.

E el rey dom Afonso outorgoulhe esto e deu aaquel rey mouro terra ã que vivesse en toda sa vida, a qual foy esta: o lugar d'Algaba que he acerca de Sevilha, con todollos dereitos que el rey hy avya e con o dizemo do azeite daly; e deulhe a orta de Sevilha que chamã a orta del rey; e rendas certas de maravidiis na judarya de Sevilha e outras cousas en que este rey Abẽmafomad ouve mãtiimẽto honrrado en toda sa vida.

E algũs logares dos que entom el rey cobrou, leixouhos pobrados de mouros, ca el guaanhou entom Gevraleon e Olva e outros logares. E veosse pera Sevilha.

⁵⁰⁶ E, no anno seguinte, partio dhi e veosse pera Tolledo e achou hy el rey dõ Sancho Capello, de Portugal, que lhe viinha demandar ajuda contra seu yrmãao dõ Afonso, conde de Bolonha, dizendo que se lhe alçava cõ o reyno. E el rey dom Afonso / [320d] disse que lhe prazia. E casou depois sua filha dona Beatriz con o dito conde de Bolonha que foy rey de Portugal, segundo mais compridamente volo a estorya adeante en seu logar contara.

[CAPÍTULO 7]

Como el rey dom Afonso mandava prender o iffante dom Henrique, seu yrmãao. E como pellejou com dom Nuno e foy vẽcido e se foy pera el rey de Tunez e do que lhe cõ el aveo

Avendo sete annos que este rey dom Afonso reynava – que foi na era de mil e duzentos e novẽeta e sete ãnos e andava o ano da nacẽça de Jhesu Cristo en mil e duzentos e çincoenta e nove – estando el en Sevilha e o iffante dom Hẽrique, seu yrmãao, en Librixa, disserõ a el rey dom Afonso que este seu yrmãao tiinha feita fala con algũs ricos homẽes e cavaleiros do reyno en seu deserviço. E por esto mandou el rey a dom Nuno que o fosse prender. Dom Nuno partio de Sevilha e, chegando acerca de Lybrixa, soube dom Henrique como dom Nuno o hya prender. E sayu a el ao campo e começaron de pelejar. E aconteceu que se feriron ambos e foy dom Nuno ferido no rostro e esteve pera se vencer, por que dom Henrique e os seus pelejavõ muy fortemente.

E a dom Nuno recreceo gram companhia que lhe envyou el rey dom Afonso. E dom Henrique e os seus ouveron de leixar o campo per força e tornaronse a Librixa. E, en essa noite, partio daly e foy ao porto de Santa Maria. E, como quer que o lugar nõ era ainda pobrado, estavon hy navyos. E entrou en hũu delles e foy per mar a Callez. E achou hi hũa naao que hya a Valẽça e fuisse en ella ao rey d'Aragon, por que era ainda vyvo el rey dom Ja/mes, [321a] sogro deste rey dom Afonso.

El rey dom James non o quis teer consigo contra voontade del rey dom Afonso e mandoulhe que se fosse fora do reino. E el disse que lhe prazia e pedio que lhe desse navyos en que passasse o mar e se fosse. E el rey dom James teveo por ben e mandoulhos dar. E de Barcelona se passou a Tunez. E el rey de Tunez o recebeo muy bem, por que soube que era filho del rey dom Fernando e deulhe muyto do seu. E esteve con elle quatro annos. E, en todallas pelepas e contendas que este rey de Tunez avya cõ os mouros seus

vezinhos, o servya este iffante muy bem. E avya muy gram fama d'ardideza e gram prez de cavalaria en aquelas terras. Os mouros do reyno de Tunez faloron con el rey e disserom que aquel iffante cobrava muyto dos corações das gentes da terra e os mouros, seus cōtrayros, lhe ⁵⁰⁷ avyam muy gram medo, e que tragia muytas gentes de cristãos. E que destas cousas se lhe poderia seguir muy gram dano e deserviço e que porem era mester que o envyasse do reyno, ca el e suas gentes abastantes eram pera defender sua terra sen elle, como ja defenderon outras vezes.

E, como quer que a el rey de Tunez pesava por esto que lhe diziam, pero non pode escusar de creer os seus e cataron maneira pera o envyarem do reyno. E recearõ que, se lho el rey dissesse, ou lho mandasse dizer, que poeria algũ alvoroço no reyno ou que se hiria o iffante pera os mouros seus contrairos cõ aquelas gentes que tiinha. E por esto era ben catar maneira como o matassen. E, por que non acharon razon pera o fazer, temendosse dos seus que eram muy fortes cavaleiros, acordaron que chamasse el rey o iffante en hũu curral pera fallar con elle e que me/tessem **[321b]** con elle dous leões que estavon em hũu apartamento e que eles o matariam.

O conselho avudo, poserõno logo per obra e mandou el rey chamar o iffante que lhe veesse falar. E o iffante veio e entrou no curral hu fora falado que entrassem. E todas suas gentes que o aguardavõ ficaram en outras casas per hu avyam entrado, que eram muy arredadas donde o iffante estava. E, estando aly con el rey, disse el rey que o sperasse ally e que logo viiria a el e sayusse daquel curral. E, como el rey foy fora, soltaron per outra parte dous leões a feuza que o mataryam. O iffante, como os vyo, tyrou a espada que tragia consigo, que nũca partia de sy, e tornou contra eles e os leões nõ foron a el. E elle se foy aa porta e sayusse do curral.

E, en quanto el estava en esto, prenderõ os mouros as gentes do iffante. E, depois que el foy fora do curral, nõ quis el rey que o matassen nem o quis veer. Mas mandoulhe dizer que se fosse do reyno. E el pedio que lhe mandasse soltar suas companhas. E el rey mandou que soltassem aquelles que con el passaram quando hi chegara, que eram muy poucos. Mas dos outros que ala eram primeiro, que o servyam e aguardavom, non soltaron nenhũu.

E dom Anrique se foy pera Roma aa guerra que avyã os romãaos con Karlos, rey de Pulha e de Calabria e conde de Provêcia.

Mas hora leixa a estoria de falar de dom Hêrique e torna a contar dos feitos del rey dom Affonso de Castella.

[CAPÍTULO 8]

Das scripturas que el rey dom Afonso mandou tyrar en linguagẽ e como fazia cada ano o aniversairio por seu padre

Na era de mil e duzentos e novêeta e oito anos, quando andava o anno da nacêça de Jesu Cristo / **[321c]** en mil II^c LX, el rey dom Afonso, por saber todallas scripturas, fezeas tornar de latim en linguagem. E desto mandou fazer foro das leys en ⁵⁰⁸ que assomou muy brevemente muytas leis dos dereitos. E deuhas por ley e por foro aa cidade de Burgos e aas outras çidades e villas do reyno de Castella, ca no reyno de Leon avya o foro que os godos fezeron en Tolledo. E, nas villas das estremaduras, avya outros foros apartados.

E, por que, per estes foros non se podiam livrar todolos preitos, começou el rey dom Fernando, seu padre, de mandar fazer os «livros das partidas» e este rey dom Afonso os fez acabar. E mãdou que todolos homens de seus reynos os ouvessem por leis e por foro e aos alcaides que julgassem per ellas os preitos.

Outrossi mandou tornar en linguagem todalas estorias da Bibria e os livros das artes das naturezas e da astronomya e muitos outros livros de desvayradas sciências e saberes.

Este rey dom Afonso mandava cada ano fazer anniversairo por el rey dom Fernando, seu padre, en esta maneira: viinham muytas gentes de muytas partes da Ádaluzia a esta hõrra e tragam todolos pendões e signas, cada hũus de seus logares e, con cada pendom, tragiã muitos çirios. E poinham todollos pendões que tragam dentro na igreja mayor. E acendiam os çirios muyto cedo pella manhã e ardiam todo o dia por que eram muy grandes.

E Abenalhamar, rey de Graada, envyava a el rey dom Afonso pera esta hõrra, quando a fazia, grandes homens de sua casa e con elles cento homens de pee que tragam cada hũu seu çirio de cera branca acesos. E poinham estes cem çirios arredor da sepultura hu / **[321d]** jazia el rey dom Fernando. E esto fazia Abenalhamar por honrra del rey. E este anniversairo fez sempre el rey dom Afonso cada ano, en quanto ouve os reynos e seu poder. E avyam por costume que, este dia do anniversairo nem o dia dante, nom abriam tendas nenhũas nẽ faziam os mesteiraes nenhũa cousa.

Estando el rey dom Afonso en Sevilha e muytas gentes con el, ao cõpriminto deste anniversairo que fazia a seu padre, chegaron messegeiros del rey do Egipto, a que chamavam A Lũa de Janer. E trouverom presente a este rey dom Afonso de muytos panos preçados de desvairadas guisas e muytas joyas nobres e

muy estranhas; e trouveronlhe hũu marfil e hũa animaria que chamavon azorafa; e hũa asna que era viada que tiinha hũa banda branca e outra preta; e trouveronlhe outras bestas e animarias de muytas maneiras. E el rey recebeo muy bem estes messegeiros e fezlhe muyta honrra e partironse delle mui pagados.

E el rey partio de Sevilha e veosse pera Castella. E, en tanto, acontecerõ algũas das cousas scriptas no capitulo segũte.

⁵⁰⁹ [CAPÍTULO 9]

Como se alçaron todollos mouros dos logares que el rey dom Afonso avia guanhados e se perdeo Exarez e muytos outros logares e do que el rey sobr'elo fez

Antre as cousas que acõteceron en tempo del rei dom Fernando, seu padre deste rey dom Afõso, diz a estoria que, seendo este dom Afonso iffante, guanhou o reyno de Murça, en que regnava naquel tempo Abenhuxel, como quer que en outros logares se acha scripto que este Abenhuxel non reynava en Murça. E diz que, na era de mil e duzentos LXXIII^c anos, / [322a] depois que foy morto Abenhud, foy alçado por rey en Anona Mahomad Abenalhamar. E, depois que el rey dom Fernãdo guanhou a cidade de Cordova e as cidades e villas do bispado de Gêe, ajudou a este Mahomad Abenalhamar que cobrasse o reyno de Graada e d'Almarya. En este tempo, os de Murça, nõ querendo aver por senhor aquel Abenalhamar, alçaron por rey Alboatres. E, reçeando que se non poderia defender de Abenalhamar, pois o ajudava el rey dõ Fernando, envyaron seus messegeiros a este rey dom Afonso, seu filho, seendo iffante, per que lhe envyarõ dizer que lhe daryam a cidade de Murça e todollos castellos des Alycante ataa Lorca e ataa Chinchilha.

O iffante dom Afonso, quando vyo esta mensagem, falou con seu padre e per seu mandado e consentimento foy alla e receberõno por senhor e entregaronlhe a cidade e todollos castellos e ficaram todallas fortelezas en poder dos cristãaos e a cidade de Murça e todollos outros logares ficaram pobrados dos mouros. E foy a avença en esta guisa: que el rey dom Fernando ou o iffante dom Afonso, seu filho, por elle ouvesse a meatade das rendas e Alboatres a outra meatade; e mais que fosse vassallo deste rey dom Fernando en toda sa vida e, depois, do iffante dom Afonso, quando reynasse en Castella e en Leon.

Este rey dom Afonso, seendo en Castella en este nono anno do seu reinado, os moradores do reyno de Murça e de todollos outros logares que el rey avia guanhados falarom todos de consũu. E envyaron seus messegeiros a Abenalhamar. E poserom postura que en hũu dia se alçassem todos contra el rey dom Afonso e que, en aquel dia, começasse el rey de Graada a mais forte guerra que fazer podesse e cada hũu / [322b] dos outros esso meesmo. O conselho avudo en esto, el rey Alboatres e todollos mouros que ficarom no reyno de Murça, alçaronse contra el rey don Afonso e cobraron algũus dos castellos que tiinhãam os cristãaos. E outrossy os mouros que ficarom en Exarez e em Arcos e en Librixa todos se levantarõ contra el rey. E el rey de Graada começou de fazer muy aficada guerra.

En este tempo, tiinha o alcacer d'Exarez aquel cavaleiro a que chamavõ Garçia Gomez Carrilho. E tiinha a torre de Matrera hũu cavaleiro freire da hordẽ de Calatrava, a que diziam dom Alyman. E, veendo os mouros de Xarez que avyam ⁵¹⁰ tempo en que lhe el rey non podia fazer estorvo pera o que elles tiinhãam pêsado, cercaron no alcacer da villa Garçia Gomez Carrilho cõ os que con el estavom. E combaterõno muy aficadamente de dia e de noite, assi que en nõ hũu tempo non lhes davam vagar. E veeron en ajuda dos mouros outras gentes de mouros d'Aljazira e de Tarifa. E, como quer que os cristãaos faziam muyto por se defender, os mouros lhe entraran o alcacer per força. E Garçia Gomez e cinco escudeiros que con el estavom colheronse aa mayor torre do alcacer e todollos outros cristãaos foron mortos. E os mouros forõ aa torre que tiinha Garcia Gomez e tam aficadamente a combaterõ que queymaron as portas e matarõ aqueles seus que con el estavõ.

E el defẽdia a porta quanto podya que lha nõ entravon. E os mouros, non o querẽdo matar por a gram bondade que em elle viiam, trouveron garfos de ferro cõ que o prendessem. E travaron del com aqueles garfos en algũus logares da carne. E ele a leixava rasgar por se nõ